SÃO FRANCISCO DE SALES

Bispo de Genebra e Doutor da Igreja

Tratado do Amor *de* Deus

"Deus não pede nosso trabalho, mas nosso amor."



BAIXE LIVROS
Sua Biblioteca Virtual Gratuita

SÃO FRANCISCO DE SALES

Bispo de Genebra e Doutor da Igreja

Tratado do Amor de Deus

Doze livros sobre a ciência de amar a Deus

BAIXE LIVROS

SÃO FRANCISCO DE SALES

Bispo de Genebra e Doutor da Igreja

Tratado do Amor de Deus

Tradução integral em português,
revista segundo a tradição católica

BAIXE LIVROS

2026

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
Tratado do Amor de Deus

AUTOR
São Francisco de Sales (1567–1622), bispo de Genebra e Doutor da Igreja

TÍTULO ORIGINAL
Traité de l'Amour de Dieu, Lyon, 1616

TEXTO-BASE
Edição de Annecy, de domínio público

ESTA EDIÇÃO
Tradução integral em português brasileiro atual, revista segundo a tradição espiritual e doutrinal católica, com introdução editorial

ASSUNTO
Teologia espiritual · Vida interior · Caridade · Mística

PÚBLICO
Leitores de formação católica, seminaristas, grupos de leitura espiritual e estudiosos da mística

REGISTRO
APD-2026-00016-2

EDIÇÃO
Baixe Livros, 2026

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Texto integral do *Tratado* — os doze livros e os cento e oitenta e oito capítulos, sem cortes —, precedidos da Oração dedicatória e do Prefácio do próprio Santo.

A revisão atualizou sintaxe e pontuação e conservou os termos próprios da teologia espiritual salesiana — *dileção*, *complacência*, *benevolência*, *beneplácito*, *aquiescência* —, cujo sentido técnico não tem equivalente moderno exato.

Abrem o volume uma Nota sobre a presente revisão e uma Introdução editoriais; a obra do Santo começa na Oração dedicatória.

LICENÇA DE USO

Disponibilização gratuita por meio da plataforma Baixe Livros. Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão. A licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do editor.

Reforçamos o compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, oferecendo acesso responsável à leitura.

Baixe outros livros gratuitamente em baixelivros.com.br

SUMÁRIO

Nota sobre a presente revisão 1
Introdução à presente edição 2

Oração dedicatória 8
Prefácio 10

I Que contém uma preparação para todo o Tratado 17
II História da geração e do nascimento celeste do divino amor 78
III Do progresso e da perfeição do amor 159
IV Da decadência e ruína da caridade 209
V Dos dois principais exercícios do amor sagrado, que se fazem pela complacência e pela benevolência 250
VI Dos exercícios do santo amor na oração 296
VII Da união da alma com seu Deus, que se aperfeiçoa na oração 360
VIII Do amor de conformidade, pelo qual unimos a nossa vontade à de Deus, que nos é significada por seus mandamentos, conselhos e inspirações 416
IX Do amor de submissão, pelo qual nossa vontade se une ao beneplácito de Deus 466
X Do mandamento de amar a Deus sobre todas as coisas 524
XI Da soberana autoridade que o amor sagrado exerce sobre todas as virtudes, ações e perfeições da alma 593
XII Contendo alguns conselhos para o progresso da alma no santo amor 681

Índice geral 711

Deus caritas est — Deus é amor.

1 Jo 4, 8



NOTA

Sobre a presente revisão

Esta edição destina-se ao leitor católico de hoje. A tradução foi confrontada com o texto francês da edição de Annecy fornecido como referência. Atualizaram-se a sintaxe, a pontuação e certas palavras que poderiam dificultar a leitura, sem converter o texto em paráfrase nem empobrecer a precisão doutrinal de São Francisco de Sales.

Conservaram-se os termos próprios de sua teologia espiritual — como *dileção*, *caridade*, *complacência*, *benevolência*, *afeição*, *beneplácito*, *aquiescência*, *conveniência* e *indiferença* — sempre que uma substituição mais corrente alteraria ou reduziria o sentido. Nas orações e apóstrofes dirigidas a Deus, a Nossa Senhora e aos Santos, manteve-se o tratamento por *vós*, mais conforme à dignidade e ao tom do original. Preservaram-se também as imagens, comparações e referências às ciências naturais próprias do século XVII, porque pertencem à maneira salesiana de ensinar.

A introdução que vem a seguir é editorial. A obra do Santo começa na Oração dedicatória.

INTRODUÇÃO

O Doutor do Amor

e a ciência de amar a Deus

Deus caritas est — Deus é amor (1Jo 4, 8). Nesta breve sentença de São João encerra-se um dos mais profundos mistérios que a inteligência humana pode contemplar. Em nosso tempo, porém, ela corre o risco de ser repetida como simples lugar-comum. A palavra *amor* é muitas vezes reduzida a sentimento passageiro, emoção sem firmeza ou tolerância que nada exige e a nada renuncia. Quem deseja compreender o que verdadeiramente significa amar a Deus — e ser amado por Ele — precisa deixar-se instruir. A Santa Igreja, mestra e mãe, oferece-nos para isso um doutor: São Francisco de Sales, o Doutor do Amor.

O *Tratado do Amor de Deus*, publicado em Lyon em 1616, é obra da maturidade do Santo Bispo de Genebra. Se a *Introdução à Vida Devota* foi escrita para Filoteia — isto é, para toda alma que ama a Deus e deseja servi-lo no meio do mundo —, o *Tratado* dirige-se a Teótimo, figura da alma chamada a penetrar mais profundamente na origem, na natureza e nas operações do amor divino. Lá, a aurora; aqui, o meio-dia. Lá, os primeiros passos da devoção; aqui, a doutrina da caridade, desde as inclinações inscritas na natureza humana até sua consumação na visão beatífica.

Um tratado escolástico escrito por um poeta

Engana-se quem espera encontrar neste livro apenas efusões piedosas. São Francisco de Sales formou-se em Paris e em Pádua, leu os Padres e os escolásticos, e construiu o *Tratado* sobre fundamentos firmes da filosofia e da teologia perenes. Aquilo que Santo Tomás de Aquino demonstra na *Suma Teológica* mediante a precisão do raciocínio, Francisco de Sales apresenta por meio de pombas, fontes, harmonias e perfumes. A raiz doutrinal é comum; diversa é a forma de exposição. Assim como as catedrais medievais são teologia esculpida em pedra, o *Tratado do Amor de Deus* é teologia revestida de beleza literária. Sob a graça do estilo, o leitor atento reconhecerá a firmeza da doutrina.

Consideremos algumas dessas teses, porque delas depende a inteligência de toda a obra.

Primeira: o amor reside na vontade. Santo Tomás ensina que o amor de caridade não é mera paixão sensível, mas ato da vontade movida pela graça (cf. *Suma Teológica*, I-II, q. 26; II-II, q. 24). No primeiro livro do *Tratado*, São Francisco de Sales descreve as faculdades da alma e mostra que a vontade é a rainha à qual Deus confiou o governo das demais potências, sendo o amor o seu ato primeiro e soberano. É uma lição necessária para um tempo que tantas vezes confunde amor e sentimento. O sentimento vai e vem como a maré; a vontade pode permanecer fiel. Por isso Deus pode ordenar que o amemos: não se ordena uma emoção, mas um ato livre da vontade. *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração* (Dt 6, 5; Mt 22, 37) é um preceito, e todo preceito supõe liberdade.

Segunda: a caridade é amizade. A escolástica distingue o amor de concupiscência, pelo qual amamos alguma coisa para nosso

bem, do amor de benevolência, pelo qual queremos o bem da pessoa amada. Quando essa benevolência é recíproca e se funda na comunicação de um bem, há amizade. Ora, a caridade — ensina Santo Tomás (II-II, q. 23, a. 1) — é amizade do homem com Deus, fundada na participação da bem-aventurança que Ele nos concede. Todo o *Tratado* desenvolve essa verdade admirável: Deus não nos chama a uma submissão servil, mas à amizade dos filhos; e a história da alma é a história dessa amizade — nascida da graça, alimentada pela oração, ferida pelo pecado, restaurada pela penitência e consumada na união.

Terceira: o amor possui uma ordem. *Ordinavit in me caritatem — ordenou em mim a caridade* (Ct 2, 4). O amor verdadeiro não é um impulso sem regra: possui hierarquia, medida e ordem, porque procede de Deus, que tudo dispôs *com medida, número e peso* (Sb 11, 20). Amar a criatura como se fosse o Criador é idolatria; amar o Criador nas criaturas e acima de todas elas é sabedoria. O Santo Bispo de Genebra conduz Teótimo por essa escada de Jacó, na qual os afetos sobem ordenadamente da terra ao Céu, até o cume do puro amor: Deus amado por Ele mesmo.

Contra os dois erros

Uma verdade pode ser obscurecida por excessos opostos, e a doutrina do amor de Deus não foge a essa regra. De um lado está o rigorismo que, sob a influência do protestantismo e, mais tarde, do jansenismo, apresenta o homem como inteiramente corrompido e incapaz de corresponder livremente à graça. Contra esse erro, São Francisco de Sales — o missionário que percorreu o Chablais para reconduzir as almas pela doçura e pela doutrina —

ensina que a natureza humana, embora ferida pelo pecado original, conserva uma inclinação natural a amar a Deus sobre todas as coisas. A graça não destrói essa inclinação: cura-a, eleva-a e aperfeiçoa-a. *Gratia non tollit naturam, sed perficit* — a graça não suprime a natureza, mas a aperfeiçoa. Esse princípio atravessa toda a obra como um fio de ouro.

Do outro lado está o sentimentalismo, que reduz o amor de Deus a experiência emotiva, sem dogma, sem lei e sem cruz. No século XVII, uma de suas formas seria o quietismo; em nossos dias, ele aparece com frequência como separação entre amor e verdade, entre devoção e obediência. Contra esse erro, o *Tratado* é remédio seguro. Nele aprendemos que o amor se prova pela guarda dos mandamentos — *Se me amais, guardai os meus mandamentos* (Jo 14, 15) —, que a união com Deus exige conformidade com a sua vontade e que o cume do amor não é o êxtase sensível, mas o "êxtase da obra e da vida": a existência inteira retirada do egoísmo e vivida em Deus. O Livro Nono, dedicado ao amor de submissão nas securas e tribulações, constitui uma alta escola de abandono: amar a Deus mesmo quando esse amor não traz consolação e tudo parece custar.

O autor e a obra

Francisco de Sales nasceu no castelo de Sales, na Saboia, em 1567, no seio de uma família nobre. Estudou humanidades em Paris e direito em Pádua, renunciou às honras do mundo para abraçar o sacerdócio e tornou-se Bispo de Genebra — pastor de uma Sé ocupada pela heresia e de um rebanho que precisava ser reconduzido à unidade católica. Com Santa Joana Francisca de Chantal, fundou a Ordem da Visitação de Santa Maria. Morreu

em Lyon, em 1622; foi canonizado em 1665 e declarado Doutor da Igreja em 1877. Como ele próprio confessa no Prefácio, o *Tratado do Amor de Deus* foi composto com os breves intervalos que conseguia reservar em meio às numerosas ocupações do governo episcopal. Ainda assim, a obra possui a serenidade de quem escreve sem precipitação, a partir da abundância da contemplação.

A obra divide-se em doze livros. Os quatro primeiros tratam da natureza, da origem, do crescimento e da perda do amor divino; o quinto, de seus dois exercícios principais: a complacência e a benevolência; o sexto e o sétimo, do amor exercido na oração, da contemplação e da união mística; o oitavo e o nono, do amor de conformidade e de submissão à vontade de Deus; os três últimos, do mandamento do amor, da autoridade da caridade sobre as demais virtudes e dos meios para progredir na santa dileção até a morte de amor — aquela morte que o Santo descreve ao falar da Santíssima Virgem, que morreu não de outra enfermidade senão do próprio amor.

Ao leitor

Lê, pois, este livro devagar. Ele não foi escrito para ser devorado, mas ruminado, segundo o espírito da antiga leitura cristã: *lectio, meditatio, oratio, contemplatio*. Não te surpreendas com as comparações tiradas das aves, das abelhas, do ferro, do ímã e das ciências naturais do século XVII. O Santo contemplava a natureza como um livro de símbolos: as criaturas são vestígios do Criador, e o mundo visível, uma parábola do invisível. Ainda que alguma comparação tenha envelhecido como explicação científica, conserva sua força como imagem espiritual.

Não te surpreendas, sobretudo, com as exigências da doutrina. O amor aqui tratado não é o amor fácil anunciado pelo mundo, mas aquele que Nosso Senhor definiu para sempre: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos* (Jo 15, 13). "Tudo é do amor, no amor, para o amor e por amor na Santa Igreja", escreve São Francisco de Sales no Prefácio. Que esta tradução em linguagem clara e reverente ajude muitas almas a reaprender essa ciência esquecida, a única que, por fim, será pedida: "À tarde desta vida, serás examinado no amor" (São João da Cruz).

Que a Mãe da bela dileção, a quem o Santo dedicou esta obra, alcance para cada leitor a graça de não somente lê-la, mas também vivê-la.

Oração dedicatória

Santíssima Mãe de Deus, vaso de incomparável eleição, Rainha da soberana dileção, vós sois a mais amável, a mais amante e a mais amada de todas as criaturas. O amor do Pai celeste pôs em vós o seu beneplácito desde toda a eternidade, destinando vosso casto coração à perfeição do santo amor, para que um dia amásseis seu Filho único com o único amor materno, assim como ele o amava eternamente com o único amor paterno. Ó Jesus, meu Salvador, a quem poderia eu dedicar melhor as palavras do vosso amor senão ao coração amabilíssimo da Bem-Amada de vossa alma?

Mas, ó Mãe toda triunfante, quem pode erguer os olhos para a vossa majestade sem ver à vossa direita aquele a quem vosso Filho, por amor de vós, quis tantas vezes honrar com o título de Pai, tendo-o unido a vós pelo laço celeste de um matrimônio todo virginal, para que fosse vosso amparo e coadjutor no encargo da condução e educação de sua divina infância? Ó grande São José, Esposo amadíssimo da Mãe do Bem-Amado, ah, quantas vezes carregastes nos braços o Amor do céu e da terra, enquanto, abrasado pelos doces abraços e beijos daquele divino Menino, vossa alma se derretia de contentamento quando ele pronunciava ternamente aos vossos ouvidos (ó Deus, que suavidade!) que vós éreis o seu grande amigo e o seu querido Pai bem-amado!

Outrora se colocavam as lâmpadas do antigo Templo sobre flores de lírio de ouro (1Rs 7, 49): ó Maria e José! Par sem par, lírios sagrados de incomparável beleza, entre os quais o Bem-Amado se apascenta (Ct 6, 2) e apascenta todos os seus amantes! Ah, se tenho alguma esperança de que este escrito de amor possa iluminar e inflamar os filhos da luz (Lc 16, 8), onde poderia colocá-lo melhor do que entre os vossos lírios? — lírios nos quais o Sol de justiça, esplendor e candura da luz eterna (Sb 7, 25), tão soberanamente se recreou, que neles praticou as delícias da inefável dileção de seu coração para conosco.

Ó Mãe bem-amada do Bem-Amado! Ó Esposo bem-amado da Bem-Amada! Prostrado com o rosto em terra diante de vossos pés, que carregaram meu Salvador, ofereço, dedico e consagro esta pequena obra de amor à imensa grandeza da vossa dileção. Ah, eu vos conjuro por esse coração do vosso doce Jesus, que é o Rei dos corações, a quem os vossos adoram: animai minha alma, e as de todos os que lerem este escrito, com o vosso todo-poderoso valimento junto ao Espírito Santo, a fim de que doravante imolemos em holocausto todas as nossas afeições à sua divina Bondade, para viver, morrer e reviver para sempre em meio às chamas desse fogo celeste que Nosso Senhor, vosso Filho, tanto desejou acender em nossos corações (Lc 12, 49), que por isso não cessou de trabalhar e suspirar até a morte, e morte de cruz (Fl 2, 8).

VIVA + JESUS

AO LEITOR

Prefácio

O Espírito Santo ensina que os lábios da divina Esposa, isto é, da Igreja, se assemelham ao escarlate e ao favo que destila mel (Ct 4, 3-11), para que todos saibam que toda a doutrina que ela anuncia consiste na sagrada dileção: mais brilhante em seu rubro do que o escarlate, por causa do sangue do Esposo que a inflama; mais doce do que o mel, por causa da suavidade do Bem-Amado que a cumula de delícias (Ct 8, 5). Assim, aquele celeste Esposo, querendo dar começo à publicação de sua Lei, lançou sobre a assembleia dos discípulos que havia designado para esse ofício grande número de línguas de fogo, mostrando com isso claramente que a pregação evangélica estava toda destinada a abrasar os corações.

Imaginai belas pombas aos raios do sol: vereis suas cores variarem tantas vezes quantas mudardes o ângulo de que as contemplais, porque suas plumas são tão próprias para receber o esplendor que, vindo o sol misturar sua claridade com a plumagem delas, forma-se uma multidão de transparências que produzem grande variedade de matizes e mudanças de cor; mas cores tão agradáveis de ver, que superam todas as outras cores e até o esmalte das mais belas pedrarias; cores resplandecentes e tão delicadamente douradas, que o seu ouro as torna ainda mais

vivamente coloridas — pois foi nesse sentido que o Profeta real dizia aos israelitas:

> *Embora a aflição vos murche o semblante,*
> *vossa tez, doravante, há de mostrar-se semelhante*
> *às asas de uma pomba onde a prata é tremulante*
> *e cujo ouro brunido faz raiar a plumagem.*
> *(Sl 67, 14)*

Certamente a Igreja está adornada de excelente variedade de ensinamentos, sermões, tratados e livros piedosos, todos grandemente belos e amáveis à vista, por causa da mistura admirável que o Sol de justiça faz dos raios de sua divina Sabedoria com as línguas dos pastores, que são as suas plumas (Sl 44, 2), e com as suas penas, que às vezes também fazem as vezes de línguas e compõem a rica plumagem dessa pomba mística. Mas, em meio a toda a diversidade das cores da doutrina que ela publica, descobre-se por toda parte o belo ouro da santa dileção, que se deixa entrever de modo excelente, dourando com seu lustre incomparável toda a ciência dos santos e elevando-a acima de toda ciência. Tudo é do amor, no amor, para o amor e por amor na Santa Igreja.

Mas, assim como sabemos bem que toda a claridade do dia provém do sol e, no entanto, dizemos de ordinário que o sol só ilumina quando lança a descoberto os seus raios sobre algum lugar, do mesmo modo, embora toda a doutrina cristã seja do amor sagrado, nem por isso honramos indistintamente toda a teologia com o título desse divino amor, mas somente aquelas partes dela que contemplam em particular a sua origem, a sua natureza, as suas propriedades e as suas operações.

É verdade que muitos escritores trataram admiravelmente deste assunto, sobretudo os antigos Padres que, servindo a Deus com tanto amor, também falavam divinamente de seu amor. Oh, como é bom ouvir São Paulo falar das coisas do Céu, que ele aprendeu no próprio Céu (2Cor 12, 4)! E como é bom ver essas almas, nutridas no seio da dileção, escreverem sobre sua santa suavidade! Por isso mesmo, entre os escolásticos, aqueles que melhor discorreram sobre o amor divino também se distinguiram pela piedade. Santo Tomás compôs a esse respeito um tratado digno de Santo Tomás; São Boaventura e o bem-aventurado Dionísio Cartuxo escreveram vários tratados excelentíssimos, sob diversos títulos. Quanto a João Gerson, chanceler da Universidade de Paris, Sisto de Siena assim fala dele: "Discorreu tão dignamente sobre as cinquenta propriedades do divino amor que aqui e ali se deduzem no Cântico dos Cânticos, que parece ter sido ele o único a fazer a conta das afeições do amor de Deus." Certamente, esse homem foi extremamente douto, judicioso e devoto.

Mas, para que se soubesse que essa espécie de escritos se faz com mais felicidade pela devoção dos amantes do que pela doutrina dos sábios, o Espírito Santo quis que várias mulheres realizassem nisso maravilhas. Quem jamais exprimiu melhor as celestes paixões do amor sagrado do que Santa Catarina de Gênova, Santa Ângela de Foligno, Santa Catarina de Sena, Santa Matilde?

Em nossa época, muitos escreveram sobre o assunto. Não tive tempo de ler seus livros com vagar, mas apenas de percorrê-los aqui e ali, o necessário para verificar se esta obra ainda poderia encontrar lugar. O Padre Luís de Granada, esse grande doutor de piedade, incluiu um *Tratado do Amor de Deus* em seu *Memorial*;

basta dizer que procede de tão bom autor para torná-lo recomendável. Diego de Estella, da Ordem de São Francisco, compôs outro, muito próprio para mover os afetos e favorecer a oração. Cristóvão de Fonseca, religioso agostiniano, deu à luz um tratado ainda maior, no qual diz muitas coisas belas. O Padre Luís Richeome, da Companhia de Jesus, também publicou um livro sob o título *Arte de amar a Deus pelas criaturas*; e esse autor é tão amável em sua pessoa e em seus belos escritos, que não se pode duvidar de que o seja ainda mais quando escreve sobre o próprio amor. O Padre João de Jesus Maria, da Ordem dos Carmelitas Descalços, compôs um livrinho que traz igualmente o nome de *Arte de amar a Deus* e é muito estimado. O grande e célebre Cardeal Belarmino também publicou há pouco um pequeno livro, intitulado *Escada para subir a Deus pelas criaturas*, que não pode deixar de ser admirável, saído de mão tão sábia e de alma tão devota, que tanto e tão doutamente escreveu para o bem da Igreja.

Nada quero dizer do Parenético daquele rio de eloquência que hoje corre por toda a França na multidão e variedade de seus sermões e belos escritos; o estreito parentesco espiritual que minha alma contraiu com a sua quando, pela imposição de minhas mãos, ele recebeu o caráter sagrado da ordem episcopal, para a felicidade da diocese de Belley e a honra da Igreja, além dos mil laços de uma sincera amizade que nos unem, não me permitem falar com crédito de suas obras, entre as quais esse Parenético do Amor divino foi um dos primeiros lances da incomparável abundância de espírito que todos nele admiram. Vemos, além disso, um grande e magnífico Palácio que o reverendo Padre Lourenço de Paris, pregador da Ordem dos Capuchinhos, edifica em honra do amor divino, e que, uma vez acabado, será um curso completo da

ciência de bem amar. Mas, enfim, a bem-aventurada Teresa de Jesus escreveu tão bem sobre os movimentos sagrados da dileção, em todos os livros que deixou, que ficamos arrebatados ao ver tanta eloquência em tão grande humildade, tanta firmeza de espírito em tão grande simplicidade; e a sua doutíssima ignorância faz parecer ignorantíssima a ciência de muitos homens de letras que, depois de grande labuta de estudos, se veem envergonhados por não entender o que ela escreve com tanta felicidade sobre a prática do santo amor. Assim Deus levanta o trono de sua virtude sobre o teatro de nossa fraqueza, servindo-se das coisas fracas para confundir as fortes (1Cor 1, 27).

Ora, ainda que este *Tratado* que te apresento, meu caro leitor, venha muito atrás de todos esses excelentes livros, sem esperança de os alcançar, confio de tal modo no favor dos dois amantes celestes a quem o dedico, que ele ainda te poderá prestar algum serviço. Nele encontrarás boas considerações que não seria fácil achar em outro lugar; assim como, reciprocamente, encontrarás em outras obras muitas coisas belas que aqui não estão. Parece-me até que meu propósito não é o mesmo dos demais, salvo em geral, enquanto todos visamos à glória do santo amor. Quanto a mim, não pretendi reunir neste *Tratado* uma multidão de pensamentos — a própria leitura te dará testemunho disso.

Na verdade, pensei somente em representar, com simplicidade e naturalidade, sem arte e ainda menos com enfeites, a história do nascimento, do progresso, da decadência, das operações, propriedades, vantagens e excelências do amor divino. E se, além disso, encontrares alguma outra coisa, são excrescências que dificilmente pode evitar quem, como eu, escreve em meio a muitas distrações; creio, porém, que nada estará desprovido de alguma

utilidade. A própria natureza, que é obreira tão sábia, ao projetar a produção das uvas produz ao mesmo tempo, como por uma prudente inadvertência, tantas folhas e sarmentos, que poucas vinhas há que não precisem, na estação própria, de ser desfolhadas e podadas.

Muitas vezes, os escritores são tratados com demasiada rudeza; pronunciam-se contra eles sentenças precipitadas e, não raro, com mais impertinência do que houve imprudência em publicarem depressa seus escritos. A precipitação dos julgamentos põe em grande perigo a consciência dos juízes e a inocência dos acusados: muitos escrevem tolamente, e muitos censuram com dureza. A doçura do leitor torna doce e útil a leitura; e, para conquistar tua benevolência, meu caro leitor, quero explicar alguns pontos que, de outro modo, talvez te causassem desagrado.

Alguns talvez achem que eu disse demais e que não era necessário levar assim os discursos até as suas raízes; mas eu penso que o divino amor é uma planta semelhante àquela que chamamos angélica, cuja raiz não é menos perfumada e salutar do que a haste e as folhas. Os quatro primeiros livros, e alguns capítulos dos outros, poderiam sem dúvida ser omitidos ao gosto das almas que buscam apenas a prática da santa dileção; tudo isso, porém, lhes será bem útil, se o contemplarem devotamente. Entretanto, muitos talvez também achassem mal não ver aqui toda a sequência do que pertence ao tratado do celeste amor. Certamente levei em consideração a condição dos espíritos deste século, e devia fazê-lo: importa muito atentar para a época em que se escreve.

Cito algumas vezes a Sagrada Escritura em termos diferentes dos que traz a edição ordinária: ó Deus verdadeiro, meu caro leitor, não me faças por isso a injustiça de crer que eu queira

afastar-me dessa edição; ah, não, pois sei que o Espírito Santo a autorizou pelo Sagrado Concílio de Trento e que, portanto, todos devemos ater-nos a ela; ao contrário, só emprego as outras versões a serviço desta, quando explicam e confirmam o seu verdadeiro sentido. Por exemplo, aquilo que o Esposo celeste diz à sua Esposa: Feriste o meu coração (Ct 4, 9), fica muito esclarecido pela outra versão: Levaste o meu coração, ou Atraíste e arrebataste o meu coração. E o que Nosso Senhor diz: Bem-aventurados os pobres de espírito (Mt 5, 3) é grandemente ampliado e declarado segundo o grego: Bem-aventurados os mendigos de espírito; e assim os demais.

LIVRO

I

Que contém uma preparação para todo o Tratado

Capítulos I a XVIII

CAPÍTULO I

Que, para a beleza da natureza humana, Deus entregou à vontade o governo de todas as faculdades da alma

A união estabelecida na distinção produz a ordem; a ordem produz a conveniência e a proporção; e a conveniência, nas coisas inteiras e acabadas, produz a beleza. Um exército é belo quando se compõe de todas as suas partes de tal modo dispostas em suas fileiras que a distinção entre elas se reduz à relação que devem ter entre si para formar um só exército. Para que uma música seja bela, não basta que as vozes sejam nítidas, claras e bem distintas: é preciso que se aliem de tal maneira umas às outras que delas resulte uma justa consonância e harmonia, pelo meio da união que há na distinção e da distinção que há na união das vozes — o que não sem razão se chama um acorde discordante, ou antes uma discórdia acordante.

Ora, como excelentemente diz o angélico Santo Tomás, seguindo o grande São Dionísio, a beleza e a bondade, ainda que tenham entre si alguma afinidade, não são contudo uma mesma coisa: pois o bem é o que agrada ao apetite e à vontade, e o belo é o que agrada ao entendimento e ao conhecimento; ou, dito de outro modo, o bom é aquilo cujo gozo nos deleita, e o belo é aquilo cujo conhecimento nos apraz. E é por isso que, a rigor, jamais atribuímos a beleza corporal senão aos objetos dos dois sentidos que mais conhecem e que mais servem ao entendimento, a saber, a vista e o ouvido; de modo que não dizemos: eis belos

odores, ou belos sabores; mas dizemos muito bem: eis belas vozes e belas cores.

Sendo, pois, o belo chamado belo porque o seu conhecimento deleita, é preciso que, além da união e da distinção, da integridade, da ordem e da conveniência de suas partes, tenha muito esplendor e clareza, a fim de que seja conhecível e visível. As vozes, para serem belas, hão de ser claras e nítidas; os discursos, inteligíveis; as cores, brilhantes e resplandecentes. A obscuridade, a sombra, as trevas são feias e enfeiam todas as coisas, porque nelas nada é conhecível — nem a ordem, nem a distinção, nem a união, nem a conveniência. Foi isso que levou São Dionísio a dizer que Deus, "como soberana beleza, é autor da bela conveniência, do belo lustro e da boa graça que há em todas as coisas, fazendo cintilar, em forma de luz, as distribuições e as repartições do seu raio", pelas quais todas as coisas se tornam belas — querendo que, para que a beleza se estabeleça, houvesse a conveniência, a clareza e a boa graça.

Certamente, Teótimo, a beleza fica sem efeito, inútil e morta, se a clareza e o esplendor não a avivam e lhe dão eficácia; e é por isso que dizemos que as cores são vivas quando têm brilho e lustro. Mas, quanto às coisas animadas e vivas, a sua beleza não é completa sem a boa graça, a qual, além da conveniência das partes perfeitas que faz a beleza, acrescenta a conveniência dos movimentos, dos gestos e das ações, que é como a alma e a vida da beleza das coisas vivas. Assim, na soberana beleza de nosso Deus, reconhecemos a união — ou antes, a unidade da essência na distinção das Pessoas —, com uma infinita clareza, unida à conveniência incompreensível de todas as perfeições das ações e movimentos, contidas soberanamente e, por assim dizer, juntas e

ajustadas de modo excelente na única e simplicíssima perfeição do puro ato divino, que é o próprio Deus, imutável e invariável, como diremos em outro lugar.

Deus, pois, querendo tornar todas as coisas boas e belas, reduziu a multidão e a distinção delas a uma perfeita unidade e, por assim dizer, ordenou-as todas em monarquia, fazendo que todas as coisas se sustentem umas às outras, e todas a Ele, que é o soberano Monarca. Reduz Ele todos os membros a um só corpo, sob uma só cabeça; de várias pessoas forma uma família; de várias famílias, uma cidade; de várias cidades, uma província; de várias províncias, um reino; e submete todo um reino a um só rei. Assim, Teótimo, entre a inumerável multidão e variedade de ações, movimentos, sentimentos, inclinações, hábitos, paixões, faculdades e potências que há no homem, Deus estabeleceu uma monarquia natural na vontade, que comanda e domina sobre tudo quanto se encontra nesse pequeno mundo. E parece que Deus disse à vontade o que Faraó disse a José: *Tu estarás sobre a minha casa; todo o povo obedecerá ao mandamento de tua boca; sem tua ordem ninguém se moverá* (Gn 41, 40). Mas esse domínio da vontade exerce-se, na verdade, de modos muito diversos.

CAPÍTULO II

Como a vontade governa diversamente as potências da alma

O pai de família conduz a esposa, os filhos e os criados por meio de suas ordens e mandamentos, aos quais eles são obrigados a obedecer, ainda que possam não fazê-lo; e, se tem servos e escravos, governa-os pela força, à qual não têm poder algum de resistir; mas

os cavalos, os bois, as mulas, esses ele os maneja com engenho, atando-os, refreando-os, picando-os, prendendo-os, soltando-os.

Sem dúvida, a vontade governa a faculdade do nosso movimento exterior como se governa um servo ou um escravo; pois, a não ser que algo de fora a impeça, ela nunca deixa de ser obedecida. Abrimos e fechamos a boca, movemos a língua, as mãos, os pés, os olhos e todas as partes em que se encontra a potência desse movimento, sem resistência, a nosso gosto e segundo a nossa vontade.

Mas, quanto aos nossos sentidos e à faculdade de nutrir, crescer e gerar, não os podemos governar com tanta facilidade: é preciso recorrer ao engenho e à arte. Se chamamos um escravo, ele vem; se lhe dizemos que pare, ele para; mas não se deve esperar essa obediência de um gavião ou de um falcão: quem quiser fazê-lo voltar, há de mostrar-lhe o engodo; quem quiser aquietá-lo, há de pôr-lhe o capuz. Diz-se a um criado: vira à esquerda ou à direita — e ele o faz; mas, para fazer um cavalo virar assim, é preciso servir-se da brida. Não convém, Teótimo, ordenar aos nossos olhos que não vejam, nem aos nossos ouvidos que não ouçam, nem às nossas mãos que não toquem, nem ao nosso estômago que não digira, nem ao nosso corpo que não cresça ou não gere; pois todas essas faculdades não têm inteligência alguma e, portanto, são incapazes de obediência. *Ninguém pode acrescentar um côvado à sua estatura* (Mt 6, 27); Raquel queria conceber e não podia; muitas vezes comemos sem que sejamos nutridos nem cresçamos. Quem quiser governar essas faculdades precisa agir com engenho. O médico, ao tratar uma criança de berço, não lhe ordena coisa alguma, mas ordena à ama que lhe faça isto ou aquilo; ou então, às vezes, manda que ela coma tal ou tal alimento, que tome tal

remédio, cuja qualidade, passando ao leite, e o leite ao corpo do pequenino, faz que a vontade do médico se cumpra nesse pequeno doente, que nem sequer tem o poder de pensar nisso. Não é ao estômago, à garganta ou ao ventre que se hão de dar as ordens de abstinência, sobriedade e continência; mas é preciso mandar às mãos que não forneçam à boca os alimentos e as bebidas senão em tal e tal medida. É preciso tirar ou dar à faculdade que gera os objetos, os assuntos e os alimentos que a fortalecem, conforme a razão o exija; é preciso desviar os olhos, ou cobri-los com o seu capuz natural e fechá-los, se quisermos que não vejam; e, com esses artifícios, reduzi-los-emos ao ponto que a vontade deseja. É assim, Teótimo, que Nosso Senhor ensina haver *eunucos que assim se fizeram por causa do Reino dos céus* (Mt 19, 12), isto é, que não são eunucos por impotência natural, mas pelos meios de que sua vontade se serve para os reter na santa continência. É tolice mandar a um cavalo que não engorde, que não cresça, que não escoiceie: se desejas tudo isso, tira-lhe a manjedoura; não é de lhe dar ordens que se trata, mas de o refrear com mão firme, para o domar.

E até mesmo sobre o entendimento e a memória a vontade tem poder; pois, entre as muitas coisas que o entendimento pode entender, ou de que a memória pode lembrar-se, é a vontade que determina aquelas a que quer que essas faculdades se apliquem, ou daquelas de que quer que se afastem. É verdade que não as pode manejar nem dispor tão absolutamente como faz com as mãos, os pés ou a língua, por causa das faculdades sensitivas, e sobretudo da imaginação, que não obedecem à vontade com obediência pronta e infalível, e de cujas potências sensitivas a memória e o entendimento têm necessidade para operar. Ainda assim, porém,

a vontade as move, as emprega e as aplica como bem lhe apraz, ainda que não tão firme e invariavelmente que a imaginação, mutável e volúvel, não as desvie muitas vezes, distraindo-as para outra parte. De sorte que, assim como o Apóstolo exclama: *Não faço o bem que quero, mas o mal que odeio* (Rm 7, 15), também nós somos com frequência forçados a queixar-nos de que pensamos, não o bem que amamos, mas o mal que odiamos.

CAPÍTULO III

Como a vontade governa o apetite sensual

A vontade, pois, Teótimo, domina sobre a memória, o entendimento e a imaginação, não pela força, mas pela autoridade — de modo que nem sempre é infalivelmente obedecida, assim como o pai de família também nem sempre o é pelos filhos e criados. Ora, o mesmo se dá com o apetite sensual, que, como diz Santo Agostinho, se chama concupiscência em nós, pecadores, e permanece sujeito à vontade e ao espírito como a mulher ao seu marido; porque, assim como foi dito à mulher: *Voltar-te-ás para o teu marido, e ele te dominará* (Gn 3, 16), também foi dito a Caim que o seu apetite se voltaria para ele, e que ele o dominaria (Gn 4, 7); e voltar-se para o homem não quer dizer outra coisa senão submeter-se e sujeitar-se a ele. "Ó homem", diz São Bernardo, "está em teu poder, se quiseres, fazer que o teu inimigo se torne teu servo, de sorte que todas as coisas se convertam para o teu bem: o teu apetite está debaixo de ti, e tu o dominarás. O teu inimigo pode despertar em ti o sentimento da tentação, mas tu podes, se quiseres, dar ou recusar o consentimento." Se permitires que o

apetite te leve ao pecado, então estarás debaixo dele e ele te dominará, porque *todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado* (Jo 8, 34); mas, antes que cometas o pecado, enquanto o pecado ainda não está no teu consentimento, mas somente no teu sentimento — isto é, enquanto está ainda no teu apetite e não na tua vontade —, o teu apetite está debaixo de ti, e tu o dominarás. Antes de ser criado, o Imperador está submetido aos eleitores, que dominam sobre ele, podendo elevá-lo à dignidade imperial ou rejeitá-lo; mas, uma vez eleito e elevado por eles, desde então eles ficam debaixo dele, e ele domina sobre eles. Antes que a vontade consinta no apetite, ela domina sobre ele; mas, depois do consentimento, torna-se sua escrava.

Em suma, esse apetite sensual é, na verdade, um súdito rebelde, sedicioso e inquieto; e é preciso confessar que não o saberíamos desfazer de tal modo que não se levante, não empreenda nada e não assalte a razão. Contudo, a vontade é tão forte sobre ele que, se quiser, pode abatê-lo, romper-lhe os planos e repeli-lo — pois basta, para o repelir, não consentir em suas sugestões. Não se pode impedir a concupiscência de conceber, mas pode-se muito bem impedi-la de dar à luz e de consumar o pecado (Tg 1, 15).

Ora, essa concupiscência ou apetite sensual tem doze movimentos, pelos quais, como por outros tantos capitães amotinados, promove a sua sedição no homem. E, porque de ordinário eles perturbam a alma e agitam o corpo, enquanto perturbam a alma chamam-se perturbações, e enquanto inquietam o corpo chamam-se paixões, segundo o testemunho de Santo Agostinho. Todos eles olham para o bem ou para o mal: aquele, para o adquirir; este, para o evitar. Se o bem é considerado em si mesmo, segundo a sua bondade natural, desperta o amor,

primeira e principal paixão; se o bem é visto como ausente, provoca-nos ao desejo; se, uma vez desejado, julgamos poder obtê-lo, entramos na esperança; se pensamos não o poder obter, sentimos o desespero; mas, quando o possuímos como presente, ele nos dá a alegria. Ao contrário, tão logo conhecemos o mal, nós o odiamos; se está ausente, dele fugimos; se pensamos não o poder evitar, nós o tememos; se julgamos poder evitá-lo, ganhamos ousadia e ânimo; mas, se o sentimos como presente, entristecemo-nos, e então a ira e o furor acorrem de súbito para rejeitar e repelir o mal, ou ao menos para dele se vingar; e, se não o conseguimos, permanecemos na tristeza; mas, se o repelimos ou nos vingamos, sentimos a satisfação e a saciedade, que é um prazer de triunfo — pois, assim como a posse do bem alegra o coração, a vitória contra o mal sacia a coragem. E sobre todo esse povo de paixões sensuais a vontade mantém o seu império, rejeitando-lhes as sugestões, repelindo-lhes os assaltos, impedindo-lhes os efeitos e, no mínimo, recusando-lhes firmemente o seu consentimento, sem o qual elas não a podem prejudicar, e pela recusa do qual elas ficam vencidas — e mesmo, com o tempo, abatidas, enlanguescidas, extenuadas, reprimidas e, se não de todo mortas, ao menos amortecidas ou mortificadas.

E é para exercitar as nossas vontades na virtude e na valentia espiritual que essa multidão de paixões é deixada em nossas almas, Teótimo; de sorte que os estoicos, que negaram encontrarem-se elas no homem sábio, estavam muito enganados — e tanto mais quanto praticavam de fato aquilo que negavam em palavras, conforme relata Santo Agostinho, que conta esta graciosa história. Aulo Gélio, tendo embarcado com um famoso estoico, sobreveio uma grande tempestade, com a qual o estoico se assustou de tal

modo que começou a empalidecer, a descorar-se e a tremer tão visivelmente que todos os que estavam no navio o perceberam e o observaram com curiosidade, embora corressem os mesmos perigos que ele. O mar, todavia, enfim se acalma, o perigo passa e a segurança devolve a cada um a liberdade de conversar e até de zombar; então certo asiático voluptuoso, caçoando do estoico, censurava-o por ter tido medo e por se haver tornado macilento e pálido diante do perigo, ao passo que ele mesmo permanecera firme e sem susto. Ao que o estoico respondeu contando o que Aristipo, filósofo socrático, respondera a um homem que, pelo mesmo motivo, o havia ferroado com igual censura: "Pois tu", disse-lhe ele, "tens razão de não te haveres preocupado com a alma de um reles desordeiro; mas eu teria feito mal em não temer a perda da alma de Aristipo." E o melhor da história é que quem a conta é o próprio Aulo Gélio, testemunha ocular. Mas, quanto à réplica que ela contém, o estoico que a proferiu favoreceu mais a sua presteza do que a sua causa, pois, alegando um companheiro do seu medo, deixou provado, por duas testemunhas irrepreensíveis, que os estoicos eram tocados pelo medo — e por um medo que espalha os seus efeitos nos olhos, no rosto e no semblante, e que, por consequência, é uma paixão.

Grande loucura é querer ser sábio com uma sabedoria impossível! A Igreja, com efeito, condenou a loucura dessa sabedoria que certos anacoretas presunçosos quiseram outrora introduzir, contra os quais toda a Escritura, mas sobretudo o grande Apóstolo, clama que temos em nosso corpo uma lei que repugna à lei do nosso espírito (Rm 7, 23). "Entre nós, cristãos", diz o grande Santo Agostinho, "segundo as Santas Escrituras e a sã doutrina, os cidadãos da sagrada Cidade de Deus, vivendo

segundo Deus na peregrinação deste mundo, temem, desejam, afligem-se e alegram-se." E até mesmo o Rei soberano dessa Cidade temeu, desejou, afligiu-se e alegrou-se, a ponto de chorar, empalidecer, tremer e suar sangue — ainda que nele esses movimentos não tenham sido paixões semelhantes às nossas. Por isso o grande São Jerônimo, e depois dele a Escola, não ousou chamá-los pelo nome de paixões, por reverência à pessoa em quem se achavam, mas pelo nome respeitoso de propaixões, para testemunhar que os movimentos sensíveis em Nosso Senhor faziam ali as vezes de paixões, embora não fossem paixões; visto que ele nada padecia ou sofria da parte delas senão o que bem lhe parecia e como lhe aprazia, governando-as e manejando-as a seu gosto — o que nós não fazemos, nós, pecadores, que sofremos e padecemos esses movimentos em desordem, contra a nossa vontade, com grande prejuízo do bom estado e do bom governo de nossas almas.

CAPÍTULO IV

Que o amor domina sobre todas as afeições e paixões, e que governa até mesmo a vontade, ainda que a vontade também tenha domínio sobre ele

Sendo o amor a primeira complacência que temos no bem, como diremos daqui a pouco, certamente ele precede o desejo; e, de fato, o que se deseja senão aquilo que se ama? Precede a deleite; pois como poderia alguém alegrar-se no gozo de uma coisa, se não a amasse? Precede a esperança, porque só se espera o bem que se ama; precede o ódio, porque só odiamos o mal por causa do amor

que temos ao bem — e o mal só é mal porque é contrário ao bem. E o mesmo se dá, Teótimo, com todas as outras paixões ou afeições, pois todas provêm do amor como de sua fonte e de sua raiz.

Por isso as demais paixões e afeições são boas ou más, viciosas ou virtuosas, conforme seja bom ou mau o amor de que procedem; pois ele derrama de tal modo sobre elas as suas qualidades que elas parecem ser o próprio amor. Santo Agostinho, reduzindo todas as paixões e afeições a quatro, como fizeram Boécio, Cícero, Virgílio e a maior parte dos antigos, diz: "O amor, tendendo a possuir o que ama, chama-se cobiça" ou desejo; "tendo-o e possuindo-o, chama-se alegria; fugindo do que lhe é contrário, chama-se temor; e, se isso lhe sobrevém e ele o sente, chama-se tristeza. E, portanto, essas paixões são más se o amor é mau, e boas se ele é bom. Os cidadãos da Cidade de Deus temem, desejam, afligem-se, alegram-se; e, porque o seu amor é reto, todas essas afeições também são retas." "A doutrina cristã sujeita o espírito a Deus, para que Ele o guie e socorra, e sujeita ao espírito todas essas paixões, para que ele as refreie e modere, de modo que sejam convertidas ao serviço da justiça e da virtude." "A vontade reta é o amor bom; a vontade má é o amor mau." Ou seja, numa palavra, Teótimo: o amor domina de tal maneira na vontade que a faz inteiramente semelhante a si.

A mulher, de ordinário, muda a sua condição pela do marido, e torna-se nobre se ele é nobre, rainha se ele é rei, duquesa se ele é duque: também a vontade muda de qualidade segundo o amor com que se despose; se ele é carnal, ela é carnal; se ele é espiritual, ela é espiritual. E todas as afeições de desejo, de alegria, de esperança, de temor, de tristeza, como filhos nascidos do

casamento do amor com a vontade, recebem por consequência as suas qualidades do amor. Em suma, Teótimo, a vontade só é movida por suas afeições, entre as quais o amor, como primeiro móvel e primeira afeição, dá o impulso a todo o resto e produz todos os demais movimentos da alma.

Mas nem por isso se segue que a vontade não continue a ser regente sobre o amor, visto que a vontade só ama querendo amar e, entre os muitos amores que se lhe apresentam, pode ligar-se àquele que bem lhe pareça — do contrário, não haveria amor algum nem proibido nem mandado. Ela é, portanto, senhora dos amores, como uma donzela o é dos pretendentes que a cortejam, entre os quais pode escolher o que quiser. Mas, assim como depois do casamento ela perde a sua liberdade e, de senhora, passa a ficar sujeita ao poder do marido, permanecendo presa por aquele a quem prendeu, do mesmo modo a vontade, que escolhe o amor a seu gosto, depois de haver abraçado algum, fica-lhe submetida. E, tal como a mulher permanece sujeita ao marido que escolheu enquanto ele vive, e, se ele morre, ela readquire a liberdade anterior (1Cor 7, 39) para tornar a casar-se com outro, assim, enquanto um amor vive na vontade, ele aí reina, e ela permanece submissa aos seus movimentos; mas, se esse amor vem a morrer, ela poderá depois tomar outro. Há, porém, na vontade uma liberdade que não se encontra na mulher casada: é que a vontade pode rejeitar o seu amor quando quiser, aplicando o entendimento aos motivos capazes de dele a desgostar e tomando a resolução de mudar de objeto. Pois é assim que, para fazer viver e reinar em nós o amor de Deus, amortecemos o amor-próprio e, se não o podemos aniquilar de todo, ao menos o enfraquecemos, de sorte que, se ainda vive em nós, já não reina; assim como, ao contrário, podemos, deixando o

amor sagrado, aderir ao das criaturas — que é o infame adultério que o celeste Esposo tantas vezes reprova nos pecadores.

CAPÍTULO V

Das afeições da vontade

Não há menos movimentos no apetite intelectual ou racional, a que se chama vontade, do que no apetite sensível ou sensual; mas aqueles se chamam ordinariamente afeições, e estes, paixões. Os filósofos e os pagãos amaram de algum modo a Deus, as suas repúblicas, a virtude, as ciências; odiaram o vício, esperaram as honras, desesperaram de evitar a morte ou a calúnia, desejaram saber e até mesmo ser bem-aventurados depois da morte; ganharam ousadia para superar as dificuldades que havia na busca da virtude, temeram a censura, fugiram de muitas faltas, vingaram a injúria pública, indignaram-se contra os tiranos, sem interesse próprio algum. Ora, todos esses movimentos estavam na parte racional, pois os sentidos, e por consequência o apetite sensual, não são capazes de se aplicar a tais objetos; e, portanto, esses movimentos eram afeições do apetite intelectual ou racional, e não paixões do apetite sensual.

Quantas vezes temos, no apetite sensual ou concupiscência, paixões contrárias às afeições que ao mesmo tempo sentimos no apetite racional, isto é, na vontade! O jovem de que fala São Jerônimo, cortando a própria língua com os dentes e cuspindo-a no rosto daquela maldita mulher que o inflamava à volúpia, não testemunhava acaso ter na vontade uma extrema afeição de desprazer, contrária à paixão do prazer que à força lhe faziam

sentir na concupiscência e no apetite sensual? Quantas vezes trememos de medo em meio aos perigos a que a nossa vontade nos leva e nos faz permanecer? Quantas vezes odiamos os deleites em que se compraz o nosso apetite sensual, amando os bens espirituais que a ele desagradam? Nisso consiste a guerra que sentimos todos os dias entre o espírito e a carne; entre o nosso homem exterior, que depende dos sentidos, e o homem interior, que depende da razão; entre o velho Adão, que segue os apetites de sua Eva, ou seja, de sua concupiscência, e o novo Adão, que acompanha a sabedoria celeste e a santa razão.

Os estoicos, conforme relata Santo Agostinho, negando que o homem sábio pudesse ter paixões, confessavam contudo, ao que parece, que ele tinha afeições, às quais chamavam eupatias e boas paixões, ou então, como Cícero, constâncias; pois diziam que o sábio não cobiçava, mas queria; que não tinha regozijo, mas alegria; que não tinha temor, mas previdência e cautela — de sorte que só se movia por causa da razão e segundo a razão. Por isso negavam sobretudo que o homem sábio pudesse ter alguma tristeza, visto que ela só olha para o mal já sobrevindo, e que nada de mal sucede ao homem sábio, pois ninguém jamais é ofendido senão por si mesmo, conforme a máxima deles. E, certamente, Teótimo, não erravam ao querer que houvesse eupatias e boas afeições na parte racional do homem; mas erravam ao dizer que não havia paixões na parte sensitiva e que a tristeza não tocava o coração do homem sábio. Pois, deixando de lado que eles próprios eram por ela perturbados, como já foi dito, seria possível que a sabedoria nos privasse da misericórdia, que é uma tristeza virtuosa, a qual nos vem ao coração para nos levar ao desejo de livrar o próximo do mal que padece? Também o mais homem de bem de

todo o paganismo, Epicteto, não seguiu esse erro de que as paixões não se levantassem no homem sábio, como atesta Santo Agostinho, o qual mostra ainda que a divergência dos estoicos com os outros filósofos nesse assunto não passou de pura disputa de palavras e debate de linguagem.

Ora, essas afeições que sentimos em nossa parte racional são mais ou menos nobres e espirituais conforme tenham objetos mais ou menos elevados e conforme se encontrem num grau mais eminente do espírito. Pois há em nós afeições que procedem do raciocínio que fazemos segundo a experiência dos sentidos; há outras, formadas sobre o raciocínio tirado das ciências humanas; há ainda outras que provêm dos raciocínios feitos segundo a fé; e há, enfim, as que têm a sua origem no simples sentimento e aquiescência que a alma dá à verdade e à vontade de Deus. As primeiras chamam-se afeições naturais; pois quem é que não deseja naturalmente ter saúde, as provisões necessárias ao vestir e ao alimentar-se, as conversas doces e agradáveis? As segundas chamam-se afeições racionais, porquanto todas se apoiam no conhecimento espiritual da razão, pelo qual a nossa vontade é levada a buscar a tranquilidade do coração, as virtudes morais, a verdadeira honra, a contemplação filosófica das coisas eternas. As afeições da terceira ordem chamam-se cristãs, porque nascem dos raciocínios tirados da doutrina de Nosso Senhor, que nos faz estimar a pobreza voluntária, a castidade perfeita, a glória do Paraíso. Mas as afeições do grau supremo chamam-se divinas e sobrenaturais, porque o próprio Deus as derrama em nossos espíritos e porque olham para Deus e a Ele tendem sem a intervenção de raciocínio algum nem de nenhuma luz natural — como será fácil compreender pelo que diremos adiante a respeito

das aquiescências e sentimentos que se praticam no santuário da alma. E essas afeições sobrenaturais são principalmente três: o amor do espírito às belezas dos mistérios da fé, o amor à utilidade dos bens que nos são prometidos na outra vida, e o amor à soberana bondade da santíssima e eterna Divindade.

CAPÍTULO VI

Como o amor de Deus domina sobre os outros amores

A vontade governa todas as demais faculdades do espírito humano, mas é governada pelo seu amor, que a torna tal qual ele é. Ora, entre todos os amores, o de Deus tem o cetro, e traz de tal modo unida à sua natureza, como coisa que lhe é própria, a autoridade de mandar, que, se não for senhor, deixa de ser e perece.

Ismael não foi herdeiro juntamente com Isaac, seu irmão mais novo (Gl 4, 30); Esaú foi destinado ao serviço do irmão caçula (Rm 9, 13); José foi adorado não somente pelos irmãos, mas também pelo pai, e até mesmo pela mãe, na pessoa de Benjamim, conforme previra nos sonhos de sua juventude (Gn 37, 6). Não é decerto sem mistério que os últimos entre esses irmãos levem assim as vantagens dos primogênitos. O amor divino é verdadeiramente o caçula entre todas as afeições do coração humano; pois, como diz o Apóstolo, *primeiro vem o que é animal, e depois o espiritual* (1Cor 15, 46). Mas esse caçula herda toda a autoridade, e o amor-próprio, como outro Esaú, é destinado ao seu serviço; e não somente todos os demais movimentos da alma, como irmãos seus, o adoram e lhe são submissos, mas também o

entendimento e a vontade, que lhe fazem as vezes de pai e de mãe. Tudo está sujeito a esse amor celeste, que quer sempre ser rei ou não ser nada, não podendo viver sem reinar, nem reinar senão soberanamente.

Isaac, Jacó e José foram filhos sobrenaturais; pois suas mães, Sara, Rebeca e Raquel, sendo estéreis por natureza, os conceberam pela graça da bondade celeste; e por isso foram estabelecidos senhores de seus irmãos. Assim também o amor sagrado é um filho milagroso, visto que a vontade humana não o pode conceber se o Espírito Santo não o derrama em nossos corações; e, sendo sobrenatural, deve presidir e reinar sobre todas as afeições, e até mesmo sobre o entendimento e a vontade.

E, ainda que haja outros movimentos sobrenaturais na alma — o temor, a piedade, a fortaleza, a esperança —, assim como Esaú e Benjamim foram filhos sobrenaturais de Rebeca e de Raquel, ainda assim o divino amor é o senhor, o herdeiro e o superior, por ser filho da promessa (Gl 4, 28), pois é em favor dele que o Céu é prometido ao homem. A salvação é mostrada à fé, é preparada para a esperança, mas só é dada à caridade: a fé mostra o caminho da terra prometida, como uma coluna de nuvem e de fogo, isto é, clara e obscura ao mesmo tempo; a esperança nos alimenta com o seu maná de suavidade; mas é a caridade que nos introduz nela, como a Arca da aliança, que nos abre a passagem do Jordão, isto é, do Juízo, e que permanecerá no meio do povo na terra celeste, prometida aos verdadeiros israelitas, na qual nem a coluna da fé serve mais de guia, nem se alimenta mais o povo do maná da esperança.

O santo amor faz a sua morada na mais alta e elevada região do espírito, onde oferece os seus sacrifícios e holocaustos à

Divindade, assim como Abraão ofereceu o seu (Gn 22, 2), e como Nosso Senhor se imolou no cume do monte Calvário; a fim de que, de um lugar tão elevado, seja ouvido e obedecido pelo seu povo, isto é, por todas as faculdades e afeições da alma, que ele governa com uma doçura sem igual. Pois o amor não tem forçados nem escravos, mas reduz todas as coisas à sua obediência com uma força tão deliciosa que, assim como nada é tão forte quanto o amor, também nada é tão amável quanto a sua força.

As virtudes estão na alma para moderar-lhe os movimentos, e a caridade, como primeira de todas as virtudes, rege-as e tempera-as a todas, não somente porque "o primeiro em cada espécie de coisas serve de regra e medida a todo o resto", mas também porque Deus, tendo criado o homem à sua imagem e semelhança, quer que nele, como Nele mesmo, tudo seja ordenado pelo amor e para o amor.

CAPÍTULO VII

Descrição do amor em geral

A vontade tem, pois, tão grande afinidade com o bem que, tão logo o percebe, volta-se para o seu lado a fim de nele se comprazer, como em seu objeto mais agradável, ao qual está tão estreitamente unida que nem sequer se pode declarar a natureza dela senão pela relação que tem com ele — assim como não se saberia mostrar a natureza do bem senão pela aliança que tem com a vontade. Pois, dize-me, Teótimo: que é o bem senão aquilo que cada um quer? E que é a vontade senão a faculdade que nos leva e nos faz tender ao bem, ou àquilo que ela julga ser bem?

A vontade, portanto, percebendo e sentindo o bem por intermédio do entendimento, que lho apresenta, sente ao mesmo tempo uma súbita deleite e complacência nesse encontro, a qual a move e inclina, doce mas poderosamente, para esse objeto amável, a fim de se unir a ele; e, para chegar a essa união, faz que se procurem todos os meios mais próprios. A vontade tem, pois, uma afinidade estreitíssima com o bem; essa afinidade produz a complacência que a vontade sente ao perceber e sentir o bem; essa complacência move e impele a vontade para o bem; esse movimento tende à união; e, enfim, a vontade, movida e tendendo à união, busca todos os meios necessários para alcançá-la. Certamente, falando em geral, o amor compreende tudo isso junto, como uma bela árvore cuja raiz é a afinidade da vontade com o bem, cujo tronco é a complacência, cujo caule é o movimento; as buscas, as diligências e os demais esforços são os ramos; mas a união e o gozo são o fruto. Assim, o amor parece composto dessas cinco partes principais, sob as quais se contêm muitas outras pequenas peças, como veremos no decorrer da obra.

Consideremos, por favor, o exercício de um amor insensível entre o ímã e o ferro; pois é a verdadeira imagem do amor sensível e voluntário de que falamos. O ferro tem tal afinidade com o ímã que, tão logo lhe percebe a virtude, volta-se para ele; depois começa de repente a mover-se e a agitar-se com pequenos estremecimentos, testemunhando com isso a complacência que sente; em seguida avança e dirige-se para o ímã, buscando todos os meios que pode para se unir a ele. Não estão aí bem representadas, nessas coisas inanimadas, todas as partes de um amor vivo?

Mas, enfim, Teótimo, a complacência e o movimento ou efusão da vontade para a coisa amável são, propriamente falando,

o amor; de tal modo, porém, que a complacência não é senão o começo do amor, e o movimento ou efusão do coração que dela se segue é o verdadeiro amor essencial. De sorte que tanto um como outro pode, na verdade, ser chamado amor, mas de maneiras diversas: pois, assim como a alvorada pode ser chamada dia, também essa primeira complacência do coração na coisa amada pode ser chamada amor, porque é o primeiro sentimento do amor; mas, assim como o verdadeiro coração do dia se toma desde o fim da alvorada até o pôr do sol, também a verdadeira essência do amor consiste no movimento e efusão do coração que se segue imediatamente à complacência e termina na união. Em suma, a complacência é o primeiro abalo ou a primeira emoção que o bem produz na vontade; e essa emoção é seguida do movimento e da efusão pela qual a vontade avança e se aproxima da coisa amada — e isso é o verdadeiro e próprio amor. Digamos assim: o bem toma, prende e liga o coração pela complacência, mas pelo amor o atrai, o conduz e o leva a si; pela complacência o faz sair, mas pelo amor o faz percorrer o caminho e a viagem; a complacência é o despertar do coração, mas o amor é a sua ação; a complacência o faz levantar-se, mas o amor o faz caminhar; o coração estende as asas pela complacência, mas o amor é o seu voo. O amor, portanto, falando com distinção e precisão, não é outra coisa senão o movimento, a efusão e o avanço do coração para o bem.

Muitos grandes personagens acreditaram que o amor não fosse outra coisa senão a própria complacência, e nisso tiveram muita aparência de razão; pois não somente o movimento do amor tira a sua origem da complacência que o coração sente ao primeiro encontro com o bem, e termina numa segunda complacência que volta ao coração pela união com a coisa amada, mas, além disso,

ele tira da complacência a sua conservação, e não pode viver senão por ela, que é sua mãe e sua ama; de sorte que, tão logo cessa a complacência, cessa o amor. E, assim como a abelha, nascendo dentro do mel, do mel se nutre e só voa em busca do mel, também o amor nasce da complacência, mantém-se pela complacência e tende à complacência. O peso das coisas as abala, as move e as detém: é o peso da pedra que lhe dá a emoção e o impulso para descer, tão logo lhe são retirados os obstáculos; é o mesmo peso que a faz continuar o seu movimento para baixo; e é enfim ainda o mesmo peso que a faz parar e aquietar-se quando chegou ao seu lugar. Assim se dá com a complacência, que abala a vontade: é ela que a move e é ela que a faz repousar na coisa amada, quando a ela se uniu. Dependendo, pois, esse movimento de amor da complacência em seu nascimento, em sua conservação e em sua perfeição, e achando-se sempre inseparavelmente unido a ela, não é de admirar que aqueles grandes espíritos tenham julgado que o amor e a complacência fossem uma mesma coisa — embora, na verdade, sendo o amor uma verdadeira paixão da alma, ele não possa ser a simples complacência, mas tenha de ser o movimento que dela procede.

Ora, esse movimento causado pela complacência dura até a união ou o gozo. Por isso, quando tende a um bem presente, não faz senão impelir o coração, apertá-lo, uni-lo e aplicá-lo à coisa amada, da qual por esse meio ele goza; e então se chama amor de complacência, porque, tão logo nasce da primeira complacência, termina naquela segunda que recebe na união com o seu objeto presente. Mas, quando o bem para o qual o coração se voltou, se inclinou e se moveu se encontra distante, ausente ou futuro, ou quando a união ainda não se pode fazer tão perfeitamente quanto

se pretende, então o movimento de amor pelo qual o coração tende, avança e aspira a esse objeto ausente chama-se propriamente desejo; pois o desejo não é outra coisa senão o apetite, a cobiça ou a ânsia das coisas que não temos e que, todavia, pretendemos ter.

Há ainda certos movimentos de amor pelos quais desejamos coisas que de modo algum esperamos nem pretendemos, como quando dizemos: quem me dera estar agora no Paraíso! Eu bem quisera ser rei; prouvera a Deus que eu fosse mais jovem; oxalá eu nunca houvesse pecado, e coisas semelhantes. Ora, esses são desejos, mas desejos imperfeitos, que, ao que me parece, a rigor se chamam anseios; e, de fato, tais afeições não se exprimem como os desejos: pois, quando exprimimos os nossos verdadeiros desejos, dizemos: eu desejo; mas, quando exprimimos os nossos desejos imperfeitos, dizemos: eu desejaria, ou: eu quereria. Podemos muito bem dizer: eu desejaria ser jovem; mas não diremos: eu desejo ser jovem, visto que isso não é possível. E esse movimento chama-se anseio, ou, como dizem os escolásticos, veleidade, que não é outra coisa senão um começo de querer que não tem continuação; porquanto a vontade, vendo que não pode alcançar esse objeto por causa da impossibilidade ou da extrema dificuldade, detém o seu movimento e o faz terminar nessa simples afeição de anseio, como se dissesse: este bem que vejo e a que não posso aspirar é, na verdade, muito agradável para mim; e, ainda que eu não o possa querer nem esperar, contudo, se o pudesse querer ou desejar, de bom grado o desejaria e o quereria. Em suma, esses anseios ou veleidades não são outra coisa senão um pequeno amor, que se pode chamar amor de simples aprovação, porque, sem pretensão alguma, a alma aprova o bem que conhece e, não o

podendo desejar de fato, declara que de bom grado o desejaria e que ele é verdadeiramente desejável.

E não é tudo ainda, Teótimo; pois há desejos e anseios ainda mais imperfeitos do que os que acabamos de dizer, visto que o seu movimento não é detido pela impossibilidade ou pela extrema dificuldade, mas unicamente pela incompatibilidade que têm com outros desejos ou quereres mais poderosos. É como quando um doente deseja comer abóboras ou melões e, ainda que os tenha à sua disposição, não quer todavia comê-los, porque teme agravar o seu mal. Pois quem não vê dois desejos nesse homem: um, de comer as abóboras, e outro, de sarar? Mas, porque o de sarar é maior, ele abafa e sufoca o outro, impedindo-o de produzir qualquer efeito. Jefté ansiava por conservar a filha (Jz 11, 30); mas, porque isso era incompatível com o desejo de cumprir o seu voto, quis o que não ansiava — que era sacrificar a filha — e ansiou o que não quis — que era conservá-la. Pilatos (Jo 19, 12) e Herodes (Mc 6, 20) ansiavam por libertar, um, o Salvador; outro, o Precursor; mas, porque esses anseios eram incompatíveis, o primeiro com o desejo de agradar aos judeus e a César, o segundo com o de agradar a Herodíades e à sua filha, foram anseios vãos e inúteis. Ora, à medida que as coisas incompatíveis com o que se anseia são menos amáveis, tanto mais imperfeitos são os anseios, pois ficam detidos e como que abafados por contrários tão fracos: assim, o anseio que Herodes teve de não fazer morrer São João foi mais imperfeito do que o que Pilatos tinha de libertar Nosso Senhor; pois este temia a calúnia e a indignação do povo e de César, e aquele, apenas contrariar uma mulher.

E esses anseios que são detidos não pela impossibilidade, mas pela incompatibilidade que têm com desejos mais poderosos,

chamam-se na verdade anseios e desejos, mas anseios vãos, sufocados e inúteis. Quanto aos anseios das coisas impossíveis, dizemos: eu anseio, mas não posso; e quanto aos anseios das coisas possíveis, dizemos: eu anseio, mas não quero.

CAPÍTULO VIII

Qual é a conveniência que desperta o amor

Dizemos que o olho vê, que o ouvido escuta, que a língua fala, que o entendimento raciocina, que a memória se recorda e que a vontade ama; sabemos muito bem, contudo, que é o homem, falando com propriedade, quem, por diversas faculdades e diferentes órgãos, realiza toda essa variedade de operações. É, portanto, também o homem quem, pela faculdade afetiva a que chamamos vontade, tende ao bem e nele se compraz, e quem tem com ele aquela grande conveniência que é a fonte e a origem do amor. Ora, não acertaram aqueles que julgaram ser a semelhança a única conveniência capaz de produzir o amor; pois quem não sabe que os velhos mais sensatos amam com ternura e carinho as crianças pequenas, e por elas são reciprocamente amados; que os sábios amam os ignorantes, contanto que sejam dóceis, e os doentes, os seus médicos? E se podemos tirar algum argumento daquela imagem do amor que se vê nas coisas insensíveis, que semelhança pode fazer o ferro correr para o ímã? Não tem um ímã maior semelhança com outro ímã, ou com outra pedra, do que com o ferro, que é de gênero inteiramente diverso? E ainda que alguns, para reduzir todas as conveniências à semelhança, assegurem que o ferro atrai o ferro e o ímã atrai o ímã, nem por

isso saberiam explicar por que o ímã atrai o ferro com mais força do que o próprio ferro atrai o ferro. Mas, peço-lhe, que similitude existe entre a cal e a água, ou entre a água e a esponja? E, no entanto, a cal e a esponja absorvem a água com avidez incomparável, e testemunham para com ela um amor insensível extraordinário. Ora, o mesmo se dá com o amor humano, pois às vezes ele se acende com mais força entre pessoas de qualidades contrárias do que entre aquelas que muito se assemelham.

A conveniência, pois, que causa o amor nem sempre consiste na semelhança, mas na proporção, na relação ou na correspondência entre aquele que ama e a coisa amada; e assim não é a semelhança que torna o médico amável ao doente, mas a correspondência entre a necessidade de um e a suficiência do outro, visto que um precisa do socorro que o outro pode dar; como também o médico ama o doente, e o sábio o seu aprendiz, porque podem exercer sobre eles as suas faculdades. Os velhos amam as crianças, não por simpatia, mas porque a extrema simplicidade, fraqueza e delicadeza de umas realça e faz aparecer melhor a prudência e a segurança dos outros; e essa dessemelhança é agradável. Ao contrário, as criancinhas amam os velhos porque os veem entretidos e ocupados com elas e porque, por um sentimento secreto, reconhecem que precisam de sua condução. Os acordes da música fazem-se na discordância, pela qual as vozes dessemelhantes se correspondem para, todas juntas, formarem um único encontro de proporção; assim como a dessemelhança das pedras preciosas e das flores faz a agradável composição do esmalte e do lavor. Desse modo, o amor não nasce sempre da semelhança e da simpatia, mas da correspondência e da proporção, que consiste em que, pela união de uma coisa com outra, ambas

possam receber mutuamente perfeição e tornar-se melhores. A cabeça, certamente, não se assemelha ao corpo, nem a mão ao braço; e, no entanto, essas coisas têm entre si tão grande correspondência e se ajustam tão perfeitamente uma à outra que, pela sua mútua conjunção, se aperfeiçoam reciprocamente de modo admirável. Por isso, se essas partes tivessem, cada uma, uma alma distinta, amar-se-iam perfeitamente, não por semelhança, pois nenhuma têm entre si, mas pela correspondência que possuem em ordem à sua mútua perfeição. Desta maneira, os melancólicos e os alegres, os ásperos e os brandos por vezes se amam reciprocamente, pelas mútuas impressões que recebem uns dos outros, por meio das quais os seus humores se moderam mutuamente.

Mas, quando essa mútua correspondência se une à semelhança, o amor sem dúvida se gera com muito mais força; pois, sendo a similitude a verdadeira imagem da unidade, quando duas coisas semelhantes se unem por correspondência a um mesmo fim, parece que isso seja antes unidade do que união.

A conveniência, portanto, daquele que ama com a coisa amada é a primeira fonte do amor, e essa conveniência consiste na correspondência, que não é outra coisa senão a mútua relação que torna as coisas capazes de se unirem para comunicarem entre si alguma perfeição. Mas isto se entenderá cada vez melhor no decorrer deste discurso.

CAPÍTULO IX

De como o amor tende à união

O grande Salomão descreve, com um ar deliciosamente admirável, os amores do Salvador e da alma devota, naquela obra divina que, por sua excelente suavidade, se chama Cântico dos Cânticos. E, para nos elevar mais docemente à consideração desse amor espiritual que se exerce entre Deus e nós, pela correspondência dos movimentos de nossos corações com as inspirações de sua divina Majestade, ele emprega uma perpétua representação dos amores de um casto pastor e de uma pudica pastora. Ora, fazendo falar primeiro a Esposa, como que tomada por certa surpresa de amor, põe-lhe logo nos lábios este arroubo: Que ele me beije com um beijo de sua boca! (Ct 1, 1) Veja, Teótimo, como a alma, na pessoa dessa pastora, não pretende, no primeiro desejo que exprime, senão uma casta união com o seu Esposo, como que declarando ser esse o único fim a que aspira e pelo qual respira; pois, peço-lhe, que outra coisa quer dizer este primeiro suspiro: Que ele me beije com um beijo de sua boca?

O beijo, em todos os tempos, como que por instinto natural, foi empregado para representar o amor perfeito, isto é, a união dos corações — e não sem razão. Nós fazemos sair e aparecer as nossas paixões e os movimentos que as nossas almas têm em comum com os animais nos olhos, nas sobrancelhas, na fronte e em todo o restante do rosto. Pelo rosto se conhece o homem (Eclo 19, 26), diz a Escritura; e Aristóteles, explicando por que de ordinário só se pinta o rosto dos grandes homens, diz: "É porque o rosto mostra quem somos."

Mas nem por isso derramamos as nossas palavras nem os pensamentos que procedem da porção espiritual de nossas almas — aquela a que chamamos razão e pela qual nos distinguimos dos animais — senão pela boca; de sorte que derramar a alma e verter o coração não é outra coisa senão falar. Derramai diante de Deus os vossos corações, diz o Salmista (Sl 61, 9), isto é: exprimi e pronunciai em palavras os afetos do vosso coração. E a devota mãe de Samuel, proferindo as suas orações, ainda que tão baixinho que a custo se via o movimento de seus lábios: Derramei, diz ela, a minha alma diante de Deus (1Sm 1, 13). Assim se aplica uma boca à outra quando as pessoas se beijam, para testemunhar que se quereria verter as almas uma dentro da outra reciprocamente, a fim de uni-las com união perfeita; e por isso, em todos os tempos e entre os homens mais santos do mundo, o beijo foi o sinal do amor e da dileção. Assim foi ele universalmente empregado entre os primeiros cristãos, como o grande São Paulo testemunha ao dizer aos Romanos e aos Coríntios: Saudai-vos mutuamente uns aos outros com o ósculo santo (Rm 16, 16; 1Cor 16, 20; 2Cor 13, 12); e, como muitos atestam, Judas, na prisão de Nosso Senhor, empregou o beijo para dá-lo a conhecer (Mt 26, 48), porque esse divino Salvador costumava beijar os seus discípulos quando os encontrava, e não somente os seus discípulos, mas também as crianças pequenas, que tomava amorosamente entre os braços (Mc 10, 16), como fez com aquela pela comparação da qual convidou tão solenemente os seus discípulos à caridade para com o próximo (Mt 18, 1; Mc 9, 35), e que muitos julgam ter sido São Marcial, conforme relata o bispo Jansênio.

Assim, pois, sendo o beijo a marca viva da união dos corações, a Esposa, que em todas as suas buscas não pretende senão estar

unida ao seu Bem-Amado, diz: Que ele me beije com um beijo de sua boca; como se exclamasse: Tantos suspiros e tantos dardos inflamados que o meu coração lança sem cessar, jamais alcançarão aquilo que a minha alma deseja? Eu corro; ah, nunca chegarei ao prêmio para o qual me lanço, que é estar unida coração a coração, espírito a espírito, com o meu Deus, meu Esposo e minha vida? Quando será que derramarei a minha alma dentro do seu coração, e que ele verterá o seu coração dentro da minha alma, e que, assim felizmente unidos, viveremos inseparáveis?

Quando o Espírito divino quer exprimir um amor perfeito, emprega quase sempre palavras de união e de conjunção: na multidão dos que criam, diz São Lucas, havia um só coração e uma só alma (At 4, 32); Nosso Senhor rogou a seu Pai por todos os fiéis, a fim de que todos fossem uma mesma coisa (Jo 17, 21); São Paulo nos adverte que sejamos cuidadosos em conservar a unidade do espírito pelo vínculo da paz (Ef 4, 3). Essas unidades de coração, de alma e de espírito significam a perfeição do amor, que junta muitas almas em uma só: assim se diz que a alma de Jônatas estava colada à alma de Davi (1Sm 18, 1), isto é, como acrescenta a Escritura, ele amou Davi como à sua própria alma. O grande Apóstolo da França, tanto exprimindo o seu próprio sentimento quanto referindo o de seu Hieroteu, escreve, creio eu, cem vezes num só capítulo dos Nomes divinos que o amor é unificante, que ele une, reúne, estreita, recolhe e reconduz as coisas à unidade. São Gregório Nazianzeno e Santo Agostinho dizem que os seus amigos não tinham com eles senão uma só alma; e Aristóteles, aprovando já em seu tempo essa maneira de falar, diz: "Quando queremos exprimir o quanto amamos os nossos amigos, dizemos: a alma deste e a minha alma são uma só." O ódio nos separa, o

amor nos reúne: o fim do amor, portanto, não é outra coisa senão a união daquele que ama com a coisa amada.

CAPÍTULO X

De como a união a que o amor aspira é espiritual

É preciso, contudo, observar que há uniões naturais, como a da semelhança, a da consanguinidade e a da causa com o seu efeito; e outras que, não sendo naturais, podem ser chamadas voluntárias, pois, ainda que sejam conformes à natureza, só se realizam por nossa vontade — como aquela que nasce dos benefícios, os quais unem indubitavelmente quem os recebe a quem os faz, a do convívio e da companhia, e outras semelhantes. Ora, quando a união é natural, ela produz o amor, e o amor que ela produz nos leva a uma nova união voluntária que aperfeiçoa a natural: assim, o pai e o filho, a mãe e a filha, ou dois irmãos, estando naturalmente unidos pela comunicação de um mesmo sangue, são despertados por essa união ao amor, e pelo amor são levados a uma união de vontade e de espírito que pode ser chamada voluntária, visto que, ainda que o seu fundamento seja natural, a sua ação é, no entanto, deliberada; e nesses amores produzidos pela união natural não se deve procurar outra correspondência senão a da própria união, pela qual a natureza, antecipando-se à vontade, a obriga a aprovar, amar e aperfeiçoar a união que ela já fez. Quanto às uniões voluntárias, porém, elas são posteriores ao amor quanto ao efeito e, todavia, causas dele, como seu fim e única pretensão; de sorte que, assim como o amor tende à união, assim também a união muitas vezes estende e engrandece o amor; pois o amor faz

procurar o convívio, e o convívio muitas vezes nutre e acrescenta o amor; o amor faz desejar a união nupcial, e essa união, reciprocamente, conserva e dilata o amor. De modo que é verdade em todos os sentidos que o amor tende à união.

Mas a que espécie de união tende ele? Não notou, Teótimo, que a sagrada Esposa exprime pelo beijo o seu desejo de estar unida ao seu Esposo, e que o beijo representa a união espiritual que se faz pela recíproca comunicação das almas? Certamente é o homem quem ama, mas ele ama pela sua vontade e, por conseguinte, o fim do seu amor é da natureza de sua vontade; ora, a sua vontade é espiritual, e por isso a união a que o seu amor aspira é também espiritual — tanto mais que o coração, sede e fonte do amor, não somente não seria aperfeiçoado pela união que tivesse com as coisas corporais, mas por ela seria aviltado. Não que não haja, Teótimo, certa espécie de paixões no homem que, à maneira do visco que nasce sobre as árvores como excrescência e sobrecrescimento, nascem também muitas vezes em meio ao amor e ao redor do amor; elas, contudo, não são o amor nem parte do amor, mas excrescências e supérfluos dele, os quais não somente não são proveitosos para manter ou aperfeiçoar o amor, mas, ao contrário, muito o prejudicam, o enfraquecem e, por fim, se não forem cortados, o arruínam por completo. E eis a razão disso.

À medida que a nossa alma se ocupa de mais operações, sejam do mesmo gênero, sejam de gêneros diversos, tanto menos perfeita e vigorosamente as faz; porque, sendo ela finita, também o é a sua força de agir, de modo que, repartindo a sua atividade por diversas operações, é forçoso que cada uma delas receba menos. Assim, os homens atentos a muitas coisas o são menos a cada uma delas; ninguém conseguiria examinar com exatidão os traços de um

rosto pela vista e, ao mesmo tempo, escutar com exatidão a harmonia de uma música excelente; nem, num mesmo momento, estar atento à figura e à cor; se estamos entregues a falar, não conseguimos prestar atenção a outra coisa.

Não que eu ignore o que se conta de César, ou que não creia no que tantos grandes personagens asseguraram de Orígenes: que a sua atenção podia aplicar-se ao mesmo tempo a vários objetos. Mas todos confessam que, à medida que eles se aplicavam a mais objetos, ela era menor em cada um deles. Há, portanto, diferença entre ver, ouvir ou saber mais, e ver, ouvir ou saber melhor: pois quem vê melhor vê menos, e quem vê mais não vê tão bem. É raro que os que sabem muito saibam bem aquilo que sabem, porque a virtude e a força do entendimento, derramada no conhecimento de muitas coisas, é menos forte e vigorosa do que quando se recolhe à consideração de um único objeto. Quando, pois, a alma emprega a sua força afetiva em diversas espécies de operações amorosas, é forçoso que a sua ação, assim dividida, seja menos vigorosa e perfeita. Temos três espécies de ações amorosas: as espirituais, as racionais e as sensuais; quando o amor escoa a sua força por todas essas três operações, fica sem dúvida mais extenso, mas menos intenso; e quando escoa apenas por uma espécie de operação, fica mais intenso, ainda que menos extenso. Não vemos que o fogo, símbolo do amor, forçado a sair pela única boca do canhão, produz um estrondo prodigioso, que seria muito menor se tivesse abertura por dois ou três lugares? Já que, portanto, o amor é um ato de nossa vontade, quem o quiser ter não somente nobre e generoso, mas forte, vigoroso e ativo, deve reter-lhe a virtude e a força dentro dos limites das operações espirituais; pois quem quisesse aplicá-lo às operações da parte sensível ou sensitiva

de nossa alma enfraqueceria em outro tanto as operações intelectuais, nas quais, todavia, consiste o amor essencial.

Os filósofos antigos reconheceram que havia duas espécies de êxtase: uma que nos levava acima de nós mesmos, e outra que nos rebaixava abaixo de nós mesmos; como se quisessem dizer que o homem é de natureza intermediária entre os Anjos e os animais, participando da natureza angélica em sua parte intelectual e da natureza animal em sua parte sensitiva; e que, no entanto, ele podia, pelo exercício de sua vida e por um contínuo cuidado de si mesmo, arrancar-se e sair dessa condição intermediária, visto que, aplicando-se e exercitando-se muito nas ações intelectuais, tornava-se mais semelhante aos Anjos do que aos animais; ao passo que, se muito se aplicasse às ações sensuais, descia de sua condição intermediária e se aproximava da dos animais. E, porque o êxtase não é outra coisa senão a saída que se faz de si mesmo, para qualquer lado que dela se saia está-se verdadeiramente em êxtase. Aqueles, pois, que, tocados pelas volúpias divinas e intelectuais, deixam o coração ser arrebatado pelos sentimentos delas, estão realmente fora de si mesmos, isto é, acima da condição de sua natureza; mas por uma saída ditosa e desejável, pela qual, entrando num estado mais nobre e elevado, são tão anjos pela operação de sua alma quanto são homens pela substância de sua natureza, e devem ser chamados ou anjos humanos, ou homens angélicos. Ao contrário, aqueles que, atraídos pelos prazeres sensuais, aplicam as suas almas ao gozo deles descem de sua condição intermediária à mais baixa dos animais brutos, e merecem ser chamados brutais por suas operações tanto quanto são homens por sua natureza: infelizes, porque só saem de si mesmos para entrar numa condição infinitamente indigna de seu estado natural.

Ora, quanto maior é o êxtase, seja acima de nós, seja abaixo de nós, tanto mais ele impede a nossa alma de voltar a si mesma e de fazer operações contrárias ao êxtase em que se encontra. Assim, esses homens angélicos, arrebatados em Deus e nas coisas celestes, perdem inteiramente, enquanto dura o seu êxtase, o uso e a atenção dos sentidos, o movimento e todas as ações exteriores, porque a sua alma, para aplicar a sua virtude e atividade mais inteira e atentamente a esse objeto divino, a retira e recolhe de todas as demais faculdades, a fim de voltá-la toda para aquele lado. E, do mesmo modo, os homens brutais, arrebatados na volúpia sensual — e particularmente quando se trata daquela do sentido geral —, perdem inteiramente o uso e a atenção da razão e do entendimento, porque a sua miserável alma, para sentir mais inteira e atentamente o objeto brutal, se desvia das operações espirituais para afundar-se e converter-se por completo às bestiais e brutais; imitando nisso, misticamente, uns a Elias, arrebatado ao alto no carro inflamado entre os Anjos (2Rs 2, 11), e outros a Nabucodonosor, embrutecido e rebaixado à condição das feras (Dn 4, 30).

Digo agora que, quando a alma pratica o amor por meio das ações sensuais, que a levam abaixo de si mesma, é impossível que não enfraqueça em outro tanto o exercício do amor superior; de sorte que, longe de o amor verdadeiro e essencial ser ajudado e conservado pela união a que tende o amor sensual, ao contrário ele se enfraquece, se dissipa e perece por ela. Os bois de Jó lavravam a terra enquanto as jumentas inúteis pastavam em torno deles (Jó 1, 14), comendo as pastagens devidas aos bois que trabalhavam: enquanto a parte intelectual de nossa alma trabalha no amor honesto e virtuoso, sobre algum objeto que dele seja digno,

acontece muitas vezes que os sentidos e as faculdades da parte inferior tendem à união que lhes é própria e lhes serve de pasto; ainda que a união só seja devida ao coração e ao espírito, o único que também pode produzir o verdadeiro e substancial amor.

Eliseu, tendo servido a Naamã, o sírio, contentou-se em tê-lo obrigado pelo benefício, recusando de resto o seu ouro, a sua prata e os bens que ele lhe havia oferecido; mas Giezi, aquele servo infiel, correndo atrás dele, pediu e tomou, contra a vontade de seu senhor, o que este havia recusado (2Rs 5). Do mesmo modo, o amor intelectual e cordial, que é, decerto, ou deve ser, o senhor em nossa alma, recusa toda sorte de uniões corporais e sensuais, e se contenta com a simples benevolência; mas as potências da parte sensitiva, que são, ou devem ser, as servas do espírito, pedem, procuram e tomam aquilo que a razão recusou e, sem lhe pedir permissão, avançam a querer fazer as suas uniões abjetas e servis, desonrando, como Giezi, a pureza da intenção de seu senhor, que é o espírito; e à medida que a alma se volta para tais uniões grosseiras e sensíveis, ela se desvia da união delicada, intelectual e cordial.

Bem vê, portanto, Teótimo, que essas uniões que dizem respeito às complacências e paixões animais não somente de nada servem para a produção e a conservação do amor, mas lhe são grandemente nocivas e o enfraquecem ao extremo. Assim, quando o incestuoso Amnon, que desfalecia e perecia de amor por Tamar, chegou até as uniões sensuais e brutais, ficou de tal modo privado do amor cordial que nunca mais pôde vê-la, e a expulsou indignamente (2Sm 13), violando tão cruelmente o direito do amor como havia violado impunemente o do sangue.

O manjericão, o alecrim, a manjerona, o hissopo, o cravo-da-índia, a canela, a noz-moscada, os limões e o almíscar, postos juntos e permanecendo em seus corpos, exalam realmente um odor bem agradável pela mistura de seu bom cheiro; mas nem de longe igual ao que produz a água que deles se destila, na qual as suavidades de todos esses ingredientes, separadas de seus corpos, se misturam de modo muito mais excelente, unindo-se num perfume perfeitíssimo, que penetra o olfato muito mais do que fariam se, junto com ela e com a sua água, se encontrassem conjugados e unidos os corpos dos ingredientes. Assim também o amor pode certamente encontrar-se nas uniões das potências sensuais misturadas com as uniões das potências intelectuais, mas nunca de modo tão excelente como quando somente os espíritos e os corações, separados de todas as afeições corporais e unidos entre si, fazem o amor puro e espiritual; pois o odor das afeições assim misturadas não é somente mais suave e melhor, mas mais vivo, mais ativo e mais sólido.

É verdade que muitos, tendo o espírito grosseiro, terrestre e vil, avaliam o valor do amor como o das moedas de ouro, das quais as maiores e mais pesadas são as melhores e mais aceitáveis; pois assim lhes parece que o amor brutal seja mais forte, porque é mais violento e turbulento; mais sólido, porque é grosseiro e terrestre; maior, porque é mais sensível e feroz. Mas, ao contrário, o amor é como o fogo, cuja matéria, quanto mais delicada, tanto mais claras e belas são as suas chamas, as quais não se poderiam apagar melhor do que abafando-as e cobrindo-as de terra; pois, do mesmo modo, quanto mais elevado e espiritual é o objeto do amor, tanto mais vivas, subsistentes e permanentes são as suas ações, e não se poderia arruinar melhor o amor do que rebaixando-o a uniões vis e

terrenas. “Há esta diferença”, como diz São Gregório, “entre os prazeres espirituais e os corporais: os corporais dão desejo antes que se os tenha, e desgosto quando se os tem; os espirituais, ao contrário, dão desgosto antes que se os tenha, e prazer quando se os tem.” De sorte que o amor animal, que pretende, pela união que faz com a coisa amada, encher e aperfeiçoar a sua complacência, ao descobrir que, pelo contrário, a destrói ao terminá-la, fica grandemente desgostoso de tal união; o que fez dizer ao grande Filósofo que quase todo animal, depois de gozado o seu mais ardente e premente prazer corporal, ficava triste, abatido e atônito, como um mercador que, tendo pensado ganhar muito, se vê enganado e metido numa dura perda. Ao contrário, o amor intelectual, encontrando na união que faz com o seu objeto mais contentamento do que esperava, e nela aperfeiçoando a sua complacência, a continua unindo-se, e sempre mais se une continuando-a.

CAPÍTULO XI

De como há duas porções na alma, e de que maneira

Não temos senão uma alma, Teótimo, e ela é indivisível; mas nessa alma há diversos graus de perfeição, pois ela é vivente, sensitiva e racional, e segundo esses diversos graus tem também diversidade de propriedades e inclinações, pelas quais é levada a fugir das coisas ou a unir-se a elas. Pois, em primeiro lugar, assim como vemos que a videira odeia, por assim dizer, e foge das couves, de tal modo que uma prejudica a outra, e que, ao contrário, ela se compraz com a oliveira, assim também vemos que há

naturalmente contrariedade entre o homem e a serpente, a ponto de a simples saliva do homem em jejum fazer morrer a serpente; e que, ao contrário, o homem e a ovelha têm uma admirável conveniência e se comprazem um com o outro. Ora, essa inclinação não procede de nenhum conhecimento que um tenha do dano que lhe vem de seu contrário, ou da utilidade daquele com que tem conveniência, mas somente de uma propriedade oculta e secreta que produz essa contrariedade e antipatia insensível, como também a complacência e a simpatia.

Em segundo lugar, temos em nós o apetite sensitivo, por meio do qual somos levados a buscar muitas coisas e a fugir delas, pelo conhecimento sensível que delas temos; do mesmo modo que os animais, dos quais uns apetecem uma coisa e outros outra, segundo o conhecimento que têm de que ela lhes convém ou não. E nesse apetite reside, ou dele provém, o amor a que chamamos sensual ou brutal, o qual, a rigor, não deve, contudo, ser chamado amor, mas simplesmente apetite.

Em terceiro lugar, enquanto somos racionais, temos uma vontade pela qual somos levados a buscar o bem, segundo o conhecemos e julgamos ser tal pelo raciocínio. Ora, em nossa alma, enquanto ela é racional, notamos manifestamente dois graus de perfeição, que o grande Santo Agostinho, e depois dele todos os doutores, chamaram duas porções da alma, a inferior e a superior. Diz-se inferior aquela que raciocina e tira as suas consequências segundo o que aprende e experimenta pelos sentidos; e diz-se superior aquela que raciocina e tira as suas consequências segundo o conhecimento intelectual, que não se funda na experiência dos sentidos, mas no discernimento e no juízo do espírito. Por isso essa porção superior é comumente

chamada espírito e parte mental da alma, como a inferior é ordinariamente chamada o sentido, ou sentimento, e razão humana.

Ora, essa porção superior pode raciocinar segundo duas espécies de luzes: ou segundo a luz natural, como fizeram os filósofos e todos os que raciocinaram pela ciência; ou segundo a luz sobrenatural, como fazem os teólogos e os cristãos, enquanto fundam os seus discursos na fé e na palavra de Deus revelada; e ainda mais particularmente aqueles cujo espírito é conduzido por iluminações, inspirações e moções celestes particulares. É o que diz Santo Agostinho: que a porção superior da alma é aquela pela qual aderimos e nos aplicamos à obediência da lei eterna.

Jacó, premido pela extrema necessidade de sua família, deixou partir o seu Benjamim, para ser levado ao Egito por seus irmãos; o que fez contra a sua vontade, como assegura a História sagrada (Gn 43, 6). Nisso ele dá testemunho de duas vontades: uma inferior, pela qual lhe custava enviá-lo; a outra superior, pela qual resolveu enviá-lo. Pois o raciocínio pelo qual lhe custava enviá-lo fundava-se no prazer que sentia em tê-lo perto de si e no desgosto que lhe advinha da separação dele, os quais são fundamentos perceptíveis e sensíveis; ao passo que a resolução que tomou de enviá-lo se fundava numa razão relativa ao estado de sua família, pela previsão da necessidade futura e próxima. Abraão, segundo a porção inferior de sua alma, disse aquela palavra que testemunha certa espécie de desconfiança, quando o Anjo lhe anunciou que teria um filho: Pensais que a um homem de cem anos possa nascer um menino? (Gn 17, 17); mas, segundo a superior, creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça (Gn 15, 6). Segundo a porção inferior, ficou sem dúvida grandemente perturbado quando lhe

foi ordenado sacrificar o seu filho (Gn 22, 2); mas, segundo a superior, determinou-se a sacrificá-lo corajosamente.

Todos os dias experimentamos ter muitas vontades contrárias. Um pai, ao enviar o filho para a corte ou para os estudos, não deixa de chorar ao despedir-se dele, testemunhando que, embora queira, segundo a porção superior, a partida desse filho para o seu progresso na virtude, tem, no entanto, segundo a inferior, repugnância à separação. E, ainda que uma filha se case com o beneplácito de seu pai e de sua mãe, ao receber a bênção deles provoca lágrimas, de sorte que a vontade superior consente na sua partida, enquanto a inferior mostra resistência. Ora, nem por isso se há de dizer que existam no homem duas almas, ou duas naturezas, como pensavam os maniqueus. "Não", diz Santo Agostinho, no livro oitavo de suas Confissões, capítulo décimo, "mas a vontade, atraída por diversos encantos, movida por diversas razões, parece estar dividida em si mesma enquanto é puxada de dois lados, até que, tomando partido segundo a sua liberdade, siga um ou outro"; pois então a vontade mais poderosa vence e, ganhando a dianteira, não deixa à alma senão o ressentimento do mal que o debate lhe causou, ao qual chamamos contragosto.

Mas o exemplo de Nosso Senhor é admirável para este assunto, e, depois de considerá-lo, não há mais como duvidar da distinção entre a porção superior e a inferior da alma. Pois quem, entre os teólogos, não sabe que ele foi perfeitamente glorioso desde o instante de sua concepção no ventre da Virgem? E, no entanto, esteve ao mesmo tempo sujeito às tristezas, pesares e aflições do coração. E não se deve dizer que ele sofreu somente segundo o corpo, nem mesmo segundo a alma enquanto ela era sensível, ou,

o que é o mesmo, segundo o sentido; pois ele mesmo atesta que, antes de sofrer qualquer tormento exterior, e antes mesmo de ver os algozes junto de si, a sua alma estava triste até a morte (Mt 26, 38). Em seguida ao que fez a oração de que o cálice da Paixão fosse afastado dele, isto é, que dele fosse isento; com o que exprime manifestamente o querer da porção inferior de sua alma, a qual, raciocinando sobre os tristes e angustiosos objetos da Paixão que lhe estava preparada, e cuja viva imagem se representava em sua imaginação, daí tirou, por uma consequência muito razoável, a fuga e o afastamento deles, que ele pede a seu Pai. Por onde se observa claramente que a porção inferior da alma não é a mesma coisa que o grau sensitivo dela, nem a vontade inferior uma mesma coisa com o apetite sensual; pois nem o apetite sensual nem a alma segundo o seu grau sensitivo são capazes de fazer qualquer pedido ou oração, que são atos da faculdade racional; e particularmente não são capazes de falar a Deus, objeto ao qual os sentidos não podem atingir, para dele darem conhecimento ao apetite. Mas esse mesmo Salvador, tendo feito esse exercício da porção inferior e testemunhado que, segundo ela e as considerações que fazia, a sua vontade se inclinava à fuga das dores e das penas, mostrou depois que tinha a porção superior, pela qual, aderindo inviolavelmente à vontade eterna e ao decreto que o Pai celeste havia estabelecido, aceita voluntariamente a morte e, não obstante a repugnância da parte inferior da razão, diz: Ah, não, meu Pai, não se faça a minha vontade, mas a vossa (Lc 22, 42). Quando diz minha vontade, fala de sua vontade segundo a porção inferior; e, visto que diz isso voluntariamente, mostra que tem uma vontade superior.

CAPÍTULO XII

De como nessas duas porções da alma há quatro graus diferentes de razão

Havia três átrios no Templo de Salomão: um era para os gentios e estrangeiros que, querendo recorrer a Deus, vinham adorar em Jerusalém; o segundo era para os israelitas, homens e mulheres (pois a separação das mulheres não foi feita por Salomão); o terceiro era para os sacerdotes e para a ordem levítica; e, enfim, além de tudo isso, havia o Santuário, ou casa sagrada, ao qual somente o sumo sacerdote tinha acesso uma vez por ano (Hb 9, 7). A nossa razão, ou, para melhor dizer, a nossa alma enquanto é racional, é o verdadeiro templo do grande Deus, que nela reside mais particularmente. "Eu te procurava", diz Santo Agostinho, "fora de mim, e não te encontrava, porque tu estavas dentro de mim." Nesse templo místico há também três átrios, que são três diferentes graus de razão: no primeiro, raciocinamos segundo a experiência dos sentidos; no segundo, raciocinamos segundo as ciências humanas; no terceiro, raciocinamos segundo a fé; e, enfim, além disso, há certa eminência e suprema ponta da razão e da faculdade espiritual, que não é conduzida pela luz do raciocínio nem da razão, mas por uma simples visão do entendimento e um simples sentimento da vontade, pelos quais o espírito consente e se submete à verdade e à vontade de Deus.

Ora, essa extremidade e cimo de nossa alma, essa ponta suprema de nosso espírito, é com toda a naturalidade bem representada pelo Santuário, ou casa sagrada. Pois, primeiro: no Santuário não havia janelas que o iluminassem; nesse grau do

espírito não há raciocínio que ilumine. Segundo: no Santuário toda a luz entrava pela porta; nesse grau do espírito nada entra senão pela fé, a qual produz, como que à maneira de raios, a visão e o sentimento da beleza e da bondade do beneplácito de Deus. Terceiro: ninguém entrava no Santuário senão o sumo sacerdote; nessa ponta da alma o raciocínio não tem acesso, mas somente o grande, universal e soberano sentimento de que a vontade divina deve ser soberanamente amada, aprovada e abraçada, não somente em particular por alguma coisa, mas em geral por todas as coisas, e em particular por cada coisa. Quarto: o sumo sacerdote, ao entrar no Santuário, escurecia ainda mais a luz que entrava pela porta, lançando muitos perfumes dentro do seu turíbulo, cuja fumaça repelia os raios de claridade que a abertura da porta deixava passar; e toda a visão que se faz na suprema ponta da alma é de certo modo obscurecida e coberta pelas renúncias e resignações que a alma faz, não querendo tanto olhar e ver a beleza da verdade e a verdade da bondade que lhe é representada, quanto abraçá-la e adorá-la: de sorte que a alma quase quereria fechar os olhos assim que começou a ver a dignidade da vontade de Deus, a fim de que, sem se ocupar mais em considerá-la, pudesse mais poderosa e perfeitamente aceitá-la e, por uma complacência absoluta, unir-se infinitamente a ela e a ela submeter-se.

Enfim, quinto: no Santuário estava a Arca da aliança e, dentro dela, ou pelo menos junto a ela, estavam as tábuas da Lei, o maná numa urna de ouro e a vara de Aarão, que floresceu e frutificou numa só noite (Hb 9, 4); e nessa suprema ponta do espírito encontram-se: primeiro, a luz da fé, representada pelo maná escondido na urna, pela qual consentimos na verdade dos mistérios que não entendemos; segundo, a utilidade da esperança,

representada pela vara florida e fecunda de Aarão, pela qual consentimos nas promessas dos bens que não vemos; terceiro, a suavidade da santíssima caridade, representada nos mandamentos de Deus, que ela compreende, pela qual consentimos na união de nosso espírito com o de Deus, união que quase não sentimos. Pois, ainda que a fé, a esperança e a caridade derramem o seu divino movimento por quase todas as faculdades da alma, tanto racionais quanto sensitivas, reduzindo-as e sujeitando-as santamente sob a sua justa autoridade, a sua morada especial, a sua verdadeira e natural sede está nessa suprema ponta da alma, de onde, como de uma ditosa fonte de águas vivas, elas se espalham por diversas nascentes e regatos sobre as partes e faculdades inferiores.

De modo, Teótimo, que na parte superior da razão há dois graus: num deles se fazem os raciocínios que dependem da fé e da luz sobrenatural, e no outro se fazem os simples consentimentos da fé, da esperança e da caridade. A alma de São Paulo sentiu-se premida por dois desejos diversos: um deles era ser desatado de seu corpo para ir ao Céu com Jesus Cristo, e o outro, permanecer neste mundo para servir à conversão dos povos (Fl 1, 23). Um e outro desejo estavam sem dúvida na parte superior, pois ambos procediam da caridade; mas a resolução de seguir o último não se fez por raciocínio, e sim por uma simples visão e um simples sentimento da vontade do Mestre, à qual somente a ponta do espírito desse grande servo consentiu, em prejuízo de tudo quanto o raciocínio podia concluir.

Mas, se a fé, a esperança e a caridade se formam por esse santo consentimento na ponta do espírito, como é que no grau inferior se podem fazer os raciocínios que dependem da luz da fé? Assim como vemos que os advogados no tribunal disputam com muitos

argumentos sobre os fatos e os direitos das partes, e que o Parlamento, ou Senado, resolve do alto todas as dificuldades por uma sentença, a qual, uma vez pronunciada, não impede que os advogados e os ouvintes continuem a discutir entre si sobre os motivos que o Parlamento pode ter tido; do mesmo modo, Teótimo, depois que os raciocínios, e sobretudo a graça de Deus, persuadiram a ponta e suprema eminência do espírito a consentir e a formar o ato de fé à maneira de sentença, o entendimento não deixa de raciocinar de novo sobre essa mesma fé já concebida, para considerar os seus motivos e razões; entretanto, os raciocínios da teologia se fazem no foro e na barra da porção superior da alma, e os consentimentos, no alto, na sede e no tribunal da ponta do espírito. Ora, porque o conhecimento desses quatro diversos graus de razão é grandemente necessário para entender todos os tratados das coisas espirituais, quis explicá-lo com bastante amplitude.

CAPÍTULO XIII

Da diferença dos amores

1. Divide-se o amor em duas espécies, das quais uma se chama amor de benevolência e a outra, amor de cobiça. O amor de cobiça é aquele pelo qual amamos alguma coisa pelo proveito que dela pretendemos; o amor de benevolência é aquele pelo qual amamos alguma coisa pelo bem dela mesma — pois que outra coisa é ter amor de benevolência para com uma pessoa senão querer-lhe bem?

2. Se aquele a quem queremos bem já o tem e o possui, então nós lho queremos pelo prazer e contentamento que temos de que ele o tenha e o possua; e assim se forma o amor de complacência, que não é outra coisa senão o ato da vontade pelo qual ela se une e se ajunta ao prazer, ao contentamento e ao bem de outrem. Mas, se aquele a quem queremos bem ainda não o tem, nós lho desejamos, e por isso esse amor se chama amor de desejo.

3. Quando o amor de benevolência é exercido sem correspondência da parte da coisa amada, chama-se amor de simples benevolência; quando é acompanhado de mútua correspondência, chama-se amor de amizade. Ora, a mútua correspondência consiste em três pontos: é preciso que os amigos se amem reciprocamente, que saibam que se amam e que tenham entre si comunicação, intimidade e familiaridade.

4. Se amamos simplesmente o amigo, sem o preferir aos outros, a amizade é simples; se o preferimos, então essa amizade se chamará dileção, como quem dissesse amor de eleição, porque, entre muitas coisas que amamos, escolhemos aquela para preferi-la.

5. Ora, quando por essa dileção não preferimos muito um amigo aos outros, ela se chama simples dileção; mas quando, ao contrário, preferimos grandemente e de muito um amigo aos outros de sua condição, então essa amizade se chama dileção de excelência.

6. E se a estima e a preferência que damos ao amigo, ainda que grande e sem igual, não deixa, contudo, de poder entrar em comparação e proporção com as outras, a amizade se chamará

dileção eminente. Mas, se a eminência dessa amizade está fora de proporção e de comparação acima de qualquer outra, então será chamada dileção incomparável, soberana, sobre-eminente e, numa palavra, será a caridade, que só é devida a um único Deus. E, de fato, em nossa própria língua, as palavras caro, caramente, encarecer representam certa estima, um preço, um valor particular; de sorte que, assim como a palavra homem ficou entre o povo quase reservada aos varões, como ao sexo mais excelente, e a de adoração ficou também quase reservada a Deus, como ao seu principal objeto, assim o nome de caridade ficou reservado ao amor de Deus, como à suprema e soberana dileção.

CAPÍTULO XIV

De como a caridade deve ser chamada amor

Orígenes diz em algum lugar que, a seu ver, a Escritura divina, querendo impedir que o nome de amor desse ocasião a algum mau pensamento aos espíritos fracos, por ser mais próprio para significar uma paixão carnal do que uma afeição espiritual, em lugar desse nome de amor usou os de caridade e de dileção, que são mais honestos. Ao contrário, Santo Agostinho, tendo considerado melhor o uso da Palavra de Deus, mostra claramente que o nome de amor não é menos sagrado que o de dileção, e que tanto um como o outro significam às vezes uma afeição santa, e às vezes também uma paixão depravada; alegando para esse fim várias passagens da Escritura. Mas o grande São Dionísio, como excelente Doutor da propriedade dos nomes divinos, fala de

maneira muito mais vantajosa em favor do nome de amor, ensinando que os teólogos — isto é, os Apóstolos e os primeiros discípulos deles (pois esse Santo não havia conhecido outros teólogos) —, para desenganar o vulgo e domar a sua fantasia, que tomava o nome de amor em sentido profano e carnal, o empregaram de melhor grado nas coisas divinas do que o de dileção; e, ainda que julgassem que um e outro se tomavam por uma mesma coisa, "pareceu, todavia, a alguns dentre eles que o nome de amor era mais próprio e conveniente a Deus do que o de dileção; tanto que o divino Inácio escreveu estas palavras: Meu amor está crucificado." Assim, como esses antigos teólogos empregavam o nome de amor nas coisas divinas, a fim de lhe tirar o cheiro de impureza de que era suspeito segundo a imaginação do mundo, do mesmo modo, para exprimir as afeições humanas, comprouveram-se em usar o nome de dileção, como isento da suspeita de desonestidade; e por isso um deles disse, segundo refere São Dionísio: "A tua dileção entrou em minha alma, como a dileção das mulheres." Enfim, o nome de amor exprime mais fervor, mais eficácia e mais atividade do que o de dileção; de sorte que, entre os latinos, dileção é muito menos que amor: "Clódio", diz o grande Orador deles, "tem dileção por mim; e, para dizê-lo de modo mais excelente, ele me ama." E, portanto, o nome de amor, como mais excelente, foi justamente dado à caridade, como ao principal e mais eminente de todos os amores. De sorte que, por todas essas razões, e porque eu pretendia falar dos atos da caridade mais do que do hábito dela, chamei esta pequena obra de Tratado do Amor de Deus.

CAPÍTULO XV

Da conveniência que existe entre Deus e o homem

Assim que o homem pensa com um pouco de atenção na Divindade, sente uma certa doce emoção do coração, que testemunha que Deus é o Deus do coração humano; e jamais o nosso entendimento tem tanto prazer como neste pensamento da Divindade, cujo menor conhecimento, como diz o príncipe dos filósofos, vale mais do que o maior conhecimento das outras coisas, assim como o menor raio do sol é mais claro do que o maior da lua e das estrelas juntas. E se algum acidente espanta o nosso coração, imediatamente ele recorre à Divindade, confessando que, quando tudo lhe é mau, só ela lhe é boa, e que, quando está em perigo, só ela, como seu soberano bem, pode salvá-lo e protegê-lo.

Este prazer, esta confiança que o coração humano deposita naturalmente em Deus, não pode certamente provir senão da conveniência que há entre essa divina Bondade e a nossa alma: conveniência grande, mas secreta; conveniência que todos conhecem, mas que poucos entendem; conveniência que não se pode negar, mas que não se pode penetrar bem. Fomos criados à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26): que quer dizer isso, senão que temos uma extrema conveniência com sua divina Majestade?

Nossa alma é espiritual, indivisível, imortal; entende, quer, e quer livremente; é capaz de julgar, raciocinar, saber e possuir virtudes: e nisso ela se assemelha a Deus. Ela reside toda em todo o seu corpo, e toda em cada uma das partes dele, assim como a Divindade está toda em todo o mundo, e toda em cada parte do

mundo. O homem se conhece e se ama a si mesmo por atos produzidos e expressos de seu entendimento e de sua vontade, os quais, procedendo do entendimento e da vontade, distintos um do outro, permanecem contudo inseparavelmente unidos na alma e nas faculdades de que procedem. Assim o Filho procede do Pai, como seu conhecimento expresso, e o Espírito Santo, como o amor espirado e produzido do Pai e do Filho; uma e outra Pessoas distintas entre si e do Pai, e no entanto inseparáveis e unidas, ou antes, uma mesma, única, simples e absolutamente una e indivisível Divindade.

Mas, além dessa conveniência de semelhança, há uma correspondência sem igual entre Deus e o homem, para a recíproca perfeição de ambos; não que Deus possa receber alguma perfeição do homem, mas porque, assim como o homem não pode ser aperfeiçoado senão pela divina Bondade, também a divina Bondade não pode exercer tão bem a sua perfeição fora de si como em relação à nossa humanidade: uma tem grande necessidade e grande capacidade de receber o bem, e a outra tem grande abundância e grande inclinação para dá-lo. Nada é tão apropriado à indigência quanto uma abundância generosa, nada tão agradável a uma abundância generosa quanto uma indigência necessitada; e quanto mais o bem tem de abundância, mais forte é a inclinação de derramar-se e comunicar-se; quanto mais o indigente é necessitado, mais ávido está de receber, como um vazio de se encher. É, pois, doce e desejável o encontro da abundância com a indigência, e quase não se poderia dizer quem tem maior contentamento — se o bem abundante em derramar-se e comunicar-se, ou o bem carente e indigente em receber e haurir —, se Nosso Senhor não tivesse dito que é coisa mais feliz dar do

que receber (At 20, 35). Ora, onde há mais felicidade, há mais satisfação; a divina Bondade tem, portanto, mais prazer em dar suas graças do que nós em recebê-las. As mães têm por vezes os seios tão fecundos e abundantes que não podem suportar sem oferecê-los a alguma criança; e embora a criança sugue o peito com grande avidez, a ama o oferece com ardor ainda maior; a criança mamando, premida por sua necessidade, e a mãe amamentando, premida por sua fecundidade.

A Esposa sagrada havia desejado o santo beijo de união: Oh, diz ela, que ele me beije com um beijo de sua boca (Ct 1, 1)! Mas há bastante conveniência, ó bem-amada do Bem-Amado, entre vós e o Esposo, para chegar à união que desejais? Sim, diz ela, dai-me esse beijo de união, ó querido amigo de minha alma, pois tendes seios melhores que o vinho, perfumados de excelentes aromas (Ct 1, 1). O vinho novo fermenta e se aquece em si mesmo pela força de sua bondade, e não se pode conter nos tonéis; mas os vossos seios são ainda melhores: eles comprimem o vosso peito com ímpetos contínuos, impelindo o seu leite que transborda, como que pedindo para serem aliviados; e para atrair as crianças do vosso coração a vir mamá-los, eles exalam um perfume mais atraente do que todos os aromas dos bálsamos. Assim, Teótimo, a nossa carência tem necessidade da abundância divina por penúria e necessidade, mas a abundância divina não tem necessidade da nossa indigência senão por excelência de perfeição e bondade: bondade que, contudo, não se torna melhor ao comunicar-se, pois nada adquire ao derramar-se fora de si — ao contrário, ela dá; mas a nossa indigência permaneceria carente e miserável se a abundância da bondade não a socorresse.

Nossa alma, portanto, considerando que nada a contenta perfeitamente e que sua capacidade não pode ser preenchida por coisa alguma que exista no mundo, vendo que seu entendimento tem uma inclinação infinita de saber sempre mais, e sua vontade um apetite insaciável de amar e encontrar o bem, não tem ela razão de exclamar: Ah, então eu não fui feita para este mundo! Há algum bem soberano do qual dependo, e algum artífice infinito que imprimiu em mim este desejo interminável de saber e este apetite que não pode ser saciado: por isso é preciso que eu tenda e me estenda para ele, para unir-me e juntar-me à sua bondade, à qual pertenço e de quem sou. Tal é a conveniência que temos com Deus.

CAPÍTULO XVI

Que temos uma inclinação natural de amar a Deus sobre todas as coisas

Se houvesse homens que estivessem na integridade e retidão original em que Adão se encontrava no momento de sua criação, ainda que, de resto, não tivessem nenhuma outra assistência de Deus além daquela que ele dá a cada criatura para que possa realizar as ações que lhe são próprias, não somente teriam a inclinação de amar a Deus sobre todas as coisas, mas também poderiam naturalmente pôr em prática essa inclinação tão justa: pois, assim como esse divino Autor e Mestre da natureza coopera e empresta sua mão forte ao fogo para subir, às águas para correr rumo ao mar, à terra para descer e ali permanecer quando lá está; assim também, tendo ele mesmo plantado no coração do homem

uma especial inclinação natural, não somente de amar o bem em geral, mas de amar em particular e sobre todas as coisas a sua divina Bondade, que é melhor e mais amável que todas as coisas, a suavidade de sua providência soberana exigiria que ele concedesse também àqueles homens bem-aventurados de que acabamos de falar tanto socorro quanto fosse necessário para que essa inclinação fosse praticada e efetivada. E esse socorro, por um lado, seria natural, como conveniente à natureza e tendendo ao amor de Deus enquanto Autor e soberano Mestre da natureza; e por outro lado seria sobrenatural, porque corresponderia não à natureza simples do homem, mas à natureza ornada, enriquecida e honrada pela justiça original, que é uma qualidade sobrenatural procedente de um favor muito especial de Deus. Mas, quanto ao amor sobre todas as coisas que seria praticado segundo esse socorro, seria chamado natural, porquanto as ações virtuosas tomam o nome de seus objetos e motivos, e esse amor de que falamos tenderia somente a Deus, enquanto reconhecido como Autor, Senhor e soberano fim de toda criatura pela só luz natural, e por conseguinte amável e estimável sobre todas as coisas por inclinação e propensão natural.

Ora, embora o estado de nossa natureza humana não esteja agora dotado da saúde e retidão original que o primeiro homem tinha em sua criação, e embora, ao contrário, estejamos grandemente depravados pelo pecado, ainda assim a santa inclinação de amar a Deus sobre todas as coisas nos permaneceu, como também a luz natural pela qual conhecemos que sua soberana bondade é amável sobre todas as coisas; e não é possível que um homem, pensando atentamente em Deus, ainda que apenas pelo simples raciocínio natural, não sinta um certo

impulso de amor que a secreta inclinação de nossa natureza suscita no fundo do coração, pelo qual, à primeira apreensão desse primeiro e soberano objeto, a vontade é prevenida e se sente movida a comprazer-se nele.

Entre as perdizes acontece com frequência que umas roubam os ovos das outras para chocá-los (Jr 17, 11), seja pela avidez que têm de ser mães, seja pela sua estupidez, que as faz não reconhecer os próprios ovos. E eis aqui coisa estranha, mas contudo bem atestada: o perdigoto que tiver sido chocado e criado sob as asas de uma perdiz estranha, ao primeiro chamado que ouve de sua verdadeira mãe, aquela que pôs o ovo do qual ele proveio, deixa a perdiz ladra, entrega-se à sua primeira mãe e se põe a segui-la, pela correspondência que tem com sua primeira origem; correspondência, porém, que não aparecia, mas que permanecera secreta, oculta e como que adormecida no fundo da natureza, até o encontro com seu objeto, quando, subitamente despertada e como que acordada, ela produz o seu efeito e impele o instinto do perdigoto ao seu primeiro dever. O mesmo acontece, Teótimo, com o nosso coração; pois, embora ele seja chocado, nutrido e criado em meio às coisas corporais, baixas e transitórias, e, por assim dizer, sob as asas da natureza, contudo, ao primeiro olhar que lança a Deus, ao primeiro conhecimento que dele recebe, a natural e primeira inclinação de amar a Deus, que estava como que entorpecida e imperceptível, desperta num instante e aparece de improviso, como uma centelha que salta de entre as cinzas, a qual, tocando a nossa vontade, lhe dá um impulso do amor supremo devido ao soberano e primeiro Princípio de todas as coisas.

CAPÍTULO XVII

Que não temos naturalmente o poder de amar a Deus sobre todas as coisas

As águias têm um grande coração e muita força para voar; têm, contudo, incomparavelmente mais vista do que voo, e estendem muito mais depressa e mais longe o olhar do que as asas. Assim os nossos espíritos, animados de uma santa inclinação natural para a Divindade, têm bem mais clareza no entendimento para ver quanto ela é amável do que força na vontade para amá-la; pois o pecado debilitou muito mais a vontade humana do que obscureceu o entendimento, e a rebelião do apetite sensual, que chamamos concupiscência, perturba, é verdade, o entendimento, mas é sobretudo contra a vontade que ela excita a sedição e a revolta; de modo que a pobre vontade, já toda enferma, agitada pelos contínuos assaltos que a concupiscência lhe move, não pode fazer tão grande progresso no amor divino como a razão e a inclinação natural lhe sugerem que deveria fazer. Ai, Teótimo, que belos testemunhos, não somente de um grande conhecimento de Deus, mas também de uma forte inclinação para ele, foram deixados por aqueles grandes filósofos, Sócrates, Epicteto! Sócrates, o mais louvado dentre eles, conhecia claramente a unidade de Deus, e tinha tanta inclinação a amá-lo que, como testemunha Santo Agostinho (A Cidade de Deus, VIII, 3), muitos julgaram que ele nunca ensinou a filosofia moral por outra razão senão para purificar os espíritos, a fim de que pudessem contemplar melhor o soberano bem, que é a única Divindade. E quanto a Platão, ele se declara suficientemente na célebre

definição da filosofia e do filósofo, dizendo que filosofar não é outra coisa senão amar a Deus, e que o filósofo não é outro senão o amante de Deus. Que direi do grande Aristóteles, que com tanta eficácia prova a unidade de Deus e dela falou tão honrosamente em tantas passagens?

Mas, ó Deus eterno! esses grandes espíritos, que tinham tanto conhecimento da Divindade e tanta propensão a amá-la, todos careceram de força e de coragem para amá-la como convém. Pelas criaturas visíveis conheceram as coisas invisíveis de Deus, e até mesmo o seu eterno poder e Divindade, diz o grande Apóstolo (Rm 1, 20); de sorte que são inescusáveis, porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram ações de graças. Eles o glorificaram, sim, de algum modo, dando-lhe soberanos títulos de honra, mas não o glorificaram como era preciso glorificá-lo, isto é, não o glorificaram sobre todas as coisas; e não tendo tido a coragem de derrubar a idolatria, mas convivendo com os idólatras, retendo na injustiça a verdade que conheciam, prisioneira dentro de seus corações, e preferindo a honra e o vão sossego de suas vidas à honra que deviam a Deus, desvaneceram-se em seus raciocínios.

Não é grande pena, Teótimo, ver Sócrates, no relato de Platão, falar ao morrer dos deuses como se houvesse muitos (A Cidade de Deus, VIII, 12), ele que sabia tão bem que não havia senão um só? Não é coisa deplorável que Platão tenha ordenado que se sacrificasse a muitos deuses, ele que conhecia tão bem a verdade da unidade divina? E Hermes Trismegisto não é lamentável, por lamentar e deplorar tão covardemente a abolição da idolatria (A Cidade de Deus, VIII, 23), ele que em tantas passagens havia falado tão dignamente da Divindade?

Mas sobretudo me admira o pobre bom homem Epicteto, cujas palavras e sentenças são tão doces de ler em nossa língua, pela tradução que a douta e bela pena do Reverendo Dom João de São Francisco, Provincial da Congregação dos Folhetinos nas Gálias, há pouco expôs aos nossos olhos. Pois que compaixão, pergunto-vos, ver esse excelente filósofo falar por vezes de Deus com tanto gosto, sentimento e zelo, que o tomaríamos por um cristão saindo de alguma santa e profunda meditação, e no entanto, em outras passagens, de ocasião em ocasião, mencionar os deuses à maneira pagã? Ah, esse bom homem, que conhecia tão bem a unidade divina e tinha tanto gosto pela bondade dela, por que não teve o santo zelo da honra divina, para não vacilar nem dissimular em assunto de tão grande importância?

Em suma, Teótimo, a nossa mísera natureza, ferida pelo pecado, faz como as palmeiras que temos por aqui, que produzem, é verdade, certos frutos imperfeitos e como que ensaios de seus frutos, mas dar tâmaras inteiras, maduras e sazonadas, isso está reservado a regiões mais quentes. Pois assim o nosso coração humano produz naturalmente certos começos de amor para com Deus; mas chegar a amá-lo sobre todas as coisas, que é a verdadeira maturidade do amor devido a essa suprema Bondade, isso não pertence senão aos corações animados e assistidos pela graça celeste e que estão no estado da santa caridade; e esse pequeno amor imperfeito, cujos impulsos a natureza sente em si mesma, não é senão um certo querer sem querer, um querer que quereria mas não quer, um querer estéril que não produz verdadeiros efeitos, um querer paralítico que vê a piscina salutar do santo amor mas não tem força para nela lançar-se (Jo 5, 7); e enfim, esse querer é um aborto da boa vontade, que não tem a vida do generoso vigor

requerido para, de fato, preferir Deus a todas as coisas: pelo que o Apóstolo, falando na pessoa do pecador, exclama: o querer está em mim, mas não encontro o meio de realizá-lo (Rm 7, 18).

CAPÍTULO XVIII

Que a inclinação natural que temos de amar a Deus não é inútil

Mas se não podemos naturalmente amar a Deus sobre todas as coisas, por que então temos naturalmente inclinação a isso? Não é vã a natureza, ao incitar-nos a um amor que ela não nos pode dar? Por que nos dá a sede de uma água tão preciosa, se não pode com ela dessedentar-nos? Ah, Teótimo, como Deus foi bom conosco! A perfídia que havíamos cometido ao ofendê-lo merecia certamente que ele nos privasse de todas as marcas de sua benevolência, e do favor que exercera para com a nossa natureza quando imprimiu sobre ela a luz de seu divino rosto e deu aos nossos corações a alegria (Sl 4, 7) de se sentirem inclinados ao amor da divina Bondade, de modo que os Anjos, vendo esse homem miserável, tivessem ocasião de dizer por compaixão: É esta a criatura de perfeita beleza, a honra de toda a terra (Lm 2, 15)?

Mas essa infinita mansidão jamais soube ser tão rigorosa para com a obra de suas mãos. Ele viu que éramos envolvidos de carne, um vento que se dissipa ao passar e que não volta mais (Sl 77, 39); por isso, segundo as entranhas de sua misericórdia (Lc 1, 78), não quis arruinar-nos de todo, nem tirar-nos o sinal de sua graça perdida, a fim de que, contemplando-o, e sentindo em nós essa afinidade e propensão a amá-lo, procurássemos fazê-lo, e ninguém

pudesse dizer com justiça: Quem nos mostrará o bem (Sl 4, 6)? Pois, ainda que pela simples inclinação natural não possamos chegar à felicidade de amar a Deus como convém, contudo, se a empregássemos fielmente, a doçura da piedade divina nos daria algum socorro, por meio do qual poderíamos avançar mais; e se secundássemos esse primeiro socorro, a bondade paternal de Deus nos forneceria outro maior, e nos conduziria de bem em melhor, com toda a suavidade, até o soberano amor a que a nossa inclinação natural nos impele: pois é coisa certa que àquele que é fiel no pouco (Mt 25, 21) e que faz o que está em seu poder, a benignidade divina jamais nega a sua assistência para fazê-lo avançar mais e mais.

A inclinação, portanto, de amar a Deus sobre todas as coisas, que temos por natureza, não permanece em vão em nossos corações: pois, quanto a Deus, ele se serve dela como de uma asa pela qual pode mais suavemente tomar-nos e atrair-nos a si; e parece que, por essa impressão, a divina Bondade mantém de algum modo presos os nossos corações, como passarinhos, por um fio pelo qual pode puxar-nos quando apraz à sua misericórdia ter piedade de nós; e quanto a nós, ela nos é um indício e memorial de nosso primeiro Princípio e Criador, a cujo amor nos incita, dando-nos um secreto aviso de que pertencemos à sua divina Bondade. Do mesmo modo que os cervos, aos quais os grandes príncipes mandam por vezes colocar coleiras com seus brasões, embora depois os soltem e os ponham em liberdade nas florestas, não deixam de ser reconhecidos por quem quer que os encontre, não somente por terem sido uma vez capturados pelo príncipe cujas armas trazem, mas também por lhe estarem ainda reservados: pois assim se conheceu a extrema velhice de um cervo que foi

encontrado, como dizem alguns historiadores, trezentos anos depois da morte de César, porque lhe acharam uma coleira onde estava a divisa de César e estas palavras: César me soltou.

Certamente, a honrosa inclinação que Deus pôs em nossas almas faz saber aos nossos amigos e aos nossos inimigos que não somente pertencemos ao nosso Criador, mas ainda que, embora ele nos tenha deixado e soltado à mercê do nosso livre-arbítrio, contudo lhe pertencemos, e ele se reservou o direito de retomar-nos para si a fim de nos salvar, segundo o exigir a sua santa e suave Providência. Por isso o grande Profeta real chama essa inclinação não somente luz, porque ela nos faz ver para onde devemos tender, mas também gozo e alegria, porque nos consola em nosso desgarramento, dando-nos esperança de que Aquele que imprimiu e deixou em nós essa bela marca de nossa origem pretende ainda e deseja reconduzir-nos e trazer-nos de volta a ela, se formos tão felizes que nos deixemos retomar pela sua divina Bondade.

LIVRO

II

História da geração e do nascimento celeste do divino amor

Capítulos I a XXII

CAPÍTULO I

Que as perfeições divinas não são senão uma única, mas infinita perfeição

Dizemos, quando o sol ao nascer está vermelho e logo depois se torna escuro, ou côncavo e encoberto, ou ainda, quando ao seu poente se mostra pálido, desmaiado e sem cor, que é sinal de chuva. Teótimo, o sol não é vermelho, nem negro, nem pálido, nem cinzento, nem verde: esse grande luminar não está sujeito a tais vicissitudes e mudanças de cor, não tendo por cor alguma senão a sua claríssima e perpétua luz, a qual, a não ser por milagre, é invariável; mas falamos desse modo porque ele nos parece ser assim, conforme a variedade dos vapores que se interpõem entre ele e os nossos olhos, os quais o fazem aparecer de diversas maneiras.

Ora, do mesmo modo discorremos sobre Deus, não tanto segundo o que ele é em si mesmo, mas segundo as suas obras, por meio das quais o contemplamos; pois, conforme as nossas diversas considerações, damos-lhe nomes diferentes, como se ele possuísse uma grande multidão de excelências e perfeições distintas. Se o olhamos enquanto pune os maus, chamamo-lo justo; enquanto livra o pecador de sua miséria, proclamamo-lo misericordioso; enquanto cria todas as coisas e opera muitos milagres, chamamo-lo todo-poderoso; enquanto cumpre exatamente as suas promessas, publicamo-lo verdadeiro; enquanto faz todas as coisas em tão bela ordem, chamamo-lo todo sábio; e assim sucessivamente, segundo a variedade de suas obras, atribuímos-lhe uma grande diversidade de perfeições. Entretanto, em Deus não

há variedade nem diferença alguma de perfeições; antes, ele mesmo é uma única, simplíssima e singularíssima perfeição; pois tudo o que nele existe não é senão ele mesmo, e todas as excelências que dizemos existir nele em tão grande diversidade nele se encontram numa simplíssima e puríssima unidade. E assim como o sol não tem nenhuma das cores que lhe atribuímos, mas uma só claríssima luz que está acima de toda cor e que torna visivelmente coloridas todas as cores, assim também em Deus não há nenhuma das perfeições que imaginamos, mas uma só puríssima excelência, que está acima de toda perfeição e que dá a perfeição a tudo o que é perfeito.

Ora, nomear perfeitamente essa suprema excelência, que em sua singularíssima unidade compreende, ou melhor, ultrapassa todas as excelências, não está ao alcance de criatura alguma, nem humana nem angélica; pois, como se diz no Apocalipse, Nosso Senhor tem um nome que ninguém conhece senão ele mesmo (Ap 19, 12), porque, sendo ele o único a conhecer perfeitamente a sua infinita perfeição, só ele também a pode exprimir por um nome proporcionado a ela. Daí terem dito os antigos que ninguém era verdadeiro teólogo senão Deus, visto que ninguém pode conhecer totalmente a grandeza infinita da perfeição divina, nem, por conseguinte, apresentá-la em palavras, a não ser ele mesmo. E por isso Deus, respondendo pelo Anjo ao pai de Sansão, que lhe perguntava o seu nome, disse: Por que perguntas o meu nome, que é admirável? (Jz 13, 17); como se quisesse dizer: Meu nome pode ser admirado, mas não pronunciado pelas criaturas; deve ser adorado, mas não pode ser compreendido senão por mim, que sou o único a saber proferir o nome próprio pelo qual, com verdade e ao natural, exprimo a minha excelência. Nosso espírito é fraco

demais para formar um pensamento capaz de representar uma excelência tão imensa, a qual, compreendendo em sua simplíssima e uniquíssima perfeição, distinta e perfeitamente, todas as outras perfeições, de um modo infinitamente excelente e eminente que o nosso espírito não pode conceber, somos forçados, para falar de algum modo a respeito de Deus, a usar uma grande quantidade de nomes, dizendo que ele é bom, sábio, todo-poderoso, verdadeiro, justo, santo, infinito, imortal, invisível; e certamente falamos com verdade: Deus é tudo isso junto, porque é mais do que tudo isso, isto é, ele o é de um modo tão puro, tão excelente e tão elevado que, numa simplíssima perfeição, possui a virtude, a força e a excelência de toda perfeição.

Assim, o maná era um só alimento, que, compreendendo em si o sabor e a virtude de todos os outros alimentos (Sb 16, 20), poder-se-ia dizer que tinha o gosto do limão, do melão, da uva, da ameixa e da pera; mas com mais verdade ainda se diria que ele não tinha todos esses sabores, e sim um único sabor, que era o seu próprio, o qual, no entanto, continha em sua unidade tudo o que pudesse haver de agradável e desejável em toda a diversidade dos outros sabores; como a erva dodecáteos, "a qual", diz Plínio (Hist. Nat. 25, 4), "curando todas as doenças", não é ruibarbo, nem sene, nem rosa, nem betônica, nem buglossa, mas uma só planta simples que, na única simplicidade de sua propriedade, tem tanta força quanto todos os outros medicamentos juntos. Ó abismo das perfeições divinas, como sois admirável por possuir, numa só perfeição, a excelência de toda perfeição, de um modo tão excelente que ninguém o pode compreender senão vós mesmo!

Diremos muitas coisas a seu respeito, diz a Escritura (Eclo 43, 29), e ainda ficaremos curtos de palavras: a soma de todo discurso

é que ele é todas as coisas. Se nos gloriarmos, de que nos servirá isso? pois o Todo-Poderoso está acima de todas as suas obras. Bendizendo o Senhor, exaltai-o quanto puderdes, pois ele ultrapassa todo louvor. Ora, ao exaltá-lo, retomai as vossas forças, mas nem por isso vos canseis; pois jamais o compreendereis. Não, Teótimo, jamais podemos compreendê-lo, pois, como diz São João (1Jo 3, 20), ele é maior que o nosso coração. Contudo, que todo espírito louve o Senhor (Sl 150), dando-lhe todos os nomes mais eminentes que se puderem encontrar; e, como o maior louvor que lhe possamos render, confessemos que ele jamais poderá ser suficientemente louvado; e, como o nome mais excelente que lhe possamos atribuir, protestemos que o seu nome está acima de todo nome (Fl 2, 9), e que não podemos nomeá-lo dignamente.

CAPÍTULO II

Que em Deus não há senão um único ato, que é a sua própria divindade

Temos uma grande diversidade de faculdades e hábitos, que produzem também uma grande variedade de ações, e essas ações, uma multidão sem igual de obras. Pois assim são diversas as faculdades de ver, ouvir, saborear, tocar, mover-se, nutrir-se, entender e querer, e os hábitos de falar, andar, brincar, cantar, coser, saltar, nadar; como também as ações e as obras que provêm dessas faculdades e hábitos são grandemente diferentes.

Mas não acontece o mesmo em Deus, pois nele não há senão uma simplíssima e infinita perfeição, e, nessa perfeição, um só ato uniquíssimo e puríssimo; ou melhor, para falar de modo mais

santo e mais sábio, Deus é uma só perfeição, soberanamente única e unicamente soberana; e essa perfeição é um só ato, puríssimo em sua simplicidade e simplíssimo em sua pureza, o qual, não sendo outra coisa senão a própria essência divina, é por conseguinte sempre permanente e eterno. E no entanto, pobres criaturas que somos, falamos das ações de Deus como se ele fizesse todos os dias grande quantidade delas e em grande variedade, embora saibamos que é o contrário. Mas somos forçados a isso, Teótimo, pela nossa fraqueza; pois não sabemos falar senão segundo o que entendemos, e entendemos segundo o modo como as coisas costumam passar-se entre nós. Ora, visto que nas coisas naturais quase não se produz diversidade de obras senão por diversidade de ações, quando vemos tantos trabalhos diferentes, uma tão grande variedade de produções e essa multidão inumerável dos feitos do poder divino, parece-nos à primeira vista que essa diversidade se faz por tantos atos quantos são os diferentes efeitos que vemos, e assim falamos, para falar mais à vontade, segundo a nossa prática ordinária e o costume que temos de entender as coisas. E nem por isso ofendemos a verdade; pois, embora em Deus não haja multidão de ações, mas um só ato que é a própria Divindade, esse ato, contudo, é tão perfeito que compreende excelentemente a força e a virtude de todos os atos que pareceriam necessários para toda a diversidade de efeitos que vemos.

Deus não disse senão uma só palavra, e em virtude dela, num instante, foram feitos o sol, a lua e essa inumerável multidão de astros, com suas diferenças de brilho, de movimento e de influências:

> *Ele disse, e logo foram feitas*
> *Todas essas obras tão perfeitas. (Sl 148, 5)*

Uma só palavra de Deus encheu o ar de pássaros e o mar de peixes, fez brotar da terra todas as plantas e todos os animais que nela vemos. Pois, embora o historiador sagrado, acomodando-se ao nosso modo de entender, conte (Gn 1) que Deus repetiu muitas vezes essa palavra todo-poderosa — Faça-se — nos dias da criação do mundo, no entanto, propriamente falando, essa palavra foi absolutamente única; tanto que Davi a chama (Sl 32, 6) um sopro ou aspiração da boca divina, isto é, um só impulso de sua infinita vontade, o qual derrama tão poderosamente a sua virtude na variedade das coisas criadas que, por isso, o concebemos como se fosse multiplicado e diversificado em tantas diferenças quantas há nesses efeitos, embora em verdade ele seja absolutamente único e simples. Assim, São João Crisóstomo observa que aquilo que Moisés disse em muitas palavras, ao descrever a criação do mundo, o glorioso São João (Jo 1, 3) exprimiu numa só, dizendo que pelo Verbo, isto é, por essa Palavra eterna que é o Filho de Deus, tudo foi feito. Essa palavra, portanto, Teótimo, sendo simplíssima e uniquíssima, produz toda a distinção das coisas; sendo invariável, produz todas as boas mudanças; e, enfim, sendo permanente em sua eternidade, dá sucessão, vicissitude, ordem, posição e estação a todas as coisas.

Imaginemos, peço-vos, de um lado, um pintor que faz a imagem do nascimento do Salvador (e escrevo isto nos dias dedicados a esse santo mistério): ele dará sem dúvida mil e mil pinceladas, e levará não somente dias, mas semanas e meses, para compor esse quadro, segundo a variedade das personagens e das outras coisas que nele quer representar. Mas, de outro lado, vejamos um impressor de estampas que, tendo posto a sua folha sobre a chapa gravada com o mesmo mistério da Natividade, não

dará senão um único golpe de prensa: nesse único golpe, Teótimo, ele fará toda a sua obra, e num instante tirará a sua imagem, a qual, em belo talhe-doce, representará muito agradavelmente tudo o que devia ser imaginado segundo a história sagrada; e, embora não tenha feito senão um só movimento, a sua obra trará, contudo, grande quantidade de personagens e de outras coisas diferentes, bem distintas, cada uma em sua ordem, em sua posição, em seu lugar, em sua distância e em sua proporção; e quem não conhecesse o segredo ficaria todo espantado de ver sair de um só ato uma tão grande variedade de efeitos. Assim, Teótimo, a natureza, como o pintor, multiplica e diversifica os seus atos à medida que os seus trabalhos são diferentes, e precisa de muito tempo para produzir grandes efeitos; mas Deus, como o impressor, deu o ser a toda a diversidade das criaturas que foram, são e serão, por um só impulso de sua vontade todo-poderosa, tirando de sua ideia, como de uma chapa bem gravada, essa admirável diferença de pessoas e de outras coisas que se sucedem nas estações, nas idades, nos séculos, cada qual em sua ordem, conforme deviam ser: pois essa soberana unidade do ato divino opõe-se à confusão e à desordem, e não à distinção ou variedade, que ela, ao contrário, emprega para compor a beleza, reduzindo todas as diferenças e diversidades à proporção, e a proporção à ordem, e a ordem à unidade do mundo, que compreende todas as coisas criadas, tanto visíveis quanto invisíveis; as quais, todas juntas, se chamam universo, talvez porque toda a sua diversidade se reduz à unidade, como quem dissesse unidiverso, isto é, único e diverso, único com diversidade e diverso com unidade.

Em suma, a soberana unidade divina diversifica tudo, e a sua permanente eternidade dá vicissitude a todas as coisas, porque a

perfeição dessa unidade, estando acima de toda diferença e variedade, tem com que fornecer o ser a toda a diversidade das perfeições criadas, e a força de produzi-las. Em sinal do que, tendo-nos a Escritura relatado (Gn 1, 14) que Deus, no princípio, disse: Façam-se luminares no firmamento do céu, e que separem o dia da noite, e que sirvam de sinais, para os tempos, os dias e os anos, vemos ainda hoje essa perpétua revolução e sucessão de tempos e estações, que durará até o fim do mundo, para nos ensinar que, assim como

> *Uma palavra de seu mandamento*
> *Basta a todo esse movimento. (Sl 148, 5)*

assim também o único e eterno querer de sua divina Majestade estende a sua força de século em século e até os séculos dos séculos, para tudo o que foi, é e será eternamente, sem que coisa alguma tenha ser senão por esse único, simplíssimo e eterníssimo Ato divino, ao qual sejam dados honra e glória. Amém. (1Tm 1, 17)

CAPÍTULO III

Da Providência divina em geral

Deus, portanto, Teótimo, não tem necessidade de muitos atos, pois um só ato divino de sua vontade todo-poderosa basta para a produção de toda a variedade de suas obras, em razão de sua infinita perfeição; mas nós, mortais, precisamos tratar disso com o método e o modo de entender a que os nossos pequenos espíritos podem chegar. Segundo esse modo, para falar da Providência divina, consideremos, peço-vos, o reinado do grande Salomão, como modelo perfeito da arte de bem reinar. Esse grande rei, pois,

sabendo por inspiração celeste que a comunidade política se apoia na religião como o corpo na alma, e a religião na comunidade política como a alma no corpo, dispôs de antemão, consigo mesmo, todas as partes necessárias tanto ao estabelecimento da religião quanto ao da comunidade política. E quanto à religião, determinou que era preciso edificar um Templo de tal e tal comprimento, largura e altura, com tantos pórticos e átrios, tantas janelas, e assim de todo o restante que pertencia ao Templo; depois, tantos sacerdotes encarregados dos sacrifícios, tantos cantores e outros ministros do Templo. Quanto ao governo civil, dispôs construir uma casa real e uma corte para sua majestade, com mordomos, fidalgos e outros cortesãos; e, para o povo, juízes e outros magistrados que exercessem a justiça. Depois, para a segurança do reino e a consolidação do repouso público de que gozava, dispôs ter, em plena paz, um poderoso aparato militar, e, para esse fim, duzentos e cinquenta chefes em diversos cargos, quarenta mil cavalos e todo aquele grande equipamento que a Escritura (1Rs 4, 24; 2Cr 8, 10) e os historiadores testemunham.

Ora, tendo assim disposto e planejado consigo mesmo todas as partes principais necessárias ao seu reino, ele passou ao ato da providência, e fez em seu espírito o cálculo de tudo o que era necessário para edificar o Templo, para sustentar os oficiais sagrados, os ministros e magistrados reais e os homens de guerra que havia projetado; e resolveu mandar mensageiros a Hirão para obter as madeiras necessárias, fazer comércio com o Peru e com Ofir (1Rs 5, 9) e, em suma, tomar todos os meios convenientes para conseguir todas as coisas necessárias ao sustento e à boa condução de seu empreendimento. Mas ele não parou aí, Teótimo; pois, depois de ter feito o seu projeto e deliberado

consigo mesmo sobre os meios próprios para levá-lo a cabo, passando à prática, criou todos os oficiais conforme havia disposto e, por um bom governo, mandou fazer todas as provisões necessárias ao sustento deles e à execução de seus cargos: de sorte que, possuindo o conhecimento da arte de bem reinar, executou a disposição que havia feito consigo mesmo pela criação dos diversos oficiais, e pôs em efeito a sua providência pelo bom governo de que usou; e, por assim dizer, a sua arte de reinar, que consistia na disposição e na providência, ou previdência, foi praticada pela criação dos oficiais e pelo governo e boa condução. Mas, visto que a disposição é inútil sem a criação ou o provimento dos oficiais, e que a criação é vã sem a providência que atende ao que é necessário para a conservação dos oficiais criados ou constituídos, e que, enfim, essa conservação, que se faz pelo bom governo, não é outra coisa senão a providência efetuada, por isso, não somente a disposição, mas também a criação e o bom governo de Salomão foram chamados pelo nome de providência: e assim também não dizemos que um homem tenha providência senão quando governa bem.

Ora, agora, Teótimo, falando das coisas divinas segundo a impressão que colhemos na consideração das coisas humanas, dizemos que Deus, tendo tido um eterno e perfeitíssimo conhecimento da arte de fazer o mundo para a sua glória, dispôs antes de todas as coisas, em seu divino entendimento, todas as peças principais do universo que lhe podiam render honra, isto é, a natureza angélica e a natureza humana; e, na natureza angélica, a variedade das hierarquias e das ordens que a Sagrada Escritura e os santos Doutores nos ensinam; como também, entre os homens, dispôs que houvesse essa grande diversidade que neles vemos.

Depois, nessa mesma eternidade, ele proveu e planejou consigo mesmo todos os meios necessários aos homens e aos Anjos para alcançarem o fim a que os havia destinado, e fez assim o ato de sua providência; e, sem parar aí, para efetuar a sua disposição criou realmente os Anjos e os homens, e, para efetuar a sua providência, forneceu e fornece, por seu governo, tudo o que é necessário às criaturas racionais para chegarem à glória. De modo que, para dizê-lo numa palavra, a providência soberana não é outra coisa senão o ato pelo qual Deus quer fornecer aos homens e aos Anjos os meios necessários ou úteis para alcançarem o seu fim. Mas, porque esses meios são de diversas espécies, diversificamos também o nome da providência, e dizemos que há uma providência natural e outra sobrenatural; e esta, que é ou geral, ou especial, ou particular.

E porque mais adiante vos exortarei, Teótimo, a unir a vossa vontade à Providência divina, enquanto estou neste discurso quero dizer-vos uma palavra sobre a providência natural. Deus, pois, querendo prover o homem dos meios naturais que lhe são necessários para render glória à sua divina Bondade, produziu em favor dele todos os outros animais e as plantas; e, para prover aos outros animais e às plantas, produziu variedade de terrenos, de estações, de fontes, de ventos, de chuvas; e, tanto para o homem como para as outras coisas que lhe pertencem, criou os elementos, o céu e os astros, estabelecendo, por uma ordem admirável, que quase todas as criaturas se sirvam reciprocamente umas às outras: os cavalos nos carregam, e nós os tratamos; as ovelhas nos alimentam e vestem, e nós as apascentamos; a terra envia vapores ao ar, e o ar envia chuvas à terra; a mão serve ao pé, e o pé carrega a mão. Oh! quem visse esse comércio e tráfico geral que as criaturas

fazem entre si, com tão grande correspondência, de quantos afetos amorosos não seria movido para com essa soberana Sabedoria, a ponto de exclamar: Vossa Providência, ó grande Pai eterno, governa todas as coisas! (Sb 14, 3) São Basílio e Santo Ambrósio, em seus Hexámeron, o bom Luís de Granada em sua Introdução ao Símbolo, e Luís Richeome em vários de seus belos opúsculos, darão muitos motivos às almas bem-nascidas para aproveitarem neste assunto.

Assim, caro Teótimo, essa Providência toca em tudo, reina sobre tudo e reduz tudo à sua glória. Há, todavia, é certo, casos fortuitos e acidentes imprevistos; mas eles não são fortuitos nem imprevistos senão para nós, e são sem dúvida certíssimos para a Providência celeste, que os prevê e os destina ao bem público do universo. Ora, esses casos fortuitos produzem-se pela concorrência de várias causas, as quais, não tendo nenhuma ligação natural umas com as outras, produzem cada uma o seu efeito particular, de tal modo, porém, que do seu encontro resulta um outro efeito de outra natureza, para o qual, sem que se pudesse prever, todas essas causas diferentes contribuíram. Era razoável, por exemplo, castigar a curiosidade do poeta Ésquilo, o qual, tendo sabido por um adivinho que morreria esmagado pela queda de alguma casa, permaneceu todo aquele dia em campo raso para escapar ao destino; e, estando ali imóvel, de cabeça descoberta, um falcão que segurava entre as garras uma tartaruga no ar, vendo aquela cabeça calva e julgando que fosse a ponta de um rochedo, soltou a tartaruga diretamente sobre ela, e eis que Ésquilo morre ali mesmo, esmagado pela casa e casca de uma tartaruga (Plínio, Hist. Nat. 10, 3). Foi sem dúvida um acidente fortuito, pois esse homem não foi ao campo para morrer, mas para evitar a morte;

nem o falcão pensou em esmagar a cabeça de um poeta, mas o casco e a casca da tartaruga, para depois lhe devorar a carne: e no entanto sucedeu o contrário, pois a tartaruga saiu ilesa, e o pobre Ésquilo, morto. Para nós, esse caso foi imprevisto; mas aos olhos da Providência, que olhava de mais alto e via a concorrência das causas, foi um feito de justiça, pelo qual a superstição daquele homem foi punida.

As aventuras do antigo José foram admiráveis em variedade e em passagens de um extremo a outro: seus irmãos, que o haviam vendido para perdê-lo, ficaram atônitos ao vê-lo tornado vice-rei, e temiam infinitamente que ele se ressentisse do mal que lhe haviam feito (Gn 45, 15). Mas não, disse-lhes ele: não foi tanto por vossas tramas que fui enviado para cá (Gn 45, 8), mas pela Providência divina; tivestes maus desígnios contra mim, mas Deus os converteu em bem (Gn 50, 20). Vede, Teótimo, o mundo teria chamado fortuna ou acontecimento fortuito aquilo que José declara ser um projeto da Providência soberana, que dirige e reduz todas as coisas ao seu serviço. E assim acontece com tudo o que se passa no mundo, e até com os monstros, cujo nascimento torna mais estimáveis as obras acabadas e perfeitas, produz admiração e leva a filosofar e a fazer muitos bons pensamentos; e, em suma, eles ocupam no universo o lugar que as sombras ocupam nos quadros, que dão graça e parecem realçar a pintura.

CAPÍTULO IV

Da providência sobrenatural que Deus exerce para com as criaturas racionais

Tudo o que Deus fez está destinado à salvação dos homens e dos Anjos; mas eis a ordem de sua providência a esse respeito, conforme, pela atenção às Sagradas Escrituras e à doutrina dos antigos, podemos descobri-la, e conforme a nossa fraqueza nos permite falar dela.

Deus conheceu eternamente que podia fazer uma quantidade inumerável de criaturas, com diversas perfeições e qualidades, às quais poderia comunicar-se; e, considerando que, entre todos os modos de se comunicar, nada havia de tão excelente quanto unir-se a alguma natureza criada, de tal sorte que a criatura ficasse como que enxertada e inserida na Divindade, para não formar com ela senão uma só pessoa, a sua infinita bondade, que de si mesma e por si mesma é inclinada à comunicação, resolveu e determinou fazer uma união dessa maneira; a fim de que, assim como eternamente há em Deus uma comunicação essencial, pela qual o Pai comunica toda a sua infinita e indivisível Divindade ao Filho ao produzi-lo, e o Pai e o Filho juntos, produzindo o Espírito Santo, lhe comunicam também a sua própria e única Divindade, do mesmo modo essa soberana Doçura fosse comunicada tão perfeitamente, fora de si, a uma criatura, que a natureza criada e a Divindade, guardando cada uma as suas propriedades, ficassem contudo tão unidas entre si que não fossem senão uma mesma pessoa.

Ora, entre todas as criaturas que essa soberana onipotência podia produzir, ela achou bom escolher a mesma humanidade que depois, de fato, foi unida à Pessoa de Deus Filho, e destinou-lhe essa honra incomparável da união pessoal à sua divina Majestade, a fim de que eternamente ela gozasse, por excelência, dos tesouros de sua glória infinita. Depois, tendo assim preferido para essa felicidade a sagrada humanidade de nosso Salvador, a suprema Providência dispôs não reter a sua bondade somente na Pessoa desse Filho bem-amado, mas derramá-la, em favor dele, sobre muitas outras criaturas; e, dentre a massa daquela quantidade inumerável de coisas que podia produzir, escolheu criar os homens e os Anjos, como que para fazerem companhia ao seu Filho, participarem de suas graças e de sua glória, e o adorarem e louvarem eternamente. E porque Deus viu que podia fazer de várias maneiras a humanidade de seu Filho, tornando-o verdadeiro homem — como, por exemplo, criando-a do nada, não só quanto à alma, mas também quanto ao corpo; ou formando o corpo de alguma matéria preexistente, como fez com o de Adão e o de Eva; ou pela via da geração ordinária de homem e mulher; ou, enfim, por geração extraordinária de uma mulher sem homem —, ele deliberou que a coisa se faria desta última maneira; e, entre todas as mulheres que podia escolher para esse fim, elegeu a santíssima Virgem Nossa Senhora, por meio da qual o Salvador de nossas almas seria não somente homem, mas filho do gênero humano.

Além disso, a sagrada Providência determinou produzir todo o restante das coisas, tanto naturais quanto sobrenaturais, em favor do Salvador, a fim de que os Anjos e os homens pudessem, servindo-o, participar de sua glória; em consequência do que, embora Deus quisesse criar tanto os Anjos quanto os homens com

o livre-arbítrio, livres de uma verdadeira liberdade para escolher o bem e o mal, quis, no entanto, para testemunhar que, da parte da Bondade divina, eles estavam dedicados ao bem e à glória, criá-los todos em justiça original, a qual não era outra coisa senão um amor suavíssimo que os dispunha, voltava e encaminhava para a felicidade eterna.

Mas, porque essa suprema Sabedoria havia deliberado misturar de tal modo esse amor original com a vontade de suas criaturas que o amor não forçasse a vontade, mas lhe deixasse a sua liberdade, ela previu que uma parte, embora a menor, da natureza angélica, abandonando voluntariamente o santo amor, perderia por consequência a glória. E porque a natureza angélica não podia cometer esse pecado senão por malícia deliberada, sem tentação nem motivo algum que a pudesse escusar, e porque, por outro lado, uma parte muito maior dessa mesma natureza permaneceria firme no serviço do Salvador, por isso Deus, que tão amplamente havia glorificado a sua misericórdia no desígnio da criação dos Anjos, quis também magnificar a sua justiça e, no furor de sua indignação, resolveu abandonar para sempre essa triste e desgraçada tropa de pérfidos, que, na fúria de sua rebelião, tão vilmente o haviam abandonado.

Ele previu também que o primeiro homem abusaria de sua liberdade e que, abandonando a graça, perderia a glória; mas não quis tratar a natureza humana com tanto rigor quanto deliberou tratar a angélica. Era da natureza humana que ele havia resolvido tomar uma porção bem-aventurada para uni-la à sua Divindade; ele viu que era uma natureza frágil, um vento que vai e não volta (Sl 77, 39), isto é, que se dissipa ao passar; levou em conta a surpresa que Satanás armara contra o primeiro homem e a

grandeza da tentação que o arruinou; viu que toda a raça dos homens perecia pela falta de um só: de modo que, por essas razões, olhou a nossa natureza com piedade e resolveu tomá-la em sua misericórdia.

Mas, a fim de que a doçura de sua misericórdia fosse ornada pela beleza de sua justiça, deliberou salvar o homem por via de uma redenção rigorosa, a qual, não podendo bem realizar-se senão por seu Filho, estabeleceu que este resgataria os homens não somente por uma única de suas ações amorosas, que teria sido mais que suficiente para resgatar mil milhões de mundos, mas ainda por todas as inumeráveis ações amorosas e paixões dolorosas que ele faria e sofreria, até a morte, e morte de cruz (Fl 2, 8), à qual o destinou, querendo que assim ele se fizesse companheiro de nossas misérias, para depois nos fazer companheiros de sua glória. Mostrou desse modo as riquezas de sua bondade (Rm 2, 4; 9, 23), por essa redenção copiosa (Sl 129, 7), abundante, superabundante, magnífica e excessiva, que nos adquiriu e como que reconquistou todos os meios necessários para chegar à glória, de sorte que ninguém jamais possa queixar-se como se a misericórdia divina faltasse a alguém.

CAPÍTULO V

Que a providência celeste proveu aos homens uma redenção abundantíssima

Ora, ao dizer, Teótimo, que Deus viu e quis uma coisa primeiro, e depois, em segundo lugar, outra, observando ordem em suas vontades, entendi-o conforme foi declarado anteriormente; a saber: que, embora tudo se tenha passado num único e

simplíssimo ato, por meio dele, contudo, a ordem, a distinção e a dependência das coisas não foram menos observadas do que se tivesse havido vários atos no entendimento e na vontade de Deus. Sendo assim, e visto que toda vontade bem disposta que se determina a querer vários objetos igualmente presentes ama mais, e antes de todos, aquele que é o mais amável, segue-se que a soberana Providência, ao fazer o seu eterno projeto e desígnio de tudo o que produziria, quis primeiro e amou, por uma preferência de excelência, o objeto mais amável de seu amor, que é o nosso Salvador; e depois, por ordem, as outras criaturas, conforme pertencem mais ou menos ao serviço, à honra e à glória dele.

Assim, tudo foi feito para esse divino homem, que por isso é chamado primogênito de toda criatura (Cl 1, 15), possuído pela divina Majestade no princípio de seus caminhos, antes que ela fizesse coisa alguma (Pr 8, 22), criado no princípio, antes dos séculos (Eclo 24, 14): pois nele todas as coisas foram feitas, e ele é antes de todos, e todas as coisas subsistem nele, e ele é a cabeça de toda a Igreja, tendo em tudo e por tudo a primazia (Cl 1, 16). Não se planta a vinha principalmente senão pelo fruto; e, portanto, o fruto é o primeiro a ser desejado e pretendido, embora as folhas e as flores o precedam na produção. Assim, o grande Salvador foi o primeiro na intenção divina e nesse projeto eterno que a divina Providência fez da produção das criaturas; e foi em contemplação desse fruto desejável que se plantou a vinha do universo e se estabeleceu a sucessão de muitas gerações, que, à maneira de folhas e flores, deviam precedê-lo, como precursores e preparativos convenientes à produção desse cacho de uva que a Esposa sagrada tanto louva nos Cânticos (Ct 1, 13), e cujo licor alegra a Deus e aos homens (Jz 9, 13).

Mas agora, meu Teótimo, quem duvidará da abundância dos meios de salvação, tendo nós um tão grande Salvador, em consideração do qual fomos feitos, e por cujos méritos fomos resgatados? Pois ele morreu por todos, porque todos estavam mortos (2Cor 5, 14); e a sua misericórdia foi mais salutar para resgatar a raça dos homens do que a miséria de Adão fora venenosa para perdê-la. E tão longe está o pecado de Adão de ter vencido a benignidade divina que, ao contrário, ele a excitou e provocou; de sorte que, por uma suave e amorosíssima reação e contenda, ela se revigorou na presença de seu adversário e, como que reunindo as forças para vencer, fez superabundar a graça onde a iniquidade havia abundado (Rm 5, 20). Por isso a Santa Igreja, num santo excesso de admiração, exclama na vigília da Páscoa: "Ó pecado de Adão, verdadeiramente necessário, que foi apagado pela morte de Jesus Cristo; ó culpa feliz, que mereceu ter um tal e tão grande Redentor!" Certamente, Teótimo, podemos dizer como aquele antigo: "Estaríamos perdidos, se não nos tivéssemos perdido"; isto é, a nossa perda nos foi proveitosa, pois, de fato, a natureza humana recebeu mais graças pela redenção de seu Salvador do que jamais teria recebido pela inocência de Adão, se ele nela tivesse perseverado.

Pois, embora a divina Providência tenha deixado no homem grandes marcas de sua severidade em meio à própria graça de sua misericórdia — como, por exemplo, a necessidade de morrer, as doenças, os trabalhos, a rebelião da sensualidade —, o favor celeste, sobrepairando a tudo isso, compraz-se em converter todas essas misérias no maior proveito dos que o amam (Rm 8, 28), fazendo nascer a paciência sobre os trabalhos, o desprezo do mundo sobre a necessidade de morrer, e mil vitórias sobre a

concupiscência: e assim como o arco-íris, ao tocar o espinheiro aspálato, o torna mais perfumado que os lírios (Plínio, Hist. Nat. 12, 24), assim também a redenção de Nosso Senhor, ao tocar as nossas misérias, torna-as mais úteis e amáveis do que jamais teria sido a inocência original. Os Anjos têm mais alegria no céu, diz o Salvador (Lc 15, 7), por um pecador penitente do que por noventa e nove justos que não têm necessidade de penitência; e, do mesmo modo, o estado da redenção vale cem vezes mais que o da inocência. Certamente, na aspersão do sangue de Nosso Senhor, feita pelo hissopo da Cruz, fomos restituídos a uma brancura incomparavelmente mais excelente que a da neve da inocência (Sl 50, 9), saindo, como Naamã (2Rs 5, 14), do rio da salvação mais puros e limpos do que se jamais tivéssemos sido leprosos; a fim de que a divina Majestade, conforme nos ordenou fazer, não fosse vencida pelo mal, mas vencesse o mal com o bem (Rm 12, 21); que a sua misericórdia, como um óleo sagrado, se mantivesse acima do julgamento (Tg 2, 13); e que as suas compaixões superassem todas as suas obras (Sl 144, 9).

CAPÍTULO VI

De alguns favores especiais exercidos pela divina Providência na redenção dos homens

Deus, certamente, mostra de modo admirável a riqueza incompreensível de seu poder nessa tão grande variedade de coisas que vemos na natureza; mas faz brilhar ainda mais magnificamente os tesouros infinitos de sua bondade na diferença sem igual dos bens que reconhecemos na graça. Pois, Teótimo, ele não se contentou, no sagrado excesso de sua misericórdia, em

enviar ao seu povo, isto é, ao gênero humano, uma redenção geral e universal, pela qual cada um pode ser salvo; mas diversificou-a de tantas maneiras que a sua liberalidade, resplandecendo em toda essa variedade, essa variedade, por sua vez, embeleza também a sua liberalidade.

Assim, ele destinou primeiramente à sua santíssima Mãe um favor digno do amor de um Filho que, sendo todo sábio, todo-poderoso e todo bom, devia preparar para si uma Mãe a seu gosto; e por isso quis que a sua redenção lhe fosse aplicada à maneira de remédio preservativo, a fim de que o pecado, que escorria de geração em geração, não chegasse até ela. De sorte que ela foi resgatada tão excelentemente que, embora depois a torrente da iniquidade original viesse rolar as suas ondas desventuradas sobre a conceição dessa sagrada Senhora, com tanta impetuosidade quanto o teria feito sobre a das outras filhas de Adão, ao chegar ali, contudo, não passou adiante, mas deteve-se de repente, como fez antigamente o Jordão no tempo de Josué (Js 3, 16), e pela mesma razão: pois aquele rio reteve o seu curso em reverência à passagem da Arca da aliança, e o pecado original recolheu as suas águas, reverenciando e temendo a presença do verdadeiro Tabernáculo da eterna aliança.

Desse modo, portanto, Deus desviou de sua gloriosa Mãe todo cativeiro (Sl 135, 1), dando-lhe a felicidade dos dois estados da natureza humana, pois ela teve a inocência que o primeiro Adão havia perdido e gozou excelentemente da redenção que o segundo lhe adquiriu. Em consequência disso, como um jardim de eleição que devia dar o fruto da vida, ela foi tornada florescente em toda sorte de perfeições, tendo esse Filho do amor eterno adornado assim a sua Mãe com veste de ouro, recamada em bela variedade

(Sl 44, 10), a fim de que ela fosse a Rainha à sua direita, isto é, a primeira de todos os eleitos a gozar das delícias da direita divina (Sl 15, 11). De modo que essa Mãe sagrada, como toda reservada ao seu Filho, foi por ele resgatada não somente da condenação, mas também de todo perigo de condenação, assegurando-lhe ele a graça e a perfeição da graça; de sorte que ela caminhasse como uma bela aurora que, começando a despontar (Ct 6, 9), vai crescendo continuamente em claridade até o pleno dia (Pr 4, 18). Redenção admirável, obra-prima do Redentor e a primeira de todas as redenções, pela qual o Filho, com um coração verdadeiramente filial, prevenindo a sua Mãe com bênçãos de doçura (Sl 20, 4), preserva-a não somente do pecado, como os Anjos, mas também de todo perigo de pecado e de todas as distrações e demoras no exercício do santo amor. Por isso ele declara que, entre todas as criaturas racionais que escolheu, essa Mãe é a sua única pomba, a sua toda perfeita, a sua toda querida Bem-amada (Ct 6, 8; 7, 6), fora de todo paralelo e de toda comparação. Deus dispôs também outros favores para um pequeno número de raras criaturas que quis pôr fora do perigo da condenação, como é certo de São João Batista, e muito provável de Jeremias e de alguns outros, que a divina Providência foi tomar no ventre de suas mães e, desde então, os estabeleceu na perpetuidade de sua graça, a fim de que permanecessem firmes em seu amor, embora sujeitos às demoras e aos pecados veniais, que são contrários à perfeição do amor, mas não ao próprio amor. E essas almas, em comparação com as outras, são como rainhas, sempre coroadas de caridade, que ocupam o lugar principal no amor do Salvador, depois de sua Mãe, que é a Rainha das rainhas; Rainha coroada não somente de amor, mas da perfeição do amor, e, mais ainda, coroada de seu próprio Filho,

que é o soberano objeto do amor, pois os filhos são a coroa de seus pais e mães (Pr 17, 6).

Há ainda outras almas que Deus dispôs deixar por um tempo expostas, não ao perigo de perder a salvação, mas ao perigo de perder o seu amor; e até permitiu que o perdessem de fato, não lhes assegurando o amor para toda a vida, mas somente para o fim dela e para certo tempo que o precede. Tais foram os Apóstolos, Davi, Madalena e muitos outros, que por um tempo permaneceram fora do amor de Deus; mas que, enfim, uma vez convertidos de vez (Lc 22, 32), foram confirmados na graça até a morte: de sorte que, desde então, permanecendo embora sujeitos a algumas imperfeições, ficaram todavia isentos de todo pecado mortal e, por conseguinte, do perigo de perder o divino amor; e foram como amigas sagradas do Esposo celeste, adornadas, é verdade, com a veste nupcial de seu santíssimo amor, mas nem por isso coroadas, porque a coroa é um ornamento da cabeça, isto é, da primeira parte da pessoa; ora, tendo a primeira parte da vida das almas dessa categoria estado sujeita ao amor das coisas terrenas, elas não podem trazer a coroa do amor celeste, mas basta-lhes trazer a sua veste, que as torna capazes do leito nupcial do Esposo divino e de serem eternamente bem-aventuradas com ele.

CAPÍTULO VII

Quão admirável é a sagrada Providência na diversidade das graças que distribui aos homens

Houve, pois, na Providência eterna um favor incomparável para a Rainha das rainhas, Mãe do mais belo amor (Eclo 24, 24) e perfeitíssima de um modo inteiramente único. Houve também

favores especiais para os demais. Mas, depois disso, essa soberana Bondade derramou uma abundância de graças e bênçãos sobre toda a raça dos homens e sobre a natureza dos Anjos, com as quais todos foram regados como por uma chuva que cai sobre os bons e sobre os maus (Mt 5, 45); todos foram iluminados como por uma luz que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1, 9); todos receberam a sua parte, como de uma semente que cai não somente na boa terra, mas também pelos caminhos, entre os espinhos e sobre as pedras (Mt 13, 3); a fim de que todos ficassem sem desculpa (Rm 1, 20) diante do Redentor, se não empregarem essa tão abundante redenção para a própria salvação.

Contudo, Teótimo, ainda que essa tão abundante suficiência de graças esteja assim derramada sobre toda a natureza humana, e ainda que nisso sejamos todos iguais, pois a todos nos é oferecida uma rica abundância de bênçãos, a variedade desses favores é, no entanto, tão grande, que não se saberia dizer o que é mais admirável: se a grandeza de todas as graças em tão grande diversidade, se a diversidade de tantas grandezas. Quem não vê que entre os cristãos os meios de salvação são maiores e mais poderosos do que entre os bárbaros, e que, mesmo entre os cristãos, há povos e cidades onde os pastores são mais fecundos e mais capazes? Ora, negar que esses meios exteriores sejam favores da divina Providência, ou pôr em dúvida que contribuam para a salvação e a perfeição das almas, seria ser ingrato para com a Bondade celeste e desmentir a verdadeira experiência, que nos mostra que, de ordinário, onde abundam esses meios exteriores, os interiores têm mais efeito e melhor resultado.

Certamente, assim como vemos que jamais se encontram dois homens perfeitamente semelhantes nos dons naturais, do mesmo

modo jamais se encontram dois perfeitamente iguais nos dons sobrenaturais. Os Anjos, como asseguram o grande Santo Agostinho e São Tomás, receberam a graça segundo a variedade de suas condições naturais; ora, todos eles são ou de espécie diferente, ou ao menos de condições diversas, pois se distinguem uns dos outros; logo, tantos quantos são os Anjos, tantas são também as graças diferentes. E ainda que, quanto aos homens, a graça não seja dada segundo as suas condições naturais, todavia a divina Doçura, comprazendo-se e, por assim dizer, alegrando-se na produção das graças, diversifica-as de infinitas maneiras, para que dessa variedade se faça o belo esmalte de sua redenção e de sua misericórdia; por isso a Igreja canta na festa de cada Confessor Bispo: Não se encontrou outro semelhante a ele (Eclo 44, 20). E assim como, no Céu, ninguém conhece o nome novo senão aquele que o recebe (Ap 2, 17), porque cada um dos Bem-aventurados tem o seu próprio, conforme o ser novo da glória que adquire, assim também na terra cada um recebe uma graça tão particular, que todas são diversas. Por isso nosso Salvador compara a sua graça às pérolas (Mt 13, 45), as quais, como diz Plínio, também se chamam uniões, porque são de tal modo únicas, cada uma em suas qualidades, que nunca se encontram duas perfeitamente iguais; e como uma estrela difere da outra em claridade (1Cor 15, 41), assim os homens diferirão uns dos outros na glória, sinal evidente de que também terão diferido na graça. Ora, essa variedade na graça, ou essa graça na variedade, faz uma beleza sacratíssima e uma suavíssima harmonia que alegra toda a santa cidade da Jerusalém celeste.

Mas é preciso guardar-se muito bem de jamais indagar por que a suprema Sabedoria repartiu uma graça a este e não àquele, nem

por que faz abundar seus favores num lugar mais do que noutro. Não, Teótimo, nunca entreis nessa curiosidade; pois, tendo todos suficientemente, aliás, abundantemente, o que se requer para a salvação, que razão pode ter homem algum no mundo para queixar-se, se apraz a Deus repartir suas graças mais largamente a uns do que a outros? Se alguém perguntasse por que Deus faz os melões maiores que os morangos, ou os lírios maiores que as violetas; por que o alecrim não é uma rosa, ou por que o cravo não é um malmequer; por que o pavão é mais belo que um morcego, ou por que o figo é doce e o limão azedo, zombariam de suas perguntas e lhe diriam: pobre homem, já que a beleza do mundo exige a variedade, é preciso que haja perfeições diferentes e desiguais nas coisas, e que uma não seja a outra; por isso umas são pequenas e outras grandes, umas azedas e outras doces, umas mais e outras menos belas. Ora, o mesmo se dá nas coisas sobrenaturais: cada pessoa tem o seu dom, um deste modo, outro daquele (1Cor 7, 7), diz o Espírito Santo. É, portanto, uma impertinência querer indagar por que São Paulo não teve a graça de São Pedro, nem São Pedro a de São Paulo; por que Santo Antão não foi Santo Atanásio, nem Santo Atanásio São Jerônimo; pois a essas perguntas se responderia que a Igreja é um jardim matizado de infinitas flores, e nele é preciso, portanto, que haja flores de diversos tamanhos, de diversas cores, de diversos perfumes e, em suma, de diferentes perfeições; todas têm o seu valor, a sua graça e o seu esmalte, e todas, no conjunto de suas variedades, formam uma agradabilíssima perfeição de beleza.

CAPÍTULO VIII

Quanto Deus deseja que o amemos

Ainda que a redenção do Salvador nos seja aplicada de tantas maneiras diferentes quantas são as almas, o amor é, todavia, o meio universal de nossa salvação, que se mistura a tudo e sem o qual nada é salutar, como diremos em outro lugar. Por isso o Querubim foi posto à porta do paraíso terrestre com sua espada flamejante (Gn 3, 24), para nos ensinar que ninguém entrará no Paraíso celeste sem estar traspassado pelo gládio do amor. Por isso, Teótimo, o doce Jesus, que nos resgatou com seu sangue, deseja infinitamente que o amemos, para que sejamos eternamente salvos, e deseja que sejamos salvos, para que o amemos eternamente: seu amor tende à nossa salvação, e nossa salvação ao seu amor. Ah, diz ele, vim lançar fogo à terra, e que quero eu senão que arda? (Lc 12, 49). Mas, para declarar mais vivamente o ardor desse desejo, ele nos ordena esse amor em termos admiráveis: Amarás, diz ele (Mt 22, 37), o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças; este é o primeiro e o maior mandamento. Verdadeiro Deus, Teótimo, quanto o coração divino está enamorado de nosso amor! Não bastaria que houvesse publicado uma permissão pela qual nos desse licença de amá-lo, como Labão permitiu a Jacó amar a sua bela Raquel e conquistá-la com seu serviço? Mas não: ele declara ainda mais abertamente sua paixão amorosa por nós, e nos ordena que o amemos com todo o nosso poder, a fim de que a consideração de sua Majestade e de nossa miséria — que fazem entre ele e nós uma disparidade e desigualdade tão infinita — nem

qualquer outro pretexto nos desviem de amá-lo. Nisso ele mostra bem, Teótimo, que não nos deixou em vão a inclinação natural de amá-lo; pois, para que ela não fique ociosa, insta conosco para que a empreguemos, por meio desse mandamento geral; e, para que esse mandamento possa ser praticado, não deixa homem vivo a quem não forneça abundantemente todos os meios necessários para esse fim.

O sol visível toca tudo com seu calor vivificante e, como o amante universal das coisas inferiores, dá-lhes o vigor necessário para produzirem seus frutos; do mesmo modo a Bondade divina anima todas as almas e encoraja todos os corações ao seu amor, sem que homem algum se esconda do seu calor (Sl 18, 7). A Sabedoria eterna, diz Salomão (Pr 1, 20), prega em público, faz ressoar a sua voz pelas praças, clama e torna a clamar diante dos povos, pronuncia suas palavras às portas das cidades, e diz: Até quando, ó criancinhas, amareis a infância? E até quando os insensatos desejarão as coisas nocivas, e os imprudentes odiarão a ciência? Convertei-vos, voltai a mim diante desta advertência. Eis que vos ofereço o meu espírito e vos mostrarei a minha palavra. E essa mesma Sabedoria prossegue em Ezequiel (Ez 33, 10), dizendo: Que ninguém diga: estou mergulhado em pecados, e como poderei tornar a viver? Ah, não! Pois eis o que diz Deus: Eu vivo, e tão verdadeiramente como vivo, não quero a morte do ímpio, mas que ele se converta do seu caminho e viva. Ora, viver segundo Deus é amar; e quem não ama permanece na morte (1Jo 3, 14). Vede, pois, Teótimo, se Deus deseja que o amemos. Mas ele não se contenta em anunciar assim, em público, seu extremo desejo de ser amado, de modo que cada um possa ter parte em seu amável convite; vai mesmo de porta em porta, batendo e chamando, e

declarando que, se alguém abrir, entrará em sua casa e com ele ceará (Ap 3, 20), isto é, lhe testemunhará toda sorte de benevolência.

Ora, que quer dizer tudo isso, Teótimo, senão que Deus não nos dá apenas uma simples suficiência de meios para amá-lo e, amando-o, salvar-nos, mas que se trata de uma suficiência rica, ampla, magnífica, e tal como se deve esperar de uma bondade tão grande como a sua? O grande Apóstolo, falando ao pecador obstinado, diz: Desprezas as riquezas da bondade, da paciência e da longanimidade de Deus? Ignoras que a benignidade de Deus te conduz à penitência? Mas tu, segundo a tua dureza e o teu coração impenitente, entesouras ira para o dia da ira (Rm 2, 4). Meu caro Teótimo, Deus não emprega, pois, uma simples suficiência de remédios para converter os obstinados, mas emprega nisso as riquezas de sua bondade. O Apóstolo, como vedes, opõe as riquezas da bondade de Deus aos tesouros da malícia do coração impenitente, e diz que o coração malicioso é tão rico em iniquidade, que despreza até as riquezas da benignidade pela qual Deus o atrai à penitência; e notai que não são simplesmente as riquezas da bondade divina que o obstinado despreza, mas riquezas que atraem à penitência, riquezas que não se podem honestamente ignorar. Certamente, essa rica, plena e copiosa suficiência de meios que Deus dispensa aos pecadores para que o amem transparece quase por toda parte na Escritura: vede esse divino Amante à porta; ele não bate simplesmente, demora-se a bater, chama a alma: Levanta-te, minha amada, apressa-te; e mete a mão pela fechadura, para ver se conseguiria abrir (Ct 2, 10; 5, 4). Se prega nas praças, não prega simplesmente, mas vai clamando, isto é, continua a clamar. Se exclama que nos convertamos, parece

que nunca o repetiu bastante: convertei-vos, convertei-vos, fazei penitência, voltai a mim, vivei; por que morrereis, casa de Israel? (Ez 18, 30; 33, 11). Em suma, esse divino Salvador não esquece nada para mostrar que suas misericórdias estão acima de todas as suas obras (Sl 144, 9), que sua misericórdia supera o seu juízo (Tg 2, 13), que sua redenção é copiosa (Sl 129, 7), que seu amor é infinito e, como diz o Apóstolo, que ele é rico em misericórdia (Ef 2, 4), e que, por consequência, quereria que todos os homens fossem salvos (1Tm 2, 4) e que nenhum perecesse.

CAPÍTULO IX

Como o amor eterno de Deus para conosco previne os nossos corações com sua inspiração, a fim de que o amemos

Amei-te com uma caridade perpétua e por isso te atraí, tendo pena e misericórdia de ti; e de novo te reedificarei, e serás edificada, ó virgem de Israel (Jr 31, 3). São palavras de Deus, pelas quais ele promete que o Salvador, vindo ao mundo, estabelecerá um novo reino em sua Igreja, que será sua Esposa virgem e verdadeira israelita espiritual. Ora, como vedes, Teótimo, não foi por mérito algum das obras que tivéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia que ele nos salvou (Tt 3, 5), por essa caridade antiga, ou antes eterna, que moveu sua divina Providência a atrair-nos a si. Pois, se o Pai não nos tivesse atraído, jamais teríamos vindo ao Filho, nosso Salvador (Jo 6, 44), nem, por consequência, à salvação.

Há certas aves, Teótimo, que Aristóteles chama ápodes, porque, tendo as pernas extremamente curtas e os pés sem força, não se servem deles mais do que se não os tivessem; de modo que,

se uma vez tocam o chão, ali ficam presas, sem que jamais possam por si mesmas retomar o voo, pois, não tendo nenhum uso das pernas nem dos pés, também não têm meio de impulsionar-se e lançar-se ao ar; e assim permanecem ali definhando e ali morrem, a não ser que algum vento propício à sua impotência, soprando suas rajadas sobre a face da terra, venha tomá-las e erguê-las, como faz com tantas outras coisas; pois então, se, empregando suas asas, elas correspondem a esse impulso e primeiro arranco que o vento lhes dá, o mesmo vento continua também a socorrê-las, empurrando-as cada vez mais no voo.

Teótimo, os Anjos são como as aves que, por sua beleza e raridade, se chamam aves do Paraíso, e que nunca se viram na terra senão mortas; pois esses espíritos celestes não abandonaram o amor divino, para se apegarem ao amor-próprio, sem que de súbito caíssem como mortos, sepultados nos infernos, porquanto o que a morte faz nos homens, separando-os para sempre desta vida mortal, isso fez a queda nos Anjos, separando-os para sempre da vida eterna. Mas nós, humanos, antes nos assemelhamos aos ápodes: pois, se acontece de deixarmos o ar do santo amor divino para tomar terra e apegar-nos às criaturas — o que fazemos todas as vezes que ofendemos a Deus —, morremos de fato, mas não de uma morte tão inteira que não nos reste um pouco de movimento, e, com isso, pernas e pés, isto é, algumas pequenas afeições que nos podem fazer ensaiar alguns esforços de amor; mas isso, contudo, é tão fraco, que na verdade já não podemos por nós mesmos desprender nossos corações do pecado, nem lançar-nos ao voo do sagrado amor, que, míseros que somos, abandonamos pérfida e voluntariamente.

E certamente bem mereceríamos ficar abandonados por Deus, já que, com essa deslealdade, assim o abandonamos. Mas sua eterna caridade nem sempre permite que sua justiça use desse castigo; ao contrário, despertando a sua compaixão, provoca-o a retirar-nos de nossa desgraça; o que ele faz enviando o vento favorável da santíssima inspiração, a qual, vindo com uma doce violência aos nossos corações, apodera-se deles e os move, elevando nossos pensamentos e impelindo nossas afeições ao ar do divino amor.

Ora, esse primeiro impulso ou abalo que Deus dá aos nossos corações, para incitá-los ao seu bem, faz-se verdadeiramente em nós, mas não por nós; pois chega de improviso, antes que tenhamos nele pensado ou pudéssemos pensar, já que não temos capacidade alguma para, por nós mesmos e como de nós mesmos, pensar coisa alguma que diga respeito à nossa salvação; mas toda a nossa capacidade vem de Deus (2Cor 3, 5), o qual não somente nos amou antes que existíssemos, mas ainda para que existíssemos e para que fôssemos santos (Ef 1, 4); em seguida, ele nos previne com as bênçãos de sua doçura paterna (Sl 20, 4) e excita nossos espíritos, para impeli-los à santa penitência e conversão. Vede, eu vos peço, Teótimo, o pobre príncipe dos Apóstolos todo entorpecido em seu pecado, na triste noite da Paixão de seu Mestre: não pensava em arrepender-se de seu pecado mais do que se jamais houvesse conhecido seu divino Salvador; e, como um mísero ápode caído por terra, jamais se teria reerguido, se o galo, como instrumento da divina Providência, não lhe tivesse ferido os ouvidos com seu canto, no mesmo instante em que o doce Redentor, lançando-lhe um olhar salutar como uma seta de amor, traspassou aquele coração de pedra, que depois verteu tantas águas

(Lc 22, 55), à maneira da antiga rocha quando foi ferida por Moisés no deserto. Mas vede novamente esse Apóstolo sagrado dormindo na prisão de Herodes, preso com duas correntes: ali está na condição de mártir e, no entanto, representa o pobre homem que dorme em meio ao pecado, prisioneiro e escravo de Satanás. Ai, quem o libertará? O Anjo desce do Céu e, tocando o flanco do grande São Pedro prisioneiro (At 12, 6), desperta-o dizendo: Levanta-te; e a inspiração vem do Céu como um Anjo, a qual, batendo em cheio no coração do pobre pecador, o excita, para que se levante de sua iniquidade.

Não é, pois, verdade, meu caro Teótimo, que essa primeira emoção e sacudida que a alma sente, quando Deus, prevenindo-a com seu amor, a desperta e a excita a deixar o pecado e a voltar-se para ele — e não somente essa sacudida, mas todo o despertar — se faz em nós e para nós, mas não por nós? Somos despertados, mas não fomos nós que nos despertamos a nós mesmos; foi a inspiração que nos despertou, e, para despertar-nos, ela nos abalou e sacudiu. Eu dormia, diz aquela devota Esposa (Ct 5, 2), e meu Esposo, que é o meu coração, velava; eis que ele me desperta, chamando-me pelo nome de nossos amores, e bem entendo, pela sua voz, que é ele. É de sobressalto e de improviso que Deus nos chama e desperta por sua santíssima inspiração: nesse começo da graça celeste, nada fazemos senão sentir o abalo "que Deus faz em nós", como diz São Bernardo, mas "sem nós".

CAPÍTULO X

Que muitas vezes repelimos a inspiração e nos recusamos a amar a Deus

Ai de ti, Corozaim; ai de ti, Betsaida; porque, se em Tiro e em Sidônia se tivessem feito os prodígios que se fizeram em ti, elas já teriam feito penitência com cilício e cinza (Mt 11, 21): é a palavra do Salvador. Ouvi, pois, eu vos peço, Teótimo, que os habitantes de Corozaim e de Betsaida, instruídos na verdadeira religião, tendo recebido favores tão grandes que teriam de fato convertido até os próprios pagãos, permaneceram, no entanto, obstinados e jamais quiseram prevalecer-se deles, rejeitando aquela santa luz com uma rebeldia incomparável. Certamente, no dia do juízo, os ninivitas e a rainha de Sabá se levantarão contra os judeus e os convencerão de serem dignos de condenação; porque, quanto aos ninivitas, sendo idólatras e nação bárbara, à voz de Jonas converteram-se e fizeram penitência; e quanto à rainha de Sabá, ainda que estivesse envolvida nos negócios de um reino, tendo ouvido a fama da sabedoria de Salomão, deixou tudo para vir escutá-lo (Mt 12, 41); e, entretanto, os judeus, ouvindo com seus próprios ouvidos a divina Sabedoria do verdadeiro Salomão, Salvador do mundo, vendo com seus olhos os seus milagres, tocando com suas mãos os seus prodígios e benefícios, nem por isso deixaram de endurecer-se e de resistir à graça que lhes era oferecida. Vede, portanto, de novo, Teótimo, que os que receberam menos atrativos são levados à penitência, e os que mais receberam obstinam-se; os que têm menos motivo para vir vêm à

escola da Sabedoria, e os que têm mais permanecem em sua loucura.

Assim se fará o juízo por comparação, como todos os Doutores notaram, o qual não pode ter outro fundamento senão este: que uns, tendo sido favorecidos com tantos ou mais atrativos que os outros, terão contudo recusado seu consentimento à misericórdia; e os outros, assistidos por atrativos iguais ou até menores, terão seguido a inspiração e se terão rendido à santíssima penitência. Pois de que outro modo se poderia, com razão, censurar aos impenitentes a sua impenitência, comparando-os com os que se converteram? Certamente, Nosso Senhor mostra com clareza, e todos os cristãos entendem sem dificuldade, que nesse justo juízo se condenarão os judeus por comparação com os ninivitas, porque aqueles tiveram muito favor e nenhum amor, muita assistência e nenhum arrependimento; estes, menos favor e muito amor, menos assistência e muita penitência.

O grande Santo Agostinho lança grande luz sobre esta matéria no discurso que faz no livro décimo segundo da Cidade de Deus, capítulos VI, VII, VIII e IX; pois, embora considere particularmente os Anjos, compara-lhes contudo os homens neste ponto. Ora, depois de estabelecer, no capítulo VI, dois homens inteiramente iguais em bondade e em todas as coisas, agitados por uma mesma tentação, ele supõe que um possa resistir e o outro ceder ao inimigo. Depois, no capítulo IX, tendo provado que todos os Anjos foram criados em caridade, e admitindo ainda como coisa provável que a graça e a caridade foram iguais em todos eles, pergunta como aconteceu que uns perseveraram e progrediram em sua bondade até alcançarem a glória, e outros deixaram o bem para se voltarem ao mal, até a condenação. E

responde que não se poderia dizer outra coisa senão que uns perseveraram, pela graça do Criador, no amor casto que receberam em sua criação, e os outros, de bons que eram, tornaram-se maus por sua própria e única vontade.

Mas, se é verdade, como São Tomás prova excelentemente, que a graça foi diversificada nos Anjos em proporção e segundo a variedade de seus dons naturais, os Serafins terão recebido uma graça incomparavelmente mais excelente que os simples Anjos da última ordem. Como terá então acontecido que alguns dos Serafins, e mesmo o primeiro de todos, segundo a mais provável e comum opinião dos Antigos, tenham caído, enquanto uma multidão inumerável dos outros Anjos, inferiores em natureza e em graça, perseveraram excelente e corajosamente? De onde vem que Lúcifer, tão elevado por natureza e sobre-elevado pela graça, caiu, e que tantos Anjos, menos favorecidos, permaneceram de pé em sua fidelidade? Certamente, os que perseveraram devem todo o louvor a Deus, que por sua misericórdia os criou e os manteve bons; mas Lúcifer e todos os seus sequazes, a quem podem atribuir a sua queda senão, como diz Santo Agostinho, à sua própria vontade, que por sua liberdade abandonou a graça divina que tão docemente os havia prevenido? Como caíste, ó grande Lúcifer, tu que, tal como uma bela aurora, despontavas naquele mundo invisível (Is 14, 12), revestido da caridade primeira, como do princípio da claridade de um belo dia que devia crescer até o meio-dia (Pr 4, 18) da glória eterna? A graça não te faltou, pois a tinhas, como a tua natureza, a mais excelente de todas; foste tu que faltaste à graça. Deus não te havia privado da operação de seu amor, mas tu privaste o seu amor de tua cooperação. Deus jamais te teria rejeitado, se tu não tivesses rejeitado o seu amor. Ó Deus

todo bom, vós só deixais os que vos deixam, vós nunca nos tirais os vossos dons, senão quando nós vos tiramos os nossos corações. Roubamos os bens de Deus se atribuímos a nós mesmos a glória de nossa salvação; mas desonramos a sua misericórdia se dizemos que ela nos faltou; ofendemos a sua liberalidade se não confessamos os seus benefícios, mas blasfemamos contra a sua bondade se negamos que ela nos assistiu e socorreu. Em suma, Deus clama alto e claro aos nossos ouvidos: A tua perdição vem de ti, ó Israel, e só em mim se encontra o teu socorro (Os 13, 9).

CAPÍTULO XI

Que não é por culpa da divina Bondade que não temos um amor excelentíssimo

Ó Deus, Teótimo, se recebêssemos as inspirações celestes em toda a extensão de sua força, que grandes progressos faríamos em pouco tempo na santidade! Por mais abundante que seja a fonte, suas águas não entrarão num jardim segundo a sua afluência, mas segundo a pequenez ou a grandeza do canal por onde são conduzidas. Ainda que o Espírito Santo, como uma fonte de água viva, chegue por todos os lados ao nosso coração para nele derramar sua graça, todavia, não querendo que ela entre em nós senão pelo livre consentimento de nossa vontade, ele só a derramará na medida de seu beneplácito e de nossa própria disposição e cooperação, como diz o sagrado Concílio, o qual também, ao que penso, por causa da correspondência de nosso consentimento com a graça, chama a recepção dela recepção voluntária.

Nesse sentido São Paulo nos exorta a não receber em vão a graça de Deus (2Cor 6, 1); pois, assim como um doente que, tendo recebido o remédio em sua mão, não o engolisse, teria de fato recebido o remédio, mas sem o receber, isto é, tê-lo-ia recebido de maneira inútil e infrutuosa, assim também recebemos em vão a graça de Deus quando a recebemos à porta do coração, e não no consentimento do coração; pois assim a recebemos sem a receber, isto é, recebemo-la sem fruto, já que de nada serve sentir a inspiração sem consentir nela. E assim como o doente a quem se tivesse posto o remédio na mão, se o tomasse apenas em parte e não todo, só em parte e não inteiramente ele faria seu efeito, do mesmo modo, quando Deus nos envia uma inspiração grande e poderosa para abraçarmos o seu santo amor, se não consentimos em toda a sua extensão, ela tampouco nos aproveitará senão nessa medida. Acontece que, sendo inspirados a fazer muito, não consentimos em toda a inspiração, mas somente em alguma parte dela, como fizeram aquelas boas pessoas do Evangelho que, diante da inspiração que Nosso Senhor lhes deu de segui-lo, queriam reservar-se, um de ir primeiro sepultar o pai, e o outro de ir despedir-se dos seus (Lc 9, 59).

Enquanto a pobre viúva teve vasos vazios, o óleo cuja multiplicação Eliseu havia miraculosamente alcançado nunca deixou de correr; e, quando já não houve vasos para recebê-lo, cessou de abundar (2Rs 4, 1). À medida que nosso coração se dilata, ou, melhor dizendo, à medida que se deixa alargar e dilatar, e não recusa à misericórdia divina o vazio de seu consentimento, ela nele derrama sempre e sem cessar suas sagradas inspirações, que vão crescendo e nos fazem crescer cada vez mais no sagrado amor;

mas, quando já não há vazio e não prestamos mais consentimento, ela se detém.

De que depende, pois, que não estejamos tão adiantados no amor de Deus como Santo Agostinho, São Francisco, Santa Catarina de Gênova ou Santa Francisca? Teótimo, será porque Deus não nos concedeu essa graça? Mas por que Deus não nos concedeu essa graça? Porque não correspondemos como devíamos às suas inspirações. E por que não correspondemos? Porque, sendo livres, abusamos assim de nossa liberdade. Mas por que abusamos assim de nossa liberdade? Teótimo, não se deve ir mais adiante; pois, como diz Santo Agostinho, a depravação de nossa vontade não provém de causa alguma, mas da deficiência da causa que comete o pecado. E não se deve pensar que se possa dar razão da falta que se comete no pecado, pois a falta não seria pecado se não fosse sem razão.

O devoto frei Rufino, por causa de certa visão que tivera da glória a que o grande São Francisco chegaria por sua humildade, fez-lhe esta pergunta: "Meu caro Padre, suplico-vos que me digais na verdade que opinião tendes de vós mesmo". E o Santo lhe respondeu: "Certamente, tenho-me pelo maior pecador do mundo e por aquele que menos serve a Nosso Senhor". "Mas", replicou frei Rufino, "como podeis dizer isso com verdade e em consciência, já que muitos outros, como manifestamente se vê, cometem muitos e grandes pecados, dos quais, graças a Deus, estais isento?" Ao que São Francisco respondeu: "Se Deus tivesse favorecido esses outros de quem falais com tanta misericórdia como me favoreceu a mim, estou certo de que, por mais perversos que sejam agora, teriam sido muito mais reconhecidos dos dons de Deus do que eu sou, e o serviriam muito melhor do que eu o sirvo;

e, se meu Deus me abandonasse, eu cometeria mais maldades do que qualquer outro."

Vede, Teótimo, o parecer desse homem, que quase não foi homem, mas Serafim na terra. Sei que ele falava assim de si mesmo por humildade, mas cria contudo ser verdade inteira que uma graça igual, concedida com igual misericórdia, pode ser mais utilmente empregada por um dos pecadores do que por outro. Ora, tenho por oráculo o sentimento desse grande doutor na ciência dos Santos, que, criado na escola do Crucifixo, só respirava as divinas inspirações. Por isso mesmo esse dito foi louvado e repetido por todos os mais devotos que vieram depois, entre os quais muitos julgaram que o grande apóstolo São Paulo dissera no mesmo sentido que era o primeiro de todos os pecadores (1Tm 1, 13).

A bem-aventurada Madre Teresa de Jesus, virgem certamente também toda angélica, falando da oração de quietude, diz estas palavras: "Há muitas almas que chegam a este estado, e as que passam adiante são em bem pequeno número, e não sei qual seja a causa disso. Por certo, a falta não está da parte de Deus, pois, já que sua divina Majestade nos ajuda e nos faz a graça de chegarmos até este ponto, creio que não deixaria de nos conceder ainda mais, se não fosse por nossa culpa e pelo impedimento que de nossa parte lhe pomos." Sejamos, pois, atentos, Teótimo, ao nosso avanço no amor que devemos a Deus, pois aquele que ele nos tem jamais nos faltará.

CAPÍTULO XII

Que os atrativos divinos nos deixam em plena liberdade de segui-los ou de repeli-los

Não falarei aqui, meu caro Teótimo, daquelas graças milagrosas que quase num instante transformaram os lobos em pastores, os rochedos em água e os perseguidores em pregadores. Deixo de lado essas vocações todo-poderosas e esses atrativos santamente violentos, pelos quais Deus, num momento, transferiu algumas almas de eleição do extremo da culpa ao extremo da graça, fazendo nelas, por assim dizer, uma espécie de transubstanciação moral e espiritual, como aconteceu ao grande Apóstolo, que, de Saulo, vaso de perseguição, tornou-se subitamente Paulo, vaso de eleição (At 9, 15). É preciso dar um lugar à parte a essas almas privilegiadas, nas quais Deus se comprouve em exercer não apenas a afluência, mas a inundação, e, se assim se pode dizer, não apenas a liberalidade e a efusão, mas a prodigalidade e a profusão de seu amor. A justiça divina nos castiga neste mundo com punições que, por serem ordinárias, são também quase sempre desconhecidas e imperceptíveis; algumas vezes, todavia, ela produz dilúvios e abismos de castigos, para fazer reconhecer e temer a severidade de sua indignação. Assim também a sua misericórdia converte e favorece ordinariamente as almas de uma maneira tão doce, suave e delicada, que a custo se percebe o seu movimento; e, no entanto, acontece por vezes que essa Bondade soberana, transbordando suas margens ordinárias, como um rio inchado e forçado pela afluência de suas águas, que se derrama pela planície, faz uma efusão de suas graças tão impetuosa, ainda que amorosa, que num

momento embebe e cobre toda uma alma de bênçãos, a fim de fazer aparecer as riquezas de seu amor; e para que, assim como a sua justiça procede comumente por via ordinária e algumas vezes por via extraordinária, também a sua misericórdia exerça a sua liberalidade por via ordinária sobre o comum dos homens, e sobre alguns também por meios extraordinários.

Mas quais são, então, as cordas ordinárias pelas quais a divina Providência costuma atrair os corações ao seu amor? Tais, certamente, como ela mesma as assinala, ao descrever os meios de que usou para tirar o povo de Israel do Egito e do deserto e conduzi-lo à Terra prometida: Eu os atraí, diz ela por Oseias (Os 11, 4), com laços de humanidade, com laços de caridade e de amizade. Sem dúvida, Teótimo, não somos atraídos a Deus por laços de ferro, como os touros e os búfalos, mas por meio de agrados, de atrativos deliciosos e de santas inspirações, que são, em suma, os laços de Adão e da humanidade, isto é, proporcionados e adequados ao coração humano, ao qual a liberdade é natural. O laço próprio da vontade humana é a fruição e o prazer: "Mostram-se nozes a uma criança", diz Santo Agostinho, "e ela é atraída amando; é atraída pelo laço, não do corpo, mas do coração." Vede, pois, como o Pai eterno nos atrai: ensinando-nos, ele nos deleita, sem nos impor necessidade alguma; lança dentro de nossos corações deleites e prazeres espirituais, como sagradas iscas pelas quais nos atrai suavemente a receber e a saborear a doçura de sua doutrina.

Desse modo, pois, caríssimo Teótimo, nosso livre-arbítrio não é de forma alguma forçado nem constrangido pela graça; ao contrário, não obstante o vigor todo-poderoso da mão misericordiosa de Deus, que toca, envolve e enlaça a alma com

tantas e tantas inspirações, exortações e atrativos, essa vontade humana permanece perfeitamente livre, desembaraçada e isenta de toda sorte de constrangimento e de necessidade. A graça é tão graciosa, e toma tão graciosamente os nossos corações para atraí-los, que em nada estraga a liberdade de nossa vontade; toca poderosamente, e todavia tão delicadamente, as molas de nosso espírito, que nosso livre-arbítrio não recebe disso violência alguma; a graça tem forças, não para forçar, mas para atrair o coração; tem uma santa violência, não para violentar, mas para tornar amorosa a nossa liberdade; age fortemente, mas tão suavemente, que nossa vontade não fica esmagada sob uma ação tão poderosa; ela nos insta, mas não oprime a nossa liberdade: de modo que podemos, em meio às suas forças, consentir ou resistir aos seus movimentos, conforme nos apraz.

Mas o que é tão admirável quanto verdadeiro é que, quando nossa vontade segue o atrativo e consente ao movimento divino, ela o segue tão livremente como livremente resiste quando resiste, ainda que o consentimento à graça dependa muito mais da graça do que da vontade, e a resistência à graça dependa unicamente da vontade: tanto é amável a mão de Deus no manejo de nosso coração, tanta destreza tem ela para nos comunicar a sua força sem nos tirar a nossa liberdade, e para nos dar o movimento de seu poder sem impedir o de nosso querer; ajustando de tal modo a sua potência à sua suavidade que, assim como no que toca ao bem a sua potência nos dá suavemente o poder, também a sua suavidade mantém poderosamente a liberdade de nosso querer. Se conhecesses o dom de Deus, disse o Salvador à Samaritana (Jo 4, 10), e quem é aquele que te diz: dá-me de beber, talvez tu mesma lho pedisses, e ele te daria água viva. Vede, por favor, Teótimo, o

traço do Salvador quando fala de seus atrativos: Se conhecesses, quer ele dizer, o dom de Deus, sem dúvida serias movida e atraída a pedir a água da vida eterna, e talvez a pedisses; como se dissesse: terias o poder e serias incitada a pedir, e todavia não serias forçada nem necessitada; mas somente talvez a pedirias, pois a tua liberdade te ficaria para pedi-la ou não pedi-la. Tais são as palavras do Salvador, segundo a edição ordinária e segundo a lição de Santo Agostinho sobre São João.

Em suma, "se alguém dissesse que nosso livre-arbítrio não coopera, consentindo à graça com que Deus o previne, ou que não pode rejeitar a graça e recusar-lhe seu consentimento", contradiria toda a Escritura, todos os antigos Padres e a experiência, e seria excomungado pelo Sagrado Concílio de Trento. Mas, quando se diz que podemos rejeitar a inspiração celeste e os atrativos divinos, não se entende, certamente, que se possa impedir a Deus de nos inspirar nem de lançar seus atrativos em nossos corações; pois, como já disse, isso se faz "em nós" e "sem nós"; são favores que Deus nos faz antes que tenhamos neles pensado; mas está em nós levantar-nos ou não nos levantar, e, ainda que ele nos tenha despertado sem nós, não quer levantar-nos sem nós. Ora, é resistir ao despertar não se levantar e tornar a adormecer, já que só nos despertam para que nos levantemos. Não podemos impedir que a inspiração nos impila e, por consequência, nos abale; mas se, à medida que ela nos impele, nós a repelimos, para não nos deixar levar por seu movimento, então resistimos. Assim, tendo o vento tomado e erguido as nossas aves ápodes, não as levará muito longe se elas não estenderem as asas e não cooperarem, elevando-se e voando no ar para onde foram lançadas. Se, ao contrário, atraídas talvez por alguma verdura que veem embaixo, ou entorpecidas por

terem definhado em terra, em vez de secundar o vento conservam as asas dobradas e se lançam novamente para baixo, receberam de fato o movimento do vento, mas em vão, já que dele não se prevaleceram. Teótimo, as inspirações nos previnem e, antes que tenhamos nelas pensado, fazem-se sentir; mas, depois que as sentimos, cabe a nós consentir nelas, para secundá-las e seguir seus atrativos, ou dissentir e repeli-las: elas se fazem sentir em nós sem nós, mas não nos fazem consentir sem nós.

CAPÍTULO XIII

Dos primeiros sentimentos que os atrativos divinos produzem na alma, antes que ela tenha a fé

O mesmo vento que ergue os ápodes prende-se primeiro às suas penas, como às partes mais leves e mais suscetíveis à sua agitação, pela qual dá de início movimento às asas, estendendo-as e desdobrando-as de tal modo que elas lhe sirvam de apoio para agarrar o pássaro e carregá-lo pelos ares. E se o ápode, assim elevado, acrescenta o movimento de suas asas ao do vento, o mesmo vento que o impeliu o ajudará cada vez mais a voar com grande facilidade. Assim, meu caro Teótimo, quando a inspiração, como um vento sagrado, vem impelir-nos ao ar do santo amor, ela se prende à nossa vontade e, pelo sentimento de alguma deleitação celeste, a comove, estendendo e desdobrando a inclinação natural que ela tem para o bem, de sorte que essa mesma inclinação lhe sirva de apoio para tomar posse do nosso espírito; e tudo isso, como já disse, se faz “em nós, sem nós”, pois é o favor divino que desse modo nos previne. E se o nosso espírito, assim santamente prevenido, sentindo as asas de sua inclinação

movidas, desdobradas, estendidas, impelidas e agitadas por esse vento celeste, contribui, por pouco que seja, com o seu consentimento — ah, que felicidade, Teótimo! —, então a mesma inspiração e o mesmo favor que nos tomaram, misturando sua ação com o nosso consentimento, animando nossos fracos movimentos com a força dos seus e vivificando nossa débil cooperação com o poder de sua operação, nos ajudarão, conduzirão e acompanharão de amor em amor, até o ato da santíssima fé, requerido para a nossa conversão.

Deus verdadeiro, Teótimo, que consolação é considerar o sagrado método com que o Espírito Santo derrama os primeiros raios e sentimentos de sua luz, em calor vital, dentro de nossos corações! Ó Jesus, que prazer delicioso é ver o amor celeste, que é o sol das virtudes, quando, pouco a pouco, por progressos que insensivelmente se tornam sensíveis, vai desdobrando sua claridade sobre uma alma, e não descansa enquanto não a tiver coberto inteira com o esplendor de sua presença, dando-lhe enfim a perfeita beleza do seu dia! Oh, como essa aurora é alegre, bela, amável e agradável! E, no entanto, é verdade que, ou a aurora não é dia, ou, se é dia, é um dia que começa, um dia nascente; é antes a infância do dia do que o próprio dia. Do mesmo modo, sem dúvida, esses movimentos de amor que precedem o ato de fé requerido para a nossa justificação, ou não são amor, propriamente falando, ou são um amor incipiente e imperfeito; são os primeiros rebentos verdejantes que a alma, aquecida pelo sol celeste, como árvore mística, começa a lançar na primavera, e que são antes presságios de frutos do que frutos.

São Pacômio, então ainda muito jovem soldado e sem conhecimento de Deus, alistado sob as bandeiras do exército que

Constâncio levantara contra o tirano Maxêncio, veio, com a tropa a que pertencia, alojar-se perto de uma pequena cidade não muito distante de Tebas, onde não só ele, mas todo o exército se viu em extrema falta de mantimentos. Ao saberem disso, os habitantes da pequena cidade, que por feliz acaso eram fiéis de Jesus Cristo e, por conseguinte, amigos e prestativos para com o próximo, providenciaram de imediato para a necessidade dos soldados, mas com tanto cuidado, cortesia e amor, que Pacômio ficou tomado de admiração; e, perguntando que nação era aquela, tão bondosa, amável e graciosa, disseram-lhe que eram cristãos; e, indagando de novo qual era a sua lei e maneira de viver, soube que criam em Jesus Cristo, Filho único de Deus, e faziam o bem a toda sorte de pessoas, com firme esperança de receber do próprio Deus ampla recompensa. Ah, Teótimo, o pobre Pacômio, embora de boa índole, dormia então no leito de sua infidelidade; e eis que, de repente, Deus se encontra à porta do seu coração e, pelo bom exemplo desses cristãos, como por uma voz suave, o chama, o desperta e lhe dá o primeiro sentimento do calor vital do seu amor; pois mal ouvira falar, como acabo de dizer, da amável lei do Salvador, e já, todo cheio de uma nova luz e de consolação interior, retirando-se à parte e tendo por algum tempo pensado consigo mesmo, ergueu as mãos ao céu e, com um profundo suspiro, pôs-se a dizer: "Senhor Deus, que fizestes o céu e a terra, se vos dignardes lançar os olhos sobre a minha baixeza e a minha pena, e dar-me o conhecimento de vossa Divindade, eu vos prometo servir-vos e obedecer por toda a minha vida aos vossos mandamentos." Depois dessa oração e promessa, o amor do verdadeiro bem e da piedade cresceu tanto nele, que não cessava de praticar mil e mil exercícios de virtude.

Parece-me, certamente, que vejo neste exemplo um rouxinol que, despertando ao romper da aurora, começa a sacudir-se, espreguiçar-se, desdobrar as penas, esvoaçar de ramo em ramo no seu arbusto e, pouco a pouco, gorjear o seu delicioso canto. Pois não reparastes como o bom exemplo desses cristãos caridosos excitou e despertou de súbito o bem-aventurado Pacômio? Certamente, esse espanto de admiração que ele sentiu não foi outra coisa senão o seu despertar, no qual Deus o tocou, como o sol toca a terra, com um raio de sua claridade, que o encheu de um grande sentimento de prazer espiritual. Por isso Pacômio se sacode das distrações, para, com mais atenção e facilidade, recolher e saborear a graça recebida, retirando-se à parte para nela pensar; depois estende o coração e as mãos para o céu, aonde a inspiração o atrai, e, começando a desdobrar as asas de suas afeições, esvoaçando entre a desconfiança de si mesmo e a confiança em Deus, entoa, num tom humildemente amoroso, o cântico de sua conversão, pelo qual testemunha, primeiro, que já conhece um só Deus, Criador do céu e da terra; mas reconhece também que ainda não o conhece o bastante para bem servi-lo, e por isso suplica que lhe seja dado um conhecimento maior, a fim de poder, por meio dele, chegar ao perfeito serviço de sua divina Majestade.

Entretanto, vede, eu vos peço, Teótimo, como Deus vai suavemente reforçando, pouco a pouco, a graça de sua inspiração nos corações que consentem, atraindo-os para si como de degrau em degrau nessa escada de Jacó. Mas quais são os seus atrativos? O primeiro, pelo qual ele nos previne e desperta, é feito por ele "em nós" e "sem nós"; todos os outros são também feitos por ele, e "em nós", mas não "sem nós". Atrai-me, diz a Esposa sagrada (Ct 1, 3), isto é: começai vós primeiro, pois eu não saberia despertar por

mim mesma, não saberia mover-me se não me moverdes; mas quando me tiverdes movido, então, ó querido Esposo de minha alma, correremos nós dois: vós correreis diante de mim, atraindo-me sempre mais adiante, e eu vos seguirei na corrida, consentindo aos vossos atrativos; mas que ninguém pense que me ides arrastando atrás de vós como escrava forçada ou como carroça inanimada; ah, não: vós me atraís pelo odor de vossos perfumes. Se vou seguindo-vos, não é que me arrasteis, é que me seduzis; vossos atrativos são poderosos, mas não violentos, pois toda a sua força consiste na sua doçura. Os perfumes não têm outro poder para atrair ao seu séquito senão a sua suavidade; e a suavidade, como poderia atrair, senão suave e agradavelmente?

CAPÍTULO XIV

Do sentimento do amor divino que se recebe pela fé

Quando Deus nos dá a fé, entra em nossa alma e fala ao nosso espírito, não por modo de raciocínio, mas por modo de inspiração, propondo ao entendimento, de maneira tão agradável, o que é preciso crer, que a vontade recebe disso uma grande complacência, e tal que ela incita o entendimento a consentir e aquiescer à verdade, sem dúvida nem desconfiança alguma. E eis aqui a maravilha: Deus faz a proposição dos mistérios da fé à nossa alma em meio a obscuridades e trevas, de tal sorte que não vemos as verdades, mas somente as entrevemos; como acontece, por vezes, quando a terra está coberta de névoas e não podemos ver o sol, mas vemos apenas um pouco mais de claridade do lado em que ele está, de modo que, por assim dizer, o vemos sem vê-lo; porque, de um lado, não o vemos tanto que possamos propriamente dizer

que o vemos, e, de outro, não o vemos tão pouco que possamos dizer que não o vemos; e é a isso que chamamos entrever. E, no entanto, essa obscura claridade da fé, uma vez entrada em nosso espírito, não por força de raciocínios nem por aparência de argumentos, mas pela simples suavidade de sua presença, faz-se crer e obedecer pelo entendimento com tanta autoridade, que a certeza que ela nos dá da verdade supera todas as outras certezas do mundo, e sujeita de tal modo todo o espírito e todos os seus raciocínios, que estes não têm crédito algum em comparação.

Meu Deus, Teótimo, poderia eu dizê-lo bem? A fé é a grande amiga do nosso espírito, e pode muito bem falar às ciências humanas, que se gabam de ser mais evidentes e claras do que ela, como a Esposa sagrada falava às outras pastoras: Sou morena, mas bela (Ct 1, 4). Ó raciocínios humanos, ó ciências adquiridas, sou morena, pois estou entre as obscuridades das simples revelações, que são sem nenhuma evidência aparente e me fazem parecer negra, tornando-me quase irreconhecível; mas sou, contudo, bela em mim mesma, por causa de minha infinita certeza, e, se os olhos dos mortais me pudessem ver tal como sou por natureza, achar-me-iam toda bela (Ct 4, 7). Mas não é forçoso, com efeito, que eu seja infinitamente amável, visto que as sombrias trevas e as espessas névoas entre as quais estou, não vista, mas apenas entrevista, não podem impedir que eu seja tão agradável, que o espírito, prezando-me acima de tudo e rompendo a multidão de todos os outros conhecimentos, me abre caminho e me recebe como sua rainha, no trono mais elevado que há em seu palácio, de onde dou a lei a toda ciência e sujeito todo raciocínio e todo sentimento humano? Sim, verdadeiramente, Teótimo: assim como os chefes do exército de Israel, despojando-se de suas vestes, as puseram

juntas e delas fizeram como que um trono real, sobre o qual assentaram Jeú, gritando: Jeú é rei (2Rs 9, 13), do mesmo modo, à chegada da fé, o espírito se despoja de todos os raciocínios e argumentos e, submetendo-os à fé, fá-la assentar-se sobre eles, reconhecendo-a como rainha, e grita com grande alegria: Viva a fé! Os raciocínios e argumentos piedosos, os milagres e outras vantagens da religião cristã tornam-na, certamente, extremamente crível e conhecível; mas só a fé a torna crida e reconhecida, fazendo amar a beleza de sua verdade e crer na verdade de sua beleza, pela suavidade que derrama na vontade e pela certeza que dá ao entendimento. Os judeus viram os milagres e ouviram as maravilhas de Nosso Senhor; mas, estando indispostos a receber a fé, isto é, não sendo a sua vontade suscetível da doçura e suavidade da fé, por causa da acidez e malícia de que estavam cheios, permaneceram em sua infidelidade (Jo 9, 41): viam a força do argumento, mas não saboreavam a suavidade da conclusão, e por isso não aquiesciam à sua verdade. E, no entanto, o ato de fé consiste nessa aquiescência do nosso espírito, o qual, tendo recebido a agradável luz da verdade, a ela adere por meio de uma doce, mas poderosa e sólida segurança e certeza, que ele toma da autoridade da revelação que lhe é feita.

Já ouvistes dizer, Teótimo, que nos Concílios gerais se fazem grandes disputas e investigações da verdade, por raciocínios, razões e argumentos de teologia; mas, debatida a questão, os Padres, isto é, os Bispos, e especialmente o Papa, que é o chefe dos Bispos, concluem, resolvem e determinam; e, pronunciada a determinação, cada um nela se detém e plenamente aquiesce, não em consideração das razões alegadas na disputa e investigação precedente, mas em virtude da autoridade do Espírito Santo, o

qual, presidindo invisivelmente aos Concílios, julgou, determinou e concluiu pela boca de seus servos, que ele estabeleceu Pastores do Cristianismo. A investigação, pois, e a disputa se fazem no átrio dos sacerdotes, entre os doutores; mas a resolução e a aquiescência se fazem no Santuário, onde o Espírito Santo, que anima o corpo da Igreja, fala pelas bocas dos seus chefes, conforme Nosso Senhor o prometeu (Lc 10, 16). Assim, a avestruz põe os seus ovos sobre a areia da Líbia, mas só o sol faz deles sair o filhote; e os doutores, por suas investigações e raciocínios, propõem a verdade, mas só os raios do Sol de justiça lhe dão a certeza e a aquiescência. Ora, enfim, Teótimo, essa segurança que o espírito humano adquire nas coisas reveladas e nos mistérios da fé começa por um sentimento amoroso de complacência que a vontade recebe da beleza e suavidade da verdade proposta: de sorte que a fé compreende um começo de amor que o nosso coração sente pelas coisas divinas.

CAPÍTULO XV

Do grande sentimento de amor que recebemos pela santa esperança

Assim como, expostos aos raios do sol do meio-dia, mal vemos a claridade e logo sentimos o calor, assim também a luz da fé não lança tão cedo o esplendor de suas verdades em nosso entendimento sem que, imediatamente, a nossa vontade sinta o santo calor do amor celeste. A fé nos faz conhecer, por uma certeza infalível, que Deus existe, que é infinito em bondade, que pode comunicar-se a nós, e que não somente pode, mas quer; de modo que, por uma inefável doçura, ele nos preparou todos os meios

requeridos para chegarmos à felicidade da glória imortal. Ora, temos uma inclinação natural para o soberano bem, em consequência da qual o nosso coração traz consigo uma certa íntima ansiedade e uma contínua inquietação, sem poder de maneira alguma aquietar-se, nem cessar de testemunhar que lhe faltam a sua perfeita satisfação e o seu sólido contentamento. Mas quando a santa fé representa ao nosso espírito esse belo objeto de sua inclinação natural, ó Deus verdadeiro, Teótimo, que alívio, que prazer, que estremecimento universal de toda a nossa alma! A qual então, como toda surpresa ante o aspecto de tão excelente beleza, exclama de amor: Oh, como sois belo, meu Bem-Amado, oh, como sois belo! (Ct 1, 15; 4, 1)

Eliézer buscava uma esposa para o filho do seu senhor Abraão: que sabia ele se a encontraria bela e graciosa como a desejava? Mas quando a encontrou junto à fonte, quando a viu tão excelente em beleza e tão perfeita em doçura, e sobretudo quando ela lhe foi concedida, adorou a Deus por isso e o bendisse, com ações de graças cheias de alegria sem igual (Gn 24). O coração humano tende a Deus por sua inclinação natural, sem bem saber quem ele é; mas quando o encontra na fonte da fé, e o vê tão bom, tão belo, tão doce e tão benigno para com todos, e tão disposto a dar-se como soberano bem a todos os que o querem — ó Deus, quantos contentamentos e quantos sagrados movimentos no espírito, para unir-se para sempre a essa bondade tão soberanamente amável! Enfim encontrei, diz a alma assim tocada, enfim encontrei o que desejava (Ct 3, 4), e agora estou contente. E assim como Jacó, tendo visto a bela Raquel, depois de tê-la santamente beijado, desfazia-se em lágrimas de doçura pela felicidade que sentia de tão desejável encontro (Gn 29), do mesmo modo o nosso pobre

coração, tendo encontrado Deus e recebido dele o primeiro beijo da santa fé, desfaz-se em seguida em suavidade de amor, pelo bem infinito que vê desde logo nessa soberana beleza.

Sentimos, por vezes, certos contentamentos que vêm como de improviso, sem nenhum motivo aparente, e que são muitas vezes presságios de alguma alegria maior; daí pensarem muitos que os nossos bons Anjos, prevendo os bens que nos devem sobrevir, nos dão assim pressentimentos deles; como, ao contrário, nos infundem temores e sustos em meio a perigos desconhecidos, a fim de nos fazer invocar a Deus e permanecer em guarda. Ora, quando o bem pressagiado nos chega, nossos corações o recebem de braços abertos e, recordando o contentamento que haviam sentido sem lhe saber a causa, só então reconhecem que era como um precursor da felicidade que chegou. Assim, meu caro Teótimo, o nosso coração, tendo tido por tanto tempo inclinação ao seu soberano bem, não sabia a que tendia esse movimento; mas, tão logo a fé lho mostrou, então viu bem que era aquilo que a sua alma requeria, que o seu espírito buscava e que a sua inclinação visava. Certamente, queiramos ou não queiramos, o nosso espírito tende ao soberano bem; mas quem é esse soberano bem? Assemelhamo-nos àqueles bons atenienses que ofereciam sacrifício ao Deus verdadeiro, o qual, no entanto, lhes era desconhecido, até que o grande São Paulo lhes anunciou o seu conhecimento (At 17, 23): pois assim o nosso coração, por um profundo e secreto instinto, tende em todas as suas ações e aspira à felicidade, e vai buscando-a aqui e ali, como às apalpadelas, sem saber, contudo, nem onde ela reside nem em que consiste, até que a fé lha mostra e lhe descreve as suas maravilhas infinitas; e então, tendo encontrado o tesouro que buscava — ah, que

contentamento para esse pobre coração humano, que alegria, que complacência de amor! Ah, encontrei-o, Aquele que a minha alma buscava (Ct 3, 4) sem o conhecer; oh, por que eu não sabia a que tendiam as minhas aspirações, quando nada de tudo o que eu pretendia me contentava, porque eu não sabia o que, de fato, pretendia! Eu pretendia amar, e não conhecia o que era preciso amar; e assim, não encontrando a minha pretensão o seu verdadeiro amor, o meu amor estava sempre numa verdadeira mas desconhecida pretensão; eu tinha bastante pressentimento de amor para me fazer pretender, mas não tinha bastante sentimento da bondade que era preciso amar, para exercer o amor.

CAPÍTULO XVI

Como o amor se pratica na esperança

Estando, pois, o entendimento humano convenientemente aplicado a considerar o que a fé lhe representa do seu soberano bem, logo a vontade concebe uma extrema complacência nesse divino objeto, o qual, estando então ausente, faz nascer um desejo ardentíssimo de sua presença; e por isso a alma exclama santamente: Que ele me beije com um beijo de sua boca! (Ct 1, 1)

É por Deus que eu suspiro,
é Deus que meu coração deseja. (Sl 41, 1)

E assim como a ave a quem o falcoeiro tira o capuz, tendo a presa à vista, lança-se de súbito ao voo e, se é retida pelas correias, debate-se sobre o punho com extremo ardor, do mesmo modo a fé, tendo-nos tirado o véu da ignorância e feito ver o nosso soberano bem, que, no entanto, ainda não podemos possuir,

retidos pela condição desta vida mortal — ah, Teótimo, nós então o desejamos; de sorte que

Os cervos há tanto tempo perseguidos,
fugindo ofegantes e exaustos,
não desejam tão fortemente as águas
quanto os nossos corações, de angústias oprimidos,
suspiram, Senhor, por ti.
Nossas almas, desfalecendo
num desejo sempre crescente,
clamam: ai! quando será,
ó Senhor Deus onipotente,
que nossos olhos verão tua face? (Sl 41, 1)

Esse desejo é justo, Teótimo, pois quem não desejaria um bem tão desejável? Mas seria um desejo inútil, e que não serviria senão de contínuo martírio ao nosso coração, se não tivéssemos a segurança de poder um dia saciá-lo. Aquele que, pela demora dessa felicidade, protestava que as suas lágrimas lhe eram pão cotidiano, noite e dia, enquanto o seu Deus lhe estava ausente e os seus adversários lhe perguntavam: onde está o teu Deus? — ah, que teria ele feito, se não tivesse alguma sorte de esperança de poder um dia gozar desse bem pelo qual suspirava? E a divina Esposa vai toda em pranto e enlanguescida de amor, porque não encontra logo o Bem-Amado que busca (Ct 5, 8): o amor do Bem-Amado criara nela o desejo, o desejo fizera nascer o ardor da busca, e esse ardor lhe causava o langor, que teria aniquilado e consumido o seu pobre coração, se ela não tivesse alguma esperança de encontrar enfim o que buscava. Assim, pois, para que a inquietação e o doloroso langor que os esforços do amor desejoso causariam em nossos espíritos não nos levassem a algum desfalecimento de

coragem, nem nos reduzissem ao desespero, o mesmo Bem soberano que nos incita a desejá-lo tão fortemente nos assegura também que poderemos obtê-lo com muita facilidade, pelas mil e mil promessas que nos fez em sua Palavra e por suas inspirações, contanto que queiramos empregar os meios que ele nos preparou e nos oferece para isso.

Ora, essas promessas e seguranças divinas, por uma maravilha singular, aumentam a causa da nossa inquietação e, à medida que aumentam a causa, arruínam e destroem os efeitos. Sim, certamente, Teótimo: porque a segurança que Deus nos dá de que o Paraíso é para nós fortalece infinitamente o desejo que tínhamos de gozá-lo, e, no entanto, enfraquece, ou antes, aniquila por completo a perturbação e a inquietação que esse desejo nos trazia; de sorte que nossos corações, pelas sagradas promessas que a divina Providência nos fez, ficam inteiramente aquietados. E esse aquietamento é a raiz da santíssima virtude a que chamamos esperança; pois a vontade, assegurada pela fé de que poderá gozar do seu soberano bem usando os meios a isso destinados, pratica dois grandes atos de virtude: por um, espera de Deus a fruição de sua soberana bondade; pelo outro, aspira a essa santa fruição.

E, na verdade, Teótimo, entre esperar e aspirar há somente esta diferença: esperamos as coisas que aguardamos por meio de outrem, e aspiramos às coisas que pretendemos por nossos próprios meios, por nós mesmos; e visto que chegamos à fruição do nosso soberano bem, que é Deus, primeira e principalmente por seu favor, graça e misericórdia, e que, no entanto, essa mesma misericórdia quer que cooperemos com o seu favor, contribuindo com a fraqueza do nosso consentimento para a força de sua graça, por isso a nossa esperança é de algum modo mesclada de aspiração,

e nunca aspiramos sem esperar de todo; e nisso a esperança conserva sempre o lugar principal, como fundada na graça divina, sem a qual, assim como não podemos sequer pensar no nosso soberano bem (2Cor 3, 5) da maneira que convém para a ele chegar, também jamais podemos, sem ela, a ele aspirar como é preciso para o obter.

A aspiração é, pois, um rebento da esperança, como a nossa cooperação o é da graça: e assim como os que quisessem esperar sem aspirar seriam rejeitados como covardes e negligentes, do mesmo modo os que querem aspirar sem esperar são temerários, insolentes e presunçosos. Mas quando a esperança é seguida da aspiração, e quando, esperando, aspiramos e, aspirando, esperamos, então, caro Teótimo, a esperança se converte, pela aspiração, num corajoso desígnio, e a aspiração se converte, pela esperança, numa humilde pretensão, esperando e aspirando nós segundo Deus nos inspira. Mas, entretanto, uma e outra coisa se fazem por esse amor desejoso que tende ao nosso soberano bem, o qual, à medida que é mais seguramente esperado, é também sempre mais amado; ou antes, a esperança não é outra coisa senão a amorosa complacência que temos na espera e pretensão do nosso soberano bem. Tudo aí é amor, Teótimo: logo que a fé me mostrou o meu soberano bem, eu o amei; e porque ele me estava ausente, eu o desejei; e visto que soube que ele queria dar-se a mim, de novo o amei e desejei mais ardentemente, pois a sua bondade é tanto mais amável e desejável quanto mais disposta está a comunicar-se. Ora, por esse progresso, o amor converteu o seu desejo em esperança, pretensão e espera, de sorte que a esperança é um amor que aguarda e pretende; e porque o bem soberano que a esperança aguarda é Deus, e porque ela também só o aguarda do

próprio Deus, no qual e pelo qual espera e aspira, essa santa virtude da esperança, terminando por todos os lados em Deus, é, por conseguinte, uma virtude divina ou teologal.

CAPÍTULO XVII

Que o amor de esperança é muito bom, embora imperfeito

O amor que praticamos na esperança, Teótimo, vai certamente a Deus, mas retorna a nós; tem o olhar posto na Bondade divina, mas atende à nossa utilidade; tende àquela suprema perfeição, mas pretende a nossa satisfação: isto é, não nos leva a Deus porque Deus é soberanamente bom em si mesmo, mas porque é soberanamente bom para conosco; onde, como vedes, há algo de nosso e de nós mesmos; e, portanto, esse amor é verdadeiramente amor, mas amor de cobiça e interessado. Não digo, contudo, que ele retorne a nós de tal modo que nos faça amar a Deus somente por amor de nós; ó Deus, não; pois a alma que só amasse a Deus por amor de si mesma, estabelecendo na própria conveniência o fim do amor que dedica a Deus, cometeria, ai dela, um extremo sacrilégio. Se uma mulher só amasse o marido por amor do seu criado, amaria o marido como criado e o criado como marido; assim também a alma que só ama a Deus por amor de si mesma ama a si própria como deveria amar a Deus, e ama a Deus como deveria amar a si própria.

Mas há grande diferença entre esta palavra: amo a Deus pelo bem que dele espero, e esta outra: só amo a Deus pelo bem que dele espero; como também é coisa bem diversa dizer: amo a Deus para mim, e dizer: amo a Deus por amor de mim. Pois quando digo: amo a Deus para mim, é como se dissesse: amo ter a Deus,

amo que Deus seja meu, que ele seja o meu soberano bem; o que é uma santa afeição da Esposa celeste, que cem vezes protesta, por excesso de complacência: Meu Bem-Amado é todo meu, e eu sou toda sua; ele é para mim e eu sou para ele (Ct 2, 16; 6, 2; 7, 10). Mas dizer: amo a Deus por amor de mim mesmo é como quem dissesse: o amor que tenho a mim é o fim pelo qual amo a Deus, de sorte que o amor de Deus fique dependente, subalterno e inferior ao amor-próprio que temos por nós mesmos; o que é uma impiedade sem igual.

Esse amor, pois, a que chamamos esperança, é um amor de cobiça, mas de uma santa e bem ordenada cobiça, pela qual não puxamos Deus para nós nem para a nossa utilidade, mas nos unimos a ele como à nossa felicidade final. Amamo-nos juntamente com Deus por esse amor, mas sem nos preferirmos nem nos igualarmos a ele nesse amor; o amor de nós mesmos está mesclado com o de Deus, mas o de Deus sobrenada; o nosso amor-próprio nele entra, é verdade, mas como simples motivo, e não como fim principal; o nosso interesse nele ocupa algum lugar, mas Deus ocupa o lugar principal. Sim, sem dúvida, Teótimo: pois, quando amamos a Deus como nosso soberano bem, nós o amamos por uma qualidade pela qual não o referimos a nós, mas a nós a ele; não somos nós o seu fim, a sua pretensão nem a sua perfeição, mas ele é a nossa; ele não nos pertence, mas nós lhe pertencemos; ele não depende de nós, mas nós dele; e, em suma, por essa qualidade de soberano bem pela qual o amamos, ele nada recebe de nós, mas nós recebemos dele; ele exerce para conosco a sua abundância e bondade, e nós praticamos a nossa indigência e penúria: de sorte que amar a Deus a título de soberano bem é amá-lo a um título honroso e respeitoso, pelo qual confessamos ser ele

a nossa perfeição, o nosso repouso e o nosso fim, em cuja fruição consiste a nossa felicidade.

Há bens de que nos servimos empregando-os, como são os nossos escravos, os nossos servos, os nossos cavalos, as nossas roupas; e o amor que lhes dedicamos é um amor de pura cobiça, pois só os amamos por nosso proveito. Há bens de que gozamos, mas com uma fruição recíproca e mutuamente igual, como fazemos com os nossos amigos; pois o amor que lhes dedicamos, enquanto nos dão contentamento, é verdadeiramente amor de cobiça, mas cobiça honesta, pela qual eles são nossos e nós igualmente deles; eles nos pertencem, e nós de igual modo lhes pertencemos. Mas há bens de que gozamos com uma fruição de dependência, participação e sujeição, como fazemos com a benevolência dos nossos pastores, príncipes, pai, mãe, ou com a sua presença e favor: pois o amor que lhes dedicamos é também, certamente, amor de cobiça, quando os amamos enquanto são nossos príncipes, nossos pastores, nossos pais, nossas mães, visto que não é a qualidade de pastor, nem de príncipe, nem de pai, nem de mãe que nos faz amá-los, mas o serem tais para conosco e a nosso respeito; mas essa cobiça é um amor de respeito, de reverência, de honra; pois amamos, por exemplo, os nossos pais, não porque são nossos, mas porque somos deles. E é assim que amamos e cobiçamos a Deus pela esperança: não para que ele seja o nosso bem, mas porque o é; não para que ele seja nosso, mas porque somos seus; não como se ele existisse para nós, mas porque nós existimos para ele.

E notai, Teótimo, que, neste amor, a razão pela qual amamos, isto é, pela qual aplicamos o nosso coração ao amor do bem que cobiçamos, é ser ele o nosso bem; mas a razão da medida e

quantidade desse amor depende da excelência e dignidade do bem que amamos. Amamos os nossos benfeitores porque o são para conosco; mas os amamos mais ou menos conforme sejam maiores ou menores benfeitores. Por que, pois, amamos a Deus, Teótimo, com esse amor de cobiça? Porque ele é o nosso bem. Mas por que o amamos soberanamente? Porque ele é o nosso bem soberano.

Ora, quando digo que amamos soberanamente a Deus, não digo que por isso o amemos com o soberano amor, pois o soberano amor só existe na caridade; mas na esperança o amor é imperfeito, porque não tende à sua bondade infinita enquanto ela é tal em si mesma, mas somente enquanto ela é tal para nós; e, no entanto, porque nessa espécie de amor não há motivo mais excelente do que o que provém da consideração do soberano bem, dizemos que por ele amamos soberanamente, embora, na verdade, ninguém possa, por esse amor sozinho, nem observar os mandamentos de Deus nem ter a vida eterna, porque é um amor que dá mais afeição do que efeito, quando não está acompanhado da caridade.

CAPÍTULO XVIII

Que o amor se pratica na penitência e, primeiramente, que há diversas espécies de penitência

A penitência, falando de modo geral, é um arrependimento pelo qual se rejeita e detesta o pecado cometido, com a resolução de reparar, tanto quanto se pode, a ofensa e a injúria feitas àquele contra quem se pecou. E incluí na penitência o propósito de reparar a ofensa porque o arrependimento não detesta suficientemente o mal quando deixa subsistir voluntariamente o

seu principal efeito, que é a ofensa e a injúria: ora, ele o deixa subsistir enquanto, podendo de algum modo repará-lo, não o faz.

Deixo de lado, agora, a penitência de muitos pagãos, os quais, como testemunha Tertuliano, tinham dela entre si alguma aparência, mas tão vã e inútil que, por vezes, chegavam a fazer penitência de ter agido bem; pois só falo da penitência virtuosa, a qual, segundo os diferentes motivos de que provém, é também de diversas espécies. Há uma, certamente, que é puramente moral e humana: como foi a de Alexandre, o Grande, que, tendo matado o seu querido Clito, quase se deixou morrer de fome, tão grande foi a força da penitência, diz Cícero; e a de Alcibíades, que, convencido por Sócrates de que não era sábio, pôs-se a chorar amargamente, triste e aflito por não ser o que devia ser, diz Santo Agostinho (A Cidade de Deus, XIV, 8). Também Aristóteles, reconhecendo essa espécie de penitência, assegura que o intemperante, que de propósito deliberado se entrega aos prazeres, "é de todo incorrigível, porque não saberia arrepender-se; e quem está sem penitência é incurável".

Certamente, Sêneca, Plutarco e os pitagóricos, que tanto recomendam o exame de consciência, e sobretudo o primeiro, que fala tão vivamente da perturbação que o remorso interior excita na alma, entenderam sem dúvida que havia um arrependimento; e quanto ao sábio Epicteto, ele descreve tão bem a repreensão que devemos praticar para conosco mesmos, que dificilmente se poderia dizer melhor.

Há ainda outra penitência que é verdadeiramente moral, mas contudo religiosa e, de certo modo, divina, porquanto procede do conhecimento natural que se tem de haver ofendido a Deus pecando; pois, na verdade, muitos filósofos souberam que se fazia

coisa agradável à Divindade vivendo virtuosamente, e que, por conseguinte, ela era ofendida quando se vivia viciosamente. O bom Epicteto exprime o desejo de morrer como verdadeiro cristão (como é muito provável que de fato tenha morrido) e, entre outras coisas, diz que ficaria contente se pudesse, ao morrer, erguer as mãos a Deus e dizer-lhe: "Quanto a mim, não vos causei desonra alguma"; e, mais ainda, quer que o seu filósofo faça a Deus o admirável juramento de jamais desobedecer à sua divina Majestade, nem censurar ou acusar coisa alguma que da parte dele aconteça, nem disso queixar-se de maneira nenhuma; e, noutro lugar, ensina que Deus e "o nosso bom Anjo" estão presentes às nossas ações. Bem vedes, pois, Teótimo, que esse filósofo, então ainda pagão, conhecia que o pecado ofendia a Deus, como a virtude o honrava, e que, por conseguinte, queria que dele nos arrependêssemos, visto que até ordenava que se fizesse o exame de consciência à noite, em favor do qual, com Pitágoras, faz esta advertência:

"Se fizeste o mal, repreende-te com aspereza;
se fizeste o bem, tem contentamento."

Ora, essa espécie de arrependimento, ligada à ciência e à dileção de Deus que a natureza pode fornecer, era uma dependência da religião moral; mas, assim como a razão natural deu mais conhecimento do que amor aos filósofos, que não o glorificaram na proporção da notícia que dele tinham (Rm 1, 21), assim também a natureza forneceu mais luz para fazer entender o quanto Deus era ofendido pelo pecado, do que calor para excitar o arrependimento requerido para a reparação da ofensa.

Todavia, embora a penitência religiosa tenha sido de algum modo reconhecida por alguns dos filósofos, isso se deu tão rara e

debilmente que aqueles que tiveram a reputação de mais virtuosos dentre eles, isto é, os estoicos, asseguraram que o homem sábio jamais se entristecia: do que fizeram uma máxima tão contrária à razão quanto era contrária à experiência a proposição sobre a qual a fundavam, a saber, que o homem sábio não pecava.

Podemos, pois, bem dizer, meu caro Teótimo, que a penitência é uma virtude toda cristã, visto que, de um lado, foi tão pouco conhecida entre os pagãos e, de outro, é de tal modo reconhecida entre os verdadeiros cristãos, que nela consiste grande parte da filosofia evangélica, segundo a qual quem diz que não peca é insensato (1Jo 1, 8), e quem crê remediar o seu pecado sem penitência está fora de si; pois é a exortação das exortações de Nosso Senhor: Fazei penitência (Mt 3, 2; 4, 17). Eis agora uma breve descrição do progresso dessa virtude.

Entramos numa profunda apreensão de que, no que depende de nós, ofendemos a Deus pelos nossos pecados, desprezando-o e desonrando-o, desobedecendo-lhe e rebelando-nos contra ele; o qual também, de sua parte, se tem por ofendido, irritado e desprezado, desaprovando, reprovando e abominando a iniquidade. Dessa verdadeira apreensão nascem vários motivos que, ou todos, ou vários juntos, ou cada um em particular, nos podem levar ao arrependimento.

Pois consideramos, por vezes, que Deus, que é ofendido, estabeleceu uma punição rigorosa no inferno para os pecadores, e que os privará do Paraíso preparado para as pessoas de bem. Ora, assim como o desejo do Paraíso é extremamente honroso, também o temor de perdê-lo é grandemente estimável; e não só isso: sendo o desejo do Paraíso muito estimável, o temor do seu contrário, que é o inferno, é bom e louvável. Ah, quem não temeria tão grande

perda e tão grande pena! E esse duplo temor, dos quais um é servil e o outro mercenário, leva-nos grandemente a arrepender-nos dos pecados pelos quais em ambos incorremos; e para esse efeito, na sagrada Palavra, esse temor nos é cem e cem vezes intimado.

Outras vezes, consideramos a fealdade e a malícia do pecado, conforme a fé no-lo ensina: como, por exemplo, que por ele a semelhança e imagem de Deus que trazemos em nós fica manchada e desfigurada, a dignidade do nosso espírito desonrada; que nos tornamos semelhantes aos animais sem razão, que violamos o nosso dever para com o Criador do mundo e perdemos o bem da sociedade dos Anjos, para nos associarmos e sujeitarmos ao demônio, fazendo-nos escravos de nossas paixões e invertendo a ordem da razão, ofendendo os nossos bons Anjos, a quem tanto devemos.

Outras vezes ainda, somos provocados à penitência pela beleza da virtude, que nos traz tantos bens quantos males nos causa o pecado; e, além disso, somos muitas vezes excitados a ela pelo exemplo dos Santos; pois quem jamais pôde contemplar os exercícios da incomparável penitência de Madalena, de Maria Egipcíaca ou dos penitentes do mosteiro chamado Prisão, de que São João Clímaco fez a descrição, sem sentir-se movido a arrepender-se dos seus pecados, visto que a simples leitura dessa história a isso provoca os que não estão de todo embotados?

CAPÍTULO XIX

Que a penitência sem o amor é imperfeita

Ora, todos esses motivos nos são ensinados pela fé e pela religião cristã, e, portanto, a penitência que deles provém é grandemente

louvável, embora imperfeita. É, na verdade, louvável, pois nem a Sagrada Escritura nem a Igreja nos excitariam por tais motivos, se a penitência que deles provém não fosse boa; e vê-se manifestamente que é coisa muito razoável arrepender-se do pecado por essas considerações, sendo mesmo impossível não se arrepender a quem as considera atentamente; mas é, ainda assim, uma penitência certamente imperfeita, porquanto o amor divino nela ainda não entra. Ah, não vedes, Teótimo, que todos esses arrependimentos se fazem pelo interesse da nossa alma, de sua felicidade, de sua beleza interior, de sua honra, de sua dignidade e, numa palavra, por amor de nós mesmos, ainda que amor legítimo, justo e bem ordenado?

E notai que não digo que esses arrependimentos rejeitem o amor de Deus; digo somente que não o compreendem; não o repelem, mas não o contêm; não são contra ele, mas estão ainda sem ele; ele não fica deles excluído, mas tampouco está neles incluído. A vontade que abraça o bem, simplesmente, é muito boa; mas se o abraça rejeitando o melhor, é certamente desregrada, não por aceitar um, mas por repelir o outro. Assim, o voto de dar hoje esmola é bom; mas o voto de só a dar hoje seria mau, porque excluiria o melhor, que é dá-la hoje, e amanhã, e sempre, quando se puder. É bem feito, certamente, e não se pode negar, arrepender-se dos pecados para evitar a pena do inferno e obter o Paraíso; mas quem tomasse a resolução de jamais querer arrepender-se por nenhum outro motivo excluiria voluntariamente o melhor, que é arrepender-se por amor de Deus, e cometeria um grande pecado. E qual seria o pai que não achasse mau que o filho quisesse, sim, servi-lo, mas nunca com amor ou por amor?

O começo das coisas é bom, o progresso é melhor, e o fim é ótimo; todavia, o começo é bom em qualidade de começo, e o progresso em qualidade de progresso; mas querer terminar a obra no começo, ou no progresso, é inverter a ordem. A infância é boa; mas se alguém nunca quisesse ser senão criança, isso seria mau, pois a criança de cem anos (Is 65, 20) é desprezada. Começar a aprender é muito louvável; mas quem começasse com a intenção de nunca se aperfeiçoar agiria contra toda razão. O temor e os outros motivos de arrependimento de que falamos são bons para o começo da sabedoria cristã, que consiste na penitência; mas quem quisesse, de propósito deliberado, não chegar ao amor, que é a perfeição da penitência, ofenderia gravemente Aquele que tudo destinou ao seu amor, como ao fim de todas as coisas.

Conclusão: o arrependimento que exclui o amor de Deus é infernal, semelhante ao dos condenados; o arrependimento que não rejeita o amor de Deus, embora esteja ainda sem ele, é um arrependimento bom e desejável, mas imperfeito, e que não pode dar-nos a salvação enquanto não tiver atingido o amor e não se tiver mesclado com ele. De sorte que, assim como o grande Apóstolo disse (1Cor 13, 3) que, se entregasse o seu corpo para ser queimado e todos os seus bens aos pobres, sem ter a caridade, isso lhe seria inútil, também podemos dizer, em verdade, que, ainda que a nossa penitência fosse tão grande que a sua dor fizesse os nossos olhos desfazerem-se em lágrimas e os nossos corações partirem-se de pesar, se não tivermos o santo amor de Deus, tudo isso de nada nos serviria para a vida eterna.

CAPÍTULO XX

Como se faz na contrição a mistura de amor e de dor

A natureza, que eu saiba, jamais converte o fogo em água, embora muitas águas se convertam em fogo; mas Deus o fez, contudo, uma vez, por milagre: pois, como está escrito no Livro dos Macabeus (2 Mc 1, 19), quando os filhos de Israel foram levados à Babilônia, no tempo de Sedecias, os sacerdotes, por conselho de Jeremias, esconderam o fogo sagrado num vale, dentro de um poço seco; e, no regresso, os filhos daqueles que assim haviam escondido o fogo foram buscá-lo, segundo o que seus pais lhes tinham ensinado, e o encontraram convertido numa água muito espessa, a qual, tirada por eles e derramada sobre os sacrifícios, conforme Neemias ordenava, tão logo os raios do sol a tocaram, converteu-se num grande fogo.

Teótimo, em meio às tribulações e pesares de um vivo arrependimento, Deus põe muitas vezes no fundo do nosso coração o fogo sagrado de seu amor; depois esse amor se converte na água de muitas lágrimas, as quais, por uma segunda mudança, se convertem em outro fogo de amor ainda maior. Assim a célebre amante arrependida amou primeiro o seu Salvador, e esse amor se converteu em pranto, e esse pranto, em um amor excelente; por isso Nosso Senhor disse que muitos pecados lhe eram perdoados, porque ela tinha amado muito (Lc 7, 47). E assim como vemos que o fogo converte o vinho numa água que quase em toda parte se chama água da vida, a qual concebe e alimenta tão facilmente o fogo que, por essa razão, em muitos lugares também é chamada ardente, do mesmo modo a consideração amorosa da Bondade

que, sendo soberanamente amável, foi ofendida pelo pecado, produz a água da santa penitência; e dessa água provém, reciprocamente, o fogo do amor divino, de sorte que se pode com propriedade chamá-la água de vida, e ardente. Ela é, certamente, uma água em sua substância, pois a penitência não é outra coisa senão um verdadeiro desprazer, uma dor e um arrependimento reais; mas é, contudo, ardente, porque contém a virtude e a propriedade do amor, como prevenida por um motivo amoroso, e por essa propriedade dá a vida da graça.

Por isso a penitência perfeita tem dois efeitos diferentes: pois, em virtude de sua dor e detestação, ela nos separa do pecado e da criatura à qual a deleitação nos havia prendido; mas, em virtude do motivo do amor, de onde tira sua origem, ela nos reconcilia e reúne ao nosso Deus, de quem nos havíamos separado pelo desprezo; de sorte que, ao mesmo tempo que nos retira do pecado na qualidade de arrependimento, ela nos une de novo a Deus na qualidade de amor.

Mas não quero dizer, contudo, que o amor perfeito de Deus, pelo qual o amamos sobre todas as coisas, preceda sempre esse arrependimento, nem que esse arrependimento preceda sempre esse amor. Pois, embora muitas vezes assim aconteça, outras vezes também, à medida que o amor divino nasce em nossos corações, a penitência nasce dentro do amor; e muitas vezes, vindo a penitência aos nossos espíritos, o amor vem dentro da penitência. E assim como, quando Esaú saiu do ventre de sua mãe (Gn 25, 25), Jacó, seu gêmeo, o agarrou pelo pé, para que os seus nascimentos não somente se seguissem um ao outro, mas também se tocassem e ficassem entrelaçados um no outro, do mesmo modo o arrependimento, rude e áspero por causa de sua dor, nasce

primeiro, como um outro Esaú, e o amor, doce e gracioso como Jacó, o segura pelo pé e se prende a ele de tal maneira que ambos têm uma só origem, pois o fim do nascimento do arrependimento é o começo do nascimento do amor perfeito. Ora, assim como Esaú apareceu primeiro, também o arrependimento costuma mostrar-se antes do amor; mas o amor, como um outro Jacó, embora seja o mais novo, sujeita depois o arrependimento, convertendo-o em consolação.

Vede, peço-vos, Teótimo, a bem-amada Madalena, como chora de amor: Levaram o meu Senhor, diz ela (Jo 20, 13), toda derretida de amor, e não sei onde o puseram; mas, tendo-o encontrado pelos suspiros e pelas lágrimas, ela o segura e o possui pelo amor. O amor imperfeito o deseja e o pede; a penitência o busca e o encontra; o amor perfeito o segura e o aperta. É como se diz dos rubis da Etiópia, que têm naturalmente um fogo muito baço, mas que, postos no vinagre, resplandecem e lançam seu brilho com toda a claridade; pois o amor que precede o arrependimento é, de ordinário, imperfeito, mas, mergulhado na acidez da penitência, fortalece-se e se torna amor excelente.

Acontece mesmo, às vezes, que o arrependimento, embora perfeito, não contém em si a ação própria do amor, mas somente a virtude e a propriedade dele. Mas, direis vós, que virtude e propriedade do amor pode ter o arrependimento, se não tem a sua ação? Teótimo, o motivo do arrependimento perfeito é a bondade de Deus, que nos pesa haver ofendido; ora, esse motivo só é motivo porque move e dá movimento; mas o movimento que a bondade divina dá ao coração que a considera não pode ser senão o movimento de amor, isto é, de união. Por isso o verdadeiro arrependimento, ainda que não pareça e que não se veja nele a ação

própria do amor, recebe contudo sempre o movimento do amor e a sua qualidade unitiva, pela qual ele nos reúne e junta de novo à divindade. Dizei-me, por favor: é propriedade do ímã atrair a si o ferro e unir-se a ele; mas não vemos que o ferro tocado pelo ímã, sem ter nem o ímã nem a sua natureza, mas somente a sua virtude e qualidade atrativa, nem por isso deixa de atrair e de unir a si um outro ferro? Assim o arrependimento perfeito, tocado pelo motivo do amor, sem ter a ação própria do amor, não deixa de ter a sua virtude e a sua qualidade, isto é, o movimento de união, para juntar e reunir nossos corações à vontade divina. Mas que diferença há, replicareis, entre esse movimento unitivo da penitência e a ação própria do amor? Teótimo, a ação do amor é, na verdade, um movimento de união, mas que se faz por complacência; ora, o movimento de união que está na penitência se faz não por via de complacência, mas de desprazer, de arrependimento, de reparação, de reconciliação; enquanto, pois, esse movimento une, tem a qualidade do amor; enquanto é amargo e doloroso, tem a qualidade da penitência; e, em suma, por sua condição natural, é um verdadeiro movimento de penitência, mas que tem a virtude e a qualidade do amor.

Assim o vinho teriacal não é chamado teriacal por conter a própria substância da teríaga, pois não há nele teríaga alguma; mas recebe esse nome porque, tendo a planta da videira sido embebida em teríaga, as uvas e o vinho que dela provieram tiraram a virtude e a operação da teríaga contra toda sorte de venenos. Se, pois, a penitência, segundo a Escritura, apaga o pecado, salva a alma, torna-a agradável a Deus e a justifica — efeitos que pertencem ao amor e que parecem não dever ser atribuídos senão a ele —, não se deve achar isso estranho; pois, embora o amor nem sempre se

encontre ele mesmo na penitência perfeita, sua virtude, contudo, e sua propriedade nela estão sempre presentes, tendo-se derramado nela pelo motivo amoroso de que ela provém.

Nem tampouco é de espantar que a força do amor nasça dentro do arrependimento antes que o amor esteja nele formado; pois vemos que, pela reflexão dos raios do sol batendo no cristal de um espelho, o calor, que é a virtude e a qualidade própria do fogo, aumenta pouco a pouco com tanta força que começa a queimar antes de ter propriamente produzido o fogo, ou, ao menos, antes que o tenhamos percebido. Pois assim, lançando o Espírito Santo em nosso entendimento a consideração da grandeza de nossos pecados, enquanto por eles ofendemos uma bondade tão soberana, e recebendo a nossa vontade a reflexão desse conhecimento, o arrependimento cresce pouco a pouco com tanta força, com um certo calor afetivo e desejo de voltar à graça de Deus, que enfim esse movimento chega a tal ponto que queima e une antes mesmo que o amor esteja de todo formado — amor que, todavia, como um fogo sagrado, se acende imediatamente nesse instante; de sorte que o arrependimento nunca chega a esse grau de queimar e de reunir o coração a Deus, que é a sua extrema perfeição, sem se achar todo convertido em fogo e chama de amor, servindo o fim de um de começo ao outro. Ou antes, o fim da penitência está dentro do começo do amor, como o pé de Esaú estava na mão de Jacó; de tal maneira que, quando Esaú acabava de nascer, Jacó começava o seu nascimento, estando o fim do nascimento de um junto, ligado e, mais ainda, envolvido pelo começo do nascimento do outro; pois assim o começo do amor perfeito não somente segue o fim da penitência, mas a ela se prende, a ela se liga e, para dizê-lo numa palavra, esse começo de

amor se mistura com o fim do arrependimento, e nesse momento de mistura a penitência e contrição merece a vida eterna.

Ora, porque esse arrependimento amoroso se pratica ordinariamente pelos impulsos ou elevações do coração a Deus, semelhantes aos dos antigos penitentes: Eu sou vosso, ó meu Deus, salvai-me (Sl 118, 94); Tende misericórdia de mim, tende misericórdia, porque a minha alma confia em vós (Sl 56, 1); Salvai-me, Senhor, porque as águas submergem a minha alma (Sl 68, 1); Tratai-me como um dos vossos empregados (Lc 15, 19); Senhor, sede-me propício, a mim, pobre pecador (Lc 18, 13) — não é sem razão que alguns disseram que a oração justificava; pois a oração arrependida, ou o arrependimento suplicante, elevando a alma a Deus e reunindo-a à sua bondade, obtém sem dúvida o perdão, em virtude do santo amor que lhe dá o movimento sagrado. E, portanto, devemos todos ter muitas dessas orações jaculatórias, feitas à maneira de arrependimento amoroso e de desejos que pedem a nossa reconciliação com Deus, a fim de que, por elas, expondo diante do Senhor a nossa tribulação (Sl 141, 2), derramemos nossas almas diante e dentro de seu coração compassivo, que as receberá com misericórdia.

CAPÍTULO XXI

Como os atrativos amorosos de Nosso Senhor nos ajudam e acompanham até a fé e a caridade

Entre o primeiro despertar do pecado ou da incredulidade e a resolução final que se toma de crer perfeitamente, passa-se muitas vezes bastante tempo, durante o qual se pode orar, como fez São Pacômio, conforme vimos; e como o pai do pobre lunático, o

qual, segundo o relato de São Marcos (Mc 9, 23), afirmando que cria, isto é, que começava a crer, reconheceu ao mesmo tempo que não cria o bastante, pelo que exclamou: Ah, Senhor, eu creio, mas ajudai a minha incredulidade. Como se quisesse dizer: já não estou na escuridão da noite da infidelidade; já os raios da vossa fé brilham no horizonte da minha alma; mas, contudo, ainda não creio como convém: é um conhecimento ainda muito fraco e mesclado de trevas; ai de mim, Senhor, socorrei-me. Assim também o grande Santo Agostinho pronuncia solenemente esta notável palavra: "Escuta uma vez, ó homem, e entende! Não és atraído? Ora, para que sejas atraído"; na qual sua intenção não é falar do primeiro movimento que Deus faz "em nós, sem nós", quando nos excita e desperta do sono do pecado; pois como poderíamos pedir o despertar, se ninguém pode orar antes de estar desperto? Ele fala, porém, da resolução que se toma de ser fiel, pois estima que crer é ser atraído e, por isso, admoesta os que foram excitados a crer em Deus a que peçam o dom da fé. E ninguém, por certo, podia conhecer melhor as dificuldades que ordinariamente se passam entre o primeiro movimento que Deus faz em nós e a perfeita resolução de bem crer do que Santo Agostinho, o qual, tendo recebido tão grande variedade de atrativos — pelas palavras do glorioso Santo Ambrósio, pela conversa tida com Ponticiano e por mil outros meios —, não deixou por isso de usar de tantos adiamentos e de ter tanta dificuldade em resolver-se; de sorte que a ele, na verdade, mais do que a qualquer outro, bem se poderia ter dito o que ele mesmo disse depois aos outros: Ai, Agostinho, se não és atraído, se não crês, "ora para que sejas atraído" e para que creias.

Nosso Senhor atrai os corações pelas deleitações que lhes dá, as quais fazem achar doce e agradável a doutrina celeste; mas, antes que essa doçura tenha empenhado e ligado a vontade por seus laços amáveis, para conduzi-la ao aquiescimento e consentimento perfeito da fé, assim como Deus não deixa de exercer sua bondade sobre nós por suas santas inspirações, também o nosso inimigo não cessa de praticar sua malícia por suas tentações. E, entretanto, permanecemos em plena liberdade de consentir aos atrativos celestes ou de rejeitá-los; pois, como o Sagrado Concílio de Trento claramente resolveu, "se alguém dissesse que o livre-arbítrio do homem, movido e incitado por Deus, em nada coopera, consentindo a Deus, que o move e o chama para que se disponha e prepare a obter a graça da justificação, e que não pode recusar o seu consentimento, se quiser, certamente tal pessoa seria excomungada" e reprovada pela Igreja. Mas, se não repelimos a graça do santo amor, ela vai se dilatando, por contínuos crescimentos, dentro de nossas almas, até que estejam inteiramente convertidas: como os grandes rios que, encontrando abertas as planícies, se espalham e ocupam sempre mais espaço.

E se a inspiração, tendo-nos atraído à fé, não encontra resistência em nós, ela nos atrai até mesmo à penitência e à caridade. São Pedro, como um ápode, erguido pela inspiração que os olhos de seu Mestre lhe deram (Lc 22, 61), deixando-se livremente mover e levar por esse doce vento do Espírito Santo, olha para os olhos salutares que o haviam despertado, lê neles, como no livro da vida, o doce convite ao perdão que a bondade divina lhe oferece; tira daí um justo motivo de esperança, sai do pátio, considera o horror do seu pecado e o detesta, chora, geme, prostra seu miserável coração diante do coração da misericórdia de

seu Senhor, pede perdão pela sua falta, resolve-se a uma inviolável fidelidade; e por esse progresso de movimentos, praticados com o favor da graça que o conduz, assiste e ajuda continuamente, chega enfim à santa remissão de seus pecados, passando assim de graça em graça, segundo o que assegura São Próspero: que "sem a graça não se corre para a graça".

Assim, pois, para concluir este ponto: a alma prevenida pela graça, sentindo os primeiros atrativos e consentindo à sua doçura, como quem volta a si depois de tão longo desmaio, começa a suspirar estas palavras (Ct 1, 2): Ah, meu caro Esposo, meu amigo, atraí-me, eu vos peço, e tomai-me pelo braço, pois de outro modo não posso andar; mas, se me atrairdes, correremos: vós, ajudando-me pelo odor de vossos perfumes, e eu, correspondendo com o meu fraco consentimento e aspirando as vossas suavidades, que me fortalecem e revigoram toda, até que o bálsamo do vosso nome sagrado, isto é, a unção salutar da minha justificação, seja derramado em mim. Vede, Teótimo: ela não oraria se não estivesse despertada; mas, tão logo o está e sente os atrativos, ora para que a atraiam; atraída, corre; mas não correria se os perfumes que a atraem, e pelos quais é atraída, não lhe avivassem o coração pela força de seu odor precioso; e à medida que corre com mais ímpeto e se aproxima mais de perto de seu celeste Esposo, sente sempre mais deliciosamente as suavidades que ele derrama, até que, enfim, ele mesmo se derrama dentro de seu coração como um bálsamo espalhado, de modo que ela exclama, como surpreendida por esse contentamento tão pouco esperado e imprevisto: Ó meu Esposo, vós sois um bálsamo derramado em meu seio! Não é de admirar que as almas jovens vos amem.

Desse modo, caríssimo Teótimo, a inspiração celeste vem a nós e nos previne, excitando nossas vontades ao amor sagrado. E, se não a repelimos, ela vem conosco e nos rodeia, para nos incitar e impelir sempre mais adiante; e, se não a abandonamos, ela não nos abandona até nos ter conduzido ao porto da santíssima caridade, fazendo por nós os três ofícios que o grande anjo Rafael fez por seu querido Tobias (Tb 12, 3): pois ela nos guia em toda a nossa viagem da santa penitência, nos protege dos perigos e dos assaltos do demônio, e nos consola, anima e fortalece em nossas dificuldades.

CAPÍTULO XXII

Breve descrição da caridade

Eis, pois, enfim, meu caro Teótimo, como Deus, por um progresso cheio de inefável suavidade, conduz a alma que ele faz sair do Egito do pecado, de amor em amor, como de morada em morada, até fazê-la entrar na Terra Prometida, quero dizer, na santíssima caridade; a qual, para dizê-lo numa palavra, é uma amizade, e não um amor interesseiro, pois pela caridade amamos a Deus por amor dele mesmo, em consideração de sua bondade soberanamente amável. Mas essa amizade é uma verdadeira amizade, pois é recíproca, tendo Deus amado eternamente a quem quer que o tenha amado, o ame ou o venha a amar no tempo (1Jo 4, 10); ela é declarada e reconhecida mutuamente, visto que Deus não pode ignorar o amor que temos por ele, pois é ele mesmo quem no-lo dá, nem nós tampouco podemos ignorar o amor que ele tem por nós, pois ele o proclamou tanto, e reconhecemos tudo o que temos de bom como verdadeiros efeitos de sua

benevolência; e, enfim, estamos em perpétua comunicação com ele, que não cessa de falar aos nossos corações por inspirações, atrativos e movimentos sagrados. Ele não cessa de nos fazer o bem e de nos dar toda sorte de testemunhos de sua santíssima afeição, tendo-nos abertamente revelado todos os seus segredos, como a seus amigos confidentes (Jo 15, 15); e, para cúmulo de seu santo e amoroso convívio conosco, fez-se nosso próprio alimento no santíssimo Sacramento da Eucaristia. E, quanto a nós, tratamos com ele a toda hora, quando nos apraz, pela santíssima oração, tendo toda a nossa vida, o nosso movimento e o nosso ser, não somente com ele, mas nele e por ele (At 17, 28).

Ora, essa amizade não é uma amizade simples, mas uma amizade de dileção, pela qual fazemos eleição de Deus para amá-lo com um amor particular. Ele foi escolhido, diz a Esposa sagrada (Ct 5, 10), entre mil; ela diz entre mil, mas quer dizer entre todos; por isso essa dileção não é dileção de simples excelência, mas uma dileção incomparável, pois a caridade ama a Deus por uma estima e preferência de sua bondade tão alta e elevada acima de qualquer outra estima, que os outros amores, ou não são verdadeiros amores em comparação com este, ou, se são verdadeiros amores, este é infinitamente mais que amor. E, portanto, Teótimo, não é um amor que as forças da natureza, nem humana nem angélica, possam produzir; mas o Espírito Santo o dá e o derrama em nossos corações (Rm 5, 5); e assim como as nossas almas, que dão vida aos nossos corpos, não têm origem nos nossos corpos, mas são postas neles pela providência natural de Deus, assim a caridade, que dá vida aos nossos corações, não é extraída de nossos corações, mas neles é derramada, como um licor celeste, pela providência sobrenatural de sua divina Majestade.

Por isso a chamamos amizade sobrenatural; e ainda mais porque ela olha para Deus e tende a ele, não segundo o conhecimento natural que temos de sua bondade, mas segundo o conhecimento sobrenatural da fé. Eis por que, com a fé e a esperança, ela faz sua residência na ponta e no cume do espírito e, como uma rainha de majestade, está assentada na vontade como em seu trono, de onde derrama sobre toda a alma suas suavidades e doçuras, tornando-a por esse meio toda bela, agradável e amável à divina Bondade; de sorte que, se a alma é um reino do qual o Espírito Santo é o Rei, a caridade é a rainha, sentada à sua direita em veste de ouro recamada de belas variedades (Sl 44, 10); se a alma é uma rainha, esposa do grande Rei celeste, a caridade é a sua coroa, que lhe embeleza regiamente a cabeça; mas, se a alma com o seu corpo é um pequeno mundo, a caridade é o sol que tudo adorna, tudo aquece e tudo vivifica.

A caridade, pois, é um amor de amizade, uma amizade de dileção, uma dileção de preferência, mas de preferência incomparável, soberana e sobrenatural, a qual é como o sol em toda a alma, para embelezá-la com seus raios; em todas as faculdades espirituais, para aperfeiçoá-las; em todas as potências, para moderá-las; mas na vontade, como em sua sede, para nela residir e fazê-la estimar e amar o seu Deus sobre todas as coisas. Oh, quão bem-aventurado é o espírito no qual essa santa dileção foi derramada, pois todos os bens lhe chegam juntamente com ela! (Sb 7, 11)

LIVRO

III

Do progresso e da perfeição do amor

Capítulos I a XV

CAPÍTULO I

Que o amor sagrado pode crescer cada vez mais em cada um de nós

O Sagrado Concílio de Trento assegura-nos que os amigos de Deus, indo de virtude em virtude (Sl 83, 7), renovam-se de dia em dia (2Cor 4, 16) — isto é, crescem, pelas boas obras, na justiça que receberam pela graça divina, e são cada vez mais justificados —, conforme estas advertências celestes: Quem é justo, seja ainda mais justificado, e quem é santo, seja ainda mais santificado (Ap 22, 11); Não hesites em justificar-te até a morte (Eclo 18, 22); a vereda dos justos avança e cresce, como uma luz resplandecente, até o dia perfeito (Pr 4, 18); Praticando a verdade na caridade, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, isto é, Jesus Cristo (Ef 4, 15); e, enfim: Peço-vos que a vossa caridade cresça cada vez mais (Fl 1, 9). São todas palavras sagradas, de Davi, de São João, do Eclesiástico e de São Paulo.

Nunca soube que existisse animal algum sem limites nem termo em seu crescimento, a não ser o crocodilo, que, sendo extremamente pequeno no começo, jamais cessa de crescer enquanto vive; e nisso representa igualmente os bons e os maus. Pois a arrogância dos que odeiam a Deus sobe sempre, diz o grande rei Davi (Sl 73), e os bons crescem como a aurora do dia, de esplendor em esplendor (2Cor 3). E permanecer longamente num mesmo estado é impossível: quem não ganha, perde neste comércio; quem não sobe, desce nesta escada; quem não é vencedor, é vencido neste combate. Vivemos entre os azares das batalhas que nossos inimigos nos apresentam; se não resistimos,

perecemos, e não podemos resistir sem superar, nem superar sem vencer. Pois, como diz o glorioso São Bernardo, está escrito muito particularmente a respeito do homem que ele jamais permanece no mesmo estado (Jó 14, 2): é preciso que avance ou que retroceda. Todos correm, mas um só leva o prêmio; correi de modo a alcançá-lo (1Cor 9, 24). E quem é o prêmio, senão Jesus Cristo? E como podereis alcançá-lo, se não o seguirdes? Se o seguirdes, andareis e correreis sempre, pois Ele jamais se deteve, mas continuou a corrida do seu amor e da sua obediência até a morte, e morte de cruz (Fl 2, 8).

Ide, pois, diz São Bernardo; ide, digo eu com ele; ide, meu caro Teótimo, e não tenhais outros limites senão os da vossa vida; e, enquanto ela durar, correi atrás desse Salvador — mas correi com ardor e depressa, pois de que vos servirá segui-lo, se não tiverdes a ventura de alcançá-lo? Ouçamos o Profeta: Inclinei o meu coração a cumprir eternamente as vossas justificações (Sl 118, 112). Ele não diz que as guardará por algum tempo, mas para sempre; e, porque quer eternamente fazer o bem, terá um salário eterno. Bem-aventurados os que são puros no caminho, os que andam na lei do Senhor (Sl 118, 1); infelizes os que estão manchados, os que não andam na lei do Senhor (Sl 118, 21). Só a Satanás cabe dizer que se assentará nos flancos do aquilão (Is 14, 13). Detestável, tu te assentarás! Ah, não sabes que estás a caminho, e que o caminho não foi feito para nos sentarmos, mas para andarmos? E de tal modo foi feito para andar, que andar se chama caminhar; e Deus, falando a um dos seus maiores amigos, lhe disse: Anda diante de mim e sê perfeito (Gn 17, 1).

A verdadeira virtude não tem limites: vai sempre mais além; e sobretudo a santa caridade, que é a virtude das virtudes, a qual,

tendo um objeto infinito, seria capaz de tornar-se infinita se encontrasse um coração capaz da infinidade — nada impedindo esse amor de ser infinito senão a condição da vontade que o recebe e que deve agir por ele. Em razão dessa condição, assim como ninguém jamais verá a Deus tanto quanto Ele é visível, também nunca ninguém o poderá amar tanto quanto Ele é amável. O coração que pudesse amar a Deus com um amor igual à divina Bondade teria uma vontade infinitamente boa, e isso só pode existir em Deus. A caridade, portanto, pode entre nós ser aperfeiçoada até o infinito, mas exclusive; ou seja, a caridade pode tornar-se cada vez mais e sempre mais excelente, sem que jamais possa ser infinita. O Espírito de Deus pode elevar o nosso e aplicá-lo a todas as ações sobrenaturais que lhe aprouver, contanto que não sejam infinitas; porque entre as coisas pequenas e as grandes, por excessivas que sejam, há sempre alguma espécie de proporção, desde que o excesso das excessivas não seja infinito; mas entre o finito e o infinito não há proporção alguma, e, para estabelecê-la, seria preciso ou elevar o finito e torná-lo infinito, ou rebaixar o infinito e torná-lo finito, o que não pode ser. De sorte que a própria caridade que está em nosso Redentor, enquanto homem, ainda que seja grande acima de tudo quanto os Anjos e os homens podem compreender, não é, contudo, infinita em seu ser e por si mesma, mas somente na estima de sua dignidade e de seu mérito, por ser a caridade de uma pessoa de infinita excelência, isto é, de uma Pessoa divina, que é o Filho eterno do Pai todo-poderoso.

Entretanto, é um favor imenso para as nossas almas poderem crescer sem fim, cada vez mais, no amor do seu Deus, enquanto estão nesta vida frágil,

Subindo à vida eterna,

de virtude em virtude nova. (Sl 83, 8)

CAPÍTULO II

Quão fácil Nosso Senhor tornou o crescimento do amor

Vedes, Teótimo, aquele copo de água ou aquele pequeno pedaço de pão que uma alma santa dá ao pobre, por amor de Deus? É bem pouca coisa, certamente, e quase indigna de consideração segundo o juízo humano; Deus, no entanto, o recompensa, e logo concede por isso algum acréscimo de caridade (Mc 9, 40). Os pelos de cabra apresentados outrora ao Tabernáculo eram bem recebidos e tinham o seu lugar entre as santas ofertas (Ex 35, 26); assim também as pequenas ações que procedem da caridade são agradáveis a Deus e têm o seu lugar entre os méritos.

Pois, assim como na Arábia Feliz não só as plantas de natureza aromática, mas todas as outras exalam perfume, participando da felicidade daquele solo, do mesmo modo, na alma caridosa, não apenas as obras excelentes por natureza, mas também as pequenas tarefas se ressentem da virtude do santo amor e ficam em bom odor diante da majestade de Deus, o qual, em atenção a elas, aumenta a santa caridade. Ora, digo que é Deus quem faz isso, porque a caridade não produz os seus crescimentos como uma árvore que lança os seus ramos e os faz brotar uns dos outros por sua própria força; antes, assim como a fé, a esperança e a caridade são virtudes que têm origem na Bondade divina, dela tiram também o seu aumento e a sua perfeição, à maneira das abelhas, que, nascidas do mel, também dele tiram o seu alimento.

Por isso, assim como as pérolas recebem do orvalho não só o nascimento, mas também o alimento — abrindo as ostras, para

esse fim, as suas conchas para o lado do céu, como que a mendigar as gotas que o frescor do ar faz escorrer ao romper do dia —, do mesmo modo nós, tendo recebido da Bondade celeste a fé, a esperança e a caridade, devemos sempre voltar para aquele lado os nossos corações e mantê-los estendidos, a fim de alcançar a continuação e o crescimento dessas mesmas virtudes. Ó Senhor — faz-nos dizer a Santa Igreja, nossa Mãe —, dai-nos o aumento da fé, da esperança e da caridade; e isso à imitação daqueles que diziam ao Salvador: Senhor, aumentai em nós a fé (Lc 17, 5); e conforme o parecer de São Paulo, que assegura ser Deus o único poderoso para fazer transbordar em nós toda graça (2Cor 9, 8).

É Deus, portanto, quem faz esse crescimento, em consideração ao emprego que damos à sua graça, conforme está escrito: A quem tem — isto é, a quem emprega bem os favores recebidos — dar-se-lhe-á ainda mais, e terá em abundância (Mt 13, 12). Assim se pratica a exortação do Salvador: Acumulai tesouros no Céu (Mt 6, 20); como se dissesse: Acrescentai sempre novas boas obras às precedentes, pois são elas as peças de que devem compor-se os vossos tesouros: o jejum, a oração, a esmola. Ora, assim como no tesouro do Templo foram estimadas as duas pequenas moedas da pobre viúva (Lc 21, 1) — e, de fato, é pela adição de pequenas peças que os tesouros se avolumam e o seu valor cresce na mesma medida —, assim também as mais insignificantes boas obras, ainda que feitas com alguma frouxidão e não segundo toda a extensão das forças da caridade que se possui, não deixam de ser agradáveis a Deus e de ter o seu valor diante dele. De sorte que, embora por si mesmas não possam causar acréscimo algum ao amor precedente, sendo de menor vigor que ele, a divina Providência, todavia, que as leva em conta e por sua bondade as aprecia, logo as recompensa

com o crescimento da caridade para o presente e com a atribuição de uma glória maior no Céu para o futuro.

Teótimo, as abelhas fazem o mel delicioso, que é a sua obra de alto preço; mas a cera, que também fabricam, nem por isso deixa de valer alguma coisa e de tornar recomendável o seu trabalho. O coração amoroso deve procurar produzir as suas obras com grande fervor e alto merecimento, a fim de aumentar poderosamente a sua caridade; se, contudo, produzir obras menores, não perderá a recompensa, pois Deus lhe será grato por elas — isto é, sempre o amará um pouco mais. Ora, Deus nunca ama mais uma alma que tem caridade sem lhe dar também mais caridade, sendo o nosso amor para com Ele o próprio e particular efeito do seu amor para conosco.

À medida que olhamos mais vivamente a nossa imagem que aparece num espelho, também ela nos olha mais atentamente; e à medida que Deus lança mais amorosamente os seus doces olhos sobre a nossa alma, que é feita à sua imagem e semelhança, reciprocamente a nossa alma olha a sua divina Bondade com mais atenção e ardor, correspondendo, na medida da sua pequenez, a todos os acréscimos que essa soberana Doçura faz do seu divino amor para com ela. Certamente, o Sagrado Concílio de Trento fala assim (Sessão 6, cân. 24): "Se alguém disser que a justiça recebida não é conservada, e que nem sequer é aumentada diante de Deus pelas boas obras, mas que as obras são apenas frutos e sinais da justificação adquirida, e não causa do seu aumento, seja anátema."

Vedes, Teótimo: a justificação que se faz pela caridade é aumentada pelas boas obras; e, o que se deve notar, pelas boas obras sem exceção. Pois, como diz excelentemente São Bernardo a

outro propósito, "nada se excetua onde nada se distingue". O Concílio fala de boas obras indistintamente e sem reserva, dando-nos a entender que não só as grandes e fervorosas, mas também as pequenas e débeis fazem crescer a santa caridade — as grandes, porém, grandemente; e as pequenas, muito menos.

Tal é o amor que Deus tem às nossas almas; tal, o desejo de nos fazer crescer naquele que lhe devemos ter. Sua divina Suavidade torna-nos úteis todas as coisas, toma tudo em nosso favor, faz render em nosso proveito todos os nossos trabalhos, por baixos e débeis que sejam. No comércio das virtudes morais, as pequenas obras não dão crescimento algum à virtude de que procedem; ao contrário, se forem bem pequenas, chegam a enfraquecê-la, pois uma grande liberalidade perece quando se entretém em dar coisas de pouca monta, e de liberalidade passa a mesquinhez. Mas no negócio das virtudes que vêm da misericórdia divina, e sobretudo da caridade, todas as obras dão crescimento. Ora, não é de admirar que o amor sagrado, como rei das virtudes, nada tenha, pequeno ou grande, que não seja amável, uma vez que o bálsamo, príncipe das árvores aromáticas, não tem casca nem folha que não seja perfumada. E que poderia o amor produzir que não fosse digno de amor e não tendesse ao amor?

CAPÍTULO III

Como a alma que está em caridade progride nela

Sirvamo-nos de uma parábola, Teótimo, já que esse método foi tão do agrado do soberano Mestre do amor que ensinamos. Um grande e valoroso rei, tendo desposado uma jovem princesa muito amável, levou-a certo dia a um gabinete bem retirado, para

conversar com ela mais a gosto; e, depois de algumas palavras, viu-a cair desmaiada diante de si, por um acidente inesperado. Ah, isso o abalou extremamente e por pouco não o fez cair também a ele, desfalecido, do outro lado, pois a amava mais do que à própria vida. Todavia, o mesmo amor que lhe deu esse grande assalto de dor deu-lhe ao mesmo tempo forças para suportá-lo, e o pôs em ação para, com prontidão sem igual, remediar o mal da querida companheira de sua vida. Assim, abrindo às pressas um armário que ali estava, toma uma água cordial infinitamente preciosa e, tendo enchido dela a boca, força os lábios e os dentes cerrados daquela bem-amada princesa; depois, soprando e lançando o precioso licor que tinha na boca dentro da boca da pobre desmaiada, e borrifando-lhe o nariz, as têmporas e a região do coração com o resto do frasco, fê-la afinal voltar a si e recobrar os sentidos. Em seguida ergue-a docemente e, à força de remédios, revigora-a e reanima-a de tal modo que ela começou a pôr-se de pé e a passear serenamente com ele; não, porém, sem a ajuda dele, pois a ia amparando e sustentando por baixo do braço, até que enfim lhe pôs sobre a região do coração um emplastro de tão grande virtude e tão precioso que então, sentindo-se de todo restituída à sua primeira saúde, ela caminhava sozinha, por si mesma, já não a sustentando o querido esposo com tanta força, mas apenas segurando-lhe docemente a mão direita entre as suas, com o braço direito dela apoiado sobre o seu e sobre o seu peito. Ia assim conversando com ela, e prestando-lhe nisso quatro serviços muito agradáveis: primeiro, testemunhava-lhe um coração amorosamente cuidadoso dela; segundo, ia sempre aliviando-a um pouco; terceiro, se lhe voltasse algum resquício do desfalecimento passado, ele a ampararia; quarto, se ela encontrasse algum passo

ou lugar áspero e difícil, ele a susteria e apoiaria, e nas subidas, ou quando ela quisesse andar um pouco mais depressa, sustentava-a e amparava-a com vigor. Permaneceu, pois, junto dela com esse cuidado cordial até a noite, quando ainda quis assisti-la ao ser deitada em seu leito real.

A alma é esposa de Nosso Senhor quando é justa; e, porque não é justa senão estando em caridade, tampouco é esposa senão sendo conduzida ao gabinete daqueles deliciosos perfumes de que se fala no Cântico dos Cânticos (Ct 1, 3). Ora, quando a alma que goza dessa honra comete o pecado, cai desmaiada num desfalecimento espiritual; e esse acidente é, na verdade, bem inesperado, pois quem poderia jamais pensar que uma criatura quisesse deixar o seu Criador e soberano bem por coisas tão leves como são os engodos do pecado? Certamente o Céu se espanta com isso (Jr 2, 12); e, se Deus estivesse sujeito às paixões, cairia desfalecido diante de tal desgraça, como, quando foi mortal, expirou na cruz para dela nos resgatar. Mas, uma vez que já não é preciso que empregue o seu amor em morrer por nós, quando vê a alma assim precipitada na iniquidade, acorre ordinariamente em seu socorro e, com misericórdia sem igual, entreabre-lhe a porta do coração por meio de impulsos e remorsos de consciência que procedem das muitas luzes e advertências que lançou em nossos espíritos, junto com moções salutares, pelas quais, como por águas perfumadas e vitais, faz a alma voltar a si e a restitui a bons sentimentos. E tudo isso, meu Teótimo, Deus o faz em nós, sem nós, por sua bondade toda amável, que nos previne com sua doçura (Sl 20, 3).

Pois, assim como a nossa esposa desmaiada teria ficado morta em seu desmaio, sem o socorro do rei, também a alma

permaneceria perdida em seu pecado, se Deus não a prevenisse. E se a alma, assim despertada, acrescenta o seu consentimento ao sentimento da graça, secundando a inspiração que a preveniu e recebendo os socorros e remédios necessários que Deus lhe preparou, Ele a revigorará e a conduzirá por diversos movimentos de fé, de esperança e de penitência, até que se veja de todo restituída à verdadeira saúde espiritual, que não é outra coisa senão a caridade. Ora, enquanto assim a faz passar pelas virtudes com que a dispõe a esse santo amor (Sl 83, 6), não somente a conduz, mas a sustenta de tal modo que, ao passo que ela, de sua parte, caminha quanto pode, também Ele, da sua, a carrega e a vai amparando; e mal se saberia dizer se ela caminha ou se é levada, pois não é levada de modo que não caminhe, e caminha, contudo, de tal maneira que, se não fosse levada, não poderia caminhar. De sorte que, para falar ao modo do Apóstolo, deve dizer: Eu caminho, não eu sozinha, mas a graça de Deus comigo (1Cor 15, 10).

Mas, uma vez restituída de todo à saúde pelo excelente emplastro da caridade que o Espírito Santo lhe põe sobre o coração, então ela pode andar e sustentar-se sobre os próprios pés — em virtude, contudo, dessa saúde e do sagrado emplastro do santo amor. Por isso, ainda que possa andar por si mesma, deve toda a glória disso ao seu Deus, que lhe deu saúde tão vigorosa e tão forte; pois, quer o Espírito Santo nos fortaleça pelas moções que imprime em nossos corações, quer nos sustente pela caridade que neles derrama, quer nos socorra à maneira de assistência, erguendo-nos e carregando-nos, quer robusteça os nossos corações, infundindo neles o amor que revigora e vivifica, é

sempre nele e por ele que vivemos, caminhamos e agimos (At 17, 28).

Todavia, embora, mediante a caridade derramada em nossos corações (Rm 5, 5), possamos caminhar na presença de Deus e progredir no caminho da salvação, ainda assim a divina Bondade assiste a alma a quem deu o seu amor, segurando-a continuamente com sua santa mão. Pois desse modo: primeiro, faz aparecer melhor a doçura do seu amor para com ela; segundo, vai sempre animando-a cada vez mais; terceiro, alivia-a contra as inclinações depravadas e os maus hábitos contraídos pelos pecados passados; e, enfim, mantém-na e defende-a contra as tentações.

Não vemos, Teótimo, que muitas vezes os homens sãos e robustos precisam que os estimulem a empregar bem a sua força e o seu poder, e que, por assim dizer, os conduzam pela mão até a obra? Assim, tendo Deus nos dado a sua caridade e, com ela, a força e o meio de ganhar terreno no caminho da perfeição, o seu amor, no entanto, não lhe permite deixar-nos ir sozinhos; antes, o faz pôr-se a caminho conosco, o impele a impelir-nos e solicita o seu coração a solicitar e empurrar o nosso a empregar bem a santa caridade que nos deu, repetindo com frequência, por suas inspirações, as advertências que São Paulo nos faz: Cuidai de não receber em vão a graça celeste (2Cor 6, 1); Enquanto tendes tempo, fazei todo o bem que puderdes (Gl 6, 10); Correi de modo a alcançar o prêmio (1Cor 9, 24). De sorte que devemos muitas vezes imaginar que Ele repete aos ouvidos dos nossos corações as palavras que dizia ao bom patriarca Abraão: Anda diante de mim e sê perfeito (Gn 17, 1).

Sobretudo nas empresas assinaladas e extraordinárias é que se requer a assistência especial de Deus para a alma que possui o santo

amor; pois, ainda que a caridade, por pequena que seja, nos dê inclinação bastante e, como penso, força suficiente para fazer as obras necessárias à salvação, todavia, para aspirar a ações excelentes e extraordinárias e empreendê-las, os nossos corações precisam ser impelidos e erguidos pela mão e pelo movimento desse grande apaixonado celeste — como a princesa da nossa parábola, a qual, ainda que bem restabelecida, não podia subir ladeiras nem andar muito depressa sem que o seu querido esposo a erguesse e a sustentasse com firmeza. Assim, Santo Antão e São Simeão Estilita estavam na graça e na caridade de Deus quando conceberam o desígnio de uma vida tão elevada; como também a bem-aventurada Madre Teresa quando fez o voto de obediência especial; São Francisco e São Luís quando empreenderam a viagem de além-mar para a glória de Deus; o bem-aventurado Francisco Xavier quando consagrou a vida à conversão dos povos das Índias; São Carlos quando se expôs ao serviço dos empestados; São Paulino quando se vendeu para resgatar o filho de uma pobre viúva. Nunca, porém, teriam realizado feitos tão ousados e generosos se, à caridade que tinham nos corações, Deus não houvesse acrescentado inspirações, avisos, luzes e forças especiais, com que os animava e impelia a esses lances extraordinários da valentia espiritual.

Não vedes o jovem do Evangelho (Mc 10, 17), a quem Nosso Senhor amava e que, por conseguinte, estava em caridade? Não lhe passava certamente pelo pensamento vender tudo o que tinha para dá-lo aos pobres e seguir Nosso Senhor; e, quando Nosso Senhor lhe deu essa inspiração, ainda assim não teve coragem de executá-la. Para essas grandes obras, Teótimo, precisamos não apenas de ser inspirados, mas também de ser fortalecidos, a fim de

executar o que a inspiração exige de nós; assim como, ainda, nos grandes assaltos das tentações extraordinárias, uma presença especial e particular do socorro celeste nos é de todo necessária. Por essa razão, a Santa Igreja tantas vezes nos faz exclamar: "Excitai os nossos corações, ó Senhor"; "Ó Deus, precedei as nossas ações inspirando-nos, e acompanhai-as ajudando-nos"; "Ó Senhor, apressai-vos em nos socorrer" (Sl 69, 1), e coisas semelhantes — a fim de que, por tais orações, obtenhamos a graça de poder fazer obras excelentes e extraordinárias, e de fazer com mais frequência e fervor as ordinárias, como também de resistir com mais ardor às tentações miúdas e de combater com ousadia as maiores.

Santo Antão foi assaltado por uma medonha legião de demônios; e, depois de haver sustentado por bastante tempo os seus ataques, não sem uma pena e tormentos incríveis, viu por fim o teto da sua cela abrir-se e um raio celeste descer pela abertura, o qual num instante dissipou a negra e tenebrosa tropa dos seus inimigos e lhe tirou toda a dor dos golpes recebidos naquela batalha. Reconheceu nisso a presença especial de Deus e, soltando um profundo suspiro na direção da visão, disse: "Onde estáveis, ó bom Jesus? Onde estáveis? Por que não vos achastes aqui desde o princípio, para remediar a minha dor?" "Então", responderam-lhe do alto, "eu estava aqui, mas esperava o desfecho do teu combate; ora, porque foste bravo e valente, eu te ajudarei sempre." Mas em que consistia a valentia e a coragem desse grande soldado espiritual? Ele mesmo o declarou noutra ocasião, quando, atacado por um demônio que confessou ser o espírito da fornicação, esse glorioso Santo, depois de várias palavras dignas da sua grande coragem, começou a cantar o versículo 7 do Salmo 117:

O Eterno está do meu lado,

por Ele serei guardado;
e dos que odeiam a minha vida
não tenho medo nem cuidado.

Certamente, Nosso Senhor revelou a Santa Catarina de Sena que, numa cruel tentação que ela sofreu, Ele estava no meio do seu coração como um capitão no meio de uma fortaleza para defendê-la, e que sem o seu socorro ela se teria perdido naquela batalha. O mesmo se dá em todos os grandes assaltos que os nossos inimigos nos apresentam, e bem podemos dizer, como Jacó, que é o Anjo quem nos livra de todo mal (Gn 48, 16), e cantar, com o grande rei Davi:

O Pastor por quem sou guiado
é Deus, que governa o mundo;
por Ele assim governado,
tudo me vem em abundância:
quando vê minha alma abatida
e algum mal a maltratar,
Ele a devolve ao seu vigor
e vem meu ânimo restaurar.

De modo que devemos repetir muitas vezes esta exclamação e oração:

Tua bondade me siga aonde eu for,
teu favor a toda hora me proteja,
para que em teu Céu, ó meu Deus,
para sempre a minha morada seja. (Sl 22, 1ss)

CAPÍTULO IV

Da santa perseverança no amor sagrado

Assim como uma mãe carinhosa, levando consigo o filhinho, o ajuda e ampara conforme vê a necessidade — deixando-o dar alguns passos por si mesmo nos lugares menos perigosos e bem planos, ora tomando-o pela mão e firmando-o, ora recolhendo-o nos braços e carregando-o —, do mesmo modo Nosso Senhor tem cuidado contínuo em conduzir os seus filhos, isto é, aqueles que têm a caridade: fá-los caminhar diante de si, estende-lhes a mão nas dificuldades e carrega-os Ele mesmo nas penas que vê serem, de outro modo, insuportáveis para eles. Foi o que declarou em Isaías, dizendo: Eu sou o teu Deus, que te tomo pela mão e te digo: não temas, eu te ajudei (Is 41, 13). De sorte que devemos, com grande ânimo, ter firmíssima confiança em Deus e em seu socorro; pois, se não faltarmos à sua graça, Ele levará a termo em nós a boa obra da nossa salvação, tal como a começou, operando em nós o querer e o realizar (Fl 1, 6; 2, 13), como nos adverte o santíssimo Concílio de Trento (Sessão 6, cap. 13).

Nessa condução que a doçura de Deus faz das nossas almas, desde a sua introdução na caridade até a perfeição final dela, que só se dá na hora da morte, consiste o grande dom da perseverança, ao qual Nosso Senhor liga o dom grandíssimo da glória eterna, conforme disse: Quem perseverar até o fim, esse será salvo (Mt 10, 22). Pois esse dom não é outra coisa senão o conjunto e a sequência de diversos apoios, alívios e socorros, mediante os quais continuamos no amor de Deus até o fim — assim como a educação, a criação ou o sustento de uma criança não é outra coisa

senão uma multidão de solicitudes, ajudas, socorros e outros serviços semelhantes, necessários a uma criança, exercidos e continuados em seu favor até a idade em que ela já não precisa deles.

Mas a série de socorros e assistências não é igual em todos os que perseveram: em uns ela é bem curta, como nos que se convertem a Deus pouco antes da morte, conforme aconteceu ao bom ladrão; ao soldado que, vendo a constância de São Tiago, fez ali mesmo profissão de fé e foi tornado companheiro do martírio daquele grande Apóstolo; ao bem-aventurado carcereiro que guardava os quarenta Mártires de Sebaste, o qual, vendo um deles perder a coragem e abandonar a palma do martírio, tomou-lhe o lugar e num instante se fez cristão, mártir e glorioso, tudo ao mesmo tempo; ao notário de que se fala na vida de Santo Antônio de Pádua, que, tendo sido a vida inteira um homem falso e vil, foi contudo mártir em sua morte; e a mil outros, que vimos e lemos terem tido a ventura de morrer bons, tendo vivido maus. E, quanto a estes, não precisam de grande variedade de socorros; antes, se nenhuma grande tentação lhes sobrevém, podem realizar uma perseverança tão grande apenas com a caridade que lhes foi dada e com as assistências pelas quais se converteram; pois chegam ao porto sem navegação e fazem a sua peregrinação num único salto, que a poderosa misericórdia de Deus lhes faz dar tão a propósito que os seus inimigos os veem triunfar antes de os sentirem combater. De sorte que a sua conversão e a sua perseverança são quase uma só e mesma coisa; e quem quisesse falar com exatidão, segundo a propriedade das palavras, diria que a graça que recebem de Deus, de terem o desfecho tão cedo quanto o começo do seu intento, não poderia propriamente ser chamada

perseverança; ainda que, todavia, por equivaler quanto ao efeito à perseverança, visto que dá a salvação, também não deixemos de compreendê-la sob o nome de perseverança. Em muitos, ao contrário, a perseverança é mais longa, como em Santa Ana, a profetisa, em São João Evangelista, em São Paulo, o primeiro eremita, em São Hilarião, em São Romualdo, em São Francisco de Paula; e estes precisaram de mil espécies de diversas assistências, conforme a variedade dos acontecimentos da sua peregrinação e a duração dela.

Sempre, contudo, a perseverança é o dom mais desejável que possamos esperar nesta vida, e o qual, como fala o sagrado Concílio (Sessão 6, cap. 13), "não podemos receber de outra parte senão de Deus, que só Ele pode firmar quem está de pé (Rm 14, 4) e reerguer quem cai". Por isso é preciso pedi-lo continuamente, empregando os meios que Deus nos ensinou para obtê-lo: a oração, o jejum, a esmola, o uso dos Sacramentos, a convivência com os bons, o ouvir e o ler as santas palavras.

Ora, porque o dom da oração e da devoção é concedido liberalmente a todos os que de bom coração querem consentir nas inspirações celestes, está por conseguinte em nosso poder perseverar. Não que eu queira dizer, certamente, que a perseverança tenha a sua origem em nosso poder; ao contrário, sei que procede da misericórdia divina, da qual é um dom preciosíssimo. Mas quero dizer que, embora não provenha do nosso poder, ela vem, contudo, para o nosso poder, por meio do nosso querer, que não podemos negar estar em nosso poder; pois, ainda que a graça divina nos seja necessária para querer perseverar, esse querer está em nosso poder, porque a graça celeste nunca falta ao nosso querer, enquanto o nosso querer não falta ao nosso

poder. E, de fato, segundo o parecer do grande São Bernardo, todos podemos dizer com verdade, depois do Apóstolo, que nem a morte, nem a vida, nem as potestades, nem os anjos, nem a profundidade, nem a altura jamais nos poderão separar da caridade de Deus que está em Jesus Cristo (Rm 8, 38); sim, pois criatura alguma pode arrancar-nos desse santo amor, mas nós mesmos, sozinhos, podemos deixá-lo e abandoná-lo por nossa própria vontade, fora da qual nada há a temer a esse respeito.

Assim, caríssimo Teótimo, devemos, segundo o parecer do Santo Concílio, pôr toda a nossa esperança em Deus, que levará a termo a nossa salvação, começada por Ele em nós (Fl 1, 6), contanto que não faltemos à sua graça. Pois não se deve pensar que aquele que disse ao paralítico: Vai, e não queiras mais pecar (Jo 5, 14), não lhe desse também o poder de evitar o querer que lhe proibia; e certamente jamais exortaria os fiéis a perseverar, se não estivesse pronto a dar-lhes o poder de fazê-lo. Sê fiel até a morte, diz Ele ao Bispo de Esmirna (Ap 2, 10), e eu te darei a coroa da glória. Vigiai, permanecei na fé, trabalhai com coragem e fortalecei-vos, fazei todas as vossas coisas em caridade (1Cor 16, 13). Correi de modo a alcançar o prêmio (1Cor 9, 24). Podemos, pois, com o grande Rei, pedir muitas vezes a Deus o sagrado dom da perseverança, e esperar que Ele no-lo conceda:

Senhor Deus, minha única esperança,
não consintas que eu venha a cair
no tempo da minha pobre velhice;
quando o tempo cansado me entregar
e o meu vigor vier a faltar,
que a tua mão não me abandone. (Sl 70, 9)

CAPÍTULO V

Que a felicidade de morrer na divina caridade é um dom especial de Deus

Enfim, tendo o Rei celeste conduzido até o fim desta vida a alma que ama, ainda a assiste em seu bem-aventurado trespasse, pelo qual a atrai ao leito nupcial da glória eterna, que é o fruto delicioso da santa perseverança. E então, caro Teótimo, essa alma, toda arrebatada de amor pelo seu Bem-Amado, representando para si a multidão de favores e socorros com que Ele a preveniu e assistiu enquanto ela estava em sua peregrinação, beija incessantemente aquela doce mão socorredora que a conduziu, a puxou e a carregou pelo caminho, e confessa que é desse divino Salvador que lhe vem toda a sua felicidade, pois fez por ela tudo o que o grande patriarca Jacó desejava para a sua viagem, quando viu a escada do céu (Gn 28, 20). Ó Senhor — diz ela então —, estivestes comigo e me guardastes no caminho por onde vim; destes-me o pão dos vossos Sacramentos por alimento; revestistes-me da veste nupcial da caridade; conduzistes-me felizmente a esta morada de glória, que é a vossa casa, ó meu Pai eterno. Ah, que resta, Senhor, senão que eu proclame que sois o meu Deus pelos séculos dos séculos! Amém.

Ó meu Deus, meu Senhor, Deus para sempre amável,
tomaste a minha destra, e teu santíssimo querer
guiou-me com firmeza até me conceder,
nesta divina morada, um posto tão honrável. (Sl 72, 24)

Tal é, pois, a ordem do nosso encaminhamento à vida eterna, para cuja execução a divina Providência estabeleceu desde a

eternidade a multidão, a distinção e o encadeamento das graças necessárias a isso, com a dependência que umas têm das outras.

Quis primeiramente, com verdadeira vontade, que, mesmo depois do pecado de Adão, todos os homens fossem salvos (1Tm 2, 4); mas de um modo e por meios convenientes à condição da sua natureza, dotada de livre-arbítrio; isto é, quis a salvação de todos aqueles que quisessem dar o seu consentimento às graças e favores que Ele prepararia, ofereceria e distribuiria com essa intenção. Ora, entre esses favores, quis que a vocação fosse o primeiro, e que fosse de tal modo ajustada à nossa liberdade que pudéssemos aceitá-la ou rejeitá-la a nosso gosto. E àqueles em quem previu que ela seria aceita, quis fornecer as sagradas moções da penitência; e aos que secundassem essas moções, dispôs dar a santa caridade; e aos que tivessem a caridade, deliberou dar os socorros necessários para perseverar; e aos que empregassem esses divinos socorros, resolveu dar a perseverança final e a gloriosa felicidade do seu amor eterno.

Podemos, portanto, dar razão da ordem dos efeitos da providência que diz respeito à nossa salvação, descendo do primeiro até o último, isto é, desde o fruto, que é a glória, até a raiz dessa bela árvore, que é a redenção do Salvador. Pois a divina Bondade dá a glória em consequência dos méritos; os méritos, em consequência da caridade; a caridade, em consequência da penitência; a penitência, em consequência da obediência à vocação; a obediência à vocação, em consequência da vocação; e a vocação, em consequência da redenção do Salvador — sobre a qual se apoia toda essa escada mística do grande Jacó, tanto do lado do Céu, pois vai terminar no seio amoroso desse Pai eterno, no qual Ele recebe os eleitos, glorificando-os, como também do

lado da terra, pois está plantada no peito e no flanco trespassado do Salvador, morto para isso no monte Calvário.

E que essa sequência dos efeitos da Providência tenha sido assim ordenada, com a mesma dependência que uns têm dos outros na eterna vontade de Deus, a Santa Igreja o testemunha quando compõe deste modo o prefácio de uma de suas solenes orações: "Ó Deus eterno e todo-poderoso, que sois Senhor dos vivos e dos mortos, e que usais de misericórdia para com todos aqueles que prevedes que hão de ser vossos, no futuro, pela fé e pelas obras" — como se confessasse que a glória, que é o cume e o fruto da misericórdia divina para com os homens, só está destinada àqueles que a divina Sabedoria previu que, no futuro, obedecendo à vocação, chegariam à fé viva que opera pela caridade (Gl 5, 6).

Em suma, todos esses efeitos dependem absolutamente da redenção do Salvador, que os mereceu para nós em todo o rigor da justiça, pela amorosa obediência que praticou até a morte, e morte de cruz (Fl 2, 8), a qual é a raiz de todas as graças que recebemos, nós que somos enxertos espirituais inseridos no seu tronco. Se, tendo sido enxertados, permanecermos nele, sem dúvida daremos, pela vida da graça que Ele nos comunicará, o fruto da glória que nos está preparado. Se, porém, formos como rebentos e enxertos rompidos nessa árvore — isto é, se por nossa resistência quebrarmos o progresso e o encadeamento dos efeitos da sua bondade —, não será de admirar que afinal nos cortem de todo e nos lancem no fogo eterno, como ramos inúteis (Jo 15, 6).

Deus, sem dúvida, só preparou o Paraíso para aqueles que previu que seriam seus. Sejamos, pois, seus pela fé e pelas obras, Teótimo, e Ele será nosso pela glória. Ora, está em nós ser seus;

porque, embora seja um dom de Deus pertencer a Deus, é todavia um dom que Deus nunca recusa a ninguém, antes o oferece a todos, para dá-lo aos que de bom coração consentirem em recebê-lo.

Mas vede, eu vos peço, Teótimo, com que ardor Deus deseja que sejamos seus, pois com essa intenção fez-se todo nosso, dando-nos a sua morte e a sua vida: a sua vida, para que fôssemos livres da morte eterna; a sua morte, para que pudéssemos gozar da vida eterna. Fiquemos, pois, em paz, e sirvamos a Deus para sermos seus nesta vida mortal, e ainda mais na eterna.

CAPÍTULO VI

Que não podemos chegar à perfeita união de amor com Deus nesta vida mortal

Os rios correm sem cessar e, como diz o Sábio, retornam ao lugar de onde saíram (Ecl 1, 7): o mar, que é o lugar de seu nascimento, é também o lugar de seu último repouso; todo o seu movimento não tende senão a uni-los à sua origem. Ó Deus, diz Santo Agostinho, "criastes o meu coração para vós, e ele jamais terá repouso enquanto não estiver em vós!" (Confissões, I, 1). Mas que tenho eu no céu senão vós, ó meu Deus, e que outra coisa quero eu sobre a terra? Sim, Senhor, porque vós sois o Deus do meu coração, meu quinhão e minha herança eternamente (Sl 72, 25). No entanto, essa união a que o nosso coração aspira não pode chegar à sua perfeição nesta vida mortal; podemos começar os nossos amores neste mundo, mas só podemos consumá-los no outro.

A amante celeste o exprime com delicadeza: Enfim o encontrei, diz ela, Aquele a quem a minha alma quer bem; eu o seguro, e não o deixarei até que o introduza na casa de minha mãe e no aposento daquela que me gerou (Ct 3, 4). Ela o encontra, pois, esse Bem-Amado, porque ele lhe faz sentir sua presença por mil consolações; ela o segura, porque esse sentimento produz fortes afetos, com os quais ela o aperta e o abraça; ela protesta que jamais o deixará, oh, não, porque esses afetos se convertem em resoluções eternas; e, contudo, ela não pensa beijá-lo com o beijo nupcial senão quando estiver com ele na casa de sua mãe, que é a Jerusalém celeste (Ct 8, 1), como diz São Paulo (Gl 4, 26). Mas vede, Teótimo, como essa Esposa não pensa em nada menos do que ter o seu Bem-Amado à sua mercê, como um escravo de amor; por isso imagina que cabe a ela conduzi-lo a seu bel-prazer e introduzi-lo na morada bem-aventurada de sua mãe, onde, no entanto, ela mesma será introduzida por ele, como Rebeca o foi no aposento de Sara pelo seu querido Isaac (Gn 24). O espírito premido pela paixão amorosa sempre se concede alguma vantagem sobre aquilo que ama, e o próprio Esposo confessa que a sua Bem-Amada lhe arrebatou o coração, prendendo-o com um só cabelo de sua cabeça (Ct 4, 9), declarando-se seu prisioneiro de amor.

Essa perfeita conjunção da alma com Deus, portanto, só se fará no Céu, onde, como diz o Apocalipse (Ap 19, 7), se celebrará o banquete das núpcias do Cordeiro. Aqui, nesta vida frágil, a alma é, na verdade, esposa e noiva do Cordeiro imaculado (1Pd 1, 19), mas ainda não casada com ele; a fé e as promessas se dão, mas a execução do casamento fica adiada: por isso, há sempre lugar para nos desdizermos, ainda que jamais tenhamos razão alguma para

tanto, pois o nosso fiel Esposo nunca nos abandona, a não ser que o obriguemos a isso por nossa deslealdade e perfídia. Mas, estando no Céu, celebradas as núpcias dessa divina união, o laço que prende os nossos corações ao seu soberano Princípio será eternamente indissolúvel.

É verdade, Teótimo, que, enquanto esperamos esse grande beijo de indissolúvel união, que receberemos do Esposo lá no alto, na glória, ele nos dá alguns beijos por meio de mil sentimentos de sua agradável presença; pois, se a alma não fosse beijada, não seria atraída, nem correria ao odor dos perfumes (Ct 1, 1) do Bem-Amado. Por isso, segundo a simplicidade do texto hebraico e segundo a tradução dos setenta intérpretes, ela deseja muitos beijos: Que ele me beije, diz ela, com beijos de sua boca! Mas, como esses pequenos beijos da vida presente se referem todos ao beijo eterno da vida futura, como ensaios, preparativos e penhores dele, a sagrada edição Vulgata santamente reduziu os beijos da graça ao beijo da glória, exprimindo o desejo da amante celeste desta maneira: Que ele me beije com um beijo de sua boca! — como se ela dissesse: Entre todos os beijos, entre todos os favores que o Amigo do meu coração, ou o coração da minha alma, me preparou, ah, eu não suspiro nem aspiro senão a esse grande e solene beijo nupcial que deve durar eternamente, e em comparação com o qual os outros beijos não merecem o nome de beijo, pois são antes sinais da união futura entre o meu Bem-Amado e mim do que a própria união.

CAPÍTULO VII

Que a caridade dos santos nesta vida mortal iguala, e às vezes até supera, a dos bem-aventurados

Quando, depois dos trabalhos e perigos desta vida mortal, as boas almas chegam ao porto da vida eterna, elas sobem ao mais alto e último grau de amor a que podem chegar; e, sendo-lhes conferido esse acréscimo final como recompensa de seus méritos, ele lhes é distribuído não apenas em boa medida, mas ainda em medida calcada, sacudida e a transbordar por todos os lados, como diz Nosso Senhor (Lc 6, 38): de sorte que o amor que é dado como salário é sempre maior, em cada um, do que aquele que lhe havia sido dado para merecer. Ora, não só cada um em particular terá mais amor no Céu do que jamais teve na terra, mas o exercício da menor caridade que exista na vida celeste será muito mais feliz e excelente, falando em geral, do que o da maior caridade que exista, tenha existido ou venha a existir nesta vida frágil; porque lá no alto todos os Santos praticam o seu amor incessantemente, sem interrupção alguma, ao passo que aqui embaixo os maiores servos de Deus, arrastados e tiranizados pelas necessidades desta vida moribunda, são forçados a sofrer mil e mil distrações, que muitas vezes os afastam do exercício do santo amor.

No Céu, Teótimo, a atenção amorosa dos Bem-Aventurados é firme, constante, inviolável; não pode perecer nem diminuir; sua intenção é sempre pura, isenta da mistura de qualquer outra intenção inferior: em suma, essa felicidade de ver a Deus claramente e de amá-lo invariavelmente é incomparável. E quem poderia jamais igualar o bem, se é que há algum, de viver entre os

perigos, as tormentas contínuas, as agitações e vicissitudes perpétuas que se sofrem no mar, ao contentamento que há em estar num palácio real onde todas as coisas correspondem ao desejo, ou melhor, onde as delícias superam incomparavelmente todo desejo?

Há, portanto, mais contentamento, suavidade e perfeição no exercício do amor sagrado entre os habitantes do Céu do que no dos peregrinos desta terra miserável; mas houve, contudo, pessoas tão felizes em sua peregrinação, que a sua caridade nela foi maior do que a de muitos Santos que já gozam da Pátria eterna. Certamente, não é verossímil que a caridade do grande São João, dos Apóstolos e dos homens apostólicos não tenha sido maior, mesmo enquanto viviam aqui embaixo, do que a das criancinhas que, morrendo apenas com a graça batismal, gozam da glória imortal.

Não é comum que os pastores sejam mais valentes que os soldados; e, contudo, Davi, pequeno pastor, chegando ao exército de Israel, verificou que todos eram mais hábeis do que ele no manejo das armas (1Sm 17, 38), e no entanto mostrou-se mais valente do que todos. Também não é comum que os homens mortais tenham mais caridade do que os imortais; e, contudo, houve mortais que, sendo inferiores aos imortais no exercício do amor, os ultrapassaram, apesar disso, na caridade e no hábito amoroso. E assim como, comparando um ferro em brasa com uma lâmpada acesa, dizemos que o ferro tem mais fogo e calor, e a lâmpada mais chama e claridade, do mesmo modo, pondo em confronto uma criança glorificada com São João ainda prisioneiro, ou São Paulo ainda cativo, diremos que a criança no Céu tem mais claridade e luz no entendimento, mais chama e

exercício de amor na vontade, mas que São João ou São Paulo tiveram na terra mais fogo de caridade e mais calor de dileção.

CAPÍTULO VIII

Do incomparável amor da Mãe de Deus, Nossa Senhora

Mas, em tudo e por tudo, quando faço comparações, não pretendo de modo algum falar da santíssima Virgem Mãe, Nossa Senhora. Ó Deus, não; pois ela é a filha de incomparável dileção, a pomba toda única, a Esposa toda perfeita (Ct 6, 8). Dessa Rainha celeste eu pronuncio de todo o coração este pensamento amoroso, mas verdadeiro: que, ao menos no fim de seus dias mortais, a sua caridade superou a dos Serafins; pois, se muitas filhas ajuntaram riquezas, esta as superou a todas (Pr 31, 29). Todos os Santos e os Anjos são comparados apenas às estrelas, e o primeiro dentre eles à mais bela dentre elas (1Cor 15, 41; Is 14, 12): mas esta é bela como a lua, fácil de ser escolhida e distinguida entre todos os Santos, como o sol entre os astros (Ct 6, 9). E, indo mais além, penso ainda que, assim como a caridade dessa Mãe de amor supera em perfeição a de todos os Santos do Céu, assim também ela a exerceu mais excelentemente, digo mesmo nesta vida mortal. Ela jamais pecou venialmente, como estima a Igreja (Trento, sess. VI, cân. 23); não teve, pois, vicissitude alguma nem atraso no progresso de seu amor, mas subiu de amor em amor por um perpétuo avanço. Nunca sentiu contradição alguma do apetite sensual; e, por isso, o seu amor, como um verdadeiro Salomão, reinou pacificamente em sua alma e nela realizou todos os seus exercícios a seu bel-prazer. A virgindade de seu coração e de seu corpo foi mais digna e mais honrosa que a dos Anjos; por isso o

seu espírito, não dividido nem repartido, como diz São Paulo, estava todo ocupado em pensar nas coisas divinas, em como agradaria ao seu Deus (1Cor 7, 32). E, enfim, o amor materno, o mais premente, o mais ativo, o mais ardente de todos, amor infatigável e insaciável — que não devia ele fazer no coração de uma tal Mãe e pelo coração de um tal Filho?

Ah, não alegueis, eu vos peço, que essa santa Virgem esteve, apesar de tudo, sujeita ao sono; não, não me digais isso, Teótimo, pois não vedes que o seu sono é um sono de amor, de sorte que o próprio Esposo quer que a deixem dormir enquanto lhe aprouver? Ah, guardai-vos bem, eu vos conjuro, diz ele, de despertar a minha Bem-Amada, até que ela o queira (Ct 8, 4). Sim, Teótimo, essa Rainha celeste nunca adormecia senão de amor, pois não dava repouso algum ao seu precioso corpo senão para revigorá-lo, a fim de que servisse melhor ao seu Deus depois; ato, por certo, excelentíssimo de caridade, porque, como diz o grande Santo Agostinho, ela nos "obriga a amar convenientemente os nossos corpos", enquanto são necessários às boas obras, são uma parte de nossa pessoa e serão participantes da felicidade eterna. Certamente, o cristão deve amar o seu corpo como uma imagem viva do corpo do Salvador encarnado, como saído do mesmo tronco que ele e, por conseguinte, pertencendo-lhe por parentesco e consanguinidade; sobretudo depois que renovamos a aliança pela recepção real desse divino Corpo do Redentor no adorabilíssimo Sacramento da Eucaristia, e que, pelo Batismo, pela Confirmação e pelos outros Sacramentos, nos dedicamos e consagramos à soberana Bondade.

Mas, quanto à santíssima Virgem, ó Deus, com que devoção não devia ela amar o seu corpo virginal! Não somente porque era

um corpo doce, humilde, puro, obediente ao santo amor e todo embalsamado de mil sagradas suavidades, mas também porque era a fonte viva do corpo do Salvador e lhe pertencia tão estreitamente, por uma pertença incomparável. Por isso, quando entregava o seu corpo angélico ao repouso do sono, dizia ela: Vamos, repousai, ó tabernáculo da Aliança, Arca da santidade, trono da Divindade; aliviai-vos um pouco de vossa fadiga e reparai as vossas forças nesta doce tranquilidade.

E além disso, meu caro Teótimo, não sabeis que os sonhos maus, provocados voluntariamente pelos pensamentos depravados do dia, ocupam de certo modo o lugar de pecado, porque são como dependências e execuções da malícia precedente? Assim, por certo, os sonhos que provêm dos santos afetos da vigília são tidos por virtuosos e sagrados. Meu Deus, Teótimo, que consolação ouvir São Crisóstomo, contando um dia ao seu povo a veemência do amor que lhe tinha! "Quando a necessidade do sono", diz ele, "pesa sobre nossas pálpebras, a tirania do nosso amor por vós desperta os olhos do meu espírito, e muitas vezes, em meio ao meu sono, pareceu-me que vos falava, pois a alma costuma ver em sonho, pela imaginação, aquilo em que pensa durante o dia: assim, não vos vendo com os olhos da carne, nós vos vemos com os olhos da caridade." Ah, doce Jesus, que devia sonhar a vossa santíssima Mãe quando dormia e o seu coração velava (Ct 5, 2)? Não sonhava ela ver-vos ainda envolvido em suas entranhas, como estivestes por nove meses? Ou então pendente de seus seios, comprimindo docemente o sagrado bico de seu peito virginal? Ah, quantas doçuras nessa alma! Talvez tenha sonhado muitas vezes que, assim como Nosso Senhor outrora dormira tantas vezes sobre o seu peito, como um

cordeirinho sobre o flanco macio de sua mãe, assim também ela dormia no seu lado transpassado, como uma branca pomba na fenda de um rochedo (Ct 2, 14) seguro. De modo que o seu dormir era em tudo semelhante ao êxtase quanto à operação do espírito, embora, quanto ao corpo, fosse um doce e gracioso alívio e repouso. Mas se alguma vez ela sonhou, como o antigo José (Gn 37, 5), com a sua grandeza futura, quando no céu estaria revestida de sol, coroada de estrelas, e com a lua a seus pés (Ap 12, 1), isto é, toda envolvida pela glória de seu Filho, coroada pela glória dos Santos, e com o universo debaixo de si; ou se, como Jacó (Gn 28, 12), ela viu o progresso e os frutos da Redenção realizada por seu Filho em favor dos Anjos e dos homens — Teótimo, quem poderia jamais imaginar a imensidão de tão grandes delícias? Quantos colóquios com o seu querido Menino, quantas suavidades por todos os lados!

Mas vede, eu vos peço, que eu não digo, nem quero dizer, que essa alma tão privilegiada da Mãe de Deus tenha sido privada do uso da razão em seu sono. Muitos consideraram que Salomão, naquele belo sonho — embora verdadeiro sonho — no qual pediu e recebeu o dom de sua incomparável sabedoria (1Rs 3, 5; 2Cr 1, 7), teve um verdadeiro exercício de seu livre-arbítrio, por causa da eloquência judiciosa do discurso que nele fez, da escolha cheia de discernimento pela qual se decidiu, e da excelentíssima oração de que usou; tudo isso sem mistura alguma de impertinência ou de qualquer desarranjo do espírito. Mas quanto mais verossímil não é, então, que a Mãe do verdadeiro Salomão tenha tido o uso da razão em seu sono, isto é, como o próprio Salomão a faz falar, que o seu coração tenha velado enquanto ela dormia? Certamente, que São João tenha tido o exercício de seu espírito no próprio

ventre de sua mãe foi maravilha bem maior: e por que, então, recusaríamos uma menor àquela para a qual e à qual Deus concedeu mais favores do que jamais concedeu ou concederá a todo o resto das criaturas?

Em suma, assim como o asbesto, pedra preciosa, conserva para sempre o fogo que concebeu, por uma propriedade sem igual (Santo Agostinho, Cidade de Deus, XXI, 5), assim o coração da Virgem Mãe permaneceu perpetuamente inflamado do santo amor que recebeu de seu Filho; mas com esta diferença: o fogo do asbesto, que não pode ser apagado, tampouco pode ser aumentado, ao passo que as chamas sagradas da Virgem, não podendo perecer, nem diminuir, nem permanecer no mesmo estado, jamais cessaram de tomar acréscimos incríveis até o Céu, lugar de sua origem; tão verdadeiro é que essa Mãe é a Mãe do belo amor (Eclo 24, 24), isto é, a mais amável como a mais amante, e a mais amante como a mais amada Mãe desse Filho único, que é também o mais amável, o mais amante e o mais amado Filho dessa Mãe única.

CAPÍTULO IX

Preparação para o discurso sobre a união dos bem-aventurados com Deus

O amor triunfante que os Bem-Aventurados exercem no Céu consiste na final, invariável e eterna união da alma com o seu Deus. Mas que é ela, essa união?

À medida que os nossos sentidos encontram objetos agradáveis e excelentes, aplicam-se com mais ardor e avidez à fruição deles: quanto mais as coisas são belas, agradáveis à vista e

devidamente iluminadas, mais o olho as contempla com avidez e vivacidade; e quanto mais a voz ou a música é doce e suave, mais atrai a atenção do ouvido. De modo que cada objeto exerce uma poderosa e amável violência sobre o sentido que lhe é destinado; violência que ganha mais ou menos força conforme a excelência é menor ou maior, contanto que seja proporcionada à capacidade do sentido que dela quer gozar: pois o olho, que tanto se compraz na luz, não pode, contudo, suportar-lhe o extremo, e não seria capaz de olhar fixamente o sol; e, por bela que seja uma música, se for forte demais ou próxima demais de nós, ela nos importuna e ofende os ouvidos. A verdade é o objeto do nosso entendimento, que tem, por conseguinte, todo o seu contentamento em descobrir e conhecer a verdade das coisas; e, conforme as verdades são mais excelentes, o nosso entendimento se aplica com mais deleite e mais atenção a considerá-las.

Que prazer pensais, Teótimo, que tiveram aqueles antigos filósofos que conheceram tão excelentemente tantas belas verdades na natureza? Certamente, todos os prazeres nada eram para eles em comparação com a sua bem-amada filosofia, pela qual alguns dentre eles deixaram as honras, outros grandes riquezas, outros a sua pátria; e houve mesmo quem, em plena posse do juízo, arrancasse os próprios olhos, privando-se para sempre da fruição da bela e agradável luz corporal, para ocupar-se mais livremente em considerar a verdade das coisas pela luz espiritual — pois isso se conta de Demócrito; tão deliciosa é a conhecimento da verdade: daí ter dito Aristóteles, muitas vezes, que a felicidade e a beatitude humanas consistem na sabedoria, que é o conhecimento das verdades eminentes.

Mas quando o nosso espírito, elevado acima da luz natural, começa a ver as verdades sagradas da fé, ó Deus, Teótimo, que alegria! A alma se derrete de prazer ao ouvir a palavra de seu celeste Esposo, que ela acha mais doce e suave que o mel (Sl 118, 103) de todas as ciências humanas. Deus imprimiu o seu rastro, os seus passos e pegadas em todas as coisas criadas; de sorte que o conhecimento que temos de sua divina Majestade pelas criaturas não parece ser outra coisa senão a visão dos pés de Deus, e, em comparação com isso, a fé é uma visão da própria face de sua divina Majestade — face que ainda não vemos em pleno dia da glória, mas que vemos, contudo, como na primeira aurora do dia, tal como aconteceu a Jacó junto ao vau de Jaboc (Gn 32, 24); pois, embora ele só tivesse visto o Anjo com quem lutou à fraca claridade do romper do dia, ainda assim, todo arrebatado de contentamento, não deixou de exclamar: Vi o Senhor face a face, e a minha alma foi salva. Oh, quão deliciosa é a santa luz da fé, pela qual sabemos, com uma certeza sem igual, não somente a história da origem das criaturas e do seu verdadeiro uso, mas também a do nascimento eterno do grande e soberano Verbo divino, no qual e pelo qual tudo foi feito (Jo 1, 3; Cl 1, 16), e que, com o Pai e o Espírito Santo, é um só Deus, absolutamente único, adorabilíssimo e bendito pelos séculos dos séculos, Amém. Ah!, diz São Jerônimo ao seu Paulino, "o douto Platão jamais soube disto, o eloquente Demóstenes o ignorou". Oh, como as vossas palavras, diz aquele grande Rei, são doces, Senhor, ao meu paladar, mais doces que o mel à minha boca! (Sl 118, 103). Não estava o nosso coração todo ardente, enquanto ele nos falava pelo caminho? (Lc 24, 32), dizem aqueles felizes peregrinos de Emaús, falando das chamas amorosas com que a palavra da fé os tocava.

Ora, se as verdades divinas são de tão grande suavidade quando propostas na luz obscura da fé, ó Deus, que será quando as contemplarmos na claridade do meio-dia da glória? A Rainha de Sabá (1Rs 10, 1), que, diante da grandeza da fama de Salomão, tudo deixara para vir vê-lo, chegando à sua presença e tendo escutado as maravilhas de sabedoria que ele derramava em suas palavras, toda perdida e como desfalecida de admiração, exclamou que aquilo que aprendera por ouvir dizer daquela celeste sabedoria não era a metade do conhecimento que a vista e a experiência lhe davam. Ah, como são belas e amáveis as verdades que a fé nos revela pelo ouvido! Mas quando, chegados à Jerusalém celeste, virmos o grande Salomão, Rei da glória, sentado no trono de sua sabedoria, manifestando com uma claridade incompreensível as maravilhas e os segredos eternos de sua verdade soberana, com tanta luz que o nosso entendimento verá presente aquilo que cria aqui embaixo — oh, então, caríssimo Teótimo, que arrebatamentos! que êxtases! que admirações! que amores! que doçuras! Não, jamais — diremos nesse excesso de suavidade —, jamais poderíamos ter pensado em ver verdades tão deleitáveis. Cremos, na verdade, tudo o que nos foi anunciado de tua glória, ó grande cidade de Deus (Sl 86, 2), mas não podíamos conceber a grandeza infinita dos abismos de tuas delícias.

CAPÍTULO X

Que o desejo precedente aumentará grandemente a união dos bem-aventurados com Deus

O desejo que precede a fruição aguça e apura o sentimento dela, e quanto mais premente e poderoso foi o desejo, mais agradável e

deliciosa é a posse da coisa desejada. Ó Jesus! meu caro Teótimo, que alegria para o coração humano ver a face da Divindade, face tão desejada, ou antes, o único desejo de nossas almas! Nossos corações têm uma sede que não pode ser saciada pelos contentamentos da vida mortal; contentamentos dos quais os mais estimados e cobiçados, se são moderados, não nos matam a sede, e, se são extremos, nos sufocam. Desejam-se, contudo, sempre extremos, e nunca o são sem se tornarem excessivos, insuportáveis e daninhos; pois morre-se de alegria como se morre de tristeza — aliás, a alegria é mais ativa em nos arruinar do que a tristeza. Alexandre, tendo engolido todo este mundo terreno, tanto de fato quanto em esperança, ouviu um pobre homem do mundo dizer que havia ainda muitos outros mundos; e, como uma criancinha que chora por uma maçã que lhe recusam, esse Alexandre, a quem os mundanos chamam o Grande — mais louco, no entanto, que uma criancinha —, põe-se a chorar copiosamente porque não havia probabilidade de conquistar os outros mundos, já que ainda não possuía inteiramente este. Aquele que gozava do mundo mais plenamente do que jamais alguém gozou está, contudo, tão pouco contente com isso, que chora de tristeza por não poder ter outros mundos, que apenas a louca persuasão de um miserável adulador o faz imaginar; dizei-me, eu vos peço, Teótimo, não mostra ele que a sede de seu coração não pode ser saciada nesta vida, e que este mundo não basta para matá-la? Ó admirável, mas amável inquietude do coração humano! Ficai, ficai para sempre sem repouso nem tranquilidade alguma nesta terra, minha alma, até que tenhais encontrado as frescas águas da vida imortal e a santíssima

Divindade, as únicas que podem extinguir a vossa sede e aquietar o vosso desejo.

Enquanto isso, Teótimo, imaginai, com o Salmista (Sl 41, 1), aquele cervo que, acossado pela matilha, já não tem fôlego nem pernas, como ele mergulha avidamente na água que vai buscando, com que ardor se lança e se aperta naquele elemento: parece que gostaria de fundir-se e converter-se em água, para gozar mais plenamente daquela frescura. Ah, que união do nosso coração com Deus lá no alto, no Céu, onde, depois desses desejos infinitos do verdadeiro bem, jamais saciados neste mundo, encontraremos a sua fonte viva e poderosa! Então, certamente, assim como se vê uma criancinha faminta, tão fortemente colada ao flanco de sua mãe e presa ao seu seio, sorver avidamente aquela doce fonte de suave e desejado licor, de sorte que parece querer ou enfiar-se toda naquele seio materno, ou então puxar e sugar todo aquele peito para dentro do seu, assim a nossa alma, toda ofegante da sede extrema do verdadeiro bem, quando encontrar a sua fonte inesgotável na Divindade — ó verdadeiro Deus, que santo e suave ardor de unir-se e juntar-se a esses seios fecundos da Bondade infinita, ou para sermos todos abismados nela, ou para que ela venha toda a nós!

CAPÍTULO XI

Da união dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão da Divindade

Quando olhamos alguma coisa, ainda que ela nos esteja presente, não é ela mesma que se une aos nossos olhos: ela apenas lhes envia uma certa representação ou imagem de si mesma, a que se chama

espécie sensível, por meio da qual vemos; e, quando contemplamos ou entendemos alguma coisa, aquilo que entendemos tampouco se une ao nosso entendimento senão por meio de outra representação ou imagem, delicadíssima e espiritual, a que se dá o nome de espécie inteligível. Mas ainda: por quantos desvios e mudanças essas espécies chegam ao nosso entendimento! Elas aportam ao sentido exterior e daí passam ao interior, depois à fantasia, daí ao entendimento agente, e chegam enfim ao paciente, para que, passando por tantas peneiras e sob tantas limas, sejam por esse meio purificadas, sutilizadas e apuradas, e de sensíveis se tornem inteligíveis.

É assim que vemos e entendemos, Teótimo, tudo o que vemos e entendemos nesta vida mortal, até mesmo as coisas da fé: pois, assim como o espelho não contém a coisa que nele se vê, mas somente a representação e espécie dela — representação que, detida pelo espelho, produz outra no olho que olha —, do mesmo modo, a palavra da fé não contém as coisas que anuncia, mas somente as representa; e essa representação das coisas divinas, que está na palavra da fé, produz outra, que o nosso entendimento, mediante a graça de Deus, aceita e recebe como representação da santa verdade, e a nossa vontade nela se compraz e a abraça como verdade honrosa, útil, amável e ótima. De sorte que as verdades significadas na palavra de Deus são por ela representadas ao entendimento, como as coisas expressas no espelho são, pelo espelho, representadas ao olho: assim, crer é ver como por um espelho, diz o grande Apóstolo (1Cor 13, 12).

Mas no Céu, Teótimo, ah, meu Deus, que favor! A Divindade se unirá ela mesma ao nosso entendimento, sem intermédio de espécie nem de representação alguma: ela se aplicará e se juntará

ela mesma ao nosso entendimento, tornando-se de tal modo presente a ele, que essa presença íntima fará as vezes de representação e de espécie. Ó verdadeiro Deus, que suavidade para o entendimento humano estar para sempre unido ao seu objeto soberano, recebendo não a sua representação, mas a sua presença; não imagem ou espécie alguma, mas a própria essência de sua divina verdade e majestade! Estaremos lá como filhos felicíssimos da Divindade, tendo a honra de ser nutridos da própria substância divina, recebida em nossa alma pela boca do nosso entendimento; e o que ultrapassa toda doçura é que, assim como as mães não se contentam em nutrir seus bebês com o seu leite, que é a sua própria substância, se elas mesmas não lhes põem na boca o bico do seio, para que recebam a sua substância não numa colher ou noutro instrumento, mas na sua própria substância e pela sua própria substância — de sorte que essa substância materna sirva de canal, tanto quanto de alimento, para ser recebida pelo bem-amado pequenino —, assim Deus, nosso Pai, não se contenta em fazer receber a sua própria substância em nosso entendimento, isto é, em fazer-nos ver a sua Divindade, mas, por um abismo de sua doçura, ele mesmo aplicará a sua substância ao nosso espírito, para que o entendamos não mais em espécie ou representação, mas nela mesma e por ela mesma, de sorte que a sua substância paterna e eterna sirva tanto de espécie quanto de objeto ao nosso entendimento. E então serão cumpridas, de maneira excelente, estas divinas promessas: Eu a conduzirei à solidão e falarei ao seu coração (Os 2, 14), e a amamentarei; Alegrai-vos com Jerusalém em júbilo, para que mameis e sejais fartos do seio de sua consolação, e para que sugueis e vos deleiteis com a plena

abundância de sua glória; sereis levados ao colo, junto aos seios, e sereis acariciados sobre os joelhos (Is 66, 10-12).

Felicidade infinita, Teótimo, que não somente nos foi prometida, mas da qual já temos as arras no santíssimo Sacramento da Eucaristia, banquete perpétuo da graça divina; pois nele recebemos o sangue do Salvador em sua carne e a sua carne em seu sangue, sendo-nos o seu sangue aplicado pela sua carne, a sua substância pela sua substância, à nossa própria boca corporal, para que saibamos que assim ele nos aplicará a sua essência divina no banquete eterno da glória. É verdade que aqui esse favor nos é feito realmente, mas de modo encoberto, sob as espécies e aparências sacramentais; ao passo que, no Céu, a Divindade se dará a descoberto, e nós a veremos face a face, tal como ela é (1Cor 13, 12; 1Jo 3, 2).

CAPÍTULO XII

Da união eterna dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão do nascimento eterno do Filho de Deus

Ó santo e divino Espírito, Amor eterno do Pai e do Filho, sede propício à minha pequenez! O nosso entendimento verá, portanto, a Deus, Teótimo; mas digo mais: ele verá o próprio Deus, face a face, contemplando, por uma visão de verdadeira e real presença, a própria essência divina, e nela as suas infinitas belezas: a onipotência, a bondade total, toda a sabedoria, toda a justiça, e o restante desse abismo de perfeições.

Verá, pois, claramente, esse entendimento, o conhecimento infinito que, desde toda a eternidade, o Pai teve de sua própria beleza, e para exprimi-la em si mesmo pronunciou e disse

eternamente a palavra, o Verbo, ou o dizer absolutamente único e infinito, o qual, compreendendo e representando toda a perfeição do Pai, não pode ser senão um mesmo Deus, absolutamente único com ele, sem divisão nem separação. Assim veremos, pois, essa eterna e admirável geração do Verbo e Filho divino, pela qual ele nasceu eternamente à imagem e semelhança do Pai: imagem e semelhança viva e natural, que não representa acidentes nem exterior algum, pois em Deus tudo é substância, e nele não pode haver acidente algum; tudo é interior, e nele não pode haver exterior algum; mas imagem que representa a própria substância do Pai tão vivamente, tão naturalmente, tão essencial e substancialmente, que por isso ela não pode ser senão o mesmo Deus com ele, sem distinção nem diferença alguma de essência ou de substância, mas apenas com a distinção das Pessoas. Pois como poderia esse divino Filho ser a verdadeira, verdadeiramente viva e verdadeiramente natural imagem, semelhança e figura da infinita beleza e substância do Pai (Hb 1, 3), se ela não representasse, ao vivo e ao natural, infinitamente, as perfeições infinitas do Pai? E como poderia ela representar infinitamente perfeições infinitas, se ela mesma não fosse infinitamente perfeita? E como poderia ser infinitamente perfeita, se não fosse Deus? E como poderia ser Deus, se não fosse um mesmo Deus com o Pai?

Esse Filho, portanto, imagem e figura infinita de seu Pai infinito, é um só Deus, absolutamente único e infinito com o seu Pai, sem que haja entre eles diferença alguma de substância, mas somente a distinção das Pessoas; a qual distinção de Pessoas, assim como é totalmente necessária, também é plenamente suficiente para que o Pai pronuncie, e o Filho seja a Palavra pronunciada; para que o Pai diga, e o Filho seja o Verbo ou o dizer; para que o

Pai exprima, e o Filho seja a imagem, semelhança ou figura exprimida; e para que, em suma, o Pai seja Pai e o Filho seja Filho: duas Pessoas distintas, mas uma só essência de Divindade. Assim, Deus, que é um só, não é, contudo, solitário; pois é um só em sua absolutamente única e simplicíssima Divindade, mas não é solitário, porque é Pai e Filho em duas Pessoas. Ó Teótimo, Teótimo, que alegria, que júbilo, celebrar esse eterno nascimento, que se realiza no esplendor dos Santos (Sl 109, 4) — celebrá-lo, digo, vendo-o, e vê-lo celebrando-o!

O dulcíssimo São Bernardo, sendo ainda jovem menino em Châtillon-sur-Seine, esperava na igreja, na noite de Natal, que se começasse o ofício sagrado; e, nessa espera, o pobre menino adormeceu num sono bem leve, durante o qual — ó Deus, que doçura! — viu em espírito, mas numa visão muito distinta e muito clara, como o Filho de Deus, tendo desposado a natureza humana e tendo-se tornado pequeno Menino nas entranhas puríssimas de sua Mãe, nascia virginalmente do seu ventre sagrado, com uma humilde suavidade mesclada de uma celeste majestade,

> *Como o Esposo que, em porte real,*
> *sai todo alegre do leito nupcial (Sl 18, 6):*

visão, Teótimo, que de tal modo encheu o coração amável do pequeno Bernardo de contentamento, de júbilo e de delícias espirituais, que dela conservou por toda a vida os mais vivos sentimentos; e por isso, embora depois, como uma abelha sagrada, ele sempre recolhesse de todos os divinos mistérios o mel de mil doces e divinas consolações, ainda assim a solenidade do Natal lhe trazia uma suavidade particular, e ele falava com um gosto sem igual desse nascimento de seu Mestre. Ah, mas por favor,

Teótimo, se uma visão mística e imaginária do nascimento temporal e humano do Filho de Deus, pelo qual ele procedia homem da mulher, virgem de uma Virgem, arrebata e contenta tanto o coração de um menino, ah, que será quando os nossos espíritos, gloriosamente iluminados pela claridade bem-aventurada, virem esse nascimento eterno pelo qual o Filho procede "Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro", divina e eternamente! Então o nosso espírito se juntará, por uma complacência incompreensível, a esse objeto tão delicioso, e, por uma atenção invariável, permanecerá eternamente unido a ele.

CAPÍTULO XIII

Da união dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão da produção do Espírito Santo

O Pai eterno, vendo a infinita bondade e beleza de sua essência tão viva, essencial e substancialmente exprimida em seu Filho, e o Filho vendo, reciprocamente, que essa sua mesma essência, bondade e beleza está originariamente em seu Pai, como em sua fonte e nascente — ah, poderia acaso acontecer que esse divino Pai e o seu Filho não se amassem mutuamente com um amor infinito, uma vez que a vontade pela qual se amam, e a bondade pela qual se amam, são infinitas em um e no outro?

O amor, não nos encontrando iguais, nos iguala; não nos encontrando unidos, nos une. Ora, encontrando-se o Pai e o Filho não somente iguais e unidos, mas sendo um mesmo Deus, uma mesma bondade, uma mesma essência e uma mesma unidade, que amor não devem eles ter um pelo outro! Mas esse amor não se dá

como o amor que as criaturas intelectuais têm entre si ou para com o seu Criador (pois o amor criado se faz por muitos e diversos impulsos, suspiros, uniões e laços que se sucedem e formam a continuidade do amor numa doce alternância de movimentos espirituais); porque o amor divino do Pai eterno para com o seu Filho se pratica num único suspiro, lançado reciprocamente pelo Pai e pelo Filho, os quais, desse modo, permanecem unidos e ligados entre si. Sim, meu Teótimo: como a bondade do Pai e do Filho não é senão uma só bondade, unicíssima e comum a um e a outro, o amor dessa bondade não pode ser senão um só amor; porque, embora haja dois amantes, a saber, o Pai e o Filho, há contudo apenas a sua única e unicíssima bondade, que lhes é comum, a qual é amada, e a sua única vontade, que ama; e, portanto, há também um só amor, exercido por um só suspiro amoroso. O Pai suspira esse amor, o Filho o suspira também; mas, porque o Pai não suspira esse amor senão pela mesma vontade e pela mesma bondade que está igual e unicamente nele e em seu Filho, e o Filho, por sua vez, não suspira esse suspiro amoroso senão por essa mesma bondade e por essa mesma vontade, esse suspiro amoroso não é, portanto, senão um só suspiro, ou um só espírito lançado por dois que suspiram.

E, visto que o Pai e o Filho, que suspiram, têm uma essência e uma vontade infinitas, pelas quais suspiram, e que a bondade pela qual suspiram é infinita, é impossível que o suspiro não seja infinito; e, visto que ele não pode ser infinito sem ser Deus, esse Espírito, suspirado pelo Pai e pelo Filho, é verdadeiro Deus; e, porque não há nem pode haver senão um só Deus, ele é um só e verdadeiro Deus com o Pai e o Filho. Mas, além disso, porque esse amor é um ato que procede reciprocamente do Pai e do Filho, ele

não pode ser nem o Pai nem o Filho, dos quais procede, embora tenha a mesma bondade e substância do Pai e do Filho; é preciso, pois, que seja uma terceira Pessoa divina, a qual, com o Pai e o Filho, não seja senão um só Deus; e, visto que esse amor é produzido por modo de suspiro ou de inspiração, é chamado Espírito Santo.

Ora, Teótimo, o rei Davi, descrevendo a suavidade da amizade dos servos de Deus, exclama (Sl 132, 1):

> *Oh, vede que coisa tão boa,*
> *que mil suavidades doa,*
> *quando os irmãos, juntamente,*
> *habitam unanimemente!*
> *Pois essa doçura amável*
> *ao santo unguento é comparável*
> *que sobre a cabeça se verteu*
> *de Arão, quando se consagrou:*
> *unguento que a fronte sagrada*
> *de Arão deixou toda banhada,*
> *até as vestes escorrendo*
> *e toda a gola perfumando.*

Mas, ó Deus, se a amizade humana é tão agradavelmente amável e espalha um odor tão delicioso sobre aqueles que a contemplam, que será, meu Bem-Amado Teótimo, ver o exercício sagrado do amor recíproco do Pai para com o Filho eterno! São Gregório Nazianzeno conta que a amizade incomparável que havia entre ele e o seu grande São Basílio era celebrada por toda a Grécia, e Tertuliano testemunha que os pagãos admiravam aquele amor mais que fraterno que reinava entre os primeiros cristãos: oh, que festa, que solenidade! Com que louvores e bênçãos deve ser

celebrada, com que admirações deve ser honrada e amada a eterna e soberana amizade do Pai e do Filho! Que há de amável e de digno de amor, se a amizade não o é? E, se a amizade é amável e digna de amor, que amizade pode sê-lo em comparação com essa amizade infinita que existe entre o Pai e o Filho, e que é um mesmo Deus, absolutamente único, com eles? O nosso coração, Teótimo, se abismará de amor, na admiração da beleza e da suavidade do amor que esse Pai eterno e esse Filho incompreensível praticam divina e eternamente.

CAPÍTULO XIV

Que a santa luz da glória servirá à união dos espíritos bem-aventurados com Deus

O entendimento criado verá, portanto, a essência divina sem nenhuma intermediação de espécie ou representação; mas não a verá, contudo, sem alguma luz excelente que o disponha, eleve e fortaleça para realizar uma visão tão alta, de um objeto tão sublime e resplandecente. Pois, assim como a coruja tem vista bastante forte para enxergar a sombria claridade da noite serena, mas não para suportar a luz do meio-dia, brilhante demais para ser recebida por olhos tão turvos e fracos, assim também o nosso entendimento — que tem força suficiente para considerar as verdades naturais por meio do raciocínio, e até as coisas sobrenaturais da graça pela luz da fé — não poderia, nem pela luz da natureza nem pela luz da fé, alcançar a visão da substância divina em si mesma. Por isso, a suavidade da Sabedoria eterna dispôs (Sb 8, 1) não aplicar sua essência ao nosso entendimento sem antes o ter preparado, revigorado e habilitado a receber uma

visão tão eminente e tão desproporcionada à sua condição natural como é a visão da Divindade. Assim também o sol, soberano objeto de nossos olhos corporais entre as coisas naturais, não se apresenta à nossa vista sem primeiro enviar seus raios, por meio dos quais possamos vê-lo; de modo que só o vemos por sua própria luz. Há, porém, uma diferença entre os raios que o sol lança aos nossos olhos corporais e a luz que Deus criará em nossos entendimentos, no Céu: pois o raio do sol corporal não fortalece os nossos olhos quando estão fracos e incapazes de ver — antes os cega, ofuscando e dissipando sua vista enferma; ao contrário, essa sagrada luz da glória, encontrando os nossos entendimentos inábeis e incapazes de ver a Divindade, os eleva, fortalece e aperfeiçoa tão excelentemente que, por uma maravilha incompreensível, eles olham e contemplam o abismo da claridade divina fixamente e diretamente, nela mesma, sem serem ofuscados nem repelidos pela grandeza infinita do seu esplendor.

Assim, portanto, como Deus nos deu a luz da razão, pela qual podemos conhecê-lo como Autor da natureza, e a luz da fé, pela qual o consideramos como fonte da graça, do mesmo modo nos dará a luz da glória, pela qual o contemplaremos como fonte da bem-aventurança e da vida eterna; mas fonte, Teótimo, que não contemplaremos de longe, como fazemos agora pela fé, e sim que veremos, pela luz da glória, mergulhados e imersos nela. Os mergulhadores que descem ao fundo do mar para pescar pedras preciosas, diz Plínio, levam azeite na boca, a fim de que, espalhando-o, tenham mais claridade para enxergar dentro das águas em que nadam. Teótimo, quando a alma bem-aventurada estiver afundada e mergulhada no oceano da essência divina, Deus derramará em seu entendimento a sagrada luz da glória, que lhe

abrirá claridade nesse abismo de luz inacessível (1Tm 6, 16), para que, pela claridade da glória, vejamos a claridade da Divindade:

> *Em Deus está a própria fonte*
> *da vida e do prazer supremo;*
> *sua claridade nos aparecerá*
> *aos raios de sua viva luz,*
> *e a nossa alegria plena*
> *somente do seu dia nascerá. (Sl 35, 10)*

CAPÍTULO XV

Que a união dos bem-aventurados com Deus terá diferentes graus

Ora, será essa luz da glória, Teótimo, que dará a medida da visão e da contemplação dos bem-aventurados; e conforme tivermos mais ou menos desse santo esplendor, também veremos mais ou menos claramente e, por consequência, mais ou menos ditosamente, a santíssima Divindade, a qual, contemplada de modos diversos, nos tornará igualmente gloriosos de modos diferentes. Certamente, nesse Paraíso celeste todos os espíritos veem toda a essência divina, mas nenhum deles, nem todos juntos, a veem ou podem vê-la totalmente. Não, Teótimo; pois, sendo Deus supremamente uno e simplíssimo, indivisível, não se pode vê-lo sem vê-lo todo; e, como ele é infinito, sem limite, sem fronteira nem medida alguma em sua perfeição, não há nem pode haver capacidade alguma fora dele que jamais possa compreender ou penetrar totalmente a infinidade de sua bondade, infinitamente essencial e essencialmente infinita.

Essa luz criada do sol visível, que é limitada e finita, é vista toda por todos os que a contemplam, e no entanto jamais é vista totalmente por nenhum deles, nem mesmo por todos juntos. Quase o mesmo se dá com todos os nossos sentidos: entre muitos que ouvem uma excelente música, embora todos a ouçam inteira, alguns não a ouvem tão bem nem com tanto prazer quanto os outros, conforme os ouvidos são mais ou menos delicados. O maná (Sb 16, 20) era saboreado inteiro por quem quer que o comesse, mas de modo diferente, segundo a diversidade dos apetites daqueles que o tomavam, e jamais foi saboreado totalmente, pois tinha mais sabores diferentes do que havia variedade de gostos entre os israelitas. Teótimo, veremos e saborearemos lá no alto do Céu toda a Divindade, mas jamais algum dos bem-aventurados, nem todos juntos, a verão ou saborearão totalmente; essa infinidade divina terá sempre infinitamente mais excelências do que nós poderíamos ter de suficiência e de capacidade; e teremos um contentamento indizível ao conhecer que, depois de saciado todo o desejo do nosso coração e plenamente preenchida a sua capacidade na fruição do bem infinito, que é Deus, ainda assim restará nessa infinidade uma infinidade de perfeições por ver, fruir e possuir, que sua divina Majestade conhece e vê, só ela compreendendo a si mesma.

Assim os peixes gozam da grandeza incrível do oceano, e no entanto jamais peixe algum, nem mesmo toda a multidão dos peixes, viu todas as suas praias nem molhou suas escamas em todas as águas do mar; e as aves se alegram à vontade na vastidão do ar, mas jamais ave alguma, nem mesmo toda a raça das aves reunida, bateu asas por todas as regiões do ar, nem jamais chegou à sua

região suprema. Ah, Teótimo, nossos espíritos, a seu bel-prazer e segundo toda a extensão de seus desejos, nadarão no oceano e voarão no ar da Divindade, e se alegrarão eternamente de ver que esse ar é tão infinito, esse oceano tão vasto, que não pode ser medido por suas asas; e que, gozando sem reserva nem exceção alguma de todo esse abismo infinito da Divindade, não podem, contudo, jamais igualar sua fruição a essa infinidade, que permanece sempre infinitamente infinita acima de sua capacidade.

E, a este respeito, os espíritos bem-aventurados são arrebatados por duas admirações: uma, pela infinita beleza que contemplam; outra, pelo abismo do infinito que ainda resta por ver nessa mesma beleza. Ó Deus, como é admirável o que eles veem! Mas, ó Deus, quanto mais admirável é o que não veem! E, contudo, Teótimo, sendo infinita a santíssima beleza que veem, ela os deixa perfeitamente satisfeitos e saciados; e, contentando-se em fruí-la segundo o lugar que ocupam no Céu, por causa da amabilíssima Providência divina, que assim o ordenou, eles convertem o conhecimento que têm de não possuir, nem poder possuir totalmente, o seu objeto, numa simples complacência de admiração, pela qual sentem uma alegria soberana ao ver que a beleza que amam é tão infinita que só pode ser totalmente conhecida por ela mesma: pois nisso consiste a divindade dessa Beleza infinita, ou a beleza dessa infinita Divindade.

LIVRO

IV

Da decadência e ruína da caridade

Capítulos I a XI

CAPÍTULO I

Que podemos perder o amor de Deus enquanto estamos nesta vida mortal

Não fazemos estes discursos para aquelas grandes almas de eleição que Deus, por um favor muito especial, mantém e confirma de tal modo em seu amor que estão fora do risco de jamais perdê-lo; falamos para o restante dos mortais, aos quais o Espírito Santo dirige estas advertências: Quem está de pé, cuide para não cair (1Cor 10, 12). Guarda o que tens (Ap 3, 11). Tende cuidado e trabalhai, a fim de assegurar por boas obras a vossa vocação (2Pd 1, 10). Em seguida, faz-lhes dizer esta oração: Não me rejeiteis de diante de vossa face e não me tireis o vosso Santo Espírito (Sl 50, 13); e não nos deixeis cair em tentação (Mt 6, 13); a fim de que operem sua salvação com santo tremor e sagrado temor (Fl 2, 12), sabendo que não são mais firmes e constantes em conservar o amor de Deus do que o primeiro Anjo com seus seguidores, e Judas, os quais, tendo-o recebido, o perderam e, ao perdê-lo, perderam-se eternamente a si mesmos; nem do que Salomão, que, tendo-o uma vez abandonado, deixa o mundo inteiro em dúvida quanto à sua condenação; nem do que Adão, Eva, Davi e São Pedro, que, sendo filhos da salvação, nem por isso deixaram de decair por um tempo do amor sem o qual não há salvação. Ai de nós, ó Teótimo: quem estará, pois, seguro de conservar o amor sagrado nesta navegação da vida mortal, se na terra e no Céu tantas pessoas de incomparável dignidade sofreram tão cruéis naufrágios?

Mas, ó Deus eterno — direis vós —, como é possível que uma alma que tem o amor de Deus possa jamais perdê-lo? Pois, onde está o amor, ele resiste ao pecado: como pode, então, o pecado ali entrar, se o amor é forte como a morte, áspero no combate como o inferno (Ct 8, 6)? Como podem as forças da morte ou do inferno, isto é, os pecados, vencer o amor, que pelo menos as iguala em força e as supera em socorro e em direito? Mas como pode ser que uma alma racional, que uma vez saboreou doçura tão grande como a do amor divino, possa algum dia engolir voluntariamente as águas amargas (Ex 15, 23) da ofensa? As crianças, por mais crianças que sejam, criadas a leite, manteiga e mel, abominam o amargor do absinto e do aloés, e choram até desfalecer quando as fazem prová-lo: como, então, ó Deus verdadeiro, pode a alma, uma vez unida à bondade do Criador, abandoná-la para seguir a vaidade da criatura (Rm 8, 20)?

Meu caro Teótimo, os próprios céus se espantam (Jr 2, 12), suas portas se abalam de pavor, e os Anjos da paz (Is 33, 7) ficam tomados de assombro diante desta prodigiosa miséria do coração humano, que abandona um bem tão amável para apegar-se a coisas tão deploráveis. Mas já vistes essa pequena maravilha que todos conhecem, e cuja razão nem todos sabem? Quando se fura um tonel bem cheio, ele não derramará seu vinho enquanto não se lhe der ar por cima, o que não acontece com os tonéis em que já há algum vazio, pois, mal são abertos, o vinho sai. Certamente, nesta vida mortal, ainda que nossas almas abundem em amor celeste, nunca estão tão cheias dele que, pela tentação, esse amor não possa sair; mas lá no alto, no Céu, quando as suavidades da beleza de Deus ocuparem todo o nosso entendimento e as delícias de sua bondade saciarem toda a nossa vontade, de sorte que nada

haja que a plenitude de seu amor não preencha, nenhum objeto, ainda que penetre até nossos corações, poderá jamais tirar ou fazer sair uma só gota do precioso licor de seu amor celeste; e, quanto a pensar em dar-lhe ar por cima, isto é, enganar ou surpreender o entendimento, isso não será mais possível, pois ele estará imóvel na apreensão da verdade soberana.

Assim, o vinho bem depurado e separado de sua borra pode facilmente ser preservado de azedar e fermentar, mas o que está sobre a borra fica quase sempre sujeito a isso. E, quanto a nós, enquanto estamos neste mundo, nossos espíritos estão sobre a borra e o tártaro de mil humores e misérias e, por conseguinte, fáceis de mudar e azedar em seu amor; mas, estando no Céu, onde, como naquele grande banquete descrito por Isaías, teremos o vinho purificado de toda borra (Is 25, 6), não estaremos mais sujeitos à mudança, antes permaneceremos inseparavelmente unidos por amor ao nosso soberano Bem. Aqui, entre os crepúsculos da alvorada, tememos que, em lugar do Esposo, encontremos algum outro objeto que nos distraia e engane; mas, quando o encontrarmos lá no alto, onde ele apascenta e repousa ao meio-dia (Ct 1, 6) de sua glória, não haverá mais como sermos enganados, pois sua luz será clara demais, e sua doçura nos prenderá tão estreitamente à sua bondade que não poderemos mais querer desprender-nos dela.

Somos como o coral, que no oceano, lugar de sua origem, é um arbusto verde-pálido, fraco, flexível e dobrável; mas, tirado do fundo do mar, como do seio de sua mãe, torna-se quase pedra, fazendo-se firme e indobrável, à medida que muda seu verde desmaiado em um vermelho muito vivo: pois assim também nós, enquanto estamos no meio do mar deste mundo, lugar de nosso

nascimento, estamos sujeitos a extremas vicissitudes, dobráveis a todas as mãos — à direita do amor celeste, pela inspiração; à esquerda do amor terreno, pela tentação; mas, se, uma vez tirados desta mortalidade, tivermos trocado o verde pálido de nossas temerosas esperanças pelo vivo vermelho do gozo assegurado, nunca mais seremos mudáveis, antes permaneceremos para sempre firmados no amor eterno.

É impossível ver a Divindade e não a amar; mas aqui embaixo, onde, sem vê-la, apenas a entrevemos através das sombras da fé, como em um espelho (1Cor 13, 12), nosso conhecimento não é tão grande que não deixe ainda entrada à surpresa dos outros objetos e bens aparentes, os quais, por entre as obscuridades que se misturam à certeza e à verdade da fé, deslizam insensivelmente como pequenas raposinhas e devastam nossa vinha florida (Ct 2, 15). Em suma, Teótimo, quando temos a caridade, nosso livre-arbítrio está adornado com a veste nupcial, com a qual, assim como pode permanecer sempre vestido, se quiser, fazendo o bem, também pode despojar-se dela, se lhe aprouver, pecando.

CAPÍTULO II

Do esfriamento da alma no amor sagrado

A alma é muitas vezes contristada e afligida no corpo, a ponto mesmo de abandonar vários de seus membros, que ficam privados de movimento e sentimento, embora ela não abandone o coração, onde permanece sempre inteira até o extremo da vida. Assim, a caridade fica às vezes tão enlanguescida e abatida no coração que quase não aparece mais em exercício algum e, no entanto, nem por

isso deixa de estar inteira na suprema região da alma; e é então que, sob a multidão dos pecados veniais, como sob cinzas, o fogo do santo amor permanece coberto e seu brilho abafado, embora não apagado nem extinto. Pois, assim como a presença do diamante impede o exercício e a ação da propriedade que o ímã tem de atrair o ferro, sem contudo tirar-lhe essa propriedade, a qual opera tão logo esse impedimento é afastado, do mesmo modo a presença do pecado venial não tira, na verdade, à caridade sua força e seu poder de operar, mas a entorpece de certo modo e a priva do uso de sua atividade, de sorte que ela fica sem ação, estéril e infecunda. Certamente, o pecado venial, e nem mesmo a afeição ao pecado venial, não é contrário à resolução essencial da caridade, que é preferir Deus a todas as coisas: porque, por esse pecado, amamos alguma coisa fora da razão, mas não contra a razão; concedemos um pouco demais, e mais do que convém, à criatura, mas sem preferi-la ao Criador; entretemo-nos mais do que é preciso com as coisas terrenas, mas nem por isso abandonamos as celestes: em suma, essa espécie de pecado nos atrasa no caminho da caridade, mas não nos tira dele; e, portanto, não sendo o pecado venial contrário à caridade, jamais a destrói, nem no todo nem em parte.

Deus fez saber ao Bispo de Éfeso que ele havia abandonado sua primeira caridade (Ap 2, 4); com isso não disse que ele estava sem caridade, mas somente que ela já não era como no começo, isto é, já não era pronta, fervorosa, florescente e frutuosa: assim como costumamos dizer de um homem que, de valente, alegre e animado, se tornou tristonho, preguiçoso e rabugento: "Já não é o mesmo de antes"; pois não queremos dar a entender que não seja o mesmo segundo a substância, mas somente segundo as ações e os exercícios. E, do mesmo modo, Nosso Senhor disse que, nos

últimos dias, a caridade de muitos esfriará (Mt 24, 12), isto é, não será tão ativa e corajosa, por causa do temor e da aflição que oprimirão os corações. Certamente, a concupiscência, havendo concebido, gera o pecado; mas esse pecado, embora pecado, nem sempre gera a morte da alma, e sim somente quando tem malícia completa e está consumado e acabado, como diz São Tiago (Tg 1, 15): o qual estabelece com isso tão claramente a diferença entre o pecado venial e o pecado mortal, que não sei como se encontraram, em nosso século, pessoas com a ousadia de negá-la.

Não obstante, o pecado venial é pecado e, por conseguinte, desagrada à caridade — não como coisa que lhe seja contrária, mas como coisa contrária às suas operações e ao seu progresso, e até mesmo à sua intenção; pois, sendo a intenção da caridade que refiramos todas as nossas operações a Deus, ela é violada pelo pecado venial, que leva as ações pelas quais o cometemos não propriamente contra Deus, mas para fora de Deus e de sua vontade. E, assim como dizemos de uma árvore rudemente atingida e devastada pela tempestade que nada restou nela — porque, ainda que a árvore esteja inteira, ficou contudo sem fruto —, do mesmo modo, quando nossa caridade é batida pelas afeições que se têm aos pecados veniais, dizemos que ela está diminuída e enfraquecida; não que o hábito do amor não esteja inteiro em nossos espíritos, mas porque está sem as obras, que são seus frutos.

A afeição aos grandes pecados tornava de tal modo a verdade prisioneira da injustiça, entre os filósofos pagãos, que, como diz o grande Apóstolo (Rm 1, 18), conhecendo a Deus, não o glorificavam como esse conhecimento requeria: de sorte que essa afeição, sem exterminar a luz natural, a tornava infrutífera. Assim

também as afeições ao pecado venial não abolem a caridade, mas a mantêm como uma escrava, atada de pés e mãos, impedindo sua liberdade e sua ação; essa afeição, prendendo-nos demais ao gozo das criaturas, priva-nos da intimidade espiritual entre Deus e nós, à qual a caridade, como verdadeira amizade, nos incita; e, por conseguinte, faz-nos perder os socorros e as assistências interiores, que são como os espíritos vitais e animais da alma, de cuja falta provém uma certa paralisia espiritual, a qual, enfim, se não lhe pomos remédio, nos conduz à morte. Pois, em suma, sendo a caridade uma qualidade ativa, não pode ficar muito tempo sem agir ou perecer; ela é, dizem nossos Antigos, do humor de Raquel, que também a representava. "Dá-me filhos", dizia esta ao marido, "senão morrerei" (Gn 30, 1): e a caridade insta o coração ao qual está desposada a fecundá-la em boas obras; do contrário, perecerá.

Não passamos muito tempo nesta vida mortal sem muitas tentações: ora, esses espíritos vis, preguiçosos e entregues aos prazeres exteriores, não estando adestrados para os combates nem exercitados nas armas espirituais, jamais guardam por muito tempo a caridade, antes se deixam de ordinário surpreender pela culpa mortal. O que acontece tanto mais facilmente quanto, pelo pecado venial, a alma se dispõe ao mortal; pois, assim como aquele antigo que, tendo continuado a carregar todos os dias o mesmo bezerro, acabou por carregá-lo ainda quando já se tornara um grande boi — porque o costume, pouco a pouco, tornara insensível às suas forças o crescimento de tão pesado fardo —, assim também quem se afeiçoa a jogar moedas miúdas acabaria jogando escudos, pistolas de ouro, cavalos e, depois dos cavalos, todos os seus haveres; quem solta as rédeas às pequenas cóleras

acaba por se ver furioso e insuportável; quem se dá a mentir por gracejo corre grande perigo de mentir com calúnia.

Enfim, Teótimo, dizemos daqueles que têm a compleição muito fraca que não têm vida, que não têm dela nem uma onça, ou que não têm dela nem um punhado, porque o que deve acabar bem cedo parece, com efeito, já não ser; e dessas almas indolentes, entregues aos prazeres e afeiçoadas às coisas transitórias, bem se pode dizer que já não têm caridade, pois, se ainda a têm, estão a caminho de perdê-la muito em breve.

CAPÍTULO III

Como se abandona o divino amor pelo amor das criaturas

Essa desgraça de abandonar Deus pela criatura acontece assim. Não amamos a Deus sem interrupção, porque nesta vida mortal a caridade está em nós à maneira de simples hábito, do qual, como observaram os filósofos, usamos quando nos apraz, e nunca contra a nossa vontade. Quando, pois, não usamos da caridade que está em nós, isto é, quando não empregamos nosso espírito nos exercícios do amor sagrado, mas o mantemos desviado em alguma outra ocupação, ou quando, preguiçoso em si mesmo, ele se conserva inútil e negligente, então, Teótimo, ele pode ser tocado por algum objeto mau e surpreendido por alguma tentação; e, embora o hábito da caridade esteja ao mesmo tempo no fundo de nossa alma e cumpra seu ofício, inclinando-nos a rejeitar a má sugestão, ainda assim ele não nos impele nem nos leva à ação da resistência senão à medida que o secundamos, como os hábitos costumam fazer; e, portanto, deixando-nos em nossa

liberdade, acontece muitas vezes que, tendo o mau objeto lançado bem fundo seus atrativos em nosso coração, nós nos apegamos a ele por uma complacência excessiva, da qual, vindo ela a crescer, nos é difícil desfazer-nos; e, como os espinhos, segundo diz Nosso Senhor (Mt 13, 22; Lc 8, 11), ela sufoca enfim a semente da graça e da dileção celeste. Assim aconteceu à nossa primeira mãe, Eva, cuja perda começou por certo entretenimento que achou em conversar com a serpente, recebendo a complacência de ouvir falar de seu engrandecimento em ciência e de ver a beleza do fruto proibido; de sorte que, engrossando a complacência no entretenimento e nutrindo-se o entretenimento na complacência, ela se viu enfim de tal modo enredada que, deixando-se ir ao consentimento, cometeu o desgraçado pecado ao qual depois arrastou seu marido.

Vê-se que os pombos, tocados de vaidade, pavoneiam-se às vezes no ar e fazem evoluções aqui e ali, mirando-se na variedade de sua plumagem; e então os terçós e falcões que os espreitam precipitam-se sobre eles e os apanham — o que jamais fariam se os pombos voassem seu voo reto, pois têm a asa mais rija que as aves de rapina. Ai, Teótimo, se não nos entretivéssemos na vaidade dos prazeres caducos e, sobretudo, na complacência de nosso amor-próprio, mas, tendo uma vez a caridade, fôssemos cuidadosos em voar direito para onde ela nos leva, jamais as sugestões e tentações nos apanhariam; mas, porque, como pombas seduzidas e enganadas por nossa própria estima, voltamo-nos sobre nós mesmos e entretemos demais nossos espíritos entre as criaturas, achamo-nos muitas vezes surpreendidos entre as garras de nossos inimigos, que nos arrebatam e devoram.

Deus não quer impedir que sejamos atacados por tentações, a fim de que, resistindo, nossa caridade seja mais exercitada e possa, pelo combate, alcançar a vitória e, pela vitória, obter o triunfo; mas que tenhamos alguma sorte de inclinação a deleitar-nos na tentação, isso vem da condição de nossa natureza, que ama tanto o bem que por isso está sujeita a ser seduzida (Tg 1, 14) por tudo o que tem aparência de bem. E o que a tentação nos apresenta como isca é sempre dessa espécie; pois, como ensinam as santas Letras (1Jo 2, 16), ou é um bem honroso segundo o mundo, para nos provocar ao orgulho da vida mundana; ou um bem deleitável aos sentidos, para nos levar à cobiça carnal; ou um bem útil para nos enriquecer, para nos incitar à cobiça e à avareza dos olhos. E, se mantivéssemos nossa fé — que sabe discernir entre os verdadeiros bens que se devem buscar e os falsos que se devem rejeitar — vivamente atenta a seu dever, certamente ela serviria de sentinela segura à caridade e lhe daria aviso do mal que se aproxima do coração sob pretexto de bem, e a caridade o repeliria de pronto; mas, porque de ordinário mantemos nossa fé ou adormecida ou menos atenta do que seria necessário para a conservação de nossa caridade, somos também muitas vezes surpreendidos pela tentação, a qual, seduzindo nossos sentidos, e os sentidos incitando a parte inferior de nossa alma à rebelião, acontece que muitas vezes a parte superior da razão cede ao ímpeto dessa revolta e, cometendo o pecado, perde a caridade.

Tal foi o progresso da sedição que o desleal Absalão excitou contra seu bom pai Davi (2Sm 15); pois ele apresentou proposições boas na aparência, as quais, uma vez recebidas pelos pobres israelitas, cuja prudência estava adormecida e entorpecida, ele os solicitou de tal modo que os levou a uma rebelião completa:

de sorte que Davi foi obrigado a sair de Jerusalém todo em lágrimas, com todos os seus amigos mais fiéis, não deixando na cidade gente de importância, senão Sadoc e Abiatar, sacerdotes do Eterno, com seus filhos; ora, Sadoc era vidente, isto é, profeta. Pois do mesmo modo, caríssimo Teótimo, o amor-próprio, encontrando nossa fé desatenta e sonolenta, apresenta-nos bens vãos mas aparentes, seduz nossos sentidos, nossa imaginação e as faculdades de nossas almas, e pressiona de tal modo nossos livres-arbítrios que os conduz à revolta completa contra o santo amor de Deus: o qual então, como um outro Davi, sai de nosso coração com todo o seu séquito, isto é, com os dons do Espírito Santo e as outras virtudes celestes, que são companheiras inseparáveis da caridade, se não são suas propriedades e faculdades; e não resta mais, na Jerusalém de nossa alma, virtude alguma de importância, senão Sadoc, o vidente, isto é, o dom da fé, que nos pode fazer ver as coisas eternas, com seu exercício, e ainda Abiatar, isto é, o dom da esperança com sua ação — os quais permanecem, ambos, bem aflitos e tristes, mantendo contudo em nós a Arca da aliança, isto é, a qualidade e o título de cristão, que nos foi adquirido pelo Batismo.

Ai, Teótimo, que lastimoso espetáculo para os Anjos da paz, ver assim saírem o Espírito Santo e seu amor de nossas almas pecadoras! Ah, creio certamente que, se eles pudessem então chorar, verteriam lágrimas infinitas (Is 33, 7) e, com voz lúgubre, lamentando nossa desgraça, cantariam o triste cântico que Jeremias entoou quando, sentado à soleira do Templo desolado, contemplou a ruína de Jerusalém no tempo de Sedecias (Lm 1, 1):

Ah, quão desolada vejo
esta cidade, outrora cumulada

de povo, de bens e de honra —
agora sede do horror!

CAPÍTULO IV

Que o amor sagrado se perde num instante

O amor de Deus, que nos leva até o desprezo de nós mesmos, faz de nós cidadãos da Jerusalém celeste; o amor de nós mesmos, que nos empurra até o desprezo de Deus, faz de nós escravos da Babilônia infernal. Ora, é bem verdade que caminhamos pouco a pouco para esse desprezo de Deus; mas, assim que a ele chegamos, de repente, num instante, a santa caridade se separa de nós, ou, para dizer melhor, perece de todo. Sim, Teótimo, pois é nesse desprezo de Deus que consiste o pecado mortal, e um só pecado mortal bane a caridade da alma, porquanto rompe o laço e a união dela com Deus, que são a obediência e a submissão à sua vontade. E, assim como o coração humano não pode estar ao mesmo tempo vivo e dividido, também a caridade, que é o coração da alma e a alma do coração, jamais pode ser ferida sem ser morta — tal como se diz das pérolas, que, concebidas do orvalho do céu, perecem se uma só gota de água do mar penetra em sua concha. Nosso espírito, com efeito, não sai pouco a pouco do corpo, mas num instante, quando a indisposição do corpo é tão grande que já não pode nele exercer as ações da vida; e do mesmo modo, no instante em que o coração está de tal maneira desarranjado em suas paixões que a caridade já não pode nele reinar, ela o deixa e o abandona. Pois é tão nobre que não pode deixar de reinar sem deixar de ser.

Os hábitos que adquirimos unicamente por nossas ações humanas não perecem por um só ato contrário, pois ninguém dirá que um homem seja intemperante por um único ato de intemperança, nem que um pintor deixe de ser bom mestre por haver falhado uma vez na arte. Ao contrário: assim como todos esses hábitos nos vêm pela sucessão e pela impressão de muitos atos, também os perdemos por uma longa interrupção desses atos, ou por uma multidão de atos contrários. Mas a caridade, Teótimo, que o Espírito Santo derrama num instante em nossos corações (Rm 5, 5) quando se encontram em nós as condições requeridas para essa infusão, também num instante nos é tirada, assim que, desviando nossa vontade da obediência que devemos a Deus, acabamos de consentir na rebeldia e na deslealdade a que a tentação nos incita.

É verdade que a caridade cresce por acréscimo, de grau em grau e de perfeição em perfeição, à medida que, por nossas obras ou pela recepção dos sacramentos, lhe damos lugar; ela, porém, não diminui por decréscimo de sua perfeição, pois nunca se perde dela um só fio sem que se perca toda ela. Nisso se assemelha à obra-prima de Fídias, tão celebrada pelos antigos. Conta-se que esse grande escultor fez em Atenas uma estátua de Minerva, toda de marfim, com vinte e seis côvados de altura; no escudo dela, onde havia esculpido em relevo as batalhas das amazonas e dos gigantes, gravou com tanta arte o próprio rosto, que não se podia retirar um só traço de sua imagem, diz Aristóteles, sem que "toda a estátua viesse abaixo, desfeita" — de sorte que aquela obra, aperfeiçoada pela junção de peça a peça, num só instante, contudo, pereceria se dela se tirasse uma única e pequena parte da semelhança do artífice. E do mesmo modo, Teótimo, ainda que o Espírito Santo,

tendo posto a caridade numa alma, lhe dê crescimento por acréscimo de grau em grau e de perfeição em perfeição de amor, sucede, todavia, que — sendo a resolução de preferir a vontade de Deus a todas as coisas o ponto essencial do amor sagrado, e aquele em que está representada a imagem do amor eterno, isto é, do Espírito Santo — não se lhe pode retirar uma única peça sem que de repente toda a caridade pereça.

Essa preferência de Deus a todas as coisas é o filho querido da caridade. Ora, se Agar, que não passava de uma egípcia, vendo o filho em perigo de morte não teve ânimo de permanecer junto dele, mas quis deixá-lo, dizendo: "Ah, eu não poderia ver morrer este menino!" (Gn 21, 16) — que maravilha há em que a caridade, filha da doçura e da suavidade celeste, não possa ver morrer o seu filho, que é o propósito de nunca ofender a Deus? De modo que, na medida em que nosso livre-arbítrio se resolve a consentir no pecado, dando com isso a morte a esse sagrado propósito, a caridade morre com ele e diz em seu último suspiro: "Ah, não; jamais verei morrer este menino." Em suma, Teótimo, assim como a pedra preciosa chamada prásio perde o seu brilho na presença de qualquer veneno, assim a alma perde num instante o seu esplendor, a sua graça e a sua beleza, que consistem no santo amor, à entrada e à presença de qualquer pecado mortal; por isso está escrito que a alma que pecar morrerá (Ez 18, 4).

CAPÍTULO V

Que a única causa da falta e do esfriamento da caridade está na vontade das criaturas

Assim como seria um atrevimento ímpio querer atribuir às forças de nossa vontade as obras do amor sagrado que o Espírito Santo realiza em nós e conosco, também seria uma impiedade atrevida querer lançar a falta de amor que há no homem ingrato sobre a ausência do auxílio e da graça do céu. Pois o Espírito Santo clama por toda parte justamente o contrário: que a nossa perdição vem de nós mesmos (Os 13, 9); que o Salvador trouxe o fogo do santo amor e nada mais deseja senão que ele arda em nossos corações (Lc 12, 49); que a salvação está preparada diante da face de todas as nações, luz para iluminar os gentios e para a glória de Israel (Lc 2, 31); que a divina Bondade não quer que ninguém pereça (2Pd 3, 9), mas que todos cheguem ao conhecimento da verdade; que quer que todos os homens se salvem (1Tm 2, 4), tendo o Salvador deles vindo ao mundo para que todos recebessem a adoção de filhos (Gl 4, 5); e o Sábio nos adverte claramente: não digas que a culpa está em Deus (Eclo 15, 11). Assim, o Sagrado Concílio de Trento (sessão VI, cap. 11) inculca divinamente a todos os filhos da Santa Igreja que a graça divina nunca falta aos que fazem o que podem, invocando o socorro do céu; e que "Deus jamais abandona os que uma vez justificou, a não ser que eles primeiro o abandonem", de sorte que, se não faltarem à graça, alcançarão a glória. Em suma, Teótimo, o Salvador é a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1, 9).

Alguns viajantes, por volta do meio-dia de um dia de verão, deitaram-se a dormir à sombra de uma árvore; mas, enquanto o cansaço e o frescor da sombra os mantinham no sono, o sol, avançando sobre eles, lançou-lhes em cheio nos olhos a sua luz mais forte, a qual, pelo fulgor de sua claridade, produzia transparências, como pequenos relâmpagos, em torno da pupila dos olhos daqueles adormecidos, e, pelo calor que lhes atravessava as pálpebras, os forçou, com doce violência, a despertar. Alguns, porém, uma vez despertos, levantaram-se e, ganhando caminho, chegaram felizmente à pousada; outros, não apenas não se levantaram, como, voltando as costas ao sol e enterrando os chapéus sobre os olhos, passaram ali o dia inteiro a dormir, até que, surpreendidos pela noite e querendo apesar disso chegar ao abrigo, se perderam, uns para um lado, outros para outro, no meio de uma floresta, à mercê dos lobos, dos javalis e de outras feras. Ora, dize-me, por favor, Teótimo: aqueles que chegaram não deviam agradecer inteiramente ao sol a sua ventura, ou, para falar cristãmente, ao Criador do sol? Sim, certamente, pois de modo algum pensavam em despertar quando era tempo; foi o sol que lhes prestou esse bom serviço e, por um agradável convite de sua claridade e de seu calor, veio amavelmente despertá-los. É verdade que eles não resistiram ao sol; mas o sol também muito os ajudou a não resistir, pois veio suavemente derramar sobre eles a sua luz, deixando-se entrever através das pálpebras, e, com o seu calor, como que com o seu amor, foi abrindo-lhes os olhos e os instou a ver o seu dia.

Ao contrário, aqueles pobres extraviados não estariam errados em gritar pelo meio do bosque: "Ah, que fizemos nós ao sol, para que não nos mostrasse a sua luz como aos nossos companheiros, a

fim de que chegássemos ao abrigo sem ficar nestas trevas assustadoras?" Pois quem não tomaria nas mãos a causa do sol, ou antes a de Deus, meu caro Teótimo, para dizer àqueles desgraçados infelizes: "Que é, miseráveis, que o sol pudesse honestamente fazer por vós e não tenha feito? Seus favores foram iguais para todos vós que dormíeis: a todos abordou com a mesma luz, a todos tocou com os mesmos raios, sobre todos derramou o mesmo calor; e vós, infelizes, ainda que vísseis os vossos companheiros já de pé, tomando o bordão para seguir caminho, voltastes as costas ao sol e não quisestes aproveitar a sua claridade nem deixar-vos vencer pelo seu calor."

Pois bem, eis agora, Teótimo, o que eu quero dizer. Todos os homens são viajantes nesta vida mortal; quase todos nós adormecemos voluntariamente na iniquidade, e Deus, Sol de justiça (Ml 4, 2), lança sobre todos, muito suficientemente, e mesmo com abundância, os raios de suas inspirações; aquece os nossos corações com as suas bênçãos, tocando cada um com os atrativos de seu amor. Ah, que quer dizer, então, que esses atrativos atraiam a tão poucos, e a menos ainda arrastem consigo? Ah, certamente, aqueles que, sendo atraídos e depois arrastados, seguem a inspiração, têm grande motivo para se alegrar, mas não para se gloriar: alegrem-se, porque gozam de um grande bem; mas não se gloriem, pois isso se deve à pura bondade de Deus, que, deixando-lhes o proveito de seu benefício, reservou para si a glória.

Mas, quanto àqueles que permanecem no sono do pecado — ó Deus, que grande razão têm de lamentar-se, gemer, chorar e afligir-se! —, pois estão na mais lastimável de todas as desgraças. Contudo, não têm razão de se doer e de se queixar senão de si mesmos, que desprezaram a luz, e mais ainda: rebelaram-se contra

ela, resistiram aos seus atrativos e se obstinaram contra a inspiração. De sorte que só à sua malícia deve caber para sempre a maldição e a vergonha, já que são os únicos autores de sua perdição, os únicos artífices de sua condenação. Assim, queixando-se os japoneses ao bem-aventurado Francisco Xavier, seu apóstolo, de que Deus, que tanto cuidara das outras nações, parecia haver esquecido os seus antepassados, não lhes tendo dado o seu conhecimento, por falta do qual estariam perdidos, o homem de Deus lhes respondeu que a divina lei natural está plantada no espírito de todos os mortais, e que, se os seus antepassados a tivessem observado, a luz do céu sem dúvida os teria iluminado; assim como, ao contrário, havendo-a violado, mereceram ser condenados. Resposta apostólica de um homem apostólico, e em tudo semelhante à razão que o grande Apóstolo dá da perdição dos antigos gentios, os quais declara inescusáveis, porquanto, tendo conhecido o bem, seguiram o mal; pois é, numa palavra, o que ele inculca no primeiro capítulo da Epístola aos Romanos (Rm 1, 20-21). Desgraça sobre desgraça para aqueles que não reconhecem que a sua desgraça provém de sua própria malícia!

CAPÍTULO VI

Que devemos reconhecer como vindo de Deus todo o amor que lhe consagramos

O amor dos homens para com Deus tem a sua origem, o seu progresso e a sua perfeição no amor eterno de Deus para com os homens. Esse é o sentimento universal da Igreja, nossa Mãe, a qual,

com ardente zelo, quer que reconheçamos a nossa salvação, e os meios de alcançá-la, como vindos unicamente da misericórdia do Salvador, a fim de que, na terra como no Céu, só a ele sejam a honra e a glória (1Tm 1, 17). "Que tens tu que não tenhas recebido?", diz o divino Apóstolo (1Cor 4, 7), falando dos dons de ciência, de eloquência e de outras semelhantes qualidades dos pastores eclesiásticos; "e, se o recebeste, por que te glorias como se não o tivesses recebido?" É verdade: tudo recebemos de Deus, mas acima de tudo recebemos os bens sobrenaturais do santo amor; e, se os recebemos, por que haveríamos de tirar deles glória para nós?

Certamente, se alguém quisesse exaltar-se por haver feito algum progresso no amor de Deus, dir-lhe-íamos: Ai, homem miserável, jazias desfalecido em tua iniquidade, sem que te restasse vida nem forças para te reerguer (como aconteceu à princesa de nossa parábola), e Deus, por sua infinita bondade, acorreu em teu auxílio e, clamando em alta voz: "Abre a boca de tua atenção (Sl 80, 11), e eu a encherei", ele mesmo pôs os dedos entre os teus lábios e te desapertou os dentes, lançando dentro do teu coração a sua santa inspiração, e tu a recebeste; depois, uma vez recobrado o sentido, continuou, por diversos movimentos e diferentes meios, a revigorar o teu espírito, até derramar nele a sua caridade, como a tua vital e perfeita saúde.

Ora, dize-me agora, miserável: que fizeste em tudo isso de que te possas vangloriar? Consentiste, bem o sei; o movimento de tua vontade seguiu livremente o da graça do céu. Mas tudo isso que outra coisa é senão receber a operação divina e não lhe resistir? E que há nisso que não tenhas recebido? Mais ainda, pobre homem que és: recebeste até a própria recepção de que te glorias e o próprio consentimento de que te vanglorias. Pois dize-me, eu te

peço: não hás de confessar que, se Deus não te houvesse prevenido, jamais terias sentido a sua bondade, nem, por consequência, consentido no seu amor? Não; nem sequer terias tido um único bom pensamento (2Cor 3, 5) por ele. O movimento dele deu ser e vida ao teu; e, se a sua liberalidade não houvesse animado, excitado e provocado a tua liberdade pelos poderosos atrativos de sua suavidade, a tua liberdade teria permanecido para sempre inútil à tua salvação. Confesso que cooperaste com a inspiração ao consentir; mas, se não o sabes, eu te ensino que a tua cooperação nasceu, ao mesmo tempo, da operação da graça e de tua livre vontade — de tal maneira, contudo, que, se a graça não houvesse prevenido e enchido o teu coração com a sua operação, jamais ele teria tido nem o poder nem a vontade de prestar cooperação alguma.

Mas dize-me ainda uma vez, eu te peço, homem vil e abjeto: não és ridículo quando julgas ter parte na glória de tua conversão pelo fato de não haveres repelido a inspiração? Não é essa a fantasia dos ladrões e dos tiranos, que julgam dar a vida àqueles a quem não a tiram? E não é uma impiedade insensata pensar que deste à inspiração divina a sua santa, eficaz e viva atividade, apenas porque não lha tiraste com a tua resistência? Podemos impedir os efeitos da inspiração, mas não lhos podemos dar: ela tira a sua força e a sua virtude da bondade divina, que é o lugar de sua origem, e não da vontade humana, que é apenas o lugar onde ela chega. Não nos indignaríamos com a princesa de nossa parábola, se ela se gabasse de haver dado a virtude e a propriedade às águas cordiais e aos demais remédios, ou de haver curado a si mesma, sob o pretexto de que, se não houvesse recebido os remédios que o rei lhe deu e lhe verteu na boca, quando, meio morta, quase não tinha

mais sentidos, eles não teriam produzido efeito algum? "Sim", dir-se-lhe-ia, "ingrata que sois: podíeis obstinar-vos em não receber os remédios e, mesmo depois de recebê-los na boca, podíeis rejeitá-los; nem por isso, porém, é verdade que lhes tenhais dado o vigor ou a virtude, pois eles já os tinham por sua propriedade natural. Apenas consentistes em recebê-los e em que fizessem o seu efeito; e nem sequer teríeis consentido, se o rei primeiro não vos houvesse revigorado e depois instado a tomá-los; jamais os teríeis recebido, se ele não vos houvesse ajudado a recebê-los, abrindo com os próprios dedos a vossa boca e derramando dentro dela a poção. Não sois, então, um monstro de ingratidão, ao quererdes atribuir a vós mesma um bem que de tantos modos deveis ao vosso caro esposo?"

O pequeno e admirável peixe a que chamam equineis, rêmora ou para-naus tem, de fato, o poder de deter ou de não deter o navio que singra em alto-mar a todo pano (Plínio, História Natural, IX, 25); mas não tem o poder de fazê-lo navegar, nem singrar, nem aportar: pode impedir o movimento, mas não pode dá-lo. Nosso livre-arbítrio pode deter e impedir o curso da inspiração; e, quando o vento favorável da graça do céu enfuna as velas de nosso espírito, está em nossa liberdade recusar o consentimento e impedir por esse meio o efeito do favor do vento. Mas, quando nosso espírito singra e faz felizmente a sua navegação, não somos nós que fazemos vir o vento da inspiração, nem que enchemos com ele as nossas velas, nem que damos movimento ao navio de nosso coração; apenas recebemos o vento que vem do Céu, consentimos em seu impulso e deixamos correr o navio ao sabor do vento, sem o embaraçar com a rêmora de nossa resistência. É, portanto, a inspiração que imprime em nosso livre-arbítrio aquela

feliz e suave influência pela qual não somente lhe faz ver a beleza do bem, mas o aquece, o ajuda, o fortalece e o move tão docemente que, por esse meio, ele se inclina e se escoa livremente para o partido do bem.

O céu prepara na primavera as gotas do orvalho fresco e as faz chover sobre a face do mar; e as ostras que abrem as suas conchas recebem essas gotas, que se convertem em pérolas. Ao contrário, as ostras que mantêm fechadas as suas conchas não impedem que as gotas caiam sobre elas, mas impedem que caiam dentro delas. Ora, não enviou o céu o seu orvalho e a sua influência tanto sobre uma como sobre a outra ostra? Por que, então, uma produziu efetivamente a sua pérola, e a outra não? O céu fora liberal para com aquela que ficou estéril tanto quanto era necessário para lhe dar pérola e torná-la prenhe daquela bela joia; mas ela impediu o efeito desse benefício, mantendo-se fechada e coberta. E, quanto àquela que concebeu a pérola e ficou fecundada pelo orvalho, nada tem nisso que não tenha recebido do céu, nem sequer a abertura pela qual recebeu o orvalho; pois, sem o sentir dos raios da aurora, que docemente a excitaram, não teria vindo à superfície do mar nem teria aberto a sua concha. Teótimo, se temos algum amor para com Deus, a ele sejam a honra e a glória, pois tudo fez em nós, e sem ele nada foi feito (Jo 1, 3); a nós fiquem o proveito e a dívida. Pois essa é a partilha que a sua divina Bondade faz conosco: deixa-nos o fruto de seus benefícios e reserva para si a honra e o louvor. E, na verdade, já que nada somos senão por sua graça (1Cor 15, 10), nada devemos ser senão para a sua glória.

CAPÍTULO VII

Que se deve evitar toda curiosidade e submeter-se humildemente à sapientíssima Providência de Deus

O espírito humano é tão fraco que, quando pretende investigar com excessiva curiosidade as causas e as razões da vontade divina, embaraça-se e enreda-se nas malhas de mil dificuldades das quais depois já não consegue soltar-se. Assemelha-se à fumaça: ao subir torna-se mais sutil, e ao tornar-se sutil dissipa-se. De tanto querer elevar por curiosidade nossos discursos acerca das coisas divinas, desvanecemo-nos em nossos pensamentos (Rm 1, 21) e, em lugar de alcançar a ciência da verdade (1Tm 2, 4), caímos na loucura de nossa vaidade.

Mas é sobretudo a respeito da Providência divina que nos tornamos extravagantes, quando se trata da diversidade dos meios que ela nos distribui para atrair-nos ao seu santo amor e, por meio do seu santo amor, à glória. Pois nossa temeridade sempre nos impele a indagar por que Deus dá mais meios a uns do que a outros, por que não realizou entre os tírios e os sidônios as maravilhas que fez em Corazim e Betsaida, uma vez que aqueles teriam tirado tão bom proveito delas (Mt 11, 21), e, enfim, por que atrai ao seu amor antes um do que outro.

Ó Teótimo, meu amigo, jamais, jamais devemos deixar que nosso espírito se deixe arrastar por esse turbilhão de vento insensato, nem pensar que se possa encontrar razão melhor da vontade de Deus do que a sua própria vontade, a qual é soberanamente razoável, ou antes, é a razão de todas as razões, a regra de toda bondade, a lei de toda equidade. E ainda que o

Espírito santíssimo, falando na Sagrada Escritura, dê razão em muitas passagens de quase tudo quanto poderíamos desejar saber a respeito do que sua Providência faz na condução dos homens ao santo amor e à salvação eterna, é certo, contudo, que em muitas ocasiões ele declara que de modo algum se deve afastar do respeito devido à sua vontade, cujo propósito, decreto, beneplácito e sentença nos cumpre adorar; e ao cabo dessa sentença, como Juiz soberano e soberanamente justo, não é razoável que manifeste seus motivos, bastando-lhe dizer simplesmente: e por justa causa. Ora, se por caridade devemos prestar tanta honra aos decretos dos tribunais soberanos, compostos de juízes corruptíveis, da terra e de terra, a ponto de crer que não foram proferidos sem motivos, embora não os conheçamos, ah, Senhor Deus, com que amorosa reverência devemos adorar a equidade de vossa suprema providência, que é infinita em justiça e em bondade!

Assim, em mil lugares da sagrada Palavra encontramos a razão pela qual Deus reprovou o povo judeu: porque, dizem São Paulo e São Barnabé, rejeitais a palavra de Deus e vos julgais a vós mesmos indignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios (At 13, 46). E quem considerar em tranquilidade de espírito os capítulos IX e XI da Epístola aos Romanos verá claramente que a vontade de Deus não rejeitou o povo judeu sem razão; mas essa razão, contudo, não deve ser esquadrinhada pelo espírito humano, o qual, ao contrário, é obrigado a deter-se pura e simplesmente em reverenciar o decreto divino, admirando-o com amor como infinitamente justo e equânime, e amando-o com admiração como impenetrável e incompreensível. Por isso esse divino Apóstolo conclui deste modo o longo discurso que fizera a respeito (Rm 11, 33): Ó profundidade das riquezas da sabedoria e

da ciência de Deus! Quão incompreensíveis são os seus juízos e quão imperceptíveis os seus caminhos! Quem conhece os pensamentos do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro? Exclamação pela qual ele testemunha que Deus faz todas as coisas com grande sabedoria, ciência e razão, mas de tal maneira, todavia, que, não tendo o homem entrado no divino conselho, cujos juízos e desígnios estão infinitamente elevados acima de nossa capacidade, devemos adorar devotamente os seus decretos como sumamente justos, sem indagar os motivos que ele guarda em segredo consigo, a fim de manter nosso entendimento em respeito e humildade diante de nós mesmos.

Santo Agostinho, em cem passagens, ensina essa mesma prática. "Ninguém", diz ele, "vem ao Salvador senão sendo atraído; a quem ele atrai e a quem não atrai, por que atrai este e não aquele, não queiras julgar, se não queres errar. Ouve uma vez e entende! Não és atraído? Reza para que sejas atraído." Certamente basta ao cristão que ainda vive da fé e não vê o que é perfeito, mas conhece apenas em parte, saber e crer que Deus não livra ninguém da condenação senão por misericórdia gratuita, por Jesus Cristo Nosso Senhor, e que não condena ninguém senão por sua justíssima verdade, pelo mesmo Jesus Cristo Nosso Senhor. Mas quanto a saber por que ele livra antes este do que aquele, procure quem puder tão grande profundidade de seus juízos, mas guarde-se do precipício; pois "seus decretos não são por isso injustos, ainda que sejam secretos". "Mas por que, então, ele livra estes antes daqueles? Respondemos mais uma vez: Ó homem, quem és tu para replicar a Deus? (Rm 9, 20) Seus juízos são incompreensíveis e seus caminhos desconhecidos (Rm 11, 33); e acrescentemos ainda isto (Eclo 3, 22): Não indagues das coisas que estão acima de

ti nem procures o que está além de tuas forças." "Ora, ele não faz misericórdia àqueles a quem, por uma verdade secretíssima e muito distante dos pensamentos humanos, julga que não deve conceder o seu favor ou a sua misericórdia."

Vemos às vezes crianças gêmeas, das quais uma nasce cheia de vida e recebe o Batismo, e a outra, ao nascer, perde a vida temporal antes de renascer para a eterna; uma, por consequência, é herdeira do Céu, a outra fica privada da herança. Ora, por que a divina Providência dá acontecimentos tão diversos a um nascimento tão semelhante? Certamente pode-se dizer que a Providência de Deus não costuma violar as leis da natureza; de modo que, sendo um desses gêmeos vigoroso e o outro fraco demais para suportar o esforço da saída do ventre materno, este morreu antes de poder ser batizado, e aquele viveu; não tendo querido a Providência impedir o curso das causas naturais, as quais, nessa ocorrência, terão sido a razão da privação do Batismo naquele que não o teve. E, sem dúvida, essa resposta é bem sólida; mas, seguindo o parecer do divino São Paulo e de Santo Agostinho, não devemos deter-nos nessa consideração, a qual, embora boa, não é comparável a várias outras que Deus reservou para si e que nos dará a conhecer no Paraíso. "Então", diz Santo Agostinho, "já não será coisa secreta por que um antes do que outro é elevado, sendo igual a causa de ambos; nem por que não foram feitos milagres entre aqueles que, se os tivessem visto, teriam feito penitência, e foram feitos entre os que não estavam dispostos a crer." E em outro lugar, esse mesmo Santo, falando dos pecadores dos quais Deus deixa um em sua iniquidade e reergue o outro: "Ora, por que ele sustém um", diz ele, "e não sustém o outro, não é possível compreendê-lo nem lícito indagá-lo, pois basta saber que depende dele que alguém

permaneça de pé, e não vem dele que alguém caia"; e ainda: "Isso está oculto e muito distante do espírito humano, ao menos do meu."

Eis, Teótimo, a mais santa maneira de filosofar sobre esse assunto; e por isso sempre achei admirável e amável a douta modéstia e a sapientíssima humildade do Doutor seráfico São Boaventura, no discurso que faz sobre a razão pela qual a divina Providência destina os eleitos à vida eterna. "Talvez", diz ele, "seja pela previsão dos bens que serão feitos por aquele que é atraído, enquanto de algum modo provêm da vontade; mas quanto a poder dizer quais são esses bens, cuja previsão serve de motivo à vontade divina, nem o sei distintamente, nem quero indagá-lo; e não há aí razão alguma senão de certa espécie de conveniência, de modo que poderíamos apontar uma e seria outra. Por isso não saberíamos assinalar com certeza a verdadeira razão nem o verdadeiro motivo da vontade de Deus a esse respeito, pois, como diz Santo Agostinho, ainda que a verdade seja certíssima, está contudo muito afastada de nossos pensamentos, de sorte que nada poderíamos dizer de seguro a seu respeito, senão pela revelação Daquele a quem todas as coisas são conhecidas. E porque não convinha à nossa salvação que tivéssemos conhecimento desses segredos, sendo-nos antes mais útil ignorá-los para nos mantermos em humildade, por isso Deus não os quis revelar; e o próprio santo Apóstolo não ousou indagá-los, mas testemunhou a insuficiência de nosso entendimento nesse assunto quando exclamou (Rm 11, 33): Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus!" Poder-se-ia falar mais santamente, Teótimo, de tão grande mistério? Também são estas as palavras de um santíssimo e judicioso Doutor da Igreja.

CAPÍTULO VIII

Exortação à amorosa submissão que devemos aos decretos da divina Providência

Amemos, pois, e adoremos em espírito de humildade essa profundidade dos juízos de Deus, Teótimo, "a qual", como diz Santo Agostinho, "o santo Apóstolo não descobre, mas admira, quando exclama: Ó profundidade dos juízos de Deus!" "Quem poderia contar a areia do mar, as gotas da chuva e medir a largura do abismo?", diz aquele espírito excelente que foi São Gregório Nazianzeno, "e quem poderá sondar a profundidade da divina Sabedoria, pela qual ela criou todas as coisas e as governa como quer e entende? Pois, na verdade, basta que, a exemplo do Apóstolo, sem nos determos em sua dificuldade e obscuridade, a admiremos: Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! Oh, quão inescrutáveis são os seus juízos e quão inacessíveis os seus caminhos! Quem conheceu o pensamento do Senhor? E quem foi o seu conselheiro?" (Rm 11, 33) Teótimo, as razões da vontade divina não podem ser penetradas por nosso espírito, até que vejamos a face Daquele que atinge com força de uma extremidade à outra e dispõe todas as coisas com suavidade (Sb 8, 1), fazendo tudo quanto faz em número, peso e medida (Sb 11, 21), e a quem o Salmista diz: Senhor, tudo fizestes com sabedoria (Sl 103, 24).

Quantas vezes nos acontece ignorar como e por que se fazem as próprias obras dos homens? E, portanto, diz o mesmo santo Bispo de Nazianzo, "o artesão não é ignorante, ainda que ignoremos o seu artifício; nem, do mesmo modo, as coisas deste

mundo são feitas temerária e imprudentemente, ainda que não conheçamos as suas razões". Se entrarmos na oficina de um relojoeiro, encontraremos às vezes um relógio que não é maior do que uma laranja e no qual há, contudo, cem ou duzentas peças, das quais umas servem ao mostrador, outras ao toque das horas e ao despertador; veremos ali pequenas rodas, umas girando à direita, outras à esquerda, umas voltando-se para cima, outras para baixo, e o balancim que, em golpes medidos, vai equilibrando seu movimento de um lado e de outro. E admiramos como a arte soube unir tamanha quantidade de peças tão miúdas umas às outras, com correspondência tão exata, sem sabermos nem para que serve cada peça, nem com que finalidade foi feita assim, se o mestre não no-lo disser; e apenas em geral sabemos que todas servem ao mostrador ou ao toque das horas. Dizem que os bons índios passam dias inteiros junto de um relógio para ouvir soar as horas no momento exato, e, não podendo adivinhar como isso se faz, nem por isso dizem que aquilo é sem arte nem razão, mas ficam arrebatados de amor e de reverência por aqueles que governam os relógios, admirando-os como gente mais que humana.

Teótimo, é assim que vemos este universo, e sobretudo a natureza humana, como um relógio composto de tão grande variedade de ações e movimentos que não podemos deixar de nos espantar. E sabemos bem, em geral, que essas peças diversificadas de tantos modos servem todas ou para fazer aparecer, como num mostrador, a santíssima justiça de Deus, ou para manifestar a triunfante misericórdia de sua bondade, como por um repique de louvor; mas conhecer em particular o uso de cada peça, ou como ela se ordena ao fim geral, ou por que foi feita assim, isso não

podemos entender, a não ser que o soberano Artífice no-lo ensine. Ora, ele não nos manifesta a sua arte, para que a admiremos com maior reverência, até que, estando nós no Céu, nos arrebate na suavidade de sua sabedoria, quando, na abundância de seu amor, nos descobrirá as razões, os meios e os motivos de tudo quanto se terá passado neste mundo em proveito de nossa salvação eterna.

"Assemelhamo-nos", diz ainda o grande Nazianzeno, "aos que sofrem de vertigem, ou tontura de cabeça: parece-lhes que tudo gira e se revolve à sua volta, embora seja o seu cérebro e a sua imaginação que giram, e não as coisas. Pois assim também, ao depararmos com certos acontecimentos cujas causas nos são desconhecidas, parece-nos que as coisas do mundo são administradas sem razão, apenas porque não a conhecemos. Creiamos, pois, que, assim como Deus é o autor e o pai de todas as coisas, também cuida delas por sua providência, que abraça e envolve toda a máquina das criaturas; e creiamos sobretudo que ele preside aos nossos negócios, aos de nós que o conhecemos, ainda que nossa vida seja agitada por tantas contrariedades e acidentes, cuja razão nos é desconhecida talvez para que, não podendo chegar a esse conhecimento, admiremos a razão soberana de Deus, que ultrapassa todas as coisas; pois, para nós, aquilo que é facilmente conhecido é facilmente desprezado, ao passo que o que excede a agudeza de nosso espírito, quanto mais difícil de entender, tanto mais nos desperta grande admiração." Certamente as razões da providência celeste seriam bem rasteiras se nossos pequenos espíritos pudessem alcançá-las; seriam menos amáveis em sua suavidade e menos admiráveis em sua majestade, se estivessem menos distantes de nossa capacidade.

Exclamemos, pois, Teótimo, em todas as ocasiões, mas exclamemos com o coração todo amoroso para com a providência toda sábia, toda poderosa e toda doce de nosso Pai eterno: Ó profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus! Ó Senhor Jesus, Teótimo, quão excessivas são as riquezas da bondade divina! Seu amor para conosco é um abismo incompreensível; por isso nos preparou uma rica suficiência, ou antes, uma rica abundância de meios próprios para nos salvar; e, para no-los aplicar suavemente, serve-se de uma sabedoria soberana, tendo por sua infinita ciência previsto e conhecido tudo quanto era necessário a esse fim. Ah, que podemos temer? Ou melhor, que não devemos esperar, sendo filhos de um Pai tão rico em bondade para nos amar e querer salvar, tão sábio para preparar os meios convenientes a isso, e tão prudente para aplicá-los; tão bom para querer, tão clarividente para ordenar, tão avisado para executar!

Nunca permitamos que nossos espíritos esvoacem por curiosidade em torno dos juízos divinos, pois, como pequenas mariposas, ali queimaremos as asas e pereceremos nesse fogo sagrado. Esses juízos são incompreensíveis, ou, como lê São Gregório Nazianzeno, são inescrutáveis, isto é, não podemos reconhecer nem penetrar os seus motivos; os caminhos e os meios pelos quais ele os executa e leva a termo não podem ser discernidos nem reconhecidos, e, por bom discernimento que tenhamos, ficamos em falta a cada passo e lhes perdemos o rastro. Pois quem pode penetrar o sentido, a inteligência e a intenção de Deus? Quem foi o seu conselheiro, para conhecer seus desígnios e os motivos deles? Ou quem jamais o antecipou com algum serviço? Não é ele, ao contrário, quem nos antecipa com as bênçãos (Sl 20,

3) de sua graça, para nos coroar na felicidade de sua glória? Ah, Teótimo, todas as coisas são dele, que é o seu criador; todas as coisas são por ele, que é o seu governador; todas as coisas estão nele, que é o seu protetor: a ele seja honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém (Rm 11, 33).

Caminhemos em paz, Teótimo, pela estrada do santíssimo amor, pois quem tiver o divino amor na hora da morte, depois da morte gozará eternamente do amor.

CAPÍTULO IX

De certo resto de amor que muitas vezes permanece na alma que perdeu a santa caridade

Certamente a vida de um homem que, todo enlanguescido, vai pouco a pouco morrendo num leito quase não merece mais que a chamem vida, pois, ainda que seja vida, está de tal modo misturada com a morte que não se saberia dizer se é uma morte ainda viva ou uma vida agonizante. Ai, que espetáculo digno de pena, Teótimo! Mas muito mais lamentável é o estado de uma alma que, ingrata para com o seu Salvador, vai de instante em instante retrocedendo, afastando-se do amor divino por certos graus de indevoção e de deslealdade, até que, tendo-o abandonado inteiramente, permanece na horrível escuridão da perdição. E esse amor que está em seu declínio, e que vai perecendo e desfalecendo, chama-se amor imperfeito, porque, embora esteja inteiro na alma, nela não está, ao que parece, inteiramente, isto é, quase já não adere à alma e está prestes a abandoná-la. Ora, separada a caridade da alma pelo pecado, resta ali muitas vezes certa semelhança de caridade que nos

pode enganar e entreter em vão; e vou dizer-vos o que é. A caridade, enquanto está em nós, produz muitos atos de amor para com Deus; e pelo exercício frequente desses atos nossa alma adquire certo hábito e costume de amar a Deus, que não é a caridade, mas somente uma dobra e uma inclinação que a multidão dos atos imprimiu em nosso coração.

Depois de havermos contraído longo hábito de pregar ou de dizer a Missa por escolha deliberada, acontece-nos muitas vezes em sonho falar e dizer as mesmas coisas que diríamos ao pregar ou ao celebrar; de modo que o costume e o hábito adquiridos por escolha e por virtude são depois praticados, de certa maneira, sem escolha e sem virtude, já que as ações feitas durante o sono não têm da virtude, falando em geral, senão uma imagem aparente, e são apenas seus simulacros e representações. Assim a caridade, pela multidão dos atos que produz, imprime em nós certa facilidade de amar, a qual nos deixa mesmo depois que ficamos privados de sua presença.

Vi, quando era jovem estudante, que numa aldeia perto de Paris havia, dentro de certo poço, um eco que repetia várias vezes as palavras que ali pronunciávamos por perto. Se algum ignorante sem experiência tivesse ouvido aquelas repetições de palavras, teria acreditado que havia alguém no fundo do poço a proferi-las; mas já sabíamos, pela filosofia, que não havia ninguém no poço a repetir nossas palavras, e sim apenas algumas concavidades, numa das quais nossas vozes, ali recolhidas e não podendo passar adiante, para não perecerem de todo e para empregar as forças que lhes restavam, produziam segundas vozes; e essas segundas vozes, recolhidas em outra concavidade, produziam terceiras, e estas, do mesmo modo, quartas, e assim sucessivamente até onze. De sorte

que aquelas vozes formadas no poço já não eram as nossas vozes, mas semelhanças e imagens delas. E de fato havia muita diferença entre as nossas vozes e aquelas: pois, quando dizíamos uma longa sequência de palavras, elas repetiam apenas algumas; encurtavam a pronúncia das sílabas, que passavam muito depressa e com tons e acentos bem diversos dos nossos; e mais: só começavam a formar essas palavras depois que acabávamos de pronunciá-las. Em suma, não eram as palavras de um homem vivo, mas, por assim dizer, as palavras de um rochedo oco e vão, as quais, todavia, representavam tão bem a voz humana de que haviam tirado sua origem, que um ignorante nelas se enganaria e se deixaria iludir.

Ora, quero agora dizer o seguinte: quando o santo amor da caridade encontra uma alma dócil e nela faz longa demora, produz ali um segundo amor, que não é um amor de caridade, ainda que provenha da caridade, mas um amor humano, o qual, contudo, de tal modo se assemelha à caridade que, mesmo depois que esta perece na alma, parece que ela ali continua sempre, porquanto deixou atrás de si essa sua imagem e semelhança que a representa; de tal sorte que um ignorante nisso se enganaria, assim como se enganaram os pássaros com a pintura das uvas de Zêuxis, que julgaram serem uvas verdadeiras, de tão exatamente que a arte imitara a natureza. E, no entanto, há grande diferença entre a caridade e o amor humano que ela produz em nós: pois a voz da caridade pronuncia, intima e realiza todos os mandamentos de Deus dentro de nossos corações; o amor humano que resta depois dela realmente os diz e às vezes os intima todos, mas nunca os realiza todos, e sim apenas alguns. A caridade pronuncia e reúne todas as sílabas, isto é, todas as circunstâncias dos mandamentos de Deus; esse amor humano deixa sempre alguma para trás, e

sobretudo a da reta e pura intenção. E quanto ao tom, a caridade o tem muito igual, doce e gracioso; mas esse amor humano vai sempre ou alto demais nas coisas terrenas, ou baixo demais nas celestes, e nunca começa a sua tarefa senão depois que a caridade cessou de fazer a sua. Pois, enquanto a caridade está na alma, serve-se desse amor humano, que é criatura sua, e o emprega para facilitar suas operações; de modo que, durante esse tempo, as obras desse amor, como as de um servo, pertencem à caridade, que é a sua senhora. Mas, uma vez afastada a caridade, então as ações desse amor pertencem inteiramente a ele e já não têm a estima e o valor da caridade; pois, assim como o bordão de Eliseu, na ausência dele, ainda que estivesse na mão do servo Giezi, que o recebera da mão do próprio Eliseu, não fazia milagre algum (2Rs 4, 29), assim também as ações feitas na ausência da caridade, pelo simples hábito do amor humano, não têm mérito algum nem valor algum para a vida eterna, ainda que esse amor humano tenha aprendido a fazê-las com a caridade e não seja senão seu servo. E isso se dá dessa maneira porque esse amor humano, na ausência da caridade, já não tem força sobrenatural alguma para levar a alma à excelente ação do amor de Deus sobre todas as coisas.

CAPÍTULO X

Quão perigoso é esse amor imperfeito

Ai, meu Teótimo, olhai, peço-vos, o pobre Judas (Mt 27, 3) depois de haver traído o seu Mestre: como vai devolver o dinheiro aos judeus, como reconhece o seu pecado, como fala com honra do sangue daquele Cordeiro imaculado. Eram efeitos do amor

imperfeito que a caridade anterior, já passada, lhe havia deixado no coração. Desce-se à impiedade por certos degraus, e quase ninguém chega ao extremo da malícia num só instante. Os perfumistas, ainda quando já não estão em suas lojas, trazem por muito tempo o cheiro dos perfumes que manusearam; assim também aqueles que estiveram nos gabinetes dos unguentos celestes, isto é, na santíssima caridade, conservam ainda por algum tempo o seu aroma.

Quando o cervo passou a noite em algum lugar, na mesma manhã o faro e o rastro dele ainda estão frescos, e à tarde já é mais difícil apanhá-lo; mas, à medida que suas pisadas se tornam velhas e endurecidas, também os cães vão perdendo o conhecimento delas. Quando a caridade reinou algum tempo numa alma, encontram-se nela seus passos, sua trilha, suas pegadas, seu rastro, por algum tempo depois de tê-la deixado; mas pouco a pouco tudo isso enfim se desvanece, e perde-se toda espécie de indício de que a caridade ali algum dia esteve.

Vimos jovens bem criados no amor de Deus que, desencaminhando-se, permaneceram por algum tempo em meio à sua infeliz decadência de tal modo que ainda se viam neles grandes marcas de sua virtude passada; e, repugnando o hábito adquirido no tempo da caridade ao vício presente, custava, durante alguns meses, discernir se estavam ou não fora da caridade, e se eram virtuosos ou viciosos; até que o correr do tempo dava claramente a conhecer que aqueles exercícios virtuosos não tinham sua origem na caridade presente, mas na caridade passada; não no amor perfeito, mas no imperfeito que a caridade havia deixado atrás de si como sinal da hospedagem que fizera naquelas almas.

Ora, esse amor imperfeito é bom em si mesmo, Teótimo, pois, sendo criatura da santa caridade e como que de sua comitiva, não pode deixar de ser bom; e, de fato, serviu fielmente à caridade enquanto ela habitou na alma, e está sempre pronto a servi-la, caso ela ali retorne. E se não pode praticar as ações do amor perfeito, nem por isso é de desprezar, pois tal é a condição de sua natureza; assim as estrelas, que em comparação com o sol são muito imperfeitas, são contudo extremamente belas de contemplar em particular, e, embora nada valham diante do sol, valem na ausência dele.

Todavia, ainda que esse amor imperfeito seja bom em si, ele nos é perigoso, porquanto muitas vezes nos contentamos em ter somente a ele; pois, tendo ele muitos traços exteriores e interiores da caridade, pensamos que possuímos a própria caridade, entretemo-nos com isso e nos julgamos santos, enquanto, nessa vã persuasão, os pecados que nos privaram da caridade crescem, avolumam-se e multiplicam-se de tal maneira que por fim se tornam senhores de nosso coração. Se Jacó não tivesse abandonado a sua perfeita Raquel e se houvesse mantido sempre junto dela no dia de suas núpcias, não teria sido enganado como foi; mas, porque a deixou ir sem ele para o seu aposento, ficou todo espantado na manhã seguinte ao descobrir que em lugar dela tinha apenas a imperfeita Lia, que julgava, no entanto, ser a sua querida Raquel: Labão o havia enganado assim (Gn 29, 21). Ora, o amor-próprio nos ilude do mesmo modo: por pouco que nos afastemos da caridade, ele insinua em nossa estima esse hábito imperfeito, e nele encontramos o nosso contentamento como se fosse a verdadeira caridade, até que alguma luz mais clara nos faça ver que fomos enganados.

Ah, Deus, não é grande lástima ver uma alma que se lisonjeia com essa ilusão de ser santa, permanecendo em repouso como se possuísse a caridade, e afinal descobre que a sua santidade é fingida, que o seu repouso não é senão letargia e a sua alegria, um delírio?

CAPÍTULO XI

Meio para reconhecer esse amor imperfeito

Mas de que modo, direis vós, discernir se é Raquel ou Lia, se é a caridade ou o amor imperfeito que me dá os sentimentos de devoção pelos quais sou tocado? Se, examinando em particular os objetos dos desejos, das afeições e dos projetos que agora tendes, encontrardes algum pelo qual estivésseis disposto a contrariar a vontade e o beneplácito de Deus, pecando mortalmente, então está fora de dúvida que todo o sentimento, toda a facilidade e prontidão que tendes em servir a Deus não tem outra fonte senão o amor humano e imperfeito; pois, se o amor perfeito reinasse em vós, ó Senhor Deus!, ele quebraria toda afeição, todo desejo, todo projeto cujo objeto fosse tão pernicioso, e não poderia suportar que o vosso coração o contemplasse.

Mas notai que eu disse que esse exame deve ser feito sobre as afeições que tendes no presente; pois não é preciso imaginar as que poderiam nascer depois, bastando que sejamos fiéis nas ocasiões presentes, segundo a diversidade dos tempos, já que a cada estação basta o seu próprio trabalho e a sua própria pena.

Se, todavia, quiserdes exercitar o vosso coração na valentia espiritual pela representação de diversos encontros e de diversos

assaltos, podereis fazê-lo com proveito, contanto que, depois dos atos dessa valentia imaginária que o vosso coração houver praticado, não vos julgueis por isso mais valente; pois os filhos de Efraim, que faziam maravilhas em disparar bem seus arcos nos exercícios de guerra que travavam entre si, quando chegou a hora da verdade, no dia da batalha, voltaram as costas (Sl 77, 9), e nem sequer tiveram firmeza para ajustar as flechas à corda, nem para encarar a ponta das flechas dos inimigos.

Quando, pois, se pratica essa valentia diante de ocorrências futuras ou apenas possíveis, se temos um sentimento bom e fiel, agradecemos a Deus por isso, pois tal sentimento é sempre bom; mas, ainda assim, permanecemos com humildade entre a confiança e a desconfiança, esperando que, mediante o auxílio divino, faríamos na ocasião aquilo que imaginamos, e temendo, contudo, que, segundo a nossa miséria costumeira, talvez nada fizéssemos e perdêssemos a coragem. Mas, se a desconfiança se tornasse tão desmedida que nos parecesse não termos nem força nem coragem, e por isso nos sobreviesse o desespero por causa das tentações imaginadas, como se não estivéssemos na caridade e na graça de Deus, então nos cumpre tomar a resolução, apesar de nosso sentimento e de nosso desânimo, de sermos bem fiéis em tudo quanto nos acontecer, até mesmo naquela tentação que nos aflige; e esperar que, quando ela chegar, Deus multiplicará a sua graça, redobrará o seu socorro e nos prestará toda a assistência necessária; e que, não nos dando força para uma guerra imaginária e desnecessária, no-la dará quando vier a necessidade. Pois, assim como muitos perderam o ânimo no assalto, muitos também nele perderam o medo, e tomaram coragem e resolução na presença do perigo e da necessidade, coragem que jamais teriam sabido tomar

na ausência deles; e assim muitos servos de Deus, representando a si mesmos as tentações ausentes, de tal modo se assustaram que quase perderam a coragem, e, vendo-as presentes, comportaram-se com grande valor.

Enfim, nesses espantos nascidos da representação dos assaltos futuros, quando nos parece que o coração nos falta, basta desejar a coragem e confiar em Deus que ele no-la dará quando for tempo. Sansão certamente não tinha sempre a sua coragem; antes está assinalado na Escritura (Jz 14, 6) que, vindo contra ele furioso e rugindo o leão das vinhas de Tamnata, o espírito de Deus o arrebatou, isto é, Deus lhe deu o impulso de uma força nova e de uma nova coragem, e ele despedaçou o leão como teria feito a um cabrito; e do mesmo modo (Jz 15, 14) quando derrotou os mil filisteus que o queriam derrotar no campo de Lequi. Assim, meu caro Teótimo, não é necessário que tenhamos sempre o sentimento e o impulso da coragem requerida para vencer o leão rugidor que anda rondando de um lado para outro a fim de nos devorar (1Pd 5, 8); isso poderia dar-nos vaidade e presunção. Basta que tenhamos bom desejo de combater valentemente e uma perfeita confiança em que o Espírito divino nos assistirá com o seu socorro quando se apresentar a ocasião de empregá-lo.

LIVRO

V

Dos dois principais exercícios do amor sagrado, que se fazem pela complacência e pela benevolência

Capítulos I a XII

CAPÍTULO I

Da sagrada complacência do amor e, primeiramente, em que ela consiste

O amor não é outra coisa, conforme já dissemos, senão o movimento e o transbordamento do coração em direção ao bem, por meio da complacência que nele se encontra; de sorte que a complacência é o grande motivo do amor, assim como o amor é o grande movimento da complacência.

Ora, esse movimento pratica-se deste modo para com Deus. Sabemos pela fé que a Divindade é um abismo incompreensível de toda perfeição, soberanamente infinita em excelência e infinitamente soberana em bondade; e essa verdade que a fé nos ensina, nós a consideramos atentamente pela meditação, contemplando essa imensidão de bens que estão em Deus, ou todos juntos, à maneira de um conjunto de todas as perfeições, ou considerando distintamente suas excelências uma após outra: como, por exemplo, sua onipotência, sua total sabedoria, sua total bondade, sua eternidade, sua infinidade. Ora, quando tornamos nosso entendimento bem atento à grandeza dos bens que estão nesse divino objeto, é impossível que nossa vontade não seja tocada de complacência nesse bem; e então usamos de nossa liberdade e da autoridade que temos sobre nós mesmos, provocando nosso próprio coração a repetir e reforçar sua primeira complacência com atos de aprovação e de regozijo: Oh, diz então a alma devota, como sois belo, meu Bem-Amado, como sois belo! Sois todo desejável, ou antes, sois o próprio desejo; tal é o meu Bem-Amado, e ele é o Amigo do meu coração, ó filhas de

Jerusalém (Ct 1, 15; 5, 16). Oh, bendito seja para sempre o meu Deus, porque é tão bom! Ah, quer eu morra, quer eu viva, sou por demais feliz em saber que o meu Deus é tão rico em todos os bens, que sua bondade é tão infinita e sua infinidade tão boa.

Assim, aprovando o bem que vemos em Deus e regozijando-nos com ele, fazemos o ato de amor que se chama complacência, pois nos comprazemos no prazer divino infinitamente mais do que no nosso próprio; e é esse amor que dava tanto contentamento aos Santos quando podiam narrar as perfeições do seu Bem-Amado, e que os fazia pronunciar com tanta suavidade que Deus era Deus. Sabei, pois, diziam eles, que o Senhor é Deus (Sl 99, 3); Ó Deus, meu Deus, meu Deus, vós sois o meu Deus (Sl 31, 1); eu disse ao Senhor: vós sois o meu Deus (Sl 15, 2); Deus do meu coração, e o meu Deus é a porção da minha herança eternamente (Sl 82, 26). Ele é o Deus de nosso coração por essa complacência, porquanto por ela nosso coração o abraça e o faz seu; ele é a nossa herança, porquanto por esse ato gozamos dos bens que estão em Deus e, como de uma herança, deles tiramos toda sorte de prazer e de contentamento. Por essa complacência bebemos e comemos espiritualmente as perfeições da Divindade, pois as tornamos nossas e as atraímos para dentro de nosso coração.

As ovelhas de Jacó atraíram para as suas entranhas a variedade de cores que viam na fonte em que eram abeberadas quando estavam no ardor do acasalamento, pois de fato os seus cordeirinhos nasceram depois malhados (Gn 30, 37). Assim também a alma tomada da amorosa complacência que sente ao considerar a Divindade, e nela uma infinidade de excelências, atrai igualmente para dentro do seu coração as cores, isto é, uma

multidão das maravilhas e perfeições que contempla, e as torna suas pelo contentamento que nelas encontra.

Ó Deus, que alegria teremos no Céu, Teótimo, quando virmos o Bem-Amado de nossos corações como um mar infinito cujas águas nada mais são do que perfeição e bondade! Então, como os cervos que, longamente perseguidos e maltratados, ao chegarem a uma fonte clara e fresca sorvem para si o frescor de suas belas águas (Sl 41, 1), assim os nossos corações, depois de tantos langores e desejos, chegando à fonte forte e viva da Divindade, atrairão pela sua complacência todas as perfeições desse Bem-Amado, e terão delas a perfeita fruição pelo regozijo que nelas encontrarem, enchendo-se de suas delícias imortais; e desse modo o querido Esposo entrará em nós como no seu leito nupcial, para comunicar a sua alegria eterna à nossa alma, segundo o que ele mesmo diz (Jo 14, 23): que, se guardarmos a santa lei do seu amor, ele virá e fará morada em nós. Tal é o doce e nobre furto do amor, que, sem descorar o Bem-Amado, se colore de suas cores; sem o despojar, se reveste de seu manto; sem lhe tirar nada, toma tudo quanto ele tem; e, sem o empobrecer, se enriquece de seus bens; como o ar recebe a luz sem diminuir o esplendor originário do sol, e o espelho recebe a graça do rosto sem diminuir a do homem que nele se mira.

Tornaram-se abomináveis como as coisas que amaram, diz o Profeta (Os 9, 10), falando dos maus; e do mesmo modo se pode dizer dos bons que se tornaram amáveis como as coisas que amaram. Vede, peço-vos, o coração de Santa Clara de Montefalco: teve tanto prazer na Paixão do Salvador e em meditar a santíssima Trindade, que atraiu também para dentro de si todas as marcas da Paixão e uma admirável representação da Trindade, tendo-se feito semelhante às coisas que amava. O amor que o grande apóstolo

São Paulo dedicava à vida, à morte e à paixão de Nosso Senhor foi tão grande, que atraiu a própria vida, a morte e a paixão desse divino Salvador para dentro do coração de seu amoroso servo, cuja vontade estava cheia delas pela dileção, sua memória pela meditação e seu entendimento pela contemplação. Mas por que canal e por que conduto viera o doce Jesus ao coração de São Paulo? Pelo canal da complacência, como ele mesmo o declara, dizendo (Gl 6, 14): Longe de mim gloriar-me, a não ser na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pois, se bem observardes, entre gloriar-se numa pessoa e comprazer-se nela, entre ter uma coisa por glória e tê-la por prazer, não há outra diferença senão que aquele que toma uma coisa por glória acrescenta ao prazer a honra — não havendo honra sem prazer, ainda que possa haver prazer sem honra. Essa alma, pois, tinha tal complacência e sentia-se de tal modo honrada na bondade divina que reluz na vida, na morte e na paixão do Salvador, que não encontrava prazer algum senão nessa honra; e é isso que o faz dizer: Longe de mim gloriar-me, a não ser na Cruz do meu Salvador; assim como diz também que já não era ele quem vivia, mas Jesus Cristo é que vivia nele (Gl 2, 20).

CAPÍTULO II

Que pela santa complacência somos tornados como criancinhas junto aos seios de Nosso Senhor

Ó Deus, como é feliz a alma que põe o seu prazer em saber e conhecer que Deus é Deus e que sua bondade é uma bondade infinita! Pois esse celeste Esposo, por essa porta da complacência, entra nela e ceia conosco, como nós com ele (Ap 3, 20). Alimentamo-nos com ele de sua doçura pelo prazer que nela

encontramos, e saciamos nossos corações nas perfeições divinas pelo contentamento que delas recebemos; e essa refeição é uma ceia, por causa do repouso que a segue, fazendo-nos a complacência descansar docemente na suavidade do bem que nos deleita e do qual apascentamos o nosso coração. Pois, como sabeis, Teótimo, o coração alimenta-se daquilo em que se compraz, tanto que em nossa língua francesa se diz que um se alimenta de honras e outro de riquezas, assim como o Sábio dissera que a boca dos insensatos se alimenta de ignorância (Pr 15, 14); e a soberana Sabedoria declara que o seu alimento, isto é, o seu prazer, não é outra coisa senão fazer a vontade de seu Pai (Jo 4, 34). Em suma, é verdadeiro o aforismo dos médicos, que aquilo que é saboreado nutre; e o dos filósofos: o que apraz, apascenta.

Venha o meu Bem-Amado ao seu jardim, diz a sagrada Esposa, e coma o fruto de suas macieiras (Ct 5, 1). Ora, o divino Esposo vem ao seu jardim quando vem à alma devota; pois, uma vez que se compraz em estar com os filhos dos homens (Pr 8, 31), onde poderia alojar-se melhor do que na região do espírito que ele fez à sua imagem e semelhança? Nesse jardim ele mesmo planta a amorosa complacência que temos em sua bondade e da qual nos alimentamos; assim como, do mesmo modo, sua bondade se compraz e se alimenta de nossa complacência; e assim, por sua vez, nossa complacência aumenta porque Deus se compraz em ver-nos comprazer nele: de sorte que esses prazeres recíprocos fazem o amor de uma incomparável complacência, pela qual a nossa alma, feita jardim de seu Esposo e tendo de sua bondade as macieiras das delícias, lhe restitui o fruto, já que ele se compraz na complacência que ela tem nele. Assim atraímos o coração de Deus para dentro do nosso, e ele nele derrama o seu bálsamo precioso (Ct 1, 2); e

assim se pratica o que a santa Esposa diz com tanta alegria (Ct 1, 3): O Rei do meu coração levou-me aos seus aposentos; estremeceremos e nos regozijaremos em vós, lembrando-nos de vossos seios, mais amáveis do que o vinho; os bons vos amam. Pois, dizei-me, Teótimo, quais são os aposentos desse Rei de amor senão os seus seios, que abundam em variedade de doçuras e suavidades? O peito e os seios da mãe são os aposentos do tesouro do pequenino; ele não tem outras riquezas senão aquelas, que lhe são mais preciosas do que o ouro e o topázio (Sl 118, 127), mais amáveis do que todo o resto do mundo.

A alma, pois, que contempla os tesouros infinitos das perfeições divinas em seu Bem-Amado, tem-se por sumamente feliz e rica, porquanto o amor torna seu, pela complacência, todo o bem e contentamento desse querido Esposo. E assim como o menininho faz pequenos ímpetos na direção dos seios de sua mãe e pula de contentamento ao vê-los descobertos, como também a mãe, de sua parte, lhos apresenta com um amor sempre um pouco apressado, do mesmo modo a alma devota sente estremecimentos e arrancos de alegria sem par pelo prazer que tem em contemplar os tesouros das perfeições do Rei de seu santo amor, e sobretudo quando vê que ele mesmo lhos mostra por amor, e que, entre suas perfeições, a de seu amor infinito reluz com excelência. Ah, não tem razão essa bela alma de exclamar: Ó meu Rei, como são amáveis as vossas riquezas e como são ricos os vossos amores! Ah, quem tem maior alegria, vós que deles gozais, ou eu que com eles me regozijo? Estremeceremos de júbilo à lembrança de vosso peito e de vossos seios, tão fecundos em toda excelência de suavidade: eu, porque o meu Bem-Amado deles goza; vós, porque a vossa bem-amada com eles se regozija; pois assim ambos gozamos deles,

já que vossa bondade vos faz gozar do meu regozijo, e meu amor me faz regozijar-me de vosso gozo. Ah, os justos e os bons vos amam! E como se poderia ser bom e não amar uma tão grande bondade? Os príncipes da terra têm seus tesouros nos aposentos de seus palácios e suas armas em seus arsenais; mas o Príncipe celeste tem o seu tesouro no seio e as suas armas no peito; e, porque seu tesouro é a sua bondade, assim como suas armas são os seus amores, seu seio e seu peito assemelham-se aos de uma doce mãe, que tem dois belos seios como dois aposentos, ricos na doçura de bom leite, armados de tantos dardos para sujeitar o querido pequenino quantos sorvos ele possa dar ao mamar.

Certamente a natureza alojou os seios no peito para que, fazendo ali o calor do coração a cocção do leite, assim como a mãe é a nutriz do filho, também o coração dela lhe fosse o nutridor, e para que o leite fosse um alimento todo de amor, cem vezes melhor do que o vinho. Notai, contudo, Teótimo, que a comparação do leite e do vinho parece tão apropriada à sagrada Esposa, que ela não se contenta de dizer uma só vez que os seios de seu Esposo superam o vinho, mas repete-o por três vezes (Ct 1, 3; 4, 10; 7, 8; 1, 13). O vinho, Teótimo, é o leite das uvas, e o leite é o vinho dos seios; por isso a sagrada Esposa diz que o seu Bem-Amado é para ela um cacho de uvas, mas cacho de Chipre, isto é, de odor excelente. Moisés diz que os israelitas podiam beber o sangue puríssimo e ótimo da uva (Dt 32, 14); e Jacó, descrevendo a seu filho Judá a fertilidade do quinhão que teria na Terra prometida, profetizou sob essa figura a verdadeira felicidade dos cristãos, dizendo que o Salvador lavaria a sua veste, isto é, a Santa Igreja, no sangue da uva, isto é, em seu próprio sangue (Gn 49, 11). Ora, o sangue e o leite não diferem mais um do outro do que o agraço e

o vinho; pois, assim como o agraço, amadurecendo pelo calor do sol, muda de cor, torna-se vinho agradável e se faz próprio para nutrir, assim também o sangue, apurado pelo calor do coração, toma a bela cor branca e se torna um alimento sumamente conveniente às crianças.

O leite, que é um alimento cordial todo de amor, representa a ciência e a teologia mística, isto é, o doce saborear que provém da amorosa complacência que o espírito recebe quando medita as perfeições da Bondade divina; mas o vinho significa a ciência ordinária e adquirida, que se extrai à força de especulação, sob o lagar de muitos argumentos e disputas. Ora, o leite que nossas almas sugam nos seios da caridade de Nosso Senhor vale incomparavelmente mais do que o vinho que tiramos dos discursos humanos: pois esse leite tem sua origem no amor celeste, que o prepara para seus filhos antes mesmo que eles nisso tenham pensado; tem um gosto amável e suave, seu odor supera todos os perfumes, torna o hálito puro e doce como o de uma criança de peito, dá uma alegria sem insolência, embriaga sem embrutecer, não tira o sentido, mas o eleva.

Quando o santo homem Isaac abraçou e beijou seu querido filho Jacó, sentiu o bom odor de suas vestes e, subitamente perfumado de um prazer extremo, disse: Oh, eis que o odor de meu filho é como o odor de um campo florido que Deus abençoou (Gn 27, 27). A veste e o perfume estavam em Jacó, mas foi Isaac quem teve a complacência e o regozijo. Ah, a alma que segura por amor o seu Salvador entre os braços de suas afeições, com que delícia sente os perfumes das perfeições infinitas que nele se encontram, e com que complacência diz consigo mesma: Ah, eis que a fragrância do meu Deus é como a fragrância de um jardim

em flor! Ah, quão preciosos são os seus seios, que derramam perfumes soberanos! (Ct 1, 1) Assim o espírito do grande Santo Agostinho, oscilando entre os sagrados contentamentos que sentia ao considerar, de um lado, o mistério do nascimento de seu Mestre e, de outro, o mistério da Paixão, exclamava, todo arrebatado nessa complacência:

> *Entre um e outro mistério,*
> *a qual hei de o coração render?*
> *De um lado, o seio da Mãe*
> *seu leite me oferece a comer;*
> *do outro, a chaga salutar*
> *seu sangue verte a me dar de beber.*

CAPÍTULO III

Que a sagrada complacência dá o nosso coração a Deus e nos faz sentir um perpétuo desejo dentro da própria fruição

O amor que dedicamos a Deus tem sua origem na primeira complacência que o nosso coração sente logo que percebe a bondade divina, quando começa a tender para ela. Ora, quando aumentamos e reforçamos essa primeira complacência por meio do exercício do amor, conforme declaramos nos capítulos precedentes, então atraímos para dentro de nosso coração as perfeições divinas e gozamos da divina Bondade pelo regozijo que nela encontramos, praticando essa primeira parte do contentamento amoroso que a sagrada Esposa exprime dizendo: O meu Bem-Amado é meu (Ct 2, 16). Mas, porque essa amorosa complacência, estando em nós que a temos, não deixa de estar em Deus em quem a tomamos, ela reciprocamente nos entrega à sua

divina Bondade; de sorte que, por esse santo amor de complacência, gozamos dos bens que estão em Deus como se fossem nossos; mas, porque as perfeições divinas são mais fortes do que o nosso espírito, ao entrarem nele reciprocamente o possuem; de modo que não dizemos somente que Deus é nosso por essa complacência, mas também que nós somos dele.

A erva aproxis (conforme dissemos em outro lugar) tem tão grande correspondência com o fogo que, ainda que dele esteja afastada, mal se acha à sua vista atrai a chama e começa a arder, concebendo o seu fogo não tanto do calor quanto do fulgor daquele que lhe é apresentado. Quando, pois, por essa atração ela se uniu ao fogo, se soubesse falar não poderia dizer: O meu Bem-Amado fogo é todo meu, pois eu o atraí a mim e gozo de suas chamas; mas eu também sou dele, pois, se o atraí a mim, ele me reduz a si como mais forte e mais nobre: ele é o meu fogo e eu sou a sua erva; eu o atraio e ele me queima. Assim o nosso coração, tendo-se posto na presença da divina Bondade e tendo atraído as perfeições dela pela complacência que nela toma, pode dizer em verdade: a bondade de Deus é toda minha, pois gozo de suas excelências; e eu sou todo seu, pois seus contentamentos me possuem.

Pela complacência a nossa alma, como um velo de Gedeão (Jz 6, 37), enche-se toda do orvalho celeste; e esse orvalho pertence ao velo, porque desceu sobre ele; mas, reciprocamente, o velo pertence ao orvalho, porque por ele é encharcado e dele recebe o seu valor. Qual dos dois pertence mais ao outro: a pérola à ostra, ou a ostra à pérola? A pérola pertence à ostra, que a atraiu para si; mas a ostra pertence à pérola, que lhe dá o valor e a estima. A complacência torna-nos possuidores de Deus, atraindo para

dentro de nós as suas perfeições, e torna-nos possuídos por Deus, ligando-nos e aplicando-nos às suas perfeições.

Ora, nessa complacência de tal modo saciamos a nossa alma de contentamentos, que não deixamos de desejar saciá-la ainda mais; e, saboreando a bondade divina, quereríamos saboreá-la de novo; ao nos fartarmos, quereríamos comer sempre, assim como, ao comer, nos sentimos fartos. O chefe dos Apóstolos, tendo dito em sua primeira Epístola (1Pd 1, 10) que os antigos Profetas manifestaram as graças que haviam de abundar entre os cristãos, e, entre outras coisas, a Paixão de Nosso Senhor e a glória que se lhe devia seguir, tanto pela ressurreição de seu corpo quanto pela exaltação de seu nome, conclui por fim que os próprios Anjos desejam contemplar os mistérios da redenção nesse divino Salvador: no qual, diz ele, os Anjos desejam fixar o olhar. Mas como, então, se pode entender que os Anjos, que veem o Redentor e nele todos os mistérios de nossa salvação, desejem contudo ainda vê-los? Teótimo, eles os veem, certamente, sempre, mas com uma visão tão agradável e deliciosa que a complacência que dela têm os sacia sem lhes tirar o desejo, e os faz desejar sem lhes tirar a saciedade; a fruição não é diminuída pelo desejo, antes por ele é aperfeiçoada, assim como o desejo deles não é sufocado, mas apurado pela fruição.

A fruição de um bem que sempre contenta jamais fenece, antes se renova e floresce sem cessar; é sempre amável, sempre desejável. O contínuo contentamento dos celestes amantes produz um desejo perpetuamente contente, assim como o seu contínuo desejo faz nascer neles um contentamento perpetuamente desejado. O bem que é finito põe termo ao desejo quando dá a fruição, e tira a fruição quando dá o desejo, não podendo ser

possuído e desejado ao mesmo tempo; mas o bem infinito faz reinar o desejo dentro da posse e a posse dentro do desejo, tendo com que saciar o desejo por sua santa presença e com que o fazer viver sempre pela grandeza de sua excelência, a qual alimenta em todos os que a possuem um desejo sempre contente e um contentamento sempre desejoso.

Imaginai, Teótimo, aqueles que trazem na boca a erva cítica; pois, ao que se diz, jamais têm fome nem sede, de tanto que ela os farta, e, contudo, jamais perdem o apetite, de tão deliciosamente que os sustenta. Quando a nossa vontade encontrou Deus, repousa nele, tomando ali uma soberana complacência, e nem por isso deixa de fazer o movimento de seu desejo; pois, assim como deseja amar, também ama desejar: tem o desejo do amor e o amor do desejo. O repouso do coração não consiste em permanecer imóvel, mas em não ter necessidade de nada; não está em não ter movimento algum, mas em não ter carência que o obrigue a mover-se. Os espíritos perdidos têm um movimento eterno sem mescla alguma de tranquilidade; nós, mortais, que ainda estamos nesta peregrinação, temos ora repouso, ora movimento em nossas afeições; os espíritos bem-aventurados têm sempre o repouso em seus movimentos e o movimento em seu repouso, não havendo senão Deus somente que tenha o repouso sem movimento, porque ele é soberanamente um ato puro e substancial. Ora, ainda que, segundo a condição ordinária desta vida mortal, não tenhamos o repouso em nosso movimento, é certo, contudo, que, quando fazemos os ensaios dos exercícios da vida imortal, isto é, quando praticamos os atos do santo amor, encontramos repouso no movimento de nossas afeições e movimento no repouso da

complacência que temos em nosso Bem-Amado, recebendo por esse meio antegostos da futura felicidade a que aspiramos.

Se é verdade que o camaleão vive do ar, por toda parte por onde vai no ar tem com que alimentar-se; e, se muda de um lugar para outro, não é para buscar com que fartar-se, mas para exercitar-se dentro de seu alimento, como os peixes dentro do mar. Quem deseja a Deus possuindo-o, não o deseja para buscá-lo, mas para exercitar essa afeição dentro do próprio bem de que goza; pois o coração não faz esse movimento de desejo como quem pretende alcançar a fruição para tê-la, já que a tem, mas como quem se dilata dentro da fruição que possui; não para obter o bem, mas para nele recrear-se e demorar-se; não para dele gozar, mas para nele alegrar-se: assim como caminhamos e nos movemos para ir a algum jardim delicioso, ao qual, tendo chegado, não deixamos de caminhar e de nos mover novamente, não já para chegar até ele, mas para passear e passar ali o tempo; caminhamos para ir gozar da amenidade do jardim e, estando nele, caminhamos para nos alegrarmos na sua fruição.

> *Buscai o Eterno com ânimo constante,*
> *e sua face procurai a todo instante. (Sl 104, 4)*

Busca-se sempre aquele que sempre se ama, diz o grande Santo Agostinho; o amor busca aquilo que já encontrou, não a fim de tê-lo, mas para tê-lo sempre.

Em suma, Teótimo, o amor que se acha no exercício do amor de complacência clama perpetuamente em seu sagrado silêncio: Basta-me que Deus seja Deus, que sua bondade seja infinita, que sua perfeição seja imensa; que eu morra ou que eu viva, pouco me importa, pois o meu querido Bem-Amado vive eternamente de

uma vida toda triunfante. A própria morte não pode entristecer o coração que sabe estar vivo o seu soberano amor; basta à alma que ama que aquele a quem ela ama mais do que a si mesma esteja cumulado de bens eternos, pois ela vive mais naquele que ama do que naquele que anima; ou antes, ela mesma já não vive, mas o seu Bem-Amado vive nela (Gl 2, 20).

CAPÍTULO IV

Da amorosa condolência, pela qual a complacência do amor é ainda melhor esclarecida

A compaixão, a condolência, a comiseração ou a misericórdia não é outra coisa senão uma afeição que nos faz participar do padecimento e da dor daquele que amamos, atraindo para dentro de nosso coração a miséria que ele sofre; e por isso se chama misericórdia, como quem dissesse uma miséria do coração, assim como a complacência atrai para dentro do coração do amante o prazer e o contentamento da coisa amada. Ora, é o amor que produz um e outro efeito, pela virtude que tem de unir o coração que ama àquilo que é amado, tornando por esse meio comuns os bens e os males dos amigos; e o que se passa na compaixão lança muita luz sobre aquilo que diz respeito à complacência.

A compaixão tira a sua grandeza da grandeza do amor que a produz: por isso são grandes as condolências das mães diante das aflições de seus filhos únicos, como a Escritura muitas vezes testemunha. Que condolência no coração de Agar diante da dor de seu Ismael, que ela via quase perecer de sede no deserto (Gn 21, 16)! Que comiseração na alma de Davi diante da miséria de seu Absalão (2Sm 18, 33)! Ah, não vedes o coração materno do grande

Apóstolo, enfermo com os enfermos, ardendo de zelo pelos que se escandalizavam (2Cor 11, 29), com uma dor contínua pela perda dos judeus (Rm 9, 2) e morrendo cada dia por seus queridos filhos espirituais (1Cor 15, 31)? Mas sobretudo considerai como o amor atraiu todas as penas, todos os tormentos, os trabalhos, os sofrimentos, as dores, as feridas, a paixão, a cruz e a própria morte de nosso Redentor para dentro do coração de sua santíssima Mãe. Ai, os mesmos cravos que crucificaram o corpo desse divino Menino crucificaram também o coração da Mãe; os mesmos espinhos que traspassaram a sua cabeça atravessaram de lado a lado a alma dessa Mãe toda doce; ela teve as mesmas misérias de seu Filho por comiseração, as mesmas dores por condolência, os mesmos padecimentos por compaixão; e, em suma, a espada da morte que traspassou o corpo desse amadíssimo Filho atravessou igualmente o coração dessa amantíssima Mãe (Lc 2, 35); por isso bem podia ela dizer que ele lhe era um ramalhete de mirra no meio de seus seios (Ct 1, 12), isto é, em seu peito e no meio de seu coração. Jacó, ao receber a triste, ainda que falsa, notícia da morte de seu querido José, vede que aflição ele sente: Ah, diz ele, descerei chorando à mansão dos mortos, isto é, ao Limbo, ao seio de Abraão, para junto desse filho (Gn 37, 35).

A condolência tira também a sua grandeza da grandeza das dores que vemos sofrer àqueles que amamos; pois, por pequena que seja a amizade, se os males que vemos padecer são extremos, causam-nos grande piedade. Por isso vemos César chorar sobre Pompeu; e as filhas de Jerusalém jamais conseguiram impedir-se de chorar sobre Nosso Senhor (Lc 23, 27), embora a maior parte delas não lhe fosse grandemente afeiçoada; como também os amigos de Jó, ainda que maus amigos, deram grandes gemidos ao

ver o espantoso espetáculo de sua incomparável miséria (Jó 2, 12); e que grande golpe de dor no coração de Jacó, ao pensar que seu querido filho falecera de uma morte tão cruel como a de ser devorado por uma fera (Gn 37, 33)! Mas a comiseração, além de tudo isso, reforça-se maravilhosamente pela presença do objeto miserável: por isso a pobre Agar afastava-se do filho que definhava, a fim de aliviar de algum modo a dor de compaixão que sentia, dizendo: Não verei morrer o menino (Gn 21, 16); ao passo que, ao contrário, Nosso Senhor chora ao ver o sepulcro de seu Bem-Amado Lázaro (Jo 11, 35) e ao olhar a sua querida Jerusalém (Lc 19, 41); e o nosso bom Jacó é traspassado de dor quando vê a túnica ensanguentada de seu pobre pequeno José.

Ora, outras tantas causas engrandecem a complacência: à medida que o amigo nos é mais querido, temos maior prazer em seu contentamento, e o bem dele entra mais adentro em nossa alma; e, se o bem é excelente, também a nossa alegria é maior; mas, se vemos o amigo na fruição desse bem, o nosso regozijo torna-se extremo. Quando o bom Jacó soube que seu filho vivia, ó Deus, que alegria! Seu espírito voltou a ele, ele reviveu e, por assim dizer, ressuscitou (Gn 45, 27). Mas que quer dizer isso: reviveu, ou ressuscitou? Teótimo, os espíritos não morrem de sua própria morte senão pelo pecado, que os separa de Deus, o qual é a sua verdadeira vida sobrenatural; mas às vezes morrem da morte de outrem. E foi isso que aconteceu ao bom Jacó de quem falamos; pois o amor, que atrai para o coração do amante o bem e o mal da coisa amada — aquele pela complacência, este pela comiseração —, atraiu a morte do amável José para dentro do coração do amante Jacó; e, por um milagre impossível a toda outra potência que não a do amor, o espírito desse bom pai estava cheio da morte

daquele que estava vivo e reinando, porquanto a afeição, tendo sido enganada, antecipou-se ao fato.

Ora, quando, ao contrário, ele soube que na verdade seu filho estava vivo, o amor, que por tanto tempo mantivera no espírito desse bom pai a suposta morte do filho, vendo que havia sido enganado, rejeitou prontamente essa morte fingida e, em seu lugar, fez entrar a verdadeira vida desse mesmo filho. Assim, pois, ele reviveu com uma vida nova, porque a vida de seu filho entrou em seu espírito pela complacência e o animou de um contentamento sem par, do qual, achando-se saciado e não fazendo mais caso de nenhum outro prazer em comparação com aquele, disse: Basta-me que meu filho José esteja vivo. Mas, quando com seus próprios olhos viu por experiência a verdade das grandezas desse querido filho em Gessen, inclinado sobre ele e chorando por bastante tempo em seu pescoço, disse: Ah, agora morrerei alegre, meu querido filho, pois vi o teu rosto e ainda vives (Gn 46, 29). Ó Deus, Teótimo, que alegria, e com que excelência esse ancião a exprime! Pois que quer ele dizer com estas palavras: Agora morrerei contente, pois vi o teu rosto, senão que o seu júbilo é tão grande que é capaz de tornar alegre e agradável a própria morte, que é a coisa mais triste e horrível do mundo?

Dizei-me, peço-vos, Teótimo: quem sente mais o bem de José, ele que dele goza, ou Jacó que com ele se regozija? Certamente, se o bem só é bem pelo contentamento que nos dá, o pai tem tanto e mais do que o filho; pois o filho, com a dignidade de vice-rei que possui, tem por consequência muitos cuidados e muitos negócios; mas o pai goza por complacência e possui puramente aquilo que há de bom nessa grandeza e dignidade de seu filho, sem encargo, sem cuidado e sem pena. Morrerei alegre, diz ele. Ah, quem não vê

o seu contentamento? Se nem a própria morte pode perturbar a sua alegria, quem poderá jamais alterá-la? Se o seu contentamento vive em meio às angústias da morte, quem poderá jamais extinguilo? O amor é forte como a morte (Ct 8, 6), e os júbilos do amor sobrepujam as tristezas da morte, pois a morte não os pode fazer morrer, antes os aviva; de sorte que, assim como há um fogo que, por maravilha, se alimenta numa fonte perto de Grenoble, conforme sabemos com muita certeza e o próprio grande Santo Agostinho atesta, assim também a santa caridade é tão forte que alimenta as suas chamas e as suas consolações em meio às mais tristes angústias da morte, e as águas das tribulações não podem apagar o seu fogo (Ct 8, 7).

CAPÍTULO V

Da condolência e da complacência do amor na paixão de Nosso Senhor

Quando vejo o meu Salvador no monte das Oliveiras, com a alma triste até a morte (Mt 26, 38), ah, Senhor Jesus, digo eu, quem pôde levar essas tristezas da morte para dentro da alma da vida, senão o amor, que, excitando a comiseração, atraiu por meio dela as nossas misérias para dentro de vosso coração soberano? Ora, uma alma devota, vendo esse abismo de tormentos e de angústias nesse divino Amante, como pode permanecer sem uma dor santamente amorosa? Mas, considerando por outro lado que todas as aflições de seu Bem-Amado não procedem de nenhuma imperfeição nem de falta de força, mas da grandeza de sua caríssima dileção, não pode ela deixar de derreter-se toda num amor santamente doloroso, de sorte que exclama: Sou negra de

dor pela compaixão, mas sou bela de amor pela complacência. As angústias de meu Bem-Amado deixaram-me toda descorada (Ct 1, 4). Pois como poderia uma fiel amante ver tantos tormentos naquele a quem ama mais do que a própria vida, sem ficar toda transida, macilenta e ressequida de dor? As tendas dos nômades, perpetuamente expostas às injúrias do tempo e da guerra, estão quase sempre esfarrapadas e cobertas de pó; e eu, toda exposta às amarguras que por condolência recebo dos sofrimentos sem par de meu divino Salvador, estou toda coberta de angústia e traspassada de dor; mas, porque as dores Daquele que amo provêm de seu amor, à medida que me afligem pela compaixão, deleitam-me pela complacência; pois como poderia uma fiel amante não ter um extremo contentamento ao ver-se tão amada por seu celeste Esposo?

Por isso, pois, a beleza do amor está na fealdade da dor. E, se trago luto pela Paixão e Morte de meu Rei, toda queimada e enegrecida de pesar, não deixo de ter uma doçura incomparável ao ver o excesso de seu amor em meio aos trabalhos de suas dores; e as tendas de Salomão (Ct 1, 4), todas bordadas e recamadas numa admirável diversidade de lavores, nunca foram tão belas quanto eu sou contente e, por consequência, doce, amável e agradável na variedade dos sentimentos de amor que tenho em meio a essas dores. O amor iguala os amantes: ah, eu o vejo, esse querido Amante, que é um fogo de amor ardendo numa sarça espinhosa de dor (Ex 3, 2); e eu sou inteiramente igual a ele: estou toda inflamada de amor dentro do espinheiral de minhas dores, sou um lírio entre espinhos (Ct 2, 2). Ah, não queirais olhar somente os horrores de minhas pungentes dores, mas vede a beleza de meus agradáveis amores. Ai, ele sofre dores insuportáveis, esse divino

Amante bem-amado; é isso que me entristece e me faz desfalecer de angústia; mas ele tem prazer em sofrer, ama os seus tormentos e morre de contentamento por morrer de dor por mim; por isso, assim como estou dolorida por suas dores, também estou toda arrebatada de contentamento por seu amor; não somente me entristeço com ele, mas também me glorifico nele (Rm 8, 17).

Foi esse amor, Teótimo, que atraiu sobre o seráfico amante São Francisco os estigmas, e sobre a angélica amante Santa Catarina de Sena as ardentes chagas do Salvador: tendo a amorosa complacência aguçado as pontas da dolorosa compaixão, assim como o mel torna mais penetrante e sensível o amargor do absinto e, ao contrário, o suave odor das rosas é apurado pela vizinhança dos alhos que se plantam junto às roseiras. Pois, do mesmo modo, a amorosa complacência que tomamos no amor de Nosso Senhor torna infinitamente mais forte a compaixão que temos de suas dores; como, reciprocamente, ao passarmos da compaixão das dores à complacência dos amores, o prazer se torna muito mais ardente e elevado. Então se pratica a dor do amor e o amor da dor; então a amorosa condolência e a dolorosa complacência, como outros Esaú e Jacó (Gn 25, 22), disputando entre si qual fará maior esforço, lançam a alma em convulsões e agonias incríveis, e faz-se um êxtase amorosamente doloroso e dolorosamente amoroso. Assim também essas grandes almas de São Francisco e de Santa Catarina sentiram amores sem par em suas dores, e dores incomparáveis em seus amores, quando foram estigmatizadas, saboreando o alegre amor de padecer pelo amigo, que o seu Salvador exerceu em grau supremo sobre a árvore da Cruz (Jo 15, 13). Assim nasce a preciosa união de nosso coração com o seu

Deus, a qual, como um Benjamim místico, é ao mesmo tempo filho da dor e da alegria (Gn 35, 18).

Não se pode dizer, Teótimo, quanto o Salvador deseja entrar em nossas almas por esse amor de complacência dolorosa: Ai, diz ele, abre-me, minha querida irmã, minha amada, minha pomba, minha toda pura, pois a minha cabeça está cheia de orvalho, e os meus cabelos, das gotas da noite (Ct 5, 2). Que orvalho é esse, e que gotas da noite são essas, senão as aflições e as penas de sua Paixão? As pérolas, decerto (como já dissemos muitas vezes), não são outra coisa senão gotas do orvalho que o frescor da noite faz cair sobre a face do mar, recolhidas nas conchas das ostras ou madrepérolas. Ah, quer dizer o divino apaixonado da alma, estou carregado das penas e dos suores de minha Paixão, que se passou quase toda ou nas trevas da noite, ou na noite de trevas que o sol, obscurecendo-se, fez no mais forte de seu meio-dia; abre, pois, o teu coração para mim, como as madrepérolas abrem suas conchas para o lado do céu, e derramarei sobre ti o orvalho de minha Paixão, que se converterá em pérolas de consolação.

CAPÍTULO VI

Do amor de benevolência que exercemos para com Nosso Senhor por modo de desejo

No amor que Deus exerce para conosco, ele começa sempre pela benevolência, querendo e fazendo em nós todo o bem que ali existe, no qual depois se compraz. Fez Davi segundo o seu coração (1Sm 13, 14) por benevolência, e em seguida o achou segundo o seu coração por complacência. Criou primeiramente o universo para o homem, e o homem no universo, dando a cada coisa o grau

de bondade que lhe convinha, por sua pura benevolência; depois aprovou tudo quanto havia feito, achando que tudo era muito bom, e repousou por complacência sobre a sua obra (Gn 1, 31; 2, 2).

Mas o nosso amor para com Deus começa, ao contrário, pela complacência que temos na soberana bondade e infinita perfeição que sabemos existir na Divindade; e só depois chegamos ao exercício da benevolência. E assim como a complacência que Deus toma em suas criaturas não é outra coisa senão uma continuação de sua benevolência para com elas, assim também a benevolência que dedicamos a Deus não é outra coisa senão uma aprovação e uma perseverança da complacência que temos nele.

Ora, este amor de benevolência para com Deus pratica-se assim: não podemos desejar, com um desejo verdadeiro, nenhum bem a Deus, porque a sua Bondade é infinitamente mais perfeita do que jamais poderíamos desejar ou sequer pensar. O desejo só se refere a um bem futuro, e nenhum bem é futuro em Deus, pois todo bem lhe é de tal modo presente que a presença do bem em sua divina Majestade não é outra coisa senão a própria Divindade. Não podendo, pois, formar nenhum desejo absoluto em favor de Deus, formamos desejos imaginários e condicionais, desta maneira: Eu vos disse, Senhor: vós sois o meu Deus (Sl 15, 1), que, todo cheio de vossa infinita bondade, não podeis ter carência nem de meus bens nem de coisa alguma; mas se, por imaginação de coisa impossível, eu pudesse pensar que tivésseis necessidade de algum bem, jamais cessaria de vo-lo desejar ao preço de minha vida, de meu ser e de tudo quanto há no mundo. E se, sendo o que sois e não podendo jamais deixar de ser, fosse possível que recebêsseis algum acréscimo de bem, ó bom Deus, que desejo teria

eu de que o tivésseis! Então, ó Senhor eterno, quisera ver o meu coração convertido em anseio e a minha vida em suspiro, para vos desejar esse bem. Ah! e, contudo, ó sagrado Bem-Amado de minha alma, eu não desejo poder desejar bem algum à vossa Majestade; antes me comprazo de todo o coração nesse supremo grau de bondade que possuís, ao qual nem pelo desejo nem sequer pelo pensamento se pode acrescentar coisa alguma. Mas se esse desejo fosse possível, ó Divindade infinita, ó Infinidade divina, minha alma quereria ser esse desejo e não ser nada mais do que isso — tanto desejaria desejar para vós aquilo de que infinitamente se compraz por não poder desejar, pois a impotência de formar tal desejo provém da infinita infinidade de vossa perfeição, que ultrapassa todo anseio e todo pensamento! Ah, quão caramente amo a impossibilidade de vos poder desejar algum bem, ó meu Deus, pois ela provém da incompreensível imensidade de vossa abundância, a qual é tão soberanamente infinita que, se houvesse um desejo infinito, ele seria infinitamente saciado pela infinidade de vossa bondade, que o converteria numa infinita complacência.

Este desejo, portanto, formado por imaginação de coisas impossíveis, pode às vezes ser praticado com proveito em meio aos grandes sentimentos e fervores extraordinários. Assim se conta que o grande Santo Agostinho o fazia muitas vezes de semelhante modo, lançando, por excesso de amor, estas palavras: "Ah, Senhor, eu sou Agostinho e vós sois Deus; mas se, todavia, aquilo que não é nem pode ser existisse — que eu fosse Deus e que eu fosse Agostinho —, eu quereria, trocando de condição convosco, tornar-me Agostinho, a fim de que vós fôsseis Deus."

Há ainda outra espécie de benevolência para com Deus: quando, considerando que não o podemos engrandecer nele

mesmo, desejamos engrandecê-lo em nós, isto é, tornar cada vez maior e sempre mais ampla a complacência que temos em sua bondade. E então, meu Teótimo, não desejamos a complacência pelo prazer que ela nos dá, mas unicamente porque esse prazer está em Deus. Pois, assim como não desejamos a compaixão pela dor que ela põe em nossos corações, mas porque essa dor nos une e associa ao nosso Bem-Amado dolorido, assim também não amamos a complacência porque ela nos proporciona prazer, mas porque esse prazer se colhe na união com o prazer e o bem que estão em Deus. E para nos unirmos ainda mais a ele, quiséramos comprazer-nos com uma complacência infinitamente maior, à imitação da santíssima Rainha e Mãe do amor (Eclo 24, 24), cuja alma sagrada perpetuamente magnificava e engrandecia a Deus; e para que se soubesse que esse engrandecimento se fazia pela complacência que ela tomava na divina Bondade, declara ela que o seu espírito havia exultado de contentamento em Deus, seu Salvador (Lc 1, 46).

CAPÍTULO VII

Como o desejo de exaltar e engrandecer a Deus nos aparta dos prazeres inferiores e nos torna atentos às perfeições divinas

Assim, pois, o amor de benevolência nos faz desejar aumentar em nós, cada vez mais, a complacência que tomamos na bondade divina; e, para conseguir esse aumento, a alma se priva cuidadosamente de todo outro prazer, a fim de se exercitar com mais força em comprazer-se em Deus. Um religioso perguntou ao devoto frei Egídio, um dos primeiros e mais santos companheiros de São Francisco, o que poderia fazer para ser mais agradável a

Deus; e ele lhe respondeu cantando: "A uma ao Um, a uma ao Um"; e depois explicou: "Dai sempre — disse — toda a vossa alma, que é una, a Deus somente, que é um." A alma se derrama e se escoa pelos prazeres, e a diversidade deles a dissipa e a impede de aplicar-se atentamente àquele que deve tomar em Deus. O verdadeiro amante quase não tem prazer senão na coisa amada: assim todas as coisas pareciam imundície e lodo ao glorioso São Paulo, em comparação com o seu Salvador (Fl 3, 8); e a Esposa sagrada é toda inteira para o seu Bem-Amado: Meu querido Amigo é todo meu, e eu sou toda dele (Ct 2, 16).

Que se a alma tomada dessa santa afeição encontra as criaturas, por mais excelentes que sejam — ainda que fossem os próprios Anjos —, não se detém com elas senão o tempo necessário para ser ajudada e socorrida em seu desejo: Dizei-me, pois — pergunta-lhes ela —, dizei-me, eu vos conjuro, porventura vistes aquele que é o amigo de minha alma? (Ct 3, 3). A gloriosa amante Madalena encontrou os Anjos junto ao sepulcro (Jo 20, 11), os quais sem dúvida lhe falaram angelicamente, isto é, com toda a suavidade, querendo aplacar a aflição em que se achava; mas ela, ao contrário, toda banhada em lágrimas, não soube tomar complacência alguma nem em sua doce palavra, nem no esplendor de suas vestes, nem na graça toda celeste de seu porte, nem na beleza toda amável de seus rostos; antes, coberta de pranto: Levaram o meu Senhor — dizia ela —, e não sei onde o puseram. E, voltando-se, vê o seu doce Salvador, mas em forma de jardineiro, do que o seu coração não se pode contentar; porque, toda cheia do amor da morte de seu Mestre, ela não quer flores, nem, por consequência, jardineiro; traz dentro do coração a Cruz, os cravos, os espinhos: procura o seu Crucificado. Ah, meu caro senhor jardineiro — diz ela —, se

acaso plantastes o meu Bem-Amado Senhor falecido, como um lírio amassado e murcho, entre as vossas flores, dizei-mo depressa, e eu o levarei comigo. Mas apenas ele a chama pelo nome, ei-la toda desfeita em prazer: Ah, Deus — diz ela —, meu Mestre! Nada, em verdade, a pode saciar; não sabe comprazer-se com os Anjos, nem sequer com o seu Salvador, se ele não aparece sob a forma na qual lhe havia arrebatado o coração. Os Reis não podem comprazer-se nem na beleza da cidade de Jerusalém, nem na magnificência da corte de Herodes, nem na claridade da estrela: o seu coração procura a pequena gruta e o pequeno Menino de Belém. A Mãe do belo amor (Eclo 24, 24) e o Esposo do santíssimo amor não se podem deter entre os parentes e amigos: vão sempre, cheios de dor, buscando o único objeto de sua complacência (Lc 2, 44). O desejo de engrandecer a santa complacência corta fora todo outro prazer, para praticar com mais força aquele ao qual a divina benevolência a incita.

Ora, para ainda melhor engrandecer este soberano Bem-Amado, a alma anda sempre buscando a face dele (Sl 26, 8; 104, 4); isto é, com uma atenção cada vez mais cuidadosa e ardente, vai observando todas as particularidades das belezas e perfeições que nele existem, fazendo um progresso contínuo nessa doce busca de motivos que a possam perpetuamente impelir a comprazer-se cada vez mais na incompreensível bondade que ama. Assim Davi enumera minuciosamente as obras e maravilhas de Deus em vários de seus Salmos celestes; e a amante sagrada dispõe nos divinos Cânticos, como um exército bem ordenado (Ct 5, 10; 6, 9), todas as perfeições de seu Esposo, uma após outra, para provocar a sua alma à santíssima complacência, a fim de exaltar mais altamente a

sua excelência e de submeter também todos os outros espíritos ao amor de seu Amigo tão amável.

CAPÍTULO VIII

Como a santa benevolência produz o louvor do divino Bem-Amado

A honra, meu caro Teótimo, não está naquele que é honrado, mas naquele que honra; pois quantas vezes acontece que aquele a quem honramos nada saiba disso e nem sequer nisso tenha pensado? Quantas vezes louvamos os que não nos conhecem, ou que estão dormindo? E, contudo, segundo a estimativa comum dos homens e o seu modo ordinário de conceber as coisas, parece que se faz bem a alguém quando se lhe presta honra, e que muito se lhe dá quando se lhe dão títulos e louvores; e não fazemos dificuldade em dizer que uma pessoa é rica de honra, de glória, de reputação, de louvor, embora na verdade saibamos muito bem que tudo isso está fora da pessoa honrada, e que bem frequentemente ela não recebe daí proveito algum, conforme aquela palavra atribuída ao grande Santo Agostinho: "Ó pobre Aristóteles, és louvado onde não estás, e és queimado onde estás." Que bem advém, eu vos peço, a César e a Alexandre Magno de tantas palavras vãs que várias almas vãs empregam em seu louvor?

Deus, cumulado de uma bondade que supera todo louvor e toda honra, não recebe vantagem alguma nem acréscimo de bem por todas as bênçãos que lhe damos; nem por isso é mais rico, nem maior, nem mais contente, nem mais feliz, porque a sua felicidade, o seu contentamento, a sua grandeza e as suas riquezas não são nem podem ser outra coisa senão a divina infinidade de sua

bondade. Todavia, porque, segundo a nossa apreensão ordinária, a honra é tida como um dos maiores efeitos de nossa benevolência para com os outros, e porque, por ela, não somente não pressupomos indigência naqueles a quem honramos, mas antes proclamamos que eles abundam em excelência, por isso empregamos essa espécie de benevolência para com Deus; o qual não só a aceita, mas a requer, como conforme à nossa condição e tão própria para testemunhar o amor respeitoso que lhe devemos, que ele mesmo nos ordenou (1Cor 10, 31; 1Tm 1, 17; Ap 4, 11) render-lhe e referir-lhe toda honra e glória.

Assim, pois, a alma que tomou grande complacência na infinita perfeição de Deus, vendo que não lhe pode desejar nenhum aumento de bondade, porque ele a tem infinitamente maior do que ela pode desejar ou sequer pensar, deseja ao menos que o seu nome seja bendito, exaltado, louvado, honrado e adorado cada vez mais. E, começando pelo seu próprio coração, não cessa de o incitar a esse santo exercício; e, como uma sagrada abelhinha, vai adejando de um lado para outro sobre as flores das obras e excelências divinas, recolhendo delas uma doce variedade de complacências, das quais faz nascer e compõe o mel celeste de bênçãos, louvores e confissões honrosas, pelas quais, tanto quanto pode, engrandece e glorifica o nome de seu Bem-Amado, à imitação do grande Salmista, o qual, tendo percorrido e como que atravessado em espírito as maravilhas da divina Bondade, imolava sobre o altar de seu coração a hóstia mística dos impulsos de sua voz, em cânticos e salmos de admiração e de bênção:

Meu coração, voando de um lado para outro
Nas asas de seu pensamento,
Arrebatado de admiração,
Com voz alta e lançada ao alto,
Um Sacrifício imolou
Sobre a harpa bem tangida,
Cantando bênção
Ao Senhor Deus de Sião. (Sl 26, 6)

Mas esse desejo de louvar a Deus, que a santa benevolência excita em nossos corações, Teótimo, é insaciável; porque a alma que dele é tocada quereria ter louvores infinitos para os dar ao seu Bem-Amado, pois vê que as perfeições dele são mais que infinitas. De sorte que, achando-se tão distante de poder satisfazer o seu anseio, faz extremos esforços de afeição para de algum modo louvar essa bondade toda louvável; e esses esforços de benevolência crescem admiravelmente pela complacência. Pois, à medida que a alma acha Deus bom, saboreando cada vez mais a suavidade dele e comprazendo-se em sua infinita beleza, quereria também elevar mais alto os louvores e bênçãos que lhe dá. Ora, à medida também que a alma se inflama em louvar a doçura incompreensível de seu Deus, aumenta e dilata a complacência que nela toma, e por esse aumento anima-se com mais força ao louvor; de sorte que a afeição de complacência e a do louvor, por esses recíprocos impulsos e mútuas incitações que uma dá à outra, se comunicam entre si grandes e contínuos acréscimos.

Assim os rouxinóis, segundo o relato de Plínio, tanto se comprazem em seu canto que, por essa complacência, durante quinze dias e quinze noites jamais cessam de gorjear, esforçando-se por cantar sempre melhor, à porfia uns com os outros; de modo

que, quando melhor desfiam a sua voz, maior complacência nisso encontram, e esse aumento de complacência os leva a fazer maiores esforços para trinar melhor, crescendo de tal maneira a sua complacência pelo canto, e o seu canto pela complacência, que muitas vezes se os vê morrer e rebentar-lhes a garganta à força de cantar — aves dignas do belo nome de filomela, pois assim morrem no amor e pelo amor da melodia.

Ó Deus, meu Teótimo, que dor grandemente deliciosa e que doçura grandemente dolorosa recebe o coração ardentemente premido da afeição de louvar o seu Deus, quando, depois de mil esforços de louvor, se encontra tão aquém! Ai, quereria este pobre rouxinol lançar sempre mais alto os seus acentos e aperfeiçoar a sua melodia, para melhor cantar as bênçãos de seu caro Bem-Amado! À medida que louva, compraz-se em louvar; e à medida que se compraz em louvar, desgosta-se de não poder louvar ainda melhor; e, para se contentar o melhor que pode nessa paixão, faz toda sorte de esforços, entre os quais cai em languidez — como acontecia ao gloriosíssimo São Francisco, o qual, em meio aos prazeres que sentia em louvar a Deus e cantar os seus cânticos de amor, derramava grande abundância de lágrimas e muitas vezes deixava cair de fraqueza aquilo que então tinha nas mãos, ficando como uma sagrada filomela de coração desfalecido, e perdendo com frequência o respirar à força de aspirar aos louvores daquele a quem nunca podia louvar o bastante.

Mas ouvi uma comparação agradável a este respeito, tirada do nome que este santo enamorado dava aos seus religiosos; pois os chamava cigarras, por causa dos louvores que rendiam a Deus em meio à noite. As cigarras, Teótimo, têm o peito cheio de tubos, como se fossem órgãos naturais; e, para melhor cantarem,

alimentam-se somente do orvalho, o qual não sorvem pela boca, pois não a têm, mas o sugam por uma pequena língua que possuem no meio do estômago, pela qual também lançam todos os seus sons, com tanto rumor que parecem não ser outra coisa senão voz. Ora, o amante sagrado é assim: pois todas as faculdades de sua alma são outros tantos tubos que ele tem no peito, para fazer ressoar os cânticos e louvores do Bem-Amado; a sua devoção, no meio de todas elas, é a língua de seu coração, segundo São Bernardo, pela qual recebe o orvalho das perfeições divinas, sugando-as e atraindo-as a si como seu alimento, pela santíssima complacência que nelas toma; e por essa mesma língua de devoção emite todas as suas vozes de oração, de louvor, de cânticos, de salmos, de bênçãos, conforme o testemunho de uma das mais insignes cigarras espirituais que jamais se ouviu, a qual cantava assim:

> *Bendize a Deus, santamente impelida,*
> *Ó minha alma, e vós, meus espíritos!*
> *Que eu não tenha pensamento algum,*
> *Nem força alguma recolhida por dentro,*
> *Que do Senhor silencie o louvor. (Sl 102, 1)*

Pois não é como se ele dissesse: Eu sou uma cigarra mística; minha alma, meus espíritos, meus pensamentos e todas as faculdades que estão recolhidas dentro de mim são órgãos: oh, que para sempre tudo isso bendiga o nome e faça retumbar os louvores do meu Deus!

> *Minha boca para sempre estará cheia*
> *Do rumor de sua glória altaneira,*
> *E não terá outro bem senão cantá-lo.*
> *A multidão, oprimida de aflições,*
> *Humilde de coração e de pensamento,*
> *Terá prazer em escutar-me. (Sl 33, 1)*

CAPÍTULO IX

Como a benevolência nos faz convocar todas as criaturas ao louvor de Deus

O coração ferido e premido pelo desejo de louvar a divina Bondade mais do que pode, depois de vários esforços sai muitas vezes de si mesmo para convidar todas as criaturas a socorrê-lo em seu intento; como vemos terem feito os três jovens na fornalha (Dn 3, 51), naquele admirável Cântico de bênçãos pelo qual excitam tudo quanto há no céu, na terra e debaixo da terra a render graças ao Deus eterno, louvando-o e bendizendo-o soberanamente. Assim o glorioso Salmista, todo comovido pela paixão santamente desregrada que o levava a louvar a Deus, vai sem ordem, saltando do céu à terra e da terra ao céu, chamando de mistura os Anjos, os peixes, os montes, as águas, os dragões, as aves, as serpentes, o fogo, o granizo, as névoas, reunindo com os seus anseios todas as criaturas (Sl 148), a fim de que todas juntas concordem em engrandecer piedosamente o seu Criador: umas celebrando elas mesmas os louvores divinos, e as outras fornecendo motivo para louvá-lo pelas maravilhas de suas diferentes propriedades, as quais manifestam a grandeza de seu Autor. De sorte que este divino Salmista real, tendo composto grande quantidade de Salmos com esta inscrição, Louvai a Deus,

depois de haver discorrido por entre todas as criaturas para lhes fazer as santas convocações de bendizerem a Majestade celeste, e de haver percorrido uma grande variedade de meios e instrumentos próprios para a celebração dos louvores dessa eterna Bondade, enfim, como que faltando-lhe o fôlego, conclui toda a sua sagrada salmodia com este impulso: Todo espírito louve o Senhor (Sl 150, 6); isto é: Tudo o que tem vida não viva nem respire senão para bendizer o Criador — conforme o encorajamento que ele havia dado em outro lugar:

> *Eia, pois, com boca animada,*
> *Celebremos toda a fama*
> *Do Eterno, à porfia uns com os outros;*
> *Nossa voz, unida e entrelaçada,*
> *Bem alto, sobre a abóbada estrelada,*
> *Eleve o seu nome glorioso. (Sl 33, 3)*

Assim o grande São Francisco cantou o Cântico do sol e cem outras excelentes bênçãos, para invocar as criaturas a virem em auxílio de seu coração, todo enlanguescido por não poder louvar a seu gosto o caro Salvador de sua alma. Assim a celeste Esposa, sentindo-se quase desfalecer entre os violentos esforços que fazia por bendizer e engrandecer o Bem-Amado Rei de seu coração: Ah — clamava ela às suas companheiras (Ct 2, 4) —, este divino Esposo levou-me pela contemplação às suas adegas, fazendo-me saborear as delícias incomparáveis das perfeições de sua excelência; e de tal modo fiquei embebida e santamente embriagada pela complacência que tomei nesse abismo de beleza, que a minha alma vai languescendo, ferida de um desejo amorosamente mortal que me impele a louvar para sempre uma bondade tão eminente. Ai, vinde, eu vos suplico, em socorro de meu pobre coração, que está

a ponto de desfalecer! Sustentai-o, por favor, e amparai-o com toda espécie de flores; confortai-o e cercai-o de maçãs, do contrário ele cai desmaiado.

A complacência atrai as suavidades divinas para dentro do coração, o qual se enche delas tão ardentemente que fica todo fora de si; mas o amor de benevolência faz o nosso coração sair de si mesmo e o faz exalar-se em vapores de perfumes deliciosos, isto é, em toda sorte de santos louvores; e, não podendo, contudo, ir tão longe quanto desejaria: Oh — diz ele —, venham todas as criaturas contribuir com as flores de suas bênçãos, as maçãs de suas ações de graças, de suas honras e de suas adorações, a fim de que por toda parte se sintam os odores derramados para a glória daquele cuja infinita doçura ultrapassa toda honra, e a quem jamais podemos engrandecer bem dignamente.

É essa divina paixão que faz pregar tanto, que faz passar por tantos perigos os Xavieres, os Barzeus, os Antônios; essa multidão de jesuítas, de capuchinhos e de religiosos, e de outros eclesiásticos de toda espécie, nas Índias, no Japão, no Maranhão, a fim de fazer conhecer, reconhecer e adorar o nome sagrado de Jesus no meio desses grandes povos. É essa santa paixão que faz escrever tantos livros de piedade, fundar tantas igrejas, altares e casas piedosas; e, em suma, que faz velar, trabalhar e morrer tantos servos de Deus entre as chamas do zelo que os consome e devora.

CAPÍTULO X

Como o desejo de louvar a Deus nos faz aspirar ao céu

A alma enamorada, vendo que não pode saciar o desejo que tem de louvar o seu Bem-Amado enquanto vive entre as misérias deste

mundo, e sabendo que os louvores que se rendem no Céu à divina Bondade se cantam com uma harmonia incomparavelmente mais agradável, exclama: Ó Deus, quão louváveis são os louvores derramados por esses bem-aventurados espíritos diante do trono de meu Rei celeste! Quão dignas de serem bendidas são as suas bênçãos! Oh, que felicidade ouvir essa melodia da santíssima eternidade, na qual, por um suavíssimo encontro de vozes dessemelhantes e de tons desiguais, se formam aqueles admiráveis acordes em que todas as partes avançam umas sobre as outras por uma sucessão contínua e incompreensível de fugas, e se ouvem de toda parte retumbar perpétuos aleluias! Vozes que, pelo seu estrondo, são comparadas aos trovões, às trombetas, ao rumor das ondas do mar agitado (Ap 19, 6); mas vozes que também, por sua incomparável doçura e suavidade, são comparadas à melodia das harpas delicada e deliciosamente tangidas pela mão dos mais excelentes tocadores; vozes que todas se concertam para dizer o alegre cântico pascal: Aleluia, louvai a Deus, amém, louvai a Deus (Ap 14, 2; 19, 1). Pois sabei, Teótimo, que uma voz sai do trono divino e não cessa de clamar aos felizes habitantes da gloriosa Jerusalém celeste: Dizei louvor a Deus, ó vós que sois seus servos e que o temeis, grandes e pequenos; ao que toda essa multidão inumerável de Santos, os coros dos Anjos e os coros dos homens reunidos, responde, cantando com toda a sua força: Aleluia, louvai a Deus.

Mas que voz admirável é essa, que, saindo do trono divino, anuncia os aleluias aos eleitos, senão a santíssima complacência, a qual, sendo recebida no espírito, lhes faz sentir a doçura das perfeições divinas, e em seguida da qual nasce neles a amorosa benevolência, fonte viva dos louvores sagrados? Assim, com

efeito, a complacência, procedendo do trono, vem intimar as grandezas de Deus aos Bem-aventurados, e a benevolência os incita a derramar reciprocamente diante do trono os perfumes do louvor; e por isso, à maneira de resposta, cantam eternamente aleluia, isto é, louvai a Deus. A complacência vem do trono ao coração, e a benevolência vai do coração ao trono. Oh, quão amável é esse templo, onde tudo retumba em louvores! Que doçura para os que vivem nessa sagrada morada, onde tantas filomelas e rouxinóis celestes cantam, com uma santa emulação de amor, os cânticos de eterna suavidade!

O coração, pois, que neste mundo não pode nem cantar nem ouvir a seu gosto os louvores divinos, entra em desejos sem par de ser libertado dos laços desta vida, para passar à outra, onde tão perfeitamente se louva o Bem-Amado celeste. E esses desejos, apoderando-se assim do coração, tornam-se por vezes tão poderosos e tão insistentes no peito dos amantes sagrados, que, banindo todos os outros desejos, fazem que todas as coisas terrenas se tornem desgostosas e deixam a alma toda enlanguescida e enferma de amor; e essa santa paixão chega, às vezes, a avançar de tal modo que, se Deus o permite, dela se morre.

Assim aquele glorioso e seráfico amante, São Francisco, tendo sido longamente atormentado por essa forte afeição de louvar a Deus, no fim de seus últimos anos, depois de haver recebido, por uma revelação muito especial, a certeza de sua salvação eterna, não podia conter a sua alegria e ia consumindo-se de dia em dia, como se a sua vida e a sua alma se evaporassem, à maneira do incenso, sobre o fogo dos ardentes desejos que tinha de ver o seu Mestre para o louvar sem cessar; de sorte que, tomando esses ardores cada dia novos acréscimos, a sua alma saiu do corpo por um impulso

que ela deu rumo ao Céu. Pois a divina Providência quis que ele morresse pronunciando estas sagradas palavras (Sl 141, 8): Ah, tirai a minha alma desta prisão, ó Senhor, a fim de que eu bendiga o vosso nome; os justos me esperam até que me devolvais a tranquilidade desejada. Teótimo, contemplai, eu vos peço, esse espírito que, como um rouxinol celeste encerrado na gaiola de seu corpo — na qual não pode cantar à vontade as bênçãos de seu eterno amor —, sabe que gorjearia e exercitaria melhor o seu belo trinado se pudesse alcançar o ar, para gozar de sua liberdade e da companhia das outras filomelas entre as alegres e floridas colinas da região bem-aventurada; e por isso exclama: Ai, ó Senhor de minha vida, ah, por vossa bondade toda doce, libertai-me, pobre que sou, da gaiola de meu corpo; retirai-me desta pequena prisão, a fim de que, livre desta escravidão, eu possa voar para onde os meus caros companheiros me esperam lá no alto, no Céu, para me unir aos seus coros e me cercar de sua alegria! Ali, Senhor, aliando a minha voz às deles, farei com eles uma doce harmonia de árias e de acentos deliciosos, cantando, louvando e bendizendo a vossa misericórdia.

Este admirável Santo, como um orador que quer terminar e concluir tudo quanto disse com alguma breve sentença, deu esse feliz fim a todos esses anseios e desejos, dos quais aquelas últimas palavras foram o resumo; palavras às quais tão fortemente prendeu a sua alma, que expirou ao suspirá-las. Meu Deus, Teótimo, que doce e querida morte foi essa! Morte felizmente amorosa, amor santamente mortal.

CAPÍTULO XI

Como praticamos o amor de benevolência nos louvores que nosso Redentor e sua Mãe dão a Deus

Vamos, pois, subindo neste santo exercício, de grau em grau, pelas criaturas que convidamos a louvar a Deus, passando das insensíveis às racionais e intelectuais, e da Igreja militante à triunfante, na qual nos elevamos entre os Anjos e os Santos, até que, acima de todos, tenhamos encontrado a santíssima Virgem, a qual, com uma harmonia incomparável, louva e engrandece a Divindade mais altamente, mais santamente e mais deliciosamente do que todo o resto das criaturas juntas jamais o poderia fazer.

Estando há dois anos em Milão, para onde a veneração das recentes memórias do grande Arcebispo São Carlos me havia atraído com alguns de nossos eclesiásticos, ouvimos em diversas igrejas várias espécies de música; mas, num mosteiro de religiosas, ouvimos uma freira cuja voz era tão admiravelmente deliciosa que ela sozinha derramava em nossos espíritos incomparavelmente mais suavidade do que todo o resto em conjunto, o qual, embora excelente, parecia todavia não existir senão para dar realce e fazer sobressair a perfeição e o brilho daquela voz única. Assim, Teótimo, entre todos os coros dos homens e todos os coros dos Anjos, ouve-se essa voz eminente da santíssima Virgem, a qual, elevada acima de tudo, rende mais louvor a Deus do que todo o resto das criaturas. Por isso também o Rei celeste a convida de modo muito particular a cantar: Mostra-me o teu rosto — diz ele —, ó minha Bem-Amada, que a tua voz soe aos meus ouvidos; porque a tua voz é toda doce e o teu rosto todo belo (Ct 2, 14).

Mas esses louvores que essa Mãe de honra e de belo amor (Eclo 15, 2; 24, 24), com todas as criaturas juntas, oferece à Divindade, embora excelentes e admiráveis, são todavia tão infinitamente inferiores ao mérito infinito da bondade de Deus, que não guardam com ele proporção alguma; e por isso, ainda que contentem grandemente a sagrada benevolência que o coração amante tem para com o seu Bem-Amado, nem por isso a saciam. Ele vai mais adiante e convida o Salvador a louvar e glorificar o seu Pai eterno com todas as bênçãos que o seu amor filial lhe pode fornecer; e então, Teótimo, o espírito chega a um lugar de silêncio, pois já não sabemos fazer outra coisa senão admirar. Oh, que cântico do Filho para o Pai! Oh, quão belo é esse caro Bem-Amado entre todos os filhos dos homens! Oh, quão doce é a sua voz, como procedente dos lábios sobre os quais está derramada a plenitude da graça (Sl 44, 2)! Todos os outros são perfumados, mas ele é o próprio perfume; os outros são embalsamados, mas ele é o bálsamo derramado (Ct 1, 2). O Pai eterno recebe os louvores dos outros como aromas de flores particulares; mas, ao sentir as bênçãos que o Salvador lhe oferece, sem dúvida exclama: Oh, eis o odor dos louvores de meu Filho, como o odor de um campo cheio de flores que eu abençoei (Gn 27, 27). Sim, meu caro Teótimo, todas as bênçãos que a Igreja militante e a triunfante dão a Deus são bênçãos angélicas e humanas; pois, embora se dirijam ao Criador, procedem contudo da criatura. Mas as do Filho são divinas, porque não olham somente para Deus, como as outras, mas provêm de Deus, visto que o Redentor é verdadeiro Deus. São divinas não só quanto ao seu fim, mas quanto à sua origem; divinas porque tendem a Deus, divinas porque procedem de Deus. Deus move a alma e dá a graça necessária para a produção

dos outros louvores; mas os do Redentor, ele mesmo, que é Deus, os produz: e é por isso que são infinitos.

Aquele que, de manhã, tendo ouvido bastante tempo, entre os bosques vizinhos, um agradável gorjeio de grande quantidade de canários, pintarroxos, pintassilgos e outros passarinhos semelhantes, ouvisse enfim um mestre rouxinol que, em perfeita melodia, enchesse o ar e o ouvido com a sua admirável voz, sem dúvida preferiria esse único cantor dos bosques a toda a multidão dos outros. Assim, depois de haver ouvido todos os louvores que tantas criaturas diferentes, à porfia umas com as outras, rendem unanimemente ao seu Criador, quando por fim se escuta o do Salvador, encontra-se nele uma certa infinidade de mérito, de valor e de suavidade que supera toda esperança e toda expectativa do coração; e a alma então, como que despertada de um sono profundo e de repente arrebatada pelo extremo da doçura de tal melodia, exclama: Ah, eu a ouço; oh, a voz, a voz de meu Bem-Amado! Voz rainha de todas as vozes, voz diante da qual as outras vozes não são senão um mudo e triste silêncio. Vede como esse caro Amigo se lança; ei-lo que vem saltando pelas mais altas montanhas, transpondo as colinas (Ct 2, 8): a sua voz retumba acima dos Serafins e de toda criatura. Tem a vista do corço, para penetrar mais fundo que ninguém na beleza do objeto sagrado que quer louvar; ama a melodia da glória e do louvor de seu Pai mais do que todos, e por isso dá saltos de louvores e bênçãos acima de todos. Olhai, ei-lo, esse divino amor do Bem-Amado, como está atrás da parede de sua humanidade; vede como se deixa entrever pelas chagas de seu corpo e pela abertura de seu lado, como por janelas, e como por uma grade através da qual ele nos contempla.

Sim, certamente, Teótimo, o amor divino, sentado sobre o coração do Salvador como sobre o seu trono real, olha pela fenda de seu lado trespassado todos os corações dos filhos dos homens; pois esse coração, sendo o Rei dos corações, mantém sempre os olhos sobre os corações. Mas, assim como aqueles que olham através das grades veem e são apenas entrevistos, assim também o divino amor desse coração — ou antes, esse coração do divino amor — vê sempre claramente os nossos e os contempla com os olhos de seu afeto; nós, porém, nem por isso o vemos: apenas o entrevemos. Pois, ó Deus, se o víssemos tal como ele é, morreríamos de amor por ele, visto que somos mortais, assim como ele mesmo morreu por nós enquanto era mortal, e como ainda morreria, se agora não fosse imortal.

Oh, se ouvíssemos esse divino coração como ele canta, com voz de infinita doçura, o cântico de louvor à Divindade! Que alegria, Teótimo, que esforços de nossos corações para se lançarem ao Céu a fim de ouvi-lo sempre! E ele certamente nos convida a isso, esse caro Amigo de nossas almas: Ergue-te, levanta-te — diz ele (Ct 2, 10) —, sai de ti mesma, toma o voo em minha direção, minha pomba, minha formosíssima, para esta celeste morada, onde todas as coisas estão em alegria e não respiram senão louvores e bênçãos. Tudo ali floresce, tudo ali exala doçura e perfume: as rolas, que são as mais melancólicas de todas as aves, ali fazem ressoar contudo os seus arrulhos. Vem, minha bem-amada toda querida, e, para me veres mais claramente, vem às mesmas janelas pelas quais eu te contemplo; vem considerar o meu coração na caverna da abertura de meu lado, que foi feita quando o meu corpo, como uma casa reduzida a ruínas, foi tão lastimosamente demolido no madeiro da Cruz. Vem, e mostra-me o teu rosto: ah,

eu o vejo agora sem que mo mostres; mas então eu o verei e tu mo mostrarás, porque verás que eu te vejo. Faze que eu escute a tua voz, porque a quero unir à minha; assim o teu rosto será belo e a tua voz muito agradável. Oh, que suavidade para os nossos corações quando as nossas vozes, unidas e mescladas com a do Salvador, participarem da infinita doçura dos louvores que este Filho bem-amado rende a seu Pai eterno!

CAPÍTULO XII

Do soberano louvor que Deus dá a si mesmo, e do exercício de benevolência que nele praticamos

Todas as ações humanas de nosso Salvador são infinitas em valor e mérito, por causa da Pessoa que as produz, a qual é um mesmo Deus com o Pai e o Espírito Santo; nem por isso, contudo, são de natureza e essência infinitas. Pois, assim como, estando num aposento, não recebemos a luz segundo a grandeza da claridade do sol que a espalha, mas segundo a grandeza da janela pela qual ele a comunica, assim também as ações humanas do Salvador não são infinitas, ainda que sejam de valor infinito, porquanto, embora a Pessoa divina as realize, não as realiza, todavia, segundo a extensão de sua infinidade, mas segundo a grandeza finita de sua humanidade, pela qual as faz. De sorte que, assim como as ações humanas de nosso doce Salvador são infinitas em comparação com as nossas, são igualmente finitas em comparação com a infinidade essencial da Divindade. São de infinito valor, estima e dignidade, porque procedem de uma pessoa que é Deus; mas são de essência e natureza finitas, porque Deus as realiza segundo sua natureza e substância humana, que é finita. O louvor, portanto,

que parte do Salvador enquanto é homem, não sendo de todo infinito, não pode corresponder em tudo à grandeza infinita da Divindade a que se destina; e por isso, depois do primeiro arrebatamento de admiração que se apodera de nós quando encontramos um louvor tão glorioso como o que o Salvador dá a seu Pai, não deixamos de reconhecer que a Divindade é ainda infinitamente mais louvável do que pode ser louvada, nem por todas as criaturas nem pela própria humanidade do Filho eterno.

Se alguém louvasse o sol por causa de sua luz, quanto mais se elevasse em direção a ele para louvá-lo, tanto mais louvável o acharia, porque nele veria sempre mais esplendor. E se é essa beleza da luz (Ct 2, 10) que leva as cotovias a cantar, como é bem provável, não é de admirar que cantem mais claramente à medida que voam mais alto, elevando-se igualmente no canto e no voo, até que, quase não podendo mais cantar, começam a descer de tom e de corpo, abaixando pouco a pouco o voo assim como a voz. Assim, meu Teótimo, à medida que subimos pela benevolência até a Divindade, para entoar e ouvir os seus louvores, vemos que Deus está sempre acima de todo louvor, e por fim reconhecemos que ele não pode ser louvado como merece senão por si mesmo, o único que pode dignamente igualar sua soberana bondade com um soberano louvor.

Então exclamamos: "Glória ao Pai, e ao Filho, e ao Espírito Santo"; e, para que se saiba que não é a glória dos louvores criados que desejamos a Deus com esse impulso, mas a glória essencial e eterna que ele tem em si mesmo, por si mesmo, de si mesmo, e que é ele mesmo, acrescentamos: "Como era no princípio, agora e sempre, e pelos séculos dos séculos. Amém"; como se disséssemos, à maneira de voto: Seja Deus para sempre glorificado com a glória

que tinha antes de toda criatura (Jo 17, 5; Cl 1, 15), em sua infinita eternidade e eterna infinidade. Por isso acrescentamos esse versículo de glória a cada salmo e cântico, segundo o antigo costume da Igreja oriental, que o grande São Jerônimo suplicou ao papa São Dâmaso que estabelecesse também deste lado, no Ocidente, para atestar que todos os louvores humanos e angélicos são baixos demais para louvar dignamente a divina Bondade, e que, para que ela seja dignamente louvada, é preciso que ela mesma seja a sua glória, o seu louvor e a sua bênção.

Ó Deus, que complacência, que alegria para a alma que ama, ver satisfeito o seu desejo, pois o seu Bem-Amado a si mesmo se louva, se bendiz e se engrandece infinitamente! Mas dessa complacência nasce de novo um novo desejo de louvar, pois o coração quereria louvar esse louvor tão digno que Deus dá a si mesmo, agradecendo-lhe profundamente por isso e chamando outra vez todas as coisas em seu socorro, para virem com ele glorificar a glória de Deus, bendizer a sua bênção infinita e louvar o seu louvor eterno; de sorte que, por esse retorno e repetição de louvor sobre louvor, ele se enreda, entre a complacência e a benevolência, num felicíssimo labirinto de amor, todo abismado nessa imensa doçura, louvando soberanamente a Divindade porque ela não pode ser bastante louvada senão por si mesma. E ainda que, de início, a alma amorosa tivesse de algum modo o desejo de poder louvar suficientemente o seu Deus, o certo é que, voltando a si, ela declara que não quereria poder louvá-lo o bastante, e permanece antes numa humílima complacência, ao ver que a divina Bondade é tão infinitamente louvável que só pode ser suficientemente louvada por sua própria infinidade.

Nesse ponto, o coração arrebatado em admiração canta o cântico do silêncio sagrado (Sl 64, 1):

> *À vossa divina excelência*
> *consagra-se, em Sião,*
> *o hino da admiração,*
> *que só se canta em silêncio.*

Pois assim os Serafins de Isaías (Is 6, 2), adorando a Deus e louvando-o, velam o rosto e os pés, para confessar que não têm capacidade alguma nem de bem contemplá-lo nem de bem servi-lo; porque os pés, sobre os quais se caminha, representam o serviço. E, contudo, voam com duas asas, pelo movimento contínuo da complacência e da benevolência, e o seu amor encontra repouso nessa doce quietude.

O coração do homem nunca é tão inquietado como quando se lhe impede o movimento pelo qual continuamente se dilata e se contrai, e nunca está tão tranquilo como quando tem livres os seus movimentos; de sorte que a sua tranquilidade está em seu movimento. Ora, o mesmo se dá com o amor dos Serafins e de todos os homens seráficos, pois ele tem o seu repouso em seu contínuo movimento de complacência, pelo qual atrai Deus para dentro de si, como que se recolhendo, e de benevolência, pelo qual se dilata e se lança todo em Deus. Esse amor, portanto, bem quereria ver as maravilhas da infinita bondade de Deus, mas dobra sobre o rosto as asas desse desejo, confessando que não pode consegui-lo; quereria também prestar algum serviço digno, mas dobra o desejo sobre os pés, reconhecendo que não tem esse poder; restam-lhe apenas as duas asas da complacência e da benevolência, com as quais voa e se lança em Deus.

LIVRO

VI

Dos exercícios do santo amor na oração

Capítulos I a XV

CAPÍTULO I

Descrição da teologia mística, que não é outra coisa senão a oração

Temos dois exercícios principais de nosso amor para com Deus: um afetivo e outro efetivo, ou, como diz São Bernardo, ativo. Por aquele nos afeiçoamos a Deus e ao que ele ama; por este servimos a Deus e fazemos o que ele nos ordena. Aquele nos une à bondade de Deus, este nos faz executar a sua vontade. Um nos enche de complacência, de benevolência, de arroubos, de anseios, de suspiros e de ardores espirituais, fazendo-nos praticar as sagradas infusões e misturas de nosso espírito com o de Deus; o outro derrama em nós a sólida resolução, a firmeza de coragem e a inviolável obediência requeridas para efetuar as ordenações da vontade de Deus, e para sofrer, aceitar, aprovar e abraçar tudo quanto provém do seu beneplácito. Um nos faz comprazer-nos em Deus, o outro nos faz agradar a Deus; por um concebemos, pelo outro produzimos; por um pomos Deus sobre o nosso coração, como um estandarte de amor ao qual todos os nossos afetos se ordenam; pelo outro o pomos sobre o nosso braço (Ct 8, 6), como uma espada de dileção com a qual realizamos todos os feitos das virtudes.

Ora, o primeiro exercício consiste principalmente na oração, na qual se passam tantos e tão diversos movimentos interiores que é impossível exprimi-los todos; não somente por causa de sua quantidade, mas também em razão de sua natureza e qualidade, a qual, sendo espiritual, não pode deixar de ser sumamente sutil e

quase imperceptível aos nossos entendimentos. Os cães mais sagazes e mais bem adestrados falham muitas vezes, perdendo a pista e o faro, pela variedade dos ardis de que os cervos se valem, dando voltas e contravoltas, lançando outra caça no caminho e praticando mil astúcias para escapar diante da matilha; e nós perdemos muitas vezes de vista e de conhecimento o nosso próprio coração, na infinita diversidade dos movimentos pelos quais ele se volta de tantas maneiras e com tamanha rapidez que não se lhe podem discernir os passos.

Só Deus é quem, por sua infinita ciência, vê, sonda e penetra todas as voltas e contornos de nossos espíritos; ele entende de longe os nossos pensamentos, descobre as nossas veredas, os nossos rodeios e desvios; sua ciência é admirável, sobreleva a nossa capacidade e não a podemos alcançar (Sl 138, 3). Certamente, se os nossos espíritos quisessem voltar-se sobre si mesmos pelos reflexos e dobras de suas ações, entrariam em labirintos nos quais sem dúvida perderiam a saída; e seria uma atenção insuportável pensar quais são os nossos pensamentos, considerar as nossas considerações, ver todas as nossas visões espirituais, discernir que discernimos, lembrar-nos de que nos lembramos: seriam emaranhados que não conseguiríamos desatar. Este tratado é, pois, difícil, sobretudo para quem não é homem de grande oração.

Não tomamos aqui a palavra oração pela simples prece ou "petição de algum bem, derramada diante de Deus pelos fiéis", como a chama São Basílio; mas como São Boaventura, quando diz que a oração, falando em geral, compreende todos os atos da contemplação; ou como São Gregório de Nissa, quando ensinava que "a oração é um entretenimento e uma conversa da alma com Deus"; ou ainda como São João Crisóstomo, quando assegura que

"a oração é uma conversa com a divina Majestade"; ou, enfim, como Santo Agostinho e São João Damasceno, quando dizem que a oração é "uma subida ou elevação do espírito em Deus". Ora, se a oração é um colóquio, uma "conversa" ou um "entretenimento" da alma com Deus, por ela então falamos a Deus e Deus, reciprocamente, fala a nós; aspiramos a ele e respiramos nele, e ele mutuamente inspira em nós e respira sobre nós.

Mas de que conversamos na oração? Qual é o assunto de nosso entretenimento? Teótimo, ali não se fala senão de Deus; pois de quem poderia conversar e entreter-se o amor senão do Bem-Amado? E por isso a oração e a teologia mística não são senão uma mesma coisa. Chama-se teologia porque, assim como a teologia especulativa tem Deus por objeto, também esta não fala senão de Deus, mas com três diferenças. Primeira: aquela trata de Deus enquanto é Deus, e esta fala dele enquanto é soberanamente amável; isto é, aquela olha a divindade da suprema Bondade, e esta a suprema bondade da Divindade. Segunda: a especulativa trata de Deus com os homens e entre os homens; a mística fala de Deus com Deus e no próprio Deus. Terceira: a especulativa tende ao conhecimento de Deus, e a mística ao amor de Deus; de sorte que aquela torna os seus discípulos sábios, doutos e teólogos, mas esta torna os seus ardentes, afetuosos, amadores de Deus, e Filoteus ou Teófilos.

Ora, chama-se mística porque a conversa nela é toda secreta, e nada nela se diz entre Deus e a alma senão de coração a coração, por uma comunicação incomunicável a todo outro que não seja aquele que a faz. A linguagem dos amantes é tão particular que ninguém a entende senão eles mesmos: Eu durmo, dizia a amante sagrada, e o meu coração vela; e eis que o meu Bem-Amado me

fala (Ct 5, 2). Quem poderia adivinhar que essa Esposa, estando adormecida, conversava, não obstante, com o seu Esposo? Mas onde o amor reina não há necessidade do ruído das palavras exteriores nem do uso dos sentidos para se entreterem e se ouvirem um ao outro. Em suma, a oração e a teologia mística não são outra coisa senão uma conversa pela qual a alma se entretém amorosamente com Deus acerca de sua amabilíssima bondade, para unir-se e juntar-se a ela.

A oração é um maná (Ap 2, 17), pela infinidade de sabores amorosos e de preciosas suavidades que dá aos que dela usam; mas é secreta, porque cai antes da claridade de qualquer ciência, na solidão mental, onde a alma trata a sós com o seu Deus, e da qual se pode dizer: Quem é esta que sobe pelo deserto, como uma nuvem de perfumes, de mirra, de incenso e de todos os pós do perfumista? (Ct 3, 6) Também foi o desejo do segredo que a incitou a fazer esta súplica ao seu Esposo: Vinde, meu Bem-Amado, saiamos aos campos, fiquemos nas aldeias (Ct 7, 11). Por isso a amante celeste é chamada rola (Sl 83, 3; Ct 2, 12 e 14; Ct 6, 8), ave que se compraz nos lugares sombrios e solitários, nos quais não se serve de seu canto senão para o seu único par, ou afagando-o enquanto vive, ou lamentando-o depois de sua morte. Por isso, no Cântico, o Esposo divino e a Esposa celeste representam os seus amores por um contínuo colóquio; e, se os seus amigos e amigas falam por vezes no meio de seu entretenimento, é apenas às escondidas e de modo a não perturbarem o colóquio. Por isso a bem-aventurada Madre Teresa de Jesus achava mais proveito, no princípio, nos mistérios em que Nosso Senhor esteve mais só, como no jardim das Oliveiras e quando estava à espera da

Samaritana; pois lhe parecia que, estando ele só, "mais depressa a admitiria junto de si".

O amor deseja o segredo; e, ainda que os amantes nada tenham de secreto a dizer, comprazem-se todavia em dizê-lo secretamente. E isso é, em parte, se não me engano, porque não querem falar senão para si mesmos, e, dizendo alguma coisa em voz alta, parece-lhes que já não é somente para eles; em parte porque não dizem as coisas comuns da maneira comum, mas com traços particulares que revelam a especial afeição com que falam. A linguagem do amor é comum quanto às palavras, mas quanto ao modo e à pronúncia é tão particular que ninguém a entende senão os amantes. O nome de amigo, dito em comum, não é grande coisa; mas, dito à parte, em segredo, ao ouvido, quer dizer maravilhas; e, à medida que é dito mais secretamente, seu significado torna-se mais amável. Ó Deus, que diferença entre a linguagem daqueles antigos amadores da Divindade — Inácio, Cipriano, Crisóstomo, Agostinho, Hilário, Efrém, Gregório, Bernardo — e a dos teólogos menos amorosos! Usamos as mesmas palavras que eles; mas entre eles eram palavras cheias de calor e da suavidade dos perfumes amorosos, e entre nós são frias e sem odor algum.

O amor não fala somente pela língua, mas pelos olhos, pelos suspiros e pelo semblante; e até mesmo o silêncio e a taciturnidade lhe fazem as vezes de palavra. O meu coração vo-lo disse, ó Senhor, o meu rosto vos buscou; ó Senhor, buscarei a vossa face (Sl 26, 8). Os meus olhos desfaleceram, dizendo: quando me consolareis? (Sl 118, 82) Ouvi a minha oração, ó Senhor, e a minha súplica; escutai com vossos ouvidos as minhas lágrimas (Sl 38, 13). Que a menina de teu olho não se cale, dizia o coração desolado dos habitantes de Jerusalém à sua própria cidade (Lm 2, 18). Vedes, Teótimo, que o

silêncio dos amantes aflitos fala pela menina dos olhos e pelas lágrimas? Certamente, na teologia mística, o principal exercício é falar a Deus e ouvir Deus falar no fundo do coração; e porque esse colóquio se faz por secretíssimas aspirações e inspirações, nós o chamamos colóquio de silêncio: os olhos falam aos olhos e o coração ao coração, e ninguém entende o que se diz senão os sagrados amantes que falam.

CAPÍTULO II

Da meditação, primeiro grau da oração ou teologia mística

Esta palavra é muito usada nas Sagradas Escrituras, e não quer dizer outra coisa senão um pensamento atento e reiterado, próprio para produzir afetos bons ou maus. No primeiro Salmo diz-se bem-aventurado o homem que tem a sua vontade na lei do Senhor e que meditará na lei dele dia e noite (Sl 1, 1-2); mas no segundo Salmo: Por que se enfureceram as nações, e por que os povos meditaram coisas vãs? (Sl 2, 1) A meditação, pois, faz-se para o bem e para o mal. Todavia, porque na Sagrada Escritura a palavra meditação é ordinariamente empregada para a atenção que se dá às coisas divinas a fim de nos excitarmos a amá-las, ela foi, por assim dizer, canonizada pelo comum consentimento dos teólogos, assim como o nome de anjo e de zelo; ao passo que, ao contrário, o de dolo e de demônio foi difamado. De modo que agora, quando se nomeia a meditação, entende-se falar daquela que é santa, e pela qual se começa a teologia mística.

Ora, toda meditação é um pensamento, mas nem todo pensamento é meditação. Muitas vezes temos pensamentos aos

quais o nosso espírito se prende sem desígnio nem pretensão alguma, por modo de simples divertimento, assim como vemos as moscas comuns voarem daqui para ali sobre as flores sem delas tirar coisa alguma; e essa espécie de pensamento, por atento que seja, não pode levar o nome de meditação, mas deve chamar-se simplesmente pensamento. Outras vezes pensamos atentamente em alguma coisa para aprender as suas causas, os seus efeitos, as suas qualidades; e esse pensamento chama-se estudo, no qual o espírito faz como os besouros, que esvoaçam sobre as flores e as folhas indistintamente para as comer e delas se nutrir. Mas quando pensamos nas coisas divinas, não para aprender, e sim para nos afeiçoarmos a elas, isso se chama meditar, e a esse exercício, meditação; nele o nosso espírito, não como uma mosca, por simples divertimento, nem como um besouro, para comer e encher-se, mas como uma sagrada abelhinha, vai daqui para ali sobre as flores dos santos mistérios para delas extrair o mel do divino amor.

Assim, muitos vivem sempre sonhadores e presos a certos pensamentos inúteis, sem quase saber em que pensam; e, o que é de admirar, só neles são atentos por inadvertência, e desejariam não ter tais cogitações — testemunha aquele que dizia: Os meus pensamentos se dissiparam, atormentando o meu coração (Jó 17, 11). Muitos também estudam, e, por uma ocupação laboriosíssima, enchem-se de vaidade, não podendo resistir à curiosidade; mas poucos são os que se empregam em meditar para aquecer o seu coração no santo amor celeste. Em suma, o pensamento e o estudo fazem-se sobre toda sorte de coisas; mas a meditação, tal como dela falamos agora, não olha senão para os objetos cuja consideração nos pode tornar bons e devotos. De

sorte que a meditação não é outra coisa senão um pensamento atento, reiterado ou mantido voluntariamente no espírito, a fim de excitar a vontade a santos e salutares afetos e resoluções.

A santa Palavra explica, certamente, de modo admirável em que consiste a santa meditação, por uma excelente semelhança. Ezequias, querendo exprimir em seu Cântico a atenta consideração que faz do seu mal: Gritarei, diz ele, como um filhote de andorinha, e meditarei como uma pomba (Is 38, 14). Pois, meu caro Teótimo, se alguma vez o notastes, os filhotes das andorinhas abrem grandemente o bico quando piam; e, ao contrário, as pombas, entre todas as aves, fazem o seu arrulho de bico fechado e cerrado, rolando a voz na garganta e no peito, sem que dela nada saia senão por modo de ressonância e de eco; e esse pequeno arrulho lhes serve igualmente para exprimir as suas dores como para declarar os seus amores. Ezequias, pois, para mostrar que, em meio à sua aflição, fazia muitas orações vocais: Gritarei, diz ele, como o filhote da andorinha, abrindo a minha boca para lançar diante de Deus muitas vozes lamentosas; e, para testemunhar, por outro lado, que empregava também a santa oração mental: Meditarei, acrescenta ele, como a pomba, rolando e revolvendo os meus pensamentos dentro do meu coração por uma atenta consideração, a fim de excitar-me a bendizer e louvar a soberana misericórdia do meu Deus, que me retirou das portas da morte, tendo compaixão da minha miséria. Assim diz Isaías: Rugiremos ou bramiremos como ursos, e gemeremos, meditando como pombas (Is 19, 10-11); referindo-se o bramido dos ursos às exclamações com que se clama na oração vocal, e o gemido das pombas à santa meditação.

Mas, para que se saiba que as pombas não fazem o seu arrulho somente nas ocasiões de tristeza, e sim ainda nas de amor e de alegria, o Esposo sagrado, descrevendo a primavera natural para exprimir as graças da primavera espiritual: A voz da rola, diz ele, foi ouvida em nossa terra (Ct 2, 12-14); porque na primavera a rola começa a aquecer-se de amor, o que testemunha pelo seu canto, que então derrama mais frequentemente. E logo depois: Minha pomba, mostra-me o teu rosto, que a tua voz ressoe aos meus ouvidos, pois a tua voz é doce e o teu rosto é formoso e gracioso. Quer ele dizer, Teótimo, que a alma devota lhe é muito agradável quando se apresenta diante dele e medita para aquecer-se no santo amor espiritual, assim como fazem as pombas para se excitarem, a si e a seus pares, aos seus amores naturais. Assim aquele que dissera: Meditarei como a pomba, exprimindo o seu conceito de outra maneira: Repensarei, diz ele, diante de vós, ó meu Deus, todos os meus anos na amargura da minha alma (Is 38, 15); pois meditar e repensar para excitar os afetos não são senão uma mesma coisa. Por isso Moisés, advertindo o povo a repensar os favores recebidos de Deus, acrescenta esta razão: A fim, diz ele, de que observes os seus mandamentos, e andes nos seus caminhos, e o temas (Dt 8, 6); e o próprio Nosso Senhor faz este mandamento a Josué: Meditarás no livro da Lei dia e noite, a fim de que guardes e faças o que nele está escrito (Js 1, 8). O que num dos passos se exprime pela palavra meditar, no outro se declara pela de repensar; e, para mostrar que o pensamento reiterado e a meditação tendem a mover-nos aos afetos, às resoluções e às ações, diz-se num e noutro passo que é preciso repensar e meditar na lei para observá-la e praticá-la. Nesse sentido o Apóstolo nos exorta deste modo: Repensai Naquele que suportou tamanha contradição dos

pecadores, para que não desfaleçais, faltando-vos a coragem (Hb 12, 3). Quando diz repensai, é o mesmo que se dissesse: meditai. Mas por que quer ele que meditemos a santa Paixão? Não, certamente, para que nos tornemos sábios, mas para que nos tornemos pacientes e corajosos no caminho do Céu. Ó como amei a vossa lei, Senhor meu!, diz Davi; ela é toda a minha meditação o dia inteiro (Sl 118, 97). Ele medita na lei porque a ama, e ama-a porque a medita.

A meditação não é outra coisa senão a ruminação mística requerida para não ser imundo (Lv 11, 3-8; Dt 14, 3-6), à qual nos convida uma das devotas pastoras que seguiam a sagrada Sulamita; pois ela assegura que a santa doutrina é como um vinho precioso, digno não somente de ser bebido pelos pastores e doutores, mas de ser cuidadosamente saboreado e, por assim dizer, mastigado e ruminado: A tua garganta, diz ela, na qual se formam as palavras santas, é um vinho excelente, digno de ser bebido pelo meu Bem-Amado e de ser ruminado por seus lábios e por seus dentes (Ct 7, 9). Assim o bem-aventurado Isaac, como um cordeiro limpo e puro, saía ao entardecer para os campos, a fim de se retirar, conferenciar e exercitar o seu espírito com Deus, isto é, para orar e meditar (Gn 24, 63).

A abelha vai esvoaçando daqui para ali, na primavera, sobre as flores, não ao acaso, mas de propósito; não somente para se recrear com a alegre variedade da paisagem, mas para buscar o mel; o qual, tendo achado, ela o suga e dele se carrega; depois, levando-o à sua colmeia, arranja-o com arte, separando a cera e dela fazendo o favo, no qual guarda o mel para o inverno seguinte. Ora, tal é a alma devota na meditação: vai de mistério em mistério, não à toa nem somente para se consolar com a admirável beleza desses

divinos objetos, mas de propósito deliberado, para encontrar motivos de amor ou de algum celeste afeto; e, tendo-os encontrado, atrai-os a si, saboreia-os, deles se carrega, e, tendo-os recolhido e colocado dentro do seu coração, põe à parte o que vê ser mais próprio para o seu adiantamento, tomando enfim as resoluções convenientes para o tempo da tentação. Assim a amante celeste, como uma abelha mística, vai esvoaçando, no Cântico dos Cânticos, ora sobre os olhos, ora sobre os lábios, sobre as faces, sobre a cabeleira do seu Bem-Amado, para deles tirar a suavidade de mil paixões amorosas, notando miudamente tudo quanto encontra de raro para esse fim (Ct 5, 11); de sorte que, toda ardente da sagrada dileção, ela fala com ele, interroga-o, escuta-o, suspira, aspira, admira-o; como ele, de sua parte, a cumula de contentamentos, inspirando-a, tocando-lhe e abrindo-lhe o coração, e depois derramando nele claridades, luzes e doçuras sem fim, mas de um modo tão secreto que bem se pode falar dessa santa conversa da alma com Deus como o sagrado Texto diz da de Deus com Moisés: que Moisés, estando só no cume da montanha, falava a Deus e Deus lhe respondia (Ex 19, 19-20; 23, 11).

CAPÍTULO III

Descrição da contemplação e da primeira diferença que há entre ela e a meditação

Teótimo, a contemplação não é outra coisa senão uma amorosa, simples e permanente atenção do espírito às coisas divinas; o que entendereis facilmente pela comparação da meditação com ela. As pequenas crias das abelhas chamam-se ninfas ou larvas até que

façam o mel, e então se chamam abelhas: do mesmo modo, a oração chama-se meditação até que tenha produzido o mel da devoção; depois disso, converte-se em contemplação. Pois, assim como as abelhas percorrem a paisagem de sua região para colher aqui e ali e recolher o mel, sobre o qual, depois de o terem ajuntado, trabalham pelo prazer que sentem em sua doçura, assim também nós meditamos para recolher o amor de Deus; mas, tendo-o recolhido, contemplamos a Deus e ficamos atentos à sua bondade, pela suavidade que o amor nos faz nela encontrar. O desejo de obter o amor divino nos faz meditar, mas o amor obtido nos faz contemplar; pois o amor nos faz encontrar na coisa amada uma suavidade tão agradável que não podemos saciar os nossos espíritos de a ver e considerar.

Vede a rainha de Sabá, Teótimo, como, considerando miudamente a sabedoria de Salomão em suas respostas, na beleza de sua casa, na magnificência de sua mesa, nos aposentos de seus servos, na ordem que todos os de sua corte guardavam no exercício de seus cargos, em suas vestes e em seu porte, na multidão dos holocaustos que ofereciam na casa do Senhor, ela ficou toda tomada de um ardente amor, que converteu a sua meditação em contemplação; pela qual, ficando toda arrebatada fora de si mesma, disse muitas palavras de extremo contentamento (1Rs 10, 4-8). A vista de tantas maravilhas gerou em seu coração um extremo amor, e esse amor produziu um novo desejo de ver sempre mais e de gozar da presença daquele em quem as vira; por isso ela exclama: Ah, quão bem-aventurados são os servos que estão sempre à vossa volta e ouvem a vossa sabedoria! Assim, algumas vezes começamos a comer para excitar o apetite; mas, despertado o apetite, continuamos a comer para o contentar. E

consideramos no princípio a bondade de Deus para excitar a nossa vontade a amá-la; mas, formado o amor em nossos corações, consideramos essa mesma bondade para contentar o nosso amor, que não se pode saciar de ver sempre o que ama. E, em suma, a meditação é mãe do amor, mas a contemplação é sua filha; e por isso eu disse que a contemplação era uma atenção amorosa, pois aos filhos se dá o nome dos pais, e não aos pais o nome dos filhos.

É verdade, Teótimo, que, assim como o antigo José foi a coroa e a glória de seu pai, deu-lhe um grande acréscimo de honras e de contentamentos e o fez rejuvenescer em sua velhice, assim também a contemplação coroa o seu pai, que é o amor, aperfeiçoa-o e lhe dá o cúmulo da excelência; pois, tendo o amor excitado em nós a atenção contemplativa, essa atenção faz nascer reciprocamente um amor maior e mais fervoroso, o qual enfim é coroado de perfeições quando goza daquilo que ama. O amor nos faz comprazer na vista do nosso Bem-Amado, e a vista do Bem-Amado nos faz comprazer no seu divino amor; de sorte que, por esse mútuo movimento do amor à vista e da vista ao amor, assim como o amor torna mais bela a beleza da coisa amada, também a vista dela torna o amor mais amoroso e deleitoso. O amor, por uma faculdade imperceptível, faz parecer mais bela a beleza que se ama, e a vista, igualmente, apura o amor, para lhe fazer achar a beleza mais amável; o amor insta com os olhos para que olhem sempre mais atentamente a beleza bem-amada, e a vista força o coração a amá-la sempre mais ardentemente.

CAPÍTULO IV

Que neste mundo o amor toma o seu nascimento, mas não a sua excelência, do conhecimento de Deus

Mas qual tem mais força, peço-vos: o amor, para fazer olhar o Bem-Amado, ou a vista, para o fazer amar? Teótimo, o conhecimento é requerido para a produção do amor, pois jamais poderíamos amar o que não conhecemos; e à medida que o conhecimento atento do bem aumenta, também o amor toma maior crescimento, contanto que nada haja que impeça o seu movimento. Mas, não obstante, acontece muitas vezes que, tendo o conhecimento produzido o sagrado amor, o amor, não se detendo nos limites do conhecimento que está no entendimento, passa adiante e avança muito para além dele; de sorte que, nesta vida mortal, podemos ter mais amor do que conhecimento de Deus. Por isso o grande São Tomás assegura que muitas vezes "os mais simples e as mulheres abundam em devoção", e são ordinariamente mais capazes do amor divino do que os hábeis e os sábios.

O famoso abade de Santo André de Vercelli, mestre de Santo Antônio de Pádua, em seus Comentários sobre São Dionísio, repete muitas vezes que "o amor penetra onde a ciência exterior não saberia chegar", e diz que "muitos Bispos outrora penetraram o mistério da Trindade, ainda que não fossem doutos"; admirando a esse propósito o seu discípulo Santo Antônio de Pádua, "que, sem ciência mundana, tinha uma teologia mística tão profunda, que, como outro São João Batista, se podia chamar uma lâmpada que arde e ilumina (Jo 5, 35). O bem-aventurado frei

Egídio, um dos primeiros companheiros de São Francisco, disse um dia a São Boaventura: Ó como sois felizes, vós, os doutos! Pois sabeis muitas coisas pelas quais louvais a Deus; mas nós, ignorantes, que faremos? E São Boaventura respondeu: A graça de poder amar a Deus basta. Mas, meu Padre, replicou frei Egídio, pode um ignorante amar a Deus tanto quanto um letrado? Pode, disse São Boaventura; antes vos digo que uma pobre e simples mulher pode amar a Deus tanto quanto um doutor em teologia. Então frei Egídio, entrando em fervor, exclamou: Ó pobre e simples mulher, ama o teu Salvador, e poderás ser tanto quanto frei Boaventura! E, dito isto, permaneceu três horas em arrebatamento."

A vontade, certamente, não percebe o bem senão por intermédio do entendimento; mas, tendo-o percebido uma vez, já não precisa do entendimento para praticar o amor, pois a força do prazer que sente, ou espera sentir, da união com o seu objeto atrai-a poderosamente ao amor e ao desejo de o gozar. De sorte que o conhecimento do bem dá nascimento ao amor, mas não lhe dá a medida; assim como vemos que o conhecimento de uma injúria move a cólera, a qual, se não for logo sufocada, torna-se quase sempre maior do que o motivo requer: pois as paixões não seguem o conhecimento que as move, mas, deixando-o muitas vezes para trás, avançam sem medida nem limite algum para o seu objeto.

Ora, isso acontece ainda mais fortemente no amor sagrado, porquanto a nossa vontade nele não é aplicada por um conhecimento natural, mas pela luz da fé, a qual, assegurando-nos da infinidade do bem que há em Deus, nos dá motivo bastante para amá-lo com todo o nosso poder. Cavamos a terra para encontrar o ouro e a prata, empregando uma pena presente por

um bem que ainda é apenas esperado; de sorte que um conhecimento incerto nos põe num trabalho presente e real; depois, à medida que descobrimos o veio da mina, buscamos sempre mais e mais ardentemente. Um pequeno faro basta para acender a matilha na perseguição; assim, caro Teótimo, um conhecimento obscuro, cercado de muitas nuvens, como é o da fé, nos afeiçoa infinitamente ao amor da bondade que nos faz perceber. Ó quanto é verdade, segundo exclamava Santo Agostinho, que "os ignorantes arrebatam os Céus" (Confissões, VIII, 8), enquanto muitos sábios se abismam nos infernos!

Em vosso parecer, Teótimo, quem amaria mais a luz: o cego de nascença que soubesse todos os discursos que os filósofos fazem sobre ela e todos os louvores que lhe dão, ou o lavrador que, com uma vista bem clara, sente e ressente o agradável esplendor do belo sol nascente? Aquele tem dela mais conhecimento, e este mais fruição; e essa fruição produz um amor muito mais vivo e animado do que o simples conhecimento do discurso, pois a experiência de um bem no-lo torna infinitamente mais amável do que todas as ciências que dele se pudessem ter. Começamos a amar pelo conhecimento que a fé nos dá da bondade de Deus, a qual depois saboreamos e gostamos pelo amor; e o amor aguça o nosso gosto, e o nosso gosto apura o nosso amor. De sorte que, assim como vemos que, entre os esforços dos ventos, as ondas se comprimem umas às outras e se elevam mais alto, como que à porfia, pelo encontro que fazem uma com a outra, assim também o gosto do bem realça o amor, e o amor realça o gosto, segundo disse a divina Sabedoria: Os que me saboreiam terão ainda apetite, e os que me bebem terão ainda sede (Eclo 24, 29). Quem amou mais a Deus, peço-vos: o teólogo Occam, a quem alguns chamaram o mais sutil

dos mortais, ou Santa Catarina de Gênova, mulher ignorante? Aquele o conheceu melhor pela ciência, esta pela experiência; e a experiência desta a conduziu bem adiante no amor seráfico, enquanto aquele, com a sua ciência, ficou bem longe dessa tão excelente perfeição.

Amamos extremamente as ciências antes de as sabermos, diz São Tomás, "pelo simples conhecimento confuso e sumário que delas temos"; e é preciso dizer do mesmo modo que o conhecimento da bondade divina aplica a nossa vontade ao amor; mas, depois que a vontade está em marcha, o seu amor vai crescendo por si mesmo, pelo prazer que sente de se unir a esse soberano bem. Antes que as criancinhas tenham provado o mel e o açúcar, custa fazer que os recebam na boca; mas, depois que saborearam a sua doçura, amam-nos muito mais do que se desejaria, e correm desatinadamente atrás deles para sempre os ter.

É preciso, contudo, confessar que a vontade, atraída pelo deleite que sente em seu objeto, é levada com muito mais força a unir-se a ele quando o entendimento, de sua parte, lhe propõe excelentemente a bondade dele, pois então ela é ao mesmo tempo atraída e impelida: impelida pelo conhecimento, atraída pelo deleite. De sorte que a ciência não é de si mesma contrária, antes é muito útil à devoção; e, se estiverem unidas, ajudam-se admiravelmente uma à outra, ainda que aconteça muitas vezes que, por nossa miséria, a ciência impeça o nascimento da devoção, porquanto a ciência incha (1Cor 8, 1) e ensoberbece, e o orgulho, que é contrário a toda virtude, é a ruína total da devoção. Certamente, a eminente ciência dos Ciprianos, Agostinhos, Hilários, Crisóstomos, Basílios, Gregórios, Boaventuras e Tomases não somente ilustrou muito, mas apurou grandemente

a sua devoção, como reciprocamente a sua devoção não somente realçou, mas aperfeiçoou extremamente a sua ciência.

CAPÍTULO V

Segunda diferença entre a meditação e a contemplação

A meditação considera miudamente e como que peça por peça os objetos próprios para nos comover; mas a contemplação lança uma vista toda simples e recolhida sobre o objeto que ama, e a consideração assim unida produz também um movimento mais vivo e forte. Pode-se olhar a beleza de uma rica coroa de dois modos: ou vendo todos os seus florões e todas as pedras preciosas de que é composta, uma após outra; ou então, depois de haver considerado assim todas as peças particulares, olhando todo o seu esmalte em conjunto, com uma só e simples vista. O primeiro modo assemelha-se à meditação, na qual consideramos, por exemplo, os efeitos da misericórdia divina para nos excitarmos ao seu amor; mas o segundo é semelhante à contemplação, na qual olhamos, com um só traço detido de nosso espírito, toda a variedade dos mesmos efeitos, como uma única beleza composta de todas essas peças que formam um só brilho de esplendor. Ao meditar, contamos, por assim dizer, as perfeições divinas que vemos num mistério; mas ao contemplar fazemos delas uma soma total. As companheiras da Esposa sagrada lhe haviam perguntado quem era o seu Bem-Amado, e ela lhes responde descrevendo admiravelmente todas as peças de sua perfeita beleza: a sua tez é branca e rosada, a sua cabeça de ouro, os seus cabelos como um cacho de flores de palmeira ainda não de todo desabrochadas, os

seus olhos de pomba, as suas faces como pequenos canteiros, tabuleiros ou quadras de jardim, os seus lábios como lírios, cheios de todos os odores, as suas mãos anelados de jacinto, as suas pernas como colunas de mármore; assim vai ela meditando em detalhe essa soberana beleza, até que enfim conclui por modo de contemplação, reunindo todas as belezas numa só: A sua garganta, diz ela, é suavíssima, e ele é todo desejável; e tal é o meu Bem-Amado, e ele é o meu caro Amigo (Ct 5, 9-16).

A meditação é semelhante a quem cheira o cravo, a rosa, o alecrim, o tomilho, o jasmim, a flor de laranjeira, um após outro, distintamente; mas a contemplação é semelhante a quem cheira a água perfumada composta de todas essas flores: pois este, num só sentir, recebe todos os odores unidos que o outro sentira divididos e separados; e não há dúvida de que esse único odor, que provém da fusão de todas essas fragrâncias, é por si só mais suave e precioso do que as fragrâncias de que é composto, cheiradas separadamente uma após outra. Por isso o divino Esposo tanto estima que a sua bem-amada o olhe com um só olho, e que a sua cabeleira esteja tão bem trançada que pareça um só cabelo (Ct 4, 9); pois que é olhar o Esposo com um só olho, senão vê-lo com uma simples vista atenta, sem multiplicar os olhares? E que é levar os cabelos recolhidos, senão não derramar o pensamento em variedade de considerações? Ó quão bem-aventurados são os que, depois de haverem discorrido sobre a multidão dos motivos que têm de amar a Deus, reduzindo todos os seus olhares a uma só vista e todos os seus pensamentos a uma só conclusão, detêm o seu espírito na unidade da contemplação, ao exemplo de Santo Agostinho (Confissões, X, 27) ou de São Bruno, pronunciando secretamente em sua alma, por uma admiração permanente, estas

palavras amorosas: Ó bondade, bondade! Ó bondade sempre antiga e sempre nova! E ao exemplo do grande São Francisco, que, posto de joelhos em oração, passou toda a noite nestas palavras: Ó Deus, vós sois "o meu Deus e o meu tudo!", repetindo-as continuamente, segundo o relato do bem-aventurado frei Bernardo de Quintavalle, que o ouvira com os seus próprios ouvidos.

Vede São Bernardo, Teótimo: ele havia meditado toda a Paixão peça por peça; depois, de todos os pontos principais reunidos, fez um ramalhete de amorosa dor e, pondo-o sobre o peito para converter a sua meditação em contemplação, exclamou: O meu Bem-Amado é para mim um ramalhete de mirra (Ct 1, 12). Mas vede ainda mais devotamente o Criador do mundo, como na criação foi primeiro meditando sobre a bondade de suas obras, peça por peça, separadamente, à medida que as via produzidas. Ele viu, diz a Escritura, que a luz era boa, que o céu e a terra eram uma boa coisa; depois as ervas e as plantas, o sol, a lua e as estrelas, os animais e, enfim, todas as criaturas, à medida que as criava umas após as outras (Gn 1); até que, por fim, estando todo o universo acabado, a divina meditação, por assim dizer, mudou-se em contemplação; pois, olhando com um só lance de olhos toda a bondade que havia em sua obra, ele viu, diz Moisés, tudo o que havia feito, e tudo era muito bom (Gn 1). As peças diferentes, consideradas separadamente por modo de meditação, eram boas; mas, olhadas de uma só vista todas juntas, por forma de contemplação, foram achadas muito boas: como muitos riachos que, unindo-se, formam um rio capaz de levar cargas maiores do que a multidão desses mesmos riachos separados poderia levar.

Depois de havermos movido grande quantidade de diversos afetos piedosos, pela multidão das considerações de que a meditação é composta, reunimos enfim a virtude de todos esses afetos, os quais, da fusão e mistura de suas forças, fazem nascer certa quintessência de afeto, e de um afeto mais ativo e poderoso do que todos os afetos de que procede, porquanto, ainda que seja um só, compreende a virtude e a propriedade de todos os outros; e chama-se afeto contemplativo.

Assim se diz entre os teólogos que os Anjos mais elevados em glória têm um conhecimento de Deus e das criaturas muito mais simples do que os seus inferiores, e que as espécies ou ideias pelas quais veem são mais universais; de sorte que aquilo que os Anjos menos perfeitos veem por muitas espécies e por diversos olhares, os mais perfeitos o veem com menos espécies e menos traços de sua vista. E o grande Santo Agostinho, seguido por São Tomás, diz que no Céu não teremos essas grandes vicissitudes, variedades, mudanças e retornos de pensamentos e cogitações "que vão e vêm de objeto em objeto e de uma coisa a outra; mas que, com um só pensamento, poderemos estar atentos à diversidade de muitas coisas" e receber o conhecimento delas (Suma Teológica I, q. 12, a. 10). Certamente, à medida que a água se afasta de sua origem, divide-se e dissipa os seus sulcos, se com grande cuidado não a mantiverem unida; e as perfeições separam-se e repartem-se à medida que se afastam de Deus, que é a sua fonte; mas, quando dele se aproximam, unem-se, até que sejam abismadas naquela soberanamente única perfeição, que é a unidade necessária e a melhor parte, que Madalena escolheu, e que não lhe será tirada (Lc 10, 42).

CAPÍTULO VI

Que a contemplação se faz sem esforço, o que constitui a terceira diferença entre ela e a meditação

Ora, o simples olhar da contemplação se realiza de uma destas três maneiras. Às vezes olhamos somente para alguma das perfeições de Deus, como, por exemplo, para a sua infinita bondade, sem pensar nos outros atributos ou virtudes dele; à semelhança de um esposo que detivesse simplesmente o olhar sobre a bela tez de sua esposa, e que, por esse meio, veria na verdade todo o seu rosto, visto que a tez se derrama por quase todas as partes dele, e todavia não estaria atento nem aos traços, nem à graça, nem às outras partes da beleza. Assim também, algumas vezes, o espírito, olhando para a bondade soberana da Divindade, ainda que veja nela a justiça, a sabedoria e o poder, não está contudo atento senão à bondade, para a qual se dirige o simples olhar de sua contemplação.

Outras vezes estamos atentos a olhar em Deus várias de suas infinitas perfeições, mas com um olhar simples e sem distinção; como aquele que, num relance, correndo a vista da cabeça aos pés de sua esposa ricamente ornada, teria visto tudo atentamente em geral e nada em particular, sem saber dizer ao certo nem que colar nem que vestido ela trazia, nem que porte mantinha ou que olhar lançava, mas apenas que tudo nela era belo e agradável. Pois assim também, pela contemplação, muitas vezes se lança um único traço de simples consideração sobre várias grandezas e perfeições divinas ao mesmo tempo; e não se saberia todavia dizer nada em particular, senão que tudo é perfeitamente bom e belo.

E, enfim, outras vezes olhamos não para várias nem para uma só das perfeições divinas, mas somente para alguma ação ou obra divina, à qual estamos atentos: como, por exemplo, ao ato da misericórdia pelo qual Deus perdoa os pecados, ou ao ato da criação, ou da ressurreição de Lázaro, ou da conversão de São Paulo; assim como um esposo que não olhasse para os olhos, mas somente para a doçura do olhar que sua esposa lança sobre ele, e não considerasse a sua boca, mas a suavidade das palavras que dela saem. E então, Teótimo, a alma faz um certo arrojo de amor, não somente sobre a ação que considera, mas sobre Aquele de quem ela procede: *Tu és bom, Senhor, e na tua bondade ensina-me os teus preceitos* (Sl 118, 68); *Tua garganta*, isto é, a palavra que dela procede, *é suavíssima, e tu és todo desejável* (Ct 5, 16); *Ah, quão doces são as tuas palavras às minhas entranhas, mais do que o mel à minha boca* (Sl 118, 103)! Ou então, com São Tomé: *Meu Senhor e meu Deus* (Jo 20, 28)! E com Santa Madalena: *Rabôni* (Jo 20, 16)! Ah, meu Mestre!

Mas, por qualquer das três maneiras que se proceda, a contemplação tem sempre esta excelência: que se faz com prazer, visto que pressupõe que já se encontrou a Deus e o seu santo amor, que dele se goza e nele se deleita, dizendo: *Encontrei aquele que a minha alma ama; encontrei-o e não o deixarei* (Ct 3, 4). Nisso ela difere da meditação, que quase sempre se faz com esforço, trabalho e raciocínio, indo nosso espírito, por meio dela, de consideração em consideração, buscando em diversos lugares ou o Bem-Amado de seu amor, ou o amor de seu Bem-Amado.

Jacó trabalha na meditação para obter Raquel; mas alegra-se com ela e esquece todo o seu trabalho na contemplação (Gn 29, 18). O divino Esposo, pastor que é, preparou para a sua sagrada

Esposa um banquete suntuoso à maneira campestre, e o descreve de tal modo que, misticamente, representava todos os mistérios da redenção humana: *Vim ao meu jardim*, diz ele (Ct 5, 1), *colhi a minha mirra com todos os meus perfumes; comi o meu favo com o meu mel, misturei o meu vinho com o meu leite; comei, meus amigos, e bebei, e embriagai-vos, meus caríssimos*. Teótimo, quando foi, eu vos peço, que Nosso Senhor veio ao seu jardim, senão quando veio às puríssimas, humílimas e suavíssimas entranhas de sua Mãe, cheias de todas as plantas florescentes das santas virtudes? E que é, para Nosso Senhor, colher a sua mirra com os seus perfumes, senão ajuntar sofrimentos a sofrimentos até a morte, e morte de cruz (Fl 2, 8)? Unindo por eles méritos a méritos, tesouros a tesouros, para enriquecer os seus filhos espirituais. E como comeu ele o seu favo com o seu mel, senão quando viveu de uma vida nova, reunindo a sua alma, mais doce que o mel, ao seu corpo trespassado e ferido com mais furos que um favo? E quando, subindo ao Céu, tomou posse de todas as circunstâncias e dependências de sua divina glória, que outra coisa fez senão misturar o vinho alegre da glória essencial de sua alma com o leite deleitoso da felicidade perfeita de seu corpo, de uma maneira ainda mais excelente do que fizera até então?

Ora, em todos esses divinos mistérios, que abarcam todos os demais, há com que bem comer e bem beber para todos os caros amigos, e com que embriagar-se para os caríssimos. Uns comem e bebem, mas comem mais do que bebem, e não se embriagam; outros comem e bebem, mas bebem muito mais do que comem, e esses é que se embriagam. Ora, comer é meditar, pois ao meditar mastigamos, revolvendo aqui e ali o alimento espiritual entre os dentes da consideração, para o desfazer, triturar e digerir, o que se

faz com algum esforço; beber é contemplar, e isso se faz sem esforço nem resistência, com prazer e suavemente; mas embriagar-se é contemplar tantas vezes e tão ardentemente que se fique totalmente fora de si mesmo para estar todo em Deus. Santa e sagrada embriaguez, que, ao contrário da corporal, nos aliena não do sentido espiritual, mas dos sentidos corporais; que não nos entorpece nem embrutece, antes nos angeliza e, por assim dizer, nos diviniza; que nos põe fora de nós, não para nos rebaixar e colocar entre os brutos, como faz a embriaguez terrena, mas para nos elevar acima de nós mesmos e nos colocar entre os Anjos, de sorte que vivamos mais em Deus do que em nós mesmos, atentos e ocupados por amor em contemplar a sua beleza e unir-nos à sua bondade.

Ora, como para chegar à contemplação temos ordinariamente necessidade de ouvir a santa palavra, de manter conversas e colóquios espirituais com os outros, à maneira dos antigos anacoretas, de ler livros devotos, de orar, meditar, cantar cânticos e formar bons pensamentos, por isso mesmo, sendo a santa contemplação o fim e a meta a que tendem todos esses exercícios, todos eles se reduzem a ela, e os que os praticam são chamados contemplativos; assim como esse gênero de ocupação recebe o nome de vida contemplativa, em razão da ação de nosso entendimento, pela qual olhamos a verdade da beleza e da bondade divinas com uma atenção amorosa, isto é, com um amor que nos torna atentos, ou então com uma atenção que provém do amor e aumenta o amor que temos à infinita suavidade de Nosso Senhor.

CAPÍTULO VII

Do recolhimento amoroso da alma na contemplação

Não falo aqui, Teótimo, do recolhimento pelo qual os que querem orar se colocam na presença de Deus, entrando dentro de si mesmos e retirando, por assim dizer, a sua alma para dentro do coração a fim de falar com Deus; pois esse recolhimento se faz por mandamento do amor, o qual, provocando-nos à oração, nos leva a tomar esse meio para bem a fazer, de modo que somos nós mesmos que operamos esse recolhimento de nosso espírito. Mas o recolhimento de que pretendo falar não se faz por mandamento do amor, e sim pelo próprio amor; isto é, não somos nós que o fazemos por escolha, pois não está em nosso poder tê-lo quando queremos, nem depende de nosso cuidado, mas é Deus que o opera em nós quando lhe apraz, por sua santíssima graça. Aquele que deixou escrito, diz a bem-aventurada Madre Teresa de Jesus, que a oração de recolhimento se faz como quando um ouriço ou uma tartaruga se retira para dentro de si mesmo, entendia bem a coisa; salvo que esses animais se recolhem dentro de si quando querem, ao passo que o recolhimento não está em nossa vontade, mas nos sobrevém quando apraz a Deus fazer-nos essa graça.

E eis como ele se dá. Nada é tão natural ao bem quanto unir e atrair a si as coisas que o podem sentir, como fazem as nossas almas, que sempre se inclinam e se entregam ao seu tesouro, isto é, àquilo que amam. Acontece, pois, algumas vezes, que Nosso Senhor derrama imperceptivelmente no fundo do coração uma certa doce suavidade que atesta a sua presença; e então as potências, e até mesmo os sentidos exteriores da alma, por um

certo secreto consentimento, se voltam para o lado dessa parte íntima onde está o amabilíssimo e caríssimo Esposo. Pois assim como um novo enxame ou renovo de abelhas, quando quer fugir e mudar de terra, é chamado de volta pelo som que se faz suavemente sobre bacias, ou pelo aroma do vinho adoçado com mel, ou ainda pelo cheiro de algumas ervas odoríferas, de sorte que se detém pelo atrativo dessas doçuras e entra na colmeia que lhe prepararam, assim também Nosso Senhor, pronunciando alguma secreta palavra de seu amor, ou espargindo o odor do vinho de sua dileção, mais delicioso que o mel, ou ainda exalando os perfumes de suas vestes (Ct 4, 11), isto é, alguns sentimentos de suas consolações celestes em nossos corações, e por esse meio fazendo-lhes sentir a sua amabilíssima presença, atrai a si todas as faculdades de nossa alma, as quais se ajuntam ao redor dele e nele se detêm como em seu objeto desejabilíssimo. E como quem pusesse um pedaço de ímã no meio de muitas agulhas veria que de súbito todas as suas pontas se voltariam para o lado de seu ímã bem-amado e viriam prender-se a ele, assim também, quando Nosso Senhor faz sentir no meio de nossa alma a sua deliciosíssima presença, todas as nossas faculdades voltam para aquele lado as suas pontas, para virem unir-se a essa incomparável doçura.

Ó Deus, diz então a alma, imitando Santo Agostinho (*Confissões* 10, 27), onde eu vos andava buscando, Beleza infinita! "Eu vos buscava fora, e vós estáveis no meio do meu coração." Todos os afetos de Madalena e todos os seus pensamentos estavam derramados em torno do sepulcro de seu Salvador, a quem ela ia procurando de um lado para o outro; e, ainda que o tivesse encontrado e ele lhe falasse, ela não deixa de os conservar dispersos, porque não percebia a sua presença; mas assim que ele a chamou

pelo nome, ei-la que se recolhe e se prende toda aos seus pés (Jo 20, 11-16): uma só palavra a põe em recolhimento.

Imaginai, Teótimo, a santíssima Virgem Nossa Senhora quando concebeu o Filho de Deus, seu único amor. A alma dessa Mãe bem-amada recolheu-se toda, sem dúvida, em torno daquele Menino bem-amado; e porque esse divino Amigo estava no meio de suas sagradas entranhas, todas as faculdades de sua alma se retiraram para dentro dela mesma, como santas abelhas dentro da colmeia em que estava o seu mel. E à medida que a divina grandeza se havia, por assim dizer, estreitado e encurtado dentro de seu ventre virginal, sua alma engrandecia e magnificava os louvores dessa infinita bondade, e seu espírito estremecia de contentamento dentro de seu corpo (como São João dentro do corpo de sua mãe — Lc 1, 44-47) em torno do seu Deus, que ela sentia. Ela não lançava nem os seus pensamentos nem os seus afetos para fora de si mesma, pois o seu tesouro, os seus amores e as suas delícias estavam no meio de suas sagradas entranhas.

Ora, esse mesmo contentamento pode ser praticado, por imitação, entre aqueles que, tendo comungado, sentem, pela certeza da fé, aquilo que não a carne nem o sangue, mas o Pai celeste lhes revelou (Mt 16, 17): que o seu Salvador está, em corpo e em alma, presente com uma presença realíssima ao seu corpo e à sua alma, por meio desse adorabilíssimo Sacramento. Pois, assim como a madrepérola, tendo recebido as gotas do fresco orvalho da manhã, se fecha, não somente para as conservar puras de toda mistura que se pudesse fazer com as águas do mar, mas também pelo agrado que sente ao perceber a aprazível frescura desse germe que o céu lhe envia, assim acontece a muitos santos e devotos fiéis: tendo recebido o divino Sacramento, que contém o orvalho de

todas as bênçãos celestes, sua alma se fecha e todas as suas faculdades se recolhem, não somente para adorar esse Rei soberano, novamente presente com uma presença admirável em suas entranhas, mas pela incrível consolação e refrigério espiritual que recebem ao sentir, pela fé, esse germe divino da imortalidade em seu interior. E aqui notareis cuidadosamente, Teótimo, que, em suma, todo esse recolhimento se faz pelo amor, o qual, sentindo a presença do Bem-Amado pelos atrativos que ele espalha no meio do coração, ajunta e conduz toda a alma para ele por uma amabilíssima inclinação, por um dulcíssimo volver-se e por um delicioso replicar-se de todas as faculdades para o lado do Bem-Amado, que as atrai a si pela força de sua suavidade, com a qual liga e puxa os corações, como se puxam os corpos com cordas e laços materiais.

Mas esse doce recolhimento de nossa alma em si mesma não se faz somente pelo sentimento da presença divina no meio de nosso coração, mas de qualquer maneira que nos coloquemos nessa sagrada presença. Acontece algumas vezes que todas as nossas potências interiores se fecham e se ajuntam dentro de si mesmas pela extrema reverência e doce temor que nos toma ao considerarmos a soberana majestade daquele que nos está presente e nos olha; assim como, por mais distraídos que estejamos, se o Papa ou algum grande príncipe aparece, voltamos a nós mesmos e recolhemos sobre nós os nossos pensamentos, para nos mantermos em compostura e respeito. Diz-se que a vista do sol faz recolher as flores do lírio-roxo, também chamado gladíolo, porque elas se fecham e se retraem em si mesmas ao clarão do sol, na ausência do qual desabrocham e se conservam abertas toda a noite. O mesmo acontece nesta espécie de recolhimento de que falamos;

pois, à só presença de Deus, ao simples sentimento que temos de que ele nos olha, seja do Céu, seja de algum outro lugar fora de nós — ainda que, naquele momento, não pensemos naquela outra espécie de presença pela qual ele está em nós —, as nossas faculdades e potências se ajuntam e se reúnem dentro de nós mesmos, pela reverência à divina Majestade, que o amor nos faz temer com um temor de honra e de respeito.

Por certo, conheço uma alma à qual, assim que se mencionava algum mistério ou alguma sentença que lhe recordasse um pouco mais expressamente que de costume a presença de Deus, tanto na confissão como em conversa particular, entrava tão profundamente dentro de si mesma que tinha dificuldade em sair para falar e responder; de tal modo que, exteriormente, permanecia como que privada de vida e com todos os sentidos entorpecidos, até que o Esposo lhe permitisse sair — o que às vezes acontecia bastante cedo, e outras vezes mais tarde.

CAPÍTULO VIII

Do repouso da alma recolhida em seu Bem-Amado

A alma, estando assim recolhida dentro de si mesma em Deus ou diante de Deus, torna-se por vezes tão suavemente atenta à bondade de seu Bem-Amado que lhe parece que a sua atenção quase não é atenção, de tão simples e delicadamente que ela é exercida; como acontece em certos rios, que correm tão mansa e uniformemente que parece, a quem os olha ou neles navega, que não se vê nem se sente movimento algum, porque de modo nenhum se os vê ondear ou agitar-se. E é esse amável repouso da

alma que a bem-aventurada virgem Teresa de Jesus chama "oração de quietude", não muito diferente daquilo que ela mesma denomina "sono das potências", se é que a entendo bem.

Certamente, os amantes humanos contentam-se às vezes de estar junto da pessoa que amam ou à sua vista, sem lhe falar e sem discorrer consigo mesmos nem sobre ela nem sobre as suas perfeições; saciados, ao que parece, e satisfeitos de saborear essa bem-amada presença, não por alguma consideração que façam sobre ela, mas por um certo sossego e repouso que o seu espírito nela encontra. *Meu Bem-Amado é para mim um ramalhete de mirra, ele repousará entre os meus seios. Meu Bem-Amado é meu e eu sou dele, que apascenta entre os lírios enquanto o dia respira e as sombras declinam. Mostra-me, pois, ó Amado da minha alma, onde repousas, onde te deitas ao meio-dia* (Ct 1, 6.12; 2, 16-17). Vede, Teótimo, como a santa Sulamita se contenta de saber que o seu Bem-Amado está com ela, ou em seu seio, ou em seu jardim, ou em outra parte, contanto que ela saiba onde ele está: e por isso mesmo é Sulamita, toda pacífica, toda tranquila e em repouso.

Ora, esse repouso avança às vezes tão longe em sua tranquilidade, que toda a alma e todas as suas potências permanecem como que adormecidas, sem fazer movimento nem ação alguma, exceto a só vontade, a qual, por sua vez, nada mais faz senão receber o agrado e a satisfação que a presença do Bem-Amado lhe dá. E o que é ainda mais admirável é que a vontade não percebe esse agrado e contentamento que recebe, gozando-o insensivelmente, visto que não pensa em si mesma, mas naquele cuja presença lhe dá esse prazer; como acontece muitas vezes que, surpreendidos por um sono leve, apenas entreouvimos o que os

nossos amigos dizem ao nosso redor, ou sentimos os carinhos que nos fazem, quase imperceptivelmente, sem sentir que sentimos.

Contudo, a alma que nesse doce repouso goza desse delicado sentimento da presença divina, ainda que não se aperceba desse gozo, testemunha claramente quão precioso e amável lhe é esse bem, quando lho querem tirar ou algo dele a distrai: pois então a pobre alma se queixa, grita e às vezes até chora, como uma criancinha que se despertou antes de haver dormido o bastante, a qual, pela dor que sente ao despertar, bem mostra a satisfação que tinha em seu sono. Por isso o divino Pastor (Ct 2, 7) conjura as filhas de Sião, pelas cabras e cervos dos campos, que não despertem a sua bem-amada até que ela queira, isto é, até que ela desperte por si mesma. Não, Teótimo, a alma assim tranquila em seu Deus não deixaria esse repouso por todos os maiores bens do mundo.

Tal foi, quase, a quietude da santíssima Madalena quando, sentada aos pés de seu Mestre, escutava a sua santa palavra (Lc 10, 39). Olhai-a, eu vos peço, Teótimo: está sentada em profunda tranquilidade, não diz palavra, não chora, não soluça, não suspira, não se move, não reza. Marta, toda apressada, vai e vem pela sala; Maria nem sequer pensa nisso. E que faz ela, então? Não faz nada, apenas escuta. E que quer dizer isso, que ela escuta? Quer dizer que está ali como um vaso de honra, a receber gota a gota a mirra de suavidade que os lábios de seu Bem-Amado destilavam (Ct 5, 13) em seu coração. E esse divino Amante, zeloso do amoroso sono e repouso dessa bem-amada, repreendeu Marta, que a queria despertar: *Marta, Marta, tu te ocupas e te inquietas com muitas coisas; uma só, porém, é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada* (Lc 10, 40-42). Mas qual foi a parte ou

porção de Maria? Permanecer em paz, em repouso, em quietude junto de seu doce Jesus.

Os pintores costumam representar o Bem-Amado São João, na ceia, não somente repousando, mas dormindo sobre o peito de seu Mestre; porque ele estava ali sentado à maneira dos orientais, de modo que a sua cabeça se inclinava para o seio de seu caro Amante. E sobre esse peito, se é certo que não dormia com sono corporal — pois não há nisso nenhuma verossimilhança —, também não duvido de que, achando-se tão perto dos seios (Ct 1, 1-3) da doçura eterna, ali fizesse um profundo, místico e doce sono, como uma criança de amor que, presa ao peito da mãe, mama dormindo e dorme mamando. Ó Deus, que delícias para esse Benjamim, filho da alegria do Salvador, dormir assim entre os braços de seu Pai, o qual, no dia seguinte, como Benoni, filho da dor (Gn 35, 18), o recomendou aos doces seios de sua Mãe! Nada é mais desejável para a criancinha, quer vele, quer durma, do que o peito de seu pai e o seio de sua mãe.

Quando, pois, vos achardes nessa simples e pura confiança filial junto de Nosso Senhor, permanecei aí, meu caro Teótimo, sem vos moverdes de modo algum para fazer atos sensíveis, nem do entendimento nem da vontade; pois esse amor simples de confiança e esse adormecimento amoroso de vosso espírito entre os braços do Salvador contém, de modo eminente, tudo o que ides buscando aqui e ali para vosso gosto. É melhor dormir sobre esse sagrado peito do que velar em qualquer outra parte.

CAPÍTULO IX

Como se pratica este sagrado repouso

Nunca reparastes, Teótimo, no ardor com que as criancinhas às vezes se agarram ao peito de suas mães quando têm fome? Vemo-las resmungando, apertando e comprimindo o bico do seio com a boca, sugando o leite tão avidamente que chegam a causar dor às mães. Mas depois que a frescura do leite acalmou de algum modo o calor ávido de seu peitinho, e que os agradáveis vapores que ele envia ao cérebro começam a adormecê-las, então, Teótimo, vós as veríeis fechar mansamente os olhinhos e ceder pouco a pouco ao sono, sem largar contudo o seio, sobre o qual não fazem outra ação senão a de um lento e quase insensível movimento de lábios, pelo qual continuam a tirar o leite que engolem imperceptivelmente; e fazem isso sem nisso pensar, mas certamente não sem prazer, pois, se lhes tiram o seio antes que o sono profundo as tenha vencido, despertam e choram amargamente, mostrando pela dor que sentem na privação quanta doçura havia na posse. Ora, o mesmo acontece com a alma que está em repouso e quietude diante de Deus; pois ela suga quase insensivelmente a doçura dessa presença, sem discorrer, sem operar e sem fazer coisa alguma por nenhuma de suas faculdades, senão pela só ponta da vontade, que ela move suave e quase imperceptivelmente, como a boca por onde entram a deleite e a saciedade insensível que ela recebe ao gozar da presença divina. E se incomodam essa pobre criancinha e lhe querem tirar o peito, porque parece adormecida, ela bem mostra então que, embora durma para todo o resto das coisas, não dorme contudo para aquela; pois percebe o mal dessa separação e se aflige com ele,

mostrando assim o prazer que tinha, ainda que sem nisso pensar, no bem que possuía. Tendo a bem-aventurada Madre Teresa escrito que achava esta comparação apropriada, quis eu assim explicá-la.

Mas dizei-me, Teótimo: a alma recolhida em seu Deus, por que motivo, eu vos peço, haveria de se inquietar? Não tem ela razão para se aquietar e permanecer em repouso? Pois que iria buscar? Já encontrou aquele que buscava. Que lhe resta senão dizer: *Encontrei o meu caro Bem-Amado, tenho-o comigo e não o deixarei* (Ct 3, 4)? Não tem mais necessidade de se entreter a discorrer pelo entendimento, pois vê com olhar tão doce o seu Esposo presente que os discursos lhe seriam inúteis e supérfluos. E, mesmo que não o veja pelo entendimento, ela não se preocupa com isso, contentando-se de senti-lo perto de si pelo agrado e satisfação que a vontade dele recebe. Ah! A Mãe de Deus, Nossa Senhora e Soberana, estando grávida, não via o seu divino Menino, mas, sentindo-o dentro de suas sagradas entranhas, verdadeiro Deus, que contentamento não experimentava! E Santa Isabel, não gozou ela admiravelmente dos frutos da divina presença do Salvador, sem o ver, no dia da santíssima Visitação? Tampouco tem a alma, nesse repouso, necessidade da memória, pois tem presente o seu Amado; nem tem necessidade da imaginação, pois que necessidade há de representar em imagem, seja exterior seja interior, aquele de cuja presença se goza? De sorte que, afinal, é só a vontade que atrai suavemente, e como que mamando ternamente, o leite dessa doce presença, ficando todo o resto da alma em quietude com ela, pela suavidade do prazer que recebe.

Não se usa o vinho adoçado com mel somente para recolher e chamar de volta as abelhas às colmeias, mas usa-se também para as apaziguar; pois, quando elas fazem sedições e motins entre si, matando-se e destruindo-se umas às outras, o seu guardião não tem melhor remédio do que lançar vinho com mel no meio desse pequeno povo amotinado, visto que os indivíduos de que ele se compõe, sentindo esse suave e agradável odor, se apaziguam, e, ocupando-se em gozar dessa doçura, permanecem sossegados e tranquilos. Ó Deus eterno, quando pela vossa doce presença lançais os odoríferos perfumes dentro de nossos corações — perfumes mais alegres que o vinho delicioso (Ct 4, 10) e mais que o mel —, então todas as potências de nossas almas entram num aprazível repouso, com um sossego tão perfeito que já não resta outro sentimento senão o da vontade, a qual, como olfato espiritual, permanece suavemente ocupada em sentir, sem disso se aperceber, o bem incomparável de ter o seu Deus presente.

CAPÍTULO X

Dos diversos graus desta quietude, e de como se deve conservá-la

Há espíritos ativos, férteis e abundantes em considerações; há outros que são flexíveis, dobradiços, e que gostam muito de sentir o que fazem, que querem ver tudo e esquadrinhar tudo o que se passa dentro de si, voltando perpetuamente o olhar sobre si mesmos para verificar o seu progresso; e há ainda outros que não se contentam de estar contentes se não sentem, olham e saboreiam o seu contentamento, e são semelhantes àqueles que, estando bem

agasalhados contra o frio, não julgariam estar se não soubessem quantas roupas trazem, ou que, vendo os seus cofres cheios de dinheiro, não se julgariam ricos se não soubessem a conta de seus escudos.

Ora, todos esses espíritos estão ordinariamente sujeitos a se perturbarem na santa oração; pois, se Deus lhes dá o sagrado repouso de sua presença, eles o abandonam voluntariamente para ver como se comportam nele e para examinar se nele têm bastante contentamento, inquietando-se por saber se a sua tranquilidade é bem tranquila e se a sua quietude é bem quieta; de sorte que, em vez de ocuparem suavemente a sua vontade em sentir as suavidades da presença divina, empregam o entendimento em discorrer sobre os sentimentos que têm; como uma esposa que se entretivesse a olhar o anel com que foi desposada, sem ver o próprio esposo que lho deu. Grande é a diferença, Teótimo, entre ocupar-se em Deus, que nos dá o contentamento, e entreter-se com o contentamento que Deus nos dá.

A alma, portanto, a quem Deus dá a santa quietude amorosa na oração, deve abster-se, quanto puder, de olhar para si mesma e para o seu repouso, o qual, para ser guardado, não deve ser curiosamente olhado; pois quem demasiadamente o ama, perde-o, e a justa regra para bem o amar é não o afetar. E assim como a criança que, para ver onde tem os pés, tirou a cabeça do seio de sua mãe, logo a ele volta porque é muito mimosa, assim também é preciso que, se percebermos estar distraídos pela curiosidade de saber o que fazemos na oração, imediatamente tornemos a pôr o nosso coração na doce e pacífica atenção à presença de Deus, da qual havíamos sido desviados. Todavia, não se deve crer que haja algum perigo de perder essa sagrada quietude pelas ações do corpo

ou do espírito que não se fazem nem por leviandade nem por indiscrição; pois, como diz a bem-aventurada Madre Teresa, é superstição ser tão zeloso desse repouso a ponto de não querer nem tossir, nem cuspir, nem respirar, com medo de o perder: visto que Deus, que dá essa paz, não a tira por tais movimentos necessários, nem pelas distrações e divagações do espírito quando são involuntárias; e a vontade, uma vez bem atraída à presença divina, não deixa de saborear as suas doçuras, ainda que o entendimento ou a memória se tenham escapado e desgarrado atrás de pensamentos estranhos e inúteis.

É verdade que então a quietude da alma não é tão grande como se o entendimento e a memória conspirassem com a vontade, mas nem por isso deixa de ser uma verdadeira tranquilidade espiritual, pois reina na vontade, que é a senhora de todas as outras faculdades. Certamente, vimos uma alma extremamente presa e unida ao seu Deus, a qual, contudo, tinha o entendimento e a memória de tal modo livres de toda ocupação interior que ouvia muito distintamente o que se dizia ao seu redor e disso se recordava por inteiro, ainda que lhe fosse impossível responder ou desprender-se de Deus, ao qual estava presa pela aplicação de sua vontade. E digo presa de tal maneira que não podia ser retirada dessa doce ocupação sem receber grande dor, que a levava a gemidos, os quais até fazia no mais forte de sua consolação e quietude; como vemos as criancinhas resmungar e fazer pequenas queixas quando desejaram ardentemente o leite e começam a mamar; ou como fez Jacó, o qual, beijando a bela e casta Raquel, soltou um grito e chorou (Gn 29, 11) pela veemência da consolação e da ternura que sentia. De sorte que essa alma de que falo, tendo só a vontade ocupada, e livres o entendimento, a

memória, o ouvido e a imaginação, assemelhava-se, ao que penso, à criancinha que, mamando, poderia ver, ouvir e até mover os braços, sem por isso largar o seu caro peito.

Contudo, a paz da alma seria muito maior e mais doce se não se fizesse barulho ao seu redor e se ela não tivesse motivo algum de se mover, nem quanto ao coração nem quanto ao corpo, pois ela bem quisera estar toda ocupada na suavidade dessa presença divina; mas, não podendo às vezes evitar que as outras faculdades se distraiam, conserva ao menos a quietude na vontade, que é a faculdade pela qual recebe o gozo do bem. E notai que então a vontade, retida em quietude pelo prazer que recebe da presença divina, não se move para trazer de volta as outras potências que se extraviam; visto que, se quisesse empreender isso, perderia o seu repouso, afastando-se de seu caro Bem-Amado, e perderia o seu trabalho de correr de um lado para o outro atrás dessas potências volúveis, as quais, aliás, nunca podem ser tão utilmente chamadas ao seu dever como pela perseverança da vontade na santa quietude; pois pouco a pouco todas as faculdades são atraídas pelo prazer que a vontade recebe e do qual lhes dá certos ressaibos, como perfumes, que as excitam a virem para junto dela participar do bem de que ela goza.

CAPÍTULO XI

Continuação do discurso sobre os diversos graus da santa quietude, e de uma excelente abnegação de si mesmo que nela às vezes se pratica

Conforme dissemos, a santa quietude tem, pois, diversos graus: pois às vezes está em todas as potências da alma, unidas e ligadas à vontade; outras vezes está somente na vontade, na qual ora se acha sensivelmente, ora imperceptivelmente. Acontece, com efeito, algumas vezes, que a alma tira um contentamento incomparável de sentir, por certas doçuras interiores, que Deus lhe está presente, como sucedeu a Santa Isabel quando Nossa Senhora a visitou; e outras vezes a alma tem uma certa ardente suavidade de estar na presença de Deus, a qual, naquele momento, lhe é imperceptível, como aconteceu aos discípulos peregrinos, que só verdadeiramente se aperceberam do agradável prazer de que estavam tocados, caminhando com Nosso Senhor, quando chegaram e o reconheceram na divina fração do pão (Lc 24, 31).

Algumas vezes, não somente a alma se apercebe da presença de Deus, mas o escuta falar por certas claridades e persuasões interiores que fazem as vezes de palavras. Outras vezes ela o sente falar e lhe fala reciprocamente, mas de modo tão secreto, tão suave, tão delicado, que isso se dá sem perder a santa paz e quietude; de sorte que, sem despertar, ela vela com ele (Ct 5, 2), isto é, vela e fala ao seu Bem-Amado, coração a coração, com tanta suave tranquilidade e gracioso repouso como se dormisse docemente. E outras vezes ela sente o Esposo falar, mas não lhe sabe falar, ou porque o agrado de o ouvir ou a reverência que lhe tem a mantêm

em silêncio, ou porque está em secura e de tal modo enlanguescida de espírito que só tem força para ouvir, e não para falar; como acontece corporalmente, às vezes, aos que começam a adormecer ou aos que estão muito debilitados por alguma doença.

Mas, enfim, algumas vezes ela nem ouve o seu Bem-Amado, nem lhe fala, nem sente sinal algum de sua presença, mas simplesmente sabe que está na presença de seu Deus, ao qual apraz que ela ali esteja. Imaginai, Teótimo, que o glorioso apóstolo São João tivesse dormido com sono corporal sobre o peito de seu caro Senhor na santa ceia, e que tivesse adormecido por ordem dele: certamente, nesse caso, ele teria estado na presença de seu Mestre sem o sentir de modo algum. E notai, eu vos peço, que é preciso mais cuidado para se pôr na presença de Deus do que para nela permanecer depois de nela se ter posto; pois, para nela se pôr, é preciso aplicar o pensamento e torná-lo atualmente atento a essa presença, como o disse na *Introdução* (*Introdução à Vida Devota*, II, 2); mas, uma vez posto nessa presença, nela nos mantemos por muitos outros meios, enquanto, seja pelo entendimento, seja pela vontade, fazemos alguma coisa em Deus ou por Deus: como, por exemplo, olhando para ele, ou olhando alguma coisa por amor dele; escutando-o, ou escutando os que falam por ele; falando-lhe, ou falando a alguém por amor dele; e fazendo alguma obra, qualquer que seja, para sua honra e serviço. Mais ainda: conservamo-nos na presença de Deus não somente escutando-o, ou olhando-o, ou falando-lhe, mas também esperando se lhe aprouver olhar-nos, falar-nos, ou fazer-nos falar com ele; ou ainda não fazendo nada disso, mas permanecendo simplesmente onde lhe apraz que estejamos e porque lhe apraz que ali estejamos. E se, a essa simples maneira de permanecer diante de Deus, lhe aprouver

acrescentar algum pequeno sentimento de que somos todos seus e de que ele é todo nosso — ó Deus, que graça desejável e preciosa não é essa para nós!

Meu caro Teótimo, tomemos ainda a liberdade de imaginar o seguinte. Se uma estátua que o escultor tivesse colocado no nicho da galeria de algum grande príncipe fosse dotada de entendimento, e pudesse discorrer e falar, e lhe perguntassem: "Ó bela estátua, dize-me, por que estás aí nesse nicho?" — "Porque", responderia ela, "o meu senhor ali me colocou." E se replicassem: "Mas por que permaneces aí sem fazer nada?" — "Porque", diria ela, "o meu senhor não me colocou aqui para que eu fizesse coisa alguma, mas somente para que eu aqui estivesse imóvel." E se de novo a instassem, dizendo: "Mas, pobre estátua, de que te serve estar aí desse modo?" — "Ah, meu Deus!", responderia ela, "não estou aqui para o meu interesse e serviço, mas para obedecer e servir à vontade de meu senhor e escultor, e isso me basta." E se insistissem deste modo: "Ora, dize-me, então, estátua, eu te peço: tu não vês o teu senhor; como podes ter contentamento em contentá-lo?" — "Não, por certo", confessaria ela, "não o vejo, pois tenho olhos que não são para ver, como tenho pés que não são para andar; mas estou contentíssima de saber que o meu caro senhor me vê aqui e sente prazer em ver-me aqui." Mas, se continuassem a disputa com a estátua e lhe dissessem: "Mas não quererias tu ter movimento para te aproximares do artífice que te fez, a fim de lhe prestares algum outro serviço melhor?" — sem dúvida ela o negaria e protestaria que não quereria fazer outra coisa senão o que o seu senhor quisesse. "E como assim!", concluiriam, "nada desejas senão ser uma estátua imóvel aí dentro desse nicho vazio?" — "Não, por certo", diria enfim essa sábia

estátua, "não, nada quero ser senão uma estátua, e sempre dentro deste nicho, enquanto o meu escultor o quiser, contentando-me de estar aqui e assim, pois é esse o contentamento daquele a quem pertenço e por quem sou o que sou."

Ó verdadeiro Deus, que boa maneira de se manter na presença de Deus é essa: estar e querer estar sempre e para sempre no seu bom prazer! Pois assim, como penso, em todas as ocorrências, e mesmo dormindo profundamente, estamos ainda mais profundamente na santíssima presença de Deus. Sim, por certo, Teótimo; pois, se o amamos, adormecemos não somente à sua vista, mas ao seu gosto, e não somente por sua vontade, mas segundo a sua vontade; e parece que é ele mesmo, nosso Criador e Escultor celeste, quem nos lança ali sobre os nossos leitos, como estátuas em seus nichos, a fim de que nos aninhemos em nossos leitos como os pássaros dormem em seus ninhos. Depois, ao despertar, se bem o considerarmos, achamos que Deus nos esteve sempre presente e que tampouco nos afastamos ou separamos dele. Estivemos, pois, ali, na presença de seu bom prazer, ainda que sem o ver e sem disso nos apercebermos; de modo que poderíamos dizer, à imitação de Jacó (Gn 28, 16): "Verdadeiramente dormi junto de meu Deus e entre os braços de sua divina presença e providência, e eu não o sabia."

Ora, essa quietude, na qual a vontade não age senão por um simplicíssimo aquiescimento ao bom prazer divino, querendo estar na oração sem outra pretensão que a de estar à vista de Deus conforme a ele aprouver, é uma quietude soberanamente excelente, visto que é pura de toda espécie de interesse, não recebendo nela as faculdades da alma contentamento algum, nem mesmo a vontade, senão em sua suprema ponta, na qual ela se

contenta de não ter outro contentamento senão o de estar sem contentamento, por amor do contentamento e bom prazer de seu Deus, no qual repousa. Pois, em suma, é o cume do amoroso êxtase não ter a sua vontade no próprio contentamento, mas no de Deus; ou não ter o seu contentamento na própria vontade, mas na de Deus.

CAPÍTULO XII

Do escoamento ou liquefação da alma em Deus

As coisas úmidas e líquidas recebem facilmente as figuras e os limites que se lhes queira dar, visto que não têm firmeza nem solidez alguma que as detenha ou delimite em si mesmas. Ponde um licor num vaso e vereis que ele ficará contido nos limites do vaso; e, se este for redondo ou quadrado, o licor será do mesmo modo, não tendo outro limite nem outra figura senão a do vaso que o contém.

Com a alma não se dá o mesmo por natureza, pois ela tem as suas figuras e os seus limites próprios: tem a sua figura pelos seus hábitos e inclinações, e os seus limites pela sua própria vontade; e quando está apegada às suas inclinações e vontades próprias, dizemos que é dura, isto é, obstinada, teimosa. *Tirar-vos-ei*, diz Deus (Ez 36, 26), *o vosso coração de pedra*, isto é, tirar-vos-ei a vossa obstinação. Para fazer mudar de figura o seixo, o ferro, a madeira, são necessários o machado, o martelo, o fogo. Chama-se coração de ferro, de madeira ou de pedra aquele que não recebe facilmente as impressões divinas, mas permanece na sua própria vontade, no meio das inclinações que acompanham a nossa

natureza corrompida; ao contrário, um coração doce, maleável e tratável é chamado um coração fundido e liquefeito. *Meu coração*, diz Davi (Sl 21, 15), falando na pessoa de Nosso Senhor na cruz, *meu coração tornou-se como cera derretida no meio de minhas entranhas*. Cleópatra, aquela infame rainha do Egito, querendo sobrepujar todos os excessos e todas as dissoluções que Marco Antônio havia praticado em seus banquetes, mandou trazer, ao fim de um festim que por sua vez oferecia, uma taça de fino vinagre, dentro da qual lançou uma das pérolas que trazia nas orelhas, avaliada em duzentos e cinquenta mil escudos; depois, estando a pérola dissolvida, derretida e liquefeita, ela a engoliu, e teria ainda sepultado a outra pérola, que trazia na outra orelha, na cloaca de seu vil estômago, se Lúcio Planco não a tivesse impedido (Plínio, *História Natural*, IX, 35 e 58). O coração do Salvador, verdadeira pérola oriental, singularmente única e de preço inestimável, lançado no meio de um mar de amarguras incomparáveis no dia de sua Paixão, fundiu-se em si mesmo, dissolveu-se, desfez-se e escoou-se em dor sob o esforço de tantas angústias mortais; mas o amor, mais forte que a morte (Ct 8, 6), abranda, enternece e faz derreter os corações ainda muito mais depressa do que todas as outras paixões.

Minha alma, diz a sagrada amante (Ct 5, 6), *derreteu-se toda assim que o meu Bem-Amado falou*. E que quer dizer isso — ela se derreteu — senão que já não se conteve em si mesma, mas se escoou para o seu divino Amante? Deus ordenou a Moisés que falasse ao rochedo, e ele produziria águas (Nm 20, 8); não é, pois, maravilha que ele mesmo tenha feito derreter a alma de sua amante quando lhe falava com doçura. O bálsamo (Plínio, *História Natural*, XII, 25 e 54) é por natureza tão espesso que não é nem

fluido nem corrente, e quanto mais é guardado mais se adensa, e por fim endurece, tornando-se vermelho e transparente; mas o calor o dissolve e o torna fluido. O amor tornara o Esposo fluido e corrente, razão pela qual a Esposa o chama um óleo derramado (Ct 1, 2); e eis que agora ela afirma que ela mesma está toda derretida de amor: *Minha alma*, diz ela (Ct 5, 6), *escoou-se quando o meu Bem-Amado falou*. O amor do Esposo estava em seu coração e sob os seus seios como um vinho novo, muito poderoso, que não pode ser retido em seu tonel, pois se derramava por todos os lados; e porque a alma segue o seu amor, depois de a Esposa haver dito: *Teus seios são melhores que o vinho, derramando unguentos preciosos*, ela acrescenta: *Teu nome é óleo derramado* (Ct 1, 2). E assim como o Esposo derramara o seu amor e a sua alma no coração da Esposa, também a Esposa, reciprocamente, verte a sua alma no coração do Esposo. E como se vê que um favo ou bolo de cera, tocado pelos raios ardentes, sai de si mesmo e abandona a sua forma para se escoar na direção de onde os raios o tocam, assim a alma dessa amante se escoou para o lado da voz de seu Bem-Amado, saindo de si mesma e dos limites de seu ser natural para seguir aquele que lhe falava.

Mas como se faz esse sagrado escoamento da alma em seu Bem-Amado? Uma extrema complacência do amante na coisa amada produz uma certa impotência espiritual, que faz com que a alma já não sinta em si nenhum poder de permanecer em si mesma; e por isso, como um bálsamo derretido, que já não tem firmeza nem solidez, ela se deixa ir e escoar naquilo que ama: não se lança à maneira de arrojo, nem se aperta à maneira de união, mas vai suavemente correndo, como coisa fluida e líquida, para dentro da Divindade que ama. E como vemos que as nuvens adensadas pelo

vento do sul, derretendo-se e convertendo-se em chuva, já não podem permanecer em si mesmas, mas caem e se escoam para baixo, misturando-se tão intimamente com a terra que encharcam que já não formam com ela senão uma só coisa, assim a alma, que, ainda que amante, permanecia ainda em si mesma, sai por esse sagrado escoamento e santa fluidez, e se deixa a si própria, não somente para se unir ao Bem-Amado, mas para se misturar toda e se diluir com ele.

Vede bem, pois, Teótimo, que o escoamento de uma alma em seu Deus não é outra coisa senão um verdadeiro êxtase, pelo qual a alma está toda fora dos limites de seu estado natural, toda misturada, absorvida e engolfada em seu Deus. Daí vem que os que chegam a esse santo excesso do amor divino, tendo depois voltado a si, nada veem na terra que os contente, e, vivendo num extremo aniquilamento de si mesmos, permanecem muito enlanguescidos em tudo o que pertence aos sentidos, e trazem perpetuamente no coração a máxima da bem-aventurada virgem Teresa de Jesus: "O que não é Deus nada é para mim." E parece que tal foi a paixão amorosa daquele grande amigo do Bem-Amado, que dizia: *Vivo, mas já não eu; é Cristo que vive em mim* (Gl 2, 20); e: *Nossa vida está escondida com Jesus Cristo em Deus* (Cl 3, 3). Pois dizei-me, eu vos peço, Teótimo: se uma gota de água comum, lançada num oceano de água de flor de laranjeira, fosse viva e pudesse falar e dizer o estado em que se encontrasse, não gritaria ela com grande alegria: "Ó mortais, eu vivo verdadeiramente, mas não vivo eu mesma; é este oceano que vive em mim, e a minha vida está escondida neste abismo"?

A alma escoada em Deus não morre; pois como poderia ela morrer por estar abismada na vida? Mas vive sem viver em si

mesma, porque, assim como as estrelas, sem perder a sua luz, já não brilham na presença do sol, mas o sol brilha nelas e elas ficam escondidas na luz do sol, assim também a alma, sem perder a sua vida, já não vive, estando misturada com Deus, mas Deus vive nela. Tais foram, penso eu, os sentimentos dos grandes bem-aventurados Filipe Néri e Francisco Xavier, quando, sobrecarregados de consolações celestes, pediam a Deus que se retirasse um pouco deles, já que ele queria que a vida deles ainda aparecesse por algum tempo ao mundo — o que não era possível enquanto ela estivesse toda escondida e absorvida em Deus.

CAPÍTULO XIII

Da ferida do amor

Todas essas palavras de amor são tiradas da semelhança que há entre os afetos do coração e as paixões do corpo. A tristeza, o temor, a esperança, o ódio e os demais afetos da alma não entram no coração sem que o amor os arraste consigo. Não odiamos o mal senão porque ele é contrário ao bem que amamos; tememos o mal futuro porque ele nos privará do bem que amamos. Por mais extremo que seja um mal, jamais o odiamos senão na medida em que estimamos o bem a que ele se opõe. Quem não ama muito o bem comum não se aflige muito quando ele é arruinado; quem pouco ama a Deus, também pouco odeia o pecado. O amor é a primeira de todas as paixões, ou antes, o princípio e a origem de todas elas; por isso é ele que entra primeiro no coração, e porque penetra e traspassa até o mais fundo da vontade, onde tem sua sede, diz-se que ele fere o coração. Ele é "agudo", diz o apóstolo da

França, e entra muito intimamente no espírito. Os outros afetos também entram, é verdade, mas por intermédio do amor, pois é ele que, traspassando o coração, lhes abre passagem: só a ponta do dardo é que fere; o resto apenas alarga a ferida e a dor.

Ora, se ele fere, por consequência causa dor. As romãs, por sua cor vermelha, pela multidão de seus grãos tão bem apertados e ordenados, e por suas belas coroas, representam ao vivo, como diz São Gregório, a santíssima caridade: toda vermelha por causa de seu ardor para com Deus, cumulada de toda a variedade das virtudes, e a única que obtém e traz a coroa das recompensas eternas. Mas o suco das romãs, que, como sabemos, é tão agradável aos sãos e aos enfermos, é de tal modo misturado de acidez e de doçura, que não se saberia discernir se alegra o paladar por ter uma acidez adocicada ou por ter uma doçura acidulada. Certamente, Teótimo, o amor é assim agridoce; e, enquanto estamos neste mundo, jamais tem uma doçura perfeitamente doce, porque não é perfeito nem jamais plenamente saciado e satisfeito; e nem por isso deixa de ser grandemente agradável, pois sua acidez apura a suavidade de sua doçura, assim como sua doçura aguça a graça de sua acidez. Mas como pode ser isso? Já se viu certo rapaz entrar numa conversa livre, são e bem alegre, o qual, sem se acautelar, sente muito bem, antes de sair dela, que o amor, servindo-se dos olhares, dos gestos, das palavras e até dos cabelos de uma criatura frágil e débil como de outras tantas flechas, feriu e traspassou o seu pobre coração, de sorte que ei-lo todo triste, sombrio e atônito. Por que, eu vos pergunto, está ele triste? Sem dúvida porque está ferido. E quem o feriu? O amor.

Mas, já que o amor é filho da complacência, como pode ele ferir e causar dor? Às vezes o objeto amado está ausente; e então,

meu caro Teótimo, o amor fere o coração pelo desejo que desperta, o qual, não podendo ser saciado, atormenta grandemente o espírito. Se uma abelha tivesse picado uma criança, de nada adiantaria dizer-lhe: "Ah, meu filho, a abelha que te picou é a mesma que faz o mel que tanto te agrada"; pois ela responderia: "É verdade, o seu mel é bem doce ao meu paladar, mas a sua picada é bem dolorosa, e enquanto o ferrão estiver dentro da minha face não posso sossegar; e não vedes que meu rosto está todo inchado?" Teótimo, certamente o amor é uma complacência e, por consequência, muito agradável, contanto que não deixe em nossos corações o ferrão do desejo; mas, quando o deixa, deixa com ele uma grande dor. É verdade que essa dor provém do amor e, portanto, é uma dor amiga e amável. Ouve os arrancos dolorosos, mas amorosos, de um amante real (Sl 41, 3-4): "Minha alma tem sede de seu Deus forte e vivo; ah, quando irei e aparecerei diante da face do meu Deus? Minhas lágrimas me serviram de pão dia e noite, enquanto me dizem: onde está o teu Deus?" Assim a sagrada Sulamita, toda embebida em seus dolorosos amores, falando às filhas de Jerusalém: "Ai!", diz ela, "eu vos conjuro: se encontrardes o meu Amado, anunciai-lhe a minha pena, porque desfaleço toda ferida de seu amor" (Ct 5, 8). A esperança adiada aflige a alma (Pr 13, 12).

Ora, as dolorosas feridas do amor são de várias espécies. 1. Os primeiros dardos que recebemos do amor chamam-se feridas, porque o coração, que parecia são, inteiro e todo entregue a si mesmo enquanto não amava, começa, ao ser atingido pelo amor, a separar-se e dividir-se de si mesmo para se dar ao objeto amado; ora, essa divisão não se pode fazer sem dor, pois a dor não é outra coisa senão a divisão das coisas vivas que se mantêm unidas umas

às outras. 2. O desejo pica e fere incessantemente o coração em que se acha, como já dissemos. 3. Mas, Teótimo, falando do amor sagrado, há na prática dele uma espécie de ferida que o próprio Deus faz às vezes na alma que quer levar a grande perfeição; pois lhe dá sentimentos admiráveis e atrativos sem par por sua soberana bondade, como que instando e solicitando-a a amá-lo. E então ela se lança com toda a força, como que para voar mais alto rumo ao seu divino objeto; mas, ficando aquém, porque não pode amar tanto quanto deseja — ó Deus! —, sente uma dor que não tem igual. Ao mesmo tempo em que é poderosamente atraída a voar para seu caro Amado, é também poderosamente retida e não pode voar, como que presa às baixas misérias desta vida mortal e à sua própria impotência; deseja asas de pomba para voar ao seu repouso (Sl 54, 7), e não as encontra: ei-la, pois, rudemente atormentada entre a violência de seus arrancos e a de sua impotência. "Ó miserável que sou!", dizia um daqueles que experimentaram esse trabalho, "quem me livrará do corpo desta mortalidade?" (Rm 7, 24). Então, se prestardes atenção, Teótimo, não é o desejo de uma coisa ausente que fere o coração, pois a alma sente que seu Deus está presente: já a conduziu à sua adega, já ergueu sobre o seu coração o estandarte do amor (Ct 2, 4). Mas, ainda que já a veja toda sua, ele a instiga e dispara de tempos em tempos mil e mil setas de seu amor, mostrando-lhe por novos meios quanto é mais amável do que é amado; e ela, que não tem tanta força para amá-lo quanto amor para esforçar-se, vendo seus esforços tão débeis em comparação com o desejo que tem de amar dignamente Aquele a quem nenhuma força pode amar o bastante — ai! —, sente-se traspassada por um tormento incomparável;

pois quantos impulsos faz para voar mais alto em seu desejável amor, outros tantos abalos de dor recebe.

Esse coração enamorado de seu Deus, desejando infinitamente amar, vê bem que, apesar de tudo, não pode nem amar o bastante nem desejar o bastante. Ora, esse desejo que não pode realizar-se é como um dardo no flanco de um espírito generoso; mas a dor que dele se recebe não deixa de ser amável, porquanto quem deseja verdadeiramente amar também ama desejar, e se julgaria o mais miserável do universo se não desejasse continuamente amar o que é tão soberanamente amável: desejando amar, recebe dor; mas, amando desejar, recebe doçura.

Verdadeiro Deus, Teótimo, que vou eu dizer! Os Bem-aventurados que estão no Paraíso, vendo que Deus é ainda mais amável do que o amam, desfaleceriam e pereceriam eternamente do desejo de amá-lo mais, se a santíssima vontade de Deus não impusesse à deles o admirável repouso de que ela mesma goza; pois amam tão soberanamente essa soberana vontade, que o querer dela detém o querer deles e o contentamento divino os contenta, aceitando de bom grado ser limitados em seu amor pela mesma vontade cuja bondade é o objeto de seu amor. Se assim não fosse, o amor deles seria igualmente delicioso e doloroso: delicioso pela posse de tão grande bem, doloroso pelo extremo desejo de um amor maior. Deus, pois, tirando continuamente, se assim se pode dizer, flechas da aljava de sua infinita beleza, fere a alma de seus amantes, fazendo-lhes ver claramente que não o amam nem de longe quanto ele é amável. Aquele, entre os mortais, que não deseja amar mais a divina Bondade não a ama o bastante: neste divino exercício, a suficiência não basta a quem nela quer deter-se como se lhe bastasse.

CAPÍTULO XIV

De alguns outros modos pelos quais o santo amor fere os corações

Nada fere tanto um coração enamorado quanto ver outro coração ferido de amor por ele. O pelicano faz seu ninho em terra, e por isso as serpentes vêm com frequência picar seus filhotes; ora, quando isso acontece, o pelicano, como excelente médico natural, com a ponta do bico fere por toda parte esses pobres filhotes, para fazer sair, junto com o sangue, o veneno que a mordida das serpentes espalhou por todos os pontos de seus corpos; e, para fazer sair todo o veneno, deixa sair todo o sangue, e assim deixa morrer essa pequena ninhada. Mas, vendo-os mortos, fere a si mesmo e, derramando seu sangue sobre eles, vivifica-os com uma vida nova e mais pura: seu amor os feriu e, logo, por esse mesmo amor, ele fere a si próprio. Jamais ferimos um coração com a ferida do amor sem que logo sejamos nós mesmos feridos. Quando a alma vê seu Deus ferido de amor por ela, recebe imediatamente uma ferida recíproca. "Feriste o meu coração", diz o celeste Amante à sua Sulamita (Ct 4, 9); e a Sulamita exclama: "Dizei ao meu Amado que estou ferida de amor" (Ct 5, 8). As abelhas nunca ferem sem que fiquem elas mesmas feridas de morte; e nós, vendo também o Salvador de nossas almas ferido de amor por nós até a morte, e morte de cruz (Fl 2, 8), como poderíamos não ser feridos por ele! Mas digo feridos de uma chaga tanto mais dolorosamente amorosa quanto a dele foi amorosamente dolorosa, e porque jamais podemos amá-lo tanto quanto o seu amor e a sua morte o exigem.

Há ainda outra ferida de amor: quando a alma sente bem que ama a Deus e, no entanto, Deus a trata como se não soubesse ser amado, ou como se desconfiasse de seu amor; pois então, meu caro Teótimo, a alma recebe angústias extremas, sendo-lhe insuportável ver e sentir a mera aparência de que Deus desconfia dela. O pobre São Pedro tinha e sentia o coração todo repleto de amor por seu Mestre, e Nosso Senhor, fingindo não sabê-lo: "Pedro", disse-lhe (Jo 21, 15), "amas-me mais do que estes?" "Ah, Senhor", responde o Apóstolo, "vós sabeis que eu vos amo." "Mas, Pedro, amas-me?", replica o Salvador. "Meu caro Mestre", diz o Apóstolo, "eu vos amo, certamente; vós o sabeis." E esse doce Mestre, para prová-lo e como que desconfiando de ser amado: "Pedro", diz ele, "amas-me?" Ah, Senhor, feris esse pobre coração, que, grandemente aflito, exclama amorosa mas dolorosamente: "Meu Mestre, vós sabeis todas as coisas, sabeis muito bem que eu vos amo." Certo dia faziam-se exorcismos sobre uma pessoa possessa e, sendo o espírito maligno instado a dizer qual era o seu nome, respondeu: "Eu sou aquele infeliz privado de amor." E logo Santa Catarina de Gênova, que ali estava presente, sentiu perturbarem-se e revolverem-se todas as suas entranhas, apenas por ter ouvido pronunciar a palavra "privação de amor". Pois, assim como os demônios odeiam tão fortemente o amor divino que tremem quando lhe veem o sinal ou lhe ouvem o nome, isto é, quando veem a Cruz e ouvem pronunciar o nome de Jesus, assim também aqueles que amam fortemente a Nosso Senhor estremecem de dor e de horror quando veem algum sinal ou ouvem alguma palavra que represente a privação desse santo amor.

São Pedro estava bem certo de que Nosso Senhor, sabendo tudo, não podia ignorar quanto era amado por ele; mas, porque a

repetição daquela pergunta — "Amas-me?" — tem a aparência de alguma desconfiança, São Pedro entristece-se grandemente com ela. Ai! aquela pobre alma que sente bem estar resolvida a morrer antes que ofender seu Deus, e que, no entanto, não sente um único fio de fervor, mas, ao contrário, uma frieza extrema que a mantém toda entorpecida, e tão fraca que a cada passo cai em imperfeições bem sensíveis — essa alma, digo eu, Teótimo, está toda ferida; pois seu amor sofre grandemente ao ver que Deus finge não ver quanto ela o ama, deixando-a como uma criatura que não lhe pertence. E parece-lhe que, em meio a seus defeitos, distrações e friezas, Nosso Senhor lhe dispara esta censura: "Como podes dizer que me amas, se a tua alma não está comigo?" — o que é para ela um dardo de dor atravessado no coração; mas um dardo de dor que procede do amor, pois, se não amasse, não se afligiria com o receio que tem de não amar.

Às vezes essa ferida de amor se faz pela simples lembrança de havermos outrora vivido sem amar a Deus: "Ó, quão tarde vos amei, Beleza antiga e nova!", dizia aquele Santo que fora herege durante trinta anos. A vida passada causa horror à vida presente daquele que passou a vida anterior sem amar a soberana Bondade.

O próprio amor nos fere às vezes pela simples consideração da multidão dos que desprezam o amor de Deus, a ponto de desfalecermos de aflição por esse motivo, como fazia aquele que dizia: "Meu zelo, ó Senhor, me fez secar de dor, porque meus inimigos não guardaram a tua lei" (Sl 118, 139). E o grande São Francisco, pensando não ser ouvido, chorava um dia, soluçava e se lamentava tão alto, que um homem de bem, ouvindo-o, acorreu como em socorro de alguém que estivessem degolando; e, vendo-o inteiramente só, perguntou-lhe: "Por que gritas assim, pobre

homem?" "Ai!", disse ele, "choro porque Nosso Senhor sofreu tanto por amor de nós, e ninguém pensa nisso!" E, ditas essas palavras, recomeçou suas lágrimas; e aquele homem de bem pôs-se também a gemer e a chorar com ele.

Mas, seja como for, isto é admirável nas feridas recebidas do divino amor: que a dor delas é agradável; e todos os que a sentem consentem nela e não trocariam essa dor por toda a doçura do universo. Não há dor em meio ao amor; ou, se há dor, é uma dor bem-amada. Um Serafim, tendo um dia uma flecha toda de ouro, de cuja ponta saía uma pequena chama, cravou-a no coração da bem-aventurada Madre Teresa; e, ao querer retirá-la, parecia àquela virgem que lhe arrancavam as entranhas, sendo a dor tão grande que já não lhe restava força nem para soltar fracos e pequenos gemidos; dor, contudo, tão amável, que ela teria querido jamais ver-se livre dela. Tal foi a seta de amor que Deus disparou no coração da grande Santa Catarina de Gênova no começo de sua conversão, pela qual ela ficou toda transformada e como que morta ao mundo e às coisas criadas, para não viver senão para o Criador. O Amado é um ramalhete de mirra amarga (Ct 1, 12), e esse ramalhete amargo é, reciprocamente, o Amado, que permanece carinhosamente colocado entre os seios da amada, isto é, o mais amado de todos os amados.

CAPÍTULO XV

Da languidez amorosa do coração ferido de dileção

É coisa bastante conhecida que o amor humano tem força não só para ferir o coração, mas para adoecer o corpo até a morte;

porquanto, assim como a paixão e o temperamento do corpo têm muito poder para inclinar a alma e arrastá-la consigo, também os afetos da alma têm grande força para mover os humores e mudar as qualidades do corpo. Mas, além disso, o amor, quando é veemente, leva tão impetuosamente a alma para dentro da coisa amada e a ocupa tão fortemente, que ela falha em todas as suas outras operações, tanto sensitivas quanto intelectuais; de sorte que, para nutrir esse amor e secundá-lo, parece que a alma abandona todo outro cuidado, todo outro exercício e até a si mesma. Por isso disse Platão que o amor é "pobre, esfarrapado, nu, descalço, mísero, sem casa, dormindo ao relento sobre o chão duro, às portas, sempre indigente". Ele é "pobre", porque faz deixar tudo pela coisa amada; é "sem casa", porque faz a alma sair de seu domicílio para seguir sempre aquele que é amado; é "mísero", pálido, magro e desfeito, porque faz perder o sono, a bebida e a comida; é "nu e descalço", porque faz deixar todos os outros afetos para tomar os da coisa amada; dorme "ao relento sobre o chão duro", porque faz permanecer a descoberto o coração que ama, levando-o a manifestar suas paixões por suspiros, queixas, louvores, suspeitas e ciúmes; jaz todo estendido como um mendigo "às portas", porque faz com que o amante esteja perpetuamente atento aos olhos e à boca daquilo que ama, e sempre agarrado aos seus ouvidos para lhe falar e mendigar favores dos quais nunca se sacia — ora, os olhos, os ouvidos e a boca são as portas da alma. E, enfim, é a sua própria vida ser "sempre indigente", pois, se uma vez ficar saciado, já não é ardente e, por consequência, já não é amor.

Certamente sei bem, Teótimo, que Platão falava assim do amor abjeto, vil e mesquinho dos mundanos; mas nem por isso

essas propriedades deixam de se encontrar no amor celeste e divino. Pois vede um pouco aqueles primeiros mestres da doutrina cristã, isto é, aqueles primeiros doutores do santo amor evangélico, e ouvi o que dizia um deles, o que mais trabalhos teve: "Até agora", diz ele (1Cor 4, 11), "temos fome e sede, e estamos nus, e somos esbofeteados, e andamos errantes; fomos reduzidos como que ao lixo deste mundo e à raspa e casca de todos." Como se dissesse: Somos de tal modo abjetos, que, se o mundo é um palácio, somos tidos por suas varreduras; se o mundo é uma maçã, somos a sua casca. Quem os havia reduzido, eu vos pergunto, a esse estado, senão o amor? Foi o amor que lançou São Francisco nu diante de seu bispo e o fez morrer nu sobre a terra; foi o amor que o fez mendigo por toda a vida; foi o amor que enviou o grande Francisco Xavier, pobre, indigente e esfarrapado, de um lado para outro pelas Índias e entre os japoneses; foi o amor que reduziu o grande cardeal São Carlos, arcebispo de Milão, a tão extrema pobreza, em meio a todas as riquezas que seu nascimento e sua dignidade lhe davam, que, como diz aquele eloquente orador da Itália, monsenhor Panigarola, ele era como um cão na casa de seu senhor: não comia senão um pouco de pão, não bebia senão um pouco de água e dormia sobre um pouco de palha.

Ouçamos, por favor, a santa Sulamita (Ct 1, 5), como exclama mais ou menos assim: Ainda que, em razão das mil consolações que meu amor me dá, eu seja mais bela que as ricas tendas de meu Salomão — quero dizer, mais bela que o Céu, que não é senão um pavilhão inanimado de sua majestade real, ao passo que eu sou o seu pavilhão animado —, sou contudo toda negra, esfarrapada, empoeirada e toda estragada por tantas feridas e golpes que esse mesmo amor me dá. Ah, não repareis em minha tez, pois sou de

fato morena, porquanto o meu Amado, que é o meu sol, cravou sobre mim os raios de seu amor: raios que iluminam com sua luz, mas que, com seu ardor, me deixaram queimada e escurecida, e que, tocando-me com seu esplendor, me tiraram a cor. A paixão amorosa me faz felicíssima, dando-me tal Esposo como é o meu Rei; mas essa mesma paixão, que me faz as vezes de mãe — pois só ela me casou, e não os meus méritos —, tem outros filhos que me dão assaltos e trabalhos sem par, reduzindo-me a tal languidez que, se de um lado me pareço com uma rainha que está ao lado de seu rei, de outro sou como uma vinhateira que, numa cabana miserável, guarda uma vinha, e uma vinha que nem sequer é sua.

Certamente, Teótimo, quando as feridas e chagas do amor são frequentes e fortes, elas nos põem em languidez e nos dão a bem amável doença de amor. Quem poderia jamais descrever as languidezes amorosas das santas Catarinas de Sena e de Gênova, ou de Santa Ângela de Foligno, ou de Santa Cristina, ou da bem-aventurada Madre Teresa, ou de São Bernardo, ou de São Francisco? E, quanto a este último, sua vida não foi outra coisa senão lágrimas, suspiros, queixas, languidezes, desfalecimentos e desmaios amorosos; mas nada há de tão admirável em tudo isso quanto aquela admirável comunicação que o doce Jesus lhe fez de suas amorosas e preciosas dores, pela impressão de suas chagas e estigmas. Teótimo, muitas vezes considerei essa maravilha, e formei sobre ela este pensamento. Aquele grande servo de Deus, homem todo seráfico, vendo a viva imagem de seu Salvador crucificado, estampada num Serafim luminoso que lhe apareceu no monte Alverne, enterneceu-se mais do que se poderia imaginar, tomado de uma consolação e de uma compaixão soberanas; pois, contemplando aquele belo espelho de amor que os Anjos jamais

se saciam de contemplar (1Pd 1, 12), ah! ele desfalecia de doçura e de contentamento. Mas, vendo também, por outro lado, a viva representação das chagas e feridas de seu Salvador crucificado, sentiu em sua alma aquela espada impiedosa que traspassou o sagrado peito da Virgem Mãe no dia da Paixão (Lc 2, 35), com tanta dor interior como se tivesse sido crucificado junto com seu caro Salvador. Ó Deus, Teótimo! Se a imagem de Abraão erguendo o golpe da morte sobre seu caro filho único para sacrificá-lo — imagem feita por um pintor mortal — teve, contudo, o poder de enternecer e fazer chorar o grande São Gregório, bispo de Nissa, todas as vezes que a contemplava, ah! quão extremo foi o enternecimento do grande São Francisco quando viu a imagem de Nosso Senhor sacrificando-se a si mesmo na cruz! Imagem que não uma mão mortal, mas a mão mestra de um Serafim celeste havia traçado e estampado a partir do seu próprio original, representando tão viva e naturalmente o divino Rei dos Anjos, golpeado, ferido, traspassado, esmagado, crucificado.

Essa alma, pois, assim amolecida, enternecida e quase toda derretida naquela amorosa dor, achou-se por esse meio extremamente disposta a receber as impressões e as marcas do amor e da dor de seu soberano Amante. Pois a memória estava toda embebida na lembrança daquele divino amor; a imaginação, fortemente aplicada a representar-se as feridas e contusões que os olhos então contemplavam tão perfeitamente expressas na imagem presente; o entendimento recebia as espécies infinitamente vivas que a imaginação lhe fornecia; e, enfim, o amor empregava todas as forças da vontade para comprazer-se e conformar-se à Paixão do Amado, de sorte que a alma sem dúvida

se via toda transformada num segundo Crucifixo. Ora, a alma, como forma e senhora do corpo, usando de seu poder sobre ele, imprimiu as dores das chagas de que estava ferida nos lugares correspondentes àqueles em que o seu Amante as havia padecido. O amor é admirável para aguçar a imaginação, a fim de que ela penetre até o exterior: as ovelhas de Labão, aquecidas de amor, tiveram a imaginação tão forte que ela agiu sobre os cordeirinhos de que estavam prenhes, tornando-os brancos ou malhados, conforme as varas que olhavam nos canais em que eram abeberadas (Gn 30, 38); e as mulheres grávidas, tendo a imaginação apurada pelo amor, imprimem o que desejam no corpo de seus filhos; uma imaginação poderosa embranquece um homem numa só noite, desregra a sua saúde e todos os seus humores.

O amor, pois, fez passar ao exterior os tormentos interiores desse grande amante, São Francisco, e feriu-lhe o corpo com o mesmo dardo de dor com que lhe havia ferido o coração. Mas abrir por fora as aberturas na carne, isso o amor, que estava dentro, não o podia propriamente fazer; por isso o ardente Serafim, vindo em socorro, disparou raios de uma claridade tão penetrante que produziu realmente na carne as chagas exteriores do Crucificado, que o amor havia impresso interiormente na alma. Assim o Serafim, vendo que Isaías não ousava atrever-se a falar, por sentir os lábios impuros, veio em nome de Deus tocar-lhe e purificar-lhe os lábios com uma brasa tomada do altar, secundando desse modo o desejo dele (Is 6, 5). A mirra produz a sua estacte, o primeiro licor, como que por meio de suor e transpiração; mas, para que lance de todo o seu suco, é preciso ajudá-la com a incisão. Do mesmo modo, o amor divino de São Francisco apareceu por toda

a sua vida como que em forma de suor, pois em todas as suas ações não respirava senão essa sagrada dileção; mas, para fazer aparecer inteiramente a sua incomparável abundância, o celeste Serafim veio incisá-lo e feri-lo; e, para que se soubesse que aquelas chagas eram chagas do amor do Céu, foram feitas não com o ferro, mas com raios de luz. Ó verdadeiro Deus, Teótimo, quantas dores amorosas e quantos amores dolorosos! Pois não somente então, mas por todo o resto de sua vida, aquele pobre Santo andou sempre arrastando-se e definhando, como quem está bem doente de amor.

O bem-aventurado Filipe Néri, com oitenta anos de idade, teve tal inflamação de coração pelo divino amor, que o calor, abrindo caminho entre as costelas, alargou-as fortemente e rompeu a quarta e a quinta, para que ele pudesse receber mais ar e refrescar-se. O bem-aventurado Estanislau Kostka, jovem de catorze anos, era tão fortemente assaltado pelo amor de seu Salvador, que muitas vezes caía em desfalecimento, todo desmaiado, e era obrigado a aplicar sobre o peito panos embebidos em água fria, para moderar a violência do ardor que sentia.

E, em suma, como pensais, Teótimo, que uma alma que uma vez provou um pouco, a seu contento, das consolações divinas possa viver neste mundo, misturado de tantas misérias, sem dor e languidez quase perpétuas? Muitas vezes se ouviu aquele grande homem de Deus, Francisco Xavier, lançando a voz ao Céu, quando julgava estar bem sozinho, falar assim: Ah, meu Senhor, não, por favor, não me acableis com tão grande afluência de consolações; ou, se por vossa infinita bondade vos apraz fazer-me abundar assim em delícias, levai-me então ao Paraíso; pois quem uma vez provou bem, no interior, a vossa doçura, forçoso lhe é

viver em amargura enquanto não goza de vós. Quando, pois, Deus deu um pouco largamente de suas divinas doçuras a uma alma e depois lhas retira, fere-a com essa privação; e ela, em seguida, fica definhando, suspirando com Davi:

Ai de mim! quando virá o dia
em que a doçura de um retorno
me livrará desta agonia? (Sl 41, 3)

E com o grande Apóstolo: Ó homem miserável que sou! quem me livrará do corpo desta mortalidade? (Rm 7, 24)

LIVRO

VII

Da união da alma com seu Deus, que se aperfeiçoa na oração

Capítulos I a XIV

CAPÍTULO I

Como o amor realiza a união da alma com Deus na oração

Não falamos aqui da união geral do coração com seu Deus, mas de certos atos e movimentos particulares que a alma recolhida em Deus realiza à maneira de oração, a fim de unir-se e ligar-se cada vez mais à sua divina Bondade. Pois há, sem dúvida, diferença entre unir e ligar uma coisa a outra e apertar ou comprimir uma coisa contra outra, ou sobre outra: porque, para ligar e unir, basta uma simples aplicação de uma coisa à outra, de modo que se toquem e fiquem juntas, assim como unimos as videiras aos olmos e os jasmins às treliças dos caramanchões que se fazem nos jardins; mas, para apertar e comprimir, é preciso uma aplicação forte, que acresça e aumente a união. De sorte que apertar é ligar íntima e fortemente, como vemos que a hera se prende às árvores; pois não somente se une a elas, mas se comprime e aperta com tal força que chega a penetrar e a entrar em suas cascas.

A comparação do amor das criancinhas por suas mães não deve ser abandonada, por causa de sua inocência e pureza. Vede, pois, essa bela criancinha a quem a mãe, sentada, oferece o seio: ela se lança com toda a força entre os braços dela, recolhendo e dobrando todo o seu pequeno corpo naquele regaço e sobre aquele peito amoroso. E vede, reciprocamente, a mãe: ao recebê-lo, ela o aperta e, por assim dizer, cola-o ao seu seio, e, beijando-o, junta sua boca à dele. Mas vede ainda esse pequenino, atraído pelas carícias maternas, como de sua parte coopera com essa união entre ele e a mãe; pois também se aperta e se comprime quanto pode,

por si mesmo, contra o peito e o rosto da mãe, e parece querer enterrar-se e esconder-se inteiro naquele seio agradável de onde foi tirado. Ora, então, Teótimo, a união é perfeita, e, embora seja uma só, não deixa de proceder da mãe e do filho; de tal modo, contudo, que depende toda da mãe, pois foi ela que atraiu a si a criança, foi ela a primeira a apertá-la entre os braços e a comprimi-la contra o peito, e as forças do pequenino não são tão grandes que lhe permitissem apertar-se e agarrar-se com tanta firmeza à mãe. Mas, ainda assim, esse pobre pequenino faz muito bem o que pode de sua parte, e se une com todas as suas forças ao seio materno, não somente consentindo na doce união que a mãe pratica, mas contribuindo para ela com seus fracos esforços, de todo o coração; e digo seus fracos esforços porque são tão débeis que se parecem antes com tentativas de união do que com uma união.

Assim, pois, Teótimo, Nosso Senhor, mostrando à alma devota o amabilíssimo seio de seu divino amor, atrai-a toda a si, recolhe-a e, por assim dizer, dobra todas as potências dela no regaço de sua ternura, mais que materna. Depois, ardendo de amor, aperta a alma, une-a, comprime-a e cola-a sobre seus lábios de suavidade e sobre seus deliciosos seios, beijando-a com o sagrado beijo de sua boca e fazendo-lhe saborear seus peitos melhores que o vinho (Ct 1, 1). Então a alma, seduzida pelas delícias desses favores, não somente consente e se entrega à união que Deus realiza, mas coopera com todo o seu poder, esforçando-se por unir-se e apertar-se cada vez mais à divina Bondade; de tal maneira, contudo, que reconhece muito bem que sua união e ligação com essa soberana doçura depende inteiramente da operação divina, sem a qual não poderia sequer fazer a menor tentativa deste mundo para unir-se a ela.

Quando se vê uma beleza requintada contemplada com grande ardor, ou uma excelente melodia escutada com grande atenção, ou um discurso raro ouvido com grande esforço de atenção, diz-se que aquela beleza mantém colados sobre si os olhos dos espectadores, que aquela música mantém presos os ouvidos e que aquele discurso arrebata os corações dos ouvintes. E que significa manter colados os olhos, manter presos os ouvidos e arrebatar os corações, senão unir e ligar bem apertadamente os sentidos e potências de que se fala aos seus objetos? A alma, portanto, aperta-se e comprime-se sobre o seu objeto quando se afeiçoa a ele com grande atenção; pois o apertar não é outra coisa senão o progresso e o avanço da união e da conjunção. Usamos até essa palavra, segundo a nossa língua, nas coisas morais: *ele me aperta para que eu faça isto ou aquilo, ele me aperta para que eu fique*; isto é, não emprega apenas sua persuasão ou seu pedido, mas o emprega com insistência e esforço, como fizeram os peregrinos de Emaús, que não somente suplicaram a Nosso Senhor, mas o pressionaram e o apertaram com força, constrangendo-o com uma amorosa violência a ficar em casa com eles (Lc 24, 29).

Ora, na oração, a união se faz muitas vezes à maneira de pequenos, mas frequentes, impulsos e avanços da alma em Deus. E, se prestardes atenção às criancinhas unidas e presas ao peito de suas mães, vereis que de tempos em tempos elas se comprimem e se apertam com pequenos ímpetos que o prazer de mamar lhes dá. Assim, na oração, o coração unido ao seu Deus faz muitas vezes certas renovações de união, por meio de movimentos com os quais se aperta e se comprime ainda mais em sua divina doçura. Como, por exemplo, a alma, tendo permanecido longamente no

sentimento de união pelo qual saboreia docemente quão feliz é por pertencer a Deus, acrescenta enfim essa união com um aperto e um ímpeto do coração: *Sim, Senhor*, dirá ela, *sou vossa, toda, toda, toda, sem exceção*; ou então: *Ah, Senhor, sou vossa, certamente, e quero sê-lo cada vez mais*; ou então, à maneira de prece: *Ó doce Jesus, atraí-me sempre mais adentro do vosso coração, para que o vosso amor me engula e eu fique inteiramente abismada em sua doçura.*

Mas, outras vezes, a união se faz não por ímpetos repetidos, e sim à maneira de uma contínua e imperceptível pressão e avanço do coração na divina Bondade. Pois, assim como vemos que uma grande e pesada massa de chumbo, de bronze ou de pedra, ainda que ninguém a empurre, se aperta, afunda e comprime de tal modo contra a terra sobre a qual está posta que, afinal, com o tempo, a encontramos toda enterrada — por causa da inclinação de seu peso, que, pela sua gravidade, sempre a faz tender para o centro —, assim também o nosso coração, uma vez unido ao seu Deus, se permanece nessa união e nada dela o desvia, vai continuamente afundando, por um imperceptível progresso de união, até estar todo em Deus, por causa da sagrada inclinação que o santo amor lhe dá de unir-se cada vez mais à soberana bondade. Pois, como diz o grande apóstolo da França, "o amor é uma virtude unitiva", isto é, que nos leva à perfeita união com o bem soberano. E, uma vez que é verdade indubitável que o divino amor, enquanto estamos neste mundo, é um movimento, ou ao menos um hábito ativo e tendente ao movimento, mesmo quando já chegou à simples união não deixa de agir, ainda que imperceptivelmente, para acrescê-la e aperfeiçoá-la cada vez mais.

Assim, as árvores que gostam de ser transplantadas, depois que o são, estendem suas raízes e se enfiam bem para dentro do seio da terra, que é seu elemento e seu alimento, sem que ninguém perceba isso enquanto acontece, mas somente quando está feito. E o coração humano, transplantado do mundo para Deus pelo celeste amor, se muito se exercita na oração, certamente se estenderá continuamente e se apertará à Divindade, unindo-se cada vez mais à sua bondade, mas por acréscimos imperceptíveis, cujo progresso não se percebe bem enquanto se faz, e sim quando está feito. Se bebeis algum licor requintado, por exemplo, a água imperial, a simples união dele convosco se fará à medida que o receberdes, pois nesse caso a recepção e a união são uma mesma coisa; mas, depois, pouco a pouco, essa união crescerá por um progresso imperceptivelmente sensível, pois a virtude dessa água, penetrando por toda parte, confortará o cérebro, revigorará o coração e estenderá sua força por todos os vossos espíritos. Assim também um sentimento de dileção, como, por exemplo, *Quão bom é Deus!*, uma vez entrado no coração, faz de imediato a união com essa bondade; mas, sendo mantido um pouco mais longamente, como um perfume precioso, penetra a alma por todos os lados, difunde-se e dilata-se em nossa vontade e, por assim dizer, incorpora-se ao nosso espírito, unindo-se e apertando-se a nós por toda parte, cada vez mais, e unindo-nos a si. E é isso que nos ensina o grande Davi quando compara as sagradas palavras ao mel (Sl 118, 103); pois quem não sabe que a doçura do mel se une cada vez mais ao nosso sentido, por um progresso contínuo de saboreamento, quando, mantendo-o longamente na boca ou engolindo-o bem devagar, o seu sabor penetra mais adentro o sentido do nosso gosto? E do mesmo modo esse sentimento da

bondade celeste, expresso por aquela palavra de São Bruno, *Ó Bondade!*, ou por aquela de São Tomé, *Meu Senhor e meu Deus* (Jo 20, 28), ou por aquela de Madalena, *Ah, meu Mestre!* (Jo 20, 16), ou por aquela de São Francisco, "Meu Deus e meu tudo!" — esse sentimento, digo eu, permanecendo um pouco mais longamente dentro de um coração amoroso, dilata-se, estende-se e afunda-se por uma íntima penetração no espírito, e cada vez mais o impregna todo do seu sabor, o que não é outra coisa senão acrescer a união; como faz o unguento precioso ou o bálsamo que, caindo sobre o algodão, se mistura e se une de tal modo, cada vez mais, pouco a pouco, com ele, que afinal já não se poderia dizer se o algodão está perfumado ou se é perfume, nem se o perfume é algodão ou o algodão é perfume. Oh, quão feliz é a alma que, na tranquilidade de seu coração, conserva amorosamente o sagrado sentimento da presença de Deus! Pois sua união com a divina Bondade crescerá perpetuamente, ainda que insensivelmente, e impregnará todo o seu espírito da infinita suavidade divina.

Ora, quando falo aqui do sagrado sentimento da presença de Deus, não entendo falar do sentimento sensível, mas daquele que reside no cimo e na suprema ponta do espírito, onde o divino amor reina e realiza seus principais exercícios.

CAPÍTULO II

Dos diversos graus da santa união que se faz na oração

A união se faz algumas vezes sem que cooperemos com ela, a não ser por um simples acompanhamento, deixando-nos unir sem resistência à divina Bondade; como uma criancinha enamorada do seio da mãe, mas de tal modo enfraquecida que não pode fazer

movimento algum para ir até ele nem para apertar-se quando ali está, e apenas se alegra de ser tomada e atraída para os braços da mãe e de ser comprimida por ela contra o peito. Outras vezes cooperamos, quando, sendo atraídos, corremos de bom grado (Ct 1, 3) para secundar a doce força da bondade que nos atrai e nos aperta a si por seu amor.

Algumas vezes nos parece que começamos a unir-nos e a apertar-nos a Deus antes que ele se una a nós, porque sentimos a ação da união de nossa parte sem sentir a que se faz da parte de Deus; o qual, no entanto, sem dúvida sempre nos previne, ainda que nem sempre sintamos essa prevenção, pois, se ele não se unisse a nós, jamais nos uniríamos a ele: é ele que nos escolhe e nos toma sempre antes que nós o escolhamos ou o tomemos. Mas, quando, seguindo seus atrativos imperceptíveis, começamos a unir-nos a ele, algumas vezes ele faz progredir a nossa união, socorrendo a nossa fraqueza e apertando-se sensivelmente ele mesmo a nós; de sorte que o sentimos entrar e penetrar o nosso coração com uma suavidade incomparável. E algumas vezes também, assim como nos atraiu insensivelmente à união, continua insensivelmente a nos ajudar e a nos socorrer, e não sabemos como se faz uma união tão grande, mas bem sabemos que as nossas forças não são bastante grandes para fazê-la: de modo que por aí julgamos com acerto que algum poder secreto realiza em nós a sua ação insensível. Como os navegantes que transportam ferro: quando, sob um vento muito fraco, sentem suas embarcações singrar poderosamente, reconhecem que estão próximos das montanhas de ímã, que os atraem imperceptivelmente, e veem assim um avanço conhecível e perceptível proveniente de um meio desconhecido e imperceptível. Pois assim também, quando vemos

o nosso espírito unir-se cada vez mais a Deus sob os pequenos esforços que a nossa vontade faz, bem julgamos que temos vento demasiado escasso para singrar com tal força, e que é preciso que o Amante de nossas almas nos atraia pela influência secreta de sua graça, a qual ele quer que nos seja imperceptível a fim de que nos seja mais admirável e para que, sem nos determos a sentir seus atrativos, nos ocupemos mais pura e simplesmente em unir-nos à sua bondade.

Algumas vezes essa união se faz tão insensivelmente que o nosso coração não sente nem a operação divina em nós nem a nossa cooperação, mas encontra a união sozinha, insensivelmente já feita, à imitação de Jacó, que, sem pensar nisso, se viu casado com Lia; ou antes, como um outro Sansão, porém mais feliz, o coração se encontra ligado e apertado pelas cordas da santa união sem que disso nos tenhamos apercebido. Outras vezes sentimos os apertos, fazendo-se a união por ações sensíveis, tanto da parte de Deus quanto da nossa.

Algumas vezes a união se faz pela só vontade e na só vontade, e outras vezes o entendimento tem nela a sua parte, porque a vontade o atrai atrás de si e o aplica ao seu objeto, dando-lhe um prazer especial de estar fixo a contemplá-lo; assim como vemos que o amor difunde uma profunda e especial atenção em nossos olhos corporais, para fixá-los na visão daquilo que amamos.

Algumas vezes essa união se faz com todas as faculdades da alma, que se reúnem todas em torno da vontade, não para unirem-se elas mesmas a Deus, pois nem todas são capazes disso, mas para dar mais facilidade à vontade de realizar a sua união; pois, se as outras faculdades estivessem aplicadas cada uma ao seu objeto próprio, a alma, operando por meio delas, não poderia empregar-

se tão perfeitamente na ação pela qual se faz a união com Deus. Tal é a variedade das uniões.

Vede São Marcial (pois foi ele, segundo se diz, a bem-aventurada criança de que fala São Marcos [Mc 9, 35]): Nosso Senhor o tomou, ergueu-o e o manteve por bastante tempo entre os braços. Ó belo pequeno Marcial, quão feliz sois por serdes agarrado, tomado, carregado, unido, ligado e apertado sobre o peito celeste do Salvador e beijado por sua boca sagrada, sem que colaboreis nisso senão não fazendo resistência a receber tais carícias divinas! Ao contrário, São Simeão abraça e aperta Nosso Senhor sobre o seu peito (Lc 2, 28), sem que Nosso Senhor dê qualquer sinal de cooperar com essa união, ainda que, como canta a Santíssima Igreja, "o velho carregava o Menino, mas o Menino governava o velho". São Boaventura, tocado por uma santa humildade, não somente não se unia a Nosso Senhor, mas se retirava de sua presença real, isto é, do santíssimo Sacramento da Eucaristia, quando um dia, ouvindo missa, Nosso Senhor veio unir-se a ele, trazendo-lhe o seu divino Sacramento. Ora, feita essa união, ah, Deus, Teótimo, pensai com que amor essa santa alma apertou seu Salvador contra o coração! Ao contrário, Santa Catarina de Sena, desejando ardentemente Nosso Senhor na Santa Comunhão, impelindo e lançando sua alma e seu afeto na direção dele, ele veio unir-se a ela, entrando em sua boca com mil bênçãos. Assim, Nosso Senhor começou a união com São Boaventura, e Santa Catarina pareceu começar aquela que teve com seu Salvador.

A sagrada amante do Cântico fala como quem praticou uma e outra espécie de união: *Sou toda do meu Amado*, diz ela (Ct 7, 10), *e o seu voltar-se é para mim*; pois é como se dissesse: Uni-me

ao meu caro Amigo, e reciprocamente ele se volta para mim para, unindo-se cada vez mais a mim, tornar-se também todo meu. *Meu caro Amigo é para mim um ramalhete de mirra: ficará entre os meus seios* (Ct 1, 12), e eu o apertarei contra o peito como um ramalhete de suavidade. *Minha alma*, diz Davi (Sl 62, 9), *apegou-se a vós, ó meu Deus, e a vossa mão direita me segurou e me tomou*. Mas em outra parte ela confessa ter sido prevenida, dizendo: *Meu caro Amigo é todo meu, e eu sou toda sua* (Ct 2, 16); fazemos uma santa união, pela qual ele se une a mim e eu me uno a ele. E, para mostrar que sempre toda a união se faz pela graça de Deus, que nos atrai a si e por seus atrativos move a nossa alma e anima o movimento de nossa união para com ele, ela exclama (Ct 1, 3), como se fosse toda impotente: *Atraí-me*; mas, para testemunhar que não se deixará arrastar como uma pedra ou como um forçado, e sim que cooperará de sua parte e misturará seu fraco movimento aos poderosos atrativos de seu Amante: *correremos*, diz ela, *ao odor de vossos perfumes*. E, para que se saiba que, se ela é atraída um pouco fortemente pela vontade, todas as potências da alma se lançarão à união: *Atraí-me*, diz ela, *e correremos*. O Esposo atrai uma só, e muitas correm à união: a vontade é a única que Deus quer, mas todas as outras potências correm atrás dela para serem unidas a Deus com ela.

A essa união o divino Pastor das almas convidava sua querida Sulamita: *Ponde-me*, dizia ele (Ct 8, 6), *como um selo sobre o vosso coração, como um sinete sobre o vosso braço*. Para bem imprimir um sinete na cera, não basta encostá-lo, é preciso apertá-lo bem forte; assim ele quer que nos unamos a ele com uma união tão forte e apertada que fiquemos marcados com os seus traços.

O santo amor do Salvador nos aperta (2Cor 5, 14). Ó Deus, que exemplo de união excelente! Ele se unira à nossa natureza humana pela graça, como uma videira ao seu olmo, para torná-la de algum modo participante de seu fruto; mas, vendo que essa união se desfizera pelo pecado de Adão, fez uma união mais estreita e mais apertada na Encarnação, pela qual a natureza humana permanece para sempre unida em unidade de pessoa à Divindade; e, a fim de que não somente a natureza humana, mas todos os homens pudessem unir-se intimamente à sua bondade, instituiu o Sacramento da santíssima Eucaristia, do qual cada um pode participar para unir a si mesmo o seu Salvador, realmente e à maneira de alimento. Teótimo, essa união sacramental nos solicita e nos ajuda àquela união espiritual de que falamos.

CAPÍTULO III

Do supremo grau de união, pela suspensão e pelo arrebatamento

Quer, pois, a união de nossa alma com Deus se faça imperceptivelmente, quer se faça perceptivelmente, Deus é sempre o seu autor, e ninguém pode unir-se a ele se não for a ele, nem ninguém pode ir a ele se não for por ele atraído, como testemunha o divino Esposo, dizendo (Jo 6, 44): *Ninguém pode vir a mim se meu Pai não o atrair*; o que também a sua celeste Esposa declara, dizendo (Ct 1, 3): *Atraí-me, correremos ao odor de vossos perfumes*.

Ora, a perfeição dessa união consiste em dois pontos: que ela seja pura e que seja forte. Não posso eu aproximar-me de uma pessoa para falar-lhe, para vê-la melhor, para dela obter alguma

coisa, para sentir os perfumes que ela traz, para apoiar-me nela? E então, na verdade, aproximo-me dela e uno-me a ela, mas a aproximação e a união não são a minha principal pretensão; sirvo-me delas apenas como de um meio e de uma disposição para obter outra coisa. Mas, se me aproximo dela e me uno a ela sem nenhum outro fim senão o de estar perto dela e gozar dessa proximidade e união, então é uma aproximação de união pura e simples.

Assim, muitos se aproximam de Nosso Senhor: uns para ouvi-lo, como Madalena; outros para serem curados, como a hemorroíssa; outros para adorá-lo, como os Magos; outros para servi-lo, como Marta; outros para vencer sua incredulidade, como São Tomé; outros para perfumá-lo, como Madalena, José e Nicodemos; mas a sua divina Sulamita o procura para encontrá-lo, e, tendo-o encontrado, não quer outra coisa senão tê-lo bem apertado, e, tendo-o, não o deixar jamais: *Eu o tenho*, diz ela (Ct 3, 4), *e não o abandonarei*. Jacó, diz São Bernardo, tendo Deus bem apertado, consente em deixá-lo, contanto que receba a sua bênção (Gn 32, 26); mas a Sulamita não o deixará, qualquer bênção que ele lhe dê, pois ela não quer as bênçãos de Deus, quer o Deus das bênçãos, dizendo com Davi (Sl 72, 25): *Que há para mim no Céu, e que quero eu sobre a terra senão a vós? Vós sois o Deus do meu coração e a minha herança por toda a eternidade*. Assim esteve a gloriosa Mãe junto à cruz de seu Filho (Jo 19, 25). Ah, que buscais vós, ó Mãe da vida, neste monte Calvário e neste lugar de morte? Busco — teria ela dito — o meu Filho, que é a vida da minha vida. E por que o buscais? Para estar junto dele. Mas agora ele está entre as tristezas da morte (Sl 17, 5; 114, 3). Ah, não são as alegrias que eu busco, é ele mesmo; e em tudo o meu coração

amoroso me faz buscar estar unida a esse amável Filho, meu caro Bem-Amado. Em suma, a pretensão da alma nessa união não é outra senão estar com o seu Amante.

Mas, quando a união da alma com Deus é grandemente estreita e apertada, ela é chamada pelos teólogos *inesão* ou *adesão*, porque por ela a alma fica presa, atada, colada e pregada à divina Majestade, de sorte que dificilmente pode desprender-se e retirar-se. Vede, peço-vos, esse homem tomado e preso pela atenção à suavidade de uma música harmoniosa, ou então (o que é extravagante) à tolice de um jogo de cartas: quereis afastá-lo dali e não podeis; por mais negócios que tenha em casa, não se consegue arrancá-lo; chega até a perder a bebida e a comida. Ó Deus, Teótimo, quanto mais deve estar presa e apertada a alma que ama o seu Deus, quando está unida à divindade da infinita Doçura e é tomada e inflamada por esse objeto de incomparáveis perfeições! Tal foi a alma do grande vaso de eleição (At 9, 15), que exclamava (Gl 2, 19): *Para que eu viva para Deus, estou pregado na cruz com Jesus Cristo*; e também declara (Rm 8, 38) que nada, nem mesmo a morte, o pode separar de seu Mestre. E esse efeito do amor foi igualmente praticado entre Davi e Jônatas, pois está escrito (1Sm 18, 1) que a alma de Jônatas ficou colada à de Davi. É também um axioma celebrado pelos antigos Padres que a amizade que pode acabar nunca foi verdadeira amizade, como já disse em outro lugar (Introdução à Vida Devota, III, 22).

Vede, peço-vos, Teótimo, essa criancinha agarrada ao peito e ao pescoço de sua mãe: se a querem arrancar dali para levá-la ao berço, porque já é hora, ela regateia e discute quanto pode para não deixar aquele seio tão amoroso; se a fazem soltar-se com uma das mãos, agarra-se com a outra, e, se a tiram de todo, põe-se a

chorar e, mantendo o coração e os olhos onde já não pode manter o corpo, vai reclamando por sua querida mãe, até que, à força de embalá-la, a tenham adormecido. Assim a alma que, pelo exercício da união, chegou a ficar presa e agarrada à divina Bondade, dali quase não pode ser tirada senão à força e com muita dor; não se consegue fazê-la soltar-se: se lhe desviam a imaginação, ela não deixa de manter-se presa pelo entendimento; se lhe arrancam o entendimento, mantém-se agarrada pela vontade; e, se ainda a fazem abandonar a vontade por alguma distração violenta, ela se volta de momento em momento para o lado do seu caro objeto, do qual não pode desprender-se inteiramente, atando de novo, quanto pode, os doces laços de sua união com ele, por meio de frequentes retornos que faz como que às escondidas — experimentando nisso a pena de São Paulo (Fl 1, 23), pois é apertada por dois desejos: o de ser libertada de toda ocupação exterior para permanecer em seu interior com Jesus Cristo, e o de ir, contudo, à obra da obediência, que a própria união com Jesus Cristo lhe ensina ser necessária.

Ora, a bem-aventurada Madre Teresa diz excelentemente que a união, tendo chegado àquela perfeição de nos manter presos e agarrados a Nosso Senhor, não difere em nada do arrebatamento, suspensão ou suspensão do espírito; mas que se chama apenas união, ou suspensão, quando é breve, e, quando é longa, se chama êxtase ou arrebatamento. Com efeito, a alma agarrada ao seu Deus tão firmemente e tão apertada que dele não possa ser facilmente desprendida já não está em si mesma, mas em Deus; assim como um corpo crucificado já não está em si mesmo, mas na cruz, e a hera presa à muralha já não está em si, mas na muralha. Mas, a fim de evitar todo equívoco, sabei, Teótimo, que a caridade é um laço,

e um laço de perfeição (Cl 3, 14); e quem tem mais caridade está mais estreitamente unido e ligado a Deus. Ora, não falamos daquela união que é permanente em nós à maneira de hábito, quer durmamos, quer estejamos acordados: falamos da união que se faz pela ação e que é um dos exercícios da caridade e da dileção. Imaginai, pois, que São Paulo, São Dionísio, Santo Agostinho, São Bernardo, São Francisco, Santa Catarina de Gênova ou de Sena estivessem ainda neste mundo, e que dormissem de cansaço depois de muitos trabalhos empreendidos pelo amor de Deus; representai-vos, por outro lado, alguma boa alma, mas não tão santa quanto eles, que estivesse ao mesmo tempo na oração de união: pergunto-vos, meu caro Teótimo, quem está mais unido, mais apertado, mais agarrado a Deus — esses grandes Santos que dormem ou essa alma que ora? Certamente são esses admiráveis amantes; pois têm mais caridade, e seus afetos, ainda que de certo modo adormecidos, estão de tal maneira empenhados e presos ao seu Mestre que dele são inseparáveis. Mas, direis vós, como pode ser que uma alma que está na oração de união, e mesmo até o êxtase, esteja menos unida a Deus do que aqueles que dormem, por mais santos que sejam? Eis o que vos digo, Teótimo: aquela está mais adiantada no exercício da união, e estes estão mais adiantados na união; estes estão unidos e não se unem, uma vez que dormem, e aquela se une, estando no exercício e na prática atual da união.

De resto, esse exercício da união com Deus pode mesmo praticar-se por breves e passageiros, mas frequentes, ímpetos de nosso coração para Deus, à maneira de orações jaculatórias feitas com essa intenção: Ah, Jesus, quem me dará a graça de ser um só espírito convosco! Enfim, Senhor, rejeitando a multiplicidade das

criaturas, não quero senão a vossa unidade! Ó Deus, vós sois o único um e a única unidade necessária à minha alma (Lc 10, 42)! Ai, caro Amigo do meu coração, uni a minha pobre e única alma à vossa unicíssima bondade. Ah, vós sois todo meu; quando serei eu todo vosso? O ímã atrai o ferro e o aperta a si: ó Senhor Jesus, meu Amante, sede o meu ímã de corações; apertai, comprimi e uni para sempre o meu espírito ao vosso peito paterno! Ah, já que fui feito para vós, por que não estou em vós? Abismai esta gota de espírito que me destes no mar da vossa bondade, de onde ela procede. Ah, Senhor, já que o vosso coração me ama, por que não me arrebata a si, uma vez que eu bem o quero? Atraí-me, e correrei seguindo os vossos atrativos (Ct 1, 3), para lançar-me entre os vossos braços paternos e nunca mais dali sair, pelos séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO IV

Do arrebatamento e da primeira espécie dele

O êxtase chama-se arrebatamento porque, por ele, Deus nos atrai e nos eleva a si; e o arrebatamento chama-se êxtase enquanto, por ele, saímos e permanecemos fora e acima de nós mesmos para unir-nos a Deus. E, embora os atrativos pelos quais somos atraídos da parte de Deus sejam admiravelmente doces, suaves e deliciosos, ainda assim, por causa da força que a beleza e a bondade divinas têm para atrair a si a atenção e a aplicação do espírito, parece que ela não somente nos eleva, mas que nos arrebata e nos leva consigo; como, ao contrário, em razão do consentimento tão voluntário e do ardente movimento pelo qual a alma arrebatada se derrama atrás dos atrativos divinos, parece que ela não somente sobe e se

eleva, mas que se lança e se arroja fora de si na própria Divindade. E o mesmo acontece naquele infamíssimo êxtase, ou abominável arrebatamento, que sobrevém à alma quando, pelas iscas dos prazeres brutais, ela é posta fora de sua própria dignidade espiritual e abaixo de sua condição natural. Pois, enquanto voluntariamente segue essa infeliz volúpia e se precipita fora de si mesma, isto é, fora do estado espiritual, diz-se que está em êxtase sensual; mas, enquanto os engodos e atrativos sensuais a arrastam poderosamente e, por assim dizer, a puxam para essa baixa e vil condição, diz-se que ela é arrebatada e levada para fora de si mesma, porque essas volúpias bestiais a destituem do uso da razão e da inteligência com uma violência tão furiosa que, como diz um dos maiores filósofos, o homem, nesse acidente, parece ter caído em epilepsia, de tal modo o espírito fica absorvido e como que perdido. Ó homens, até quando (Sl 4, 3) sereis tão insensatos a ponto de querer rebaixar a vossa dignidade natural, descendo voluntariamente e precipitando-vos na condição dos animais brutos?

Mas, meu caro Teótimo, quanto aos êxtases sagrados, eles são de três espécies: um é do entendimento, outro do afeto, e o terceiro da ação; um está no esplendor, outro no fervor, e o terceiro na obra; um se faz pela admiração, outro pela devoção, e o terceiro pela operação. A admiração se produz em nós pelo encontro de uma verdade nova que não conhecíamos nem esperávamos conhecer; e, se à verdade nova que encontramos estão unidas a beleza e a bondade, a admiração que daí provém é grandemente deliciosa. Assim a rainha de Sabá, encontrando em Salomão mais verdadeira sabedoria do que havia pensado, ficou toda cheia de admiração (1Rs 10, 5); e os judeus, vendo em nosso

Salvador uma ciência que jamais teriam acreditado, foram surpreendidos por uma grande admiração (Mt 13, 54). Quando, pois, apraz à divina Bondade dar ao nosso entendimento alguma claridade especial, por meio da qual ele venha a contemplar os mistérios divinos com uma contemplação extraordinária e muito elevada, então, vendo neles mais beleza do que pudera imaginar, entra em admiração.

Ora, a admiração das coisas agradáveis prende e cola fortemente o espírito à coisa admirada, tanto em razão da excelência da beleza que ela lhe descobre quanto em razão da novidade dessa excelência; pois o entendimento não consegue saciar-se de ver aquilo que ainda não viu e que é tão agradável de ver. E algumas vezes, além disso, Deus dá à alma uma luz não somente clara, mas crescente como a aurora do dia; e então, como aqueles que encontraram uma mina de ouro escavam sempre mais fundo para achar sempre mais desse tão desejado metal, assim o entendimento vai afundando cada vez mais na consideração e na admiração de seu divino objeto. Pois, nem mais nem menos como a admiração deu origem à filosofia e à atenta pesquisa das coisas naturais, também ela deu origem à contemplação e à teologia mística. E, visto que essa admiração, quando é forte, nos mantém fora e acima de nós mesmos pela viva atenção e aplicação de nosso entendimento às coisas celestes, ela por consequência nos conduz ao êxtase.

CAPÍTULO V

Da segunda espécie de arrebatamento

Deus atrai os espíritos a si por sua soberana beleza e incompreensível bondade: excelências que, ambas, não são contudo senão uma suprema Divindade, unicamente bela e boa ao mesmo tempo. Tudo se faz pelo bom e pelo belo; todas as coisas olham para ele, são movidas e contidas por ele e por amor dele; o bom e o belo é desejável, amável e digno de estima para todos; por ele todas as coisas fazem e querem tudo o que operam e querem. E, quanto ao belo, porque atrai e chama a si todas as coisas, os gregos o designam por um nome tirado de uma palavra que significa chamar. Do mesmo modo, quanto ao bem, sua verdadeira imagem é a luz, sobretudo naquilo em que a luz recolhe, reconduz e converte a si tudo o que existe (por isso o sol, entre os gregos, é nomeado por uma palavra que mostra que ele faz com que todas as coisas sejam reunidas e apertadas, congregando as dispersas, assim como a bondade converte a si todas as coisas), sendo ele não somente a soberana unidade, mas soberanamente unificante, visto que todas as coisas o desejam como seu princípio, sua conservação e seu último fim. De sorte que, em suma, o bom e o belo não são senão uma mesma coisa, visto que todas as coisas apetecem o belo e o bom.

Este discurso, Teótimo, é quase todo composto das palavras do divino São Dionísio Areopagita; e é verdade, certamente, que o sol, fonte da luz corporal, é a verdadeira imagem do bom e do belo, pois, entre as criaturas puramente corporais, não há bondade nem beleza igual à do sol. Ora, a beleza e a bondade do sol consistem

em sua luz, sem a qual nada seria belo e nada seria bom neste mundo corporal: ela ilumina tudo enquanto bela, aquece e vivifica tudo enquanto boa. Enquanto é bela e clara, atrai todos os olhos que veem no mundo; enquanto é boa e aquece, atrai a si todos os apetites e todas as inclinações do mundo corporal, pois ela atrai e eleva as exalações e os vapores, atrai e faz sair as plantas e os animais de suas origens, e não se realiza geração alguma para a qual o calor vital desse grande luminar não contribua. Assim Deus, Pai de toda luz (Tg 1, 17), soberanamente bom e belo, por sua beleza atrai o nosso entendimento a contemplá-lo, e por sua bondade atrai a nossa vontade a amá-lo. Como belo, enchendo o nosso entendimento de delícias, difunde o seu amor em nossa vontade; como bom, enchendo a nossa vontade de seu amor, excita o nosso entendimento a contemplá-lo — o amor provocando-nos à contemplação, e a contemplação, ao amor. Donde se segue que o êxtase e o arrebatamento dependem totalmente do amor, pois é o amor que leva o entendimento à contemplação e a vontade à união. De maneira que, enfim, é preciso concluir com o grande São Dionísio que "o amor divino é extático, não permitindo que os amantes pertençam a si mesmos, e sim à coisa amada"; razão pela qual aquele admirável apóstolo São Paulo, estando na posse desse divino amor e feito participante de sua força extática, com uma boca divinamente inspirada disse (Gl 2, 20): *Vivo eu, não mais eu, mas Jesus Cristo vive em mim*; assim, como um verdadeiro apaixonado saído de si mesmo em Deus, ele já não vivia a sua própria vida, mas a vida de seu Bem-Amado, como soberanamente amável.

Ora, esse arrebatamento de amor se faz sobre a vontade desta maneira: Deus a toca com aqueles atrativos de suavidade, e então,

como uma agulha tocada pelo ímã se volta e se move para o polo, esquecendo-se de sua condição insensível, assim a vontade, atingida pelo amor celeste, se lança e se leva a Deus, abandonando todas as suas inclinações terrenas, entrando por esse meio em um arrebatamento não de conhecimento, mas de fruição; não de admiração, mas de afeto; não de ciência, mas de experiência; não de vista, mas de gosto e saboreamento. É verdade que, como já indiquei, o entendimento entra algumas vezes em admiração ao ver a sagrada delícia que a vontade tem em seu êxtase, assim como a vontade recebe muitas vezes deleite ao perceber o entendimento em admiração; de sorte que essas duas faculdades se comunicam mutuamente os seus arrebatamentos: o olhar da beleza fazendo-nos amá-la, e o amor fazendo-nos olhá-la. Raramente somos aquecidos pelos raios do sol sem que por eles sejamos iluminados, nem iluminados sem que por eles sejamos aquecidos; o amor faz facilmente admirar, e a admiração faz facilmente amar.

Contudo, os dois êxtases, o do entendimento e o da vontade, não se pertencem um ao outro de tal modo que um não possa muitas vezes existir sem o outro; pois, assim como os filósofos tiveram mais conhecimento do que amor do Criador, também os bons cristãos têm muitas vezes mais amor do que conhecimento. E, por consequência, o excesso do conhecimento nem sempre é seguido pelo do amor, assim como o excesso do amor nem sempre é acompanhado pelo do conhecimento, como observei em outro lugar (Tratado do Amor de Deus, livro VI, cap. 4). Ora, o êxtase da admiração, estando sozinho, não nos torna melhores, conforme o que diz aquele que fora arrebatado em êxtase até o terceiro céu (2Cor 12, 2): *Se eu conhecesse*, diz ele (1Cor 13, 2), *todos os mistérios e toda a ciência, e não tivesse a caridade, nada*

sou. E, portanto, o espírito maligno pode extasiar, se assim é lícito falar, e arrebatar o entendimento, apresentando-lhe intelecções maravilhosas que o mantêm elevado e suspenso acima de suas forças naturais, e por tais claridades pode ainda dar à vontade alguma espécie de amor vão, mole, terno e imperfeito, à maneira de complacência, satisfação e consolação sensível; mas dar o verdadeiro êxtase da vontade, pelo qual ela se prende única e poderosamente à Bondade divina, isso pertence somente àquele Espírito soberano por quem a caridade de Deus é derramada em nossos corações (Rm 5, 5).

CAPÍTULO VI

Dos sinais do bom arrebatamento e da terceira espécie dele

De fato, Teótimo, viram-se em nossa época várias pessoas que criam elas mesmas, e todos com elas, que eram muito frequentemente arrebatadas divinamente em êxtase; e afinal, contudo, descobria-se que não passavam de ilusões e divertimentos diabólicos. Certo sacerdote do tempo de Santo Agostinho punha-se em êxtase sempre que queria, cantando ou mandando cantar certas melodias lúgubres e lamentosas, e isso apenas para satisfazer a curiosidade dos que desejavam ver tal espetáculo. Mas o admirável é que o seu êxtase ia tão longe que ele nem sequer sentia quando lhe aplicavam fogo, senão depois de haver voltado a si; e, no entanto, se alguém falava um pouco alto e em voz clara, ele o ouvia como de longe, e não tinha respiração alguma (A Cidade de Deus, XIV, 24). Os próprios filósofos reconheceram certas espécies de êxtases naturais, produzidos pela veemente aplicação do espírito à consideração das coisas mais

elevadas. Por isso não é de espantar que o espírito maligno, para bancar o macaco, enganar as almas, escandalizar os fracos e transformar-se em espírito de luz (2Cor 11, 14), opere arrebatamentos em algumas almas pouco solidamente instruídas na verdadeira piedade.

Para que, pois, se possam discernir os êxtases divinos dos humanos e dos diabólicos, os servos de Deus deixaram muitos ensinamentos; quanto a mim, porém, bastar-me-á, para o meu propósito, propor-vos dois sinais do bom e santo êxtase. O primeiro é que o êxtase sagrado nunca se prende nem se apega tanto ao entendimento quanto à vontade, a qual ele comove, aquece e enche de um poderoso afeto para com Deus; de modo que, se o êxtase é mais belo do que bom, mais luminoso do que caloroso, mais especulativo do que afetivo, ele é grandemente duvidoso e digno de suspeita. Não digo que não se possam ter arrebatamentos e visões, mesmo proféticas, sem ter a caridade (1Cor 13, 4); pois bem sei que, assim como se pode ter a caridade sem ser arrebatado e sem profetizar, também se pode ser arrebatado e profetizar sem ter a caridade. Mas digo que aquele que, em seu arrebatamento, tem mais claridade no entendimento para admirar a Deus do que calor na vontade para amá-lo deve estar de sobreaviso, pois há perigo de que esse êxtase seja falso e torne o espírito mais inchado do que edificado, colocando-o de fato, como Saul (1Sm 10, 11), Balaão (Nm 22) e Caifás (Jo 11, 51), entre os profetas, mas deixando-o, contudo, entre os réprobos.

O segundo sinal dos verdadeiros êxtases consiste na terceira espécie de êxtase que assinalamos acima (Tratado do Amor de Deus, livro VI, cap. 4): êxtase todo santo, todo amável, e que coroa os outros dois; e é o êxtase da obra e da vida. A inteira observância

dos mandamentos de Deus não está dentro do recinto das forças humanas, mas está, contudo, dentro dos confins do instinto do espírito humano, por serem eles muito conformes à razão e à luz natural; de sorte que, vivendo segundo os mandamentos de Deus, não estamos por isso fora da nossa inclinação natural. Mas, além dos mandamentos divinos, há inspirações celestes, para cuja execução é preciso não somente que Deus nos eleve acima das nossas forças, mas também que nos atraia acima dos instintos e das inclinações de nossa natureza; porquanto, ainda que essas inspirações não sejam contrárias à razão humana, todavia a excedem, a superam e estão acima dela. De sorte que então já não vivemos somente uma vida civil, honesta e cristã, mas uma vida sobre-humana, espiritual, devota e extática, isto é, uma vida que está, de todo modo, fora e acima da nossa condição natural.

Não roubar, não mentir, não cometer luxúria, orar a Deus, não jurar em vão, amar e honrar o pai, não matar: isso é viver segundo a razão natural do homem. Mas deixar todos os nossos bens, amar a pobreza, chamá-la e tê-la na qualidade de deliciosíssima senhora, ter os opróbrios, os desprezos, as abjeções, as perseguições e os martírios por felicidades e bem-aventuranças, conter-se nos limites de uma castidade absolutíssima e, enfim, viver em meio ao mundo e nesta vida mortal contra todas as opiniões e máximas do mundo e contra a correnteza do rio desta vida, por meio de contínuas resignações, renúncias e abnegações de nós mesmos, isso não é viver humanamente, mas sobre-humanamente; não é viver em nós, mas fora de nós e acima de nós. E, porque ninguém pode sair dessa maneira acima de si mesmo se o Pai eterno não o atrair (Jo 6, 44), essa espécie de vida há de ser, por isso mesmo, um

arrebatamento contínuo e um êxtase perpétuo de ação e de operação.

Estais mortos, dizia o grande Apóstolo aos colossenses, *e a vossa vida está escondida com Jesus Cristo em Deus* (Cl 3, 3). A morte faz que a alma já não viva em seu corpo nem dentro do recinto dele. Que quer dizer, pois, Teótimo, esta palavra do Apóstolo: *Estais mortos*? É como se dissesse: Já não viveis em vós mesmos nem dentro do recinto da vossa própria condição natural; a vossa alma já não vive segundo ela mesma, mas acima de si mesma. A fênix é fênix nisto: que aniquila a própria vida ao favor dos raios do sol (Plínio, História Natural, X, 2) para ter outra mais doce e vigorosa, escondendo, por assim dizer, a sua vida sob as cinzas. Os bichos-da-seda mudam de ser, e de vermes se fazem borboletas; as abelhas nascem vermes, depois se tornam ninfas, andando sobre os pés, e enfim se tornam moscas voadoras. O mesmo fazemos nós, Teótimo, se somos espirituais; pois deixamos a nossa vida humana para viver de uma outra vida mais eminente, acima de nós mesmos, escondendo toda essa vida nova em Deus com Jesus Cristo, que é o único que a vê, a conhece e a dá. A nossa vida nova é o amor celeste, que vivifica e anima a nossa alma, e esse amor está todo escondido em Deus e nas coisas divinas com Jesus Cristo. Pois, uma vez que, como dizem as sagradas letras do Evangelho (Mc 16, 19; Lc 24, 51; At 1, 9), depois que Jesus Cristo se deixou ver um pouco de seus discípulos, subindo lá ao alto do céu, enfim uma nuvem o envolveu, que o tirou e o escondeu de diante dos olhos deles, logo Jesus Cristo está escondido no céu, em Deus. Ora, Jesus Cristo é o nosso amor, e o nosso amor é a vida da nossa alma: logo, a nossa vida está escondida em Deus com Jesus Cristo. E, quando Jesus Cristo, que é o nosso amor e, por

consequência, a nossa vida espiritual, vier a aparecer no dia do juízo, então apareceremos com ele em glória (Cl 3, 4); isto é, Jesus Cristo, nosso amor, nos glorificará, comunicando-nos a sua felicidade e o seu esplendor.

CAPÍTULO VII

Como o amor é a vida da alma, e continuação do discurso sobre a vida extática

A alma é o primeiro ato e princípio de todos os movimentos vitais do homem e, como diz Aristóteles (Sobre a Alma, II, 2), ela é "o princípio pelo qual vivemos, sentimos e entendemos". Donde se segue que conhecemos a diversidade das vidas segundo a diversidade dos movimentos, a tal ponto que os animais que não têm movimento natural são de todo sem vida. Assim, Teótimo, o amor é o primeiro ato e princípio da nossa vida devota ou espiritual, pelo qual vivemos, sentimos e nos movemos; e a nossa vida espiritual é tal quais são os nossos movimentos afetivos. E um coração que não tem movimento nem afeto não tem amor, como, ao contrário, um coração que tem amor não está sem movimento afetivo. Quando, pois, colocamos o nosso amor em Jesus Cristo, pusemos por consequência nele a nossa vida espiritual. Ora, ele está agora escondido em Deus, no céu, assim como Deus esteve escondido nele enquanto estava na terra; por isso a nossa vida está escondida nele, e, quando ele aparecer em glória (Cl 3, 4), a nossa vida e o nosso amor aparecerão do mesmo modo com ele em Deus. Assim, Santo Inácio, segundo o relato de São Dionísio, dizia que o seu amor estava crucificado; como se quisesse dizer: O meu amor natural e humano, com todas as paixões que dele dependem, está

pregado na cruz; fi-lo morrer como um amor mortal que fazia o meu coração viver de uma vida mortal. E, assim como o meu Salvador foi crucificado e morreu segundo a sua vida mortal para ressuscitar para a imortal, também eu morri com ele na cruz segundo o meu amor natural, que era a vida mortal da minha alma, a fim de ressuscitar para a vida sobrenatural de um amor que, podendo ser exercido no céu, é por consequência também imortal.

Quando, pois, se vê uma pessoa que na oração tem arrebatamentos pelos quais sai e sobe acima de si mesma em Deus e, no entanto, não tem êxtase em sua vida, isto é, não leva uma vida elevada e presa a Deus pela renúncia às cobiças mundanas e pela mortificação das vontades e inclinações naturais, por uma interior doçura, simplicidade e humildade, e sobretudo por uma contínua caridade, crede, Teótimo, que todos os seus arrebatamentos são grandemente duvidosos e perigosos: são arrebatamentos próprios para fazer os homens admirar, mas não para santificá-los. Pois que bem pode ter uma alma de ser arrebatada a Deus pela oração, se em seu convívio e em sua vida é arrebatada pelos afetos terrenos, baixos e naturais? Estar acima de si mesmo na oração e abaixo de si na vida e na ação, ser angélico na meditação e bestial no convívio, é coxear de um lado e de outro (1Rs 18, 21), jurar por Deus e jurar por Melcom (Sf 1, 5); e, em suma, é um verdadeiro sinal de que tais arrebatamentos e tais êxtases não passam de divertimentos e enganos do espírito maligno. Bem-aventurados os que vivem uma vida sobre-humana, extática, elevada acima de si mesmos, ainda que nunca sejam arrebatados acima de si mesmos na oração! Muitos santos estão no céu que jamais estiveram em êxtase ou arrebatamento de contemplação; pois quantos mártires e grandes

santos e santas vemos na história não terem tido nunca, na oração, outro privilégio senão o da devoção e do fervor? Mas nunca houve santo que não tivesse tido o êxtase e o arrebatamento da vida e da ação, superando a si mesmo e às suas inclinações naturais.

E quem não vê, Teótimo, eu vos peço, que é do êxtase da vida e da ação que o grande Apóstolo fala principalmente, quando diz (Gl 2, 20): *Vivo, mas já não eu; é Jesus Cristo que vive em mim*? Pois ele mesmo o explica em outros termos aos romanos (Rm 6, 4-11), dizendo que o nosso velho homem está crucificado juntamente com Jesus Cristo, que morremos ao pecado com ele e que do mesmo modo ressuscitamos com ele para caminhar em novidade de vida, a fim de não servirmos mais ao pecado. Eis dois homens representados em cada um de nós, Teótimo, e por consequência duas vidas: uma é a do velho homem, que é uma vida velha, como se diz da águia que, tendo envelhecido, vai arrastando as penas e já não consegue alçar voo; a outra vida é a do homem novo, que é também uma vida nova, como a da águia que, aliviada de suas velhas penas, sacudidas no mar, toma outras novas e, rejuvenescida, voa na novidade de suas forças (Sl 102, 5).

Na primeira vida vivemos segundo o velho homem, isto é, segundo os defeitos, fraquezas e enfermidades que contraímos pelo pecado de nosso primeiro pai Adão; e, portanto, vivemos no pecado de Adão, e a nossa vida é uma vida mortal, ou antes, a própria morte. Na segunda vida vivemos segundo o homem novo, isto é, segundo as graças, os favores, as ordenações e as vontades de nosso Salvador; e por consequência vivemos na salvação e na redenção, e essa vida nova é uma vida viva, vital e vivificante. Mas quem quer chegar à vida nova precisa passar pela morte da velha, crucificando a sua carne com todos os vícios e todas as

concupiscências dela (Gl 5, 24) e sepultando-a sob as águas do Santo Batismo ou da penitência, como Naamã, que afogou e sepultou nas águas do Jordão a sua velha vida leprosa e infecta, para viver uma vida nova, sã e limpa (2Rs 5, 14). Pois bem se podia dizer daquele homem que já não era o velho Naamã, leproso, fedorento e infecto, mas um Naamã novo, limpo, são e íntegro, porque tinha morrido para a lepra e vivia para a saúde e a limpeza.

Ora, todo aquele que ressuscitou para essa vida nova do Salvador já não vive nem para si, nem em si, nem por si, mas para o seu Salvador, no seu Salvador e pelo seu Salvador. *Considerai*, diz São Paulo (Rm 6, 5), *que estais verdadeiramente mortos para o pecado e vivos para Deus, em Jesus Cristo Nosso Senhor*.

CAPÍTULO VIII

Admirável exortação de São Paulo à vida extática e sobre-humana

Mas, enfim, São Paulo faz o mais forte, o mais premente e o mais admirável argumento que jamais se fez, ao que me parece, para levar-nos a todos ao êxtase e arrebatamento da vida e da ação. Ouvi, Teótimo, eu vos peço; ficai atento e pesai a força e a eficácia das ardentes e celestes palavras desse Apóstolo, todo arrebatado e transportado pelo amor de seu Mestre. Falando, pois, de si mesmo (e outro tanto se há de dizer de cada um de nós): *A caridade de Jesus Cristo*, diz ele (2Cor 5, 14), *nos constrange*. Sim, Teótimo, nada constrange tanto o coração do homem quanto o amor. Se um homem sabe que é amado por quem quer que seja, sente-se constrangido a amar reciprocamente; mas, se é um homem comum que é amado por um grande senhor, certamente se sente

muito mais constrangido; e, se é por um grande monarca, quanto mais não se sentirá premido? E agora, eu vos peço: sabendo nós que Jesus Cristo, verdadeiro Deus eterno e todo-poderoso, nos amou até querer sofrer por nós a morte, e a morte de cruz (Fl 2, 8), ó meu caro Teótimo, não é isso ter os nossos corações debaixo do lagar e senti-los espremidos com força, e deles extrair amor por uma violência e um constrangimento tanto mais violentos quanto são todos amáveis e amigáveis? Mas de que modo esse divino Amante nos constrange? *A caridade de Jesus Cristo nos constrange*, diz o seu santo Apóstolo, *ao julgarmos isto*. Que quer dizer *ao julgarmos isto*? Quer dizer que a caridade do Salvador nos constrange principalmente quando julgamos, consideramos, pesamos, meditamos e estamos atentos a essa conclusão da fé. Mas que conclusão? Vede, eu vos peço, Teótimo, como ele vai gravemente fincando e impelindo o seu pensamento em nossos corações: *ao julgarmos isto*, diz ele. E o quê? Que, *se um só morreu por todos, logo todos morreram*; e Jesus Cristo morreu por todos (Fl 2, 14). É verdade, sem dúvida: se um só, Jesus Cristo, morreu por todos, então todos morreram na pessoa desse único Salvador que morreu por eles, e a morte dele lhes deve ser imputada, uma vez que foi suportada por eles e em consideração a eles.

Mas que se segue disso? Parece-me ouvir aquela boca apostólica, como um trovão, exclamando aos ouvidos dos nossos corações: Segue-se, pois, ó cristãos, aquilo que Jesus Cristo desejou de nós ao morrer por nós. Mas que desejou ele de nós senão que nos conformássemos a ele, *a fim*, diz o Apóstolo, *de que os que vivem já não vivam daqui em diante para si mesmos, mas para Aquele que morreu e ressuscitou por eles*? Verdadeiro Deus, Teótimo, como é forte essa consequência em matéria de amor!

Jesus Cristo morreu por nós; deu-nos a vida por sua morte; só vivemos porque ele morreu; morreu por nós, para nós e em nós. Logo, a nossa vida já não é nossa, mas daquele que no-la adquiriu por sua morte; logo, já não devemos viver para nós, mas para ele; não em nós, mas nele; não por nós, mas por ele.

Uma jovem da ilha de Sestos criara uma pequena águia, com o cuidado que as crianças costumam empregar em tais ocupações. A águia, tornada grande, começou pouco a pouco a voar e a caçar pássaros, segundo o seu instinto natural; depois, tendo-se feito mais forte, lançou-se sobre os animais selvagens, sem jamais deixar de trazer sempre fielmente a sua presa à sua querida senhora, como em reconhecimento do alimento que dela recebera. Ora, aconteceu que essa jovem donzela morreu um dia, enquanto a pobre águia estava na caçada; e o seu corpo, segundo o costume daquele tempo e daquela terra, foi posto sobre uma pira, em público, para ser queimado. Mas, quando a chama do fogo começava a tomá-lo, a águia sobreveio a grandes golpes de asas e, vendo aquele inesperado e triste espetáculo, transpassada de dor, soltou as garras e, abandonando a presa, veio lançar-se sobre a sua pobre e querida senhora; e, cobrindo-a com as asas, como para defendê-la do fogo ou para abraçá-la de compaixão, permaneceu firme e imóvel, morrendo e ardendo corajosamente com ela, não podendo o ardor de seu afeto ceder lugar às chamas e aos ardores do fogo, para assim tornar-se vítima e holocausto de seu bravo e prodigioso amor, como a sua senhora o era da morte e das chamas.

Ah, Teótimo, que voo nos faz alçar essa águia! O Salvador nos alimentou desde a nossa tenra juventude; ou antes, formou-nos e recebeu-nos, como uma amável ama, entre os braços de sua divina Providência desde o instante da nossa concepção:

> *Teus dedos me teceram,*
> *e ainda quente me recebeste*
> *do ventre de minha mãe (Sl 138, 13);*

ele nos fez seus pelo Batismo e nos alimentou ternamente segundo o coração e segundo o corpo, por um amor incompreensível; e, para nos adquirir a vida, suportou a morte, e nos saciou com a sua própria carne e com o seu próprio sangue. Eia, que resta, pois? Que outra conclusão nos cabe tomar, meu caro Teótimo, senão que *os que vivem já não vivam para si mesmos, mas para Aquele que morreu por eles*? Isto é, que consagremos ao divino amor da morte de nosso Salvador todos os momentos da nossa vida, referindo à sua glória todas as nossas presas, todas as nossas conquistas, todas as nossas obras, todas as nossas ações, todos os nossos pensamentos e todos os nossos afetos. Vejamo-lo, Teótimo, esse divino Redentor, estendido sobre a cruz como sobre a sua pira de honra, onde morre de amor por nós, mas de um amor mais doloroso do que a própria morte, ou de uma morte mais amorosa do que o próprio amor. Eia, por que não nos lançamos em espírito sobre ele, para morrer na cruz com ele, que, por amor de nós, bem quis morrer? *Eu o segurarei*, deveríamos dizer, se tivéssemos a generosidade da águia, *e nunca o deixarei* (Ct 3, 4); morrerei com ele e arderei dentro das chamas do seu amor; um mesmo fogo consumirá esse divino Criador e a sua mesquinha criatura; *o meu Jesus é todo meu, e eu sou toda sua* (Ct 2, 16); viverei e morrerei sobre o seu peito; nem a morte nem a vida jamais me separará dele (Rm 8, 38).

Assim, pois, se faz o santo êxtase do verdadeiro amor: quando já não vivemos segundo as razões e inclinações humanas, mas

acima delas, segundo as inspirações e os instintos do divino Salvador de nossas almas.

CAPÍTULO IX

Do supremo efeito do amor, que é a morte dos amantes; e, em primeiro lugar, daqueles que morreram em amor

O amor é forte como a morte (Ct 8, 6). A morte separa a alma do moribundo de seu corpo e de todas as coisas do mundo; o amor sagrado separa a alma do amante de seu corpo e de todas as coisas do mundo; e não há outra diferença senão que a morte faz sempre por efeito o que o amor ordinariamente só faz pelo afeto. Ora, digo ordinariamente, Teótimo, porque algumas vezes o amor sagrado é tão violento que mesmo por efeito causa a separação do corpo e da alma, fazendo os amantes morrer de uma morte felicíssima, que vale mais do que cem vidas.

Assim como é próprio dos réprobos morrer em pecado, também é próprio dos eleitos morrer no amor e na graça de Deus; isso, contudo, acontece de maneiras diferentes. O justo nunca morre desprevenido, pois é ter provido bem à própria morte haver perseverado na justiça cristã até o fim; mas às vezes morre, sim, de morte súbita ou repentina. Por isso a Igreja, toda sábia, não nos faz pedir simplesmente nas Ladainhas que sejamos livrados da morte repentina, mas "da morte repentina e imprevista": por ser repentina, ela não é pior, a menos que seja ainda imprevista. Se espíritos fracos e vulgares tivessem visto o fogo do céu cair sobre o grande São Simeão Estilita e matá-lo, que teriam pensado senão pensamentos de escândalo? Não se deve, contudo, fazer outro juízo senão este: que, havendo esse grande santo se imolado

perfeitissimamente a Deus em seu coração, já todo consumido de amor, o fogo veio do céu para consumar o holocausto (1Rs 18, 38) e queimá-lo por inteiro; pois o abade Julião, distante uma jornada, viu a alma dele subindo ao céu e mandou lançar incenso naquela mesma hora, para render graças a Deus por isso. O bem-aventurado Homobono, de Cremona, ouvindo um dia a Santa Missa, firmado sobre os dois joelhos em extrema devoção, não se levantou ao Evangelho, como era costume; e, por isso, os que estavam ao redor dele olharam-no e viram que havia falecido. Houve em nossa época homens grandíssimos em virtude e doutrina que foram encontrados mortos, uns num confessionário, outros ouvindo o sermão; e viram-se até alguns cair mortos ao descer do púlpito onde haviam pregado com grande fervor: mortes todas repentinas, mas não imprevistas. E quantos homens de bem vemos morrer de apoplexia, de letargia e de mil outros modos muito subitamente, e outros morrer em delírio e frenesi, fora do uso da razão? E todos estes, juntamente com as crianças batizadas, morreram em graça e, por consequência, no amor de Deus.

Mas como podiam morrer no amor de Deus, se nem sequer pensavam em Deus na hora de sua passagem? Os homens sábios, Teótimo, não perdem a sua ciência ao dormir; do contrário, estariam ignorantes ao despertar, e seria preciso que voltassem à escola. Ora, o mesmo se dá com todos os hábitos de prudência, de temperança, de fé, de esperança e de caridade: estão sempre dentro do espírito dos justos, ainda que estes nem sempre lhes pratiquem os atos. Num homem que dorme, parece que todos os seus hábitos dormem com ele e que também despertam com ele. Assim, pois, o homem justo que morre subitamente, ou esmagado por uma casa

que lhe cai em cima, ou fulminado por um raio, ou sufocado por um catarro, ou ainda morrendo fora do bom senso pela violência de alguma febre ardente, certamente não morre no exercício do amor divino, mas morre, contudo, no hábito dele. Por isso disse o Sábio (Sb 4, 7): *O justo, se for surpreendido pela morte, estará no descanso*; pois basta, para obter a vida eterna, morrer no estado e no hábito do amor e da caridade.

Muitos santos, contudo, morreram não somente em caridade e com o hábito do amor celeste, mas também no ato e na prática dele. Santo Agostinho morreu no exercício da santa contrição, que não existe sem amor; São Jerônimo, exortando os seus queridos filhos ao amor de Deus, do próximo e da virtude; Santo Ambrósio, todo arrebatado, conversando docemente com o seu Salvador, logo depois de haver recebido o diviníssimo Sacramento do altar; Santo Antônio de Pádua, depois de haver recitado um hino à gloriosa Virgem Mãe, falando com grande alegria com o Salvador; São Tomás de Aquino, juntando as mãos, elevando os olhos ao céu, erguendo fortemente a voz e pronunciando, à maneira de um impulso e com grande fervor, estas palavras do Cântico, que eram as últimas que havia comentado: *Vinde, ó meu caro Amado, e saiamos juntos para os campos* (Ct 7, 11). Todos os Apóstolos e quase todos os mártires morreram orando a Deus. O bem-aventurado e venerável Beda, tendo sabido por revelação a hora de sua passagem, foi às Vésperas (e era o dia da Ascensão) e, "mantendo-se de pé, apoiado apenas nos braços de seu assento, sem doença alguma, terminou a vida no mesmo instante em que terminou de cantar as Vésperas", como que precisamente para seguir o seu Mestre, que subia ao céu, a fim de gozar ali da bela manhã da eternidade, que não tem Vésperas.

João Gerson, chanceler da Universidade de Paris, homem tão douto e tão piedoso que, como diz Sisto de Siena, "não se pode discernir se superou a sua doutrina pela piedade ou a sua piedade pela doutrina", havendo explicado as cinquenta propriedades do amor divino assinaladas no Cântico dos Cânticos, três dias depois, mostrando um rosto e um coração bem vivos, expirou pronunciando e repetindo muitas vezes, à maneira de oração jaculatória, estas santas palavras tiradas do mesmo Cântico (Ct 8, 6): *Ó Deus, a vossa dileção é forte como a morte*. São Martinho, como todos sabem, morreu tão atento ao exercício da devoção que nada mais se pode dizer. São Luís, aquele grande rei entre os santos e grande santo entre os reis, atingido pela peste, jamais cessou de orar; depois, tendo recebido o divino Viático, estendendo os braços em cruz e com os olhos fixos no céu, expirou suspirando ardentemente estas palavras de uma perfeita confiança amorosa: *Eia, Senhor, entrarei em vossa casa, adorar-vos-ei em vosso santo templo e bendirei o vosso nome* (Sl 5, 8; 137, 2). São Pedro Celestino, todo encharcado de cruéis aflições que não se podem bem dizer, chegado ao fim de seus dias, pôs-se a cantar, como um cisne sagrado, o último dos Salmos, e concluiu o seu canto e a sua vida com estas amorosas palavras: *Todo espírito louve o Senhor*. A admirável Santa Eusébia, chamada a Estrangeira, morreu de joelhos em fervorosa oração; São Pedro Mártir, escrevendo com o dedo e com o próprio sangue a confissão da fé pela qual morria, e dizendo estas palavras: *Senhor, entrego o meu espírito em vossas mãos* (Sl 30, 6; Lc 23, 46); e o grande apóstolo dos japoneses, Francisco Xavier, segurando e beijando a imagem do Crucificado e repetindo a todo instante este impulso do espírito: *Ó Jesus, Deus do meu coração* (Sl 72, 26).

CAPÍTULO X

Daqueles que morreram por meio do amor e por amor divino

Todos os mártires, Teótimo, morreram por amor divino; pois, quando se diz que muitos morreram pela fé, não se deve entender que tenha sido pela fé morta (Tg 2, 17-26), mas pela fé viva, isto é, animada pela caridade (Gl 5, 6). Também a confissão da fé não é tanto um ato do entendimento e da fé quanto é um ato da vontade e do amor de Deus; e é por isso que o grande São Pedro, guardando a fé em sua alma no dia da Paixão, perdeu contudo a caridade, não querendo confessar com a boca por seu Mestre Aquele que reconhecia como tal em seu coração. Houve, no entanto, mártires que morreram expressamente só pela caridade, como o grande Precursor do Salvador, que foi martirizado pela correção fraterna (Mt 14, 4; Mc 6, 18); e os gloriosos Príncipes dos Apóstolos, São Pedro e São Paulo, mas principalmente São Paulo, morreram por haverem convertido à santidade e à castidade as mulheres que o infame Nero havia corrompido. Os santos bispos Estanislau e Tomás de Cantuária também foram mortos por uma causa que não dizia respeito à fé, mas à caridade; e, enfim, grande parte das santas virgens e mártires foram massacradas pelo zelo que tiveram em guardar a castidade que a caridade lhes fizera consagrar ao Esposo celeste.

Mas há, entre os amantes sagrados, os que se entregam tão absolutamente aos exercícios do amor divino que esse santo fogo os devora e lhes consome a vida. O pesar às vezes impede por tanto tempo os aflitos de beber, de comer e de dormir que, enfim, enfraquecidos e alanguidos, morrem; e então o vulgo diz que

morreram de pesar. Mas não é essa a verdade, pois morrem de falta de forças e de esgotamento. É verdade que, tendo-lhes sobrevindo essa fraqueza por causa do pesar, é preciso reconhecer que, se não morreram de pesar, morreram por causa do pesar e por meio do pesar. Assim, meu caro Teótimo, quando o ardor do santo amor é grande, dá tantos assaltos ao coração, fere-o tão amiúde, causa-lhe tantos langores, derrete-o tão comumente, leva-o a êxtases e arrebatamentos tão frequentes, que por esse meio a alma, quase toda ocupada em Deus, não podendo dar assistência bastante à natureza para fazer a digestão e a nutrição convenientes, as forças animais e vitais começam a faltar pouco a pouco, a vida se encurta e chega a morte.

Ó Deus, Teótimo, quão feliz é essa morte! Quão doce é essa amorosa flecha que, ferindo-nos com essa chaga incurável da sagrada dileção, nos deixa para sempre lânguidos e enfermos de um bater de coração tão premente que afinal é preciso morrer! De quanto pensais que esses sagrados langores e os trabalhos suportados pela caridade tenham antecipado os dias dos divinos amantes, como a Santa Catarina de Sena, a São Francisco, ao pequeno Estanislau Kostka, a São Carlos e a muitas centenas de outros que morreram tão jovens? Certamente, quanto a São Francisco, desde que recebeu os santos estigmas de seu Mestre, teve dores tão fortes e penosas, cólicas, convulsões e enfermidades, que não lhe restaram senão a pele e os ossos, e parecia antes um esqueleto ou uma imagem da morte do que um homem que ainda vivia e respirava.

CAPÍTULO XI

De alguns, entre os divinos amantes, que morreram ainda de amor

Todos os eleitos, pois, Teótimo, morrem no hábito do amor sagrado; mas alguns, além disso, morrem no exercício desse santo amor; outros, por esse amor; e outros ainda, por meio desse mesmo amor. Mas o que pertence ao supremo grau do amor é que alguns morrem de amor; e isso se dá quando o amor não somente fere a alma de modo a deixá-la lânguida, mas quando a transpassa, dando o seu golpe em cheio no meio do coração, e tão fortemente que empurra a alma para fora do corpo — o que acontece desta maneira. A alma, atraída poderosamente pelas suavidades divinas de seu Amado, para corresponder de sua parte aos doces atrativos dele, lança-se com força e quanto pode em direção a esse desejável Amigo que a atrai; e, não podendo arrastar consigo o corpo, antes que deter-se com ele em meio às misérias desta vida, deixa-o e dele se separa, voando sozinha, como uma bela pombinha, para o seio delicioso de seu celeste Esposo. Ela se lança em seu Amado, e o seu Amado a atrai e a arrebata para si; e, assim como o esposo deixa pai e mãe para unir-se à sua amada (Gn 2, 24), assim essa casta esposa deixa a carne para unir-se ao seu Amado. Ora, esse é o mais violento efeito que o amor produz numa alma, e que exige antes uma grande nudez de todos os afetos que podem manter o coração preso ao mundo ou ao corpo; de sorte que, assim como o fogo, havendo separado pouco a pouco a essência de sua massa e havendo-a depurado inteiramente, faz enfim sair a quintessência, também o santo amor, havendo retirado o coração humano de

todos os humores, inclinações e paixões, tanto quanto é possível, faz depois sair dele a alma, a fim de que, por essa morte preciosa aos olhos divinos (Sl 115, 5), ela passe à glória imortal.

O grande São Francisco, que neste assunto do amor celeste me volta sempre diante dos olhos, não podia escapar de morrer por meio do amor, por causa da multidão e da grandeza dos langores, êxtases e desfalecimentos que a sua dileção para com Deus lhe dava; mas, além disso, Deus, que o havia exposto à vista de todo o mundo como um milagre de amor, quis que ele não somente morresse pelo amor, mas ainda que morresse de amor. Pois vede, eu vos suplico, Teótimo, a sua passagem. Vendo-se prestes a partir, mandou que o pusessem nu sobre a terra; depois, tendo recebido de esmola uma túnica, com a qual o vestiram, dirigiu a palavra aos seus irmãos, animando-os ao amor e ao temor de Deus e da Igreja, mandou ler a Paixão do Salvador e então começou, com extremo ardor, a pronunciar o Salmo 141: *Com a minha voz clamei ao Senhor, com a minha voz supliquei ao Senhor*; e, tendo pronunciado estas últimas palavras (Sl 141, 8): *Ó Senhor, tirai a minha alma da prisão, para que eu bendiga o vosso santo nome; os justos me esperam até que me recompenseis*, expirou, no quadragésimo quinto ano de sua idade. Quem não vê, eu vos peço, Teótimo, que esse homem seráfico, que tanto havia desejado ser martirizado e morrer pelo amor, morreu enfim de amor, conforme expliquei em outro lugar (Tratado do Amor de Deus, livro V, cap. 10)?

Santa Madalena, tendo permanecido pelo espaço de trinta anos na gruta que ainda se vê na Provença, arrebatada sete vezes por dia e elevada nos ares pelos Anjos, como para ir cantar as sete Horas canônicas no coro deles, veio enfim, num domingo, à igreja,

onde o seu querido bispo, São Maximino, encontrando-a em contemplação, com os olhos cheios de lágrimas e os braços erguidos, deu-lhe a comunhão; e logo depois ela entregou o seu bem-aventurado espírito, que de novo foi, para sempre, aos pés de seu Salvador, gozar da melhor parte, que já havia escolhido neste mundo (Lc 10, 39).

São Basílio travara estreita amizade com um grande médico, judeu de nação e de religião, com a intenção de atraí-lo à fé de Nosso Senhor; o que, todavia, jamais conseguiu, até que, quebrantado de jejuns, vigílias e trabalhos, chegado ao artigo da morte, perguntou ao médico que opinião tinha sobre a sua saúde, conjurando-o a dizer-lho francamente. O médico assim fez e, tendo-lhe apalpado o pulso: "Já não há", disse ele, "remédio algum; antes que o sol se ponha, morrereis." "Mas que direis", replicou então o doente, "se amanhã eu ainda estiver vivo?" "Far-me-ei cristão, eu vo-lo prometo", disse o médico. O santo então orou a Deus e alcançou a prolongação de sua vida corporal em favor da vida espiritual de seu médico, o qual, tendo visto essa maravilha, converteu-se; e São Basílio, levantando-se corajosamente do leito, foi à igreja e o batizou com toda a sua família. Depois, tendo voltado ao seu quarto e recolhido novamente ao leito, após haver conversado bastante longamente pela oração com Nosso Senhor, exortou santamente os presentes a servir a Deus de todo o coração; e enfim, vendo os Anjos virem a ele, pronunciando com extrema suavidade estas palavras: *Meu Deus, eu vos entrego a minha alma e a ponho em vossas mãos* (Sl 30, 6; Lc 23, 46), expirou. E o pobre médico convertido, vendo-o assim falecido, abraçando-o e desfazendo-se em lágrimas sobre ele, disse: "Ó grande Basílio, servo de Deus, em verdade, se tivésseis

querido, não teríeis morrido hoje mais do que ontem." Quem não vê que essa morte foi toda de amor? E a bem-aventurada Madre Teresa de Jesus revelou, depois de sua morte, que havia morrido de um assalto e ímpeto de amor tão violento que, não podendo a natureza suportá-lo, a alma partira com o amado objeto de seus afetos.

CAPÍTULO XII

História maravilhosa da morte de um fidalgo que morreu de amor no monte das Oliveiras

Além do que ficou dito, encontrei uma história que, por ser extremamente admirável, é por isso mesmo mais digna de crédito para os amantes sagrados; pois, como diz o santo Apóstolo (1Cor 13, 7), a caridade crê de muito boa vontade todas as coisas, isto é, não pensa facilmente que se minta e, se não há sinais aparentes de falsidade naquilo que lhe apresentam, não faz dificuldade em crer; e isso sobretudo quando são coisas que exaltam e engrandecem o amor de Deus para com os homens ou o amor dos homens para com Deus, porquanto a caridade, que é rainha soberana das virtudes, se compraz, à maneira dos príncipes, nas coisas que servem à glória de seu império e domínio. E, ainda que o relato que quero fazer não seja tão divulgado nem tão bem testemunhado quanto o exigiria a grandeza da maravilha que ele contém, nem por isso perde a sua verdade; pois, como excelentemente diz Santo Agostinho (A Cidade de Deus, XXII, 8), "mal se conhecem os milagres", por magníficos que sejam, "no próprio lugar em que se realizam"; e, ainda que os contem os que os viram, custa-se a crer neles. Nem por isso, contudo, deixam de ser verdadeiros; e, em

matéria de religião, as almas bem formadas encontram mais suavidade em crer nas coisas em que há mais dificuldade e mais admiração.

Um cavaleiro muito ilustre e virtuoso foi, pois, um dia, além-mar, à Palestina, para visitar os santos lugares em que Nosso Senhor realizara as obras da nossa redenção; e, para começar dignamente esse santo exercício, antes de tudo confessou-se e comungou devotamente. Depois foi, em primeiro lugar, à cidade de Nazaré, onde o Anjo anunciou à santíssima Virgem a sacratíssima Encarnação e onde se deu a adorabilíssima conceição do Verbo eterno; e ali esse digno peregrino pôs-se a contemplar o abismo da Bondade celeste, que se dignara tomar carne humana para retirar o homem da perdição. Dali passou a Belém, ao lugar da Natividade, onde não se saberia dizer quantas lágrimas derramou ao contemplar aquelas com que o Filho de Deus, pequeno Menino da Virgem, havia regado aquele santo estábulo, beijando e rebeijando cem vezes aquela terra sagrada e lambendo o pó sobre o qual a primeira infância do divino Menino fora recebida. De Belém foi a Betabara e passou até o pequeno lugar de Betânia, onde, lembrando-se de que Nosso Senhor se despira para ser batizado, também ele mesmo se despiu; e, entrando no Jordão, lavando-se e bebendo das águas dele, parecia-lhe ver ali o seu Salvador recebendo o Batismo pela mão de seu Precursor, e o Espírito Santo descendo visivelmente sobre ele sob a forma de pomba, com os céus ainda abertos, de onde, assim lhe parecia, descia a voz do Pai eterno, dizendo: *Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo* (Mt 3, 16). De Betânia vai ao deserto e ali vê, com os olhos do espírito, o Salvador jejuando, combatendo e

vencendo o inimigo; depois, os Anjos que o servem com alimentos admiráveis (Mt 4, 11).

Dali vai ao monte Tabor, onde vê o Salvador transfigurado; depois, ao monte Sião, onde vê ainda, ao que lhe parece, Nosso Senhor ajoelhado no Cenáculo, lavando os pés aos Discípulos e distribuindo-lhes em seguida o seu divino Corpo na sagrada Eucaristia. Atravessa a torrente do Cedron e vai ao jardim de Getsêmani, onde o seu coração se desfaz em lágrimas de uma dor amabilíssima ao representar-se ali o seu caro Salvador suando sangue naquela extrema agonia que ali sofria; e, logo depois, atado, amarrado e levado a Jerusalém, para onde ele também se encaminha, seguindo por toda parte as pegadas de seu Amado. E o vê em imaginação arrastado de um lado para outro, à casa de Anás, à de Caifás, à de Pilatos, à de Herodes; açoitado, escarnecido, cuspido, coroado de espinhos, apresentado ao povo, condenado à morte, carregado com a sua cruz, que ele leva; e, levando-a, faz o dolorido encontro com sua Mãe, toda encharcada de dor, e com as senhoras de Jerusalém, que choravam por ele. Sobe enfim esse devoto peregrino ao monte Calvário, onde vê em espírito a cruz estendida sobre a terra, e Nosso Senhor todo nu, que é derrubado e cruelíssimamente pregado nela pelos pés e pelas mãos. Contempla em seguida como se erguem no ar a cruz e o Crucificado, e o sangue que escorre de todas as partes do divino corpo suspenso. Olha a pobre e sagrada Virgem, toda transpassada pelo gládio da dor (Lc 2, 35); depois volta os olhos para o Salvador crucificado, de quem escuta as sete palavras com um amor sem par; e enfim o vê morrendo, depois morto, depois recebendo o golpe da lança e mostrando pela abertura da chaga o seu coração divino, depois retirado da cruz e levado ao sepulcro, para onde ele

o vai seguindo, lançando um mar de lágrimas sobre os lugares encharcados do sangue de seu Redentor; de modo que entra no sepulcro e ali sepulta o seu coração junto ao corpo de seu Mestre.

Depois, ressuscitando com ele, vai a Emaús e vê tudo o que se passa entre o Senhor e os dois discípulos; e, enfim, voltando ao monte das Oliveiras, onde se deu o mistério da Ascensão, e vendo ali as últimas marcas e vestígios dos pés do divino Salvador, prostrado sobre elas e beijando-as mil e mil vezes com suspiros de um amor infinito, começou a recolher em si todas as forças de seus afetos, como um arqueiro retesa a corda de seu arco quando quer desferir a flecha. Depois, erguendo-se, com os olhos e as mãos estendidos para o céu: "Ó Jesus", disse, "meu doce Jesus, já não sei onde vos buscar e seguir na terra. Eia, Jesus, Jesus, meu amor, concedei então a este coração que vos siga e vá atrás de vós lá para o alto." E, com essas ardentes palavras, lançou ao mesmo tempo a sua alma ao céu, como uma flecha sagrada que, à maneira de divino arqueiro, disparou ao alvo de seu felicíssimo objeto. Mas os seus companheiros e servidores, que viram assim, subitamente, cair como morto aquele pobre amante, espantados com o acidente, correram apressados ao médico; o qual, vindo, verificou que de fato ele havia falecido. E, para formar juízo seguro das causas de uma morte tão inesperada, informou-se de qual compleição, de quais costumes e de quais humores era o defunto; e soube que era de índole toda doce, amável, maravilhosamente devota e grandemente ardente no amor de Deus. Ao que disse o médico: "Sem dúvida, o coração dele rebentou, pois, de excesso e fervor de amor." E, a fim de melhor firmar o seu juízo, quis abri-lo; e encontrou aquele bravo coração aberto, com esta sagrada palavra gravada por dentro: "Jesus, meu amor!" O amor, pois, fez

naquele coração o ofício da morte, separando a alma do corpo sem o concurso de nenhuma outra causa. E é São Bernardino de Sena, autor muito douto e muito santo, quem faz esse relato no primeiro de seus sermões sobre a Ascensão.

Certamente, um outro autor quase da mesma época, que ocultou o próprio nome por humildade, mas que seria, contudo, digno de ser nomeado, num livro que intitulou *Espelho dos espirituais*, conta uma outra história ainda mais admirável; pois diz que nas terras da Provença havia um senhor grandemente dado ao amor de Deus e à devoção do santíssimo Sacramento do altar. Ora, um dia, achando-se extremamente afligido por uma doença que lhe causava vômitos contínuos, trouxeram-lhe a divina Comunhão; e, não ousando recebê-la por causa do perigo que havia de rejeitá-la, suplicou ao seu pároco que ao menos lha pusesse sobre o peito e com ela o assinalasse com o sinal da Cruz. Assim se fez; e num momento aquele peito, inflamado do santo amor, abriu-se e atraiu para dentro de si o celeste alimento em que estava o Amado; e no mesmo instante ele expirou. Bem vejo, na verdade, que essa história é grandemente extraordinária e que mereceria um testemunho de maior peso; mas, depois da veracíssima história do coração aberto de Santa Clara de Montefalco, que todos ainda hoje podem ver, e da dos estigmas de São Francisco, que é certíssima, a minha alma nada encontra de difícil de crer entre os efeitos do divino amor.

CAPÍTULO XIII

Que a Santíssima Virgem, Mãe de Deus, morreu de amor por seu Filho

Quase não se pode duvidar, com boa razão, de que o grande São José tenha falecido antes da Paixão e Morte do Salvador; do contrário, este não teria confiado sua Mãe a São João. E como se poderia imaginar que o querido Menino de seu coração, o amado filho que criou, não o assistisse na hora de sua passagem? Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia (Mt 5, 7). Ah, quanta doçura, quanta caridade e quanta misericórdia exerceu esse bom pai adotivo para com o Salvador, quando este nasceu no mundo como pequeno menino! E quem poderia crer, então, que, ao deixar ele este mundo, esse divino Filho não lhe retribuísse cem vezes mais, cumulando-o de suavidades celestes? As cegonhas são um verdadeiro retrato da piedade recíproca dos filhos para com os pais e dos pais para com os filhos; pois, sendo aves de arribação, carregam nas travessias os pais e as mães já velhos, assim como estes, quando elas eram ainda pequenas, as haviam carregado na mesma ocasião. Quando o Salvador era ainda pequenino, o grande José, seu pai adotivo, e a gloriosíssima Virgem, sua Mãe, carregaram-no muitas vezes, e de modo especial na travessia que fizeram da Judeia para o Egito e do Egito para a Judeia. Ah, quem duvidará, pois, de que esse santo pai, chegado ao fim de seus dias, tenha sido por sua vez carregado por seu divino Filho de criação na passagem deste mundo para o outro, até o seio de Abraão, para dali transportá-lo ao seu próprio seio, na glória, no dia de sua Ascensão? Um santo que tanto havia

amado em vida não podia morrer senão de amor; pois, não podendo sua alma amar à vontade o seu querido Jesus entre as distrações desta vida, e tendo concluído o serviço que a tenra idade dele exigia, que lhe restava senão dizer ao Pai eterno: Ó Pai, cumpri a obra que me confiastes (Jo 17, 4); e depois ao Filho: Ó meu Menino, assim como vosso Pai celeste entregou vosso corpo em minhas mãos no dia de vossa vinda a este mundo, assim também, neste dia de minha partida deste mundo, entrego eu meu espírito nas vossas (Sl 30, 6; Lc 23, 46).

Tal foi, a meu ver, a morte desse grande Patriarca, homem escolhido para prestar ao Filho de Deus os mais ternos e amorosos serviços que jamais foram ou serão prestados, depois daqueles que foram praticados por sua celeste Esposa, verdadeira Mãe natural desse mesmo Filho — dela é impossível imaginar que tenha morrido de outra espécie de morte senão a de amor: a mais nobre de todas as mortes e, por consequência, devida à mais nobre vida que jamais houve entre as criaturas; morte da qual os próprios Anjos desejariam morrer, se fossem capazes de morrer. Se dos primeiros cristãos se disse que tinham um só coração e uma só alma (At 4, 32), por causa de sua perfeita caridade mútua; se São Paulo já não vivia ele mesmo, mas Jesus Cristo vivia nele (Gl 2, 20), em razão da extrema união de seu coração com o de seu Mestre — união pela qual sua alma estava como que morta no coração que animava, para viver no coração do Salvador que amava —, ó Deus verdadeiro, quanto mais verdadeiro é que a sagrada Virgem e seu Filho tinham uma só alma, um só coração e uma só vida, de modo que essa sagrada Mãe, vivendo, não vivia ela, mas seu Filho vivia nela! Mãe a mais amante e a mais amada que jamais poderia existir; mas amante e amada de um amor incomparavelmente mais

elevado que o de todas as ordens dos Anjos e dos homens, na mesma medida em que os nomes de Mãe única e de Filho único são também nomes acima de todos os outros nomes em matéria de amor. E digo Mãe única e Filho único porque todos os demais filhos dos homens repartem entre o pai e a mãe a gratidão por sua geração; mas neste, como todo o seu nascimento humano dependeu unicamente de sua Mãe — a única que forneceu o que era necessário à virtude do Espírito Santo para a concepção desse divino Menino —, também só a ela foi devido e rendido todo o amor que nasce da geração. De sorte que esse Filho e essa Mãe foram unidos por uma união tanto mais excelente (Hb 1, 4) quanto tem, em matéria de amor, um nome distinto acima de todos os outros nomes. Pois a qual de todos os Serafins cabe dizer ao Salvador: Vós sois meu verdadeiro Filho, e eu vos amo como a meu verdadeiro Filho? E a qual de todas as criaturas foi jamais dito pelo Salvador: Vós sois minha verdadeira Mãe, e eu vos amo como a minha verdadeira Mãe; vós sois minha verdadeira Mãe, toda minha, e eu sou vosso verdadeiro Filho, todo vosso? Se, pois, um servo amante ousou dizer, e o disse com verdade, que não tinha outra vida senão a de seu Mestre (Gl 2, 20), ah, com quanta ousadia e com quanto ardor devia exclamar essa Mãe: Não tenho outra vida senão a vida de meu Filho; minha vida está toda na dele, e a dele toda na minha! Pois entre essa Mãe e esse Filho já não havia união, mas unidade de coração, de alma e de vida.

Ora, se essa Mãe viveu da vida de seu Filho, morreu também da morte de seu Filho; pois qual é a vida, tal é a morte. A fênix, como se conta, quando já muito envelhecida, junta no alto de uma montanha uma quantidade de lenhas aromáticas, sobre as quais, como sobre seu leito de honra, vai terminar seus dias; pois, quando

o sol, no auge do meio-dia, lança seus raios mais ardentes, essa ave, única no mundo, para acrescentar ao ardor do sol um esforço a mais, não cessa de bater as asas sobre a pira até fazê-la pegar fogo, e, ardendo com ela, consome-se e morre no meio dessas chamas perfumadas. Do mesmo modo, Teótimo, a Virgem Mãe, tendo reunido em seu espírito, por uma memória vivíssima e contínua, todos os mais amáveis mistérios da vida e da morte de seu Filho, e recebendo sempre em cheio, no meio disso, as mais ardentes inspirações que seu Filho, Sol de justiça (Ml 4, 2), lançava sobre os homens no mais forte meio-dia de sua caridade; e fazendo, além disso, também de sua parte um perpétuo movimento de contemplação, acabou por ser inteiramente consumida pelo fogo sagrado desse divino amor, como um holocausto de suavidade; de sorte que disso morreu, tendo sua alma sido toda arrebatada e transportada aos braços do amor de seu Filho. Ó morte amorosamente vital, ó amor vitalmente mortal!

Muitos amantes sagrados estiveram presentes à morte do Salvador; entre eles, os que tiveram mais amor tiveram mais dor, pois naquela hora o amor estava todo embebido na dor, e a dor no amor; e todos os que por seu Salvador ardiam de amor apaixonaram-se por sua Paixão e por sua dor. Mas a doce Mãe, que amava mais que todos, foi mais que todos trespassada pela espada da dor: a dor do Filho foi então uma espada afiada que atravessou o coração da Mãe (Lc 2, 35), porque esse coração materno estava colado, ligado e unido a seu Filho por uma união tão perfeita, que nada podia ferir um sem ferir com igual vivacidade o outro. Ora, esse peito materno, assim ferido de amor, não só não buscou a cura de sua ferida, como amou sua ferida mais do que qualquer cura, guardando com carinho as flechas de dor que havia recebido, por

causa do amor que as havia disparado em seu coração, e desejando continuamente morrer delas, já que delas havia morrido seu Filho — ele que, como diz toda a Sagrada Escritura e todos os doutores, morreu entre as chamas da caridade, holocausto perfeito por todos os pecados do mundo.

CAPÍTULO XIV

Que a gloriosa Virgem morreu de um amor extremamente doce e tranquilo

Diz-se, de um lado, que Nossa Senhora revelou a Santa Matilde que a doença de que morreu não foi outra coisa senão um assalto impetuoso do divino amor; mas Santa Brígida e São João Damasceno testemunham que ela morreu de uma morte extremamente serena. E uma coisa e outra são verdadeiras, Teótimo.

As estrelas são maravilhosamente belas de ver e lançam claridades agradáveis; mas, se prestastes atenção, é por brilhos, cintilações e arrancos que produzem seus raios, como se dessem à luz a própria luz com esforço, em repetidas tentativas: seja porque sua claridade, sendo fraca, não possa agir de modo tão contínuo e uniforme, seja porque nossos olhos débeis não consigam manter a visão constante e firme, por causa da grande distância que os separa desses astros. Assim, de ordinário, os santos que morreram de amor sentiram uma grande variedade de acidentes e sintomas de amor antes de chegar ao trespasse: muitos ímpetos, muitos assaltos, muitos êxtases, muitos langores, muitas agonias; e parecia que seu amor dava à luz, com esforço e em várias etapas, a sua bem-aventurada morte. E isso acontecia por causa da fraqueza de seu

amor, ainda não absolutamente perfeito, que não conseguia manter sua dileção com firmeza igual.

Mas na santíssima Virgem foi coisa bem diversa. Pois, assim como vemos crescer a bela aurora do dia, não em etapas e aos sobressaltos, mas por certa dilatação e crescimento contínuo que é quase insensivelmente sensível — de tal modo que verdadeiramente a vemos crescer em claridade, porém tão uniformemente que ninguém percebe qualquer interrupção, separação ou descontinuidade em seus acréscimos —, assim o divino amor crescia a cada instante no coração virginal de nossa gloriosa Senhora, mas por crescimentos suaves, serenos e contínuos, sem agitação, sem sobressalto, sem violência alguma. Ah, não, Teótimo: não se deve atribuir nenhuma impetuosidade agitada a esse celeste amor do coração materno da Virgem, pois o amor, por si mesmo, é doce, gracioso, sereno e tranquilo. Se às vezes desfere assaltos, se sacode o espírito, é porque nele encontra resistência; mas, quando as passagens da alma lhe estão abertas, sem oposição nem contrariedade, ele avança pacificamente, com uma suavidade sem igual. Assim, pois, a santa dileção empregava sua força no coração virginal da sagrada Mãe sem esforço nem impetuosidade violenta, visto que não encontrava resistência nem impedimento algum. Pois, assim como vemos os grandes rios ferverem e espadanarem com grande estrondo nos trechos acidentados, onde os rochedos formam bancos e escolhos que se opõem ao curso das águas e o embaraçam, ao passo que, ao contrário, chegando à planície, correm e deslizam mansamente, sem esforço; do mesmo modo o divino amor, encontrando nas almas humanas muitos impedimentos e resistências — como de fato todas os têm, ainda que de maneiras diferentes —, nelas usa

de violência, combatendo as más inclinações, golpeando o coração, empurrando a vontade por diversas agitações e diferentes esforços, a fim de abrir caminho ou, ao menos, de ultrapassar esses obstáculos. Mas na sagrada Virgem tudo favorecia e secundava o curso do amor celeste: os progressos e acréscimos dele eram incomparavelmente maiores do que em todas as demais criaturas — progressos, contudo, infinitamente suaves, serenos e tranquilos. Não, ela não desfaleceu de amor nem de compaixão junto à Cruz de seu Filho, ainda que tivesse então o mais ardente e doloroso acesso de amor que se possa imaginar; pois, embora o acesso fosse extremo, foi todavia igualmente forte e doce ao mesmo tempo, poderoso e tranquilo, ativo e sereno, feito de um calor agudo, mas suave.

Não digo, Teótimo, que na alma da santíssima Virgem não houvesse duas porções e, por consequência, dois apetites: um segundo o espírito e a razão superior, outro segundo os sentidos e a razão inferior, de modo que ela podia sentir repugnâncias e contrariedades de um apetite ao outro; pois esse conflito encontrou-se até em Nosso Senhor, seu Filho. Mas digo que nessa celeste Mãe todos os afetos estavam tão bem dispostos e ordenados, que o divino amor exercia nela seu império e seu domínio muito pacificamente, sem ser perturbado pela diversidade das vontades ou apetites, nem pela contrariedade dos sentidos; porque nem as repugnâncias do apetite natural nem os movimentos dos sentidos chegavam jamais até o pecado, nem mesmo até o pecado venial. Ao contrário, tudo isso era santa e fielmente empregado a serviço do santo amor, para o exercício das outras virtudes, as quais, em sua maior parte, só podem ser praticadas em meio a dificuldades, oposições e contradições.

Os espinhos, segundo a opinião comum, não só são diferentes das flores, mas também contrários a elas, e parece que, se não existissem no mundo, tudo iria melhor — o que levou Santo Ambrósio a pensar que, sem o pecado, não haveria espinho algum. Contudo, já que existem, o bom lavrador torna-os úteis e com eles faz sebes e cercas em torno dos campos e das árvores novas, aos quais servem de defesa e de baluarte contra os animais. Assim também a gloriosa Virgem, tendo parte em todas as misérias do gênero humano, exceto as que levam diretamente ao pecado, empregou-as muito utilmente no exercício e no crescimento das santas virtudes de fortaleza, temperança, justiça e prudência, pobreza, humildade, paciência e compaixão; de sorte que elas não criavam nenhum impedimento, e sim muitas ocasiões para que o amor celeste se fortalecesse por contínuos exercícios e avanços. E, nela, Madalena não se distrai da atenção com que recebe as impressões amorosas do Salvador, por mais ardor e solicitude que Marta possa ter: ela escolheu o amor de seu Filho, e nada lho tira (Lc 10, 42).

O ímã, como todos sabem, Teótimo, atrai naturalmente a si o ferro por uma virtude secreta e admirabilíssima; contudo, cinco coisas impedem essa operação: 1. a distância excessiva entre um e outro; 2. se há algum diamante entre ambos; 3. se o ferro está untado de gordura; 4. se foi esfregado com alho; 5. se o ferro é pesado demais. Nosso coração foi feito para Deus, que continuamente o atrai e não cessa de lançar nele os encantos de seu celeste amor; mas cinco coisas impedem que essa santa atração opere: 1. o pecado, que nos afasta de Deus; 2. o apego às riquezas; 3. os prazeres sensuais; 4. o orgulho e a vaidade; 5. o amor-próprio, com a multidão de paixões desregradas que ele produz e que são

em nós um pesado fardo que nos esmaga. Ora, nenhum desses impedimentos teve lugar no coração da gloriosa Virgem: 1. sempre preservada de todo pecado; 2. sempre pobríssima de coração; 3. sempre puríssima; 4. sempre humílima; 5. sempre serena senhora de todas as suas paixões e inteiramente isenta da rebeldia que o amor-próprio move contra o amor de Deus. E é por isso que, assim como o ferro, se estivesse livre de todos os impedimentos e até de seu próprio peso, seria atraído pelo ímã fortemente, mas com doçura e com atração uniforme — de tal modo, porém, que a atração seria sempre mais ativa e mais forte à medida que um se aproximasse do outro e que o movimento chegasse perto de seu fim —, assim também a santíssima Mãe, não tendo em si nada que impedisse a operação do divino amor de seu Filho, unia-se a ele por uma união incomparável, mediante êxtases suaves, serenos e sem esforço; êxtases nos quais a parte sensível não deixava de exercer suas funções, sem que isso causasse qualquer incômodo à união do espírito, assim como, reciprocamente, a perfeita aplicação de seu espírito não perturbava muito os sentidos. De modo que a morte dessa Virgem foi mais doce do que se pode imaginar, atraindo-a seu Filho suavemente ao odor de seus perfumes (Ct 1, 3), e deixando-se ela levar com toda a doçura atrás desse aroma sagrado, para dentro do seio da bondade de seu Filho. E, embora essa santa alma amasse extremamente seu corpo santíssimo, puríssimo e amabilíssimo, deixou-o todavia sem pena nem resistência alguma, como a casta Judite, que, embora amasse muito as vestes de penitência e de viuvez, delas se despojou com prazer para revestir-se de suas roupas nupciais, quando foi tornar-se vitoriosa de Holofernes (Jt 10, 3); ou como Jônatas, que, por amor de Davi, se despojou de suas próprias vestes (1Sm 18, 4). O

amor havia dado a essa divina Esposa, junto à Cruz, as supremas dores da morte; era justo, sem dúvida, que ao fim a morte lhe desse as soberanas delícias do amor.

LIVRO

VIII

Do amor de conformidade, pelo qual unimos a nossa vontade à de Deus, que nos é significada por seus mandamentos, conselhos e inspirações

Capítulos I a XIV

CAPÍTULO I

Do amor de conformidade que provém da sagrada complacência

Assim como a boa terra, tendo recebido a semente, a devolve em seu tempo cem por um (Lc 8, 8), assim também o coração que se comprazeu em Deus não consegue deixar de querer dar a Deus, reciprocamente, uma outra complacência. Ninguém nos agrada sem que desejemos agradar-lhe. O vinho fresco refresca por algum tempo os que o bebem; mas, tão logo é aquecido pelo estômago em que entra, aquece-o por sua vez, e quanto mais calor o estômago lhe dá, tanto mais ele lhe devolve. O verdadeiro amor jamais é ingrato: procura agradar àqueles em quem se compraz; e daí vem a conformidade dos que amam, a qual nos faz ser tais como aquilo que amamos. O devotíssimo e sapientíssimo rei Salomão tornou-se idólatra e insensato quando amou mulheres idólatras e insensatas, e teve tantos ídolos quantos elas tinham (1Rs 11, 4). É por isso que a Escritura chama de efeminados (Is 3, 4) os homens que amam perdidamente as mulheres por causa do sexo delas, porque o amor os transforma de homens em mulheres quanto aos costumes e às inclinações.

Ora, essa transformação se faz insensivelmente pela complacência, a qual, tendo entrado em nossos corações, gera uma outra, para que a demos àquele de quem a recebemos. Diz-se que há nas Índias um pequeno animal terrestre que tanto se compraz com os peixes e no mar que, de tanto vir nadar com eles, acaba por tornar-se peixe, e de animal terrestre é transformado inteiramente em animal marinho. Assim, à força de se comprazer

em Deus, torna-se a pessoa conforme a Deus, e a nossa vontade se transforma na da divina Majestade pela complacência que nela toma. O amor, diz São João Crisóstomo, ou encontra ou faz a semelhança; o exemplo daqueles a quem amamos exerce sobre nós um doce e imperceptível império, uma autoridade que não se sente: é forçoso ou deixá-los, ou imitá-los. Aquele que, atraído pela suavidade dos perfumes, entra na loja de um perfumista, ao receber o prazer que sente ao respirar esses aromas, perfuma-se a si mesmo; e, ao sair dali, dá aos outros parte do prazer que recebeu, espalhando entre eles o cheiro dos perfumes que contraiu. Com o prazer que o nosso coração toma na coisa amada, atrai a si as qualidades dela, pois o deleite abre o coração assim como a tristeza o aperta; por isso a sagrada Escritura usa muitas vezes a palavra dilatar em lugar da palavra alegrar.

Ora, encontrando-se o coração aberto pelo prazer, as impressões das qualidades de que o prazer depende entram facilmente no espírito; e, com elas, as outras qualidades que estão no mesmo objeto, ainda que nos desagradem, não deixam de entrar em nós no meio da multidão do prazer, como aquele que, sem veste nupcial, entrou no banquete entre os que estavam ornados (Mt 22, 11). Assim, os discípulos de Aristóteles compraziam-se em falar gaguejando como ele, e os de Platão andavam de ombros curvados, à imitação do mestre; encontrou-se, segundo o relato de Plutarco, certa mulher cuja imaginação e apreensão estavam de tal modo abertas a todas as coisas pela volúpia que, olhando a imagem de um mouro, concebeu um filho todo negro, sendo o pai extremamente branco; e o caso das ovelhas de Jacó (Gn 30, 37) serve de prova disso. Em suma, o prazer que se tem na coisa é como um aposentador que aloja no coração amante

as qualidades da coisa que agrada; e por isso a sagrada complacência nos transforma em Deus, a quem amamos, e à medida que ela é grande, mais perfeita é a transformação. Assim os santos, que amaram grandemente, foram muito depressa e perfeitamente transformados, transportando e transmitindo o amor os costumes e as inclinações de um coração para o outro.

Coisa estranha, mas verdadeira: se há dois alaúdes em uníssono, isto é, de mesmo som e afinação, um perto do outro, e se toca um deles, o outro, ainda que ninguém o toque, não deixará de ressoar como aquele em que se toca; a correspondência de um com o outro, como que por um amor natural, produz esse acordo. Temos repugnância em imitar aqueles que odiamos, mesmo naquilo que é bom; e os lacedemônios não quiseram seguir o bom conselho de um homem ruim senão depois que um homem de bem o pronunciou. Ao contrário, não se pode evitar conformar-se àquilo que se ama. O grande Apóstolo diz, creio eu que neste sentido, que a lei não foi posta para os justos (1Tm 1, 9); pois, na verdade, o justo não é justo senão porque possui o santo amor, e, se tem o amor, não precisa de ser instado pelo rigor da lei, já que o amor é o mais premente mestre e solicitador para persuadir o coração que ele possui à obediência às vontades e intenções do amado. O amor é um magistrado que exerce o seu poder sem alarde, sem oficiais nem beleguins, por essa mútua complacência pela qual, assim como nos comprazemos em Deus, desejamos também, reciprocamente, agradar-lhe.

O amor é o resumo de toda a teologia, e foi ele que tornou santamente douta a ignorância dos Paulos, dos Antônios, dos Hilariões, dos Simeões, dos Franciscos, sem livros, sem mestres, sem arte. Em virtude desse amor, a amada pode dizer com

segurança: Meu Amado é todo meu pela complacência, com a qual ele me agrada e me alimenta; e eu sou toda dele pela benevolência, com a qual eu lhe agrado e o alimento; meu coração se nutre de comprazer-se nele, e o dele se nutre de eu lhe agradar por amor dele; e, como um sagrado pastor, ele me apascenta como sua ovelha querida entre os lírios (Ct 2, 16; 6, 2) de suas perfeições, nas quais me comprazo; e eu, de minha parte, como sua ovelha querida, o apascento com o leite de meus afetos, pelos quais quero agradar-lhe. Quem verdadeiramente se compraz em Deus deseja agradar fielmente a Deus e, para lhe agradar, conformar-se a ele.

CAPÍTULO II

Da conformidade de submissão que procede do amor de benevolência

A complacência atrai, portanto, para dentro de nós os traços das perfeições divinas, na medida em que somos capazes de recebê-los; como o espelho recebe a semelhança do sol, não segundo a excelência e a grandeza desse grande e admirável astro, mas segundo a capacidade e a medida de seu cristal; de modo que assim nos tornamos conformes a Deus.

Mas, além disso, o amor de benevolência nos dá essa santa conformidade por outro caminho. O amor de complacência atrai Deus para dentro de nossos corações, ao passo que o amor de benevolência lança os nossos corações em Deus e, por consequência, todas as nossas ações e afeições, dedicando-as e consagrando-as a ele com muito amor; pois a benevolência deseja a Deus toda a honra, toda a glória e todo o reconhecimento que é possível prestar-lhe, como um bem exterior devido à sua bondade.

Ora, esse desejo se pratica, conforme a complacência que temos em Deus, do modo que se segue. Sentimos uma extrema complacência ao ver que Deus é soberanamente bom; e por isso desejamos, pelo amor de benevolência, que todos os amores que nos é possível imaginar sejam empregados em amar bem essa bondade. Comprazemo-nos na soberana excelência da perfeição de Deus; e, em seguida, desejamos que ele seja soberanamente louvado, honrado e adorado. Deleitamo-nos em considerar como Deus não é apenas o primeiro princípio, mas também o último fim, o Autor, o Conservador e o Senhor de todas as coisas; e por essa razão desejamos que tudo lhe seja submisso por uma soberana obediência. Vemos a vontade de Deus soberanamente perfeita, reta, justa e equânime; e, por essa consideração, desejamos que ela seja a regra e a lei soberana de todas as coisas, e que seja seguida, servida e obedecida por todas as outras vontades.

Mas nota, Teótimo, que não trato aqui da obediência que é devida a Deus por ser ele nosso Senhor e Mestre, nosso Pai e Benfeitor, pois essa espécie de obediência pertence à virtude da justiça e não ao amor. Não, não é disso que falo agora; porque, ainda que não houvesse inferno para punir os rebeldes nem Paraíso para recompensar os bons, e ainda que não tivéssemos para com Deus nenhuma espécie de obrigação ou dever (e isto seja dito por imaginação de coisa impossível e que quase nem se pode imaginar), ainda assim o amor de benevolência nos levaria a prestar toda obediência e submissão a Deus por escolha e inclinação, e até mesmo por uma doce violência amorosa, em consideração da soberana bondade, justiça e retidão de sua divina vontade. Não vemos, Teótimo, que uma jovem, por uma livre escolha que procede do amor de benevolência, se submete a um

esposo para com quem, aliás, nenhum dever tinha? Ou que um fidalgo se põe ao serviço de um príncipe estrangeiro, ou entrega a sua vontade nas mãos do superior de alguma Ordem religiosa em que vai ingressar?

É assim, pois, que se faz a conformidade de nosso coração com o de Deus, quando, pela santa benevolência, lançamos todas as nossas afeições nas mãos da divina vontade, a fim de que por ela sejam dobradas e manejadas ao seu gosto, moldadas e formadas segundo o seu beneplácito. E nisto consiste a profundíssima obediência do amor, que não precisa de ser excitada por ameaças ou recompensas, nem por lei alguma ou por qualquer mandamento; porque ela se antecipa a tudo isso, submetendo-se a Deus unicamente pela perfeitíssima bondade que há nele, em razão da qual ele merece que toda vontade lhe seja obediente, sujeita e submissa, conformando-se e unindo-se para sempre, em tudo e por tudo, às suas divinas intenções.

CAPÍTULO III

Como devemos conformar-nos à divina vontade que se chama significada

Consideramos algumas vezes a vontade de Deus nela mesma e, vendo-a toda santa e toda boa, é-nos fácil louvá-la, bendizê-la e adorá-la, e sacrificar a nossa vontade e todas as das outras criaturas à sua obediência, por meio daquela divina exclamação: Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu (Mt 6, 10). Outras vezes consideramos a vontade de Deus em seus efeitos particulares, como nos acontecimentos que nos tocam e nas ocorrências que nos sobrevêm, e finalmente na declaração e

manifestação de suas intenções. E, embora na verdade sua divina Majestade tenha uma vontade única e simplicíssima, nós a designamos com nomes diferentes, segundo a variedade dos meios pelos quais a conhecemos; variedade segundo a qual somos também diversamente obrigados a conformar-nos a ela. A doutrina cristã nos propõe claramente as verdades que Deus quer que creiamos, os bens que quer que esperemos, as penas que quer que temamos, aquilo que quer que amemos, os mandamentos que quer que cumpramos e os conselhos que deseja que sigamos; e a tudo isso se chama vontade significada de Deus, porque ele nos significou e manifestou que quer e entende que tudo isso seja crido, esperado, temido, amado e praticado.

Ora, visto que essa vontade significada de Deus procede à maneira de desejo e não à maneira de querer absoluto, podemos ou segui-la pela obediência, ou resistir-lhe pela desobediência; pois Deus faz, a este respeito, três atos de sua vontade: quer que possamos resistir, deseja que não resistamos e permite, contudo, que resistamos se quisermos. Que possamos resistir, isso depende de nossa condição natural e de nossa liberdade; que resistamos, isso depende de nossa malícia; que não resistamos, isso é conforme ao desejo da divina Bondade. Quando, pois, resistimos, Deus em nada contribui para a nossa desobediência, mas, deixando a nossa vontade nas mãos de seu livre-arbítrio (Eclo 15, 14), permite que ela escolha o mal; quando, porém, obedecemos, Deus contribui com o seu socorro, a sua inspiração e a sua graça: pois a permissão é uma ação da vontade que de si mesma é estéril, infecunda, infrutífera e, por assim dizer, é uma ação passiva, que nada faz, mas deixa fazer; ao contrário, o desejo é uma ação ativa, fecunda, fértil, que excita, convida e insiste. É por isso que Deus, desejando que

sigamos a sua vontade significada, nos solicita, exorta, incita, inspira, ajuda e socorre; mas, permitindo que resistamos, não faz outra coisa senão simplesmente deixar-nos fazer o que queremos, segundo a nossa livre escolha, contra o seu desejo e a sua intenção.

E, contudo, esse desejo é um verdadeiro desejo; pois como se poderia exprimir com mais naturalidade o desejo de que um amigo se banqueteie bem do que preparando-lhe um bom e excelente festim, como fez aquele rei da parábola evangélica (Mt 22, 2; Lc 14, 16), e depois convidá-lo, instá-lo e quase forçá-lo, com rogos, exortações e insistências, a vir, a sentar-se à mesa e a comer? Certamente, quem abrisse à força a boca de um amigo, lhe enfiasse a carne pela garganta e o obrigasse a engoli-la, não lhe estaria oferecendo um banquete de cortesia, mas o trataria como um animal e como um capão que se quer engordar. Essa espécie de benefício quer ser oferecida por convites, advertências e solicitações, e não exercida com violência e à força; e por isso se faz à maneira de desejo e não de querer absoluto. Ora, o mesmo se dá com a vontade significada de Deus, pois por ela Deus deseja, com verdadeiro desejo, que façamos o que declara, e para isso nos fornece tudo o que é necessário, exortando-nos e instando-nos a empregá-lo: nesse gênero de favor não se pode desejar mais nada. E, assim como os raios do sol não deixam de ser verdadeiros raios quando são rejeitados e repelidos por algum obstáculo, também a vontade significada de Deus não deixa de ser verdadeira vontade de Deus ainda que se lhe resista, embora não produza tantos efeitos como se a secundássemos.

A conformidade de nosso coração com a vontade significada de Deus consiste, portanto, em querermos tudo aquilo que a divina Bondade nos indica ser de sua intenção, crendo segundo a

sua doutrina, esperando segundo as suas promessas, temendo segundo as suas ameaças, amando e vivendo segundo as suas ordenações e advertências. A isso tendem as manifestações que tantas vezes fazemos disso nas santas cerimônias eclesiásticas: por isso permanecemos de pé enquanto se leem as passagens do Evangelho, como prontos a obedecer à santa significação da vontade de Deus que o Evangelho contém; por isso beijamos o livro no lugar do Evangelho, como que adorando a santa Palavra que declara a vontade celeste. Por isso muitos santos e santas traziam antigamente sobre o peito o Evangelho por escrito, como um emplastro de amor, conforme se lê de Santa Cecília; e, de fato, encontrou-se o de São Mateus sobre o coração de São Barnabé falecido, escrito por sua própria mão. E por isso, nos antigos concílios, colocava-se no meio de toda a assembleia dos bispos um grande trono, e sobre ele o livro dos santos Evangelhos, que representava a pessoa do Salvador, Rei, Doutor, Diretor, Espírito e único Coração dos concílios e de toda a Igreja: tanto se honrava a significação da vontade de Deus expressa nesse divino Livro. Certamente, o grande espelho da ordem pastoral, São Carlos, arcebispo de Milão, jamais estudava a sagrada Escritura sem pôr-se de joelhos e de cabeça descoberta, para testemunhar o respeito com que se deve ouvir e ler a vontade de Deus significada.

CAPÍTULO IV

Da conformidade de nossa vontade com a que Deus tem de nos salvar

Deus nos significou de tantos modos e por tantos meios que queria que todos fôssemos salvos, que ninguém o pode ignorar.

Com essa intenção nos fez à sua imagem e semelhança pela criação (Gn 1, 26), e se fez à nossa imagem e semelhança pela Encarnação, depois da qual sofreu a morte para resgatar toda a raça dos homens e salvá-la; o que fez com tanto amor que, como conta o grande São Dionísio, apóstolo da França, disse ele um dia ao santo homem Carpo que estava "pronto a padecer ainda uma vez para salvar os homens", e que isso lhe seria agradável se pudesse fazer-se sem o pecado de homem algum.

Ora, ainda que nem todos se salvem, nem por isso essa vontade deixa de ser uma verdadeira vontade de Deus, que age em nós segundo a condição de sua natureza e da nossa; pois a sua bondade o leva a comunicar-nos liberalmente os socorros de sua graça, a fim de que cheguemos à felicidade de sua glória; mas a nossa natureza exige que a sua liberalidade nos deixe em liberdade de nos valermos deles para nos salvar, ou de os desprezar para nos perder.

Pedi uma coisa, dizia o Profeta (Sl 26, 4), e é essa que pedirei para sempre: que eu veja a delícia do Senhor e que eu visite o seu templo. Mas qual é a delícia da soberana Bondade, senão derramar-se e comunicar as suas perfeições? Certamente, as suas delícias são estar com os filhos dos homens (Pr 8, 31), para derramar sobre eles as suas graças. Nada é tão agradável e delicioso aos agentes livres quanto fazer a sua vontade. A nossa santificação é a vontade de Deus (1Ts 4, 3), e a nossa salvação é o seu beneplácito. Ora, não há nenhuma diferença entre o beneplácito e a boa delícia, nem, por consequência, entre a boa delícia e a boa vontade divina; e a vontade que Deus tem para o bem dos homens é chamada boa (Sl 5, 20) porque é amável, propícia, favorável, agradável, deliciosa e, como disseram os gregos, depois de São

Paulo (Tt 3, 4; At 28, 1), é uma verdadeira filantropia, isto é, uma benevolência ou vontade toda amorosa para com os homens.

Todo o templo celeste da Igreja triunfante e militante ressoa por toda parte com os cânticos desse doce amor de Deus para conosco; e o sacratíssimo corpo do Salvador, como um santíssimo templo de sua Divindade, está todo ornado de marcas e insígnias dessa benevolência: por isso, visitando o templo divino, vemos aquelas amáveis delícias que o seu coração encontra em nos favorecer.

Contemplemos, pois, cem vezes ao dia essa amorosa vontade de Deus e, fundindo nela a nossa vontade, exclamemos devotamente: Ó Bondade de infinita doçura, quão amável é a vossa vontade! Quão desejáveis são os vossos favores! Vós nos criastes para a vida eterna, e o vosso peito materno, cheio dos seios sagrados de um amor incomparável, transborda de leite de misericórdia, seja para perdoar aos penitentes, seja para aperfeiçoar os justos. Ah, por que, então, não colamos as nossas vontades à vossa, como as criancinhas se agarram ao bico do seio de suas mães, para sugar o leite de vossas eternas bênçãos!

Teótimo, devemos querer a nossa salvação assim como Deus a quer; ora, ele quer a nossa salvação à maneira de desejo, e nós devemos também desejá-la incessantemente, em conformidade com o seu desejo. Não só ele a quer, mas de fato nos dá todos os meios necessários para nos fazer chegar à salvação; e nós, em consequência do desejo que temos de ser salvos, devemos não somente querer, mas efetivamente aceitar todas as graças que ele nos preparou e nos oferece. Basta dizer: desejo ser salvo; mas não basta dizer: desejo abraçar os meios convenientes para alcançá-la; é preciso, antes, querer e abraçar, com uma resolução absoluta, as

graças que Deus nos reparte; pois é necessário que a nossa vontade corresponda à de Deus e, uma vez que ela nos dá os meios de nos salvarmos, devemos recebê-los, assim como devemos desejar a salvação do modo como ela no-la deseja e porque ela a deseja.

Mas acontece muitas vezes que os meios de alcançar a salvação, considerados em bloco ou em geral, são agradáveis ao nosso coração, e, olhados em detalhe e em particular, tornam-se-lhe assustadores; pois não vimos acaso o pobre São Pedro disposto a receber, em geral, toda sorte de penas e a própria morte para seguir o seu Mestre e, no entanto, quando se chegou ao ponto decisivo, empalidecer, tremer e negar o seu Mestre à voz de uma simples criada (Lc 22, 33)? Cada um julga poder beber com Nosso Senhor o seu cálice (Mt 20, 22), mas, quando ele nos é de fato apresentado, foge-se, abandona-se tudo. As coisas representadas em particular causam impressão mais forte e ferem mais sensivelmente a imaginação; por isso, na Introdução à Vida Devota (II, 6), demos por conselho que, depois dos afetos gerais, se fizessem as resoluções particulares na santa oração. Davi aceitava em particular as aflições, como um caminho para a sua perfeição, quando cantava desta maneira: Ó Senhor, como me é bom que me tenhais humilhado, para que eu aprenda as vossas justificações (Sl 118, 71); assim também os Apóstolos estavam alegres nas tribulações, por terem o favor de suportar ignomínias pelo nome do seu Salvador (At 5, 41).

CAPÍTULO V

Da conformidade de nossa vontade com a de Deus, que nos é significada por seus mandamentos

O desejo que Deus tem de nos fazer observar os seus mandamentos é extremo, como toda a Escritura testemunha; e como poderia ele exprimi-lo melhor do que pelas grandes recompensas que propõe aos observadores de sua lei e pelos estranhos suplícios com que ameaça os que a violam? Por isso Davi exclama: Ó Senhor, vós ordenastes que os vossos mandamentos fossem guardados com o maior cuidado (Sl 118, 4).

Ora, o amor de complacência, olhando para esse desejo divino, quer agradar a Deus observando-o; e o amor de benevolência, que quer submeter tudo a Deus, submete por consequência os nossos desejos e as nossas vontades a esta que Deus nos significou. E daí provém não somente a observância, mas também o amor dos mandamentos, que Davi exalta em estilo extraordinário no salmo cento e dezoito, que parece não ter composto senão para esse fim:

> *Como amo a vossa lei, e com que ardente amor!*
> *É toda a minha conversa; falo dela o dia inteiro.*
> *Ó Senhor, mais prezo os vossos santíssimos testemunhos*
> *do que o ouro e o esplendor do topázio dourado.*
> *Quão doces ao meu paladar são as vossas sagradas palavras!*
> *Insosso me parece o mel, se com elas comparado. (Sl 118)*

Mas, para despertar esse santo e salutar amor dos mandamentos, devemos contemplar a sua beleza, que é admirável. Pois, assim como há obras que são más porque são proibidas, e outras que são proibidas porque são más, assim também há as que são boas

porque são mandadas, e outras que são mandadas porque são boas e muito úteis; de sorte que todas são muito boas e muito amáveis, porque o mandamento dá bondade a umas, que de outro modo não a teriam, e dá um acréscimo de bondade às outras, que, sem serem mandadas, não deixariam de ser boas. Não recebemos o bem de boa vontade quando nos é apresentado por uma mão inimiga: os lacedemônios não quiseram seguir um conselho muito são e salutar vindo de um homem ruim, até que um homem de bem lho repetisse; ao contrário, o presente nunca deixa de ser agradável quando um amigo o faz. Os mais doces mandamentos tornam-se ásperos se um coração tirano e cruel os impõe, e tornam-se muito amáveis quando o amor os ordena; a servidão de Jacó parecia-lhe uma realeza, porque procedia do amor (Gn 29, 20). Ó quão doce e desejável é o jugo da lei celeste que um Rei tão amável estabeleceu sobre nós!

Muitos observam os mandamentos como se engolem os remédios: mais por medo de morrer condenados do que pelo prazer de viver segundo a vontade do Salvador. E, assim como há pessoas que, por agradável que seja um medicamento, sentem repugnância em tomá-lo, apenas porque traz o nome de medicamento, assim também há almas que têm horror às ações mandadas, apenas porque são mandadas. Conta-se que houve um homem que, tendo vivido tranquilamente na grande cidade de Paris pelo espaço de oitenta anos sem dela sair, assim que lhe ordenaram, em nome do Rei, que ali permanecesse pelo resto de seus dias, saiu logo a ver os campos, que em toda a sua vida nunca desejara ver.

Ao contrário, o coração amoroso ama os mandamentos, e quanto mais difícil é a coisa mandada, mais doces e agradáveis os

acha, porque assim compraz mais perfeitamente ao Amado e lhe presta maior honra: prorrompe em hinos de alegria e os canta quando Deus lhe ensina os seus mandamentos e justificações (Sl 118, 171). E, assim como o peregrino que caminha cantando alegremente em sua viagem acrescenta, é verdade, o esforço do canto ao do andar e, no entanto, com esse acréscimo de esforço se distrai e se alivia do trabalho do caminho, assim também o amante sagrado encontra tanta suavidade nos mandamentos que nada lhe dá tanto alento e alívio nesta vida mortal quanto a graciosa carga dos preceitos de seu Deus; por isso o santo Salmista exclama: Ó Senhor, as vossas justificações, ou mandamentos, são para mim doces canções neste lugar de minha peregrinação (Sl 118, 54). Dizem que as mulas e os cavalos carregados de figos sucumbem imediatamente ao peso e perdem todas as forças: mais doce que os figos é a lei do Senhor; mas o homem bruto, que se tornou como o cavalo e a mula, nos quais não há entendimento (Sl 31, 9), perde a coragem e não consegue achar forças para carregar esse amável fardo. Ao contrário, assim como um ramo de agnus castus preserva do cansaço o viajante que o leva (Plínio, História Natural, XXIV, 9), assim também a cruz, a mortificação, o jugo, a lei do Salvador, que é o verdadeiro Cordeiro casto (1Pd 1, 19), é uma carga que descansa, que alivia e recreia os corações que amam a sua divina Majestade. "Não há trabalho naquilo que se ama, ou, se há trabalho, é um trabalho amado" (Santo Agostinho): o trabalho misturado com o santo amor é uma espécie de agridoce, mais agradável ao gosto do que uma pura doçura.

O divino amor nos torna, pois, assim conformes à vontade de Deus e nos faz observar cuidadosamente os seus mandamentos, enquanto desejo absoluto de sua divina Majestade, a quem

queremos agradar; de modo que essa complacência antecipa, por sua doce e amável violência, a necessidade de obedecer que a lei nos impõe, convertendo essa necessidade em virtude de dileção e toda a dificuldade em deleite.

CAPÍTULO VI

Da conformidade de nossa vontade com a que Deus nos significou por seus conselhos

O mandamento manifesta uma vontade inteira e premente daquele que ordena, ao passo que o conselho nos apresenta apenas uma vontade de desejo; o mandamento nos obriga, o conselho apenas nos incita; o mandamento torna culpados os transgressores, o conselho torna apenas menos louváveis aqueles que não o seguem; os violadores dos mandamentos merecem ser condenados, os que negligenciam os conselhos merecem somente ser menos glorificados. Há diferença entre mandar e recomendar: quando se manda, usa-se de autoridade para obrigar; quando se recomenda, usa-se de amizade para induzir e provocar; o mandamento impõe necessidade, o conselho e a recomendação nos incitam ao que é de maior utilidade; ao mandamento corresponde a obediência, e ao conselho, a confiança; segue-se o conselho a fim de agradar, e o mandamento para não desagradar. Por isso o amor de complacência, que nos obriga a agradar ao Amado, nos leva por consequência a seguir os seus conselhos; e o amor de benevolência, que quer que todas as vontades e afeições lhe sejam submissas, faz com que queiramos não apenas o que ele ordena, mas o que aconselha e a que exorta: assim como o amor e o respeito que um filho fiel tem ao seu bom pai o levam a

resolver-se a viver não somente segundo os mandamentos que ele impõe, mas ainda segundo os desejos e as inclinações que manifesta.

O conselho é dado, na verdade, em favor daquele que é aconselhado, a fim de que se torne perfeito: Se queres ser perfeito, diz o Salvador (Mt 19, 21; Lc 18, 22), vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e segue-me. Mas o coração amoroso não recebe o conselho por sua própria utilidade, e sim para conformar-se ao desejo daquele que aconselha e para render a homenagem devida à sua vontade; e, portanto, só recebe os conselhos do modo como Deus o quer. E Deus não quer que cada um observe todos os conselhos, mas somente os que lhe são convenientes, segundo a diversidade das pessoas, dos tempos, das ocasiões e das forças, conforme a caridade o exige; pois é ela que, como rainha de todas as virtudes, de todos os mandamentos, de todos os conselhos e, em suma, de todas as leis e de todas as ações cristãs, dá a todos e a todas o lugar, a ordem, o tempo e o valor.

Se teu pai ou tua mãe têm verdadeira necessidade de tua ajuda para viver, não é então tempo de praticar o conselho do retiro num mosteiro; pois a caridade te ordena que vás cumprir de fato o mandamento de honrar, servir, ajudar e socorrer teu pai ou tua mãe (Ex 20, 12). És um príncipe, por cuja posteridade os súditos da coroa que te pertence devem ser conservados em paz e defendidos contra a tirania, a sedição e a guerra civil: a ocasião de tão grande bem te obriga, pois, a gerar em santo matrimônio sucessores legítimos; não é perder a castidade, ou ao menos é perdê-la castamente, sacrificá-la ao bem público em favor da caridade. Tens uma saúde frágil, instável, que precisa de grande cuidado? Não te carregues, então, voluntariamente com a pobreza

efetiva, pois a caridade to proíbe. A caridade não somente não permite aos pais de família vender tudo para dar aos pobres, mas lhes ordena que reúnam honestamente o que é necessário para a educação e o sustento da esposa, dos filhos e dos servos; como também ordena aos reis e príncipes que tenham tesouros que, provenientes de justa economia e não de invenções tirânicas, sirvam como salutares preservativos contra os inimigos visíveis. São Paulo (1Cor 7, 5) não aconselha acaso aos casados que, passado o tempo da oração, voltem ao curso bem regrado do comércio conjugal?

Os conselhos são todos dados para a perfeição do povo cristão, mas não para a de cada cristão em particular. Há circunstâncias que os tornam, ora impossíveis, ora inúteis, ora perigosos, ora nocivos a alguns; e essa é uma das intenções pelas quais Nosso Senhor disse a respeito de um deles (Mt 19, 12) o que quer que se entenda de todos: Quem pode entender, entenda; como se dissesse, na explicação de São Jerônimo: Quem pode ganhar e levar a honra da castidade "como um prêmio" de reputação, que a tome, pois ela está exposta aos que correrem valentemente. Nem todos podem, portanto, isto é, não convém a todos observar sempre todos os conselhos, os quais, sendo dados em favor da caridade, têm nela a regra e a medida de sua execução.

Quando, pois, a caridade o ordena, tiram-se os monges e religiosos dos claustros para deles fazer cardeais, prelados, párocos, e às vezes até se os reduz ao matrimônio para o sossego dos reinos, como disse acima. E, se a caridade faz sair dos claustros aqueles que por voto solene a eles se haviam ligado, com muito maior razão, e por motivo menor, pode-se, pela autoridade dessa mesma caridade, aconselhar a muitos que permaneçam em suas casas, que

conservem os seus bens, que se casem e até que tomem as armas e vão à guerra, que é profissão tão perigosa.

Ora, quando a caridade leva uns à pobreza e dela afasta outros, quando impele uns ao matrimônio e outros à continência, quando encerra um no claustro e faz sair outro, não tem necessidade de dar razão disso a ninguém; pois ela possui a plenitude do poder na lei cristã, segundo está escrito: A caridade tudo pode; e possui o cúmulo da prudência, segundo se diz: A caridade nada faz em vão (1Cor 13, 4-7). E, se alguém quiser contestar e perguntar-lhe por que age assim, ela responderá com ousadia: Porque o Senhor precisa dele (Mt 21, 3). Tudo é feito para a caridade, e a caridade para Deus; tudo deve servir à caridade, e ela, a ninguém, nem mesmo ao seu Amado, de quem não é serva, mas esposa, a quem não presta serviço, mas a quem faz amor. Por isso é dela que se deve tomar a ordem do exercício dos conselhos: pois a uns ela ordenará a castidade e não a pobreza; a outros, a obediência e não a castidade; a outros, o jejum e não a esmola; a outros, a esmola e não o jejum; a outros, a solidão e não o encargo pastoral; a outros, o convívio e não a solidão. Em suma, ela é uma água sagrada que fecunda o jardim da Igreja; e, embora não tenha senão uma cor sem cor, as flores que faz crescer não deixam, contudo, de ter cada uma a sua cor diferente: ela faz mártires mais vermelhos que a rosa, virgens mais brancas que o lírio; a uns dá o fino violeta da mortificação, a outros o amarelo dos cuidados do matrimônio, empregando diversamente os conselhos para a perfeição das almas que têm a felicidade de viver sob a sua direção.

CAPÍTULO VII

Que o amor da vontade de Deus significada nos mandamentos nos leva ao amor dos conselhos

Ó Teótimo, quão amável é essa divina vontade! Ó quão querida e desejável ela é! Ó lei toda de amor e toda para o amor! Os hebreus entendem pela palavra paz o conjunto e a plenitude de todos os bens, isto é, a felicidade; e o Salmista exclama (Sl 118, 165): Que uma paz abundante transborde sobre os que amam a lei de Deus, e que nenhum tropeço lhes aconteça! Como se quisesse dizer: Ó Senhor, quanta suavidade no amor de vossos sagrados mandamentos! Toda doçura deliciosa se apodera do coração que está tomado pela dileção de vossa lei. Certamente, aquele grande Rei, que tinha o coração feito segundo o coração de Deus (1Sm 13, 14), saboreava tão intensamente a perfeita excelência das ordenações divinas, que parece um enamorado tomado pela beleza dessa lei como pela casta esposa e rainha de seu coração, conforme se vê pelos contínuos louvores que lhe dá.

Quando a Esposa celeste quer exprimir a infinita suavidade dos perfumes de seu divino Esposo, diz-lhe (Ct 1, 2): O vosso nome é um unguento derramado; como se dissesse: Sois tão excelentemente perfumado que pareceis ser todo perfume, e é mais próprio chamar-vos unguento e perfume do que ungido e perfumado. Assim também a alma que ama a Deus está de tal modo transformada na vontade divina, que merece antes ser chamada vontade de Deus do que obediente ou sujeita à vontade divina. Por isso Deus diz por Isaías (Is 62) que chamará a Igreja cristã por um nome novo, que a boca do Senhor há de nomear,

marcar e gravar no coração de seus fiéis. E depois, explicando esse nome, diz que será: a minha vontade nela; como se dissesse que, entre os que não são cristãos, cada um tem a sua própria vontade no meio de seu coração, mas que, entre os verdadeiros filhos do Salvador, cada um deixará a sua vontade, e não haverá senão uma só vontade, senhora, regente e universal, que animará, governará e conduzirá todas as almas, todos os corações e todas as vontades; e o nome de honra dos cristãos não será outra coisa senão a vontade de Deus neles: vontade que reinará sobre todas as vontades e as transformará todas em si, de sorte que as vontades dos cristãos e a vontade de Nosso Senhor não sejam mais que uma só vontade. O que se verificou perfeitamente na Igreja primitiva, quando, como diz o glorioso São Lucas (At 4, 32), na multidão dos crentes não havia senão um só coração e uma só alma; pois ele não fala do coração que faz viver os nossos corpos, nem da alma que anima os corações com uma vida humana, mas fala do coração que dá a vida celeste às nossas almas, e da alma que anima os nossos corações com a vida sobrenatural: coração e alma únicos dos verdadeiros cristãos, que não são outra coisa senão a vontade de Deus. A vida, diz o Salmista, está na vontade de Deus (Sl 29, 6): não somente porque a nossa vida temporal depende da vontade divina, mas também porque a nossa vida espiritual consiste na execução dela, pela qual Deus vive e reina em nós, e nos faz viver e subsistir nele. Ao contrário, o ímpio, desde sempre, quebrou o jugo da lei de Deus e disse: Não servirei (Jr 2, 20); por isso Deus diz (Is 48, 8) que o chamou, desde o ventre de sua mãe, transgressor e rebelde; e, falando ao rei de Tiro (Ez 28, 2), censura-o por ter posto o seu coração como o coração de Deus: pois o espírito revoltado quer que o seu coração seja senhor de si mesmo e que a sua própria

vontade seja soberana como a vontade de Deus; não quer que a vontade divina reine sobre a sua, mas quer ser absoluto e sem dependência alguma. Ó Senhor eterno, não o permitais! Antes, fazei que jamais se cumpra a minha vontade, mas a vossa (Lc 22, 42). Ah, estamos neste mundo não para fazer as nossas vontades, mas as de vossa bondade, que nos colocou aqui (Jo 6, 38). Escreveu-se de vós, ó Salvador de minha alma, que faríeis a vontade de vosso Pai eterno; e, pelo primeiro querer humano de vossa alma, no instante mesmo de vossa concepção, abraçastes amorosamente essa lei da vontade divina e a pusestes no meio de vosso coração (Sl 39, 8), para aí reinar e dominar eternamente. Ah, quem alcançará à minha alma a graça de não ter outra vontade senão a vontade de seu Deus!

Ora, quando o nosso amor é extremo em relação à vontade de Deus, não nos contentamos em fazer somente a vontade divina que nos é significada nos mandamentos, mas nos submetemos ainda à obediência dos conselhos, que só nos são dados para observarmos mais perfeitamente os mandamentos, aos quais também eles se referem, como excelentemente diz São Tomás (Suma Teológica, II-II, q. 139, a. 1, ad 5). Ó quão excelente é a observância da proibição das volúpias injustas naquele que renunciou até mesmo às delícias mais justas e legítimas! Ó quão longe está de cobiçar o bem alheio aquele que rejeita todas as riquezas, e até aquelas que santamente poderia guardar! Quão longe está de querer preferir a sua vontade à de Deus aquele que, para fazer a vontade de Deus, se sujeita à de um homem!

Davi estava um dia em sua fortaleza, e a guarnição dos filisteus em Belém; ora, fez ele um desejo, dizendo: Oh, se alguém me desse a beber da água da cisterna que está à porta de Belém! E eis que mal

acabara de dizer a palavra, três valentes cavaleiros partem dali, de cabeça baixa e mão firme, atravessam o exército inimigo, vão à cisterna de Belém, tiram água e a trazem a Davi; o qual, vendo o perigo a que aqueles fidalgos se haviam exposto para satisfazer o seu apetite, não quis beber daquela água conquistada com o risco de seu sangue e de sua vida, mas a derramou em oblação ao Deus eterno (2Sm 23, 14). Ah, vede, eu vos peço, Teótimo, que ardor o desses cavaleiros no serviço e na satisfação de seu senhor! Voam e rompem a multidão dos inimigos, com mil perigos de se perderem, para saciar um único e simples desejo que o Rei lhes manifesta. O Salvador, estando neste mundo, declarou a sua vontade em muitas coisas à maneira de mandamento, e em muitas outras a significou apenas à maneira de desejo: pois louvou grandemente a castidade, a pobreza, a obediência e a resignação perfeita, a renúncia da própria vontade, a viuvez, o jejum, a oração habitual; e o que disse da castidade, que quem pudesse levar o prêmio o tomasse (Mt 19, 12), disse-o suficientemente de todos os outros conselhos. A esse desejo os mais valentes cristãos se lançaram na corrida e, forçando todas as repugnâncias, cobiças e dificuldades, alcançaram a santa perfeição, sujeitando-se à estreita observância dos desejos de seu Rei, e obtendo por esse meio a coroa da glória.

Certamente, como testemunha o divino Salmista (Sl 9, 38), Deus não atende somente à oração de seus fiéis, mas atende ainda ao simples desejo deles e à mera preparação que fazem em seus corações para orar: tão favorável e propício é ele em fazer a vontade dos que o amam (Sl 144, 19). E por que, então, reciprocamente, não haveremos de ser tão zelosos em seguir a sagrada vontade de Nosso Senhor, que façamos não somente o que ele manda, mas

ainda o que mostra aprovar e desejar? As almas nobres não precisam de motivo mais forte para abraçar um projeto do que saber que o Amado o deseja: A minha alma, diz uma delas (Ct 5, 6), se derreteu assim que o meu Amado falou.

CAPÍTULO VIII

Que o desprezo dos conselhos evangélicos é um grande pecado

As palavras com que Nosso Senhor nos exorta a tender e a aspirar à perfeição são tão fortes e tão urgentes, que não podemos dissimular a obrigação que temos de nos empenhar nesse propósito: *Sede santos*, diz ele, *porque eu sou santo* (Lv 11, 44; 1Pd 1, 16); *Quem é santo, santifique-se ainda mais; e quem é justo, justifique-se ainda mais* (Ap 22, 11); *Sede perfeitos como é perfeito vosso Pai celeste* (Mt 5, 18). Por isso o grande São Bernardo, escrevendo ao glorioso São Guarino, abade de Aulps — cuja vida e cujos milagres deixaram tão bom perfume nesta diocese —, dizia: "O homem justo nunca diz 'basta'; tem sempre fome e sede de justiça" (cf. Mt 5, 6).

Certamente, Teótimo, quanto aos bens temporais, nada basta àquele a quem não basta o que basta; pois o que poderá bastar a um coração para o qual a suficiência não é suficiente? Mas, quanto aos bens espirituais, não tem o que lhe basta aquele a quem basta ter o que lhe basta; e a suficiência não é suficiente, porque a verdadeira suficiência nas coisas divinas consiste, em parte, no desejo da abundância. Deus, no princípio do mundo, ordenou à terra que germinasse a erva verdejante produzindo sua semente, e toda árvore frutífera dando seu fruto, cada uma segundo sua

espécie, trazendo também em si mesma a própria semente (Gn 1, 11). E não vemos, pela experiência, que as plantas e os frutos só alcançam seu justo crescimento e sua maturidade quando trazem as sementes e os caroços que lhes servem de geração para a produção de plantas e árvores semelhantes? Assim também, nossas virtudes jamais alcançam sua justa estatura e suficiência sem que produzam em nós desejos de progredir, os quais, como sementes espirituais, servem à produção de novos graus de virtude. E parece-me que a terra do nosso coração recebeu a ordem de germinar as plantas das virtudes, que dão os frutos das santas obras, cada uma segundo o seu gênero, e que trazem as sementes dos desejos e propósitos de sempre multiplicar e avançar em perfeição; e a virtude que não tem a semente ou o caroço desses desejos ainda não chegou à suficiência nem à maturidade. "Pois então", diz São Bernardo ao preguiçoso, "não queres avançar na perfeição? Não. E também não queres piorar? Não, de fato. E o que vem a ser isso? Não queres ser nem pior nem melhor? Ai de ti, pobre homem: queres ser aquilo que não pode existir. Na verdade, nada é estável nem firme neste mundo (Ecl 2, 11; 3, 1); mas do homem se diz ainda mais particularmente que jamais permanece no mesmo estado" (Jó 14, 2). É preciso, portanto, ou que avance, ou que retroceda.

Ora, não digo — nem o disse São Bernardo — que seja pecado não praticar os conselhos. Não, certamente, Teótimo; pois é justamente esta a diferença entre o mandamento e o conselho: o mandamento nos obriga sob pena de pecado, e o conselho nos convida sem pena de pecado. Digo, no entanto, que é um grande pecado desprezar a aspiração à perfeição cristã, e maior ainda desprezar o convite pelo qual Nosso Senhor nos chama a ela; mas

é impiedade insuportável desprezar os conselhos e os meios de alcançá-la que Nosso Senhor nos indica. É heresia dizer que Nosso Senhor não nos aconselhou bem, e blasfêmia dizer a Deus: *Afasta-te de nós, não queremos a ciência dos teus caminhos* (Jó 21, 14); mas é irreverência horrível, contra Aquele que com tanto amor e suavidade nos convida à perfeição, dizer: não quero ser santo, nem perfeito, nem ter maior parte em vossa benevolência, nem seguir os conselhos que me dais para nela progredir.

É bem possível, sem pecar, não seguir os conselhos por causa de uma afeição que se tem em outra parte. Por exemplo: pode-se deixar de vender o que se tem e de dá-lo aos pobres, por não se ter a coragem de fazer renúncia tão grande; pode-se também casar, por se amar uma mulher, ou por não se ter força bastante na alma para empreender a guerra que é preciso mover à carne. Mas fazer profissão de não querer seguir os conselhos, nem um sequer deles, isso não se pode sem desprezo Daquele que os dá. Não seguir o conselho da virgindade a fim de casar-se não é coisa mal feita; mas casar-se por preferir o matrimônio à castidade, como fazem os hereges, é grande desprezo do Conselheiro e do conselho. Beber vinho contra o parecer do médico, quando se está vencido pela sede ou pela vontade de beber, não é propriamente desprezar o médico nem o seu parecer; mas dizer "não quero seguir o parecer do médico" só pode vir da má opinião que dele se tem. Ora, quanto aos homens, muitas vezes se pode desprezar o conselho sem desprezar quem o dá, pois não é desprezar um homem julgar que ele se enganou; mas, quanto a Deus, rejeitar o seu conselho e desprezá-lo só pode nascer do juízo de que ele não aconselhou bem — o que ninguém pode pensar senão por espírito de blasfêmia, como se Deus não fosse sábio o bastante para saber, nem bom o

bastante para querer aconselhar bem. E o mesmo se diga dos conselhos da Igreja, a qual, em razão da contínua assistência do Espírito Santo, que a ensina e a conduz a toda a verdade (Jo 16, 13), jamais pode dar maus pareceres.

CAPÍTULO IX

Continuação do discurso começado: como cada um deve amar, ainda que não praticar, todos os conselhos evangélicos; e como, apesar disso, cada um deve praticar o que puder

Ainda que nem todos os conselhos possam nem devam ser praticados por cada cristão em particular, cada um está obrigado a amá-los todos, porque todos são muito bons. Se tendes enxaqueca e o cheiro do almíscar vos faz mal, deixareis por isso de reconhecer que esse perfume é bom e agradável? Se um vestido de ouro não vos assenta bem, direis que ele nada vale? Se um anel não serve ao vosso dedo, lançá-lo-eis por isso na lama? Louvai, pois, Teótimo, e amai com ternura todos os conselhos que Deus deu aos homens. Oh, bendito seja para sempre o Anjo do grande conselho (Is 9, 6), com todos os avisos que dá e todas as exortações que faz aos humanos! *O coração se alegra com os ungüentos e os bons perfumes*, diz Salomão, *e com os bons conselhos do amigo a alma se adoça* (Pr 27, 9). Mas de que amigo e de que conselhos falamos? Ó Deus, é do Amigo dos amigos, e seus conselhos são mais doces que o mel: o amigo é o Salvador, e seus conselhos são para a salvação.

Alegremo-nos, Teótimo, quando virmos pessoas empreenderem o seguimento de conselhos que nós não podemos ou não devemos observar; oremos por elas, abençoemo-las,

favoreçamo-las e ajudemo-las, pois a caridade nos obriga a amar não somente o que é bom para nós, mas também o que é bom para o próximo.

Mostraremos suficientemente que amamos todos os conselhos quando observarmos devotamente aqueles que nos convierem. Pois assim como quem crê num artigo de fé porque Deus o revelou em sua palavra, anunciada e declarada pela Igreja, não poderia descrer dos outros; e assim como quem observa um mandamento pelo verdadeiro amor de Deus está todo pronto a observar os demais quando a ocasião se apresentar — do mesmo modo, quem ama e estima um conselho evangélico porque Deus o deu não pode deixar de estimar, por consequência, todos os outros, já que também são de Deus. Ora, podemos facilmente praticar vários deles, ainda que não todos ao mesmo tempo; pois Deus deu muitos para que cada um possa observar alguns, e não há dia em que não tenhamos alguma ocasião de fazê-lo.

Exige a caridade que, para socorrer vosso pai ou vossa mãe, permaneçais na casa deles? Conservai, apesar disso, o amor e a afeição ao recolhimento; não prendais vosso coração à casa paterna senão o quanto for necessário para fazer nela o que a caridade vos ordena. Não vos convém, por causa de vossa condição, guardar a perfeita castidade? Guardai então, ao menos, aquilo que dela puderdes guardar sem fazer agravo à caridade. Quem não pode fazer o todo, faça alguma parte. Não sois obrigado a procurar aquele que vos ofendeu, pois cabe a ele voltar a si e vir ter convosco para vos dar satisfação, já que foi ele quem tomou a dianteira com injúria e ultraje. Ide, no entanto, Teótimo, e fazei o que o Salvador vos aconselha (Mt 5; Lc 6): tomai vós a dianteira no bem, retribuí-lhe bem por mal, lançai sobre sua

cabeça e sobre seu coração um braseiro ardente (Rm 12, 20) de testemunhos de caridade, que o queime todo e o force a amar-vos. Não sois obrigado, pelo rigor da lei, a dar a todos os pobres que encontrardes, mas somente àqueles que estiverem em grandíssima necessidade; nem por isso, porém, deixeis de dar de bom grado, segundo o conselho do Salvador (Mt 5, 42; Lc 6, 30), a todos os indigentes que encontrardes, tanto quanto vossa condição e as verdadeiras necessidades de vossos negócios permitirem. Não sois obrigado a fazer voto algum; fazei, contudo, alguns que vosso pai espiritual julgue apropriados ao vosso avanço no amor divino. Podeis livremente usar do vinho dentro dos limites da conveniência; mas, segundo o conselho de São Paulo a Timóteo, tomai apenas o necessário para aliviar vosso estômago (1Tm 5, 23).

Há diversos graus de perfeição nos conselhos. Emprestar aos pobres fora da grandíssima necessidade é o primeiro grau do conselho da esmola; grau mais alto é dar-lhes; mais alto ainda, dar tudo; e, enfim, o mais alto de todos, dar a própria pessoa, consagrando-a ao serviço dos pobres. A hospitalidade, fora da extrema necessidade, é um conselho: acolher o estrangeiro é o primeiro grau; mas sair às beiras dos caminhos para convidá-lo, como fazia Abraão (Gn 18, 2), é grau mais alto; e mais alto ainda, instalar-se em lugares perigosos para recolher, ajudar e servir os que passam. Nisso sobressaiu aquele grande São Bernardo de Menthon, natural desta diocese, o qual, nascido de casa ilustríssima, habitou muitos anos entre as gargantas e os cumes dos nossos Alpes, ali reuniu vários companheiros para esperar, abrigar, socorrer e livrar dos perigos da tormenta os viajantes e caminhantes, que tantas vezes morriam em meio às tempestades,

às neves e ao frio, e que assim morreriam não fossem os hospícios que esse grande amigo de Deus estabeleceu e fundou nos dois montes que por isso levam o seu nome: o Grande São Bernardo, na diocese de Sion, e o Pequeno São Bernardo, na de Tarentaise. Visitar os doentes que não estão em extrema necessidade é caridade louvável; servi-los é melhor ainda; mas consagrar-se ao serviço deles é a excelência desse conselho, que os Clérigos da visitação dos enfermos exercem por seu próprio Instituto, e também muitas senhoras em diversos lugares, à imitação daquele grande São Sansão, fidalgo e médico romano, que, na cidade de Constantinopla, onde foi feito sacerdote, se dedicou inteiramente, com admirável caridade, ao serviço dos doentes, num hospital que ali começou e que o imperador Justiniano ampliou e concluiu; à imitação, ainda, das santas Catarinas de Sena e de Gênova, de Santa Isabel da Hungria e dos gloriosos amigos de Deus, São Francisco e o bem-aventurado Inácio de Loyola, que, no início de suas Ordens, praticaram esse exercício com ardor e proveito espiritual incomparáveis.

As virtudes têm, pois, certa extensão de perfeição, e ordinariamente não somos obrigados a praticá-las no extremo de sua excelência; basta entrar tão adiante em seu exercício que de fato nele se esteja. Mas passar além e avançar na perfeição é conselho, pois os atos heroicos das virtudes não são, de ordinário, mandados, e sim apenas aconselhados. E se em alguma ocasião nos vemos obrigados a exercê-los, isso se dá por circunstâncias raras e extraordinárias, que os tornam necessários à conservação da graça de Deus. O bem-aventurado carcereiro da prisão de Sebaste, vendo que um dos quarenta então martirizados perdia a coragem e a coroa do martírio, tomou-lhe o lugar sem que ninguém o

perseguisse, e foi assim o quadragésimo daqueles gloriosos e triunfantes soldados de Nosso Senhor. Santo Adauto, vendo que conduziam São Félix ao martírio, disse, sem que pessoa alguma o pressionasse: "Eu sou tão cristão quanto este, e adoro o mesmo Salvador"; depois, beijando São Félix, pôs-se a caminho com ele para o martírio e teve a cabeça cortada. Mil dos antigos mártires fizeram o mesmo: podendo igualmente evitar ou sofrer o martírio sem pecado, escolheram sofrê-lo generosamente, em vez de evitá-lo licitamente. Neles, portanto, o martírio foi ato heroico da fortaleza e da constância que um santo excesso de amor lhes deu. Mas quando é forçoso ou suportar o martírio ou renegar a fé, o martírio não deixa de ser martírio, e um excelente ato de amor e de fortaleza; ainda assim, não sei se se deve chamá-lo ato heroico, já que não foi escolhido por nenhum excesso de amor, mas pela necessidade da lei, que nesse caso o ordena. Ora, é na prática dos atos heroicos da virtude que consiste a perfeita imitação do Salvador, o qual, como diz o grande São Tomás, teve desde o instante de sua concepção todas as virtudes em grau heroico; e, na verdade, eu diria de bom grado: mais que heroico, pois ele não era simplesmente mais que homem, mas infinitamente mais que homem, isto é, verdadeiro Deus.

CAPÍTULO X

Como é preciso conformar-se à vontade divina que nos é significada pelas inspirações; e, primeiramente, da variedade dos meios pelos quais Deus nos inspira

Os raios do sol iluminam aquecendo e aquecem iluminando; a inspiração é um raio celeste que traz aos nossos corações uma luz

cheia de calor, pela qual nos faz ver o bem e nos aquece para buscá-lo. Tudo o que tem vida sobre a terra se entorpece com o frio do inverno; mas, ao voltar o calor vital da primavera, tudo retoma o seu movimento: os animais terrestres correm mais velozes, as aves voam mais alto e cantam mais alegremente, e as plantas lançam suas folhas e suas flores com muita graça. Sem a inspiração, nossas almas viveriam preguiçosas, paralisadas e inúteis; mas, à chegada dos divinos raios da inspiração, sentimos uma luz misturada com um calor vivificante, que ilumina nosso entendimento e desperta e anima nossa vontade, dando-lhe força para querer e fazer o bem que pertence à salvação eterna. Tendo Deus formado o corpo humano do limo da terra, como diz Moisés, soprou nele a respiração da vida, e ele foi feito alma vivente (Gn 2, 7), isto é, alma que dava vida, movimento e operação ao corpo; e esse mesmo Deus eterno sopra e infunde as inspirações da vida sobrenatural em nossas almas, a fim de que, como diz o grande Apóstolo, sejam feitas espírito vivificante (1Cor 15, 45), isto é, espírito que nos faça viver, mover, sentir e realizar as obras da graça, de modo que Aquele que nos deu o ser nos dê também a operação. O hálito do homem aquece as coisas em que penetra: testemunha disso é o filho da sunamita, sobre cuja boca o profeta Eliseu pôs a sua e, tendo soprado sobre ele, a carne do menino se aqueceu (2Rs 4, 34); e a experiência é bem manifesta. Mas o sopro de Deus não somente aquece: ilumina também perfeitamente, porquanto o Espírito divino é uma luz infinita, cujo sopro vital se chama inspiração, pois por ele essa suprema Bondade alenta e inspira em nós os desejos e as intenções de seu coração.

Ora, os meios de inspirar de que ela usa são infinitos. Santo Antão, São Francisco, Santo Anselmo e mil outros recebiam

muitas vezes inspirações pela vista das criaturas. O meio ordinário é a pregação; mas às vezes aqueles a quem a palavra não aproveita são instruídos pela tribulação, segundo o dito do Profeta: *A aflição dará entendimento ao ouvido* (Is 28, 19); isto é, os que não se corrigem ao ouvir as ameaças celestes contra os maus aprenderão a verdade pelos acontecimentos e pelos efeitos, e se tornarão sábios ao sentir a aflição. Santa Maria Egipcíaca foi inspirada pela vista de uma imagem de Nossa Senhora; Santo Antão, ouvindo o Evangelho que se lê na Missa; Santo Agostinho, ouvindo o relato da vida de Santo Antão; o duque de Gandia, vendo a imperatriz morta; São Pacômio, vendo um exemplo de caridade; o bem-aventurado Inácio de Loyola, lendo a vida dos Santos. São Cipriano — não o grande bispo de Cartago, mas outro, que foi leigo, ainda que glorioso mártir — foi tocado ao ver o demônio confessar sua impotência sobre os que confiam em Deus. Quando eu era jovem, em Paris, dois estudantes, um dos quais herege, passando a noite no subúrbio de São Tiago, numa devassidão desonesta, ouviram tocar as Matinas dos Cartuxos; e, perguntando o herege ao outro por que se tocavam os sinos, este lhe explicou com que devoção se celebravam os ofícios sagrados naquele santo mosteiro. "Ó Deus", disse ele, "como é diferente do nosso o exercício desses religiosos! Eles fazem o dos Anjos, e nós o dos animais brutos." E, querendo ver por experiência, no dia seguinte, o que aprendera pelo relato do companheiro, encontrou aqueles Padres em suas cadeiras do coro, alinhados como estátuas de mármore numa sequência de nichos, imóveis para toda outra ação que não fosse a salmodia, que faziam com atenção e devoção verdadeiramente angélicas, segundo o costume daquela santa Ordem. De sorte que o pobre rapaz, arrebatado de admiração,

ficou preso à consolação extrema que sentiu ao ver Deus tão bem adorado entre os católicos, e resolveu — como depois fez — recolher-se ao seio da Igreja, verdadeira e única Esposa Daquele que o visitara com sua inspiração no infame lodaçal de abominação em que ele se achava.

Oh, como são bem-aventurados aqueles que mantêm o coração aberto às santas inspirações! Pois nunca lhes faltam as que lhes são necessárias para viver bem e devotamente em sua condição e para exercer santamente os encargos de sua profissão. Porque, assim como Deus dá, por intermédio da natureza, a cada animal os instintos requeridos para sua conservação e para o exercício de suas propriedades naturais, assim também, se não resistirmos à graça de Deus, ele dá a cada um de nós as inspirações necessárias para viver, operar e conservar-nos na vida espiritual. "Ah, Senhor", dizia o fiel Eliezer, "eis que estou junto desta fonte de água, e as filhas dos habitantes desta cidade sairão para tirar água; a jovem, pois, a quem eu disser: Inclina teu cântaro para que eu beba, e ela responder: Bebe, e ainda darei de beber a teus camelos — essa é a que preparaste para teu servo Isaac" (Gn 24, 12). Teótimo, Eliezer dá a entender que deseja água somente para si; mas a bela Rebeca, obedecendo à inspiração que Deus e sua própria bondade lhe davam, oferece-se para dar de beber também aos camelos (Gn 24, 17); e por isso foi feita esposa do Santo Isaac, nora do grande Abraão e avó do Salvador. As almas que não se contentam em fazer o que o divino Esposo lhes pede pelos mandamentos e conselhos, mas estão prontas a seguir as sagradas inspirações, essas são as que o Pai eterno preparou para serem esposas de seu Filho amadíssimo. E, quanto ao bom Eliezer, porque não podia de outro modo discernir, entre as filhas de Harã,

cidade de Nacor, aquela que estava destinada ao filho de seu senhor, Deus lho fez conhecer por inspiração. Quando não sabemos o que fazer e a assistência humana nos falta em nossas perplexidades, é então que Deus nos inspira; e, se formos humildemente obedientes, ele não permite que nos percamos. Ora, nada mais direi dessas inspirações necessárias, por já ter falado delas muitas vezes nesta obra, e ainda na *Introdução à Vida Devota* (livro II, cap. 18).

CAPÍTULO XI

Da união da nossa vontade com a de Deus nas inspirações que são dadas para a prática extraordinária das virtudes; e da perseverança na vocação, primeiro sinal da inspiração

Há inspirações que tendem apenas a uma perfeição extraordinária dos exercícios ordinários da vida cristã. A caridade para com os pobres enfermos é exercício ordinário dos verdadeiros cristãos; mas foi exercício ordinário praticado em perfeição extraordinária por São Francisco e Santa Catarina de Sena, quando lambiam e sugavam as úlceras dos leprosos e cancerosos, e pelo glorioso rei São Luís, quando servia os doentes de joelhos e de cabeça descoberta (com o que um abade de Cister ficou perdido de admiração, ao vê-lo nessa postura tratar e acomodar um desgraçado, coberto de chagas horríveis e cancerosas). Era ainda prática bem extraordinária desse santo monarca servir à mesa os pobres mais vis e abjetos e comer as sobras de suas sopas. São Jerônimo, recebendo em seu hospício de Belém os peregrinos da Europa que fugiam da perseguição dos godos, não lhes lavava somente os pés, mas se abaixava a ponto de lavar e esfregar também

as pernas de seus camelos, a exemplo de Rebeca, de quem falávamos há pouco, que tirou água não só para Eliezer, mas também para os camelos dele. São Francisco não foi extremado apenas na prática da pobreza, como todos sabem, mas também na da simplicidade: resgatou um cordeiro com medo de que o matassem, porque representava Nosso Senhor; guardava respeito por quase todas as criaturas, contemplando nelas o Criador, com uma simplicidade fora do comum, mas prudentíssima; algumas vezes deteve-se a retirar do caminho os vermezinhos, para que ninguém os pisasse ao passar, lembrando-se de que seu Salvador se comparara ao verme (Sl 21, 7); chamava as criaturas de seus "irmãos e irmãs", por certa admirável consideração que o santo amor lhe sugeria. Santo Aleixo, senhor de nobilíssima estirpe, praticou de modo excelente o abatimento de si mesmo, permanecendo dezessete anos desconhecido na casa do próprio pai, em Roma, na condição de pobre peregrino.

Todas essas inspirações foram para exercícios ordinários, praticados, no entanto, em perfeição extraordinária. Ora, nesse gênero de inspirações é preciso observar as regras que demos a respeito dos desejos em nossa *Introdução* (livro III, cap. 37): não se deve querer seguir muitos exercícios ao mesmo tempo e de um só golpe, pois o inimigo procura muitas vezes fazer-nos empreender e começar vários projetos, a fim de que, esmagados por trabalho demais, nada acabemos e deixemos tudo imperfeito. Às vezes chega mesmo a sugerir-nos a vontade de começar alguma obra excelente, que ele bem prevê que não levaremos a cabo, só para desviar-nos de prosseguir outra menos excelente que teríamos concluído facilmente; pois pouco lhe importa que se façam muitos projetos e muitos começos, contanto que nada se

termine. Ele não quer impedir — tal como o faraó (Ex 1, 16) — que as místicas mulheres de Israel, isto é, as almas cristãs, deem à luz filhos varões, contanto que estes sejam mortos antes de crescer; ao contrário, diz o grande São Jerônimo, "entre os cristãos não se olha tanto ao começo quanto ao fim". Não se deve engolir tanto alimento que não se possa digerir aquilo que se toma. O espírito sedutor nos detém nos começos e nos faz contentar com a primavera florida; mas o Espírito divino só nos faz olhar os começos para chegarmos ao fim, e só nos faz alegrar com as flores da primavera em vista da esperança de gozar os frutos do verão e do outono.

O grande São Tomás é de parecer que não convém consultar muito nem deliberar longamente sobre a inclinação que se tem de entrar numa Ordem religiosa boa e bem constituída; e tem razão, pois, sendo a vida religiosa aconselhada por Nosso Senhor no Evangelho, que necessidade há de tantas consultas? Basta fazer uma boa consulta com umas poucas pessoas bem prudentes e capazes em tal matéria, que nos possam ajudar a tomar uma resolução breve e sólida. Mas, uma vez deliberado e resolvido — tanto nesse assunto como em qualquer outro que diga respeito ao serviço de Deus —, é preciso ser firme e invariável, sem se deixar abalar de modo algum por nenhuma espécie de aparência de bem maior; pois muitas vezes, diz o glorioso São Bernardo, o maligno nos lança em pista falsa: para desviar-nos de concluir um bem, propõe-nos outro que parece melhor; e, depois que o começamos, para nos distrair de o terminar, apresenta-nos um terceiro, contentando-se com que façamos muitos começos, contanto que não façamos fim algum. Nem sequer se deve passar de uma Ordem

religiosa a outra sem motivos grandemente ponderosos, diz São Tomás, seguindo o abade Nesteros, referido por Cassiano.

Tomo emprestada do grande Santo Anselmo, escrevendo a Lanzo, uma bela comparação: "Assim como um arbusto muitas vezes transplantado não consegue lançar raízes, nem, por consequência, chegar à sua perfeição e dar o fruto desejado", assim a alma que transplanta o coração de um projeto a outro não pode aproveitar nem alcançar o justo crescimento de sua perfeição, já que a perfeição não consiste em começos, mas em acabamentos. Os animais sagrados de Ezequiel iam para onde o ímpeto do espírito os levava, e não se voltavam ao caminhar, mas cada um avançava, seguindo em frente do próprio rosto (Ez 1, 12). É preciso ir aonde a inspiração nos impele, sem se virar nem recuar, mas caminhar para o lado ao qual Deus voltou o nosso rosto, sem mudar de mira. Quem está em bom caminho, por ele se salve. Acontece por vezes deixar-se o bem para buscar o melhor e, tendo deixado um, não se encontrar o outro: mais vale a posse de um pequeno tesouro já achado que a pretensão de outro maior que é preciso ir procurar. É suspeita a inspiração que nos leva a deixar um bem verdadeiro que temos presente, para correr atrás de outro melhor que está por vir. Um jovem português chamado Francisco Bassus era admirável não somente na eloquência sagrada, mas também na prática das virtudes, sob a disciplina do bem-aventurado Filipe Néri, na congregação do Oratório de Roma. Ora, julgou-se inspirado a deixar aquela santa Sociedade para entrar numa Ordem religiosa formal, e afinal resolveu-se a isso; mas o bem-aventurado Filipe, assistindo à sua recepção na Ordem de São Domingos, chorava amargamente; e, perguntando-lhe Francisco Maria Tarugi, que depois foi arcebispo de Sena e

cardeal, por que derramava tais lágrimas, respondeu: "Choro a perda de tantas virtudes." E de fato, aquele jovem, tão excelentemente sábio e devoto na Congregação, tão logo entrou na Ordem tornou-se de tal modo inconstante e volúvel que, agitado por diversos desejos de novidades e mudanças, deu depois grandes e penosos escândalos.

Se o passarinheiro vai direto ao ninho da perdiz, ela se apresenta diante dele fingindo-se estropiada e coxa e, lançando-se como para um grande voo, deixa-se de repente cair, como se não pudesse mais, a fim de que o caçador, entretendo-se atrás dela e julgando que facilmente a apanhará, seja desviado de encontrar os filhotes fora do ninho; depois, quando ele já a seguiu por algum tempo e pensa agarrá-la, ela levanta voo e escapa. Assim também o nosso inimigo: vendo um homem que, inspirado por Deus, empreende uma profissão e um modo de vida próprios para seu avanço no amor celeste, persuade-o a tomar outro caminho, de maior perfeição na aparência; e, tendo-o desviado de sua primeira estrada, torna-lhe pouco a pouco impossível seguir a segunda, e propõe-lhe uma terceira, para que, ocupando-o na busca contínua de diversos e novos meios de se aperfeiçoar, o impeça de empregar qualquer um deles e, por consequência, de chegar ao fim para o qual os procura, que é a perfeição. Os cães jovens, a cada encontro, deixam a matilha e correm atrás de outra pista; mas os velhos, que são sábios, jamais se deixam levar por pista falsa, e seguem sempre o rastro em que estão. Que cada um, pois, tendo encontrado a santíssima vontade de Deus em sua vocação, permaneça nela santa e amorosamente, praticando os exercícios que lhe convêm, segundo a ordem da discrição e com o zelo da perfeição.

CAPÍTULO XII

Da união da vontade humana com a de Deus nas inspirações que são contrárias às leis ordinárias; e da paz e doçura do coração, segundo sinal da inspiração

É assim, pois, Teótimo, que se deve proceder nas inspirações que só são extraordinárias na medida em que nos incitam a praticar com fervor e perfeição extraordinários os exercícios ordinários do cristão. Mas há outras inspirações que se chamam extraordinárias, não somente porque fazem a alma avançar além do curso comum, mas também porque a levam a ações contrárias às leis, regras e costumes comuns da Santíssima Igreja, e que por isso são mais admiráveis do que imitáveis.

A santa donzela que os historiadores chamam Eusébia, a Estrangeira, deixou Roma, sua pátria, e, vestindo-se de rapaz, embarcou com outras duas jovens para além-mar, passou a Alexandria e dali à ilha de Cós; ali, vendo-se em segurança, retomou as vestes do seu sexo e, fazendo-se de novo ao mar, foi à região da Cária, à cidade de Milasa, para onde a levou o grande Paulo, que a encontrara em Cós e a tomara sob sua direção espiritual; e ali, tendo ele depois se tornado bispo, governou-a tão santamente que ela ergueu um mosteiro e se empregou no serviço da Igreja, no ofício que naquele tempo se chamava de diaconisa, com tanta caridade que morreu afinal toda santa, e foi reconhecida como tal por grande multidão de milagres que Deus operou por suas relíquias e intercessões. Ora, vestir os trajes do sexo a que não se pertence e expor-se assim disfarçada a uma viagem com homens não é apenas ir além, mas ir contra as regras

ordinárias da modéstia cristã. Um jovem deu um pontapé em sua mãe e, tocado de viva contrição, foi confessar-se a Santo Antônio de Pádua, o qual, para lhe gravar mais vivamente na alma o horror de seu pecado, lhe disse, entre outras coisas: "Meu filho, o pé que serviu de instrumento à vossa maldade para tão grande crime mereceria ser cortado." O rapaz tomou isso tão a sério que, de volta à casa da mãe, arrebatado pelo sentimento de sua contrição, cortou o próprio pé. As palavras do santo não teriam tido essa força, no seu alcance ordinário, se Deus não lhes tivesse acrescentado a sua inspiração — mas inspiração tão extraordinária, que se julgaria antes tentação, se o milagre da reunião daquele pé cortado, obrado pela bênção do Santo, não a tivesse autorizado.

São Paulo, o primeiro eremita, Santo Antão e Santa Maria Egipcíaca não se lançaram naquelas vastas solidões — privados de ouvir Missa, de comungar e de se confessar, e privados, jovens como ainda eram, de direção e de toda assistência — sem uma forte inspiração. O grande Simeão Estilita levou uma vida que homem algum no mundo poderia ter concebido nem empreendido sem o instinto e a assistência do céu. São João, bispo, cognominado o Silenciário, deixando seu bispado sem que o soubesse todo o seu clero, foi passar o resto de seus dias no mosteiro da Lavra, sem que jamais pudessem ter notícia dele: não era isso contra as regras da santíssima residência? E o grande São Paulino, que se vendeu para resgatar o filho de uma pobre viúva — como poderia fazê-lo segundo as leis ordinárias, já que não pertencia a si mesmo, e sim à sua Igreja e ao povo, pela consagração episcopal? E aquelas moças e mulheres que, perseguidas por causa de sua beleza, desfiguraram o rosto com ferimentos voluntários a

fim de guardar a castidade sob o favor de uma santa fealdade — não faziam, ao que parece, coisa proibida?

Ora, um dos melhores sinais da bondade de todas as inspirações, e particularmente das extraordinárias, é a paz e a tranquilidade do coração que as recebe; pois o Espírito divino é, na verdade, violento, mas de uma violência doce, suave e pacífica. Vem como um vento impetuoso e como um raio do céu, mas não derruba os Apóstolos nem os perturba: o pavor que lhes causa o seu estrondo é momentâneo e logo se vê seguido de uma doce segurança. Por isso aquele fogo repousa sobre cada um deles (At 2, 2), como tomando ali e dando ali o seu sagrado descanso. E, assim como o Salvador é chamado Salomão, o pacífico, também a sua Esposa é chamada Sulamita, tranquila e filha da paz; e a voz, isto é, a inspiração do Esposo, não a agita nem a perturba de modo algum, mas a atrai tão suavemente que a faz docemente derreter-se e como que escoar sua alma nele: *Minha alma se derreteu quando meu Amado falou* (Ct 5, 6). E, ainda que ela seja belicosa e guerreira, é ao mesmo tempo tão pacífica que, no meio dos exércitos e das batalhas, prossegue nos acordes de uma melodia sem igual: *Que vereis na Sulamita senão os coros dos exércitos?* (Ct 7, 1). Seus exércitos são coros, isto é, harmonias de cantores; e seus coros são exércitos, porque as armas da Igreja e da alma devota não são outra coisa senão as orações, os hinos, os cânticos e os salmos. Assim, os servos de Deus que tiveram as mais altas e sublimes inspirações foram os mais doces e pacíficos do universo: Abraão, Isaac, Jacó; Moisés é chamado o mais manso de todos os homens (Nm 12, 3); Davi é louvado por sua mansidão (Sl 131, 1).

Ao contrário, o espírito maligno é turbulento, áspero, agitado; e aqueles que seguem suas sugestões infernais, imaginando serem

inspirações celestes, ordinariamente se reconhecem por serem inquietos, teimosos, soberbos, empreendedores e agitadores de negócios; que, sob pretexto de zelo, revolvem tudo de cabeça para baixo, censuram todo o mundo, repreendem a cada um e criticam todas as coisas; gente sem direção, sem condescendência, que nada suporta, e que exerce as paixões do amor-próprio sob o nome de zelo pela honra divina.

CAPÍTULO XIII

Terceiro sinal da inspiração, que é a santa obediência à Igreja e aos superiores

À paz e à doçura do coração está inseparavelmente unida a santíssima humildade. Mas não chamo humildade àquele cerimonioso conjunto de palavras, de gestos, de beijos ao chão, de reverências e de inclinações, quando se faz, como acontece muitas vezes, sem nenhum sentimento interior da própria pequenez nem da justa estima do próximo; pois tudo isso não passa de um vão entretenimento de espíritos fracos, e deve antes chamar-se fantasma de humildade do que humildade. Falo de uma humildade nobre, real, substancial e sólida, que nos torna dóceis à correção, maleáveis e prontos para a obediência.

Enquanto o incomparável Simeão Estilita era ainda noviço em Tel-Ada, mostrou-se inflexível ao parecer de seus superiores, que o queriam impedir de praticar tantos e tão estranhos rigores, com os quais se maltratava desordenadamente; de sorte que, por isso, foi por fim expulso do mosteiro, como pouco capaz da mortificação do coração e demasiado dado à do corpo. Mas, tendo sido depois chamado de volta e tornando-se mais devoto e mais

sábio na vida espiritual, comportou-se de maneira bem diferente, como o demonstrou no episódio seguinte. Pois, quando os eremitas espalhados pelos desertos vizinhos de Antioquia souberam da vida extraordinária que ele levava sobre sua coluna — na qual parecia ser ou um Anjo terrestre ou um homem celeste —, enviaram-lhe um delegado dentre eles, com ordem de falar-lhe de sua parte deste modo: "Por que é, Simeão, que, deixando a estrada larga da vida devota, aberta por tantos grandes e santos antecessores, segues outra, desconhecida dos homens e tão distante de tudo o que até hoje se viu e se ouviu? Deixa, Simeão, essa coluna, e volta desde já a viver com os outros, no modo de vida e no método de servir a Deus usados pelos bons Padres que nos precederam." E se Simeão aquiescesse ao parecer deles e, condescendendo com a vontade deles, se mostrasse pronto a descer, encarregaram o delegado de lhe deixar a liberdade de perseverar naquele gênero de vida já começado; porque, diziam aqueles bons Padres, por sua obediência bem se poderá conhecer que empreendeu tal vida por inspiração divina. Mas se, ao contrário, resistisse e, desprezando a exortação deles, quisesse seguir a própria vontade, resolveram que seria preciso retirá-lo à força e fazê-lo abandonar a coluna. Chegando, pois, o delegado junto à coluna, mal acabara de cumprir sua embaixada, o grande Simeão, sem demora, sem reserva, sem réplica alguma, pôs-se a querer descer, com uma obediência e uma humildade dignas de sua rara santidade. Vendo isso, o enviado exclamou: "Detém-te, ó Simeão! Fica onde estás, persevera constantemente e tem bom ânimo; prossegue valorosamente em teu empreendimento: tua morada sobre esta coluna vem de Deus."

Mas vede, Teótimo, eu vos peço, como aqueles antigos e santos anacoretas, em sua assembleia geral, não encontram sinal mais seguro da inspiração celeste, num caso tão extraordinário como foi a vida daquele santo Estilita, do que vê-lo simples, doce e maleável sob as leis da santíssima obediência. E Deus, abençoando a submissão daquele grande homem, deu-lhe a graça de perseverar trinta anos inteiros sobre uma coluna de trinta e seis côvados de altura, depois de já ter passado sete anos sobre outras colunas de seis, de doze e de vinte pés de altura, e de haver antes disso vivido dez anos sobre uma pequena ponta de rocha, no lugar chamado Mandra. Assim, essa ave do paraíso, vivendo no ar sem tocar a terra, foi espetáculo de amor para os Anjos e de admiração para os homens. Tudo é seguro na obediência; tudo é suspeito fora da obediência.

Quando Deus lança inspirações num coração, a primeira que derrama é a da obediência. Mas houve alguma vez inspiração mais ilustre e mais sensível do que aquela que foi dada ao glorioso São Paulo? Ora, o ponto principal dela foi que fosse à cidade, onde aprenderia pela boca de Ananias o que devia fazer (At 9, 7); e esse Ananias, homem grandemente célebre, era, como diz São Doroteu, bispo de Damasco. Quem quer que diga ser inspirado e se recuse a obedecer aos superiores e a seguir seus pareceres, é impostor. Todos os profetas e pregadores que foram inspirados por Deus sempre amaram a Igreja, sempre aderiram à sua doutrina, sempre também foram por ela aprovados, e jamais anunciaram nada com tanta força como esta verdade: que os lábios do sacerdote guardam a ciência, e que da sua boca se deve buscar a lei (Ml 2, 7). De sorte que as missões extraordinárias são ilusões diabólicas, e não inspirações celestes, se não forem

reconhecidas e aprovadas pelos pastores que são da missão ordinária; pois é assim que Moisés e os Profetas se harmonizam. São Francisco, São Domingos e os demais Padres das Ordens religiosas vieram ao serviço das almas por uma inspiração extraordinária; mas por isso mesmo se submeteram tanto mais humilde e cordialmente à sagrada hierarquia da Igreja. Em suma, os três melhores e mais seguros sinais das legítimas inspirações são: a perseverança, contra a inconstância e a leviandade; a paz e a doçura do coração, contra as inquietações e as pressas; a humilde obediência, contra a obstinação e a extravagância.

E, para concluir tudo o que dissemos da união da nossa vontade com aquela vontade de Deus que se chama significada: quase todas as ervas de flores amarelas, e mesmo a chicória silvestre, que as tem azuis, voltam-nas sempre para o lado do sol e acompanham assim o seu giro; mas o heliotrópio não faz girar somente as suas flores, e sim também todas as suas folhas, no seguimento daquele grande luzeiro. Do mesmo modo, todos os eleitos voltam a flor de seu coração, que é a obediência aos mandamentos, para o lado da vontade divina; mas as almas vivamente tomadas do santo amor não olham essa divina Bondade somente pela obediência aos mandamentos, e sim também pela união de todas as suas afeições, acompanhando o giro desse divino Sol em tudo quanto ele lhes manda, aconselha e inspira, sem reserva nem exceção alguma. Por isso podem dizer com o sagrado Salmista: *Senhor, tomastes a minha mão direita, e me conduzistes em vossa vontade, e me acolhestes com muita glória* (Sl 72, 24); *Tornei-me como um cavalo diante de vós, e estou sempre convosco* (Sl 72, 23). Pois, assim como um cavalo bem adestrado se maneja com facilidade, com doçura e com exatidão, em todos

os sentidos, pelo cavaleiro que o monta, assim também a alma que ama é tão dócil à vontade de Deus, que ele faz dela tudo o que quer.

CAPÍTULO XIV

Método breve para conhecer a vontade de Deus

São Basílio diz que a vontade de Deus nos é manifestada por suas ordenações ou mandamentos, e que então nada há a deliberar, pois basta simplesmente fazer o que está ordenado; mas que, em todo o restante, fica em nossa liberdade escolher a nosso gosto o que bem nos parecer, ainda que não se deva fazer tudo quanto é lícito, mas somente o que é proveitoso; e que, enfim, para bem discernir o que é conveniente, é preciso ouvir o parecer do sábio pai espiritual.

Mas, Teótimo, advirto-vos de uma tentação enfadonha que muitas vezes acomete as almas que têm grande desejo de seguir, em todas as coisas, aquilo que mais se conforma à vontade de Deus. Pois o inimigo, em todas as ocasiões, as põe em dúvida se é vontade de Deus que façam uma coisa antes que outra: como, por exemplo, se é vontade de Deus que comam com o amigo ou que não comam, que usem vestes cinzentas ou negras, que jejuem na sexta-feira ou no sábado, que vão à recreação ou que dela se abstenham; e nisso consomem muito tempo e, enquanto se ocupam e se embaraçam em querer discernir o que é melhor, perdem inutilmente o ensejo de praticar muitos bens, cuja execução seria mais para a glória de Deus do que jamais poderia ser o discernimento entre o bom e o melhor com que se entretiveram.

Não se costuma pesar a moeda miúda, mas somente as peças de valor; o comércio seria enfadonho demais e devoraria tempo demais se fosse preciso pesar os soldos, os liardes, os dinheiros e as pitas: assim também não se devem pesar toda sorte de ações miúdas para saber se valem mais que as outras. Há mesmo, muitas vezes, superstição em querer fazer semelhante exame; pois a que propósito se há de pôr em dificuldade se é melhor ouvir a Missa numa igreja ou noutra, fiar ou coser, dar esmola a um homem ou a uma mulher? Não é servir bem a um senhor empregar tanto tempo em considerar o que se deve fazer quanto em fazer aquilo que é requerido. É preciso medir nossa atenção pela importância daquilo que empreendemos: seria um cuidado desregrado tomar tanto trabalho em deliberar sobre uma viagem de um dia quanto sobre uma de trezentas ou quatrocentas léguas.

A escolha da vocação, o projeto de algum negócio de grande consequência, de alguma obra de longo fôlego ou de alguma despesa bem grande, a mudança de morada, a escolha das companhias e outras coisas semelhantes merecem que se pense seriamente naquilo que mais se conforma à vontade divina; mas nas ações miúdas de cada dia, nas quais o próprio erro não é nem de consequência nem irreparável, que necessidade há de bancar o ocupado, o atento e o embaraçado, fazendo consultas importunas? A que propósito me hei de pôr em gastos para saber se Deus prefere que eu reze o Rosário ou o Ofício de Nossa Senhora, se não pode haver entre um e outro diferença tamanha que exija por isso uma grande investigação? Que eu vá antes ao hospital visitar os enfermos do que às Vésperas? Que eu vá antes ao sermão do que a uma igreja onde há indulgência? Ordinariamente, não há em uma coisa nada tão visivelmente

notável mais que na outra, que obrigue por isso a entrar em grande deliberação. Cumpre proceder com toda boa-fé e sem sutilezas em tais ocasiões e, como diz São Basílio, fazer livremente o que bem nos parecer, para não cansar nosso espírito, não perder tempo e não nos expormos ao perigo da inquietação, do escrúpulo e da superstição. Ora, entendo isto sempre no caso em que não haja grande desproporção entre uma obra e a outra, e em que não se encontre circunstância considerável de um lado mais que do outro.

Mesmo nas coisas de consequência é preciso ser bem humilde e não pensar que havemos de encontrar a vontade de Deus à força de exame e de sutileza de raciocínio; mas, depois de haver pedido a luz do Espírito Santo, aplicado nossa consideração à busca de seu beneplácito, tomado o conselho de nosso diretor e, se o caso o pedir, o de duas ou três outras pessoas espirituais, é preciso resolver-se e decidir em nome de Deus, e não se deve mais, depois disso, pôr em dúvida a nossa escolha, mas cultivá-la e sustentá-la devotamente, pacificamente e com constância. E ainda que as dificuldades, tentações e a diversidade de acontecimentos que surgem no correr da execução de nosso propósito nos possam dar alguma desconfiança de havermos escolhido bem, é preciso, contudo, permanecer firme e não olhar para nada disso, mas considerar que, se tivéssemos feito outra escolha, teríamos talvez encontrado coisa cem vezes pior; além de que não sabemos se Deus quer que sejamos exercitados na consolação ou na tribulação, na paz ou na guerra. Tomada santamente a resolução, nunca se deve duvidar da santidade da execução, pois, se não faltarmos de nossa parte, ela não pode falhar: proceder de outro

modo é sinal de grande amor-próprio, ou de puerilidade, fraqueza e simploriedade de espírito.

LIVRO

IX

Do amor de submissão, pelo qual nossa vontade se une ao beneplácito de Deus

Capítulos I a XVI

CAPÍTULO I

Da união de nossa vontade com a vontade divina que se chama vontade de beneplácito

Nada se faz, exceto o pecado, senão pela vontade de Deus, que se chama vontade absoluta e de beneplácito, a qual ninguém pode impedir, e que não nos é conhecida senão pelos efeitos, os quais, uma vez acontecidos, nos manifestam que Deus os quis e os designou.

1. Consideremos em conjunto, Teótimo, tudo o que foi, o que é e o que será; e, arrebatados de assombro, seremos forçados a exclamar, à imitação do Salmista (Sl 138, 14): *Ó Senhor, eu vos louvarei porque sois excessivamente magnificado; vossas obras são maravilhosas, e minha alma o reconhece muito mais ainda; vossa ciência é admirável acima de mim, ela prevalece, e eu não posso alcançá-la.* E daí passaremos à santíssima complacência, alegrando-nos de que Deus seja tão infinito em sabedoria, poder e bondade, que são as três propriedades divinas das quais o universo não é senão um pequeno ensaio e como que uma amostra.

2. Olhemos os homens e os anjos, e toda essa variedade de naturezas, qualidades, condições, faculdades, afeições, paixões, graças e privilégios que a suprema Providência estabeleceu na multidão inumerável dessas inteligências celestes e das pessoas humanas, nas quais tão admiravelmente se exercem a justiça e a misericórdia divinas; e não poderemos

conter-nos de cantar, com uma alegria cheia de respeito e de temor amoroso:

> *Tomo por objeto do meu cântico*
> *a justiça e o julgamento;*
> *ó Deus todo justo e todo clemente (Sl 100, 1).*

Teótimo, devemos sentir uma extrema complacência ao ver como Deus exerce a sua misericórdia por tantos e tão diversos favores que distribui aos anjos e aos homens, no Céu e na terra, e como pratica a sua justiça por uma infinita variedade de penas e castigos; pois a sua justiça e a sua misericórdia são igualmente amáveis e admiráveis em si mesmas, uma vez que uma e outra não são outra coisa senão uma mesma e única Bondade e Divindade.

Mas, como os efeitos de sua justiça nos são ásperos e cheios de amargura, ele sempre os adoça pela mistura dos efeitos de sua misericórdia, e faz com que, no meio das águas do dilúvio de sua justa indignação, a oliveira verdejante seja conservada, e que a alma devota, como uma casta pomba (Gn 8, 11), possa enfim encontrá-la ali, contanto, porém, que queira meditar amorosamente à maneira das pombas (Is 38, 14; 59, 11). Assim a morte, as aflições, os suores, os trabalhos de que a nossa vida abunda, que pela justa ordenação de Deus são as penas do pecado, são também, por sua doce misericórdia, degraus para subir ao Céu, meios para progredir na graça e méritos para obter a glória. Bem-aventurados são a pobreza, a fome, a sede, a tristeza, a doença, a morte, a perseguição (Mt 5, 3); pois são verdadeiramente justas punições de nossas faltas, mas punições de tal modo temperadas e, como falam os médicos, de tal modo aromatizadas pela suavidade, mansidão e clemência divinas, que a sua amargura é muito amável. Coisa

estranha, mas verdadeira, Teótimo: se os condenados não estivessem cegos por sua obstinação e pelo ódio que têm contra Deus, encontrariam consolação em suas penas e veriam a misericórdia divina admiravelmente misturada com as chamas que os queimam eternamente. De sorte que os santos, considerando de um lado os tormentos dos condenados, tão horríveis e assustadores, louvam por isso a justiça divina e exclamam:

> *Sois justo, ó Deus, sois equitativo,*
> *a justiça reina para sempre em vossos juízos (Sl 118, 137);*

mas, vendo por outro lado que essas penas, ainda que eternas e incompreensíveis, são todavia bem menores do que as culpas e crimes pelos quais são infligidas, arrebatados pela infinita misericórdia de Deus, dirão: Ó Senhor, quão bom sois, pois que, no mais forte de vossa ira, não podeis conter a torrente de vossas misericórdias, de modo que elas escoam as suas águas até dentro das impiedosas chamas do inferno!

> *Não esquecestes a bondade de vossa alma,*
> *nem mesmo ao lançar os condenados na chama*
> *do inferno eterno; em meio ao vosso furor,*
> *não soubestes impedir vossa santa doçura*
> *de espalhar os traços de sua compaixão*
> *entre os justos golpes da punição (Sl 76, 8).*

3. Venhamos depois a nós mesmos em particular, e vejamos a quantidade de bens interiores e exteriores, como também o número grandíssimo de penas interiores e exteriores que a divina Providência nos preparou, segundo a sua santíssima justiça e misericórdia; e, abrindo como que os braços de nosso

consentimento, abracemos tudo isso amorosíssimamente, aquiescendo à sua santíssima vontade e cantando a Deus, à maneira de um hino de eterno aquiescimento: *Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu* (Mt 6, 10). Sim, Senhor, seja feita a vossa vontade na terra, onde não temos prazer algum sem mistura de alguma dor, nem rosas sem espinhos, nem dia sem que se lhe siga uma noite, nem primavera sem que seja precedida pelo inverno; na terra, Senhor, onde as consolações são raras e os trabalhos inumeráveis. Ó Deus, seja feita, contudo, a vossa vontade, não somente na execução de vossos mandamentos, conselhos e inspirações, que devem ser praticados por nós, mas também no sofrimento das aflições e penas que devem ser recebidas em nós, a fim de que a vossa vontade faça por nós, para nós, em nós e de nós tudo o que lhe aprouver.

CAPÍTULO II

Que a união de nossa vontade com o beneplácito de Deus se faz principalmente nas tribulações

As penas, consideradas em si mesmas, decerto não podem ser amadas; mas, olhadas em sua origem, isto é, na providência e na vontade divina que as ordena, são infinitamente amáveis. Vede a vara de Moisés em terra: é uma serpente assustadora; vede-a na mão de Moisés: é um bastão de maravilhas (Ex 7). Vede as tribulações em si mesmas: são horríveis; vede-as na vontade de Deus: são amores e delícias. Quantas vezes nos aconteceu ter a contragosto os remédios e medicamentos enquanto o médico ou

o boticário os apresentava, e, sendo-nos oferecidos por alguma mão bem-amada, o amor vencendo o horror, recebê-los com alegria? Certamente, ou o amor tira a aspereza do trabalho, ou torna amável o sentimento dele (Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*, 6,14). Diz-se que na Beócia há um rio no qual os peixes parecem todos de ouro, mas, tirados dessas águas, que são o lugar de sua origem, têm a cor natural dos outros peixes (Plínio, *História Natural*, 2,3). As aflições são assim: se as olhamos fora da vontade de Deus, têm a sua amargura natural; mas quem as considera nesse eterno beneplácito, vê-as todas de ouro, amáveis e preciosas mais do que se pode dizer.

Se o grande Abraão tivesse visto a necessidade de matar seu filho fora da vontade de Deus, pensai, Teótimo, quantas penas e convulsões de coração ele teria sofrido; mas, vendo-a dentro do beneplácito de Deus, ela lhe é toda de ouro, e ele a abraça ternamente. Se os mártires tivessem visto os seus tormentos fora desse beneplácito, como teriam podido cantar entre os ferros e as chamas? O coração verdadeiramente amoroso ama o divino beneplácito não somente nas consolações, mas também nas aflições; antes, ama-o mais na cruz, nas penas e nos trabalhos, porque é a principal virtude do amor fazer o amante sofrer pela coisa amada.

Os estoicos, particularmente o bom Epicteto, punham toda a sua filosofia em abster-se e sustentar, em renunciar e suportar: abster-se e renunciar aos prazeres, volúpias e honras terrenas; sustentar e suportar as injúrias, trabalhos e incômodos. Mas a doutrina cristã, que é a única verdadeira filosofia, tem três princípios sobre os quais estabelece todo o seu exercício (Mt 10, 38; 16, 24): a abnegação de si mesmo, que é bem mais do que

abster-se dos prazeres; carregar a sua cruz, que é bem mais do que suportá-la; seguir a Nosso Senhor, não somente no que toca a renunciar a si mesmo e carregar a sua cruz, mas também no que toca à prática de toda sorte de boas obras. Todavia, não se testemunha tanto o amor na abnegação nem na ação como se faz na paixão. Certamente, o Espírito Santo assinala na Sagrada Escritura (Jo 15, 13; Rm 5, 8; 1Jo 3, 16) o ponto mais alto do amor de Nosso Senhor para conosco na Morte e Paixão que ele sofreu por nós.

1. Amar a vontade de Deus nas consolações é um bom amor, quando na verdade se ama a vontade de Deus e não a consolação em que ela se encontra; contudo, é um amor sem contradição, sem repugnância e sem esforço, pois quem não amaria uma vontade tão digna num objeto tão agradável? 2. Amar a vontade divina em seus mandamentos, conselhos e inspirações é um segundo grau de amor, muito mais perfeito, porque nos leva a renunciar e a deixar a nossa própria vontade, e nos faz abster e afastar de muitas volúpias, embora não de todas. 3. Amar os sofrimentos e as aflições pelo amor de Deus é o ponto mais alto da santíssima caridade; pois nisso não há nada de amável senão a só vontade divina, há uma grande contradição da parte de nossa natureza, e não somente se deixam todas as volúpias, mas se abraçam os tormentos e trabalhos.

O maligno inimigo bem sabia que esse era o derradeiro apuro do amor quando, depois de ter ouvido da boca de Deus (Jó 1, 8) que Jó era justo, reto, temente a Deus, fugindo do pecado e firme na inocência, julgou tudo isso pouca coisa em comparação com o sofrimento das aflições, pelas quais fez a última e maior prova do

amor desse grande servo de Deus. E, para torná-las extremas, compô-las da perda de todos os seus bens e de todos os seus filhos, do abandono de todos os seus amigos, de uma arrogante contradição de seus maiores aliados e de sua própria mulher — mas contradição cheia de desprezo, zombarias e censuras —, ao que acrescentou o conjunto de quase todas as doenças humanas, e notadamente uma chaga universal, cruel, fétida, horrível.

Ora, eis, contudo, o grande Jó, como rei dos miseráveis da terra, sentado sobre um monte de esterco como sobre o trono da miséria, ornado de chagas, de úlceras, de podridão, como de vestes reais adequadas à qualidade de sua realeza, com tão grande abjeção e aniquilamento que, se não tivesse falado, não se poderia discernir se Jó era um homem reduzido a esterco ou se o esterco era uma podridão em forma de homem. Ora, ei-lo, digo eu, o grande Jó, que exclama: *Se recebemos os bens da mão de Deus, por que não receberemos também os males?* (Jó 2, 10). Ó Deus, quanto amor há nessa palavra! Ele pondera, Teótimo, que foi da mão de Deus que recebeu os bens, testemunhando assim que não estimara tanto os bens porque eram bens, mas porque provinham da mão do Senhor; e, sendo assim, conclui que é preciso, portanto, suportar amorosamente as adversidades, já que procedem da mesma mão do Senhor, igualmente amável quando distribui as aflições e quando dá as consolações. Os bens são recebidos de bom grado por todos, mas receber os males não pertence senão ao amor perfeito, que os ama tanto mais quanto não são amáveis senão em atenção à mão que os dá.

O viajante que teme errar o caminho certo, andando em dúvida, vai olhando aqui e ali a região em que está, e entretém-se quase a cada passo em considerar se não se desviou; mas aquele

que está seguro de sua rota vai alegre, ousado e ligeiro. Assim, certamente, o amor, querendo ir à vontade de Deus por entre as consolações, caminha sempre com receio, com medo de enganar-se e de que, em vez de amar o beneplácito de Deus, ame o prazer próprio que há na consolação; mas o amor que toma o caminho da vontade de Deus na aflição marcha em segurança, pois, não sendo a aflição de modo algum amável em si mesma, é bem fácil não a amar senão em atenção à mão que a dá. Os cães falham a toda hora na primavera e quase não têm faro, porque as ervas e as flores lançam então tão fortemente o seu perfume que este ultrapassa o do cervo ou o da lebre; assim, na primavera das consolações, o amor quase não tem reconhecimento do beneplácito de Deus, porque o prazer sensível da consolação lança tantos atrativos dentro do coração que este se desvia da atenção que deveria ter à vontade de Deus. Tendo Nosso Senhor dado a Santa Catarina de Sena a escolha entre uma coroa de ouro e uma coroa de espinhos, ela escolheu esta última, como mais conforme ao amor. É uma marca segura do amor, diz a bem-aventurada Ângela de Foligno, "querer sofrer"; e o grande Apóstolo exclama (Gl 6, 14; 2Cor 12, 5.10) que não se gloria senão na cruz, na fraqueza, na perseguição.

CAPÍTULO III

Da união de nossa vontade com o divino beneplácito nas aflições espirituais, pela resignação

O amor da cruz nos faz empreender aflições voluntárias, como, por exemplo, jejuns, vigílias, cilícios e outras macerações da carne, e nos faz renunciar aos prazeres, às honras e às riquezas; e o amor,

nesses exercícios, é todo agradável ao Bem-Amado. Todavia, é-o ainda mais quando recebemos com paciência, docemente e de bom grado, as penas, tormentos e tribulações, em consideração à vontade divina que no-los envia. Mas o amor está então em sua excelência quando não somente recebemos com doçura e paciência as aflições, mas as acariciamos, as amamos e as afagamos, por causa do divino beneplácito de que procedem.

Ora, entre todas as provas do amor perfeito, aquela que se faz pelo aquiescimento do espírito às tribulações espirituais é sem dúvida a mais fina e a mais elevada. A bem-aventurada Ângela de Foligno faz uma admirável descrição das penas interiores em que algumas vezes se encontrara, dizendo que a sua alma estava em tormento "como um homem que, de pés e mãos atados, estivesse pendurado pelo pescoço e no entanto não fosse estrangulado, mas permanecesse nesse estado entre morto e vivo, sem esperança de socorro", não podendo nem sustentar-se sobre os pés, nem valer-se das mãos, nem gritar com a boca, nem sequer suspirar ou queixar-se. É assim, Teótimo: a alma é algumas vezes de tal modo oprimida por aflições interiores, que todas as suas faculdades e potências ficam esmagadas, pela privação de tudo o que a pode aliviar e pela apreensão e impressão de tudo o que a pode entristecer; de sorte que, à imitação de seu Salvador, ela começa a angustiar-se, a temer, a horrorizar-se e depois a entristecer-se com uma tristeza semelhante à dos moribundos, de modo que pode bem dizer: *Minha alma está triste até a morte* (Mc 14, 33; Mt 26, 37); e, com o consentimento de todo o seu interior, deseja, pede e suplica que, se for possível, esse cálice se afaste dela, não lhe restando senão a fina e suprema ponta do espírito, a qual, presa ao coração e ao beneplácito de Deus, diz, por um simplicíssimo

aquiescimento: *Ó Pai eterno, mas, contudo, não se faça a minha vontade, e sim a vossa* (Lc 22, 42). E o que importa é que a alma faz essa resignação em meio a tanta perturbação, entre tantas contradições e repugnâncias, que quase não percebe que a faz; ao menos, parece-lhe que a faz tão languidamente que não é de bom coração nem como conviria — visto que o que então se passa pelo divino beneplácito se faz não somente sem prazer e contentamento, mas contra todo o prazer e contentamento de todo o resto do coração; ao qual o amor bem permite queixar-se, ao menos de não poder queixar-se, e dizer todas as lamentações de Jó e de Jeremias, mas sob a condição de que sempre o sagrado aquiescimento se faça no fundo da alma, na suprema e mais delicada ponta do espírito. E esse aquiescimento não é terno nem doce, nem quase sensível, ainda que seja verdadeiro, forte, indomável e muito amoroso; e parece que se retirou para a extremidade do espírito, como para a torre de menagem da fortaleza, onde permanece corajoso, embora todo o resto esteja tomado e oprimido pela tristeza. E quanto mais o amor, nesse estado, se acha despojado de todo socorro, abandonado por toda a assistência das virtudes e faculdades da alma, tanto mais é digno de estima por guardar tão constantemente a sua fidelidade.

Essa união e conformidade com o divino beneplácito se faz ou pela santa resignação ou pela santíssima indiferença. Ora, a resignação se pratica à maneira de esforço e de submissão: bem se quereria viver em vez de morrer; contudo, uma vez que é do beneplácito de Deus que se morra, aquiesce-se. Quereríamos viver, se aprouvesse a Deus, e, além disso, quereríamos que aprouvesse a Deus fazer-nos viver; morre-se de bom coração, mas viver-se-ia ainda mais de bom grado; parte-se com bastante boa

vontade, mas ficar-se-ia com ainda mais afeto. Jó, em suas provações, faz o ato de resignação (Jó 2, 10): *Se recebemos os bens*, diz ele, *da mão de Deus, por que não suportaremos as penas e trabalhos que ele nos envia?* Vede, Teótimo, que ele fala de sustentar, suportar e padecer. *Como aprouve ao Senhor, assim foi feito; seja bendito o nome do Senhor* (Jó 1, 21): são palavras de resignação e aceitação, à maneira de sofrimento e de paciência.

CAPÍTULO IV

Da união de nossa vontade com o beneplácito de Deus pela indiferença

A resignação prefere a vontade de Deus a todas as coisas, mas não deixa de amar muitas outras coisas além da vontade de Deus. Ora, a indiferença está acima da resignação, pois não ama nada senão por amor da vontade de Deus; de sorte que nada toca o coração indiferente, na presença da vontade de Deus. Certamente, o coração mais indiferente do mundo pode ser tocado por alguma afeição enquanto ainda não sabe onde está a vontade de Deus: Eliezer, tendo chegado à fonte de Harã, viu bem a virgem Rebeca e sem dúvida a achou muito mais bela e agradável; mas, ainda assim, permaneceu na indiferença até que, pelo sinal que Deus lhe havia inspirado, conheceu que a vontade divina a preparara para o filho de seu senhor, pois então lhe deu os brincos e as pulseiras de ouro (Gn 24, 16). Ao contrário, se Jacó não tivesse amado em Raquel senão a aliança com Labão, à qual seu pai Isaac o obrigara, teria amado tanto Lia quanto Raquel, já que uma e outra eram igualmente filhas de Labão e, por consequência, a vontade de seu

pai teria sido tão bem cumprida numa como na outra; mas, porque, além da vontade de seu pai, queria satisfazer o seu gosto particular, atraído pela beleza e gentileza de Raquel, aborreceu-se de desposar Lia e a tomou a contragosto, por resignação.

O coração indiferente não é assim, pois, sabendo que a tribulação, ainda que feia como uma outra Lia, não deixa de ser filha, e filha bem-amada do divino beneplácito, ele a ama tanto quanto a consolação, a qual, no entanto, em si mesma é mais agradável; antes, ama ainda mais a tribulação, porque não vê nela nada de amável senão a marca da vontade de Deus. Se eu quero apenas a água pura, que me importa que ela me seja trazida num vaso de ouro ou num copo de vidro, uma vez que de todo modo só tomarei a água? Antes, prefiro-a no vidro, porque este não tem outra cor senão a da própria água, a qual, além disso, vejo nele muito melhor. Que importa que a vontade de Deus me seja apresentada na tribulação ou na consolação, se numa e noutra eu não quero nem busco outra coisa senão a vontade divina, a qual ali aparece tanto melhor quanto não há nela outra beleza senão a desse santíssimo e eterno beneplácito?

Heroica, e antes mais que heroica, é a indiferença do incomparável São Paulo: *Estou apertado dos dois lados*, diz ele aos filipenses (Fl 1, 23), *tendo desejo de ser libertado deste corpo e de estar com Jesus Cristo, coisa muito melhor, mas também de permanecer nesta vida por vós.* Nisso foi imitado pelo grande bispo São Martinho, o qual, chegado ao fim de sua vida, premido por um extremo desejo de ir ao seu Deus, não deixou contudo de testemunhar que permaneceria de igual bom grado entre os trabalhos de seu encargo, para o bem de seu caro rebanho; como se, depois de haver cantado este cântico:

> *Quão desejáveis são vossos pavilhões,*
> *ó Deus dos exércitos temíveis!*
> *Ai, com que direito são amados!*
> *Minha alma se derrete de ardor extremo,*
> *e meus sentidos igualmente desfalecem*
> *após os vossos átrios reclamados;*
> *meu coração salta, minha carne arrebatada*
> *se lança atrás de vós, ó Deus da vida! (Sl 83, 1)*

viesse depois a fazer esta exclamação: "Ó Senhor, todavia, se ainda sou necessário ao serviço da salvação de vosso povo, não recuso o trabalho; seja feita a vossa vontade" (Mt 6, 10).

Admirável indiferença a do Apóstolo, admirável a desse homem apostólico! Eles veem o Paraíso aberto para si, veem mil trabalhos na terra; uma coisa e outra lhes são indiferentes na escolha, e não há senão a vontade de Deus que possa dar o contrapeso a seus corações: o Paraíso não é mais amável do que as misérias deste mundo se o divino beneplácito está igualmente lá e aqui; os trabalhos lhes são um Paraíso se a vontade divina se encontra neles, e o Paraíso é um trabalho se a vontade de Deus não está nele; pois, como diz Davi (Sl 72, 25), eles não pedem nem no céu nem na terra senão ver cumprido o beneplácito de Deus: *Ó Senhor, que há para mim no céu, ou que quero eu na terra, senão a vós?*

O coração indiferente é como uma bola de cera entre as mãos de seu Deus, para receber igualmente todas as impressões do eterno beneplácito; um coração sem escolha, igualmente disposto a tudo, sem nenhum outro objeto de sua vontade que não seja a vontade de seu Deus; que não põe o seu amor nas coisas que Deus quer, mas na vontade de Deus que as quer. Por isso, quando a

vontade de Deus está em várias coisas, ele escolhe, a qualquer preço, aquela em que há mais dela. O beneplácito de Deus está no matrimônio e na virgindade; mas, porque está mais na virgindade, o coração indiferente escolhe a virgindade, ainda que esta lhe deva custar a vida, como custou à cara filha espiritual de São Paulo, Santa Tecla, a Santa Cecília, a Santa Ágata e a mil outras. A vontade de Deus está no serviço do pobre e do rico, mas um pouco mais no do pobre; o coração indiferente escolherá este partido. A vontade de Deus está na modéstia exercida entre as consolações e na paciência praticada entre as tribulações; o indiferente prefere esta última, pois nela há mais da vontade de Deus.

Em suma, o beneplácito de Deus é o soberano objeto da alma indiferente: por toda parte onde o vê, ela corre ao odor de seus perfumes (Ct 1, 3) e busca sempre o lugar onde há mais dele, sem consideração de nenhuma outra coisa; é conduzida por sua divina vontade (Sl 72, 24) como por um laço amabilíssimo, e por toda parte aonde ela vai, ela a segue. Preferiria o inferno com a vontade de Deus ao Paraíso sem a vontade de Deus; sim, mais ainda: preferiria o inferno ao Paraíso, se soubesse que naquele houvesse um pouco mais do divino beneplácito do que neste; de sorte que, se, por imaginação de coisa impossível, soubesse que a sua condenação fosse um pouco mais agradável a Deus do que a sua salvação, deixaria a sua salvação e correria à sua condenação.

CAPÍTULO V

Que a santa indiferença se estende a todas as coisas

A indiferença deve ser praticada nas coisas que dizem respeito à vida natural, como a saúde, a doença, a beleza, a fealdade, a fraqueza, a força; nas coisas da vida civil, quanto às honras, aos postos, às riquezas; nas variedades da vida espiritual, como securas, consolações, gostos, aridezes; nas ações, nos sofrimentos e, em suma, em toda sorte de acontecimentos.

Jó, quanto à vida natural, foi ulcerado com a mais horrível chaga que já se viu; quanto à vida civil, foi escarnecido, insultado, aviltado, e isso por seus mais próximos; na vida espiritual, foi esmagado por languidezes, opressões, convulsões, angústias, trevas e toda sorte de intoleráveis dores interiores, como o testemunham as suas queixas e lamentações. O grande Apóstolo (2Cor 6, 4) nos anuncia uma indiferença geral, para nos mostrarmos verdadeiros servos de Deus, em grandíssima paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nas feridas, nas prisões, nas sedições, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns; na castidade, na ciência, na longanimidade e suavidade no Espírito Santo; na caridade não fingida, na palavra de verdade, na força de Deus; pelas armas da justiça à direita e à esquerda; pela glória e pela abjeção, pela infâmia e pela boa fama; como sedutores, e no entanto verdadeiros; como desconhecidos, e todavia bem conhecidos; como moribundos, e todavia vivos; como castigados, e todavia não mortos; como tristes, e todavia sempre alegres; como pobres, e todavia enriquecendo a muitos; como nada tendo, e todavia possuindo todas as coisas.

Vede, eu vos peço, Teótimo, como a vida dos Apóstolos era afligida: segundo o corpo, pelas feridas; segundo o coração, pelas angústias; segundo o mundo, pela infâmia e pelas prisões. E, em meio a tudo isso, ó Deus, que indiferença! A sua tristeza é alegre, a sua pobreza é rica, as suas mortes são cheias de vida e as suas desonras são honrosas; isto é: eles estão alegres por estarem tristes, contentes por serem pobres, revigorados por viver entre os perigos da morte e gloriosos por serem aviltados, porque tal era a vontade de Deus. E, porque essa vontade se reconhecia melhor nos sofrimentos do que nas ações das outras virtudes, ele põe o exercício da paciência em primeiro lugar, dizendo: *Mostremo-nos em todas as coisas como servos de Deus, em muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias*; e depois, por fim, *na castidade, na prudência, na longanimidade*.

Assim, o nosso divino Salvador foi incomparavelmente afligido em sua vida civil, condenado como réu de lesa-majestade divina e humana, espancado, açoitado, escarnecido e atormentado com ignomínia extraordinária; em sua vida natural, morrendo entre os mais cruéis e agudos tormentos que se possa imaginar; em sua vida espiritual, sofrendo tristezas, temores, pavores, angústias, desamparos e opressões interiores que jamais tiveram nem terão iguais. Pois, ainda que a suprema porção de sua alma gozasse soberanamente da glória eterna, o amor impedia que essa glória derramasse as suas delícias nos sentimentos, na imaginação ou na razão inferior, deixando assim todo o coração exposto à mercê da tristeza e da angústia. Ezequiel viu a imagem de uma mão que o agarrou por uma só mecha dos cabelos de sua cabeça, erguendo-o entre o céu e a terra (Ez 8, 3); assim também Nosso Senhor, erguido na cruz entre a terra e o céu, ao que parece não era sustido

pela mão de seu Pai senão pela extrema ponta do espírito e, por assim dizer, por um só cabelo de sua cabeça, o qual, tocado pela doce mão do Pai eterno, recebia uma soberana afluência de felicidade, permanecendo todo o resto abismado na tristeza e no tédio; por isso ele exclama: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mt 27, 46).

Diz-se que o peixe chamado lanterna-do-mar, no mais forte das tempestades, mantém a língua fora das ondas, e ela é tão luzente, radiante e clara que serve de farol e archote aos navegantes (Plínio, *História Natural*, 9,27); assim, no meio do mar de paixões em que Nosso Senhor foi submergido, todas as faculdades de sua alma permaneceram como que engolidas e sepultadas na tormenta de tantas penas, exceto a ponta do espírito, que, isenta de todo trabalho, estava toda clara e resplandecente de glória e felicidade. Oh, quão bem-aventurado é o amor que reina no cimo do espírito dos fiéis, enquanto eles se encontram entre as vagas e as ondas das tribulações interiores!

CAPÍTULO VI

Da prática da indiferença amorosa nas coisas do serviço de Deus

Quase não se conhece o divino beneplácito senão pelos acontecimentos; e, enquanto ele nos é desconhecido, devemos apegar-nos o mais fortemente que nos for possível à vontade de Deus que nos é manifestada ou significada; mas, tão logo o beneplácito de sua divina Majestade apareça, é preciso imediatamente pôr-nos amorosamente à sua obediência.

Minha mãe, ou eu mesmo (pois é tudo um), estamos de cama, doentes: que sei eu se Deus quer que daí se siga a morte? Certamente nada sei disso; mas bem sei, contudo, que, enquanto se aguarda o acontecimento que o seu beneplácito ordenou, ele quer, pela vontade declarada, que eu empregue os remédios convenientes à cura; farei isso, pois, fielmente, sem esquecer nada do que razoavelmente eu possa contribuir para esse fim. Mas, se for do divino beneplácito que o mal, vitorioso sobre os remédios, traga afinal a morte, tão logo eu disso seja certificado pelo acontecimento, aquiescerei amorosamente na ponta de meu espírito, não obstante toda a repugnância das potências inferiores de minha alma: *Sim, Senhor, eu bem o quero*, direi eu, *porque tal foi o vosso beneplácito* (Mt 11, 26); assim vos aprouve e assim me apraz também a mim, que sou humílimo servo de vossa vontade.

Mas, se o divino beneplácito me fosse declarado antes de seu acontecimento — como ao grande São Pedro o modo de sua morte (Jo 21, 18), ao grande São Paulo as suas cadeias e prisões (At 20, 23; 21, 11), a Jeremias a destruição de sua cara Jerusalém, a Davi a morte de seu filho (2Sm 12, 14) —, então seria preciso unir no mesmo instante a nossa vontade à de Deus, a exemplo do grande Abraão, e, como ele, se nos fosse ordenado, empreender a execução do decreto eterno até na morte de nossos próprios filhos. Admirável a união desse patriarca com a vontade de Deus, o qual, crendo que era do divino beneplácito que sacrificasse o seu filho, o quis e o empreendeu tão fortemente! Admirável a do filho, que se submeteu tão docemente ao gládio paterno, para fazer viver o beneplácito de seu Deus ao preço da própria morte!

Mas notai, Teótimo, um traço da perfeita união de um coração indiferente com o divino beneplácito. Vede Abraão, a

espada em punho, o braço erguido, pronto a desferir o golpe de morte sobre seu caro filho único; ele faz isso para agradar à vontade divina; e vede ao mesmo tempo um anjo que, da parte dessa mesma vontade, o detém de súbito (Gn 22, 10); e imediatamente ele retém o golpe, igualmente pronto a sacrificar o seu filho e a não o sacrificar, sendo-lhe indiferentes a vida e a morte dele na presença da vontade de Deus. Quando Deus lhe ordena sacrificar esse filho, ele não se entristece; quando o dispensa disso, ele não se alegra: tudo é igual para esse grande coração, contanto que a vontade de seu Deus seja servida.

Sim, Teótimo, pois muitas vezes Deus, para nos exercitar nessa santa indiferença, nos inspira desígnios muito elevados, dos quais, contudo, não quer o êxito; e então, assim como devemos ousada, corajosa e constantemente começar e prosseguir a obra enquanto for possível, assim também devemos aquiescer doce e tranquilamente ao desfecho do empreendimento, tal como aprouver a Deus dá-lo. São Luís, por inspiração, atravessa o mar para conquistar a Terra Santa; o êxito foi contrário, e ele aquiesce docemente: eu estimo mais a tranquilidade desse aquiescimento do que a magnanimidade do desígnio. São Francisco vai ao Egito para converter ali os infiéis ou morrer mártir entre os infiéis; tal foi a vontade de Deus; ele volta, contudo, sem ter feito nem uma coisa nem outra, e tal foi também a vontade de Deus. Foi igualmente vontade de Deus que Santo Antônio de Pádua desejasse o martírio e que não o obtivesse. O bem-aventurado Inácio de Loiola, tendo posto de pé, com tantos trabalhos, a Companhia do nome de Jesus, da qual via tantos belos frutos e ainda mais belos previa para o futuro, teve, não obstante, a coragem de prometer a si mesmo que, se a visse dissipar-se — o que seria o desprazer mais áspero

que pudesse receber —, meia hora depois já estaria resignado e se apaziguaria na vontade de Deus. Aquele douto e santo pregador da Andaluzia, João de Ávila, tendo o desígnio de formar uma companhia de sacerdotes reformados para o serviço da glória de Deus, no que já havia feito grande progresso, quando viu a dos jesuítas em campo, e esta lhe pareceu bastar para aquela estação, deteve de súbito o seu projeto com uma doçura e humildade sem par.

Oh, quão bem-aventuradas são tais almas: ousadas e fortes nos empreendimentos que Deus lhes inspira, dóceis e suaves em deixá-los quando Deus assim dispõe! São traços de uma indiferença perfeitíssima cessar de fazer um bem quando apraz a Deus e voltar do meio do caminho quando a vontade de Deus, que é o nosso guia, o ordena. Certamente, Jonas teve grande culpa em entristecer-se porque, a seu ver, Deus não cumpria a sua profecia sobre Nínive (Jn 4, 1). Jonas fez a vontade de Deus anunciando a destruição de Nínive, mas misturou o seu interesse e a sua vontade própria com a de Deus; por isso, quando vê que Deus não executa a sua predição segundo o rigor das palavras de que ele se servira ao anunciá-la, irrita-se e murmura indignamente. Se tivesse tido por único motivo de suas ações o beneplácito da divina vontade, teria ficado tão contente de vê-lo cumprido na remissão da pena que Nínive merecera, como de vê-lo satisfeito na punição da culpa que Nínive cometera. Queremos que aquilo que empreendemos e conduzimos tenha êxito; mas não é razoável que Deus faça todas as coisas ao nosso gosto: se ele quer que Nínive seja ameaçada e que, no entanto, não seja destruída, já que a ameaça basta para corrigi-la, por que se queixará Jonas?

Mas, se é assim, não se deverá então afeiçoar-se a nada, e sim deixar os negócios à mercê dos acontecimentos? Perdoai-me, Teótimo: não se deve esquecer nada de tudo o que é requerido para fazer prosperar os empreendimentos que Deus nos põe nas mãos, mas sob a condição de que, se o desfecho for contrário, o recebamos doce e tranquilamente; pois temos mandamento de ter grande cuidado das coisas que dizem respeito à glória de Deus e que estão a nosso cargo, mas não somos obrigados nem encarregados do êxito, pois este não está em nosso poder. *Cuida dele*, foi dito ao hospedeiro, na parábola do pobre homem meio morto entre Jerusalém e Jericó (Lc 10, 30); "não está dito", observa São Bernardo, "cura-o, mas cuida dele". Assim os Apóstolos, com um afeto sem igual, pregaram primeiro aos judeus, ainda que soubessem que afinal seria preciso deixá-los, como uma terra infrutífera, e voltar-se para o lado dos gentios (At 13, 46). Cabe-nos plantar bem e regar bem, mas dar o crescimento, isso não pertence senão a Deus (1Cor 3, 6).

O grande Salmista faz esta prece ao Salvador, como por uma aclamação de alegria e um presságio de vitória: *Ó Senhor, por vossa beleza e boa graça, retesai o vosso arco, avançai felizmente e montai a cavalo* (Sl 44, 6); como se quisesse dizer que, pelos dardos de seu santo amor, disparados nos corações humanos, ele se tornaria senhor dos homens para manejá-los a seu gosto, tal como se faz com um cavalo bem adestrado. Ó Senhor, vós sois o cavaleiro real que volteia para todos os lados os espíritos de vossos fiéis amantes: às vezes os lançais a toda brida, e eles correm a todo galope aos empreendimentos que lhes inspirais; e depois, quando vos parece bem, fazei-los deter-se no meio da carreira, no mais forte de sua corrida.

Mas, novamente: se o empreendimento feito por inspiração perece por culpa daqueles a quem fora confiado, como se pode dizer então que é preciso aquiescer à vontade de Deus? Pois, dir-me-á alguém, não é a vontade de Deus que impede o desfecho, e sim a minha culpa, da qual a vontade divina não é a causa. É verdade, meu filho, a tua culpa não te sobreveio pela vontade de Deus, pois Deus não é autor do pecado; mas é bem da vontade divina que a tua culpa seja seguida da derrota e do fracasso do teu empreendimento, em punição de tua culpa: pois, se a sua bondade não lhe pode permitir querer a tua culpa, a sua justiça faz com que queira a pena que por ela sofres. Assim, Deus não foi causa de que Davi pecasse, mas bem lhe infligiu a pena devida ao seu pecado; não foi a causa do pecado de Saul, mas foi bem a causa de que, em punição, a vitória perecesse em suas mãos.

Quando, portanto, acontece que os desígnios sagrados não têm êxito, em punição de nossas faltas, é preciso igualmente detestar a falta por um sólido arrependimento e aceitar a pena que dela nos vem; pois, assim como o pecado é contra a vontade de Deus, também a pena é segundo a sua vontade.

CAPÍTULO VII

Da indiferença que devemos praticar quanto ao nosso progresso nas virtudes

Deus nos ordenou fazer tudo quanto pudermos para adquirir as santas virtudes; não descuidemos, pois, de nada, a fim de bem realizarmos essa santa empresa. Mas, depois de havermos plantado e regado, saibamos que cabe a Deus dar o crescimento (1Cor 3, 6)

às árvores de nossas boas inclinações e hábitos; por isso é preciso esperar de sua divina Providência o fruto de nossos desejos e trabalhos. E se não sentimos em nosso espírito o progresso e o avanço na vida devota tanto quanto quiséramos, não nos perturbemos; permaneçamos em paz, e que a tranquilidade reine sempre em nossos corações. Cabe a nós cultivar bem as nossas almas, e nisso devemos ocupar-nos com fidelidade; mas, quanto à abundância da colheita e da messe, deixemos esse cuidado a Nosso Senhor. Jamais o lavrador será repreendido por não ter tido boa colheita, mas certamente o será se não tiver lavrado e semeado bem as suas terras. Não nos inquietemos por nos vermos sempre noviços no exercício das virtudes; pois, no mosteiro da vida devota, cada um se tem sempre por noviço, e toda a vida ali é destinada à provação, não havendo sinal mais evidente de que alguém é não somente noviço, mas digno de expulsão e reprovação, do que julgar-se e ter-se por professo. Porque, segundo a regra dessa ordem, não é a solenidade, mas o cumprimento dos votos que torna professos os noviços; ora, os votos nunca estão cumpridos enquanto resta alguma coisa a fazer para observá-los, e a obrigação de servir a Deus e de progredir em seu amor dura sempre, até a morte.

Sim, mas — dir-me-á alguém — se reconheço que é por minha culpa que o meu progresso nas virtudes se atrasa, como poderei impedir-me de entristecer e inquietar-me com isso? Já disse isto na *Introdução à Vida Devota* (Parte III, cap. 9), mas repito-o de bom grado, porque nunca se dirá o bastante: é preciso entristecer-se pelas faltas cometidas com um arrependimento forte, sereno, constante, tranquilo, mas não turbulento, não inquieto, não desanimado. Reconheces que o teu atraso no caminho das

virtudes veio de tua culpa? Pois bem: humilha-te diante de Deus, implora a sua misericórdia, prostra-te ante a face de sua bondade e pede-lhe perdão; confessa a tua falta e clama por clemência ao ouvido mesmo do teu confessor, para dele receberes a absolvição. Mas, feito isso, permanece em paz; e, tendo detestado a ofensa, abraça amorosamente a abjeção que há em ti pelo atraso de teu progresso no bem.

Ai, meu Teótimo, as almas que estão no Purgatório ali se encontram, sem dúvida, por seus pecados — pecados que detestaram e detestam soberanamente. Mas, quanto à abjeção e à pena que deles lhes resta, de estarem retidas naquele lugar e privadas por um tempo do gozo do amor bem-aventurado do Paraíso, elas a sofrem amorosamente e pronunciam com devoção o cântico da justiça divina: "Vós sois justo, Senhor, e reto é o vosso juízo" (Sl 119, 137). Esperemos, pois, com paciência o nosso progresso, e, em lugar de nos inquietarmos por termos feito tão pouco no passado, procuremos com diligência fazer mais no futuro.

Vede esta boa alma, peço-vos. Desejou e esforçou-se grandemente por libertar-se da cólera, e nisso Deus a favoreceu, pois a livrou de todos os pecados que procedem da cólera: ela morreria antes de dizer uma só palavra injuriosa ou de lançar um só traço de ódio. E, contudo, ainda está sujeita aos assaltos e primeiros movimentos dessa paixão, que são certos ímpetos, abalos e sobressaltos do coração irritado, aos quais a paráfrase caldaica chama estremecimentos, dizendo: "Estremecei, e não queirais pecar", ao passo que a nossa sagrada versão diz: "Irai-vos, e não queirais pecar" (Sl 4, 5). O que, no fundo, é a mesma coisa; pois o Profeta não quer dizer senão que, se a ira nos surpreende,

excitando em nossos corações os primeiros estremecimentos da cólera, nos guardemos bem de deixar-nos arrastar mais adiante nessa paixão, porque então pecaríamos. Ora, embora esses primeiros ímpetos e estremecimentos não sejam de modo algum pecado, ainda assim a pobre alma que por eles é atingida com frequência se perturba, aflige e inquieta, e julga fazer bem em entristecer-se, como se fosse o amor de Deus a provocá-la a essa tristeza. E, no entanto, Teótimo, não é o amor celeste que causa essa perturbação, pois ele só se irrita por causa do pecado: é o nosso amor-próprio, que quisera ver-nos isentos da pena e do trabalho que os assaltos da ira nos dão. Não é a culpa que nos desagrada nesses ímpetos da cólera, pois não há neles pecado algum: é o esforço de resistir-lhes que nos inquieta.

Essas rebeliões do apetite sensual, tanto na ira quanto na cobiça, são deixadas em nós para o nosso exercício, a fim de que pratiquemos a valentia espiritual resistindo-lhes. É o filisteu que os verdadeiros israelitas devem combater sempre, sem jamais poderem abatê-lo (Js 23, 13): podem enfraquecê-lo, mas não aniquilá-lo; ele nunca morre senão conosco, e sempre vive conosco. É certamente execrável e detestável, pois nasceu do pecado e tende perpetuamente ao pecado. Por isso, assim como somos chamados terra, porque da terra fomos tirados e à terra retornaremos (Gn 3, 19), também essa rebelião é chamada pecado pelo grande Apóstolo (Rm 6—8; Cl 3, 9), por ter vindo do pecado e tender ao pecado, ainda que de modo algum nos torne culpados, a não ser quando a secundamos e lhe obedecemos. Daí que o mesmo Apóstolo nos adverte (Rm 6, 12) a fazer com que esse mal não reine em nosso corpo mortal, a ponto de obedecermos às suas cobiças. Ele não nos proíbe de sentir o pecado, mas somente de

consentir nele; não ordena que impeçamos o pecado de vir a nós e de estar em nós, mas manda que não reine em nós. Ele está em nós quando sentimos a rebelião do apetite sensual, mas não reina em nós senão quando nele consentimos. Jamais o médico ordenará ao febricitante que não tenha sede, pois isso seria um despropósito grande demais; mas bem lhe dirá que se abstenha de beber, ainda que tenha sede. Nunca se dirá a uma mulher grávida que não sinta vontade de comer coisas extraordinárias, porque isso não está em seu poder; mas bem se lhe dirá que declare os seus apetites, para que, se forem de coisa nociva, se lhe desvie a imaginação e tal fantasia não reine em seu cérebro.

O aguilhão da carne, mensageiro de Satanás, picava rudemente o grande São Paulo para fazê-lo precipitar-se no pecado. O pobre Apóstolo sofria aquilo como uma injúria vergonhosa e infame, e por isso o chamava esbofeteamento e escárnio, e pedia a Deus que se dignasse livrá-lo dele; mas Deus lhe respondeu: "Ó Paulo, a minha graça te basta, pois a minha força se aperfeiçoa na fraqueza." Ao que aquele grande santo homem, aquiescendo, disse: "De boa vontade, pois, me gloriarei em minhas fraquezas, para que a força de Jesus Cristo habite em mim" (2Cor 12, 7-9). Mas notai, por favor, que a rebelião sensual está nesse admirável vaso de eleição (At 9, 15), o qual, recorrendo ao remédio da oração, nos mostra que é por esse mesmo meio que devemos combater as tentações que sentimos. Notai ainda que, se Nosso Senhor permite essas cruéis revoltas no homem, nem sempre é para puni-lo de algum pecado, mas para manifestar a força e o poder da assistência e da graça divina. E notai, enfim, que não somente não devemos inquietar-nos em nossas tentações nem em nossas fraquezas, mas devemos gloriar-nos de sermos fracos, a fim

de que a força divina apareça em nós, sustentando a nossa fragilidade contra o esforço da sugestão e da tentação. Pois o glorioso Apóstolo chama fraquezas suas aos ímpetos e rebentos de impureza que sentia, e diz que se gloriava neles, porque, ainda que os sentisse por sua miséria, não consentia neles, pela misericórdia de Deus.

Certamente, como disse antes (Livro I, cap. 3), a Igreja condenou o erro de certos solitários que diziam poder o homem, neste mundo, ficar perfeitamente isento das paixões da ira, da cobiça, do temor e de outras semelhantes. Deus quer que tenhamos inimigos; Deus quer que os repilamos. Vivamos, pois, corajosamente entre uma e outra vontade divina, sofrendo com paciência sermos atacados e procurando com valentia fazer frente e resistir aos que nos atacam.

CAPÍTULO VIII

Como devemos unir a nossa vontade à de Deus na permissão dos pecados

Deus odeia soberanamente o pecado e, no entanto, permite-o sabiamente, para deixar a criatura racional agir segundo a condição de sua natureza e para tornar os bons mais dignos de louvor quando, podendo violar a lei, não a violam. Adoremos, pois, e bendigamos essa santa permissão; mas, já que a Providência que permite o pecado o odeia infinitamente, detestemo-lo com ela, odiemo-lo, desejando com todas as nossas forças que o pecado permitido não seja cometido. E, em consequência desse desejo, empreguemos todos os remédios que nos forem possíveis para

impedir o nascimento, o progresso e o reinado do pecado, à imitação de Nosso Senhor, que não cessa de exortar, prometer, ameaçar, proibir, mandar e inspirar entre nós, para desviar do pecado a nossa vontade, na medida em que isso se pode fazer sem lhe tirar a liberdade.

Mas, quando o pecado está cometido, façamos tudo o que estiver em nós para que seja apagado, como Nosso Senhor, que assegurou a Carpo, conforme já foi notado antes (Livro VIII, cap. 4), que, se fosse necessário, sofreria de novo a morte para livrar do pecado uma só alma. E se o pecador se obstina, choremos, Teótimo, suspiremos, oremos por ele, com o Salvador de nossas almas, que, tendo derramado muitas lágrimas por toda a vida sobre os pecadores e sobre os que os representavam, morreu por fim com os olhos cobertos de pranto e o corpo todo banhado de sangue, lamentando a perda dos pecadores. Esse afeto tocou tão vivamente a Davi que ele desfaleceu de coração: "O desfalecimento — diz ele (Sl 119, 53) — apoderou-se de mim por causa dos pecadores que abandonam a vossa lei"; e o grande Apóstolo declara (Rm 9, 2) que tem no coração uma dor contínua pela obstinação dos judeus.

Entretanto, por mais obstinados que os pecadores possam ser, não percamos o ânimo de ajudá-los e servi-los; pois quem sabe se por acaso não farão penitência e serão salvos? Bem-aventurado aquele que pode dizer aos seus próximos, como São Paulo: "Não cessei, nem de dia nem de noite, de admoestar a cada um de vós com lágrimas" (At 20, 31); "e por isso estou limpo do sangue de todos, pois não me poupei em vos anunciar todo o beneplácito de Deus" (At 20, 26-27). Enquanto estivermos dentro dos limites da esperança de que o pecador possa emendar-se — limites que têm

sempre a mesma extensão que os de sua vida —, nunca se deve rejeitá-lo, mas antes orar por ele e ajudá-lo tanto quanto a sua desgraça o permitir.

Mas, no fim das contas, depois de havermos chorado sobre os obstinados e de lhes havermos prestado o dever da caridade para tentar arrancá-los da perdição, é preciso imitar Nosso Senhor e os Apóstolos, isto é, desviar dali o nosso espírito e voltá-lo para outros objetos e outras ocupações mais úteis à glória de Deus. "Era preciso — dizem os Apóstolos aos judeus (At 13, 46) — anunciar-vos primeiro a palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais e vos julgais indignos do reino de Jesus Cristo, eis que nos voltamos para o lado dos gentios." "Ser-vos-á tirado — diz o Salvador (Mt 21, 43) — o Reino de Deus, e será dado a uma nação que dele produza frutos." Pois não se pode entreter-se a chorar demoradamente por uns sem perder o tempo próprio e necessário para procurar a salvação dos outros. O Apóstolo, é certo, diz que tem uma dor contínua pela perda dos judeus; mas isso é como quando dizemos que bendizemos a Deus em todo o tempo (Sl 34, 1), o que não quer dizer outra coisa senão que o bendizemos muitas vezes e em todas as ocasiões. Do mesmo modo, o glorioso São Paulo tinha uma dor contínua no coração por causa da reprovação dos judeus, porque em todas as ocasiões lamentava a desgraça deles.

Além disso, é preciso adorar, amar e louvar para sempre a justiça vingadora e punitiva de nosso Deus, assim como amamos a sua misericórdia, porque uma e outra são filhas de sua bondade. Pois, por sua graça, ele quer tornar-nos bons, sendo, como é, muito bom, ou antes, soberanamente bom; e, por sua justiça, quer castigar o pecado, porque o odeia — e o odeia porque, sendo soberanamente bom, detesta o soberano mal, que é a iniquidade.

E notai, para concluir, que Deus nunca retira de nós a sua misericórdia senão pela equitativa vingança de sua justiça punitiva, e que nunca escapamos ao rigor de sua justiça senão por sua misericórdia justificadora; e sempre, quer punindo, quer favorecendo, o seu beneplácito é adorável, amável e digno de eterna bênção. Assim, o justo, que canta os louvores da misericórdia por aqueles que serão salvos, alegrar-se-á igualmente quando vir a vingança (Sl 58, 11); os Bem-aventurados aprovarão com alegria o juízo da condenação dos réprobos, tanto quanto o da salvação dos eleitos; e os Anjos, tendo exercido a sua caridade para com os homens que têm sob sua guarda, permanecerão em paz ao vê-los obstinados ou mesmo condenados. É preciso, portanto, aquiescer à vontade divina e beijar-lhe, com igual dileção e reverência, a mão direita de sua misericórdia e a mão esquerda de sua justiça.

CAPÍTULO IX

Como a pureza da indiferença deve praticar-se nos atos do amor sagrado

Um dos mais excelentes músicos do universo, que tocava o alaúde com perfeição, tornou-se em pouco tempo tão extremamente surdo que não lhe restou nenhum uso da audição. Nem por isso, contudo, deixou de cantar e de manejar o seu alaúde com delicadeza admirável, graças ao longo hábito que disso tinha e que a surdez não lhe havia tirado. Mas, como não sentia prazer algum em seu canto nem no som do alaúde — pois, privado da audição, não podia perceber-lhes a doçura e a beleza —, já não cantava nem

tocava senão para contentar um príncipe de quem era súdito por nascimento, e a quem tinha extremo desejo de agradar, acompanhado de uma infinita obrigação por haver sido criado em sua casa desde a juventude. Por isso sentia um prazer sem igual em agradar-lhe, e, quando o príncipe lhe mostrava aprovar o seu canto, ficava todo arrebatado de contentamento. Acontecia, porém, algumas vezes, que o príncipe, para provar o amor daquele amável músico, mandava-o cantar e logo, deixando-o ali em seu aposento, saía para a caça. Mas o desejo que o cantor tinha de seguir as ordens de seu senhor fazia-o continuar o canto com a mesma atenção, como se o príncipe estivesse presente, ainda que na verdade nenhum prazer tivesse em cantar; pois não tinha nem o prazer da melodia, do qual a surdez o privava, nem o de agradar ao príncipe, já que este, estando ausente, não desfrutava da doçura das belas árias que ele cantava.

> *Meu coração está pronto, Senhor, meu coração disposto*
> *a entoar um cântico em vosso louvor composto;*
> *minha alma e meu espírito de bom grado se dispõem*
> *a cantar o vosso louvor.*
> *Ergue-te, ergue-te, pois, ó minha glória, é tempo de despertar!*
> *Harpa e saltério, cessai de dormir. (Sl 57, 8-9)*

Certamente, o coração humano é o verdadeiro cantor do cântico do amor sagrado, e é ele mesmo a harpa e o saltério. Ora, esse cantor de ordinário escuta a si próprio e sente grande prazer em ouvir a melodia de seu cântico; isto é, o nosso coração, amando a Deus, saboreia as delícias desse amor e sente um contentamento sem igual em amar um objeto tão amável. Vede, peço-vos, Teótimo, o que quero dizer: os jovens rouxinóis ensaiam o canto,

no princípio, para imitar os mais velhos; mas, depois de formados e feitos mestres, cantam pelo prazer que sentem no próprio gorjeio, e afeiçoam-se de modo tão apaixonado a esse deleite — como já disse noutro lugar (Livro V, cap. 8) — que, de tanto forçar a voz, a garganta lhes rebenta e morrem. Assim os nossos corações, no princípio de sua devoção, amam a Deus para unirem-se a ele, para lhe serem agradáveis e para imitá-lo naquilo em que nos amou eternamente; mas, pouco a pouco, adestrados e exercitados no santo amor, fazem imperceptivelmente a troca e, em lugar de amar a Deus para agradar a Deus, começam a amar pelo prazer que eles mesmos encontram nos exercícios do santo amor; e, em vez de estarem enamorados de Deus, tornam-se enamorados do amor que lhe dedicam. Afeiçoam-se aos seus próprios afetos e já não se comprazem em Deus, mas no prazer que sentem em seu amor, contentando-se com esse amor enquanto ele é deles, enquanto está em seu espírito e dele procede. Pois, ainda que esse amor sagrado se chame amor de Deus, porque por ele Deus é amado, nem por isso deixa de ser nosso, porque nós somos os amantes que por ele amamos. E aí está a razão da troca: em vez de amar esse santo amor porque ele tende a Deus, que é o amado, amamo-lo porque procede de nós, que somos os amantes. Ora, quem não vê que, procedendo assim, já não é a Deus que buscamos, mas que voltamos a nós mesmos, amando o amor em lugar de amar o Bem-Amado — amando, digo, esse amor, não pelo beneplácito e contentamento de Deus, mas pelo prazer e contentamento que nós mesmos dele tiramos? Esse cantor, portanto, que no princípio cantava a Deus e por Deus, canta agora mais a si mesmo e por si mesmo do que por Deus; e, se sente prazer em cantar, já não é tanto para contentar o ouvido de seu Deus quanto para contentar

o seu próprio. E, como o cântico do amor divino é o mais excelente de todos, ele o ama também mais, não por causa da excelência divina que nele se louva, mas porque a melodia do canto lhe é mais deliciosa e agradável.

CAPÍTULO X

Meio de reconhecer a mudança de motivo nesse santo amor

Reconhecereis bem essa troca, Teótimo. Pois, se esse rouxinol místico canta para contentar a Deus, cantará o cântico que souber ser o mais agradável à divina Providência; mas, se canta pelo prazer que ele mesmo encontra na melodia de seu canto, não cantará o cântico mais agradável à Bondade celeste, e sim aquele que mais é do seu gosto e do qual pensa tirar mais prazer. De dois cânticos que sejam, ambos, verdadeiramente divinos, pode muito bem acontecer que um seja cantado porque é divino, e o outro porque é agradável. Raquel e Lia são igualmente esposas de Jacó; mas uma é amada por ele apenas na qualidade de esposa, e a outra na qualidade de bela. O cântico é divino, mas o motivo que nos leva a cantá-lo é o deleite espiritual que dele pretendemos.

Não vês — dir-se-á a este Bispo — que Deus quer que cantes o cântico pastoral de sua dileção no meio de teu rebanho, o qual, em virtude de seu santo amor, ele te manda apascentar por três vezes, na pessoa do grande São Pedro, que foi o primeiro dos Pastores (Jo 21, 15-17)? Que me responderás? Que em Roma, que em Paris há mais delícias espirituais, e que ali se pode praticar o divino amor com mais suavidade? Ó Deus, não é, então, para vos agradar que esse homem quer cantar: é pelo prazer que nisso encontra; não sois

vós que ele busca no amor, mas o contentamento que tem nos exercícios do santo amor. Os religiosos quereriam cantar o cântico dos pastores, e os casados, o dos religiosos, a fim — dizem eles — de poderem amar e servir melhor a Deus. Ah, enganais-vos, meus caros amigos! Não digais que é para melhor amar e servir a Deus: não, certamente! É para melhor servir ao vosso próprio contentamento, que amais mais do que o contentamento de Deus. A vontade de Deus está na doença tão bem, e quase de ordinário melhor, do que na saúde; e se preferimos a saúde, não digamos que é para melhor servir a Deus, pois quem não vê que é a saúde que buscamos na vontade de Deus, e não a vontade de Deus na saúde?

É difícil, confesso, contemplar longamente e com prazer a beleza de um espelho sem nos olharmos nele, ou sem sentirmos gosto em olhar a nós mesmos; mas há, contudo, diferença entre o prazer que se tem de olhar um espelho porque ele é belo e a satisfação que se tem de olhar dentro de um espelho porque nele nos vemos. É também, sem dúvida, difícil amar a Deus sem amar ao mesmo tempo o prazer que se encontra em seu amor; há, no entanto, muita diferença entre o contentamento que se tem de amar a Deus porque ele é belo e o que se tem de amá-lo porque o seu amor nos é agradável. Ora, é preciso procurar buscar em Deus somente o amor de sua beleza, e não o prazer que há na beleza de seu amor. Aquele que, orando a Deus, se percebe orando, não está perfeitamente atento a orar; pois desvia de Deus, a quem ora, a sua atenção, para pensar na oração pela qual lhe ora. O próprio cuidado que temos de não ter distrações serve-nos muitas vezes de grandíssima distração: a simplicidade nas ações espirituais é o que há de mais recomendável. Quereis olhar a Deus? Olhai-o, então, e

ficai atenta a isso; pois, se refletis e voltais os olhos sobre vós mesma, para ver a postura que tendes ao olhá-lo, já não é a ele que olhais: é o vosso porte, sois vós mesma. Aquele que está em fervorosa oração não sabe se está ou não em oração, porque não pensa na oração que faz, e sim em Deus, a quem a faz. Quem está no ardor do amor sagrado não volta o coração sobre si mesmo para ver o que faz, mas conserva-o fixo e ocupado em Deus, a quem aplica o seu amor. O cantor celeste sente tanto prazer em agradar a seu Deus, que não sente prazer algum na melodia de sua voz, senão porque ela agrada a seu Deus.

Por que pensais, Teótimo, que Amnon, filho de Davi, amasse tão perdidamente Tamar, a ponto de julgar morrer de amor (2Sm 13)? Julgais que fosse a ela mesma que amava? Bem depressa vereis que não; pois, tão logo saciou o seu execrável desejo, expulsou-a cruelmente e rejeitou-a com ignomínia. Se tivesse amado Tamar, não teria feito isso, pois Tamar continuava sendo Tamar; mas, porque não era Tamar que ele amava, e sim o infame prazer que nela pretendia, assim que obteve o que buscava, escarneceu dela com perfídia e tratou-a brutalmente. O seu prazer estava em Tamar, mas o seu amor estava no prazer, e não em Tamar; por isso, passado o prazer, de bom grado fez passar também Tamar. Vereis, Teótimo, aquele homem que ora a Deus, ao que vos parece, com tanta devoção, e que é tão ardente nos exercícios do amor celeste; mas esperai um pouco, e vereis se é a Deus que ele ama. Ai, tão logo cesse a suavidade e a satisfação que encontrava no amor, e cheguem as securas, largará tudo, e já não orará senão de passagem. Ora, se era a Deus que amava, por que teria deixado de amá-lo, se Deus é sempre Deus? Era, pois, a consolação de Deus que ele amava, e não o Deus da consolação (2Cor 1, 3).

Muitos, na verdade, não se comprazem no amor divino a não ser que ele venha confeitado com o açúcar de alguma suavidade sensível, e fariam de bom grado como as criancinhas, às quais, quando se dá mel sobre um pedaço de pão, lambem e chupam o mel e depois jogam fora o pão; pois, se a suavidade fosse separável do amor, elas deixariam o amor e tomariam a suavidade. É por isso que seguem o amor por causa da suavidade, e, quando nele não a encontram, não fazem caso do amor. Mas tal gente está exposta a muitos perigos: ou o de voltar atrás quando lhe faltarem os gostos e as consolações, ou o de entreter-se com vãs suavidades bem distantes do verdadeiro amor, e tomar o mel de Heracleia pelo de Narbona.

CAPÍTULO XI

Da perplexidade do coração que ama a Deus sem saber se agrada ao Bem-Amado

O cantor de quem falei, tendo ficado surdo, não tinha outro contentamento em cantar senão o de ver, algumas vezes, o seu príncipe atento a ouvi-lo e a nisso comprazer-se. Oh, quão bem-aventurado é o coração que ama a Deus sem nenhum outro prazer senão o que encontra em agradar a Deus! Pois que prazer se poderá jamais ter mais puro e mais perfeito do que aquele que se toma no prazer da Divindade? E, contudo, esse prazer de agradar a Deus não é, propriamente falando, o amor divino, mas somente um fruto seu, que dele pode ser separado como o limão de seu limoeiro. Pois, como eu disse, o nosso músico cantava sempre sem tirar prazer algum de seu canto, já que a surdez o impedia; e muitas

vezes cantava também sem ter o prazer de agradar a seu príncipe, porque este, tendo-lhe ordenado que cantasse, retirava-se ou ia à caça, sem tomar nem o tempo nem o prazer de ouvi-lo.

Enquanto vejo, ó Deus, a vossa doce face testemunhar que aprovais o canto de meu amor, ai, como fico consolado! Pois haverá algum prazer que iguale o prazer de agradar bem a seu Deus? Mas, quando desviais de mim os vossos olhos e já não percebo o doce favor da complacência que tomáveis em meu cântico, verdadeiro Deus, que grande pena tem a minha alma! Sem que, no entanto, ela deixe de vos amar fielmente e de cantar continuamente o hino de sua dileção — não por algum prazer que nele encontre, pois nenhum tem, mas cantando pelo puro amor de vossa vontade.

Viu-se certa criança doente comer corajosamente, com incrível repugnância, o que a mãe lhe dava, unicamente pelo desejo de contentá-la; e então comia sem tomar nenhum prazer no alimento, mas não sem outro prazer mais estimável e elevado, que era o de agradar à mãe e vê-la contente. Já uma outra, que, sem ver a mãe, apenas pelo conhecimento que tinha de sua vontade, tomava tudo o que da parte dela lhe traziam, comia sem prazer algum; pois não tinha nem o prazer de comer, nem o contentamento de ver o prazer da mãe, mas comia simples e puramente para cumprir a vontade dela. A simples satisfação de um príncipe presente, ou de alguma pessoa muito amada, torna deliciosas as vigílias, as penas, os suores, e faz desejáveis os perigos; mas não há nada tão triste quanto servir a um senhor que de nada sabe, ou que, se o sabe, não dá o menor sinal de agradecê-lo. E é preciso, nesse caso, que o amor seja poderoso, pois sustenta-se

sozinho, sem apoiar-se em nenhum prazer nem em nenhuma pretensão.

Assim acontece algumas vezes que não temos consolação alguma nos exercícios do amor sagrado, porque, como cantores surdos, não ouvimos a nossa própria voz nem podemos gozar da suavidade de nosso canto; ao contrário, além disso, somos oprimidos por mil temores e perturbados por mil alaridos que o inimigo faz em torno de nosso coração, sugerindo-nos que talvez não sejamos agradáveis ao nosso Senhor, que o nosso amor é inútil e até mesmo falso e vão, já que não produz consolação alguma. Ora, então, Teótimo, trabalhamos não somente sem prazer, mas com extremo tédio, não vendo nem o bem de nosso trabalho, nem o contentamento daquele por quem trabalhamos.

Mas o que aumenta o mal nessa circunstância é que o espírito e a suprema ponta da razão não nos podem dar alívio de espécie alguma; pois essa pobre porção superior da razão, estando toda cercada das sugestões que o inimigo lhe faz, encontra-se ela mesma alarmada e bastante ocupada em guardar-se de ser surpreendida por algum consentimento no mal, de modo que não pode fazer nenhuma investida para desembaraçar a porção inferior do espírito. E, ainda que não tenha perdido a coragem, está, contudo, tão terrivelmente atacada que, se está sem culpa, não está sem pena. Pois, para cúmulo de seu tédio, ela é privada da consolação geral que quase sempre se tem em todos os outros males deste mundo, a saber, a esperança de que não serão duradouros e de que se lhes verá o fim. De sorte que o coração, nesses tédios espirituais, cai numa certa impotência de pensar no fim deles e, por consequência, de ser aliviado pela esperança. A fé, é certo, residindo no cume do espírito, bem nos assegura que essa

perturbação terminará e que um dia gozaremos do repouso; mas a grandeza do ruído e dos gritos que o inimigo faz no resto da alma, na razão inferior, impede que os avisos e as advertências da fé sejam quase ouvidos, e não nos resta na imaginação senão este triste presságio: "Ai de mim, nunca mais serei feliz" (*Introdução à Vida Devota*, Parte IV, cap. 15).

Ó Deus, meu caro Teótimo, mas é então que é preciso dar testemunho de uma invencível fidelidade para com o Salvador, servindo-o puramente pelo amor de sua vontade, não somente sem prazer, mas em meio a esse dilúvio de tristezas, de horrores, de temores e de ataques — como fizeram sua gloriosa Mãe e São João no dia da Paixão, os quais, entre tantas blasfêmias, dores e angústias mortais, permaneceram firmes no amor, mesmo quando o Salvador, tendo recolhido toda a sua santa alegria no cume de seu espírito, não derramava alegria nem consolação alguma em seu divino rosto, e quando os seus olhos lânguidos e cobertos pelas trevas da morte já não lançavam senão olhares de dor — assim como o sol já não lançava senão raios de horror e de terríveis trevas.

CAPÍTULO XII

Como, em meio a essas provações interiores, a alma não conhece o amor que dedica a seu Deus; e da amabilíssima morte da vontade

Estando o grande São Pedro na véspera de ser martirizado (At 12, 6-11), veio o Anjo à prisão, encheu-a toda de esplendor, despertou São Pedro, fê-lo levantar-se, cingir-se, calçar-se e vestir-se; tirou-lhe os grilhões e as algemas, retirou-o da prisão e conduziu-o através

da primeira e da segunda guarda até a porta de ferro que dava para a cidade, a qual se abriu diante deles; e, tendo passado uma rua, o Anjo deixou ali o glorioso São Pedro em plena liberdade. Eis aí uma grande variedade de ações bem perceptíveis; e São Pedro, no entanto, que antes de tudo havia sido despertado, não pensava que o que o Anjo fazia fosse verdadeiro, mas julgava que fosse uma visão imaginária. Estava desperto e não pensava estar; havia-se calçado e vestido e não sabia que o tivesse feito; caminhava e não julgava caminhar; estava livre e não o acreditava. E isso porque a maravilha de sua libertação foi tão grande que lhe ocupava de tal modo o espírito que, ainda que tivesse sentido e conhecimento bastantes para fazer o que fazia, não os tinha, contudo, bastantes para reconhecer que o fazia real e verdadeiramente. Bem via o Anjo, mas não percebia que fosse por uma visão verdadeira e natural; por isso não tinha consolação alguma de sua libertação, até que, voltando a si, disse: "Agora sei em verdade que Deus enviou o seu Anjo e me livrou da mão de Herodes e de toda a expectativa do povo judeu."

Ora, o mesmo acontece, Teótimo, com uma alma grandemente carregada de tédios interiores. Pois, embora tenha o poder de crer, de esperar e de amar a Deus, e de fato o faça, não tem, contudo, a força de discernir bem se crê, espera e ama o seu Deus, porquanto a angústia a ocupa e oprime de tal modo que ela não pode voltar-se sobre si mesma para ver o que faz. E é por isso que lhe parece não ter nem fé, nem esperança, nem caridade, mas somente fantasmas e impressões inúteis dessas virtudes, que sente quase sem senti-las, e como estranhas, não como familiares de sua alma. Se prestardes atenção, achareis que os nossos espíritos estão sempre em semelhante estado quando se acham poderosamente

ocupados por alguma paixão violenta; pois fazem muitas ações como em sonho, das quais têm tão pouco sentimento que quase não lhes parece que as coisas se passem de verdade. Por isso o sagrado Salmista exprime a grandeza da consolação que os israelitas tiveram no retorno do cativeiro da Babilônia com estas palavras (Sl 126, 1):

> *Quando aprouve ao Senhor mudar em liberdade*
> *o cativeiro de Sião,*
> *tamanho arrebatamento tomou o nosso ânimo*
> *que nos parecia sonhar;*

e, como traz a santa versão latina, seguindo os Setenta: "Fomos feitos como consolados"; isto é, a admiração pela grandeza do bem que nos sobreveio era tão excessiva que nos impedia de sentir bem a consolação que recebíamos, e parecia-nos que não estávamos verdadeiramente consolados e que não tínhamos uma consolação real, mas somente em figura e em sonho.

Tais são, pois, os sentimentos da alma que se encontra entre as angústias espirituais, as quais tornam o amor extremamente puro e límpido; porque, estando privado de todo prazer pelo qual pudesse ligar-se a seu Deus, ele nos junta e une a Deus imediatamente, vontade a vontade, coração a coração, sem nenhuma intervenção de contentamento ou pretensão. Ai, Teótimo, quão aflito fica o pobre coração quando, como que abandonado do amor, olha por toda parte e não o encontra — assim lhe parece! Não o encontra nos sentidos exteriores, pois não são capazes dele; nem na imaginação, que é cruelmente atormentada por diversas impressões; nem na razão, perturbada por mil obscuridades de raciocínio e por apreensões estranhas. E,

ainda que enfim o encontre no cume e na suprema região do espírito, onde essa divina dileção reside, nem por isso o reconhece, e parece-lhe que não é ele, porque a grandeza dos tédios e das trevas a impede de sentir-lhe a doçura: ela o vê sem vê-lo e o encontra sem conhecê-lo, como se fosse em sonho (Sl 126, 1) e em imagem. Assim Madalena, tendo encontrado o seu caro Mestre, não recebe alívio algum, porque não pensava que fosse ele, mas somente o jardineiro (Jo 20, 15).

Mas o que pode, então, fazer a alma que se encontra nesse estado? Teótimo, ela já não sabe como manter-se entre tantos tédios, e já não tem força senão para deixar morrer a sua vontade nas mãos da vontade de Deus, à imitação do doce Jesus, que, tendo chegado ao auge das penas da cruz que o Pai lhe havia fixado, e não podendo mais resistir ao extremo de suas dores, fez como o cervo que, sem fôlego e acossado pela matilha, entregando-se ao caçador, solta os últimos bramidos com lágrimas nos olhos. Pois assim aquele divino Salvador, próximo da morte e lançando os últimos suspiros, com um grande brado e muitas lágrimas, disse: "Ai, ó meu Pai, entrego o meu espírito em vossas mãos" (Lc 23, 46) — palavra, Teótimo, que foi a última de todas, e pela qual o Filho bem-amado deu o supremo testemunho de seu amor para com o Pai. Quando, pois, tudo nos falta, quando os nossos tédios chegam ao extremo, esta palavra, este sentimento, esta renúncia de nossa alma nas mãos de nosso Salvador não nos pode faltar. O Filho entregou o seu espírito ao Pai naquela última e incomparável angústia; e nós, quando as convulsões das penas espirituais nos tiram todo outro alívio e todo meio de resistir, entreguemos o nosso espírito nas mãos desse Filho eterno, que é o nosso verdadeiro Pai; e, inclinando a cabeça (Jo 19, 30) em sinal de nosso

assentimento ao seu beneplácito, entreguemos-lhe toda a nossa vontade.

CAPÍTULO XIII

Como a vontade, estando morta para si mesma, vive puramente na vontade de Deus

Falamos da morte dos homens, em nossa língua francesa, com uma propriedade toda particular, pois a chamamos trespasse, e aos mortos, trespassados; dando a entender que a morte, entre os homens, não é senão uma passagem de uma vida a outra, e que morrer não é outra coisa senão ultrapassar os limites desta vida mortal para ir à imortal. Certamente a nossa vontade jamais pode morrer, tampouco o nosso espírito; mas ela ultrapassa algumas vezes os limites de sua vida ordinária, para viver toda na vontade divina: é quando já não sabe nem quer mais querer coisa alguma, e se abandona total e irrestritamente ao beneplácito da divina Providência, misturando-se e diluindo-se de tal modo nesse beneplácito que já não aparece, mas está toda escondida com Jesus Cristo em Deus (Cl 3, 3), onde vive já não ela mesma, mas a vontade de Deus vive nela (Gl 2, 20). Que se faz da claridade das estrelas quando o sol aparece em nosso horizonte? Ela não perece, certamente, mas é arrebatada e absorvida na soberana luz do sol, com a qual está felizmente misturada e unida. E que se faz da vontade humana quando está inteiramente abandonada ao beneplácito divino? Ela não perece de todo, mas está de tal modo submersa e mesclada na vontade de Deus que já não aparece nem tem mais nenhum querer separado do de Deus.

Imaginai, Teótimo, o glorioso e nunca bastante louvado São Luís, que se embarca e faz vela para ir ao ultramar; e vede que a Rainha, sua cara esposa, se embarca com Sua Majestade. Ora, se alguém perguntasse a essa nobre princesa: "Aonde ides, senhora?", ela sem dúvida responderia: "Vou aonde o Rei vai." E, se de novo lhe perguntassem: "Mas sabeis bem, senhora, aonde o Rei vai?", também responderia: "Disse-mo em geral; e, contudo, não tenho preocupação alguma de saber aonde ele vai, mas somente de ir com ele." E, se lhe replicassem: "Então, senhora, não tendes nenhum propósito nesta viagem?" — "Não", diria ela, "não tenho outro senão o de estar com o meu caro senhor e marido." "Sim, mas" — poder-lhe-iam dizer — "ele vai ao Egito, para passar à Palestina; alojar-se-á em Damieta, em Acre e em muitos outros lugares: não tendes intenção, senhora, de ir também a eles?" A isso ela responderia: "Não, verdadeiramente; não tenho outra intenção senão a de estar junto do meu Rei, e os lugares aonde ele vai me são indiferentes e de nenhuma consideração, a não ser enquanto ele ali estiver. Vou sem desejo de ir, pois nada estimo senão a presença do Rei. É, portanto, o Rei que vai e que quer a viagem; e, quanto a mim, eu não vou: sigo. Não quero a viagem, mas somente a presença do Rei; sendo-me a permanência, a viagem e toda sorte de variações completamente indiferentes."

Certamente, se se pergunta a algum servo que acompanha o seu senhor aonde vai, não deve responder que vai a tal ou tal lugar, mas somente que segue o seu senhor; pois ele não vai a parte alguma por sua vontade, mas apenas pela de seu senhor. Assim, meu Teótimo, uma vontade resignada à de seu Deus não deve ter querer algum, mas seguir simplesmente o de Deus. E, como aquele que está num navio não se move por movimento próprio, mas

apenas se deixa mover segundo o movimento da embarcação em que se encontra, do mesmo modo o coração que está embarcado no beneplácito divino não deve ter outro querer senão o de deixar-se levar pelo querer de Deus. E então o coração já não diz: "Seja feita a vossa vontade, e não a minha" (Lc 22, 42), pois já não tem vontade alguma a que renunciar; mas diz estas palavras: "Senhor, entrego a minha vontade em vossas mãos" (Sl 31, 6; Lc 23, 46), como se a sua vontade já não estivesse à sua disposição, mas à da divina Providência. De sorte que isso não é propriamente como os servos seguem os seus senhores; pois, ainda que a viagem se faça pela vontade do senhor, o seguimento deles, contudo, se faz por sua própria vontade particular, ainda que seja uma vontade seguidora e servidora, submissa e sujeita à de seu senhor: de modo que, assim como o senhor e o servo são dois, também a vontade do senhor e a do servo são duas. Mas a vontade que morreu para si mesma a fim de viver na de Deus está sem nenhum querer particular, permanecendo não somente conforme e sujeita, mas toda aniquilada em si mesma e convertida na de Deus — como se diria de uma criancinha que ainda não tem o uso de sua vontade para querer ou amar coisa alguma senão o seio e o rosto de sua cara mãe. Pois ela não pensa de modo algum em querer estar de um lado ou de outro, nem em querer qualquer outra coisa senão estar nos braços de sua mãe, com a qual julga ser uma só coisa; e não tem cuidado algum de acomodar a sua vontade à da mãe, porque não sente a sua nem julga ter alguma, deixando à mãe o cuidado de ir, de fazer e de querer o que ela achar bom para si.

É esta, certamente, a soberana perfeição de nossa vontade: estar assim unida à de nosso Soberano Bem, como esteve a daquele Santo que dizia: "Ó Senhor, vós me conduzistes e guiastes segundo

a vossa vontade" (Sl 73, 24). Pois que queria ele dizer, senão que de modo algum havia empregado a sua vontade para conduzir-se, tendo-se simplesmente deixado guiar e levar pela de seu Deus?

CAPÍTULO XIV

Esclarecimento do que se disse a respeito da morte de nossa vontade

É de crer que a santíssima Virgem Nossa Senhora recebia tanto contentamento em levar entre os braços o seu querido pequeno Jesus, que o contentamento impedia o cansaço, ou ao menos tornava agradável o cansaço; pois, se levar consigo um ramo de agnus castus alivia os viajantes e os descansa (Tratado do Amor de Deus, livro VIII, cap. 5), que alívio não recebia a gloriosa Mãe ao levar o Cordeiro de Deus imaculado (Jo 1, 36; 1Pd 1, 19)? E, se por vezes ela o deixava caminhar sobre os próprios pés a seu lado, segurando-o pela mão, não era por não preferir tê-lo pendurado ao pescoço, sobre o peito, mas fazia-o para exercitá-lo a firmar os passos e a caminhar por si mesmo. E nós, Teótimo, como pequenos filhos do Pai celeste, podemos caminhar com ele de dois modos: pois podemos caminhar, em primeiro lugar, dando os passos de nosso próprio querer, que conformamos ao seu, segurando sempre, com a mão de nossa obediência, a de sua intenção divina, e seguindo-a por toda parte aonde ela nos conduz; que é o que Deus requer de nós pela significação de sua vontade, pois, já que ele quer que eu faça o que me ordena, quer que eu tenha o querer de fazê-lo. Deus significou-me que queria que eu santificasse o dia do repouso: já que ele quer que eu o faça, quer,

portanto, que eu queira fazê-lo, e que para isso eu tenha o meu próprio querer, pelo qual siga o seu, conformando-me e correspondendo a ele. Mas podemos também caminhar com Nosso Senhor sem ter querer algum próprio, deixando-nos simplesmente levar pelo seu divino beneplácito, como uma criancinha entre os braços da mãe, por uma certa espécie de consentimento admirável a que se pode chamar união, ou antes unidade de nossa vontade com a de Deus. E é essa a maneira segundo a qual devemos procurar comportar-nos diante da vontade do beneplácito divino, visto que os efeitos dessa vontade de beneplácito procedem puramente de sua providência e nos chegam sem que nós os façamos. É verdade que bem podemos querer que eles aconteçam segundo a vontade de Deus, e esse querer é muito bom; mas bem podemos também receber os acontecimentos do beneplácito celeste por uma simplicíssima tranquilidade de nossa vontade, a qual, nada querendo, simplesmente aquiesce a tudo o que Deus quer que seja feito em nós, sobre nós e de nós.

Se se houvesse perguntado ao doce Menino Jesus, enquanto era levado nos braços de sua Mãe, para onde ia, não teria ele razão de responder: Eu não vou; é minha Mãe que vai por mim. E, se lhe houvessem perguntado: Mas ao menos não ides vós com vossa Mãe? — não teria razão de dizer: Não, não vou de modo algum; ou, se vou até onde minha Mãe me leva, não vou lá com ela nem por meus próprios passos, mas vou pelos passos de minha Mãe, por ela e nela. E, se lhe houvessem replicado: Mas ao menos, ó caríssimo divino Menino, vós bem quereis deixar-vos levar por vossa doce Mãe? — Não quero, decerto, poderia ele dizer; nada quero de tudo isso; antes, assim como minha toda boa Mãe

caminha por mim, também quer por mim: deixo-lhe igualmente o cuidado de ir e de querer ir por mim para onde melhor lhe parecer; e, assim como só caminho pelos passos dela, também só quero pelo querer dela; e, desde que me encontro entre os seus braços, não tenho atenção alguma nem para querer nem para não querer, deixando à minha Mãe todo outro cuidado, exceto o de estar sobre o seu seio, de sugar o seu peito sagrado e de me manter bem agarrado ao seu pescoço amabilíssimo, para beijá-lo amorosamente com os beijos de minha boca (Ct 1, 1). E, para que o saibais, enquanto estou em meio às delícias dessas santas carícias, que ultrapassam toda suavidade, parece-me que minha Mãe é uma árvore de vida e que eu estou nela como o seu fruto; que sou o seu próprio coração no meio do seu peito, ou a sua alma no meio do seu coração: por isso, assim como o seu caminhar basta para ela e para mim, sem que eu me meta a dar passo algum, também a sua vontade basta para ela e para mim, sem que eu faça querer algum quanto ao ir ou ao vir. Tampouco reparo se ela vai depressa ou bem devagar, nem se vai para um lado ou para outro, nem indago de modo algum para onde quer ir, contentando-me em que, seja como for, estou sempre entre os seus braços, junto aos seus amáveis seios, onde me apascento como entre os lírios (Ct 2, 16; 6, 2). Ó divino Menino de Maria, permiti à minha pobre alma este impulso de dileção! Ide, pois, ó querido e amabilíssimo Menino; ou antes, não ide, mas ficai assim santamente colado ao peito de vossa doce Mãe; ide sempre nela e por ela, ou com ela, e nunca vades sem ela enquanto sois menino. Oh, quão bem-aventurado é o ventre que vos trouxe e os seios que sugastes (Lc 11, 27)!

O Salvador de nossas almas teve o uso da razão desde o instante de sua concepção no ventre de sua Mãe, e podia fazer todos esses

discursos; e o mesmo, sim, o glorioso São João, seu Precursor, desde o dia da santa Visitação. E, ainda que um e outro, durante esse tempo e o da infância, gozassem da própria liberdade para querer e não querer as coisas, deixaram, contudo, no que tocava à sua conduta exterior, o cuidado às suas mães, de fazer e querer por eles o que era necessário. Teótimo, assim devemos ser, tornando-nos flexíveis e manejáveis ao beneplácito divino, como se fôssemos de cera, não nos entretendo em desejar e querer as coisas, mas deixando que Deus as queira e as faça por nós conforme lhe aprouver, lançando nele toda a nossa solicitude, porquanto ele tem cuidado de nós, como diz o santo Apóstolo (1Pd 5, 7). E notai que ele diz *toda a nossa solicitude*, isto é, tanto a que temos de receber os acontecimentos quanto a de querer ou não querer; pois ele terá cuidado do êxito de nossos negócios e de querer por nós o que for melhor.

Entretanto, empreguemos amorosamente o nosso cuidado em bendizer a Deus por tudo quanto fizer, a exemplo de Jó (Jó 1, 21), dizendo: *O Senhor me deu muito, o Senhor mo tirou; seja bendito o nome do Senhor.* Não, Senhor, não quero acontecimento algum, pois vos deixo querê-los por mim inteiramente a vosso gosto; mas, em lugar de querer os acontecimentos, bendir-vos-ei por os haverdes querido. Ó Teótimo, quão excelente é essa ocupação de nossa vontade, quando deixa o cuidado de querer e escolher os efeitos do beneplácito divino, para louvar e agradecer a esse beneplácito por tais efeitos!

CAPÍTULO XV

Do mais excelente exercício que podemos praticar em meio às penas interiores e exteriores desta vida, na sequência da indiferença e da morte da vontade

Bendizer a Deus e agradecer-lhe por todos os acontecimentos que a sua providência ordena é, na verdade, uma ocupação toda santa; mas se, enquanto deixamos a Deus o cuidado de querer e fazer o que lhe apraz em nós, sobre nós e de nós, sem estarmos atentos ao que se passa, ainda que bem o sintamos, pudéssemos desviar o nosso coração e aplicar a nossa atenção à Bondade e à Doçura divinas, bendizendo-as não em seus efeitos nem nos acontecimentos que ordenam, mas nelas mesmas e em sua própria excelência, faríamos sem dúvida um exercício muito mais eminente.

Enquanto Demétrio mantinha o cerco diante de Rodes, Protógenes, que estava numa casinha dos arrabaldes, jamais deixou de trabalhar, e com tanta segurança e repouso de espírito que, embora quase sempre lhe mantivessem a espada à garganta, realizou a excelente obra-prima de um sátiro admirável que se alegrava a tocar flauta (Plínio, *História Natural*, XXXV, 10). Ó Deus, que almas são essas que, no meio de toda sorte de acidentes, mantêm sempre a sua atenção e o seu afeto na Bondade eterna, para honrá-la e amá-la para sempre!

A filha de um excelente médico e cirurgião, estando com febre contínua e sabendo que seu pai a amava unicamente, dizia a uma de suas amigas: Sinto muita dor, mas nem por isso penso nos remédios, pois não sei o que poderia servir à minha cura: poderia

desejar uma coisa quando outra me fosse necessária; não ganho, pois, mais em deixar todo esse cuidado a meu pai, que sabe, que pode e que quer por mim tudo o que é preciso à minha saúde? Faria mal em pensar nisso, porque ele pensará bastante por mim; faria mal em querer alguma coisa, porque ele quererá bastante tudo o que me for proveitoso: apenas esperarei, portanto, que ele queira o que julgar conveniente, e não me ocuparei senão em olhá-lo quando estiver perto de mim, em testemunhar-lhe o meu amor filial e em dar-lhe a conhecer a minha perfeita confiança. E, ditas essas palavras, adormeceu, enquanto seu pai, julgando conveniente sangrá-la, dispôs o que era necessário; e, chegando junto dela ao despertar, depois de lhe perguntar como se sentia após o sono, indagou se não queria bem ser sangrada para sarar. Meu pai, respondeu ela, sou vossa; não sei o que devo querer para sarar; a vós cabe querer e fazer por mim tudo o que vos parecer bom, pois, quanto a mim, basta-me amar-vos e honrar-vos de todo o coração, como faço. Eis, pois, que lhe atam o braço e que o próprio pai leva a lanceta à veia; mas, enquanto ele dá o golpe e o sangue sai, jamais essa amável filha olhou o braço picado nem o seu sangue a correr da veia; antes, mantendo os olhos fixos no rosto do pai, nada dizia senão, por vezes, bem docemente: meu pai me ama muito, e eu sou toda sua. E, quando tudo estava feito, não lhe agradeceu, mas somente repetiu ainda uma vez as mesmas palavras de seu afeto e de sua confiança filial.

Ora, dizei-me agora, meu amigo Teótimo: essa filha não testemunhou um amor mais atento e mais sólido para com o pai do que se houvesse tido muito cuidado em pedir-lhe remédios para o seu mal, em olhar como lhe abriam a veia ou como o sangue corria, e em dizer-lhe muitas palavras de agradecimento? Não há

decerto dúvida alguma nisso; pois, se tivesse pensado em si, que teria ganhado senão uma preocupação inútil, já que seu pai a tinha bastante por ela? Olhando o braço, que teria feito senão receber espanto? E agradecendo ao pai, que virtude teria praticado senão a da gratidão? Não fez, pois, melhor em ocupar-se toda nas demonstrações de seu amor filial, infinitamente mais agradável ao pai do que qualquer outra virtude?

Os meus olhos estão sempre voltados para o Senhor, porque ele desprenderá os meus pés das redes e das armadilhas (Sl 24, 15). Caíste nas redes das adversidades? Ah, não olhes o teu infortúnio nem as armadilhas em que estás preso: olha para Deus e deixa-o agir, ele terá cuidado de ti; *lança sobre ele o teu pensamento, e ele te sustentará* (Sl 54, 23; 1Pd 5, 7). Por que te metes a querer ou a não querer os acontecimentos e acidentes do mundo, já que não sabes o que deves querer, e Deus quererá sempre bastante por ti tudo o que poderias querer, sem que te dês a esse trabalho? Espera, pois, em repouso de espírito os efeitos do beneplácito divino, e que o querer dele te baste, visto que é sempre muito bom; pois assim ordenou ele à sua bem-amada Santa Catarina de Sena: "Pensa em mim", disse-lhe, "e eu pensarei por ti".

É muito difícil exprimir bem essa extrema indiferença da vontade humana, assim reduzida e transposta pela morte na vontade de Deus: pois não se deve dizer, ao que me parece, que ela aquiesce à de Deus, visto que a aquiescência é um ato da alma que declara o seu consentimento; tampouco se deve dizer que ela aceita, nem que recebe, porquanto aceitar e receber são certas ações a que se pode, de algum modo, chamar ações passivas, pelas quais abraçamos e tomamos o que nos acontece; nem se deve dizer que ela permite, porquanto a permissão é uma ação da vontade e,

por consequência, um certo querer ocioso, que na verdade nada quer fazer, mas quer, contudo, deixar fazer. Parece-me antes, portanto, que da alma que está nessa indiferença e que nada quer, mas deixa a Deus querer o que lhe aprouver, se deve dizer que tem a sua vontade numa simples e geral espera; porquanto esperar não é fazer nem agir, mas permanecer exposto a algum acontecimento. E, se prestardes atenção, a espera da alma é verdadeiramente voluntária e, contudo, não é uma ação, mas uma simples disposição para receber o que vier a acontecer; e, quando os acontecimentos chegaram e foram recebidos, a espera converte-se em consentimento ou aquiescência; mas, antes da vinda deles, na verdade a alma está numa simples espera, indiferente a tudo o que aprouver à vontade divina ordenar.

Nosso Salvador exprime assim a extrema submissão de sua vontade humana à de seu Pai eterno: *O Senhor Deus*, diz ele (Is 50, 5), *abriu-me o ouvido*, isto é, anunciou-me o seu beneplácito acerca da multidão de trabalhos que devo sofrer; *e eu*, diz em seguida, *não contradigo, não me retiro para trás*. Que quer dizer não contradigo, não me retiro para trás, senão: minha vontade está numa simples espera e permanece disposta a tudo o que a de Deus ordenar; em consequência do que entrego e abandono o meu corpo à mercê dos que o baterão, e as minhas faces aos que as depenarão, preparado para tudo o que quiserem fazer de mim. Mas vede, peço-vos, Teótimo, que, assim como o nosso Salvador, depois da oração de resignação que fez no jardim das Oliveiras e depois de sua prisão, se deixou manejar e conduzir ao gosto daqueles que o crucificaram, com um abandono admirável de seu corpo e de sua vida nas mãos deles, assim também pôs a sua alma e a sua vontade, por uma indiferença perfeitíssima, nas mãos de seu

Pai eterno. Pois, ainda que tenha dito: *Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?* (Mt 27, 46), foi para nos dar a conhecer as verdadeiras amarguras e penas de sua alma, e não para contrariar a santíssima indiferença em que estava; como bem mostrou logo depois, concluindo toda a sua vida e a sua Paixão com estas palavras incomparáveis: *Meu Pai, entrego o meu espírito em vossas mãos* (Lc 23, 46).

CAPÍTULO XVI

Do perfeito despojamento da alma unida à vontade de Deus

Representemo-nos o doce Jesus, Teótimo, em casa de Pilatos, onde, por amor de nós, os homens de armas, ministros da morte, o despiram de todas as suas vestes, uma após outra, e, não contentes com isso, ainda lhe tiraram a pele, rasgando-a a golpes de varas e de açoites; e como depois a sua alma foi despojada do corpo, e o corpo, da vida, pela morte que sofreu na cruz. Mas, passados três dias, pela sua santíssima Ressurreição, a alma revestiu-se do seu corpo glorioso, e o corpo, da sua pele imortal, e vestiu-se com trajes diversos — ora de peregrino, ora de jardineiro, ora de outra sorte —, conforme o exigiam a salvação dos homens e a glória de seu Pai. O amor fez tudo isso, Teótimo; e é também o amor que, entrando numa alma a fim de fazê-la morrer felizmente para si e reviver para Deus, a faz despojar-se de todos os desejos humanos e da estima de si mesma — a qual não está menos presa ao espírito do que a pele à carne —, e enfim a desnuda dos afetos mais amáveis, como são os que tinha às consolações espirituais, aos

exercícios de piedade e à perfeição das virtudes, que pareciam ser a própria vida da alma devota.

Então, Teótimo, tem a alma razão de exclamar: *Despi as minhas vestes, como tornarei a vesti-las? Lavei os meus pés de toda sorte de afetos, como os sujaria de novo?* (Ct 5, 3) *Nua saí da mão de Deus, e nua a ela voltarei; o Senhor me dera muitos desejos, o Senhor mos tirou; seja bendito o seu santo nome* (Jó 1, 21). Sim, Teótimo, o mesmo Senhor que nos faz desejar as virtudes em nosso começo e que no-las faz praticar em todas as ocasiões é ele mesmo quem nos tira o afeto às virtudes e a todos os exercícios espirituais, a fim de que, com mais tranquilidade, pureza e simplicidade, nada amemos senão o beneplácito de sua divina Majestade. Pois, assim como a bela e casta Judite tinha na verdade em seus guarda-roupas os seus belos trajes de festa e, no entanto, não lhes tinha afeição alguma, nem jamais se enfeitou com eles em sua viuvez, exceto quando, inspirada por Deus, foi arruinar Holofernes (Jt 10, 3), assim também, ainda que tenhamos aprendido a prática das virtudes e os exercícios de devoção, não devemos ter-lhes afeição nem revestir com eles o nosso coração senão na medida em que sabemos ser esse o beneplácito de Deus. E, como Judite permaneceu sempre em vestes de luto, exceto naquela ocasião em que Deus quis que se pusesse em pompa, também devemos permanecer pacificamente revestidos de nossa miséria e abjeção, no meio de nossas imperfeições e fraquezas, até que Deus nos eleve à prática das ações excelentes.

Não se pode permanecer por muito tempo nessa nudez, despojado de toda sorte de afetos; por isso, segundo o conselho do santo Apóstolo (Cl 3, 9), depois de havermos tirado as vestes do velho Adão, é preciso revestir-se dos trajes do homem novo, isto é,

de Jesus Cristo. Pois, havendo renunciado a tudo, e até mesmo aos afetos das virtudes, para nada querer nem delas nem de quaisquer outras senão na medida em que o beneplácito divino o determinar, é-nos preciso revestir-nos de novo de vários afetos, e talvez dos mesmos a que renunciamos e que resignamos; mas é preciso revestir-se deles de novo, já não porque nos sejam agradáveis, úteis, honrosos e próprios para contentar o amor que temos por nós mesmos, e sim porque são agradáveis a Deus, úteis à sua honra e destinados à sua glória.

Eliézer levava brincos, braceletes e vestes novas para a jovem que Deus preparara para o filho de seu senhor; e de fato os deu à virgem Rebeca assim que soube que era ela (Gn 24, 22-53). São necessárias vestes novas à esposa do Salvador: se por amor dele se despojou do antigo afeto que tinha aos pais, à pátria, à casa, aos amigos, é preciso que tome um afeto todo novo, amando tudo isso em seu devido lugar, já não segundo as considerações humanas, mas porque o Esposo celeste o quer, o ordena e assim o entende, e porque pôs tal ordem na caridade (Ct 2, 4). Se nos desnudamos do velho afeto às consolações espirituais, aos exercícios de devoção, à prática das virtudes e até mesmo ao nosso próprio adiantamento na perfeição, é preciso revestir-nos de outro afeto todo novo, amando todas essas graças e favores celestes já não porque aperfeiçoam e ornam o nosso espírito, mas porque por eles o nome de Nosso Senhor é santificado, o seu reino é enriquecido e o seu beneplácito glorificado (Mt 6, 9).

Assim São Pedro se veste na prisão, não por escolha sua, mas à medida que o Anjo lho ordena: põe o cinto, depois as sandálias, depois as demais vestes (At 12, 8). E o glorioso São Paulo, despojado num momento de todos os afetos: *Senhor*, diz ele (At

9, 6), *que quereis que eu faça?* Isto é: Que vos apraz que eu ame, já que, lançando-me por terra, fizestes morrer a minha vontade própria? Ah, Senhor, ponde o vosso beneplácito no lugar dela e *ensinai-me a fazer a vossa vontade, porque vós sois o meu Deus* (Sl 142, 10). Teótimo, quem tudo deixou por Deus nada deve retomar senão como Deus o quer: já não alimenta o seu corpo senão como Deus o ordena, a fim de que ele sirva ao espírito; já não estuda senão para servir ao próximo e à sua própria alma, segundo a intenção divina; pratica as virtudes não conforme lhe são mais do agrado, mas conforme Deus o deseja.

Deus ordenou ao profeta Isaías (Is 20, 2) que se despisse inteiramente nu, e ele o fez, caminhando e pregando desse modo, ou três dias inteiros, como dizem alguns, ou três anos, como outros pensam; depois retomou as suas vestes, quando passou o prazo que Deus lhe fixara. Assim é preciso desnudar-se de todos os afetos, pequenos e grandes, e é preciso examinar amiúde o nosso coração para ver se está bem pronto a despir-se, como fez Isaías, de todas as suas vestes, e também a retomar, quando for tempo, os afetos convenientes ao serviço da caridade; a fim de morrermos na cruz todos nus com o nosso divino Salvador e de ressuscitarmos depois com ele, feitos homem novo (Rm 6, 4). O amor é forte como a morte (Ct 8, 6) para nos fazer deixar tudo; é magnífico como a ressurreição para nos ornar de glória e de honra.

LIVRO

X

Do mandamento de amar a Deus sobre todas as coisas

Capítulos I a XVII

CAPÍTULO I

Da doçura do mandamento que Deus nos deu de amá-lo sobre todas as coisas

O homem é a perfeição do universo; o espírito, a perfeição do homem; o amor, a perfeição do espírito; e a caridade, a perfeição do amor. Por isso o amor de Deus é o fim, a perfeição e a excelência do universo. Nisto, Teótimo, consiste a grandeza e a primazia do mandamento do amor divino, que o Salvador chama o primeiro e o maior de todos os mandamentos (Mt 22, 38). Esse mandamento é como um sol que dá brilho e dignidade a todas as leis sagradas, a todas as ordenações divinas e a todas as Santas Escrituras. Tudo foi feito para este amor celeste, e tudo a ele se refere: da árvore sagrada deste mandamento dependem todos os conselhos, exortações, inspirações e os demais mandamentos, como suas flores, e a vida eterna, como seu fruto; e tudo o que não tende ao amor eterno tende à morte eterna. Grande mandamento, cuja prática perfeita dura na vida eterna — ou antes, que não é outra coisa senão a própria vida eterna!

Mas vede, Teótimo, quão amável é esta lei de amor! Ah, Senhor Deus, não bastaria que vos aprouvesse permitir-nos este divino amor, como Labão permitiu a Jacó o amor de Raquel (Gn 29, 19), sem que ainda vos aprouvesse convidar-nos a ele por exortações e impelir-nos a ele por vossos mandamentos? Mas não, Bondade divina: para que nem a vossa grandeza, nem a nossa baixeza, nem pretexto algum nos retardasse em vos amar, vós no-lo ordenais. O pobre Apeles, não podendo impedir-se de amar, não ousava, contudo, amar a bela Campaspe, porque ela pertencia

ao grande Alexandre; mas, quando obteve licença de amá-la, quanto se julgou obrigado àquele que lha permitia! Já não sabia se devia amar mais aquela bela Campaspe que um tão grande imperador lhe cedera, ou aquele grande imperador que lhe cedera uma tão bela Campaspe. Ó verdadeiro Deus, se soubéssemos compreendê-lo, meu caro Teótimo, que dívida teríamos para com este soberano Bem, que não somente nos permite, mas nos ordena amá-lo! Ai, ó Deus, já não sei se devo amar mais a vossa infinita beleza, que uma bondade tão divina me manda amar, ou a vossa divina Bondade, que me manda amar uma beleza tão infinita! Ó beleza, quão amável sois, sendo-me concedida por uma bondade tão imensa! Ó bondade, quão digna de amor sois, comunicando-me uma beleza tão eminente!

Deus, no dia do juízo, imprimirá no espírito dos condenados a consciência da perda que sofrerão, de um modo admirável. Pois a divina Majestade lhes fará ver claramente a soberana beleza de sua face e os tesouros de sua bondade; e, à vista desse abismo infinito de delícias, a vontade, num esforço extremo, quererá lançar-se sobre ele para unir-se-lhe e gozar de seu amor. Mas será em vão, porque ela será como uma mulher que, entre as dores do parto, depois de suportar violentas contrações, convulsões cruéis e angústias insuportáveis, morre enfim sem poder dar à luz. Pois, à medida que o claro e belo conhecimento da divina beleza houver penetrado o entendimento desses espíritos infelizes, a justiça divina de tal modo tirará à vontade a sua força, que esta não poderá de modo algum amar aquele objeto que o entendimento lhe propõe e lhe apresenta como sumamente amável; e aquela visão, que deveria gerar na vontade um amor tão grande, fará nascer nela, em vez disso, uma tristeza infinita, tornada eterna pela lembrança

que para sempre permanecerá nessas almas perdidas da soberana beleza que terão contemplado — lembrança estéril de todo bem, mas fecunda em fadigas, penas, tormentos e desesperos imortais; pois na vontade se encontrará ao mesmo tempo uma impossibilidade e, mais que isso, uma pavorosa e eterna aversão e repugnância a amar aquela excelência tão desejável. De sorte que os miseráveis condenados permanecerão para sempre numa raiva desesperada, por saberem existir uma perfeição tão soberanamente amável sem jamais poderem ter nem o gozo dela nem o seu amor, porque, enquanto puderam amá-la, não quiseram. Arderão de uma sede tanto mais violenta quanto a lembrança daquela fonte das águas da vida eterna (Jr 2, 13; Jo 4, 14) lhes aguçará os ardores; morrerão imortalmente, como cães, de uma fome (Sl 58, 7) tanto mais veemente quanto a memória lhe afinará a insaciável crueldade pela recordação do banquete de que foram privados:

> *Pois então, fremindo de raiva,*
> *o perverso todo se ressecará;*
> *mas, por mais que trame em seu peito,*
> *ao ímpio tudo há de faltar. (Sl 111, final)*

Por certo, eu não ousaria afirmar que esta visão da beleza de Deus, que os infelizes terão como num clarão e à maneira de um relâmpago, seja da mesma claridade que a dos Bem-aventurados; será, contudo, tão clara, que verão o Filho do homem em sua majestade (Mt 24, 30), verão Aquele que trespassaram (Jo 19, 37; Ap 1, 7), e pela visão dessa glória conhecerão a grandeza de sua perda. Oh, se Deus tivesse proibido ao homem amá-lo, quantos lamentos nas almas generosas! Que não fariam elas para obter tal

permissão! Davi arriscou-se num combate extremamente rude para ter a filha do rei (1Sm 18, 25); e que não fez Jacó para poder desposar Raquel (Gn 29, 18), e o príncipe Siquém, para ter Diná em casamento (Gn 34)? Os condenados julgar-se-iam bem-aventurados se pensassem poder amar a Deus alguma vez, e os Bem-aventurados julgar-se-iam condenados se cressem poder ser privados uma só vez desse amor sagrado.

Ah, verdadeiro Deus, quão desejável é a suavidade deste mandamento, Teótimo, pois, se a divina vontade o impusesse aos condenados, num instante estariam livres de sua maior desgraça; e os Bem-aventurados só são bem-aventurados pela prática dele! Ó amor celeste, quão amável sois às nossas almas! E bendita seja para sempre a Bondade que com tanto cuidado nos manda amá-la, sendo o seu amor tão desejável e tão necessário à nossa felicidade, que sem ele não poderíamos ser senão infelizes!

CAPÍTULO II

Que este divino mandamento do amor tende ao Céu, mas é dado, contudo, aos fiéis deste mundo

Se nenhuma lei é imposta ao justo (1Tm 1, 9) — porque, antecipando-se à lei e sem precisar ser por ela solicitado, ele faz a vontade de Deus pelo instinto da caridade que reina em sua alma —, quanto devemos julgar livres e isentos de toda espécie de mandamento os Bem-aventurados do Paraíso, já que, do gozo em que estão da soberana beleza e bondade do Amado, corre e procede em seus espíritos uma dulcíssima, mas inevitável necessidade de amar eternamente a santíssima Divindade! Amaremos a Deus no Céu, Teótimo, não como ligados e

obrigados pela lei, mas como atraídos e arrebatados pela alegria que esse objeto tão perfeitamente amável dará aos nossos corações. Então a força do mandamento cessará, para dar lugar à força do contentamento, que será o fruto e a plenitude da observância do mandamento. Estamos, pois, destinados ao contentamento que nos é prometido na vida imortal por este mandamento que nos é dado nesta vida mortal, na qual somos, em verdade, obrigados a observá-lo muito estritamente, pois é a lei fundamental que o Rei Jesus deu aos cidadãos da Jerusalém militante, para lhes fazer merecer a cidadania e a alegria da Jerusalém triunfante.

Por certo, lá no alto, no Céu, teremos um coração inteiramente livre de paixões, uma alma inteiramente depurada de distrações, um espírito liberto de contradições e forças isentas de repugnâncias; e assim amaremos a Deus com uma dileção perpétua e jamais interrompida, tal como se diz (Ap 4, 8) daqueles quatro animais sagrados que, representando os Evangelistas, sem cessar, nem de dia nem de noite, louvavam continuamente a Divindade.

Ó Deus, que alegria, quando, estabelecidos nesses tabernáculos eternos, nossos espíritos estiverem naquele movimento perpétuo em cujo seio encontrarão o repouso tão desejado de sua eterna dileção!

> *Feliz de quem habita em tua casa!*
> *Ele te louva em toda estação. (Sl 83, 5)*

Mas não se deve pretender a este amor tão extremamente perfeito nesta vida mortal, pois ainda não temos nem o coração, nem a alma, nem o espírito, nem as forças dos Bem-aventurados: basta que amemos com todo o coração e com todas as forças que temos.

Enquanto somos criancinhas, somos sábios como criancinhas, falamos como criancinhas, amamos como criancinhas; mas, quando formos perfeitos lá no alto, no Céu, estaremos livres de nossa infância e amaremos a Deus perfeitamente. E tampouco convém, Teótimo, que, durante a infância de nossa vida mortal, deixemos de fazer o que está em nós, conforme nos é mandado, pois não somente o podemos, mas é até muito fácil, sendo todo esse mandamento de amor, e de amor a Deus, que, sendo soberanamente bom, é soberanamente amável.

CAPÍTULO III

Como, estando todo o coração empregado no amor sagrado, se pode todavia amar a Deus de modos diferentes e amar ainda muitas outras coisas juntamente com Deus

Quem diz tudo nada exclui; e, contudo, um homem bem pode ser todo de Deus, todo de seu pai, todo de sua mãe, todo do príncipe, todo da comunidade política, todo de seus filhos, todo de seus amigos, de tal sorte que, sendo todo de cada um, será ainda todo de todos. Ora, assim é, porque o dever pelo qual se é todo de uns não é contrário ao dever pelo qual se é todo de outros.

O homem dá-se todo pelo amor, e dá-se tanto quanto ama: está, pois, soberanamente dado a Deus quando ama soberanamente a sua divina Bondade; e, uma vez que assim se deu, nada deve amar que lhe possa roubar o coração a Deus. Ora, nenhum amor jamais rouba nosso coração a Deus, senão aquele que lhe é contrário. Sara não se aborrece de ver Ismael em torno do querido Isaac, contanto que ele não se ponha a empurrá-lo e a picá-lo (Gn 21, 9); e a divina Bondade não se ofende de ver em nós

outros amores ao lado do seu, contanto que conservem para com ele a reverência e a submissão que lhe são devidas.

Por certo, Teótimo, lá no alto, no Paraíso, Deus se dará todo a nós, e não em parte, pois é um todo que não tem partes; dar-se-á, no entanto, diversamente, e com tantas diferenças quantos forem os Bem-aventurados. E assim será porque, dando-se todo a todos e todo a cada um, jamais se dará totalmente nem a um em particular, nem a todos em geral. Ora, nós nos daremos a ele na medida em que ele se der a nós, pois todos o veremos verdadeiramente face a face (1Cor 13, 12), tal como ele é em sua beleza, e o amaremos de coração a coração, tal como ele é em sua bondade; mas nem todos o verão com igual claridade, nem o amarão com igual suavidade: cada um o verá e o amará segundo a medida particular de glória que a divina Providência lhe preparou. Todos teremos igualmente a plenitude deste divino amor, mas as plenitudes serão desiguais em perfeição. O mel de Narbona é todo doce, e o de Paris também: ambos estão cheios de doçura, mas um deles, contudo, está cheio de uma doçura melhor, mais fina e mais forte; e, embora tanto um como o outro sejam todo doçura, nem um nem outro é, todavia, totalmente doce. Presto homenagem ao príncipe soberano e presto-a também ao subalterno: empenho, pois, para com um e para com o outro toda a minha fidelidade e, no entanto, não a empenho totalmente nem a um nem a outro; pois naquela que rendo ao soberano não excluo a que devo ao subalterno, e na que rendo ao subalterno não incluo a que devo ao soberano. Ora, se no Céu, onde estas palavras — *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração* (Dt 6, 5; Mt 22, 37) — serão praticadas com tamanha excelência, ainda assim haverá diferenças

tão grandes no amor, não é de espantar que nesta vida mortal haja muitas.

Teótimo, não só entre os que amam a Deus de todo o coração há os que o amam mais e os que o amam menos, como também uma mesma pessoa muitas vezes supera a si mesma neste soberano exercício da dileção de Deus sobre todas as coisas. Apeles fazia melhor umas vezes que outras, e às vezes ultrapassava a si mesmo; pois, embora ordinariamente pusesse toda a sua arte e toda a sua atenção em pintar Alexandre Magno, nem por isso as punha sempre totalmente, nem tão inteiramente que não lhe restassem outros esforços possíveis — nos quais não empregava nem maior artifício nem maior afeição, mas os empregava mais vivamente e mais perfeitamente. Aplicava sempre todo o seu espírito a fazer bem aqueles retratos de Alexandre, porque o aplicava sem reserva; mas às vezes o aplicava com mais força e mais felicidade. Quem não sabe que se progride neste santo amor, e que o fim dos Santos é coroado de um amor mais perfeito que o seu começo?

Ora, segundo o modo de falar das Santas Escrituras, fazer alguma coisa de todo o coração não quer dizer outra coisa senão fazê-la de bom coração, sem reserva. *Ó Senhor*, dizia Davi, *eu vos busquei de todo o meu coração*; *Clamei de todo o meu coração, Senhor, ouvi-me* (Sl 118, 10 e 145); e a sagrada Palavra testemunha (1Sm 13, 14; At 13, 22) que ele verdadeiramente seguira a Deus de todo o seu coração. Não obstante, ela não deixa de dizer que Ezequias não teve semelhante entre todos os reis de Judá, nem antes nem depois dele, porque se uniu a Deus e dele não se desviou (2Rs 18, 5); e depois, tratando de Josias, diz (2Rs 23, 25) que não houve rei antes dele que se lhe assemelhasse, que se voltasse para o Senhor de todo o seu coração, de toda a sua alma e de toda a sua

força, segundo toda a lei de Moisés, e que depois dele nenhum outro se ergueu igual. Vede, pois, Teótimo, peço-vos, vede como Davi, Ezequias e Josias amaram a Deus de todo o coração, e como, todavia, não o amaram os três igualmente, pois nenhum dos três teve semelhante nesse amor, conforme diz o sagrado Texto. Todos os três o amaram, cada qual de todo o seu coração; mas nenhum deles, nem os três juntos, o amaram totalmente, e sim cada um à sua maneira particular. De sorte que, assim como os três foram semelhantes em que cada um deu todo o seu coração, também foram os três dessemelhantes no modo de o dar. Aliás, não há dúvida de que Davi, tomado à parte, foi grandemente dessemelhante de si mesmo nesse amor; e que, com o seu segundo coração, que Deus criou limpo e puro nele, e com o seu espírito reto, que Deus renovou em suas entranhas pela santíssima penitência (Sl 50, 12), cantou muito mais melodiosamente o cântico de sua dileção do que jamais o fizera com o seu primeiro coração e o seu primeiro espírito.

Todos os verdadeiros amantes são iguais em que todos dão todo o seu coração a Deus, e com todas as suas forças; mas são desiguais em que todos o dão diversamente e de maneiras diferentes, de modo que uns dão todo o seu coração com todas as suas forças menos perfeitamente que outros. Um o dá todo pelo martírio; outro, todo pela virgindade; outro, todo pela pobreza; outro, todo pela ação; outro, todo pela contemplação; outro, todo pelo exercício pastoral; e, dando-o todos inteiramente pela observância dos mandamentos, uns o dão, contudo, com menos perfeição que outros.

Até mesmo Jacó, que é chamado o santo de Deus em Daniel (Dn 3, 35), e que Deus declara ter amado (Ml 1, 2; Rm 9, 13),

confessa ele próprio que servira a Labão com todas as suas forças (Gn 31, 6). E por que servira ele a Labão, senão para ter Raquel, a quem amava com todas as suas forças? Serve a Labão com todas as suas forças, serve a Deus com todas as suas forças; ama Raquel com todas as suas forças, ama a Deus com todas as suas forças. Mas nem por isso ama Raquel como a Deus, nem a Deus como a Raquel. Ama a Deus como seu Deus, sobre todas as coisas e mais que a si mesmo; ama Raquel como sua mulher, sobre todas as outras mulheres e como a si mesmo. Ama a Deus com o amor absoluta e soberanamente supremo, e Raquel, com o supremo amor conjugal; e um destes amores não é contrário ao outro, pois o de Raquel em nada anula os privilégios e as vantagens soberanas do amor de Deus.

De sorte, Teótimo, que o valor do amor que dedicamos a Deus depende da eminência e da excelência do motivo pelo qual e segundo o qual o amamos, a saber, que o amamos por sua soberana e infinita bondade, como Deus e enquanto ele é Deus. Ora, uma só gota deste amor vale mais, tem mais força e merece mais estima que todos os outros amores que jamais possam existir nos corações dos homens e entre os coros dos Anjos; pois, enquanto este amor vive, reina e empunha o cetro sobre todos os afetos, fazendo com que a vontade prefira Deus a todas as coisas, indiferentemente, universalmente e sem reserva.

CAPÍTULO IV

De dois graus de perfeição com que este mandamento pode ser observado nesta vida mortal

Quando o grande rei Salomão, gozando ainda do Espírito divino, compunha o sagrado Cântico dos Cânticos, tinha ele, segundo a permissão daquele tempo, grande variedade de damas e donzelas dedicadas ao seu amor, em diversas condições e sob diferentes qualidades (Ct 6, 7). Pois, primeiro, havia uma que era unicamente a única amiga, toda perfeita, toda rara, como uma pomba singular, com a qual as outras não entravam em comparação, e a quem por isso chamou com o próprio nome dele: Sulamita. Segundo, tinha sessenta que, depois daquela, ocupavam o primeiro grau de honra e estima, e que foram chamadas rainhas. Além destas havia, terceiro, ainda oitenta damas que, na verdade, não eram rainhas, mas que tinham parte no leito real na qualidade de honradas e legítimas amigas. E, finalmente, quarto, havia jovens donzelas sem número, reservadas à espera, à maneira de um viveiro, para serem postas no lugar das precedentes à medida que estas viessem a faltar.

Ora, sobre a ideia do que se passava em seu palácio, ele descreveu as diversas perfeições das almas que no futuro deveriam adorar, amar e servir ao grande Rei pacífico, Jesus Cristo Nosso Senhor. Entre elas, há algumas que, tendo há pouco sido libertadas de seus pecados e bem resolvidas a amar a Deus, são todavia ainda noviças, aprendizes, tenras e fracas: de sorte que amam verdadeiramente a divina suavidade, mas com mistura de tantos outros afetos diferentes, que, estando o seu amor sagrado ainda como que em sua infância, elas amam, junto com Nosso Senhor,

uma porção de coisas supérfluas, vãs e perigosas. E, como uma fênix recém-saída de sua cinza, não tendo ainda senão pequenas plumas frágeis e uma penugem leve, não pode dar senão pequenos impulsos, dos quais se deve dizer que são mais saltos que voos, assim também estas almas jovens e tenras, recém-nascidas na cinza de sua penitência, não podem ainda alçar-se e voar em pleno ar do amor sagrado, retidas que estão por uma multidão de más inclinações e hábitos depravados que os pecados da vida passada lhes deixaram. Estão, contudo, vivas, animadas e emplumadas de amor, e de amor verdadeiro — de outro modo não teriam deixado o pecado; mas é um amor ainda fraco e jovem, que, cercado por uma porção de outros amores, não pode produzir tantos frutos quantos produziria se possuísse inteiramente o coração. Tal foi o filho pródigo quando, deixando a infame companhia ou a vara de porcos entre os quais vivera, veio aos braços do pai, seminu, todo imundo, sujo e fedendo às porcarias que contraíra no meio daqueles vis animais. Pois que é deixar os porcos, senão retirar-se dos pecados? E que é vir todo esfarrapado, em trapos e fedorento, senão ter ainda a afeição embaraçada nos hábitos e inclinações que tendem ao pecado? Mas, apesar disso, ele tinha a vida da alma, que é o amor; e, como uma fênix renascendo de sua cinza, achou-se novamente ressuscitado: *estava morto*, diz o pai, *e voltou à vida, reviveu* (Lc 15, 24).

Ora, estas almas são chamadas *jovens donzelas* no Cântico (Ct 1—3), porque, tendo sentido o perfume do nome do Esposo, que só respira salvação e perdão, elas o amam com amor verdadeiro, mas com um amor que, como elas, está em sua tenra juventude. Pois, assim como as meninas amam de fato os seus esposos, se os têm, mas nem por isso deixam de amar grandemente os anéis e as

bugigangas, e as companheiras com as quais se divertem perdidamente a brincar, dançar e folgar, entretendo-se com passarinhos, cãezinhos, esquilos e outros brinquedos semelhantes, assim também estas almas jovens e noviças amam certamente o Esposo sagrado, mas com uma multidão de distrações e divertimentos voluntários: de sorte que, amando-o acima de todas as coisas, nem por isso deixam de se entreter com muitas coisas que não amam segundo ele, mas fora dele, além dele e sem ele. Com efeito, assim como os pequenos desregramentos em palavras, gestos, trajes, passatempos e brincadeiras não são, a rigor, contra a vontade de Deus, tampouco são segundo ela, mas fora dela e sem ela.

Há, porém, almas que, tendo já feito algum progresso no amor divino, cortaram todo o amor que tinham às coisas perigosas e, no entanto, não deixam de ter amores perigosos e supérfluos, porque se afeiçoam com excesso, e com um amor demasiado terno e apaixonado, àquilo mesmo que Deus quer que amem. Deus queria que Adão amasse ternamente Eva, mas não tão ternamente que, para lhe agradar, violasse a ordem que sua divina Majestade lhe dera: ele não amou, pois, uma coisa supérflua nem perigosa em si mesma, mas amou-a com superfluidade e perigosamente. O amor de nossos pais, amigos e benfeitores é em si mesmo segundo Deus, mas podemos amá-los excessivamente; assim como também as nossas vocações, por espirituais que sejam, e os nossos exercícios de piedade — aos quais, no entanto, tanto devemos afeiçoar-nos — podem ser amados desregradamente, quando os preferimos à obediência e ao bem mais universal, ou quando nos afeiçoamos a eles como a um fim último, embora não sejam senão meios e caminhos para a nossa pretensão final, que é o amor divino. E estas

almas, que nada amam senão o que Deus quer que amem, mas que excedem no modo de amar, amam verdadeiramente a divina Bondade sobre todas as coisas, mas não em todas as coisas; pois as próprias coisas que lhes é não somente permitido, mas ordenado amar segundo Deus, elas não as amam apenas segundo Deus, mas por causas e motivos que certamente não são contra Deus, mas estão fora de Deus. De sorte que se assemelham à fênix que, tendo já as primeiras penas e começando a robustecer-se, ergue-se em pleno ar, mas ainda não tem força bastante para permanecer muito tempo no voo, e por isso desce com frequência a pousar em terra para ali repousar. Tal foi aquele pobre jovem que, tendo observado os mandamentos de Deus desde a mais tenra idade, não desejava os bens alheios, mas se afeiçoava com demasiada ternura aos que possuía; por isso, quando Nosso Senhor lhe aconselhou dá-los aos pobres, ficou todo triste e melancólico (Mt 19, 20; Lc 18, 21): ele não amava senão o que lhe era lícito amar, mas amava-o com um amor supérfluo e demasiado apertado.

Estas almas, pois, Teótimo, amam verdadeiramente com ardor excessivo e com superfluidade, mas não amam as superfluidades, e sim apenas aquilo que se deve amar. E por isso gozam do leito nupcial do Salomão celeste, isto é, das uniões, dos recolhimentos e dos repousos amorosos de que se falou nos Livros V e VI; mas não gozam deles na qualidade de esposas, porque a superfluidade com que se afeiçoam às coisas boas faz com que não entrem muito amiúde nessas divinas uniões do Esposo, ocupadas e desviadas como estão em amar fora dele e sem ele o que só deveriam amar nele e por ele.

CAPÍTULO V

De outros dois graus de maior perfeição com que podemos amar a Deus sobre todas as coisas

Ora, há ainda outras almas que não amam as superfluidades nem amam com superfluidade, mas amam somente o que Deus quer e como Deus quer: almas felizes, pois amam a Deus, e aos seus amigos em Deus, e aos seus inimigos por Deus; amam muitas coisas com Deus, mas nenhuma senão em Deus e por Deus. É a Deus que amam não somente sobre todas as coisas, mas em todas as coisas, e a todas as coisas em Deus — semelhantes à fênix perfeitamente rejuvenescida e revigorada, que jamais se vê senão no ar ou nos cumes das montanhas, que estão no ar. Pois assim também estas almas nada amam senão em Deus, ainda que amem muitas coisas com Deus, e a Deus com muitas coisas. São Lucas relata (Lc 9, 59) que Nosso Senhor convidou a segui-lo um jovem que verdadeiramente o amava muito, mas que amava ainda grandemente o seu pai e por isso queria voltar para junto dele; e Nosso Senhor corta-lhe essa superfluidade de amor e o excita a um amor mais puro, a fim de que não somente ame a Nosso Senhor mais que a seu pai, mas ame a seu pai somente em Nosso Senhor: *Deixa aos mortos o cuidado de sepultar os seus mortos; quanto a ti, que encontraste a vida, vai e anuncia o Reino de Deus.* E estas almas, como vedes, Teótimo, tendo tão grande união com o Esposo, bem merecem participar de sua dignidade e ser rainhas como ele é Rei, pois lhe estão todas dedicadas, sem divisão nem separação alguma, nada amando fora dele e sem ele, mas somente nele e por ele.

Mas, enfim, acima de todas estas almas, há uma unicamente única, que é a rainha das rainhas, a mais amante, a mais amável e a mais amada de todas as amigas do divino Esposo: aquela que não somente ama a Deus sobre todas as coisas e em todas as coisas, mas não ama senão a Deus em todas as coisas, de sorte que não ama muitas coisas, mas uma só coisa, que é Deus. E, porque é só a Deus que ela ama em tudo o que ama, ela o ama igualmente em toda parte, conforme o requer o beneplácito dele, fora de todas as coisas e sem todas as coisas. Se é apenas Ester que Assuero ama, por que a amaria mais quando ela está perfumada e enfeitada do que quando está em seu traje comum? Se é apenas o meu Salvador que eu amo, por que não amarei tanto o monte Calvário quanto o Tabor, já que ele está tão verdadeiramente num como noutro? E por que não direi tão cordialmente num como noutro: *É bom estar aqui* (Mt 17, 4)? Amo o Salvador no Egito sem amar o Egito; por que não o amarei no banquete de Simão, o Leproso, sem amar o banquete? E, se o amo entre as blasfêmias que derramam sobre ele, sem amar as blasfêmias, por que não o amarei perfumado com o unguento precioso de Madalena (Mt 26, 7), sem amar nem o unguento nem o perfume? É sinal verdadeiro de que não amamos senão a Deus em todas as coisas quando o amamos igualmente em todas as coisas; pois, sendo ele sempre igual a si mesmo, a desigualdade de nosso amor para com ele não pode ter outra origem senão a consideração de alguma coisa que não é ele. Ora, esta sagrada amante não ama mais o seu Rei com todo o universo do que se ele estivesse inteiramente só, sem universo, porque tudo o que está fora de Deus e não é Deus nada é para ela. Alma toda pura, que não ama nem mesmo o Paraíso senão porque nele o Esposo é amado; mas um Esposo tão soberanamente amado em

seu Paraíso, que, se ele não tivesse Paraíso algum a dar, nem por isso seria menos amável nem menos amado por esta corajosa amante, que não sabe amar o Paraíso de seu Esposo, mas somente o Esposo de seu Paraíso, e que não estima menos o Calvário, enquanto seu Esposo ali está crucificado, do que o Céu, onde ele é glorificado. Quem pesa uma das pequenas esferas do coração de Santa Clara de Montefalco encontra nela tanto peso quanto encontra pesando as três juntas; assim também o grande amor acha Deus, sozinho, tão amável quanto todas as criaturas junto com ele, pois não ama todas as criaturas senão em Deus e por Deus.

De almas tão perfeitas há tão poucas, que cada uma delas é chamada (Ct 6, 7) *a única de sua mãe*, que é a Providência divina; é chamada *pomba única*, que em tudo não ama senão o seu pombo; é chamada *perfeita*, porque pelo amor se tornou uma só coisa com a soberana perfeição, e por isso pode dizer, com humílima verdade: *Eu sou só para o meu Amado, e ele todo se volta para mim* (Ct 7, 10). Ora, só a santíssima Virgem Nossa Senhora chegou perfeitamente a este grau de excelência no amor de seu caro Amado; pois ela é uma pomba tão unicamente única em dileção, que todas as outras, postas ao seu lado em confronto, merecem antes o nome de gralhas que o de pombas. Mas, deixando esta Rainha sem par em sua incomparável eminência, viram-se por certo almas que de tal modo se encontraram no estado deste puro amor, que, em comparação com as outras, bem podiam ocupar o posto de rainhas, de pombas únicas e de perfeitas amigas do Esposo. Pois, peço-vos, Teótimo, que devia ser aquele que de todo o coração cantava a Deus (Sl 72, 25):

> *No Céu, senão a ti, quem me pode ser caro?*
> *E que quero eu na terra, senão a ti buscar?*

E aquele que exclamava (Fl 3, 8): *Tudo considerei lama e lodo, a fim de ganhar a Jesus Cristo* — não testemunhou ele que nada amava fora de seu Mestre, e que amava o seu Mestre fora de todas as coisas? E qual podia ser o sentimento daquele grande amante (cf. Livro VI, cap. 5) que suspirava a noite inteira: "Meu Deus é para mim todas as coisas"? Assim foram Santo Agostinho, São Bernardo, as duas santas Catarinas, de Sena e de Gênova, e muitos outros, a cuja imitação qualquer um pode aspirar a este divino grau de amor. Almas raras e singulares, que já não têm semelhança alguma com as aves deste mundo, nem sequer com a fênix, que é tão unicamente rara; e sim são representadas apenas por aquela ave que, por sua excelente beleza e nobreza, se diz não ser deste mundo, mas do Paraíso, de que traz o nome. Pois esta bela ave, desdenhando a terra, jamais a toca, vivendo sempre no ar; de tal modo que, mesmo quando quer descansar, só se prende às árvores por pequenos fios, nos quais permanece suspensa no ar, fora do qual e sem o qual não pode nem voar nem repousar. Do mesmo modo, estas grandes almas não amam, a rigor, as criaturas em si mesmas, mas em seu Criador, e o seu Criador nelas; e, se pela lei da caridade se prendem a alguma criatura, não é senão para repousar em Deus, única e final pretensão de seu amor. De sorte que, encontrando Deus nas criaturas e as criaturas em Deus, amam a Deus e não as criaturas — como os que pescam pérolas, que, encontrando as pérolas nas ostras, não estimam a sua pesca senão pelas pérolas.

Quanto ao mais, jamais houve, penso eu, criatura mortal que amasse o Esposo celeste com este único amor tão perfeitamente

puro, senão a Virgem que foi sua Esposa e Mãe ao mesmo tempo; ao contrário, quanto à prática destas quatro diferenças de amor, dificilmente se pode viver sem passar de uma para outra. As almas que, como jovens donzelas, ainda estão embaraçadas em muitas afeições vãs e perigosas, nem por isso deixam de ter às vezes sentimentos do amor mais puro e supremo; mas, porque não são senão clarões e relâmpagos passageiros, não se pode dizer que essas almas estejam por isso fora do estado das jovens donzelas noviças e aprendizes. E, do mesmo modo, acontece por vezes às almas que estão na fileira das únicas e perfeitas amantes que se afrouxem e relaxem bastante, chegando mesmo a cometer grandes imperfeições e enfadonhos pecados veniais — como se vê em várias dissensões bem azedas surgidas entre grandes servos de Deus, e até mesmo entre alguns dos divinos Apóstolos, que não se pode negar terem caído em algumas imperfeições, pelas quais a caridade certamente não era violada, mas sim, contudo, o fervor dela. Ora, como no entanto essas grandes almas amavam ordinariamente a Deus com o amor perfeitamente puro, não se deve deixar de dizer que estiveram no estado da perfeita dileção. Pois, assim como vemos que as boas árvores jamais produzem fruto venenoso, mas produzem fruto verde ou bichado e estragado, visgo e musgo, assim também os grandes Santos jamais produzem pecado mortal, mas produzem ações inúteis, mal amadurecidas, ásperas, rudes e mal temperadas. E então é preciso confessar que essas árvores são frutuosas, do contrário não seriam boas; mas tampouco se deve negar que alguns de seus frutos sejam infrutuosos, pois quem negará que os amentilhos e o visgo das árvores sejam fruto infrutuoso? E quem negará que as pequenas cóleras e os pequenos excessos de alegria, de riso, de vaidade e

outras paixões semelhantes sejam movimentos inúteis e ilegítimos? E, contudo, o justo os produz sete vezes ao dia (Pr 24, 16), isto é, muitas vezes.

CAPÍTULO VI

Que o amor de Deus sobre todas as coisas é comum a todos os que amam

Havendo tantos graus diversos de amor entre os verdadeiros amantes, não há, contudo, senão um único mandamento de amor, que obriga geral e igualmente a cada um, com uma obrigação inteiramente semelhante e totalmente igual, ainda que seja observado de modos diferentes e com uma infinita variedade de perfeições — não havendo talvez almas na terra, tampouco Anjos no Céu, que tenham entre si uma perfeita igualdade de dileção; pois, assim como uma estrela difere de outra estrela em claridade (1Cor 15, 41), assim será entre os Bem-aventurados ressuscitados, em que cada um canta um cântico de glória e recebe um nome que ninguém conhece senão aquele que o recebe (Ap 2, 17). Mas qual é, então, o grau de amor a que o divino mandamento nos obriga a todos igualmente, universalmente e sempre?

Foi um traço da Providência do Espírito Santo que, em nossa versão comum — a que a sua divina Majestade canonizou e santificou pelo Concílio de Trento (sessão IV) —, o celeste mandamento de amar seja expresso pela palavra *dileção* antes que pela palavra *amor*. Pois, embora a dileção seja um amor, não é um amor simples, e sim um amor acompanhado de escolha e de eleição, como a própria palavra o indica, conforme observa o gloriosíssimo São Tomás (I-II, q. 26, a. 3); pois este mandamento

nos impõe um amor escolhido entre mil, assim como o Amado deste amor é *escolhido entre mil*, conforme observou a amada Sulamita no Cântico (Ct 5, 10). É o amor que deve prevalecer sobre todos os nossos amores e reinar sobre todas as nossas paixões; e é isto que Deus requer de nós: que, entre todos os nossos amores, o seu seja o mais cordial, dominando todo o nosso coração; o mais afetuoso, ocupando toda a nossa alma; o mais geral, empregando todas as nossas potências; o mais elevado, enchendo todo o nosso espírito; e o mais firme, exercendo toda a nossa força e vigor. E, porque por ele escolhemos e elegemos a Deus como o soberano objeto de nosso espírito, é um amor de soberana eleição, ou uma eleição de soberano amor.

Sabeis, Teótimo, que há muitas espécies de amor: há, por exemplo, um amor paterno, filial, fraterno, conjugal, de sociedade, de obrigação, de dependência, e cem outros, todos diferentes em excelência e de tal modo proporcionados aos seus objetos, que não se podem razoavelmente dirigir ou aplicar a outros. Quem amasse o pai apenas com amor fraterno, certamente não o amaria o bastante; quem amasse a esposa apenas como ao pai, não a amaria convenientemente; quem amasse o seu criado com amor filial, cometeria uma impertinência. O amor é como a honra: pois, assim como as honras se diversificam segundo a variedade das excelências pelas quais se honra, também os amores são diferentes segundo a diversidade das bondades pelas quais se ama. A soberana honra pertence à soberana excelência, e o soberano amor, à soberana bondade. O amor de Deus é o amor sem par, porque a bondade de Deus é a bondade sem igual. *Escuta, Israel: teu Deus é o único Senhor, e por isso o amarás de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de todas*

as tuas forças (Dt 6, 4-5; Mc 12, 29-30). Porque Deus é o único Senhor e porque a sua bondade é infinitamente eminente acima de toda bondade, é preciso amá-lo com um amor elevado, excelente e poderoso acima de toda comparação. É esta suprema dileção que põe Deus em tão grande estima dentro de nossas almas e faz com que apreciemos tão altamente o bem de lhe sermos agradáveis, que o preferimos e o amamos sobre todas as coisas. Ora, não vedes, Teótimo, que todo aquele que ama a Deus desta maneira tem toda a sua alma e toda a sua força dedicadas a Deus? Pois sempre e para sempre, em todas as ocasiões, ele preferirá a boa graça de Deus a todas as coisas, e estará sempre pronto a deixar o universo inteiro para conservar o amor que deve à divina Bondade. E é, em suma, o amor de excelência, ou a excelência do amor, que é mandado a todos os mortais em geral e a cada um deles em particular, desde o momento em que têm o livre uso da razão: amor suficiente para cada um e necessário a todos para serem salvos.

CAPÍTULO VII

Esclarecimento do capítulo precedente

Nem sempre se conhece com clareza, e nunca de modo inteiramente certo — ao menos com uma certeza de fé —, se temos o verdadeiro amor de Deus exigido para a salvação (Concílio de Trento, sessão 6, cap. 9); nem por isso, contudo, deixamos de ter dele muitos sinais, entre os quais o mais seguro e quase infalível aparece quando algum grande amor das criaturas se opõe aos desígnios do amor de Deus. Pois então, se o amor divino habita a alma, ele mostra a grandeza do crédito e da autoridade que

tem sobre a vontade, provando por seus efeitos que não só não tem senhor, mas nem sequer companheiro, reprimindo e derrubando tudo o que o contraria e fazendo-se obedecer em suas intenções. Quando a infeliz tropa dos espíritos diabólicos, tendo-se revoltado contra o seu Criador, quis atrair ao seu partido a santa companhia dos espíritos bem-aventurados, o glorioso São Miguel, animando os companheiros à fidelidade que deviam ao seu Deus, clamava em alta voz, mas de modo angélico, por toda a Jerusalém celeste: *Quem é como Deus?* E com essa palavra derrubou o pérfido Lúcifer e todo o seu séquito, que pretendiam igualar-se à divina Majestade; e daí, como se diz, veio o nome imposto a São Miguel, pois Miguel não quer dizer outra coisa senão: *Quem é como Deus?* E quando os amores das coisas criadas querem arrastar o nosso espírito para o seu partido, a fim de nos tornar desobedientes à divina Majestade, se o grande amor divino se encontra na alma, ele lhes faz frente, como um outro São Miguel, e firma as potências e forças da alma no serviço de Deus com esta palavra de firmeza: *Quem é como Deus?* Que bondade há nas criaturas capaz de atrair o coração humano a rebelar-se contra a soberana bondade do seu Deus?

Quando o santo e valente jovem José percebeu que o amor de sua senhora tendia à ruína daquele que devia ao seu senhor: "Ah!", disse ele, "Deus me livre de violar o respeito que devo ao meu senhor, que tanto confia em mim! Como poderia eu cometer semelhante crime e pecar contra o meu Deus?" (Gn 39, 8). Veja, Teótimo: eis três amores no coração do amável José, pois ele ama a sua senhora, o seu senhor e a Deus; mas, quando o amor da senhora se opõe ao do seu senhor, ele o abandona sem hesitar e foge — assim como teria abandonado o do seu senhor, se este fosse

contrário ao do seu Deus. Entre todos os amores, o de Deus deve ser de tal modo preferido que estejamos dispostos a deixar todos os outros por ele somente.

Sarai deu a serva Agar ao seu marido Abraão, para que lhe desse filhos, segundo o uso legítimo daquele tempo; mas Agar, tendo concebido, desprezou grandemente a sua senhora Sarai. Até esse momento, dificilmente se poderia discernir qual era o maior amor em Abraão: se o que dedicava a Sarai, se o que tinha por Agar; pois Agar partilhava do seu leito como Sarai e ainda tinha por si a vantagem da fecundidade. Mas, quando foi preciso pôr esses dois amores em confronto, o bom Abraão mostrou claramente qual era o mais forte; pois mal Sarai lhe expôs que Agar a desprezava, ele lhe respondeu: *Agar, tua serva, está em teu poder; faze dela o que quiseres* (Gn 16, 6). E desde então Sarai afligiu de tal modo a pobre Agar, que esta se viu obrigada a fugir. A divina dileção consente que tenhamos outros amores, e muitas vezes não se consegue discernir qual é o amor principal do nosso coração; pois esse coração humano atrai não raro, com grande afeição, para o leito de sua complacência, o amor das criaturas — e acontece com frequência que multiplique muito mais os atos de sua afeição para com a criatura do que os de sua dileção para com o Criador. E, no entanto, a sagrada dileção não deixa de sobressair acima de todos os outros amores, como bem o mostram os acontecimentos quando a criatura se opõe ao Criador; pois então tomamos o partido da sagrada dileção e lhe submetemos todas as nossas demais afeições.

Há muitas vezes, nas coisas criadas, diferença entre a grandeza e a bondade. Uma das pérolas de Cleópatra valia mais do que o mais alto dos nossos rochedos, mas o rochedo é bem maior: um

tem mais grandeza, o outro mais valor. Pergunta-se qual é a mais excelente glória de um príncipe: a que adquire na guerra pelas armas, ou a que merece na paz pela justiça? Parece-me que a glória militar é maior, e a outra melhor — assim como, entre os instrumentos, os tambores e as trombetas fazem mais barulho, mas os alaúdes e as espinetas fazem mais melodia; o som de uns é mais forte, o dos outros mais suave e espiritual. Uma onça de bálsamo não espalhará tanto odor quanto uma libra de óleo de alfazema, mas o perfume do bálsamo será sempre melhor e mais amável.

É verdade, Teótimo, que se vê uma mãe tão absorvida pelo seu filho que parece não ter outro amor senão aquele: já não tem olhos senão para vê-lo, nem boca senão para beijá-lo, nem peito senão para amamentá-lo, nem cuidado senão para criá-lo; e dir-se-ia que o marido já nada é para ela em comparação com essa criança. Mas, se fosse preciso escolher entre perder um ou outro, ver-se-ia bem que ela estima mais o marido, e que, embora o amor do filho fosse o mais terno, o mais premente, o mais apaixonado, o outro era, contudo, o mais excelente, o mais forte e o melhor. Assim, quando um coração ama a Deus em consideração de sua infinita bondade, por pouca que seja essa excelente dileção, ele preferirá a vontade de Deus a todas as coisas, e em todas as ocasiões que se apresentarem deixará tudo para conservar-se na graça da soberana Bondade, sem que coisa alguma dele o possa separar. De sorte que, ainda que esse divino amor nem sempre pressione ou enterneça o coração tanto quanto os outros amores, nas ocasiões decisivas ele realiza ações tão elevadas e excelentes que uma só delas vale mais do que dez milhões de outras. Os coelhos têm fecundidade incomparável; as elefantas nunca dão à luz mais de uma cria, mas

esse único filhote de elefante vale mais do que todos os coelhos do mundo. Os amores que se têm pelas criaturas abundam muitas vezes em multidão de produções; mas, quando o amor sagrado realiza a sua obra, ele a faz tão eminente que a tudo supera, pois faz preferir Deus a todas as coisas, sem reserva.

CAPÍTULO VIII

História memorável para bem se compreender em que consiste a força e a excelência do amor sagrado

Ó meu caro Teótimo, que grande extensão deve ter, pois, a força desse amor de Deus acima de todas as coisas! Ele deve superar todas as afeições, vencer todas as dificuldades e preferir a honra da benevolência de Deus a todas as coisas — e digo a todas as coisas absolutamente, sem exceção nem reserva alguma. E digo isso com tanto cuidado porque há pessoas que abandonariam corajosamente os bens, a honra e a própria vida por Nosso Senhor, e que, no entanto, não abandonariam por ele alguma outra coisa de importância muito menor.

No tempo dos imperadores Valeriano e Galo, havia em Antioquia um sacerdote chamado Saprício e um homem leigo chamado Nicéforo, os quais, pela extrema e longa amizade que tinham entre si, eram tidos por irmãos. E, no entanto, aconteceu que por fim, não sei por que motivo, essa amizade se rompeu e, conforme o costume, foi seguida de um ódio ainda mais ardente, que reinou por algum tempo entre eles — até que Nicéforo, reconhecendo a sua falta, fez três tentativas diversas de reconciliar-se com Saprício, a quem, ora por uns, ora por outros dos amigos comuns, mandava levar de sua parte todas as palavras de satisfação

e de submissão que se pudessem desejar. Mas Saprício, inflexível a esses pedidos, recusou sempre a reconciliação com tanta altivez quanta era a humildade com que Nicéforo a pedia. De modo que, por fim, o pobre Nicéforo, julgando que, se Saprício o visse prostrado diante de si a implorar perdão, ficaria mais vivamente tocado, foi procurá-lo em sua casa e, lançando-se corajosamente a seus pés, disse-lhe: "Meu pai, ah, perdoai-me, eu vos suplico, pelo amor de Nosso Senhor." Mas essa humildade foi desprezada e rejeitada como as anteriores.

Nesse ínterim, eis que se levanta uma áspera perseguição contra os cristãos, na qual Saprício, entre outros, tendo sido preso, fez maravilhas ao suportar mil e mil tormentos pela confissão da fé, especialmente quando foi rolado e sacudido com extrema rudeza num instrumento feito de propósito, à maneira do parafuso de um lagar, sem jamais perder a sua constância. Com o que, ficando o governador de Antioquia extremamente irritado, condenou-o à morte; e em seguida ele foi tirado da prisão, em público, para ser conduzido ao lugar onde deveria receber a gloriosa coroa do martírio. Mal Nicéforo o percebeu, acorreu de repente e, encontrando o seu Saprício, prostrou-se por terra: "Ai de mim!", clamava em alta voz, "ó mártir de Jesus Cristo, perdoai-me, pois eu vos ofendi!" Não dando Saprício atenção alguma a isso, o pobre Nicéforo, tomando-lhe rapidamente a dianteira por outra rua, veio de novo com a mesma humildade, conjurando-o a perdoar-lhe nestes termos: "Ó mártir de Jesus Cristo, perdoai a ofensa que vos fiz, como homem que sou, sujeito a falhar; pois eis que doravante vos é dada por Nosso Senhor uma coroa, a Ele que não renegastes, mas cujo santo nome confessastes diante de muitas testemunhas" (1Tm 6, 12). Mas Saprício, persistindo em sua

altivez, não lhe respondeu uma só palavra; apenas os carrascos, admirando a perseverança de Nicéforo, lhe disseram: "Nunca vimos tamanho louco; este homem vai morrer agora mesmo — que necessidade tens do perdão dele?" Ao que Nicéforo respondeu: "Não sabeis o que peço ao confessor de Jesus Cristo, mas Deus o sabe."

Entretanto Saprício chegou ao lugar do suplício, onde Nicéforo, novamente lançando-se por terra diante dele, dizia: "Eu vos suplico, ó mártir de Jesus Cristo, que queirais perdoar-me, pois está escrito: *Pedi, e vos será concedido*" (Mt 7, 7). Palavras que jamais conseguiram dobrar o coração pérfido e rebelde do miserável Saprício, o qual, recusando obstinadamente fazer misericórdia ao próximo, foi também, pelo justo juízo de Deus, privado da gloriosíssima palma do martírio. Pois, ordenando-lhe os carrascos que se pusesse de joelhos para que lhe cortassem a cabeça, ele começou a perder a coragem e a negociar com eles, até fazer-lhes, no fim de tudo, esta deplorável e vergonhosa submissão: "Ah, por favor, não me corteis a cabeça; vou fazer o que os imperadores ordenam e sacrificar aos ídolos." Ouvindo isso o pobre e bom Nicéforo, com lágrimas nos olhos, pôs-se a gritar: "Ah, meu caro irmão, não queirais, eu vos peço, não queirais transgredir a lei e renegar Jesus Cristo; não o abandoneis, eu vos suplico, e não percais a coroa celeste que adquiristes com tantos trabalhos e tormentos." Mas, ai! esse lamentável sacerdote, chegando ao altar do martírio para ali consagrar a sua vida ao Deus eterno, não se lembrara do que dissera o Príncipe dos Mártires: *Se levares a tua oferta ao altar e ali te recordares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali a tua oferta e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e então, voltando, apresentarás a tua*

oblação (Mt 5, 23). Por isso Deus rejeitou o seu presente e, retirando dele a sua misericórdia, permitiu que não somente perdesse a soberana felicidade do martírio, mas ainda se precipitasse na desgraça da idolatria. Enquanto isso, o humilde e doce Nicéforo, vendo aquela coroa do martírio vaga pela apostasia do endurecido Saprício, tocado por uma excelente e extraordinária inspiração, lança-se ousadamente para obtê-la, dizendo aos arqueiros e carrascos: "Sou eu, meus amigos, sou eu que sou verdadeiramente cristão e creio em Jesus Cristo, a quem este renegou; ponde-me, pois, eu vos peço, no lugar dele, e cortai-me a cabeça." Espantando-se os arqueiros infinitamente com isso, levaram a notícia ao governador, que ordenou que Saprício fosse posto em liberdade e Nicéforo supliciado. E isso aconteceu no dia nove de fevereiro, por volta do ano 260 da nossa salvação, conforme narram Metafraste e Surius.

História assustadora e digna de ser grandemente ponderada quanto ao assunto de que falamos. Pois vistes, meu caro Teótimo, como esse corajoso Saprício era ousado e ardente em sustentar a fé, como sofre mil tormentos, como permanece imóvel e firme na confissão do nome do Salvador enquanto o rolam e o esmagam naquele instrumento feito à maneira de parafuso, e como está inteiramente pronto a receber o golpe da morte para cumprir o ponto mais eminente da lei divina, preferindo a honra de Deus à própria vida? E, não obstante, porque de outro lado prefere à vontade divina a satisfação que o seu cruel ânimo encontra no ódio a Nicéforo, ele fica retido a meio caminho, e no momento em que está prestes a alcançar e a ganhar o prêmio da glória pelo martírio, cai infelizmente e quebra o pescoço, batendo com a cabeça na idolatria.

É verdade, portanto, meu Teótimo, que não nos basta amar a Deus mais do que a nossa própria vida, se não o amamos geralmente, absolutamente e sem exceção alguma, mais do que tudo quanto amamos ou possamos vir a amar. Mas — direis vós — não terá Nosso Senhor assinalado o extremo do amor que se pode ter por ele, quando disse que não se pode ter maior caridade do que expor a vida pelos amigos (Jo 15, 13)? É certamente verdade, Teótimo, que entre os atos e testemunhos particulares do amor divino não há nenhum tão grande como sofrer a morte pela glória de Deus; contudo, também é verdade que esse é apenas um único ato e um único testemunho, que é de fato a obra-prima da caridade, mas além do qual há muitos outros que a caridade exige de nós, e os exige com tanto mais ardor e força quanto são atos mais fáceis, mais comuns e ordinários a todos os que amam, e mais geralmente necessários à conservação do amor sagrado. Ó miserável Saprício, ousaríeis dizer que amáveis a Deus como se deve amar a Deus, já que não preferíeis a sua vontade à paixão do ódio e do rancor que tínheis contra o pobre Nicéforo? Querer morrer por Deus é o maior, mas certamente não o único ato da dileção que devemos a Deus; e querer somente esse ato, rejeitando os demais, não é caridade, é vaidade. A caridade não é caprichosa — e, no entanto, seria extremamente caprichosa se, querendo agradar ao Amado nas coisas de extrema dificuldade, permitisse desagradá-lo nas coisas mais fáceis. Como pode querer morrer por Deus aquele que não quer viver segundo Deus?

Um espírito bem regrado, tendo a vontade de sofrer a morte por um amigo, sofreria sem dúvida qualquer outra coisa, pois quem antes desprezou a morte deve ter desprezado tudo o mais. Mas o espírito humano é fraco, inconstante e caprichoso; por isso

os homens algumas vezes escolhem antes morrer do que suportar outras penas muito mais leves, e dão de bom grado a vida por satisfações extremamente tolas, pueris e vãs. Agripina, tendo sabido que o filho que trazia no ventre seria de fato imperador, mas que depois a mandaria matar, disse: "Que ele me mate, contanto que reine" (Tácito, *Anais*, 14, 9). Vede, eu vos peço, a desordem desse coração loucamente materno: ela prefere a dignidade do filho à sua própria vida. Catão e Cleópatra preferiram sofrer a morte a ver o contentamento e a glória de seus inimigos ao capturá-los; e Lucrécia escolheu dar-se impiedosamente a morte, antes que suportar injustamente a vergonha de um ato do qual, ao que parece, não tinha culpa alguma. Quantos há que morreriam de bom grado pelos amigos e que, no entanto, não quereriam viver a serviço deles e obedecer às suas demais vontades? Tal expõe a vida, que não exporia a bolsa. E, embora se encontrem muitos que empenham a vida em defesa do amigo, só se encontra um por século que quisesse empenhar a liberdade, ou perder uma onça da mais vã e inútil reputação ou fama do mundo, seja por quem for.

CAPÍTULO IX

Confirmação do que se disse, por uma comparação notável

Sabeis, Teótimo, quais foram os amores de Jacó por sua Raquel (Gn 29), e tudo quanto ele fez para testemunhar-lhes a grandeza, a força e a fidelidade, desde o momento em que a saudou junto ao poço do bebedouro. Pois nunca mais deixou de morrer de amor por ela; e, para tê-la em casamento, serviu com ardor sem igual sete anos inteiros, parecendo-lhe ainda que isso não era nada, de tal

modo o amor lhe adoçava os trabalhos que suportava por essa bem-amada — da qual, sendo depois frustrado, tornou a servir outros sete anos para obtê-la: tão constante, leal e corajoso era em sua dileção. Depois, tendo-a por fim conseguido, descuidou de todas as outras afeições, quase não levando em conta sequer o dever que tinha para com Lia, sua primeira esposa, mulher de grande mérito e bem digna de ser querida, e de cujo desprezo o próprio Deus teve compaixão, de tão notável que era.

Ora, depois de tudo isso, que bastaria para render ao amor de um amante tão fiel a mais altiva moça do mundo, é certamente uma vergonha ver a fraqueza que Raquel mostrou na afeição que tinha por Jacó (Gn 30, 14). A pobre Lia já não tinha com Jacó outro laço de amor senão o de sua fecundidade, pela qual lhe dera quatro filhos varões; o primeiro deles, chamado Rúben, tendo ido ao campo no tempo da colheita, ali encontrou mandrágoras, que colheu e das quais depois, ao voltar para casa, fez presente à sua mãe. Vendo isso, Raquel disse a Lia: "Dai-me parte, minha irmã, eu vos peço, das mandrágoras que vosso filho vos deu." Mas Lia respondeu: "Parece-vos pouca vantagem ter-me roubado os preciosos amores de meu marido, se não tiverdes ainda as mandrágoras de meu filho?" "Pois bem", replicou Raquel, "dai-me então as mandrágoras, e em troca meu marido estará convosco esta noite." A condição foi aceita; e, quando Jacó voltava do campo ao anoitecer, Lia, impaciente por gozar da sua troca, foi ao seu encontro e, depois, toda cheia de alegria, disse: "Será esta noite, meu caro senhor e amigo, que sereis para mim, pois adquiri essa felicidade por meio das mandrágoras de meu filho." E com isso lhe contou o acordo feito entre ela e a irmã. Mas Jacó, que se saiba, não disse palavra alguma, espantado, penso eu, e com o coração

apertado ao ouvir a fraqueza e a inconstância de Raquel, que, por tão pouca coisa, abrira mão, por toda uma noite, da honra e da doçura de sua presença. Pois dizei a verdade, Teótimo: não foi estranha e volúvel leviandade em Raquel preferir um punhado de pequenos frutos aos castos amores de um marido tão amável? Se fosse por reinos, por monarquias, vá lá; mas por um miserável punhado de mandrágoras — Teótimo, que vos parece?

E, contudo, voltando a nós: ó verdadeiro Deus, quantas vezes fazemos escolhas infinitamente mais vergonhosas e miseráveis! O grande Santo Agostinho teve um dia o gosto de ver e contemplar demoradamente mandrágoras, para melhor discernir a razão pela qual Raquel as desejara com tanto ardor (*Contra Fausto*, 22, 56); e verificou que eram de fato belas à vista e de perfume agradável, mas de todo insípidas e sem sabor. Ora, Plínio conta (*História Natural*, 25, 13) que, quando os cirurgiões apresentam o seu sumo para beber àqueles em quem pretendem fazer alguma incisão, a fim de lhes tornar insensível o corte, acontece muitas vezes que o simples odor faz a operação e adormece suficientemente os pacientes. Por isso a mandrágora é uma planta encantadora, que enfeitiça os olhos, as dores, os pesares e todas as paixões pelo sono. Além disso, quem lhe respira o odor por tempo demasiado torna-se mudo, e quem dela bebe em abundância morre sem remédio.

Teótimo, poderiam as pompas, riquezas e delícias mundanas ser melhor representadas? Elas têm uma aparência atraente; mas quem morde esses frutos, isto é, quem lhes sonda a natureza, não encontra neles nem gosto nem contentamento. E, contudo, encantam e adormecem com a vaidade de seu odor, e a fama que os filhos do mundo lhes dão atordoa e abate os que nelas se entretêm com demasiada atenção ou as tomam em demasia. Ora,

é por tais mandrágoras, quimeras e fantasmas de contentamento que abandonamos os amores do Esposo celeste. E como podemos, então, dizer que o amamos acima de todas as coisas, se preferimos à sua graça vaidades tão miseráveis?

Não é uma lamentável maravilha ver Davi, tão grande em vencer o ódio, tão corajoso em perdoar a injúria, ser não obstante tão furiosamente injusto no amor (2Sm 11) que, não contente de possuir justamente grande multidão de mulheres, vai iniquamente usurpar e roubar a do pobre Urias e, por uma covardia insuportável, a fim de gozar mais a seu gosto o amor da mulher, dá cruelmente a morte ao marido? Quem não se admirará do coração de São Pedro, tão ousado entre soldados armados que, sozinho de toda a tropa do seu Mestre, põe a mão na espada e fere (Mt 26, 51), e pouco depois é tão covarde entre mulheres que, à simples palavra de uma criada, renega e amaldiçoa o seu Mestre (Mt 26, 69)? E como se pode achar tão estranho que Raquel deixasse as carícias do seu Jacó por frutos de mandrágora, se Adão e Eva bem deixaram a graça por uma maçã que uma serpente lhes oferece para comer?

Em suma, Teótimo, digo-vos esta palavra, digna de ser notada. Os hereges são hereges e trazem esse nome porque, entre os artigos da fé, escolhem a seu gosto e a seu bel-prazer aqueles que lhes parecem bons para crer, rejeitando os demais e renegando-os; e os católicos são católicos porque, sem escolha nem eleição alguma, abraçam com igual firmeza e sem exceção toda a fé da Igreja. Ora, o mesmo se dá nos artigos da caridade: é heresia na sagrada dileção fazer escolha entre os mandamentos de Deus, querendo praticar uns e violar outros. Aquele que disse: *Não matarás*, disse também: *Não serás luxurioso*; ora, se não matas, mas cometes luxúria (Tg 2,

11), não é, pois, pelo amor de Deus que não matas, mas por algum outro motivo que te faz escolher este mandamento em vez do outro — escolha que constitui a heresia em matéria de caridade. Se alguém me dissesse que não quer cortar-me um braço pelo amor que me tem, e no entanto viesse arrancar-me um olho, ou quebrar-me a cabeça, ou atravessar-me o corpo de lado a lado: "Ah!", eu lhe diria, "como me dizeis que é por amor que não me cortais um braço, se me arrancais um olho, que não me é menos precioso, ou me atravessais o corpo com a vossa espada, o que é ainda mais perigoso?" É máxima corrente que "o bem provém de uma causa verdadeiramente inteira, e o mal de qualquer defeito". Para fazer um ato de verdadeira caridade, é preciso que ele proceda de um amor inteiro, geral e universal, que se estenda a todos os mandamentos divinos; pois, se nos falta o amor em um só mandamento, o nosso amor já não é inteiro nem universal, e o coração em que ele se encontra não pode ser dito verdadeiramente amante nem, por consequência, verdadeiramente bom.

CAPÍTULO X

Como devemos amar a divina Bondade soberanamente, mais do que a nós mesmos

Aristóteles teve razão ao dizer que o bem é de fato amável, mas que cada um ama principalmente o seu próprio bem, de sorte que o amor que temos pelos outros provém daquele que temos por nós mesmos. Pois que outra coisa poderia dizer um filósofo que não somente não amou a Deus, mas quase nunca sequer falou do amor de Deus? Amor de Deus que, no entanto, precede todo amor de nós mesmos, e isso até segundo a inclinação natural da nossa

vontade, como expliquei no primeiro Livro (Tratado do Amor de Deus, livro I, cap. 16).

A vontade, com efeito, é de tal modo dedicada — e, por assim dizer, de tal modo consagrada — à bondade, que, se uma bondade infinita lhe é mostrada com clareza, é impossível, sem milagre, que ela não a ame soberanamente. Assim os bem-aventurados são arrebatados e necessitados, ainda que não forçados, a amar a Deus, de quem veem claramente a soberana beleza; o que a Escritura mostra bastante bem quando compara o contentamento que enche os corações desses gloriosos habitantes da Jerusalém celeste a uma torrente e a um rio impetuoso, cujas ondas ninguém pode impedir de espalhar-se sobre as planícies que encontram (Sl 35, 9; 45, 4).

Mas nesta vida mortal, Teótimo, não somos necessitados a amá-lo tão soberanamente, porquanto não o conhecemos tão claramente. Quando o virmos face a face (1Cor 13, 12), o amaremos coração a coração; isto é, assim como todos veremos, cada um segundo a sua medida, a infinidade de sua beleza com uma visão soberanamente clara, assim também seremos arrebatados no amor de sua infinita bondade por um arrebatamento soberanamente forte, ao qual nem quereremos nem poderemos querer opor jamais resistência alguma. Mas aqui embaixo, na terra, onde não vemos essa soberana bondade em sua beleza, mas apenas a entrevemos por entre as nossas obscuridades, estamos na verdade inclinados e atraídos, mas não necessitados, a amá-la mais do que a nós mesmos. Antes, pelo contrário, ainda que tenhamos essa santa inclinação natural de amar a Divindade acima de todas as coisas, não temos contudo a força de praticá-la,

se essa mesma Divindade não derrama sobrenaturalmente em nossos corações a sua santíssima caridade.

Ora, é verdade, porém, que assim como a visão clara da Divindade produz infalivelmente a necessidade de amá-la mais do que a nós mesmos, também a entrevisão — isto é, o conhecimento natural da Divindade — produz infalivelmente a inclinação e a tendência a amá-la mais do que a nós mesmos. Ah, por favor, Teótimo: a vontade, toda destinada ao amor do bem, como poderia conhecer, ainda que minimamente, um bem soberano, sem ficar de igual modo, ainda que minimamente, inclinada a amá-lo soberanamente? Entre todos os bens que não são infinitos, a nossa vontade preferirá sempre, em seu amor, aquele que lhe é mais próximo, e sobretudo o seu próprio; mas há tão pouca proporção entre o infinito e o finito, que a nossa vontade, ao conhecer um bem infinito, é sem dúvida abalada, inclinada e incitada a preferir a amizade do abismo dessa bondade infinita a toda sorte de outro amor, e mesmo ao amor de nós mesmos.

Mas sobretudo essa inclinação é forte porque estamos mais em Deus do que em nós mesmos, vivemos mais nele do que em nós (At 17, 28), e somos de tal modo dele, por ele, para ele e a ele, que não podemos, com o juízo sereno, pensar no que lhe somos e no que ele nos é sem sermos forçados a clamar: Sou vosso, Senhor (Sl 118, 94), e não devo ser senão vosso; minha alma é vossa, e não deve viver senão por vós; minha vontade é vossa, e não deve amar senão por vós; meu amor é vosso, e não deve tender senão para vós. Devo amar-vos como o meu primeiro princípio, já que sou de vós; devo amar-vos como o meu fim e o meu repouso, já que sou para vós; devo amar-vos mais do que o meu ser, já que o meu ser

subsiste por vós; devo amar-vos mais do que a mim mesmo, já que sou todo vosso e em vós.

E se houvesse, ou pudesse haver, alguma bondade soberana da qual fôssemos independentes, contanto que pudéssemos unir-nos a ela pelo amor, ainda assim seríamos incitados a amá-la mais do que a nós mesmos, pois a infinidade de sua suavidade seria sempre soberanamente mais forte para atrair a nossa vontade ao seu amor do que todas as outras bondades, e mesmo do que a nossa própria.

Mas se, por imaginação de coisa impossível, houvesse uma bondade infinita à qual não pertencêssemos de modo algum e com a qual não pudéssemos ter união nem comunicação alguma, certamente a estimaríamos mais do que a nós mesmos, pois reconheceríamos que, sendo infinita, seria mais estimável e amável do que nós, e por consequência poderíamos formar simples desejos de poder amá-la; mas, falando com propriedade, não a amaríamos, já que o amor visa à união; e muito menos poderíamos ter caridade para com ela, já que a caridade é uma amizade, e a amizade só pode ser recíproca, tendo por fundamento a comunicação e por fim a união. Digo isso por causa de certos espíritos quiméricos e vãos que, sobre imaginações despropositadas, remoem muitas vezes discursos melancólicos que grandemente os afligem. Mas quanto a nós, Teótimo, meu caro amigo, bem vemos que não podemos ser verdadeiros homens sem ter a inclinação de amar a Deus mais do que a nós mesmos, nem verdadeiros cristãos sem praticar essa inclinação. Amemos mais do que a nós mesmos Aquele que nos é mais do que tudo e mais do que nós mesmos. Amém: assim é.

CAPÍTULO XI

Como a santíssima caridade produz o amor do próximo

Assim como Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, também ordenou para o homem um amor à imagem e semelhança do amor devido à sua Divindade: *Amarás* — diz ele (Mt 22, 37) — *o Senhor teu Deus de todo o teu coração*: é o primeiro e o maior mandamento. *Ora, o segundo é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* Por que amamos a Deus, Teótimo? "A causa pela qual se ama a Deus", diz São Bernardo, "é o próprio Deus" — como se dissesse que amamos a Deus porque ele é a soberaníssima e infinita bondade. Por que nos amamos a nós mesmos em caridade? Certamente, porque somos imagem e semelhança de Deus. E, uma vez que todos os homens têm essa mesma dignidade, amamo-los também como a nós mesmos, isto é, na qualidade de santíssimas e vivas imagens da Divindade. Pois é nessa qualidade, Teótimo, que pertencemos a Deus por aliança tão estreita e por dependência tão amável, que ele não faz dificuldade alguma em dizer-se nosso Pai e em chamar-nos seus filhos (1Jo 3, 1); é nessa qualidade que somos capazes de ser unidos à sua divina essência pela fruição de sua soberana bondade e felicidade; é nessa qualidade que recebemos a sua graça e que os nossos espíritos são associados ao seu santíssimo, tornados, por assim dizer, participantes de sua divina natureza (2Pd 1, 4), como diz São Leão (*Sermão* 12). E é assim, pois, que a mesma caridade que produz os atos do amor de Deus produz ao mesmo tempo os do amor do próximo; e assim como Jacó viu que uma mesma escada tocava o céu e a terra, servindo igualmente aos anjos para descer e para subir (Gn 28, 12), sabemos também que uma mesma

dileção se estende a amar a Deus e ao próximo, elevando-nos à união do nosso espírito com Deus e reconduzindo-nos à amorosa sociedade dos próximos — de tal modo, contudo, que amamos o próximo enquanto ele é à imagem e semelhança de Deus, criado para comunicar-se com a divina Bondade, participar de sua graça e gozar de sua glória.

Teótimo, amar o próximo por caridade é amar a Deus no homem, ou o homem em Deus; é amar somente a Deus por amor dele mesmo, e a criatura por amor dele. O jovem Tobias, acompanhado do anjo Rafael, tendo-se aproximado de Raguel, seu parente, de quem contudo era desconhecido, mal foi por ele olhado — diz a Escritura (Tb 7, 1) — e Raguel, voltando-se para Ana, sua mulher, disse: "Olha, vê como este rapaz é parecido com meu primo." E, dito isso, interrogou-os: "De onde sois, jovens, meus caros irmãos?" Ao que responderam: "Somos da tribo de Neftali, do cativeiro de Nínive." E ele lhes disse: "Conheceis Tobias, meu irmão?" "Sim, nós o conhecemos", disseram eles. E, tendo Raguel começado a dizer muito bem dele, o Anjo lhe disse: "O Tobias por quem perguntais é o próprio pai deste jovem." Então Raguel avançou e, beijando-o com muitas lágrimas e chorando sobre o seu pescoço, disse: "Bendito sejas, meu filho, pois és filho de um homem bom e ótimo." E a boa senhora Ana, mulher de Raguel, com Sara, sua filha, também se puseram a chorar de ternura de amor. Não notais que Raguel, sem conhecer o jovem Tobias, o abraça, o acaricia, o beija, chora de amor sobre ele? De onde provém esse amor senão daquele que dedicava ao velho Tobias, o pai, com quem esse rapaz tanto se parecia? "Bendito sejas", diz ele. Mas por quê? Certamente não porque és

um bom rapaz, pois isso eu ainda não sei; mas porque és filho de teu pai e com ele te pareces — ele, que é um homem de tanto bem.

Ah, verdadeiro Deus, Teótimo! Quando vemos um próximo criado à imagem e semelhança de Deus, não deveríamos dizer uns aos outros: "Olhai, vede esta criatura, como se parece com o Criador"? Não deveríamos lançar-nos sobre o seu rosto, acariciá-la e chorar de amor por ela? Não deveríamos dar-lhe mil e mil bênçãos? E por quê, então? Pelo amor dela? Não, certamente, pois não sabemos se ela é digna de amor ou de ódio em si mesma (Ecl 9, 1). E por que, então? Ó Teótimo, pelo amor de Deus, que a formou à sua imagem e semelhança e, por consequência, a tornou capaz de participar de sua bondade na graça e na glória; pelo amor de Deus, digo, de quem ela é, a quem ela é, por quem ela é, em quem ela é, para quem ela é, e a quem se assemelha de um modo todo particular. E é por isso que o divino amor não somente ordena muitas vezes o amor do próximo, mas ele mesmo o produz e o derrama no coração humano como sua semelhança e sua imagem; pois, assim como o homem é a imagem de Deus, do mesmo modo o amor sagrado do homem para com o homem é a verdadeira imagem do amor celeste do homem para com Deus.

Mas este assunto do amor do próximo requer um tratado à parte, que suplico ao soberano Amante dos homens queira inspirar a algum de seus mais excelentes servos, já que o cume do amor da divina Bondade do Pai celeste consiste na perfeição do amor de nossos irmãos e companheiros.

CAPÍTULO XII

Como o amor produz o zelo

Assim como o amor tende ao bem da coisa amada — comprazendo-se nele, se ela o possui, ou desejando-o e buscando-o para ela, se não o possui —, assim também produz o ódio, pelo qual foge do mal contrário à coisa amada, desejando e procurando afastá-lo dela, se já o tem, ou desviando-o e impedindo-o de vir, se ainda o não tem. E, se o mal não pode ser impedido nem afastado, o amor ao menos não deixa de fazê-lo odiar e detestar. Quando, pois, o amor é ardente e chegou ao ponto de querer tirar, afastar e desviar o que se opõe à coisa amada, chama-se zelo; de sorte que, falando com propriedade, o zelo não é outra coisa senão o amor em ardor, ou antes o ardor que está no amor. E, por conseguinte, qual é o amor, tal é o zelo que é o seu ardor: se o amor é bom, o zelo é bom; se o amor é mau, o zelo é mau. Ora, quando falo do zelo, entendo falar também do ciúme, pois o ciúme é uma espécie de zelo; e, se não me engano, há apenas esta diferença entre um e outro: o zelo olha para todo o bem da coisa amada, a fim de dela afastar o mal contrário, ao passo que o ciúme olha para o bem particular da amizade, a fim de repelir tudo o que a ele se opõe.

Quando, pois, amamos ardentemente as coisas mundanas e temporais — a beleza, as honras, as riquezas, as posições —, esse zelo, isto é, o ardor desse amor, termina de ordinário em inveja, porque essas coisas baixas são tão pequenas, particulares, limitadas, finitas e imperfeitas, que, quando um as possui, outro não as pode possuir inteiramente; de modo que, sendo comunicadas a muitos, a comunicação delas é menos perfeita para cada um. Mas quando amamos ardentemente, em particular, ser

amados, o zelo, ou seja, o ardor desse amor, torna-se ciúme; porquanto a amizade humana, embora seja virtude, tem contudo esta imperfeição, por causa da nossa fraqueza: sendo repartida entre muitos, a parte de cada um é menor. Por isso o ardor ou zelo que temos de ser amados não pode suportar que tenhamos rivais e companheiros; e, se imaginamos tê-los, entramos de repente na paixão do ciúme, a qual, na verdade, tem certa semelhança com a inveja, mas nem por isso deixa de ser muito diferente dela.

1. A inveja é sempre injusta, mas o ciúme é algumas vezes justo, contanto que seja moderado; pois os casados, por exemplo, não têm razão de impedir que a sua amizade sofra diminuição pela partilha?

2. Pela inveja, entristecemo-nos de que o próximo tenha um bem maior ou igual ao nosso, ainda que nada nos tire do que possuímos; e nisso a inveja é desarrazoada, fazendo-nos julgar que o bem do próximo seja o nosso mal. Mas o ciúme não se aflige de modo algum por ter o próximo algum bem, contanto que não seja o nosso; pois o ciumento não se afligiria por ver o seu companheiro amado por outras mulheres, contanto que não fosse pela sua. E, mais ainda, falando com propriedade, não se tem ciúme de um rival senão depois de julgar que se conquistou a amizade da pessoa amada; pois, se antes disso há alguma paixão, não é ciúme, mas inveja.

3. Não pressupomos imperfeição naquele de quem temos inveja; ao contrário, julgamos que ele possui o bem que lhe invejamos. Mas bem pressupomos que a pessoa de quem temos ciúme seja imperfeita, mutável, corruptível e variável.

4. O ciúme procede do amor; a inveja, ao contrário, provém da falta de amor.

5. O ciúme só existe em matéria de amor; a inveja, porém, estende-se a todas as matérias: de bens, de honras, de favores, de beleza. E, se algumas vezes se tem inveja do amor dedicado a alguém, não é por causa do amor, mas por causa dos frutos que dele dependem: um invejoso pouco se importa de que o seu companheiro seja amado pelo príncipe, contanto que não seja favorecido nem beneficiado nas ocasiões.

CAPÍTULO XIII

Como Deus tem ciúme de nós

Deus fala assim: *Eu sou o Senhor teu Deus, forte, zeloso; o Senhor tem por nome Zeloso* (Ex 20, 5; 34, 14). Deus, portanto, é ciumento, Teótimo; mas qual é o seu ciúme? Certamente, à primeira vista, parece ser um ciúme de cobiça, como o dos maridos para com as mulheres; pois ele quer que sejamos de tal modo seus, que de modo algum sejamos de outrem senão dele: *Ninguém* — diz ele (Mt 6, 24) — *pode servir a dois senhores*. Ele pede todo o nosso coração, toda a nossa alma, todo o nosso espírito, todas as nossas forças (Dt 6, 5; Mt 22, 37); e por isso mesmo chama-se nosso Esposo e às nossas almas suas esposas, e chama a toda sorte de afastamento dele fornicação e adultério. E tem razão esse grande Deus, unicamente bom, em querer perfeitissimamente todo o nosso coração; pois temos um coração pequeno, que não pode fornecer amor bastante para amar dignamente a divina Bondade. Não é, pois, conveniente que, não lhe podendo dar todo o amor que seria devido, lhe demos ao menos todo o que

podemos? O bem que é soberanamente amável não deve ser soberanamente amado? Ora, amar soberanamente é amar totalmente.

Esse ciúme, no entanto, que Deus tem de nós, não é de fato um ciúme de cobiça, mas de soberana amizade; pois não é do interesse dele que o amemos, e sim do nosso. O nosso amor lhe é inútil, mas para nós é de grande proveito; e, se lhe é agradável, é porque nos é proveitoso. Sendo o soberano bem, ele se compraz em comunicar-se por seu amor, sem que daí lhe possa vir bem algum. Por isso clama, queixando-se dos pecadores à maneira de ciúme (Jr 2, 13): *Deixaram-me a mim, que sou fonte de água viva, e cavaram para si cisternas, cisternas arruinadas e rachadas, que não podem reter as águas.* Vede um pouco, Teótimo, eu vos peço, com que delicadeza esse divino Amante exprime a nobreza e a generosidade de seu ciúme: *Deixaram-me a mim, que sou a fonte de água viva*, diz ele — como se dissesse: Não me queixo por me terem deixado, por causa de qualquer dano que o seu abandono me possa trazer; pois que dano pode receber uma fonte viva, se ninguém vem tirar dela água? Deixará por isso de correr e de espalhar-se sobre a terra? Mas lamento a desgraça deles, por, tendo-me deixado, se entreterem com poços sem água. E se, por pensamento de coisa impossível, tivessem podido encontrar alguma outra fonte de água viva, eu suportaria facilmente que se apartassem de mim, pois não tenho, em seu amor, outra pretensão senão a felicidade deles; mas deixar-me para perecer-se, abandonar-me para se precipitar, é isso que me espanta e me irrita em sua loucura. É, pois, por amor de nós que ele quer que o amemos, porque não podemos deixar de amá-lo sem começar a

perder-nos, e porque tudo o que lhe tiramos de nossas afeições, nós o perdemos.

Põe-me — diz o divino Pastor à Sulamita (Ct 8, 6) — *põe-me como um selo sobre teu coração, como um selo sobre teu braço.* A Sulamita tinha certamente o coração todo cheio do amor celeste de seu caro Amante, o qual, ainda que tenha tudo, não se contenta, mas, por uma sagrada desconfiança de ciúme, quer ainda estar sobre o coração que possui e selá-lo consigo mesmo, a fim de que nada saia do amor que ali existe para ele e nada entre que possa introduzir mistura; pois não se sacia da afeição de que a alma de sua Sulamita está repleta, se ela não for invariável, toda pura, toda única para ele. E, para gozar não somente das afeições do nosso coração, mas também dos efeitos e das operações de nossas mãos, ele quer estar ainda como um selo sobre o nosso braço direito, a fim de que este não se estenda nem seja empregado senão nas obras de seu serviço. E a razão desse pedido do Amante divino é que, assim como a morte é tão forte que separa a alma de todas as coisas e do próprio corpo, assim também o amor sagrado, chegado ao grau do zelo, divide e afasta a alma de todas as outras afeições e a purifica de toda mistura; porquanto ele não é somente tão forte quanto a morte, mas é áspero, inexorável, duro e impiedoso em castigar a ofensa que se lhe faz quando se recebem rivais junto dele, como o inferno é violento em punir os condenados. E, assim como o inferno, cheio de horror, de raiva e de crueldade, não admite mistura alguma de amor, assim também o amor ciumento não admite mistura alguma de outra afeição, querendo que tudo seja para o Bem-Amado. Nada há de mais doce que o pombo, mas nada de mais impiedoso que ele para com a sua pomba, quando lhe vem algum ciúme. Se alguma vez o

observastes, tereis visto, Teótimo, que esse animal pacífico, voltando do seu voo e encontrando a companheira entre os companheiros, não consegue deixar de sentir um pouco de desconfiança, que o torna áspero e caprichoso; de sorte que logo a vem rodear, arrulhando, ameaçando, batendo os pés e ferindo-a com golpes de asa, ainda que saiba bem que ela é fiel e a veja toda branca de inocência.

Certo dia Santa Catarina de Sena estava num arrebatamento que não lhe tirava o uso dos sentidos, e, enquanto Deus lhe fazia ver maravilhas, um irmão seu passou junto dela e, fazendo barulho, a distraiu, de modo que ela se voltou para olhá-lo por um único e brevíssimo instante. Essa pequena distração, sobrevinda de improviso, não foi pecado nem infidelidade, mas apenas uma sombra de pecado e uma simples imagem de infidelidade; e, no entanto, a santíssima Mãe do Esposo celeste a repreendeu tão fortemente por isso, e o glorioso São Paulo lhe causou tamanha confusão, que ela pensou desfazer-se em lágrimas. E Davi, restabelecido na graça por um perfeito amor, como foi tratado pelo único pecado venial que cometeu ao mandar fazer o recenseamento do seu povo (2Sm 24)?

Mas, Teótimo, quem quiser ver esse ciúme delicada e excelentemente expresso, deve ler os ensinamentos que a seráfica Santa Catarina de Gênova escreveu para declarar as propriedades do puro amor, entre os quais inculca e insiste fortemente neste: que o amor perfeito, isto é, o amor chegado ao ponto do zelo, não pode suportar a intromissão ou interposição, nem a mistura de coisa alguma, nem mesmo dos dons de Deus — chegando a este rigor: que não permite que se ame o Paraíso senão para aí amar mais perfeitamente a bondade daquele que o dá. De sorte que as

lâmpadas desse puro amor não têm azeite, nem pavio, nem fumaça: são todas fogo e chama, que nada no mundo pode apagar (Ct 8, 7); e os que trazem essas lâmpadas acesas nas mãos (Lc 12, 35) têm o santíssimo temor das castas esposas, e não o das mulheres adúlteras. Estas temem, e aquelas também, mas de modo diferente, diz Santo Agostinho: a casta esposa teme a ausência do seu esposo, a adúltera teme a presença do seu; "aquela teme que ele se vá, esta teme que ele fique". Aquela está de tal modo apaixonada que se torna toda ciumenta; esta não tem ciúme porque não está apaixonada. Esta teme ser castigada, aquela teme não ser suficientemente amada — ou antes, na verdade, não teme propriamente não ser amada, como fazem as outras ciumentas, que amam a si mesmas e querem ser amadas, mas teme não amar bastante Aquele que vê ser tão amável que ninguém o pode amar dignamente segundo a grandeza do amor que ele merece, conforme disse há pouco. Por isso ela não é ciumenta de um ciúme interesseiro, mas de um ciúme puro, que não procede de cobiça alguma, e sim de uma nobre e simples amizade — ciúme que depois se estende até ao próximo, com cujo amor ele procede; pois, já que amamos o próximo por Deus como a nós mesmos, também temos ciúme dele por Deus (2Cor 11, 2) como o temos de nós mesmos, de sorte que bem quereríamos morrer para impedi-lo de perecer.

Ora, sendo o zelo um ardor inflamado ou uma inflamação ardente do amor, ele precisa também ser praticado com sabedoria e prudência; do contrário, sob o seu pretexto, violar-se-iam os limites da modéstia ou da discrição, e seria fácil passar do zelo à cólera e de uma justa afeição a uma iníqua paixão. Por isso, não sendo este o lugar de assinalar as condições do zelo, meu Teótimo,

advirto-vos que, para a sua execução, recorrais sempre àquele que Deus vos deu para vos conduzir na vida devota.

CAPÍTULO XIV

Do zelo, ou ciúme, que temos por Nosso Senhor

Um cavaleiro pediu a um pintor famoso que lhe fizesse um cavalo em corrida; e, tendo o pintor apresentado o animal deitado de costas, como se rolasse pelo chão, o cavaleiro começava a irritar-se, quando o pintor, virando a imagem de cabeça para baixo, lhe disse: Não vos aborreçais, senhor; para mudar a postura de um cavalo que corre na de um cavalo que se revolve no chão, basta virar o quadro. Teótimo, quem quiser ver bem que zelo, ou que ciúme, devemos ter por Deus, não tem senão de retratar com exatidão o ciúme que temos pelas coisas humanas e, em seguida, virá-lo do avesso; pois assim deverá ser aquele que Deus exige de nós para com ele.

Imaginai, Teótimo, a diferença que há entre os que gozam da luz do sol e os que só têm a pequena claridade de uma lâmpada. Os primeiros não sentem inveja nem ciúme uns dos outros, pois sabem muito bem que aquela luz é abundante para todos, que o gozo de um não impede o gozo do outro, e que cada qual a possui tão inteiramente — ainda que todos a possuam em comum — como se a possuísse sozinho. Já quanto à claridade de uma lâmpada, por ser pequena, breve e insuficiente para muitos, cada um a quer em seu quarto, e quem a tem é invejado pelos demais. O bem das coisas do mundo é tão mesquinho e vil, que, quando um o goza, é preciso que outro fique privado dele; e a amizade humana é tão curta e frágil, que, à medida que se comunica a uns,

enfraquece na mesma medida para os outros. Por isso ficamos ciumentos e irritados quando nela temos rivais e companheiros. O coração de Deus é tão abundante em amor, o seu bem é tão infinito, que todos o podem possuir sem que por isso cada um o possua menos: essa infinidade de bondade não pode ser esgotada, ainda que encha todos os espíritos do universo; pois, depois que tudo está repleto dela, a sua infinidade permanece sempre inteira, sem diminuição alguma. O sol não olha menos para uma rosa quando olha, junto com ela, mil milhões de outras flores, do que se olhasse apenas para ela; e Deus não derrama menos o seu amor sobre uma alma, ainda que ame uma infinidade de outras, do que se amasse somente aquela: a força de sua dileção não diminui pela multidão dos raios que espalha, antes permanece sempre plena de sua imensidade.

Mas em que consiste, então, o zelo, ou o ciúme, que devemos ter pela divina Bondade? Teótimo, o seu ofício é, em primeiro lugar, odiar, fugir, impedir, detestar, rejeitar, combater e derrubar, se possível, tudo quanto é contrário a Deus, isto é, à sua vontade, à sua glória e à santificação do seu nome. Odiei a iniquidade, diz Davi, e a abominei (Sl 118, 163). Porventura não odiava eu, Senhor, aos que vos odeiam, e não me consumia de desgosto por causa dos vossos inimigos (Sl 138, 21)? O meu zelo me fez desfalecer, porque os meus inimigos esqueceram as vossas palavras (Sl 118, 139). Pela manhã eu matava todos os pecadores da terra, para arruinar e exterminar todos os que praticam a iniquidade (Sl 100, 8). Vede, peço-vos, Teótimo, de que zelo está animado esse grande Rei, e como emprega as paixões de sua alma a serviço do santo ciúme: não odeia simplesmente a iniquidade, mas a abomina; consome-se de aflição ao vê-la; cai em desfalecimento e

desmaio do coração; persegue-a, derruba-a e extermina-a. Assim Fineias (Nm 25, 8), arrebatado por um santo zelo, traspassou santamente com um golpe de espada aquele israelita atrevido e aquela vil madianita que surpreendeu no infame comércio de sua brutalidade. Assim também o zelo que devorava o coração de nosso Salvador fez com que ele expulsasse — e, ao mesmo tempo, vingasse — a irreverência e a profanação que aqueles vendedores e compradores cometiam no Templo (Jo 2, 14-15).

O zelo, em segundo lugar, torna-nos ardentemente ciosos da pureza das almas que são esposas de Jesus Cristo, conforme diz o santo Apóstolo aos coríntios (2Cor 11, 2): Tenho ciúmes de vós, com o ciúme de Deus, pois vos prometi a um só esposo, para vos apresentar a Jesus Cristo como virgem pura. Eliezer teria sido tomado de vivíssimo ciúme se tivesse visto a casta e bela Rebeca, que conduzia para ser esposa do filho de seu senhor, em algum perigo de ser violentada; e sem dúvida poderia ter dito àquela santa donzela: Tenho ciúmes de vós, com o ciúme que tenho por meu amo, pois vos prometi a um só homem, para vos apresentar como virgem pura ao filho de meu senhor Abraão. É isso que quer dizer o glorioso São Paulo aos seus coríntios: Fui enviado por Deus às vossas almas para tratar o casamento de uma união eterna entre o seu Filho, nosso Salvador, e vós; e vos prometi a ele, para vos apresentar, como virgem pura, a esse divino Esposo. Eis por que tenho ciúmes — não do meu ciúme, mas do ciúme de Deus, em cujo nome tratei convosco. Esse ciúme, Teótimo, fazia o santo Apóstolo morrer e desfalecer todos os dias: Cada dia eu morro, diz ele, pela vossa glória (1Cor 15, 31). Quem desfalece, que eu também não desfaleça? Quem se escandaliza, que eu não me abrase (2Cor 11, 29)? Vede, dizem os Antigos, vede que amor, que

cuidado e que ciúme tem a galinha por seus pintinhos (pois Nosso Senhor não julgou essa comparação indigna do seu Evangelho: Mt 23, 37). A galinha é uma galinha, isto é, um animal sem coragem nem grandeza alguma, enquanto não é mãe; mas, depois que se torna mãe, tem coração de leão: sempre de cabeça erguida, sempre de olhos alarmados, sempre girando o olhar para todos os lados, por pouco que haja aparência de perigo para os seus filhotes. Não há inimigo contra cujos olhos ela não se atire em defesa da sua querida ninhada, pela qual sente um cuidado contínuo que a faz andar sempre cacarejando e queixando-se; e, se algum dos seus pintinhos perece, que lamentos! que cólera! Tal é o ciúme dos pais e das mães por seus filhos, dos pastores por suas ovelhas, dos irmãos por seus irmãos. Que zelo o dos filhos de Jacó, quando souberam que Diná fora violentada (Gn 34)! Que zelo o de Jó, no receio e no temor de que os seus filhos ofendessem a Deus (Jó 1, 5)! Que zelo o de São Paulo por seus irmãos segundo a carne e por seus filhos segundo Deus, pelos quais desejara ser eliminado como réu de anátema e de excomunhão (Rm 9, 3)! Que zelo o de Moisés para com o seu povo, por quem consente, de certo modo, em ser riscado do livro da vida (Ex 32, 32)!

No ciúme humano, tememos que a coisa amada seja possuída por outro; mas o zelo que temos para com Deus faz, ao contrário, que temamos acima de tudo não sermos suficientemente possuídos por ele. O ciúme humano nos faz recear que não sejamos bastante amados; o ciúme cristão nos aflige por não amarmos o bastante. Por isso a santa Sulamita exclamava (Ct 1, 6): Ó Amado da minha alma, mostrai-me onde repousais ao meio-dia, para que eu não me perca e não vá atrás dos rebanhos dos vossos companheiros. Teme não ser toda do seu sagrado Pastor e

deixar-se entreter, por pouco que seja, com aqueles que pretendem fazer-se seus rivais; pois de modo algum admite que os prazeres, as honras e os bens exteriores ocupem um só fio do seu amor, que dedicou inteiro ao seu querido Salvador.

CAPÍTULO XV

Conselhos para a boa condução do santo zelo

Sendo o zelo um ardor e uma veemência de amor, precisa ser conduzido com sabedoria; do contrário, violaria os limites da moderação e da discrição. Não que o divino amor, por veemente que seja, possa ser excessivo em si mesmo, nem nos movimentos e inclinações que imprime aos espíritos; mas, como emprega na execução de seus projetos o entendimento, ordenando-lhe que busque os meios de fazê-los prosperar, e a ousadia ou a cólera para vencer as dificuldades que encontra, acontece muitíssimas vezes que o entendimento propõe e faz tomar caminhos ásperos e violentos demais, e que a cólera ou a audácia, uma vez posta em movimento e não podendo conter-se dentro dos limites da razão, arrasta o coração à desordem. Desse modo o zelo passa a ser exercido sem discernimento e sem regra, o que o torna mau e censurável. Davi enviou Joab com o seu exército contra Absalão, seu filho desleal e rebelde, proibindo acima de tudo que lhe tocassem e ordenando que, em qualquer circunstância, cuidassem de lhe poupar a vida; mas Joab, uma vez em ação, aquecido pelo ardor da vitória, matou com a própria mão o pobre Absalão, sem atender a nada do que o Rei lhe dissera (2Sm 18, 5). Do mesmo modo, o zelo emprega a cólera contra o mal e sempre lhe ordena, de maneira muito expressa, que, ao destruir a iniquidade e o

pecado, salve, se possível, o pecador e o iníquo; mas ela, uma vez lançada em fúria, como um cavalo de boca dura e temperamento caprichoso, escapa ao freio, arrebata o cavaleiro para fora da liça e só se detém quando lhe falta o fôlego. Aquele bom pai de família que Nosso Senhor descreve no Evangelho (Mt 13, 24) sabia muito bem que os servos ardentes e violentos costumam ultrapassar a intenção do seu senhor; pois, quando os seus se ofereceram para ir capinar o campo a fim de arrancar o joio: Não, disse-lhes ele, não quero, para que, por acaso, junto com o joio não arranqueis também o trigo.

Certamente, Teótimo, a cólera é um servo que, sendo poderoso, corajoso e grande empreendedor, também realiza de início muito trabalho; mas é tão ardente, tão inquieto, tão irrefletido e impetuoso, que não faz bem algum sem que, de ordinário, cause ao mesmo tempo vários males. Ora, não é boa administração, dizem os nossos camponeses, criar pavões em casa; pois, embora deem caça às aranhas e livrem delas a morada, estragam de tal modo as telhas e os telhados, que a sua utilidade não se compara ao grande estrago que causam. A cólera é um socorro dado pela natureza à razão, e empregado pela graça a serviço do zelo para a execução de seus desígnios; mas socorro perigoso e pouco desejável. Pois, se vem forte, faz-se senhora, derrubando a autoridade da razão e as leis amorosas do zelo; e, se vem fraca, nada faz que o zelo sozinho não fizesse sem ela, e sempre mantém no espírito o justo receio de que, ganhando força, se aposse do coração e do zelo, submetendo-os à sua tirania — tal como um fogo de artifício que, num instante, incendeia um edifício sem que se saiba como apagá-lo. É ato de desespero

introduzir numa praça um socorro estrangeiro capaz de tornar-se o mais forte.

O amor-próprio muitas vezes nos engana e nos despista, exercendo as suas próprias paixões sob o nome de zelo. O zelo outrora se serviu algumas vezes da cólera; agora a cólera, em troca, serve-se do nome do zelo, para, sob ele, encobrir o seu ignominioso desregramento. E digo que se serve do nome do zelo, porque não poderia servir-se do zelo em si mesmo; pois é próprio de todas as virtudes, e sobretudo da caridade, da qual o zelo é uma dependência, serem "tão boas que ninguém pode abusar delas" (Aristóteles, Grande Ética, II, 7).

Um pecador notório veio um dia lançar-se aos pés de um bom e digno sacerdote, declarando com muita submissão que vinha buscar remédio para os seus males, isto é, receber a santa absolvição de suas faltas. Certo monge chamado Demófilo, julgando, a seu ver, que aquele pobre penitente se aproximava demais do santo altar, encolerizou-se de modo tão violento que, atirando-se sobre ele a pontapés, empurrou-o e expulsou-o dali, injuriando ultrajosamente o bom sacerdote que, cumprindo o seu dever, acolhera com doçura aquele pobre arrependido. Depois, correndo ao altar, retirou dali as coisas santíssimas que ali estavam e levou-as consigo, com medo — como queria fazer crer — de que, pela aproximação do pecador, o lugar tivesse sido profanado. Ora, tendo realizado essa bela façanha de zelo, não parou por aí: fez dela grande festa diante do grande São Dionísio Areopagita, numa carta que lhe escreveu e da qual recebeu uma excelente resposta, digna do espírito apostólico que animava esse grande discípulo de São Paulo. Pois lhe mostrou claramente que o seu zelo fora, a um só tempo, indiscreto, imprudente e impudente; porque, ainda que

o zelo pela honra devida às coisas santas seja bom e louvável, ele o praticara contra toda razão, sem consideração nem juízo algum, já que empregara pontapés, ultrajes, injúrias e censuras num lugar, numa ocasião e contra pessoas que devia honrar, amar e respeitar. De modo que o zelo não podia ser bom, exercido com tamanha desordem. Mas, nessa mesma resposta (Carta VIII, a Demófilo), esse grande Santo relata outro exemplo admirável de um grande zelo, procedente de uma alma muito boa, corrompido, contudo, e viciado pelo excesso da cólera que ela havia despertado.

Um pagão havia seduzido e feito voltar à idolatria um cristão cretense, recém-convertido à fé. Carpo, homem eminente em pureza e santidade de vida, e que muito provavelmente foi bispo de Creta, concebeu por isso uma cólera tão grande como jamais experimentara; e deixou-se levar tão longe por essa paixão que, tendo-se levantado à meia-noite para orar, como era seu costume, concluía consigo mesmo que não era razoável que os homens ímpios continuassem a viver, e pedia, com grande indignação, à divina Justiça que fizesse morrer de um raio aqueles dois pecadores juntos: o pagão sedutor e o cristão seduzido. Mas ouvi, Teótimo, o que Deus fez para corrigir a aspereza da paixão que arrebatava o pobre Carpo. Primeiro fez-lhe ver, como a outro Santo Estêvão (At 7, 55), o céu todo aberto, e Jesus Cristo Nosso Senhor sentado num grande trono, cercado por uma multidão de Anjos que o assistiam em forma humana. Depois viu, embaixo, a terra aberta como um horrível e vasto abismo, e os dois desgarrados a quem desejara tanto mal à beira daquele precipício, trêmulos e quase desmaiados de pavor, porque estavam prestes a cair dentro dele: de um lado, puxados por uma multidão de serpentes que, saindo do abismo, se enroscavam em suas pernas e, com as caudas, os

provocavam e os impeliam à queda; de outro lado, certos homens os empurravam e os golpeavam para os fazer cair, de sorte que pareciam estar a ponto de ser tragados por aquele precipício. Ora, considerai, peço-vos, meu Teótimo, a violência da paixão de Carpo. Pois, como ele mesmo depois contava a São Dionísio, não fazia caso de contemplar Nosso Senhor e os Anjos que se mostravam no Céu, tanto era o prazer que sentia em ver, lá embaixo, a aflição pavorosa daqueles dois desgraçados; irritava-se apenas com a demora deles em perecer, e por isso tentava ele mesmo precipitá-los. Não o conseguindo tão depressa, despeitava-se e os amaldiçoava, até que enfim, erguendo os olhos ao céu, viu o doce e compassivo Salvador que, tomado de extrema piedade e compaixão pelo que se passava, levantando-se do seu trono e descendo até o lugar onde estavam aqueles dois pobres infelizes, lhes estendia a mão socorredora, ao mesmo tempo que os Anjos, uns de um lado, outros de outro, os seguravam para impedi-los de cair naquele abismo espantoso. E, para concluir, o amável e bondoso Jesus, dirigindo-se ao encolerizado Carpo, disse-lhe: Vamos, Carpo, "bate de agora em diante sobre mim, pois estou pronto a padecer ainda uma vez para salvar os homens, e isso me seria agradável se pudesse acontecer sem o pecado dos outros homens; quanto ao mais, considera o que te seria melhor: estar nesse abismo com as serpentes, ou permanecer com os Anjos, que são tão grandes amigos dos homens".

Teótimo, o santo homem Carpo tinha razão em inflamar-se de zelo por causa daqueles dois homens, e o seu zelo com justiça despertara a cólera contra eles; mas a cólera, uma vez posta em movimento, deixara para trás a razão e o zelo. Ultrapassando todos os marcos e limites do santo amor — e, por consequência, do zelo,

que é o seu fervor —, convertera o ódio ao pecado em ódio ao pecador, e a caridade dulcíssima numa crueldade furiosa. Assim há pessoas que não acreditam que se possa ter muito zelo sem ter muita cólera, e julgam que nada podem consertar sem estragar tudo; quando, ao contrário, o verdadeiro zelo quase nunca se serve da cólera. Pois, assim como só se aplicam o ferro e o fogo aos doentes quando não há outro recurso, também o santo zelo só emprega a cólera em extremas necessidades.

CAPÍTULO XVI

Que o exemplo de vários santos que parecem ter exercido o seu zelo com cólera em nada contraria o conselho do capítulo precedente

É bem verdade, meu amigo Teótimo, que Moisés (Ex 32, 19), Fineias (Nm 25, 7), Elias (1Rs 18, 40; 2Rs 1, 10), Matatias (1Mac 2, 24) e muitos outros grandes servos de Deus se serviram da cólera para exercer o seu zelo em numerosas ocasiões memoráveis. Mas notai, peço-vos, que eram também grandes personagens, que sabiam manejar bem as suas paixões e disciplinar as suas cóleras, semelhantes àquele bravo capitão do Evangelho (Mt 8, 9) que dizia aos seus soldados: Ide, e iam; vinde, e vinham. Mas nós, que somos quase todos gente miúda, não temos tanto poder sobre os nossos impulsos; o nosso cavalo não está tão bem adestrado que possamos lançá-lo e detê-lo a nosso gosto. Os cães experientes e bem ensinados avançam ou voltam sobre os próprios passos conforme lhes fala o caçador; mas os cães novos e ainda aprendizes se extraviam e desobedecem. Os grandes Santos, que tornaram sensatas as suas paixões à força de mortificá-las pelo exercício das

virtudes, podem também voltar a sua cólera para onde queiram, lançá-la e recolhê-la como bem lhes parece; mas nós, que temos paixões indomadas, muito novas ou ao menos mal ensinadas, não podemos soltar a nossa ira sem o perigo de muita desordem, porque, uma vez em campo, já não se consegue retê-la nem discipliná-la como seria necessário.

São Dionísio, falando àquele Demófilo que queria dar o nome de zelo à sua raiva e ao seu furor, diz: aquele que quer corrigir os outros deve primeiro "cuidar de impedir que a cólera destitua a razão do império e do domínio que Deus lhe deu sobre a alma, e que não suscite dentro de nós revolta, sedição e confusão. De modo que não aprovamos os vossos ímpetos, movidos por um zelo sem discernimento, ainda que mil vezes repetísseis os nomes de Fineias e de Elias; pois tais palavras não agradaram a Jesus Cristo quando lhe foram ditas por seus Discípulos, que ainda não participavam desse espírito doce e benigno". Fineias, Teótimo, ao ver certo infeliz israelita ofender a Deus com uma moabita, matou os dois. Elias havia predito a morte de Ocozias, o qual, indignado com essa predição, enviou dois capitães, um após o outro, cada um com cinquenta soldados, para prendê-lo; e o homem de Deus fez descer do céu o fogo que os devorou. Ora, um dia em que Nosso Senhor passava pela Samaria, mandou alguém a uma cidade para preparar-lhe pousada; mas os habitantes, sabendo que Nosso Senhor era judeu de nação e que ia a Jerusalém, não o quiseram hospedar. Vendo isso, São João e São Tiago disseram a Nosso Senhor: Quereis que mandemos ao fogo que desça e os queime? E Nosso Senhor, voltando-se para eles, repreendeu-os, dizendo: Não sabeis de que espírito sois; o Filho do homem não veio para perder as almas, mas para salvá-las (Lc 9, 52-56).

É isso, pois, Teótimo, o que quer dizer São Dionísio a Demófilo, que alegava o exemplo de Fineias e de Elias. Pois São João e São Tiago, que queriam imitar Elias fazendo descer fogo do céu sobre os homens, foram repreendidos por Nosso Senhor, o qual lhes deu a entender que o seu espírito e o seu zelo eram doces, benignos e amáveis, e que só muito raramente empregavam a indignação ou a ira, quando já não havia esperança de aproveitar de outro modo. São Tomás de Aquino, esse grande astro da teologia, estando acometido da enfermidade de que veio a morrer no mosteiro de Fossanova, da Ordem de Cister, foi rogado pelos religiosos que lhes fizesse uma breve exposição do sagrado Cântico dos Cânticos, à imitação de São Bernardo; e ele lhes respondeu: "Meus caros Padres, dai-me o espírito de São Bernardo, e interpretarei esse divino Cântico como São Bernardo". Do mesmo modo, certamente, se disserem a nós, pequenos cristãos, miseráveis, imperfeitos e frágeis: Servi-vos da ira e da indignação em vosso zelo, como Fineias, Elias, Matatias, São Pedro e São Paulo; devemos responder: Dai-nos o espírito da perfeição e do puro zelo, com a luz interior desses grandes Santos, e nos inflamaremos de cólera como eles. Não é coisa para todos saber irar-se quando é preciso e como é preciso.

Esses grandes Santos eram inspirados por Deus de modo imediato, e por isso podiam empregar a sua cólera sem perigo; pois o mesmo Espírito que os animava a tais feitos segurava também as rédeas da sua justa ira, para que não ultrapassasse os limites que lhes prefixara. Uma ira inspirada ou despertada pelo Espírito Santo já não é ira do homem; e é a ira do homem que se deve evitar, pois, como diz o glorioso São Tiago (Tg 1, 20), ela não realiza a justiça de Deus. E, de fato, quando esses grandes servos de Deus

empregavam a cólera, era em ocasiões tão graves e por crimes tão descomunais, que não havia perigo algum de a pena exceder a culpa.

Porque uma vez o grande São Paulo chamou insensatos aos gálatas (Gl 3, 1), lembrou aos cretenses as suas más inclinações (Tt 1, 12) e resistiu face a face ao glorioso São Pedro, seu superior (Gl 2, 11), será que nos é lícito injuriar os pecadores, condenar as nações, fiscalizar e censurar os nossos guias e prelados? Certamente nem todos são um São Paulo para saber fazer essas coisas a propósito; mas os espíritos azedos, rabugentos, presunçosos e maldizentes, servindo às suas inclinações, humores, aversões e arrogâncias, querem cobrir a sua injustiça com o manto do zelo, e cada qual, sob o nome desse fogo sagrado, se deixa queimar pelas próprias paixões. É o zelo pela salvação das almas que faz desejar a prelazia, segundo diz aquele ambicioso; é ele que faz correr de um lado para outro o monge destinado ao coro, segundo diz aquele espírito inquieto; é ele que faz proferir duras censuras e murmurações contra os prelados da Igreja e contra os príncipes temporais, segundo diz aquele arrogante. Só se fala de zelo, e não se vê zelo algum, mas apenas maledicências, cóleras, ódios, invejas e inquietações de espírito e de língua.

Pode-se praticar o zelo de três maneiras. Primeiro, realizando grandes atos de justiça para repelir o mal; e isso compete apenas àqueles que têm o ofício público de corrigir, censurar e repreender na qualidade de superiores, como os príncipes, os magistrados, os prelados, os pregadores. Mas, porque esse ofício é respeitável, todos o assumem, todos querem meter-se nele. Em segundo lugar, usa-se do zelo praticando atos de grande virtude para dar bom exemplo, sugerindo os remédios para o mal, exortando a

empregá-los, realizando o bem oposto ao mal que se deseja exterminar; e isso compete a cada um, e todavia poucos o querem fazer. Por fim, exerce-se o zelo de modo excelentíssimo sofrendo e padecendo muito para impedir e afastar o mal; e quase ninguém quer essa espécie de zelo. O zelo aparatoso é o ambicionado: é nele que cada um quer empregar o seu talento, sem advertir que não é o zelo o que ali se busca, mas a glória e a satisfação da arrogância, da cólera, do ressentimento e de outras paixões.

Certamente o zelo de Nosso Senhor manifestou-se principalmente ao morrer na cruz para destruir a morte e o pecado dos homens; e nisso foi soberanamente imitado por aquele admirável vaso de eleição (At 9, 15) e de dileção, como o descreve o grande São Gregório Nazianzeno em palavras douradas. Pois, falando desse santo Apóstolo, diz: "Ele combate por todos, derrama preces por todos, arde de ciúme por todos, inflama-se por todos; e ousou ainda mais do que isso por seus irmãos segundo a carne, de sorte que — para dizê-lo eu mesmo com toda a ousadia — deseja por caridade que eles sejam postos em seu lugar junto de Jesus Cristo (Rm 9, 3). Ó excelência de coragem e fervor de espírito inacreditável! Ele imita Jesus Cristo, que por nós foi feito maldição (Gl 3, 13), que tomou sobre si as nossas fraquezas e carregou as nossas doenças (Is 53, 4); ou, para falar com mais sobriedade, ele, o primeiro depois do Salvador, não recusa sofrer nem ser tido por ímpio por causa deles". Assim, pois, Teótimo, como o nosso Salvador foi açoitado, condenado e crucificado na qualidade de homem votado, destinado e consagrado a levar e suportar os opróbrios, as ignomínias e os castigos devidos a todos os pecadores do mundo, e a servir de sacrifício geral pelo pecado, tendo sido feito como que anátema, separado e abandonado por

seu Pai eterno (Mt 27, 46; Gl 3, 13), assim também, segundo a verdadeira doutrina desse grande Nazianzeno, o glorioso Apóstolo São Paulo desejou ser coberto de ignomínia, crucificado, separado, abandonado e sacrificado pelo pecado dos judeus, a fim de carregar por eles o anátema e a pena que mereciam. E, assim como o nosso Salvador carregou de tal modo os pecados do mundo, e de tal modo foi feito anátema, sacrificado pelo pecado e desamparado por seu Pai, sem por isso deixar de ser perpetuamente o Filho amado, em quem o Pai punha o seu agrado (Mt 3, 17; 17, 5), assim também o santo Apóstolo desejou ser anátema e separado do seu Mestre, para ser por ele abandonado e entregue à mercê dos opróbrios e castigos devidos aos judeus; mas nunca desejou, contudo, ser privado da caridade e da graça do seu Senhor, da qual nada jamais o poderia separar (Rm 8, 35). Isto é: desejou ser tratado como um homem separado de Deus, mas não desejou ser dele efetivamente separado, nem privado de sua graça, pois isso não pode ser santamente desejado. Assim a Esposa celeste confessa (Ct 8, 6) que, sendo o amor forte como a morte, que separa a alma do corpo, o zelo, que é um amor ardente, é ainda muito mais forte, pois se assemelha ao inferno, que separa a alma da visão de Nosso Senhor; mas nunca se diz, nem se pode dizer, que o amor ou o zelo seja semelhante ao pecado, que é o único a separar da graça de Deus. E como poderia acontecer que o ardor do amor levasse a desejar a separação da graça, se o amor é a própria graça, ou pelo menos não pode existir sem a graça? Ora, o zelo do grande São Paulo foi de certo modo praticado, parece-me, pelo pequeno São Paulo, quero dizer, por São Paulino, que, para livrar um escravo da escravidão, fez-se ele mesmo escravo, sacrificando a própria liberdade para devolvê-la ao próximo.

"Ó como é feliz", diz Santo Ambrósio, "aquele que conhece a disciplina do zelo!" "Muito facilmente", diz São Bernardo, "o demônio zombará do teu zelo se descuidares da ciência; que o teu zelo seja, pois, inflamado pela caridade, embelezado pela ciência, firmado pela constância." O verdadeiro zelo é filho da caridade, pois é o seu ardor; por isso, como ela, é paciente, benigno, sem perturbação, sem contenda, sem ódio, sem inveja, alegrando-se com a verdade (1Cor 13, 4). O ardor do verdadeiro zelo é semelhante ao do caçador, que é diligente, cuidadoso, ativo, incansável e muito apaixonado pela caça, mas sem cólera, sem ira, sem perturbação; pois, se o trabalho dos caçadores fosse colérico, irado e amargo, não seria tão amado nem tão desejado. Do mesmo modo, o verdadeiro zelo tem ardores extremos, mas constantes, firmes, suaves, laboriosos, igualmente amáveis e infatigáveis. Ao contrário, o falso zelo é turbulento, confuso, insolente, soberbo, colérico, passageiro, tão impetuoso quanto inconstante.

CAPÍTULO XVII

Como Nosso Senhor praticou todos os mais excelentes atos do amor

Tendo falado tão longamente dos atos sagrados do divino amor, para que mais facilmente e mais santamente guardeis a sua memória, apresento-vos deles uma coletânea e um resumo. A caridade de Cristo nos impele, diz o grande Apóstolo (2Cor 5, 14). Sim, certamente, Teótimo: ela nos força e nos violenta por sua infinita doçura, praticada em toda a obra da nossa redenção, na qual se manifestou a bondade e o amor de Deus para com os

homens (Tt 2, 11; 3, 4). Pois o que deixou de fazer esse divino Amante em matéria de amor?

1. Amou-nos com amor de complacência, pois as suas delícias foram estar com os filhos dos homens (Pr 8, 31) e atrair o homem a si, fazendo-se ele mesmo homem. 2. Amou-nos com amor de benevolência, lançando a sua própria Divindade no homem, de modo que o homem foi Deus. 3. Uniu-se a nós por uma conjunção incompreensível, na qual aderiu e se estreitou à nossa natureza tão fortemente, tão indissolúvel e infinitamente, que jamais coisa alguma esteve tão estreitamente unida e apertada à humanidade quanto está agora a santíssima Divindade na Pessoa do Filho de Deus. 4. Derramou-se todo em nós e, por assim dizer, fundiu a sua grandeza para reduzi-la à forma e à figura da nossa pequenez; por isso é chamado fonte de água viva (Jr 2, 13), orvalho e chuva do Céu (Is 45, 8). 5. Esteve em êxtase, não só porque, como diz São Dionísio, em razão do excesso de sua amorosa bondade sai de certo modo de si mesmo, estendendo a sua providência sobre todas as coisas e encontrando-se em todas as coisas; mas também porque, como diz São Paulo (Fl 2, 7), de certa maneira deixou-se a si mesmo, esvaziou-se de si mesmo, despojou-se de sua grandeza e de sua glória, desceu do trono de sua incompreensível majestade e, se assim se pode falar, aniquilou-se a si mesmo para vir à nossa humanidade, encher-nos de sua Divindade, cumular-nos de sua bondade, elevar-nos à sua dignidade e dar-nos o divino ser de filhos de Deus (Jo 1, 12; 1 Jo 3, 1). E Aquele de quem tantas vezes está escrito: Eu vivo, diz o Senhor, pôde dizer depois, na linguagem do seu Apóstolo: Eu vivo, já não eu, mas o homem

vive em mim (Gl 2, 20); A minha vida é o homem, e morrer pelo homem é o meu lucro (Fl 1, 21); A minha vida está escondida com o homem em Deus (Cl 3, 3). Aquele que habitava em si mesmo habita agora em nós; e Aquele que vivia pelos séculos no seio do seu Pai eterno (Jo 1, 18) tornou-se depois mortal no regaço de sua Mãe temporal. Aquele que vivia eternamente de sua vida divina viveu temporalmente da vida humana; e Aquele que por toda a eternidade nunca fora senão Deus será eternamente, para sempre, também homem — de tal modo o amor do homem arrebatou a Deus e o levou ao êxtase!

6. Muitas vezes admirou por dileção, como fez com o Centurião e com a Cananeia (Mt 8, 10; 15, 28). 7. Contemplou o jovem que até então guardara os mandamentos e desejava ser encaminhado à perfeição (Mc 10, 21). 8. Repousou em nós numa amorosa quietude, e mesmo com certa suspensão dos sentidos, no seio de sua Mãe e em sua infância. 9. Teve ternuras admiráveis para com as criancinhas, que tomava nos braços e acariciava amorosamente (Mc 10, 16); para com Marta e Madalena (Jo 11, 5); para com Lázaro, a quem chorou (Jo 11, 35), como chorou também sobre a cidade de Jerusalém (Lc 19, 41). 10. Foi animado por um zelo sem igual que, como diz São Dionísio, se converteu em ciúme, afastando, quanto esteve nele, todo mal de sua amada natureza humana, com risco — ou melhor, ao preço — da própria vida; expulsando o demônio, príncipe deste mundo (Jo 14, 30), que parecia ser o seu rival e companheiro. 11. Teve mil e mil langores amorosos; pois de onde poderiam proceder estas divinas palavras: Devo ser batizado com um batismo, e como me

angustio e me sinto oprimido até que ele se cumpra (Lc 12, 50)? Não via a hora de ser batizado em seu sangue, e definhava enquanto isso não se cumpria, apertando-o o amor que nos tinha, para nos ver libertados, por sua morte, da morte eterna. Assim ficou triste e suou sangue de aflição no jardim das Oliveiras (Mt 26, 37; Lc 22, 43-44), não só pela extrema dor que a sua alma sentia na parte inferior da razão, mas também pelo extremo amor que nos tinha na porção superior dela: a dor lhe dava horror da morte, e o amor lhe dava um desejo extremo dela; de sorte que se travou um combate asperíssimo e uma cruel agonia entre o desejo e o horror da morte, até grande efusão de sangue, que correu como de uma fonte viva, escorrendo até o chão.

12. Enfim, Teótimo, esse divino Enamorado morreu entre as chamas e os ardores da dileção, por causa da infinita caridade que tinha por nós e pela força e virtude do amor; isto é, morreu no amor, pelo amor, para o amor e de amor. Pois, ainda que os cruéis suplícios fossem mais que suficientes para fazer morrer quem quer que fosse, a morte jamais poderia entrar na vida Daquele que tem as chaves da vida e da morte (Ap 1, 18), se o divino amor, que maneja essas chaves, não tivesse aberto as portas à morte para que fosse saquear aquele divino corpo e lhe arrebatar a vida; pois o amor não se contentava de o ter feito mortal por nós, se não o fizesse também morto. Foi por escolha, e não pela força do mal, que morreu: Ninguém me tira a vida, diz ele, mas eu mesmo a deixo e a entrego; tenho poder de a deixar e de a retomar novamente (Jo 10, 17-18). Foi oferecido, diz Isaías (Is 53, 7), porque ele mesmo o quis. E por isso não se diz que o seu

espírito se foi, o deixou e dele se separou; mas, ao contrário, que ele pôs fora o seu espírito, o expirou, o entregou e o depositou nas mãos de seu Pai eterno (Mt 27, 50; Mc 15, 37; Lc 23, 46; Jo 19, 30). De modo que Santo Atanásio observa que ele inclinou a cabeça para morrer, a fim de consentir e ceder à vinda da morte, que de outro modo não teria ousado aproximar-se dele; e, clamando em alta voz, entrega o seu espírito ao Pai (Lc 23, 46), para mostrar que, assim como tinha força e fôlego bastantes para não morrer, tinha também tanto amor que já não podia viver sem fazer reviver por sua morte aqueles que, sem isso, jamais poderiam evitar a morte nem aspirar à verdadeira vida. Por isso a morte do Salvador foi um verdadeiro sacrifício, e sacrifício de holocausto, que ele mesmo ofereceu a seu Pai pela nossa redenção; pois, ainda que as penas e dores de sua Paixão fossem tão grandes e tão fortes que qualquer outro homem teria morrido delas, quanto a ele, jamais teria morrido se não tivesse querido, e se o fogo de sua infinita caridade não tivesse consumido a sua vida. Foi, pois, ele mesmo o sacrificador que se ofereceu a seu Pai e se imolou no amor, ao amor, pelo amor, para o amor e de amor.

Mas, Teótimo, guardai-vos, contudo, de dizer que essa morte amorosa do Salvador se tenha dado à maneira de rapto; pois o objeto pelo qual a sua caridade o levou à morte não era tão amável que pudesse arrebatar para si aquela divina alma. Ela saiu, portanto, do seu corpo à maneira de êxtase, impelida e lançada pela abundância e pela força do amor, como se vê a mirra fazer brotar para fora o seu primeiro licor pela só abundância, sem que a espremam ou a extraiam de modo algum — conforme ele mesmo dizia, como já observamos: Ninguém me tira nem me arrebata a

alma, mas eu a dou voluntariamente. Ó Deus! Teótimo, que fogueira para nos inflamar à prática dos exercícios do santo amor pelo Salvador todo bom, ao vermos que ele os praticou tão amorosamente por nós, que somos tão maus! Portanto, a caridade de Cristo nos impele (2Cor 5, 14).

LIVRO

XI

Da soberana autoridade que o amor sagrado exerce sobre todas as virtudes, ações e perfeições da alma

Capítulos I a XXI

CAPÍTULO I

Quanto todas as virtudes são agradáveis a Deus

A virtude é tão amável por sua própria natureza, que Deus a favorece em toda parte onde a vê. Os pagãos, ainda que inimigos de sua divina Majestade, praticavam por vezes algumas virtudes humanas e civis cuja condição não excedia as forças do espírito racional: ora, bem podeis imaginar, Teótimo, quão pouca coisa era isso. Decerto, ainda que essas virtudes tivessem muita aparência, na verdade eram de pouco valor, por causa da baixeza da intenção dos que as praticavam, os quais quase só trabalhavam pela honra, como diz Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*, V, 12), ou por alguma outra pretensão muito ligeira, como a da conservação da sociedade civil, ou por alguma pequena inclinação que tinham ao bem, a qual, não encontrando grande contrariedade, os levava a miúdas ações de virtude: como, por exemplo, saudarem-se uns aos outros, socorrer os amigos, viver sobriamente, não roubar, servir fielmente aos senhores, pagar o salário aos operários. E, contudo, ainda que isso fosse assim tênue e cercado de muitas imperfeições, Deus ficava agradecido a essa pobre gente e a recompensava abundantemente.

As parteiras a quem Faraó encarregou de fazer perecer todos os varões dos israelitas eram sem dúvida egípcias e pagãs; pois, desculpando-se de não haverem executado a vontade do rei, diziam: *As mulheres hebreias não são como as egípcias, porque conhecem a arte de receber as crianças, e antes que cheguemos até elas já deram à luz* (Ex 1, 15). Desculpa que não teria cabimento se

essas parteiras fossem hebreias; e não é crível que Faraó houvesse dado uma incumbência tão impiedosa contra as hebreias a mulheres hebreias, da mesma nação e da mesma religião. E também Josefo testemunha (*Antiguidades Judaicas*, II, 5) que de fato elas eram egípcias. Ora, por mais egípcias e pagãs que fossem, temeram ofender a Deus com uma crueldade tão bárbara e desnaturada como teria sido o massacre de tantas criancinhas: do que a divina Doçura lhes ficou tão agradecida, que lhes edificou casas (Ex 1, 21), isto é, tornou-as fecundas em filhos e em bens temporais.

Nabucodonosor, rei da Babilônia, combatera em guerra justa contra a cidade de Tiro, que a justiça divina queria castigar; e Deus disse a Ezequiel que, em recompensa, daria o Egito como presa a Nabucodonosor e ao seu exército, *porque*, diz Deus, *trabalharam por mim* (Ez 29, 20). Portanto, acrescenta São Jerônimo no seu Comentário, "aprendemos que, se até mesmo os pagãos fazem algum bem, não ficam sem salário pelo juízo de Deus". Assim também Daniel (Dn 4, 24) exortou o infiel Nabucodonosor a resgatar os seus pecados com esmolas, isto é, a resgatar-se das penas temporais devidas aos seus pecados, com que estava ameaçado. Vedes, pois, Teótimo, quão verdadeiro é que Deus faz caso das virtudes, ainda que praticadas por pessoas que, de resto, são más? Se não houvesse aprovado a misericórdia das parteiras e a justiça da guerra dos babilônios, teria ele tomado o cuidado, pergunto-vos, de as recompensar? E, se Daniel não soubesse que a infidelidade de Nabucodonosor não impediria que Deus aprovasse as suas esmolas, por que lhas teria aconselhado? Decerto o Apóstolo nos assegura (Rm 2, 14) que os pagãos, que não têm a fé, fazem naturalmente o que pertence à lei; e, quando o fazem,

quem pode duvidar de que façam bem e de que Deus o leve em conta? Os pagãos reconheceram que o matrimônio era bom e necessário; viram que convinha educar os filhos nas artes, no amor da pátria, na vida civil, e assim o fizeram: ora, deixo-vos pensar se Deus não achava isso bom, já que dera a luz da razão e o instinto natural com essa intenção.

A razão natural é uma boa árvore que Deus plantou em nós; os frutos que dela provêm não podem ser senão bons: frutos que, em comparação com os que procedem da graça, são na verdade de valor muito pequeno, mas nem por isso de valor nenhum, já que Deus os apreciou e por eles deu recompensas temporais; assim, segundo o grande Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*, V, 15), pagou ele as virtudes morais dos romanos com a vasta extensão e a magnífica reputação de seu Império.

O pecado torna sem dúvida enfermo o espírito, que por isso não pode realizar operações grandes e fortes, mas sim pequenas; pois nem todas as ações dos doentes são doentes: ainda se fala, ainda se vê, ainda se ouve, ainda se bebe. A alma que está em pecado pode fazer bens que, sendo naturais, são recompensados com salários naturais; e, sendo civis, são pagos com moeda civil e humana, isto é, com comodidades temporais. O pecador não está na condição dos demônios, cuja vontade de tal modo está embebida e incorporada ao mal, que não pode querer bem algum. Não, Teótimo, o pecador neste mundo não é assim: ele está ali, no meio do caminho entre Jerusalém e Jericó, ferido de morte, mas ainda não morto; pois, diz o Evangelho (Lc 10, 30), foi deixado meio vivo; e, como está meio vivo, pode também fazer ações meio vivas. Na verdade não conseguiria caminhar, nem levantar-se, nem gritar por socorro, nem sequer falar, a não ser languidamente, por

causa do coração desfalecido; mas bem pode abrir os olhos, mexer os dedos, suspirar, dizer alguma palavra de queixa: ações fracas, e não obstante as quais morreria miseravelmente sobre o próprio sangue, se o misericordioso Samaritano não lhe houvesse aplicado o seu óleo e o seu vinho, e não o houvesse levado à hospedaria para o fazer cuidar e tratar às suas próprias custas. A razão natural está grandemente ferida e como que meio morta pelo pecado; por isso, em tão mau estado, não pode observar todos os mandamentos, que bem vê, contudo, serem convenientes; conhece o seu dever, mas não o pode cumprir, e os seus olhos têm mais clareza para lhe mostrar o caminho do que as suas pernas têm força para o empreender.

O pecador pode, na verdade, observar alguns dos mandamentos aqui e ali; pode até observá-los todos por algum tempo, enquanto não se apresenta ocasião de vulto em que seja preciso praticar as virtudes mandadas, nem tentação premente de cometer o pecado proibido. Mas que o pecador possa viver longo tempo em seu pecado sem lhe acrescentar outros novos, decerto isso não é possível sem uma proteção especial de Deus. Pois os inimigos do homem são ardentes, inquietos e em perpétua ação para o precipitar; e, quando veem que não surge ocasião de praticar as virtudes ordenadas, suscitam mil tentações para nos fazer cair nas coisas proibidas; e então a natureza, sem a graça, não se pode livrar do precipício: pois, se vencemos, é Deus quem nos dá a vitória por Jesus Cristo, como diz São Paulo (1Cor 15, 57). *Vigiai e orai, para que não entreis em tentação* (Mt 26, 41). Se Nosso Senhor nos dissesse apenas: Vigiai, pensaríamos poder fazer bastante por nós mesmos; mas, quando acrescenta: orai, mostra

que, se ele não guardar as nossas almas no tempo da tentação, *em vão vigiarão os que as guardam* (Sl 126, 2).

CAPÍTULO II

Que o amor sagrado torna as virtudes muito mais agradáveis a Deus do que elas o são por sua própria natureza

Os mestres das coisas do campo admiram a fresca inocência e pureza dos pequenos morangos; porque, ainda que rastejem pela terra e sejam continuamente pisados por serpentes, lagartos e outros bichos peçonhentos, não recebem contudo impressão alguma do veneno, nem adquirem qualidade maligna alguma: sinal de que não têm afinidade nenhuma com o veneno. Tais são, pois, as virtudes humanas, Teótimo: as quais, ainda que se encontrem num coração baixo, terreno e grandemente ocupado pelo pecado, nem por isso ficam infectadas de sua malícia, sendo de uma natureza tão franca e inocente que não pode ser corrompida pela companhia da iniquidade; segundo o próprio Aristóteles disse (Tratado do Amor de Deus, livro X, cap. 15), "que a virtude era um hábito do qual ninguém pode abusar". E, se as virtudes, sendo assim boas em si mesmas, não são recompensadas com um prêmio eterno quando praticadas pelos infiéis ou por aqueles que estão em pecado, não há por que espantar-se; pois o coração pecador do qual procedem não é capaz do bem eterno, tendo-se de resto desviado de Deus; e, pertencendo a herança celeste ao Filho de Deus, ninguém deve ser a ela associado que não esteja nele e não seja seu irmão adotivo. Sem falar que o pacto pelo qual Deus promete o Paraíso só diz respeito

aos que estão em sua graça, e que as virtudes dos pecadores não têm dignidade nem valor senão os de sua natureza, a qual, por consequência, não as pode elevar ao merecimento das recompensas sobrenaturais — que por isso mesmo se chamam sobrenaturais, visto que a natureza e tudo o que dela depende não as pode nem dar nem merecer.

Mas as virtudes que se encontram nos amigos de Deus, ainda que não sejam senão morais e naturais segundo a sua própria condição, são no entanto enobrecidas e elevadas à dignidade de obras santas, por causa da excelência do coração que as produz. É uma das propriedades da amizade tornar agradável o amigo e tudo o que nele há de bom e de honesto; a amizade derrama a sua graça e o seu favor sobre todas as ações daquele que se ama, por pouco que sejam capazes disso: os amargores dos amigos são doçuras, as doçuras dos inimigos são amargores. Todas as obras virtuosas de um coração amigo de Deus são dedicadas a Deus; pois o coração que se deu a si mesmo, como não teria dado tudo o que dele depende? Quem dá a árvore sem reserva, não dá também as folhas, as flores e os frutos? *O justo florescerá como a palmeira, crescerá como o cedro do Líbano. Plantados na casa do Senhor, florescerão nos átrios da casa do nosso Deus* (Sl 91, 13). Já que o justo está plantado na casa de Deus, as suas folhas, as suas flores e os seus frutos ali crescem e são dedicados ao serviço de sua Majestade: ele é *como a árvore plantada junto à corrente das águas, que dá o seu fruto a seu tempo; as suas próprias folhas não caem, e tudo o que fizer prosperará* (Sl 1, 3). Não somente os frutos da caridade e as flores das obras que ela ordena, mas as próprias folhas das virtudes morais e naturais tiram uma prosperidade especial do amor do coração que as produz. Se enxertardes uma roseira e puserdes

dentro da fenda do caule um grão de almíscar, as rosas que dela provierem serão todas almiscaradas. Fendei, pois, o vosso coração pela santa penitência, e ponde na fenda o amor de Deus; depois enxertai nele a virtude que quiserdes, e as obras que dela provierem serão perfumadas de santidade, sem que para isso seja necessário outro cuidado.

Os espartanos, tendo ouvido uma sentença muito bela da boca de um homem mau, não julgaram que devesse ser aceita se antes não fosse pronunciada pela boca de um homem de bem; para torná-la, pois, digna de acolhimento, nada mais fizeram senão fazê-la proferir de novo por um homem virtuoso (Tratado do Amor de Deus, livro VIII, cap. 1; Plutarco). Se quiserdes tornar santa a virtude humana e moral de Epiteto, de Sócrates ou de Demades, basta que a façais praticar por uma alma verdadeiramente cristã, isto é, que tenha o amor de Deus. Assim Deus olhou primeiro para o bom Abel, e depois para as suas ofertas (Gn 4, 4); de modo que as ofertas receberam a sua graça e dignidade diante dos olhos de Deus da bondade e da piedade daquele que as apresentava. Ó soberana bondade deste grande Deus, que de tal modo favorece os que o amam, que estima as suas menores açõezinhas, por pouco que sejam boas, e as enobrece de maneira excelente, dando-lhes o título e a qualidade de santas! Ah, é em consideração ao seu Filho bem-amado que ele quer honrar os filhos adotivos, santificando tudo o que neles há de bom: os ossos, os cabelos, as vestes, os sepulcros e até a sombra de seus corpos; a fé, a esperança, o amor, a religião, e mesmo a sobriedade, a cortesia, a afabilidade de seus corações.

Portanto, meus caros irmãos, diz o Apóstolo (1Cor 15, 58), *sede firmes e inabaláveis, abundantes em toda obra do Senhor,*

sabendo que o vosso trabalho não será inútil em Nosso Senhor. E notai, Teótimo, que toda obra virtuosa deve ser tida por obra do Senhor, ainda mesmo quando praticada por um infiel; pois sua divina Majestade disse a Ezequiel que Nabucodonosor e o seu exército haviam trabalhado por ele, porque tinham feito uma guerra legítima e justa contra os tírios (Tratado do Amor de Deus, livro XI, cap. 1); mostrando assim, suficientemente, que a justiça dos injustos é sua, tende para ele e lhe pertence, ainda que os injustos que praticam a justiça não sejam seus, não tendam para ele nem lhe pertençam. Pois, assim como aquele grande profeta e príncipe Jó, ainda que saído de raça pagã e habitante da terra de Hus, nem por isso deixou de pertencer a Deus, assim também as virtudes morais, ainda que provindas de um coração pecador, não deixam de pertencer a Deus. Mas, quando essas mesmas virtudes se encontram num coração verdadeiramente cristão, isto é, dotado do santo amor, então não somente pertencem a Deus, como também não são inúteis em Nosso Senhor; antes, tornam-se fecundas e preciosas diante dos olhos de sua bondade. "Acrescentai a um homem a caridade", diz Santo Agostinho, "e tudo aproveita; tirai-lhe a caridade, e todo o resto já não aproveita". E *aos que amam a Deus todas as coisas concorrem para o bem*, diz o Apóstolo (Rm 8, 28).

CAPÍTULO III

Como há virtudes que a presença do divino amor eleva a uma excelência mais alta que as outras

Mas há virtudes que, em razão de sua natural aliança e correspondência com a caridade, são também muito mais capazes de receber a preciosa influência do amor sagrado e, por consequência, a comunicação de sua dignidade e valor: tais são a fé e a esperança, que, junto com a caridade, olham imediatamente para Deus; e a religião, com a penitência e a devoção, que se empregam na honra de sua divina Majestade. Pois essas virtudes, por sua própria condição, têm tão grande relação com Deus e são tão suscetíveis das impressões do amor celeste, que, para as fazer participar de sua santidade, basta que estejam junto dele, isto é, num coração que ama a Deus. Assim, para dar às uvas o gosto da azeitona, basta plantar a vinha entre as oliveiras; pois, sem se tocarem de modo algum, apenas pela vizinhança, essas plantas farão um recíproco comércio de seus sabores e propriedades, tão grande é a inclinação e a estreita afinidade que têm uma para com a outra.

Decerto todas as flores — exceto as da árvore triste e algumas outras de natureza monstruosa —, todas, digo, se alegram, se abrem e se embelezam à vista do sol, pelo calor vital que recebem de seus raios; mas todas as flores amarelas, e sobretudo aquela a que os gregos chamaram heliotrópio e nós girassol, não somente recebem alegria e comprazimento na presença do sol, mas seguem, num amável giro, os atrativos de seus raios, olhando-o e voltando-se para ele desde o nascer até o poente. Assim, todas as virtudes

recebem novo brilho e uma dignidade excelente pela presença do amor sagrado; mas a fé, a esperança, o temor de Deus, a piedade, a penitência e todas as outras virtudes que por si mesmas tendem particularmente para Deus e para a sua honra, não somente recebem a impressão do divino amor, pela qual são elevadas a grande valor, mas inclinam-se totalmente para ele, associando-se a ele, seguindo-o e servindo-o em todas as ocasiões. Pois, enfim, meu caro Teótimo, a sagrada Palavra atribui uma certa propriedade e força de salvar, de santificar e de glorificar à fé, à esperança, à piedade, ao temor de Deus e à penitência (Mt 9, 22; Rm 3, 2; 1Tm 4, 8; Ecl 1, 17); o que bem testemunha serem virtudes de grande preço, e que, praticadas num coração que tem o amor de Deus, se tornam muito mais fecundas e santas que as outras, as quais por sua natureza não têm tão grande afinidade com o amor sagrado. E aquele que exclama: *Se eu tiver toda a fé, a ponto mesmo de transportar montanhas, e não tiver a caridade, nada sou* (1Cor 13, 2), bem mostra, decerto, que com a caridade essa fé lhe aproveitaria grandemente. A caridade, pois, é uma virtude sem par, que não somente embeleza o coração em que se encontra, mas abençoa e santifica também todas as virtudes que nele encontra, por sua só presença, embalsamando-as e perfumando-as com o seu odor celeste, pelo qual se tornam de grande preço diante de Deus: o que ela faz, contudo, muito mais excelentemente na fé, na esperança e nas demais virtudes que por si mesmas têm uma natureza tendente à piedade.

Por isso, Teótimo, entre todas as ações virtuosas devemos praticar cuidadosamente as da religião e da reverência para com as coisas divinas, as da fé, da esperança e do santíssimo temor de Deus; falando amiúde das coisas celestes, pensando na eternidade

e a ela aspirando, frequentando as igrejas e os ofícios sagrados, fazendo leituras devotas, observando as cerimônias da religião cristã. Pois o santo amor se nutre a contento em meio a esses exercícios e derrama sobre eles as suas graças e propriedades mais abundantemente do que sobre as ações das virtudes simplesmente humanas; assim como o belo arco-íris torna odoríferas todas as plantas sobre as quais desce, mas incomparavelmente mais que todas as do aspálato (Plínio, *História Natural*, XII, 24).

CAPÍTULO IV

Como o divino amor santifica ainda mais excelentemente as virtudes quando elas são praticadas por sua ordem e mandamento

A bela Raquel, depois de haver desejado ardentemente ter descendência de seu querido Jacó, tornou-se fecunda por dois meios, pelos quais teve também filhos de duas maneiras diferentes. Pois, no início de seu matrimônio, não podendo ter filhos do próprio corpo, empregou, como que por empréstimo, o de sua serva Bala, que chamou à sua companhia para o exercício das funções de seu matrimônio, dizendo ao marido: *Tenho Bala, minha criada; toma-a por mulher, une-te a ela, para que dê à luz sobre os meus joelhos e eu tenha filhos dela* (Gn 30, 3). E aconteceu conforme o seu desejo, pois Bala concebeu e deu à luz vários filhos sobre os joelhos de Raquel, que os recebia como verdadeiramente seus, visto que eram gerados de dois corpos, dos quais o de Jacó lhe pertencia pela lei do matrimônio, e o de Bala por obrigação de serviço; e ainda porque a geração deles se fizera

por sua ordem e vontade. Mas teve depois outros dois filhos, não mandados nem ordenados por ela, mas concebidos, saídos e gerados de seu próprio corpo: a saber, José e o querido Benjamim.

Digo-vos agora, meu caro Teótimo, que a caridade e sagrada dileção, cem vezes mais bela que Raquel, casada com o espírito humano, deseja sem cessar produzir santas operações; e, se no princípio não pode dá-las à luz ela mesma, de sua própria extração, pela união sagrada que só a ela é própria, chama as outras virtudes como suas fiéis servas e as associa ao seu matrimônio, mandando ao coração que as empregue, a fim de que delas faça nascer santas operações; operações que, no entanto, ela não deixa de adotar e ter por suas, porque são produzidas por sua ordem e mandamento, e por um coração que lhe pertence — visto que, como declaramos em outro lugar (Tratado do Amor de Deus, livro I, caps. 4 e 6; livro VIII, cap. 1; livro X, cap. 1), o amor é senhor do coração e, por consequência, de todas as obras das outras virtudes feitas com o seu consentimento. Mas, além disso, essa divina dileção não deixa de ter dois atos propriamente saídos e extraídos dela mesma. Um é o amor efetivo, que, como um outro José, usando da plenitude da autoridade real, submete e ordena todo o povo de nossas faculdades, potências, paixões e afetos à vontade de Deus, para que ele seja amado, obedecido e servido sobre todas as coisas, cumprindo desse modo o grande mandamento celeste: *Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito, de todas as tuas forças* (Mc 12, 30). O outro é o amor afetivo, ou afetuoso, que, como um pequeno Benjamim, é grandemente delicado, terno, agradável e amável; mas nisto mais feliz que Benjamim, que a caridade, sua mãe, não morre ao

produzi-lo, antes parece receber nova vida pela suavidade que dele sente.

Assim, pois, Teótimo, as ações virtuosas dos filhos de Deus pertencem todas à sagrada dileção: umas, porque ela mesma as produz de sua própria natureza; outras, porque ela as santifica por sua presença vital; e outras, enfim, pela autoridade e o mandamento que exerce sobre as demais virtudes, das quais as faz nascer. E estas últimas, se na verdade não são tão eminentes em dignidade quanto as ações propriamente e imediatamente saídas da dileção, sobrepujam contudo incomparavelmente as ações que recebem toda a sua santidade da só presença e companhia da caridade.

Um grande general de exército que houver ganhado uma batalha assinalada terá sem dúvida toda a honra da vitória, e não sem causa; pois terá combatido ele mesmo à frente do exército, praticando muitos belos feitos de armas, e, quanto ao resto, terá disposto o exército e depois ordenado e mandado tudo o que se executou: de modo que se julga que fez tudo, ou por si mesmo, combatendo com as próprias mãos, ou por sua direção, mandando nos outros. E, se mesmo algumas tropas amigas sobrevierem de improviso e se juntarem ao exército, nem por isso se deixará de atribuir ao general a honra do que fizeram; porque, ainda que não tenham recebido as suas ordens, serviram-no contudo e seguiram as suas intenções. Mas, contudo, depois de se lhe haver dado toda a glória em conjunto, não se deixa de distribuir as partes dela a cada porção do exército, dizendo o que fizeram a vanguarda, o corpo central e a retaguarda; como se comportaram os franceses, os italianos, os alemães, os espanhóis; e louvam-se até os particulares que se distinguiram no combate. Assim, entre

todas as virtudes, meu caro Teótimo, a glória de nossa salvação e de nossa vitória sobre o inferno é atribuída ao amor divino, que, como príncipe e general de todo o exército das virtudes, realiza todas as façanhas pelas quais obtemos o triunfo. Pois o amor sagrado tem as suas ações próprias, saídas e procedentes dele mesmo, pelas quais faz milagres de armas sobre os nossos inimigos; e, além disso, dispõe, manda e ordena as ações das outras virtudes, que por essa causa se chamam atos mandados ou ordenados pelo amor; e, se enfim algumas virtudes realizam as suas operações sem o mandamento dele, contanto que sirvam à sua intenção, que é a honra de Deus, nem por isso ele deixa de reconhecê-las como suas. Ora, no entanto, ainda que em conjunto digamos, com o divino Apóstolo (1Cor 13, 7), que *a caridade tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*, e em suma que tudo faz, nem por isso deixamos de distribuir em particular às outras virtudes o louvor da salvação dos Bem-aventurados, conforme elas hajam sobressaído em cada um; pois dizemos que a fé salvou uns, a esmola alguns outros, e a temperança, a oração, a humildade, a esperança, a castidade os demais, porque as ações dessas virtudes brilharam nesses santos. Mas sempre também, reciprocamente, depois de se haverem exaltado essas virtudes particulares, é preciso referir toda a sua honra ao amor sagrado, que a todas dá a santidade que possuem. Pois que outra coisa quer dizer o glorioso Apóstolo, ao inculcar que a caridade é benigna, paciente, que tudo crê, tudo espera, tudo suporta, senão que a caridade ordena e manda à paciência que tenha paciência, à esperança que espere e à fé que creia? É verdade, Teótimo, que com isso ele significa ainda que o amor é a alma e a vida de todas as virtudes; como se quisesse dizer que a paciência não é bastante paciente, nem a fé bastante fiel, nem

a esperança bastante confiante, nem a mansidão bastante doce, se o amor não as anima e vivifica. E é isso mesmo que nos dá a entender esse mesmo vaso de eleição, quando diz que sem a caridade nada lhe aproveita e que ele nada é; pois é como se dissesse que sem o amor ele não é paciente, nem manso, nem constante, nem fiel, nem esperançoso do modo que convém para ser servo de Deus — o que é o verdadeiro e desejável ser do homem.

CAPÍTULO V

Como o amor sagrado mistura a sua dignidade entre as outras virtudes, aperfeiçoando a que lhes é própria

"Vi em Tívoli", diz Plínio (*História Natural*, XVII, 16), "uma árvore enxertada de todas as maneiras com que se pode enxertar, e que dava toda sorte de frutos; pois num ramo encontravam-se cerejas, noutro nozes, e nos demais uvas, figos, romãs, maçãs e, em geral, todas as espécies de frutos". Isso, Teótimo, era admirável; mas muito mais ainda o é ver, no homem cristão, a divina dileção sobre a qual todas as virtudes estão enxertadas: de maneira que, assim como daquela árvore se podia dizer que era cerejeira, macieira, nogueira, romãzeira, também da caridade se pode dizer que é paciente, doce, valente, justa; ou antes, que é a própria paciência, a própria doçura e a própria justiça.

Mas a pobre árvore de Tívoli não durou muito, como o mesmo Plínio testemunha, porque essa variedade de produções logo lhe esgotou o humor radical e a ressecou de tal modo que morreu. Ao contrário, a dileção reforça-se e revigora-se ao dar muitos frutos no exercício de todas as virtudes; antes, como

notaram os nossos santos Padres, ela é insaciável no afeto que tem de frutificar, e não cessa de instar o coração em que se encontra, como Raquel fazia com o marido, dizendo: *Dá-me filhos, do contrário morrerei* (Gn 30, 1). Ora, os frutos das árvores enxertadas são sempre conforme o enxerto; pois, se o enxerto é de macieira, dará maçãs, se de cerejeira, dará cerejas — de tal modo, contudo, que esses frutos sempre guardam algo do gosto do tronco. E do mesmo modo, Teótimo, os nossos atos tomam o nome e a espécie das virtudes particulares de que são saídos, mas tiram da sagrada caridade o sabor de sua santidade; pois a caridade é a raiz e a fonte de toda santidade no homem. E, assim como o tronco comunica o seu sabor a todos os frutos que os enxertos produzem, de tal sorte que cada fruto nem por isso deixa de guardar a propriedade natural do enxerto de que procedeu, assim a caridade de tal modo derrama a sua excelência e dignidade nas ações das outras virtudes, que deixa contudo a cada uma delas o valor e a bondade particulares que tem de sua condição natural.

Todas as flores perdem o uso de seu brilho e de sua graça em meio às trevas da noite; mas, pela manhã, o sol, ao tornar essas mesmas flores visíveis e agradáveis, não iguala contudo as suas belezas e as suas graças; e a sua claridade, derramada igualmente sobre todas, torna-as no entanto desigualmente claras e resplandecentes, conforme se encontrem mais ou menos suscetíveis dos efeitos de seu esplendor. E a luz do sol, por igual que seja sobre a violeta e sobre a rosa, nunca igualará contudo a beleza daquela à beleza desta, nem a graça de uma margarida à do lírio; mas, no entanto, se a luz do sol fosse muito clara sobre a violeta e muito obscurecida pelas névoas sobre a rosa, então sem dúvida tornaria a violeta mais agradável aos olhos do que a rosa.

Assim, meu Teótimo, se com igual caridade um sofre a morte do martírio e outro a fome do jejum, quem não vê que o preço desse jejum não será por isso igual ao do martírio? Não, Teótimo; pois quem ousaria dizer que o martírio, em si mesmo, não seja mais excelente que o jejum? E, se é mais excelente, a caridade que sobrevém, não lhe tirando a excelência que tem, mas antes aperfeiçoando-a, deixar-lhe-á por consequência as vantagens que naturalmente tinha sobre o jejum. Decerto nenhum homem de bom senso igualará a castidade conjugal à virgindade, nem o bom uso das riquezas à inteira renúncia delas. E quem ousaria dizer que a caridade, sobrevindo a essas virtudes, lhes tirasse as suas propriedades e privilégios? Pois ela não é uma virtude que destrói e empobrece, mas que abençoa, vivifica e enriquece tudo o que encontra de bom nas almas que governa. Antes, tão longe está o amor celeste de tirar às virtudes as preeminências e dignidades que naturalmente possuem, que, ao contrário, tendo a propriedade de aperfeiçoar as perfeições que encontra, quanto maiores são as perfeições que acha, tanto mais grandemente as aperfeiçoa: como o açúcar nas compotas de tal modo tempera os frutos com a sua doçura, que, adoçando-os a todos, deixa-os contudo desiguais em gosto e suavidade, conforme sejam desigualmente saborosos por natureza; e nunca torna os pêssegos e as nozes tão doces nem tão agradáveis quanto os damascos e os mirobálanos.

É verdade, todavia, que, se a dileção for ardente, poderosa e excelente num coração, também enriquecerá e aperfeiçoará mais todas as obras das virtudes que dele procederem. Pode-se sofrer a morte e o fogo por Deus sem ter a caridade, como São Paulo pressupõe (1Cor 13, 3) e como declaro em outro lugar (Tratado do Amor de Deus, livro X, cap. 8); com maior razão se pode

sofrê-la com uma pequena caridade. Ora, digo, Teótimo, que bem pode acontecer que uma virtude muito pequena tenha mais valor numa alma em que o amor sagrado reina ardentemente do que o próprio martírio numa alma em que o amor está lânguido, fraco e lento. Assim, as miúdas virtudes de Nossa Senhora, de São João e dos outros grandes santos eram de maior preço diante de Deus do que as mais elevadas de muitos santos inferiores; como muitos dos pequenos impulsos amorosos dos Serafins são mais inflamados que os mais elevados dos Anjos da última ordem, e como o canto dos rouxinóis aprendizes é incomparavelmente mais harmonioso que o dos pintassilgos mais bem ensinados.

Pireico, no fim de seus anos, só pintava em pequeno formato e coisas de pouca monta: lojas de barbeiros, de sapateiros, burrinhos carregados de ervas e semelhantes miudezas; o que fazia, como Plínio julga (*História Natural*, XXXV, 10), para adormecer a sua grande fama; e por isso o chamaram, afinal, pintor de baixa estofa. E, contudo, a grandeza de sua arte aparecia de tal modo nessas obras humildes, que estas se vendiam por mais que os grandes trabalhos dos outros. Assim, Teótimo, as pequenas simplicidades, abjeções e humilhações em que tanto se comprazeram os grandes santos, para se esconderem e pôr o coração a salvo da vanglória, tendo sido feitas com uma grande excelência da arte e do ardor do amor celeste, foram achadas mais agradáveis diante de Deus do que as grandes ou ilustres obras de muitos outros, feitas com pouca caridade e devoção.

A sagrada Esposa fere o seu Esposo com um só de seus cabelos (Ct 4, 9), os quais ele tanto estima que os compara aos rebanhos das cabras de Galaad (Ct 6, 4); e mal acaba de louvar os olhos de sua devota amante, que são as partes mais nobres de todo o rosto,

logo louva a cabeleira, que é a mais frágil, vil e desprezível: para que se soubesse que, numa alma tomada do divino amor, os exercícios que parecem muito insignificantes são não obstante grandemente agradáveis a sua divina Majestade.

CAPÍTULO VI

Da excelência do valor que o amor sagrado dá às ações saídas dele mesmo e às que procedem das outras virtudes

Mas — direis vós —, qual é, peço-vos, esse valor que o santo amor dá às nossas ações? Ó meu Deus, Teótimo! Decerto eu não teria a ousadia de dizê-lo, se o próprio Espírito Santo não o houvesse declarado em termos muito expressos pelo grande apóstolo São Paulo, que assim fala (2Cor 4, 17): *O que em nossa tribulação é presentemente momentâneo e leve opera em nós, sem medida, na sublimidade, um peso eterno de glória.* Por amor de Deus, pesemos estas palavras. As nossas tribulações, que são tão leves que passam num momento, operam em nós o peso sólido e estável da glória. Vede, por favor, estas maravilhas: a tribulação produz a glória, a leveza dá o peso, e os momentos operam a eternidade!

Mas quem pode dar tanta virtude a esses momentos passageiros e a tribulações tão leves? A escarlata e a púrpura, ou o fino carmesim violeta, é um pano grandemente precioso e régio; mas não por causa da lã, e sim por causa da tintura. As obras dos bons cristãos são de tão grande valor, que por elas nos dão o Céu; mas, Teótimo, não é porque procedem de nós e são a lã de nossos corações, e sim porque estão tingidas no sangue do Filho de Deus: quero dizer, porque o Salvador santifica as nossas obras pelo

mérito de seu sangue. O sarmento unido e ligado à videira dá fruto não por virtude própria, mas pela virtude da videira; ora, nós estamos unidos pela caridade ao nosso Redentor como os membros à cabeça (Ef 4, 15); por isso os nossos frutos e boas obras, tirando dele o seu valor, merecem a vida eterna. A vara de Aarão estava seca, incapaz de frutificar por si mesma; mas, quando o nome do sumo sacerdote foi escrito sobre ela, numa só noite lançou as suas folhas, as suas flores e os seus frutos (Nm 17, 8). Quanto a nós, somos ramos secos, inúteis, infrutíferos, que *não somos capazes de pensar coisa alguma por nós mesmos como de nós mesmos, mas toda a nossa suficiência vem de Deus*, que nos tornou ministros idôneos (2Cor 3, 5) e capazes de sua vontade; e, portanto, logo que pelo santo amor o nome do Salvador, grande Bispo de nossas almas (1Pd 2), está gravado em nossos corações, começamos a dar frutos deliciosos para a vida eterna. E, assim como as sementes que por si mesmas só produziriam melões de gosto insosso produzem melões açucarados e moscatéis se forem embebidas em água adoçada ou almiscarada, assim os nossos corações, que não saberiam conceber um só bom pensamento para o serviço de Deus, sendo embebidos na sagrada dileção pelo Espírito Santo que habita em nós (Rm 5, 5; 8, 11), produzem ações sagradas que tendem e nos levam à glória imortal. As nossas obras, enquanto provêm de nós, não passam de frágeis canas; mas essas canas tornam-se de ouro pela caridade, e com elas se mede a Jerusalém celeste (Ap 21, 15), que nos é dada nessa medida; pois tanto aos homens como aos Anjos se distribui a glória segundo a caridade e as ações dela, de sorte que *a medida do Anjo é a mesma do homem* (Ap 21, 17); e Deus retribuiu e retribuirá a cada um segundo as suas obras, como toda a divina Escritura nos ensina, a

qual nos destina a felicidade e a alegria eterna do Céu como recompensa dos trabalhos e das boas ações que houvermos praticado na terra.

Recompensa magnífica, e que traz o cunho da grandeza do Senhor a quem servimos; o qual, na verdade, Teótimo, poderia, se lhe aprouvesse, exigir de nós com toda a justiça a nossa obediência e o nosso serviço sem nos propor prêmio nem salário algum, já que somos seus por mil títulos legitimíssimos e nada podemos fazer que valha senão nele, por ele, para ele, e que não venha dele. Mas a sua bondade, contudo, não dispôs assim; antes, em consideração ao seu Filho, nosso Salvador, quis tratar conosco por preço ajustado, recebendo-nos a soldo e obrigando-se por promessa para conosco a pagar-nos, segundo as nossas obras, com salários eternos. Ora, não é que o nosso serviço lhe seja necessário ou útil; pois, depois de havermos feito tudo o que nos mandou, devemos ainda confessar, por uma humílima verdade ou verdadeira humildade, que de fato somos servos muito inúteis (Lc 17, 10) e muito infrutíferos para o nosso Senhor, o qual, por causa de sua essencial superabundância de bem, não pode receber proveito algum de nós; antes, convertendo todas as nossas obras em nossa própria vantagem e comodidade, faz com que o sirvamos tão inutilmente para ele quanto utilíssimamente para nós, que por trabalhos tão pequenos ganhamos recompensas tão grandes.

Não estava, pois, obrigado a pagar-nos o nosso serviço, se o não houvesse prometido. Mas não penseis, contudo, Teótimo, que nessa promessa ele tenha querido manifestar de tal modo a sua bondade que se esquecesse de glorificar a sua sabedoria; pois, ao contrário, observou nela muito exatamente as regras da equidade, misturando admiravelmente a justa medida com a liberalidade.

Pois as nossas obras são na verdade extremamente pequenas e de modo algum comparáveis à glória em sua quantidade; mas são-lhe, contudo, muito proporcionadas em qualidade, por causa do Espírito Santo que, habitando em nossos corações pela caridade (Rm 5, 5), as faz em nós, por nós e para nós, com uma arte tão primorosa, que as mesmas obras que são todas nossas são ainda mais todas suas: porque, assim como ele as produz em nós, também nós reciprocamente as produzimos nele; assim como as faz para nós, nós as fazemos para ele; e, assim como as opera conosco, também nós cooperamos com ele.

Ora, o Espírito Santo habita em nós se somos membros vivos de Jesus Cristo, que por essa razão dizia aos seus discípulos: *Quem permanece em mim, e eu nele, esse dá muito fruto* (Jo 15, 5). E isso, Teótimo, porque quem permanece nele participa de seu divino Espírito, o qual está no meio do coração humano como uma fonte viva que jorra e impele as suas águas até a vida eterna (Jo 4, 14). Assim o óleo de bênção derramado sobre o Salvador, como sobre a cabeça da Igreja tanto militante quanto triunfante, espalha-se sobre a sociedade dos Bem-aventurados, que, como a barba sagrada desse divino Mestre, estão sempre presos ao seu rosto glorioso, e destila ainda sobre a companhia dos fiéis que, como vestes, estão juntos e unidos pela dileção a sua divina Majestade; tendo uma e outra tropa, por serem compostas de irmãos germanos, motivo para exclamar nesta ocasião: *Oh, como é coisa boa e agradável ver os irmãos bem unidos! É como o unguento que desce sobre a barba, a barba de Aarão, e até a orla de sua veste* (Sl 132, 1-2).

Assim, pois, as nossas obras, como um pequeno grão de mostarda (Mt 13, 31), não são de modo algum comparáveis em

grandeza com a árvore da glória que produzem; mas têm, contudo, o vigor e a virtude de operá-la, porque procedem do Espírito Santo, que, por uma admirável infusão de sua graça em nossos corações, torna suas as nossas obras, deixando-as ao mesmo tempo nossas; visto que somos membros de uma Cabeça da qual ele é o Espírito, e enxertados numa árvore da qual ele é a seiva divina. E, porque desse modo ele age em nossas obras, e porque de certa maneira nós operamos ou cooperamos em sua ação, ele nos deixa, por nossa parte, todo o mérito e proveito de nossos serviços e boas obras, e nós lhe deixamos também toda a honra e todo o louvor, reconhecendo que o começo, o progresso e o fim de todo o bem que fazemos dependem de sua misericórdia, pela qual ele veio a nós e nos preveniu, veio em nós e nos assistiu, veio conosco e nos conduziu, acabando o que havia começado (Fl 1, 6). Mas, ó Deus, Teótimo, quão misericordiosa é para conosco esta bondade nessa partilha! Nós lhe damos a glória de nossos louvores — ai de nós! — e ele nos dá a glória de seu gozo; e, em suma, por estes leves e passageiros trabalhos adquirimos bens que hão de durar por toda a eternidade. Assim seja.

CAPÍTULO VII

Que as virtudes perfeitas nunca existem umas sem as outras

Dizem que o coração é a primeira parte do homem a receber a vida pela união com a alma, e o olho, a última (Aristóteles, *Da Geração dos Animais*, II, 4); ao contrário, quando se morre de morte natural, o olho é o primeiro a começar a morrer, e o coração, o último. Ora, quando o coração começa a viver, antes que as outras

partes estejam animadas, a sua vida é, sem dúvida, muito débil, tenra e imperfeita; mas, à medida que ela se estabelece mais inteiramente no resto do corpo, torna-se também mais vigorosa em cada parte, e particularmente no coração. E vemos que, quando a vida é atingida em algum membro, ela desfalece em todos os outros. Se um homem é ferido no pé ou no braço, todo o resto se incomoda, se abala, se ocupa e se altera; se temos dor no estômago, os olhos, a voz, o rosto inteiro se ressentem — tamanha é a correspondência que há entre todas as partes do homem para o gozo da vida natural.

Nem todas as virtudes se adquirem juntas, num só instante, mas umas depois das outras, à medida que a razão, que é como a alma do nosso coração, se apodera ora de uma paixão, ora de outra, para moderá-la e governá-la. E, comumente, essa vida da nossa alma começa no coração das nossas paixões, que é o amor, e, estendendo-se a todas as demais, acaba por vivificar até mesmo o entendimento pela contemplação. Ao contrário, a morte moral ou espiritual faz sua primeira entrada na alma pela irreflexão — *a morte entra pelas janelas*, diz o texto sagrado (Jr 9, 21) —, e seu último efeito consiste em arruinar o bom amor, com cuja perda toda a vida moral morre em nós. Ainda que se possam ter algumas virtudes separadas das outras, essas só podem ser virtudes lânguidas, imperfeitas e débeis; pois a razão, que é a vida da nossa alma, nunca está satisfeita nem à vontade numa alma enquanto não ocupa e possui todas as suas faculdades e paixões; e, quando ela é ofendida e ferida em alguma das nossas paixões ou afeições, todas as outras perdem sua força e vigor, e desfalecem estranhamente.

Vede, Teótimo: todas as virtudes são virtudes pela conveniência ou conformidade que têm com a razão; e nenhuma ação pode ser chamada virtuosa se não procede da afeição que o coração dedica à retidão e à beleza da razão. Ora, se o amor da razão possui e anima um espírito, ele fará tudo o que a razão quiser em todas as ocasiões e, por consequência, praticará todas as virtudes. Se Jacó amava Raquel por ser ela filha de Labão, por que desprezava Lia, que era não apenas filha, mas filha mais velha do mesmo Labão? Justamente porque amava Raquel pela beleza que nela encontrou, e por isso nunca soube amar tanto a pobre Lia, ainda que fecunda e sensata, pois ela não era, a seu gosto, tão bela (Gn 29, 16). Quem ama uma virtude pelo amor da razão e da retidão que nela resplandece, amará todas elas, pois em todas encontrará esse mesmo motivo, e amará cada uma mais ou menos, conforme a razão nela apareça mais ou menos resplandecente. Quem ama a generosidade e não ama a castidade mostra bem que não ama a generosidade pela beleza da razão; pois essa beleza é ainda maior na castidade, e onde a causa é mais forte, mais fortes deveriam ser os efeitos. É, portanto, sinal evidente de que aquele coração não é levado à generosidade pelo motivo e pela consideração da razão; donde se segue que essa generosidade, que parece ser virtude, tem apenas a aparência dela, pois não procede da razão, que é o verdadeiro motivo das virtudes, mas de algum outro motivo estranho. Basta certamente a uma criança ter nascido dentro do matrimônio para levar pelo mundo o nome, as armas e as qualidades do marido de sua mãe; mas, para lhe trazer o sangue e a natureza, é preciso que não somente tenha nascido dentro do matrimônio, mas também do matrimônio. As ações têm o nome, as armas e as marcas das virtudes, porque, nascendo

de um coração dotado de razão, parece que sejam razoáveis; contudo, não têm nem a substância nem o vigor delas se provêm de um motivo estranho e adúltero, e não da razão.

Bem pode acontecer, portanto, que algumas virtudes existam num homem a quem faltem as outras; mas serão ou virtudes nascentes, ainda tenras, como flores em botão, ou virtudes que perecem, moribundas, como flores que murcham. Pois, em suma, as virtudes não podem ter sua verdadeira integridade e suficiência senão quando estão todas juntas, como toda a filosofia e toda a teologia nos asseguram. Dizei-me, Teótimo: que prudência pode ter um homem intemperante, injusto e covarde, se ele escolhe o vício e abandona a virtude? E como se pode ser justo sem ser prudente, forte e temperante, se a justiça não é outra coisa senão uma perpétua, forte e constante vontade de dar a cada um o que lhe pertence, e se a ciência pela qual o direito se administra se chama jurisprudência, e se, para dar a cada um o que lhe pertence, é preciso viver com sabedoria e modéstia, impedindo em nós as desordens da intemperança, a fim de darmos a nós mesmos aquilo que nos pertence? E a palavra virtude não significa uma força e um vigor que pertencem à alma como propriedade sua, tal como se diz que as ervas e as pedras preciosas têm esta ou aquela virtude ou propriedade? Mas a prudência não é imprudente no homem intemperante? A fortaleza sem prudência, justiça e temperança não é força, mas furor; e a justiça é injusta no covarde, que não ousa fazê-la, no intemperante, que se deixa arrastar pelas paixões, e no imprudente, que não sabe discernir entre o direito e o torto. A justiça não é justiça se não for prudente, forte e temperante; nem a prudência é prudência se não for temperante, justa e forte; nem a fortaleza é fortaleza se não for justa, prudente e temperante;

nem a temperança é temperança se não for prudente, forte e justa. Em suma: uma virtude não é virtude perfeita se não vier acompanhada de todas as outras.

É bem verdade, Teótimo, que não se podem exercer todas as virtudes ao mesmo tempo, porque as ocasiões não se apresentam todas de uma vez; e há virtudes que alguns dos maiores santos jamais tiveram ocasião de praticar. São Paulo, o primeiro eremita, por exemplo, que ocasião poderia ter de exercer o perdão das injúrias, a afabilidade, a magnificência, a mansidão? E, todavia, tais almas não deixam de estar de tal modo afeiçoadas à retidão da razão que, embora não tenham todas as virtudes quanto ao efeito, têm-nas todas quanto ao afeto, prontas e dispostas a seguir e servir a razão em todas as ocasiões, sem exceção nem reserva.

Há certas inclinações que se tomam por virtudes e não o são, mas apenas favores e vantagens da natureza. Quantas pessoas há que, por sua condição natural, são sóbrias, simples, doces, silenciosas e até mesmo castas e honestas! Ora, tudo isso parece virtude, e todavia não tem o mérito dela, assim como as más inclinações não são dignas de censura alguma enquanto não enxertamos, sobre tais disposições naturais, o livre e voluntário consentimento. Não é virtude comer pouco por natureza, mas é virtude abster-se por escolha; não é virtude ser silencioso por inclinação, mas é virtude calar-se por razão. Muitos julgam ter as virtudes quando apenas não exercem os vícios contrários: aquele que nunca foi atacado pode, é certo, gabar-se de não ter fugido, mas não de ter sido valente; aquele que não é afligido pode louvar-se de não ser impaciente, mas não de ser paciente. Assim, muitos parecem ter virtudes quando, na verdade, têm apenas boas

inclinações; e, porque essas inclinações existem umas sem as outras, supõe-se que as virtudes também sejam assim.

Certamente o grande Santo Agostinho, numa carta que escreve a São Jerônimo, mostra que podemos ter alguma espécie de virtude sem ter as outras, e que, no entanto, não podemos ter nenhuma virtude perfeita sem tê-las todas; mas que, quanto aos vícios, podem-se ter uns sem ter os outros, sendo até impossível tê-los todos juntos. De modo que não se segue que quem perdeu todas as virtudes tenha, por consequência, todos os vícios, pois quase todas as virtudes têm dois vícios opostos, contrários não somente à virtude, mas também contrários entre si. Quem perdeu a valentia pela temeridade não pode ter, ao mesmo tempo, o vício da covardia; e quem perdeu a generosidade pela prodigalidade não pode, ao mesmo tempo, ser censurado por avareza. "Catilina", diz Santo Agostinho, "era sóbrio, vigilante, paciente em suportar o frio, o calor e a fome; por isso parecia a ele mesmo e a seus cúmplices que fosse extremamente constante. Mas essa força não era prudente, pois ele escolhia o mal em lugar do bem; não era temperante, pois se entregava a torpezas vergonhosas; não era justa, pois conspirava contra a própria pátria. Não era, portanto, constância, mas obstinação, que, para enganar os tolos, tomava o nome de constância."

CAPÍTULO VIII

Como a caridade contém todas as virtudes

Um rio saía do lugar das delícias para regar o Paraíso terrestre e, dali, dividia-se em quatro braços (Gn 2, 10). Ora, o homem está

num lugar de delícias, onde Deus faz brotar o rio da razão e da luz natural para regar todo o paraíso do nosso coração; e esse rio se reparte em quatro braços, isto é, toma quatro correntes, conforme as quatro regiões da alma.

Pois, primeiro, sobre o entendimento a que se chama prático — aquele que discerne as ações que convém fazer ou evitar —, a luz natural derrama a prudência, que inclina o nosso espírito a julgar com sabedoria acerca do mal que devemos evitar e afastar, e do bem que devemos fazer e buscar. Segundo, sobre a nossa vontade faz jorrar a justiça, que não é outra coisa senão uma perpétua e firme vontade de dar a cada um o que lhe é devido. Terceiro, sobre o apetite da concupiscência faz correr a temperança, que modera as paixões que ali habitam. E, quarto, sobre o apetite irascível, ou da cólera, faz fluir a fortaleza, que refreia e conduz todos os movimentos da ira.

Ora, esses quatro rios, assim separados, dividem-se depois em muitos outros, a fim de que todas as ações humanas possam ser bem dirigidas à retidão e à felicidade natural. Mas, além disso, querendo Deus enriquecer os cristãos com um favor especial, faz brotar no cume da parte superior do espírito deles uma fonte sobrenatural que chamamos graça, a qual compreende, é certo, a fé e a esperança, mas que consiste sobretudo na caridade, que purifica a alma de todos os pecados, depois a orna e embeleza com uma formosura deliciosíssima e, enfim, espalha suas águas sobre todas as faculdades e operações dela, para dar ao entendimento uma prudência celeste, à vontade uma santa justiça, ao apetite da concupiscência uma temperança sagrada e ao apetite irascível uma fortaleza devota, a fim de que todo o coração humano tenda à

retidão e à felicidade sobrenatural, que consiste na união com Deus.

E, se essas quatro correntes e rios da caridade encontram numa alma alguma das quatro virtudes naturais, reduzem-na à sua obediência, misturando-se com ela para aperfeiçoá-la, como a água perfumada aperfeiçoa a água natural quando ambas se misturam. Mas, se o santo amor assim derramado não encontra na alma as virtudes naturais, então ele mesmo faz todas as operações delas, conforme as ocasiões o exigem. Assim, o amor celeste, encontrando muitas virtudes em São Paulo, em Santo Ambrósio, em São Dionísio, em São Pacômio, derramou sobre elas uma agradável claridade, reduzindo-as todas ao seu serviço; mas, em Madalena, em Santa Maria Egipcíaca, no bom ladrão e em cem outros penitentes semelhantes que haviam sido grandes pecadores, o amor divino, não encontrando virtude alguma, exerceu a função e as obras de todas as virtudes, tornando-se neles paciente, doce, humilde e generoso.

Semeamos nos jardins uma grande variedade de sementes, e cobrimos todas com terra como se as sepultássemos, até que o sol, mais forte, as faça brotar e, por assim dizer, ressuscitar, quando então produzem suas folhas e suas flores com novas sementes, cada uma segundo a sua espécie (Gn 1, 12). De sorte que um único calor celeste produz toda a diversidade dessas produções, por meio das sementes que encontra escondidas no seio da terra. Certamente, meu Teótimo, Deus derramou em nossas almas as sementes de todas as virtudes, as quais, entretanto, estão de tal modo cobertas pela nossa imperfeição e fraqueza que não aparecem, ou aparecem muito pouco, até que o calor vital da dileção sagrada venha animá-las e ressuscitá-las, produzindo por

meio delas as ações de todas as virtudes. Assim como o maná continha em si a variedade dos sabores de todos os alimentos e despertava esse gosto na boca dos israelitas (Sb 16, 20), assim também o amor celeste compreende em si a diversidade das perfeições de todas as virtudes, de um modo tão eminente e elevado que produz todas as ações delas em tempo e lugar, conforme as ocasiões. Josué, é certo, destruiu valorosamente os inimigos de Deus pela boa condução dos exércitos que teve a seu cargo; mas Sansão os destruía ainda mais gloriosamente, matando-os aos milhares com a própria mão, armado de uma queixada de jumento (Jz 15, 15). Josué, com seu comando e sua boa ordem, empregando o valor de suas tropas, fazia maravilhas; mas Sansão, por sua própria força, sem empregar ninguém mais, fazia milagres. Josué tinha sob si a força de muitos soldados; Sansão tinha-a em si, e podia sozinho tanto quanto Josué e muitos soldados juntos poderiam ter feito. O amor celeste sobressai de uma e de outra maneira: pois, encontrando virtudes numa alma (e comumente encontra ao menos a fé, a esperança e a penitência), ele as anima, ordena-lhes e as emprega felizmente no serviço de Deus; e, quanto às demais virtudes que não encontra, ele mesmo faz as funções delas, tendo sozinho tanta força quanto elas, e mais ainda, do que todas juntas poderiam ter.

Certamente, o grande Apóstolo não diz apenas que a caridade nos dá a paciência, a benignidade, a constância, a simplicidade; diz que ela própria é paciente, benigna, constante. E é próprio das virtudes supremas, entre os anjos e entre os homens, poder não somente ordenar às inferiores que operem, mas também poder fazer elas mesmas o que mandam às outras. O bispo distribui os encargos de todas as funções eclesiásticas: abrir a igreja, ler nela,

exorcizar, iluminar, pregar, batizar, sacrificar, dar a comunhão, absolver; e ele mesmo também pode fazer e faz tudo isso, tendo em si uma virtude eminente que abrange todas as outras, inferiores. Assim São Tomás, considerando que São Paulo afirma ser a caridade paciente, benigna, forte, diz: "A caridade faz e cumpre as obras de todas as virtudes" (*Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 4). E Santo Ambrósio, escrevendo a Demétrias, chama a paciência e as demais virtudes de "membros da caridade". E o grande Santo Agostinho diz que o amor de Deus compreende todas as virtudes e realiza em nós todas as operações delas. Eis suas palavras: "Quando se diz que a virtude se divide em quatro" — entende as quatro virtudes cardeais — "diz-se isso, ao que me parece, em razão dos diversos afetos que provêm do amor; de maneira que eu não hesitaria em definir essas quatro virtudes de modo que a temperança seja o amor que se entrega inteiro a Deus; a fortaleza, um amor que suporta de bom grado todas as coisas por Deus; a justiça, um amor que serve somente a Deus e que, por isso mesmo, comanda retamente tudo o que está sujeito ao homem; a prudência, um amor que escolhe o que lhe é proveitoso para se unir a Deus, e rejeita o que lhe é nocivo."

Aquele, portanto, que tem a caridade tem o espírito revestido de uma bela veste nupcial, a qual, como a de José (Gn 37, 3), é semeada de toda a variedade das virtudes; ou, antes, tem uma perfeição que contém a virtude de todas as perfeições, ou a perfeição de todas as virtudes. E assim a caridade é paciente, benigna; não é invejosa, mas bondosa; não comete leviandades, mas é prudente; não se incha de orgulho, mas é humilde; não é ambiciosa nem desdenhosa, mas amável e afável; não é minuciosa em reclamar o que lhe pertence, mas franca e condescendente; não

se irrita, mas é pacífica; não pensa mal algum, mas é benévola; não se alegra com o mal, mas se alegra com a verdade e na verdade; tudo sofre, crê facilmente todo o bem que lhe dizem, sem obstinação, contenda nem desconfiança; tudo espera de bom do próximo, sem jamais perder a coragem de lhe procurar a salvação; tudo suporta, aguardando sem inquietação o que lhe foi prometido (1Cor 13, 4-7). E, para concluir, a caridade é aquele ouro puro e abrasado que Nosso Senhor aconselhava ao bispo de Laodiceia que comprasse (Ap 3, 18), o qual contém o preço de todas as coisas, tudo pode e tudo faz.

CAPÍTULO IX

Que as virtudes tiram sua perfeição do amor sagrado

A caridade é, portanto, o vínculo da perfeição (Cl 3, 14), pois nela e por ela estão contidas e reunidas todas as perfeições da alma; e sem ela não somente não se poderia possuir o conjunto inteiro das virtudes, como nem sequer se pode possuir a perfeição de virtude alguma. Sem o cimento e a argamassa que ligam as pedras e as paredes, todo o edifício se desfaz; sem os nervos, os músculos e os tendões, todo o corpo se desconjuntaria; e, sem a caridade, as virtudes não podem sustentar-se umas às outras. Nosso Senhor liga sempre o cumprimento dos mandamentos à caridade: *Quem tem os meus mandamentos e os observa, esse é que me ama* (Jo 14, 21); *Quem não me ama não guarda os meus mandamentos*; *Se alguém me ama, guardará as minhas palavras*. E, repetindo o mesmo, diz o Discípulo amado: *Quem observa os mandamentos de Deus, nele a caridade de Deus é perfeita* (1Jo 2, 5); e ainda: *Esta*

é a caridade de Deus: que guardemos os seus mandamentos (1Jo 5, 3). Ora, quem tivesse todas as virtudes guardaria todos os mandamentos: pois quem tivesse a virtude da religião observaria os três primeiros mandamentos; quem tivesse a piedade observaria o quarto; quem tivesse a mansidão e a benignidade observaria o quinto; pela castidade se guardaria o sexto; pela generosidade se evitaria violar o sétimo; pela verdade se cumpriria o oitavo; e pela sobriedade e pelo pudor se observariam o nono e o décimo. Se, pois, não se podem guardar os mandamentos sem a caridade, com muito mais razão não se podem, sem ela, ter todas as virtudes.

Pode-se, é certo, ter alguma virtude e permanecer algum tempo sem ofender a Deus, ainda que não se tenha o amor divino; mas, assim como às vezes vemos árvores arrancadas da terra dar ainda alguns frutos, não perfeitos, porém, nem por muito tempo, do mesmo modo um coração separado da caridade pode realmente produzir alguns atos de virtude, mas não por muito tempo.

Todas as virtudes separadas da caridade são muito imperfeitas, pois sem ela não podem chegar ao seu fim, que é tornar o homem feliz. As abelhas, ao nascer, são pequenas larvas e vermes, sem pés, sem asas e sem forma; mas, com o correr do tempo, transformam-se e tornam-se pequenas moscas; e, enfim, quando estão fortes e alcançaram o seu crescimento, então se diz que são abelhas formadas, feitas e perfeitas, porque têm o necessário para voar e fazer o mel. As virtudes têm os seus começos, os seus progressos e a sua perfeição; e eu não nego que sem a caridade elas possam nascer e até mesmo progredir. Mas que tenham a sua perfeição, a ponto de merecer o título de virtudes feitas, formadas e acabadas, isso depende da caridade, que lhes dá a força de voar até Deus e de

colher da misericórdia dele o mel do verdadeiro mérito e da santificação dos corações em que se encontram.

A caridade está entre as virtudes como o sol entre as estrelas: distribui a todas a sua claridade e a sua beleza. A fé, a esperança, o temor e a penitência costumam vir antes dela à alma, para lhe preparar o alojamento; e, quando ela chega, obedecem-lhe e servem-na, como todas as demais virtudes, e ela as anima, as adorna e as vivifica com a sua presença.

As outras virtudes podem ajudar-se reciprocamente e excitar-se umas às outras em suas obras e exercícios; pois quem não sabe que a castidade requer e desperta a sobriedade, e que a obediência nos leva à generosidade, à oração, à humildade? Ora, por essa comunicação que têm entre si, participam das perfeições umas das outras; porque a castidade observada por obediência tem dupla dignidade, a saber, a sua própria e a da obediência — e tem até mais da obediência do que da sua própria. Pois, como diz Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, V, 2), aquele que roubava para poder cometer fornicação era mais fornicador do que ladrão, porquanto toda a sua afeição tendia à fornicação, e do furto só se servia como de uma passagem para chegar a ela; assim também, quem observa a castidade para obedecer é mais obediente do que casto, pois emprega a castidade a serviço da obediência. Contudo, da mistura da obediência com a castidade não pode resultar uma virtude acabada e perfeita, pois a ambas falta a última perfeição, que é o amor. De sorte que, ainda que fosse possível que todas as virtudes se encontrassem juntas num homem e só lhe faltasse a caridade, esse conjunto de virtudes seria, é verdade, um corpo perfeitissimamente acabado em todas as suas partes, tal como foi o de Adão quando Deus, com sua mão mestra, o formou do limo

da terra; mas seria, ainda assim, um corpo sem movimento, sem vida e sem graça, até que Deus lhe inspirasse o sopro da vida (Gn 2, 7), isto é, a sagrada caridade, sem a qual nada nos aproveita (1Cor 13, 3).

De resto, a perfeição do amor divino é tão soberana que aperfeiçoa todas as virtudes e não pode ser aperfeiçoada por nenhuma delas, nem mesmo pela obediência, que é a que mais perfeição pode derramar sobre as outras. Pois, ainda que o amor seja mandado, e ainda que, amando, pratiquemos a obediência, o amor não tira a sua perfeição da obediência, mas da bondade daquele a quem ama; porque o amor não é excelente por ser obediente, mas por amar um bem excelente. Certamente, amando obedecemos, assim como obedecendo amamos; mas, se essa obediência é tão excelentemente amável, é porque ela tende à excelência do amor, e sua perfeição depende não de que, amando, obedecemos, mas de que, obedecendo, amamos. De sorte que, assim como Deus é igualmente o último fim de tudo o que é bom e a sua primeira fonte, do mesmo modo o amor, que é a origem de toda boa afeição, é igualmente o seu último fim e a sua perfeição.

CAPÍTULO X

Digressão sobre a imperfeição das virtudes dos pagãos

Aqueles antigos sábios do mundo fizeram outrora magníficos discursos em honra das virtudes morais e até mesmo em favor da religião; mas o que Plutarco observou a respeito dos estoicos cabe ainda melhor a todos os demais pagãos. Vemos, diz ele, navios que trazem inscrições muito ilustres: há os que se chamam Vitória,

outros, Valentia, outros, Sol; mas nem por isso deixam de estar sujeitos aos ventos e às ondas. Assim os estoicos se gabam de estarem isentos de paixões, sem medo, sem tristeza, sem ira, gente imutável e invariável; mas, de fato, estão sujeitos à perturbação, à inquietação, ao ímpeto e a outros desatinos.

Por Deus, Teótimo, eu vos pergunto: que virtude podiam ter aqueles homens que, voluntariamente e como que de caso pensado, derrubavam todas as leis da religião? Sêneca havia escrito um livro *Contra as superstições*, no qual repreendia com muita liberdade a impiedade pagã. Ora, "essa liberdade", diz o grande Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*, VI, 10 e 11), "encontrou-se em seus escritos, e não em sua vida", pois ele mesmo aconselhava "que se rejeitasse a superstição no coração, mas que não se deixasse de praticá-la nas ações; eis suas palavras: *Tais superstições o sábio observará como coisas mandadas pelas leis, não como coisas agradáveis aos deuses*". Como podiam ser virtuosos aqueles que, segundo relata Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*, XIX, 4), julgavam "que o sábio devia matar-se quando não pudesse ou não devesse mais suportar" as calamidades desta vida? E, contudo, não queriam admitir que as calamidades fossem miseráveis, nem que as misérias fossem calamitosas, mas sustentavam que o sábio era sempre feliz e que a sua vida era bem-aventurada. "Ó que vida bem-aventurada", diz Santo Agostinho, "para escapar da qual se recorre até à morte! Se ela é bem-aventurada, por que não permaneces nela?"

Do mesmo modo, aquele que, entre os estoicos e os capitães, tanto foi louvado pelas cabeças profanas por ter-se matado na cidade de Útica a fim de evitar uma desgraça que julgava indigna de sua vida, realizou tal ação com tão pouca virtude verdadeira

que, como diz Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*, I, 22 e 23), "não deu testemunho de uma coragem que quisesse evitar a desonra, mas de uma alma enferma que não teve firmeza para esperar a adversidade; pois, se julgasse coisa infame viver sob a vitória de César, por que teria mandado que se esperasse na clemência de César? E por que não teria aconselhado o próprio filho a morrer com ele", se a morte era melhor e mais honrosa do que a vida? Matou-se, portanto, ou porque invejou a César a glória que este teria em conceder-lhe a vida, ou porque temeu a vergonha de viver sob um vencedor que odiava. Nisso pode ser louvado por uma coragem rude e, talvez, até grande, mas não por um espírito sábio, virtuoso e constante. A crueldade que se pratica sem emoção e a sangue-frio é a mais cruel de todas, e o mesmo se dá com o desespero; pois aquele que é o mais lento, o mais deliberado, o mais resoluto, é também o menos desculpável e o mais desesperado.

E quanto a Lucrécia — para que não esqueçamos também os feitos do sexo menos corajoso —, ou ela foi casta em meio à violência e ao furor do filho de Tarquínio, ou não foi. Se Lucrécia não foi casta, por que então se louva a castidade de Lucrécia? Se Lucrécia foi casta e inocente naquele acidente, não foi Lucrécia perversa ao matar a inocente Lucrécia? "Se ela foi adúltera, por que é tão louvada? Se foi pudica, por que foi morta?" Mas ela temia o opróbrio e a vergonha diante dos que poderiam crer que a desonra "que sofrera por violência, enquanto estava viva, também teria sido sofrida voluntariamente se, depois dela, tivesse continuado a viver; teve medo de que a julgassem cúmplice do pecado, se aquilo que nela se fizera com torpeza fosse por ela suportado com paciência". E então: para fugir à vergonha e ao

opróbrio, que dependem da opinião dos homens, é preciso esmagar o inocente e matar o justo? É preciso sustentar a honra às custas da virtude, e a reputação com risco da equidade? Tais foram as virtudes dos mais virtuosos pagãos, para com Deus e para consigo mesmos.

E quanto às virtudes que dizem respeito ao próximo, eles pisaram aos pés, e muito descaradamente, por suas próprias leis, a principal delas, que é a piedade. Pois Aristóteles, a maior cabeça entre eles, pronuncia esta horrível e desapiedada sentença: "Quanto à exposição" — isto é, ao abandono — "das crianças, ou à sua criação, seja esta a lei: que não se crie nada daquilo que for privado de algum membro; e, quanto às outras crianças, se as leis e os costumes da cidade proíbem que se abandonem os filhos, e se o número de filhos se multiplica de tal modo em alguém que já tenha o dobro do que suas posses alcançam, é preciso prevenir e procurar o aborto." E Sêneca, esse sábio tão louvado, diz: "Matamos os monstros; e a nossos filhos, se são defeituosos, débeis, imperfeitos ou monstruosos, nós os rejeitamos e abandonamos." De sorte que não é sem razão que Tertuliano censura os romanos por exporem seus filhos às ondas, ao frio, à fome e aos cães; e isso não por força da pobreza, pois, como ele diz, os próprios presidentes e magistrados praticavam essa crueldade desnaturada. Ó verdadeiro Deus, Teótimo, que virtuosos eram esses! E que sábios podiam ser homens que ensinavam uma sabedoria tão cruel e brutal? Ai, diz o grande Apóstolo, *julgando-se sábios, tornaram-se insensatos, e o seu espírito insensato foi obscurecido*; gente entregue a um sentimento réprobo (Rm 1, 21-28). Ah, que horror que um filósofo tão grande aconselhe o aborto! "É antecipar o homicídio", diz Tertuliano, "impedir que

nasça um homem já concebido"; e Santo Ambrósio, repreendendo os pagãos por essa mesma barbárie: "Tira-se a vida aos filhos antes mesmo de lhes ter sido dada."

Certamente, se os pagãos praticaram algumas virtudes, foi na maior parte das vezes em favor da glória do mundo e, por consequência, tiveram da virtude apenas a ação, e não o motivo e a intenção. Ora, a virtude não é verdadeira virtude se não tem a verdadeira intenção. "A cobiça humana fez a força dos pagãos", diz o Concílio de Orange, "e a caridade divina fez a dos cristãos." As virtudes dos pagãos, diz Santo Agostinho, não foram verdadeiras, mas verossímeis, porque não foram exercidas para o fim conveniente, e sim para fins perecíveis: "Fabrício será menos punido do que Catilina, não porque aquele fosse bom, mas porque este foi pior; não porque Fabrício tivesse verdadeiras virtudes, mas porque não esteve tão distante das verdadeiras virtudes. De sorte que, no dia do juízo, as virtudes dos pagãos os defenderão, não para que sejam salvos, mas para que não sejam tão condenados." Entre os pagãos, um vício era removido por outro vício, cedendo os vícios lugar uns aos outros sem deixar nenhum à virtude; e, por esse único vício da vanglória, reprimiam a avareza e muitos outros vícios, chegando às vezes a desprezar a vaidade por vaidade. Assim, um deles, que parecia o mais afastado da vaidade, pisando o leito ricamente ornado de Platão, ouviu deste: "Que fazes, Diógenes?" — "Piso", respondeu ele, "o fausto de Platão." — "É verdade", replicou Platão, "tu o pisas, mas por outro fausto." Que Sêneca foi vaidoso, pode-se depreender de suas últimas palavras; pois o fim coroa a obra, e a última hora julga todas as demais (Tácito, *Anais*, XV, 62). Que vaidade, eu vos pergunto! Estando a ponto de morrer, disse aos amigos que até

aquela hora não pudera agradecer-lhes dignamente e que, por isso, queria deixar-lhes um legado daquilo que tinha em si de mais agradável e de mais belo, e que, se o guardassem cuidadosamente, dele receberiam grandes louvores; acrescentando que esse magnífico legado não era outra coisa senão "a imagem de sua vida". Vede, Teótimo, como os últimos arquejos desse homem cheiram a vaidade.

Não foi o amor da retidão, mas o amor da honra, o que impeliu esses sábios mundanos ao exercício das virtudes; e as suas virtudes foram tão diferentes das verdadeiras virtudes quanto a honra difere da retidão, e o amor do mérito difere do amor da recompensa. Os que servem os príncipes por interesse costumam prestar serviços mais apressados, mais ardentes e mais aparatosos; mas os que servem por amor os prestam mais nobres, mais generosos e, por consequência, mais estimáveis.

Os carbúnculos e os rubis são chamados pelos gregos por dois nomes contrários: chamam-nos *piropos* e *apirotos* (Teofrasto, *Das Pedras*, 3; Plínio, *História Natural*, XXXVII, 7), isto é, de fogo e sem fogo, ou então, inflamados e sem chama. Chamam-nos ígneos, de fogo, brasas ou carbúnculos, porque se assemelham ao fogo no brilho e no esplendor; mas chamam-nos sem fogo, ou, por assim dizer, ininflamáveis, porque não somente o seu brilho não tem calor algum, mas nem sequer são suscetíveis de calor, e não há fogo que os possa aquecer. Assim os nossos antigos Padres chamaram as virtudes dos pagãos, ao mesmo tempo, virtudes e não virtudes: virtudes, porque delas têm o brilho e a aparência; não virtudes, porque não somente lhes faltou aquele calor vital do amor de Deus, único capaz de aperfeiçoá-las, mas também porque não eram capazes de recebê-lo, uma vez que se achavam em pessoas

infiéis. "Havendo naquele tempo", diz Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*, V, 12), "dois romanos grandes em virtude, César e Catão, a virtude de Catão foi muito mais próxima da verdadeira virtude do que a de César." E, tendo dito em certa passagem que "os filósofos, destituídos da verdadeira piedade, haviam resplandecido com a luz da virtude", desdisse-se no livro de suas *Retratações*, julgando que esse louvor era grande demais para virtudes tão imperfeitas como foram as dos pagãos, as quais, na verdade, se assemelham àqueles vaga-lumes que só brilham em meio à noite e, chegado o dia, perdem o seu brilho. Pois, do mesmo modo, essas virtudes pagãs só são virtudes em comparação com os vícios; mas, em comparação com as virtudes dos verdadeiros cristãos, de modo algum merecem o nome de virtudes.

Contudo, porque têm alguma coisa de bom, podem ser comparadas às maçãs bichadas: pois têm a cor, e aquele pouco de polpa que lhes resta é tão bom quanto o das virtudes inteiras; mas no meio está o verme da vaidade, que as estraga. Por isso, quem delas quiser servir-se deve separar o bom do mau. Concedo de bom grado, Teótimo, que houvesse alguma firmeza de coragem em Catão, e que essa firmeza fosse louvável em si mesma; mas quem quiser valer-se do seu exemplo, que o faça em matéria justa e boa: não dando a si mesmo a morte, mas sofrendo-a quando a verdadeira virtude o exigir; não pela vaidade da glória, mas pela glória da verdade — como aconteceu com os nossos mártires, os quais, com coragem invencível, fizeram tantos milagres de constância e valor que os Catões, os Horácios, os Sênecas, as Lucrécias, as Árrias não merecem, decerto, consideração alguma em comparação. Testemunhas disso são os Lourenços, os Vicentes, os Vitais, os Erasmos, os Eugênios, os Sebastiões, as

Águedas, as Ineses, as Catarinas, as Perpétuas, as Felicidades, as Sinforosas, as Natálias, e mil milhares de outros; os quais me fazem admirar todos os dias os admiradores das virtudes pagãs, não tanto por admirarem desordenadamente as virtudes imperfeitas dos pagãos, quanto por não admirarem em nada as virtudes perfeitíssimas dos cristãos — virtudes cem vezes mais dignas de admiração e as únicas dignas de imitação.

CAPÍTULO XI

Como as ações humanas não têm valor algum quando são feitas sem o amor divino

O grande amigo de Deus, Abraão, teve de Sara, sua esposa principal, apenas o seu único e caríssimo Isaac, que foi também o seu único herdeiro universal; e, embora tivesse ainda Ismael, de Agar, e vários outros filhos de Cetura, suas mulheres servas e menos principais, deu-lhes contudo apenas alguns presentes e legados, para afastá-los e deserdá-los, porque, não sendo reconhecidos pela esposa principal, também não podiam suceder-lhe. Ora, não foram reconhecidos porque, quanto aos filhos de Cetura, todos nasceram depois da morte de Sara (Gn 25, 1); e, quanto a Ismael, ainda que sua mãe Agar o tivesse concebido por autoridade de Sara, sua senhora, todavia, vendo-se grávida, desprezou-a (Gn 16, 4), e não deu à luz aquele filho sobre os joelhos dela, como Bala deu os seus sobre os joelhos de Raquel. Teótimo, só os filhos — isto é, os atos — da santíssima caridade é que são herdeiros de Deus e coerdeiros de Jesus Cristo (Rm 8, 17), junto com os filhos ou atos que as outras virtudes concebem e dão

à luz sobre os joelhos dela, por ordem sua, ou ao menos sob as asas e o favor de sua presença. Mas, quando as virtudes morais, e até mesmo as virtudes sobrenaturais, produzem suas ações na ausência da caridade — como fazem entre os cismáticos, segundo relata Santo Agostinho, e às vezes entre os maus católicos —, essas ações não têm valor algum para o Paraíso; nem mesmo a esmola, ainda que nos levasse a distribuir todos os nossos bens aos pobres; nem tampouco o martírio, ainda que entregássemos o nosso corpo às chamas para ser queimado. Não, Teótimo: sem a caridade, diz o Apóstolo, tudo isso de nada serviria (1Cor 13, 3), como mostramos mais amplamente em outro lugar (Livro X, cap. 8).

Ora, há mais: quando, na produção das ações das virtudes morais, a vontade se torna desobediente à sua senhora, que é a caridade — como quando, pelo orgulho, pela vaidade, pelo interesse temporal ou por algum outro mau motivo, as virtudes são desviadas de sua própria natureza —, então, certamente, essas ações são expulsas e banidas da casa de Abraão e da companhia de Sara, isto é, ficam privadas do fruto e dos privilégios da caridade e, por consequência, permanecem sem valor e sem mérito. Pois tais ações, assim infectadas por uma má intenção, são de fato mais viciosas do que virtuosas, já que da virtude só têm o corpo exterior, pertencendo o interior ao vício que lhes serve de motivo — testemunhas disso são os jejuns, as ofertas e as demais ações do fariseu (Lc 18, 12).

Mas, enfim, além disso: assim como os israelitas viveram pacificamente no Egito enquanto viveram José e Levi, e logo após a morte de Levi foram tiranicamente reduzidos à servidão, donde veio o provérbio dos judeus — "Morto um dos irmãos, os outros são oprimidos" (conforme se relata na *Grande Cronologia dos*

Hebreus, cap. 3, publicada pelo sábio arcebispo de Aix, Gilberto Génébrard, a quem nomeio por honra e com consolação, por ter sido seu discípulo, ainda que inutilmente, quando ele era leitor régio em Paris e explicava o Cântico dos Cânticos) —, do mesmo modo os méritos e os frutos das virtudes, tanto morais quanto cristãs, subsistem muito docemente e tranquilamente na alma enquanto a sagrada dileção nela vive e reina; mas, tão logo o amor divino ali morre, todos os méritos e frutos das outras virtudes morrem com ele. E são essas as obras que os teólogos chamam mortificadas, porque, tendo nascido vivas, sob o favor da dileção, e como um Ismael na família de Abraão, perdem depois a vida e o direito de herdar, pela desobediência e rebelião subsequente da vontade humana, que é sua mãe.

Ó Deus, Teótimo, que desgraça! *Se o justo se desviar de sua justiça e cometer a iniquidade, não haverá mais memória de todas as suas obras de justiça: morrerá em seu pecado*, diz Nosso Senhor por Ezequiel (Ez 18, 24; 33, 13). De sorte que o pecado mortal arruína todo o mérito das virtudes; pois, quanto àquelas que se praticam enquanto ele reina na alma, nascem de tal modo mortas que são para sempre inúteis para a pretensão da vida eterna; e, quanto àquelas que foram praticadas antes que ele fosse cometido, isto é, enquanto a dileção sagrada vivia na alma, o seu valor e o seu mérito perecem e morrem de repente à chegada dele, não podendo conservar a vida depois da morte da caridade que lha havia dado.

O lago a que os profanos comumente chamam Asfaltite, e os autores sagrados, mar Morto, tem uma maldição tão grande que nada do que nele se põe pode viver: quando os peixes do rio Jordão dele se aproximam, morrem, se prontamente não retornam rio acima; as árvores de suas margens nada produzem de vivo e,

embora os seus frutos tenham a aparência e a forma exterior semelhantes aos frutos das outras regiões, quando se os quer colher descobre-se que não passam de cascas e películas cheias de cinzas, que se dispersam ao vento — marcas dos pecados infames pela punição dos quais aquela região, povoada por quatro cidades opulentas, foi outrora convertida nesse abismo de fedor e de infecção. E nada, ao que parece, pode representar melhor a desgraça do pecado do que esse lago abominável, que teve sua origem na mais execrável desordem que a carne humana pode cometer. O pecado, portanto, como um mar Morto e mortífero, mata tudo o que dele se aproxima: nada vive de tudo o que nasce na alma que ele ocupa, nem de tudo o que cresce ao seu redor. Ó Deus, nada absolutamente, Teótimo! Pois o pecado não é somente uma obra morta, mas é de tal modo pestilento e venenoso que as mais excelentes virtudes da alma pecadora não produzem ação alguma viva; e, ainda que às vezes as ações dos pecadores tenham grande semelhança com as ações dos justos, não passam contudo de cascas cheias de vento e de poeira, contempladas, é verdade, e até recompensadas pela Bondade divina com alguns presentes temporais, que lhes são dados como aos filhos das servas, mas cascas que não são nem podem ser saboreadas nem apreciadas pela justiça divina, para serem pagas com salário eterno. Perecem em suas próprias árvores e não podem ser conservadas na mão de Deus, porque estão vazias de verdadeiro valor — como se diz no Apocalipse ao bispo de Sardes (Ap 3, 1), o qual era tido por árvore viva, por causa das muitas virtudes que praticava, e todavia estava morto, porque, estando em pecado, as suas virtudes não eram frutos verdadeiros e vivos, mas cascas mortas e divertimentos para os olhos, e não maçãs saborosas, boas de comer.

De sorte que todos nós podemos lançar esta voz verdadeira, à imitação do santo Apóstolo: *Sem a caridade nada sou, nada me aproveita* (1Cor 13, 2-3); e esta outra, com Santo Agostinho: "Ponde num coração a caridade: tudo aproveita; tirai do coração a caridade: nada aproveita." Ora, quando digo que nada aproveita, refiro-me à vida eterna, ainda que, como dizemos em outro lugar (cap. I deste livro), as obras virtuosas dos pecadores não sejam inúteis para a vida temporal. Mas, Teótimo, meu amigo, *que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro temporalmente e perder a sua alma eternamente*? (Mt 16, 26)

CAPÍTULO XII

Como o santo amor, ao voltar à alma, faz reviver todas as obras que o pecado fizera perecer

As obras, portanto, que o pecador realiza enquanto está privado do santo amor jamais aproveitam para a vida eterna, e por isso são chamadas obras mortas; as boas obras do justo, ao contrário, chamam-se vivas, porquanto o amor divino as anima e vivifica com a sua dignidade. E se, mais tarde, elas perdem a vida e o valor pelo pecado que sobrevém, então são ditas apenas obras amortecidas, extintas ou mortificadas, mas não obras mortas — sobretudo quando se tem em vista os eleitos. Pois, assim como o Salvador, falando da pequenina filha de Jairo, disse que ela não estava morta, mas somente dormia (Mt 9, 24), porque, devendo ser logo ressuscitada, sua morte seria de tão pouca duração que mais se pareceria com um sono do que com uma verdadeira morte, assim também as obras dos justos, e sobretudo dos eleitos, que o

pecado sobrevindo faz morrer, não se dizem obras mortas, mas apenas amortecidas, mortificadas, adormecidas ou desfalecidas, porque, ao próximo retorno da santa dileção, devem — ou ao menos bem podem — reviver e ressuscitar dentro em pouco. O retorno do pecado tira a vida ao coração e a todas as suas obras; o retorno da graça devolve a vida ao coração e a todas as suas obras. Um inverno rigoroso amortece todas as plantas do campo, de sorte que, se durasse sempre, também elas permaneceriam para sempre nesse estado de morte. O pecado, triste e assustadoríssimo inverno da alma, amortece todas as santas obras que nela encontra, e, se durasse sempre, nada jamais recobraria vida nem vigor. Mas, assim como no retorno da bela primavera não somente as novas sementes que se lançam à terra, favorecidas por essa formosa e fecunda estação, germinam e brotam agradavelmente, cada uma segundo a sua qualidade, mas também as velhas plantas que a aspereza do inverno anterior murchara, ressecara e amortecera reverdecem, se revigoram e retomam a sua força e a sua vida — do mesmo modo, uma vez abolido o pecado e voltando à alma a graça do amor divino, não somente as novas afeições que o retorno dessa sagrada primavera traz consigo germinam e produzem muitos méritos e bênçãos, mas também as obras fanadas e murchas sob o rigor do inverno do pecado passado, como que livres de seu inimigo mortal, retomam as forças, se revigoram e, como ressuscitadas, tornam a florescer e a frutificar em méritos para a vida eterna.

Tal é a onipotência do celeste amor, ou o amor da celeste onipotência: *Se o ímpio se afastar de sua impiedade e praticar o juízo e a justiça, vivificará a sua alma; convertei-vos e fazei penitência de vossas iniquidades, e a iniquidade não será a vossa*

ruína, diz o Senhor todo-poderoso (Ez 18, 27). E que quer dizer *a iniquidade não será a vossa ruína*, senão que as ruínas que ela causara serão reparadas? Assim, além de mil carícias que o filho pródigo recebeu do pai, foi restabelecido com vantagem em todos os seus ornamentos e em todas as graças, favores e dignidades que havia perdido (Lc 15, 22); e Jó, imagem inocente do pecador penitente, recebe enfim o dobro de tudo quanto tivera (Jó 42, 10). Na verdade, o santíssimo Concílio de Trento (Sessão 6, cap. 16, sobre a Justificação) quer que se animem os penitentes que voltaram à sagrada dileção do Deus eterno com estas palavras do Apóstolo: *Abundai em toda boa obra, sabendo que o vosso trabalho não é inútil no Senhor* (1Cor 15, 58); *pois Deus não é injusto a ponto de esquecer a vossa obra e a dileção que mostrastes em seu nome* (Hb 6, 10). Deus, portanto, não esquece as obras daqueles que, tendo perdido a dileção pelo pecado, a recobram pela penitência. Ora, Deus esquece as obras quando elas perdem o seu mérito e a sua santidade pelo pecado que sobrevém, e delas se lembra novamente quando voltam à vida e ao valor pela presença do santo amor; de tal maneira que, para que os fiéis sejam recompensados por suas boas obras, tanto pelo acréscimo da graça e da glória futura quanto pelo gozo efetivo da vida eterna, não é necessário que jamais se recaia no pecado, mas basta, segundo o sagrado Concílio (Sessão 6, cân. 32), que se "faleça na graça" e caridade de Deus.

Deus prometeu recompensas eternas às obras do homem justo; mas, se o justo se desvia de sua justiça pelo pecado, *Deus não terá mais memória das justiças e boas obras que ele havia feito* (Ez 18, 24). Se, contudo, esse pobre homem caído em pecado se ergue depois e retorna ao amor divino pela penitência, Deus não se

lembrará mais do seu pecado; e, se não se lembra mais do pecado, então se lembrará das boas obras anteriores e da recompensa que lhes havia prometido, pois o pecado, que sozinho as havia apagado da memória divina, está totalmente riscado, abolido, aniquilado. De sorte que então a justiça de Deus obriga a sua misericórdia — ou antes, a misericórdia de Deus obriga a sua justiça — a olhar de novo para as boas obras passadas, como se jamais as houvesse esquecido; de outro modo, o sagrado penitente não teria ousado dizer ao seu Mestre (Sl 50, 14): *Devolvei-me a alegria da vossa salvação, e confirmai-me com o vosso espírito soberano*. Pois, como vedes, ele não pede somente uma novidade de espírito e de coração, mas pretende que lhe seja devolvida a alegria que o pecado lhe roubara; ora, essa alegria não é outra coisa senão o vinho do celeste amor, *que alegra o coração do homem* (Jz 9, 13; Sl 103, 15).

Neste ponto, o pecado não é como as obras de caridade: pois as obras do justo não são apagadas, abolidas ou aniquiladas pelo pecado que sobrevém, mas somente esquecidas; ao passo que o pecado do ímpio não é apenas esquecido, mas apagado, lavado, abolido, aniquilado pela santa penitência. É por isso que o pecado, sobrevindo ao justo, não faz reviver os pecados outrora perdoados, porquanto estes foram inteiramente aniquilados; mas o amor, voltando à alma do penitente, faz de fato reviver as santas obras de outrora, porque não estavam abolidas, e sim apenas esquecidas. E esse esquecimento das boas obras dos justos, depois que abandonaram a sua justiça e a sua dileção, consiste em que elas se nos tornam inúteis enquanto o pecado nos torna incapazes da vida eterna, que é o seu fruto. E, portanto, assim que, pelo retorno da caridade, somos recolocados na fileira dos filhos de Deus e, por

consequência, tornados capazes da glória imortal, Deus se lembra das nossas boas obras antigas, e elas nos são de novo tornadas frutuosas. Não é razoável que o pecado tenha contra a caridade tanta força quanta a caridade tem contra o pecado, pois o pecado procede da nossa fraqueza, e a caridade, do poder divino: *se o pecado abunda em malícia para arruinar, a graça superabunda para reparar* (Rm 5, 20); e a misericórdia de Deus, pela qual ele apaga o pecado, sempre se exalta e se torna gloriosamente triunfante *contra o rigor do juízo* (Tg 2, 13), pelo qual Deus havia esquecido as boas obras que precederam o pecado. Assim também, sempre, nas curas corporais que Nosso Senhor concedia por milagre, ele não apenas restituía a saúde, mas acrescentava bênçãos novas, fazendo que a cura excedesse a doença: tão bondoso é ele para com os homens.

Que as vespas, os tavões, os mosquitos e outros pequenos animais nocivos, uma vez mortos, possam reviver e ressuscitar, nunca o vi, nem li, nem ouvi dizer; mas que as queridas abelhas, insetos tão virtuosos, possam ressuscitar, todos o dizem, e eu o li muitas vezes. "Diz-se" — são palavras de Plínio (*História Natural*, XI, 20) — "que, guardando-se em casa, por todo o inverno, os corpos mortos das abelhas que se afogaram, e expondo-os ao sol na primavera seguinte, cobertos de cinza de figueira, elas ressuscitarão" e ficarão boas como antes. Que as iniquidades e as obras malignas possam reviver depois de afogadas e abolidas pela penitência, certamente, meu Teótimo, nunca a Escritura nem teólogo algum o disse, que eu saiba; antes, o contrário é autorizado pela sagrada Palavra e pelo consentimento comum de todos os doutores. Mas que as obras santas, que como doces abelhas fabricam o mel do mérito, tendo sido afogadas no pecado, possam

depois reviver quando, cobertas das cinzas da penitência, são recolocadas ao sol da graça e da caridade — isso todos os teólogos o dizem e ensinam com toda a clareza; e então não se deve duvidar de que sejam úteis e frutuosas como antes do pecado. Quando Nabuzardã destruiu Jerusalém e Israel foi levado ao cativeiro, o fogo sagrado do altar foi escondido num poço, onde se converteu em lodo; mas, retirado esse lodo do poço e reposto ao sol por ocasião do regresso do cativeiro, o fogo morto ressuscitou, e o lodo se converteu em chamas (2Mac 1, 19). Quando o homem justo se torna escravo do pecado, todas as boas obras que havia feito são miseravelmente esquecidas e reduzidas a lodo; mas, ao sair do cativeiro, quando pela penitência ele retorna à graça da dileção divina, suas boas obras precedentes são retiradas do poço do esquecimento e, tocadas pelos raios da misericórdia celeste, revivem e se convertem em chamas tão claras como jamais o foram, para serem repostas sobre o sagrado altar da aprovação divina e recuperarem sua primeira dignidade, seu primeiro preço e seu primeiro valor.

CAPÍTULO XIII

Como devemos reduzir ao santo amor toda a prática das virtudes e de nossas ações

Os animais, não podendo conhecer o fim de suas ações, tendem de fato para o seu fim, mas não o pretendem; pois pretender é tender para uma coisa por desígnio antes de tender para ela de fato. Eles lançam as suas ações para o seu fim, mas não as projetam: seguem seus instintos, sem escolha nem intenção. O homem, porém, é de

tal modo senhor de suas ações humanas e racionais que as faz todas para algum fim, e pode destiná-las a um ou a vários fins particulares, conforme bem lhe pareça. Pois pode mudar o fim natural de uma ação, como quando jura para enganar, ao passo que o fim do juramento é justamente impedir o engano; e pode acrescentar ao fim natural de uma ação alguma outra espécie de fim, como quando, além da intenção de socorrer o pobre, para a qual tende a esmola, acrescenta a intenção de obrigar o indigente a retribuir.

Ora, às vezes acrescentamos um fim de menor perfeição do que o da nossa ação; às vezes acrescentamos um fim de perfeição igual ou semelhante; e às vezes ainda um fim mais eminente e elevado. Pois, além do socorro ao necessitado, ao qual a esmola tende de modo especial, não se pode pretender: primeiro, conquistar-lhe a amizade; segundo, edificar o próximo; terceiro, agradar a Deus? São três fins diversos, dos quais o primeiro é menor, o segundo não é quase mais excelente, e o terceiro é muito mais eminente do que o fim ordinário da esmola. De sorte que podemos, como vedes, dar diversas perfeições às nossas ações, segundo a variedade dos motivos, fins e intenções com que as praticamos.

"Sede bons cambistas", diz o Salvador (cf. *Introdução à Vida Devota*, III, 22). Tomemos, pois, muito cuidado, Teótimo, para não trocar os motivos e o fim de nossas ações senão com vantagem e proveito, e para nada fazer nesse comércio senão com boa ordem e razão. Vede aquele homem que assume um cargo para servir ao público e para adquirir honra: se tem mais empenho em honrar-se a si mesmo do que em servir ao bem comum, ou se deseja igualmente uma coisa e outra, está errado e não deixa de ser

ambicioso, porque inverte a ordem da razão, igualando ou preferindo o próprio interesse ao bem público. Mas se, tendo por fim principal servir ao público, se alegra também, de passagem, por acrescentar honra à sua família, decerto ninguém o poderá censurar, pois não somente as suas duas pretensões são honestas, mas estão bem ordenadas. Um outro comunga pela Páscoa para não ser censurado pela vizinhança e para obedecer a Deus: quem duvida de que faz bem? Mas se comunga tanto ou mais para evitar a censura do que para obedecer a Deus, quem duvida de que age despropositadamente, igualando ou preferindo o respeito humano à obediência que deve a Deus? Posso jejuar na Quaresma por caridade, a fim de agradar a Deus; ou por obediência, porque a Igreja o ordena; ou por sobriedade; ou por diligência, para estudar melhor; ou por prudência, a fim de fazer alguma economia necessária; ou por castidade, a fim de domar o corpo; ou por religião, para melhor rezar. Ora, se quiser, posso reunir todas essas intenções e jejuar por tudo isso; mas, nesse caso, é preciso manter boa disciplina no ordenar tais motivos. Pois, se eu jejuasse principalmente para economizar, mais do que para obedecer à Igreja; mais para bem estudar do que para agradar a Deus, quem não vê que perverteria o direito e a ordem, preferindo meu interesse à obediência da Igreja e ao contentamento do meu Deus? Jejuar para economizar é bom; jejuar para obedecer à Igreja é melhor; jejuar para agradar a Deus é ótimo; e, ainda que pareça que de três bens não se possa compor um mal, o certo é que quem os dispusesse em desordem, preferindo o menor ao melhor, cometeria sem dúvida um desregramento censurável.

Um homem que convida apenas um de seus amigos em nada ofende os demais; mas, se os convida a todos e dá os primeiros

lugares aos menores, recuando os mais honrados para a ponta da mesa, não ofende a uns e a outros ao mesmo tempo? A estes, porque os rebaixa contra a razão; àqueles, porque os faz parecer tolos. Assim, fazer uma ação por um único motivo razoável, por pequeno que seja, em nada ofende a razão; mas quem quer ter vários motivos deve ordená-los segundo as suas qualidades; caso contrário, comete pecado, pois a desordem é um pecado, como o pecado é uma desordem. Quem quer agradar a Deus e a Nossa Senhora faz muitíssimo bem; mas quem quisesse agradar a Nossa Senhora igualmente ou mais do que a Deus cometeria um desregramento insuportável, e se lhe poderia dizer o que foi dito a Caim: *Se ofereceste bem, mas repartiste mal, cessa: pecaste* (Gn 4, 7). É preciso dar a cada fim o lugar que lhe convém e, por consequência, o lugar supremo àquele de agradar a Deus.

Ora, o motivo supremo de nossas ações, que é o do celeste amor, tem esta soberana propriedade: sendo mais puro, torna mais pura a ação que dele provém. De sorte que os Anjos e os Santos do Paraíso não amam coisa alguma por outro fim qualquer senão pelo do amor da divina Bondade e pelo motivo de querer agradar-lhe. Eles, na verdade, se amam todos ardentissimamente, amam-nos também a nós, amam as virtudes — mas tudo isso somente para agradar a Deus. Seguem e praticam as virtudes não enquanto são belas e amáveis, mas enquanto são agradáveis a Deus; amam a sua felicidade, não enquanto ela é sua, mas enquanto agrada a Deus. E até mesmo amam o amor com que amam a Deus, não porque ele está neles, mas porque tende a Deus; não porque lhes é doce, mas porque agrada a Deus; não porque o têm e o possuem, mas porque Deus lho dá e nele põe o seu beneplácito.

CAPÍTULO XIV

Prática do que foi dito no capítulo precedente

Purifiquemos, pois, Teótimo, quanto pudermos, todas as nossas intenções; e, já que podemos derramar sobre todas as ações das virtudes o motivo sagrado do amor divino, por que não o faremos? Rejeitando, nas ocasiões, toda sorte de motivos viciosos, como a vanglória e o interesse próprio, e considerando todos os bons motivos que possamos ter para empreender a ação que então se apresenta, a fim de escolher o do santo amor, que é o mais excelente de todos, para com ele regar e embeber todos os demais. Por exemplo: se quero expor-me valorosamente aos perigos da guerra, posso fazê-lo considerando diversos motivos. Pois o motivo natural dessa ação é o da fortaleza e da valentia, à qual pertence empreender por razão as coisas perigosas; mas, além desse, posso ter vários outros, como o de obedecer ao príncipe a quem sirvo, o do amor ao bem público, o da magnanimidade, que me faz comprazer-me na grandeza dessa ação. Ora, chegando à ação, lanço-me ao perigo movido antecipadamente por todos esses motivos; mas, para elevá-los todos ao grau do amor divino e purificá-los perfeitamente, direi em minha alma, de todo o coração: Ó Deus eterno, que sois o caríssimo amor de minhas afeições, se a valentia, a obediência ao príncipe, o amor da pátria e a magnanimidade não vos fossem agradáveis, eu jamais seguiria estes impulsos que agora sinto; mas, porque essas virtudes vos agradam, abraço esta ocasião de praticá-las, e não quero secundar-lhes o instinto e a inclinação senão porque vós as amais e porque assim o quereis.

Bem vedes, meu caro Teótimo, que nesse retorno do espírito perfumamos todos os outros motivos com o odor e a santa suavidade do amor, pois não os seguimos na qualidade de motivos simplesmente virtuosos, mas na qualidade de motivos queridos, aceitos, amados e acariciados por Deus. Quem furta para embriagar-se é mais bêbado do que ladrão, segundo Aristóteles; e, portanto, quem exercita a valentia, a obediência, a afeição para com a pátria, a magnanimidade, para agradar a Deus, é mais amante divino do que valente, obediente, bom cidadão e magnânimo, porque toda a sua vontade, nesse exercício, termina e vem fundir-se no amor de Deus, não empregando todos os demais motivos senão para chegar a esse fim. Não dizemos que vamos a Lyon, mas a Paris, quando só vamos a Lyon para ir a Paris; nem que vamos cantar, mas que vamos servir a Deus, quando só vamos cantar para servir a Deus.

E se, por vezes, somos tocados por algum motivo particular — como, por exemplo, se nos acontecesse amar a castidade por causa de sua bela e tão agradável pureza —, é preciso derramar logo sobre esse motivo o do amor divino, deste modo: Ó honestíssima e deliciosa brancura da castidade, quão amável sois, pois que sois tão amada pela divina Bondade! E depois, voltando-se para o Criador: Ah, Senhor, uma só coisa vos peço, e é essa que busco na castidade: ver e praticar nela o vosso beneplácito e as delícias que nela encontrais (Sl 26, 4). E, quando entramos nos exercícios das virtudes, devemos dizer amiúde, de todo o coração: Sim, Pai eterno, eu o farei, *porque assim vos foi agradável desde toda a eternidade* (Mt 11, 26).

Desse modo é preciso animar todas as nossas ações com esse beneplácito celeste, amando principalmente a honestidade e a

beleza das virtudes porque ela é agradável a Deus. Pois, meu caro Teótimo, há homens que amam perdidamente a beleza de algumas virtudes, não só sem amar a caridade, mas com desprezo da caridade. Orígenes, na verdade, e Tertuliano amaram de tal modo a brancura da castidade que por ela violaram as maiores regras da caridade: um preferiu cometer idolatria a sofrer uma horrível vilania com que os tiranos queriam macular seu corpo; o outro separou-se da castíssima Igreja Católica, sua Mãe, para melhor estabelecer, a seu gosto, a castidade de sua mulher. Quem não sabe que houve aqueles "pobres de Lyon" que, por louvar com excesso a mendicidade, se fizeram hereges e, de mendigos, se tornaram falsos vadios? Quem não conhece a vaidade dos Entusiastas, Messalianos e Euquitas, que abandonaram a dileção para exaltar a oração? Quem não sabe que houve hereges que, para exaltar a caridade para com os pobres, rebaixavam a caridade para com Deus, atribuindo toda a salvação dos homens à virtude da esmola, conforme testemunha Santo Agostinho (*A Cidade de Deus*, XXI, 27)? — ainda que o santo Apóstolo clame (1Cor 13, 3) que quem dá todos os seus bens aos pobres, e não tem caridade, disso nada lhe aproveita.

Deus pôs sobre mim o estandarte de sua caridade, diz a sagrada Sulamita (Ct 2, 4). O amor, Teótimo, é o estandarte no exército das virtudes; todas elas devem ordenar-se sob ele. É a única bandeira sob a qual Nosso Senhor as faz combater, ele que é o verdadeiro general do exército. Reduzamos, pois, todas as virtudes à obediência da caridade: amemos as virtudes particulares, mas principalmente porque são agradáveis a Deus; amemos de modo excelente as virtudes mais excelentes, não porque são excelentes, mas porque Deus as ama de modo mais excelente. Assim o santo

amor vivificará todas as virtudes, tornando-as todas amantes, amáveis e sobre-amáveis.

CAPÍTULO XV

Como a caridade compreende em si os dons do Espírito Santo

Para que o espírito humano siga com facilidade os movimentos e instintos da razão, e assim alcance a felicidade natural a que pode aspirar, vivendo segundo as leis da honestidade, ele precisa: primeiro, da temperança, para reprimir as inclinações insolentes da sensualidade; segundo, da justiça, para dar a Deus, ao próximo e a si mesmo aquilo a que está obrigado; terceiro, da fortaleza, para vencer as dificuldades que se sentem em fazer o bem e em repelir o mal; quarto, da prudência, para discernir quais são os meios mais próprios para chegar ao bem e à virtude; quinto, da ciência, para conhecer o verdadeiro bem a que se deve aspirar e o verdadeiro mal que se deve rejeitar; sexto, do entendimento, para bem penetrar os primeiros e principais fundamentos, ou princípios, da beleza e excelência da honestidade; e, por fim, da sabedoria, para contemplar a Divindade, primeira fonte de todo bem. Tais são as qualidades pelas quais o espírito se torna dócil, obediente e maleável às leis da razão natural que há em nós.

Assim, Teótimo, o Espírito Santo, que habita em nós, querendo tornar nossa alma flexível, manejável e obediente aos seus divinos movimentos e celestes inspirações — que são as leis do seu amor, e em cuja observância consiste a felicidade sobrenatural desta vida presente —, nos concede sete

propriedades e perfeições, quase iguais às sete que acabamos de enumerar, e que na Sagrada Escritura (Is 11, 2; At 2, 38) e nos livros dos teólogos se chamam dons do Espírito Santo. Ora, eles não são apenas inseparáveis da caridade; antes, consideradas bem todas as coisas e falando com propriedade, são as principais virtudes, propriedades e qualidades da caridade. Pois: 1. a sabedoria não é outra coisa, na verdade, senão o amor que saboreia, gosta e experimenta quão doce e suave é Deus; 2. o entendimento não é outra coisa senão o amor atento a considerar e penetrar a beleza das verdades da fé, para nelas conhecer Deus em si mesmo e, depois, descendo daí, considerá-lo nas criaturas; 3. a ciência, ao contrário, não é outra coisa senão o mesmo amor que nos mantém atentos a conhecer a nós mesmos e às criaturas, para nos fazer subir a um conhecimento mais perfeito do serviço que devemos a Deus; 4. o conselho é também o amor, enquanto nos torna cuidadosos, atentos e hábeis para bem escolher os meios próprios a servir santamente a Deus; 5. a fortaleza é o amor que encoraja e anima o coração para executar aquilo que o conselho determinou que se deve fazer; 6. a piedade é o amor que adoça o trabalho e nos faz empregar-nos cordialmente, agradavelmente e com afeição filial nas obras que agradam a Deus, nosso Pai; e 7., para concluir, o temor não é outra coisa senão o amor, enquanto nos faz fugir e evitar o que é desagradável à divina Majestade.

Assim, Teótimo, a caridade será para nós uma outra escada de Jacó (Gn 28, 12), composta dos sete dons do Espírito Santo como de outros tantos degraus sagrados, pelos quais os homens angélicos subirão da terra ao Céu para se unirem ao peito de Deus todo-poderoso, e descerão do Céu à terra para tomar o próximo pela mão e conduzi-lo ao Céu. Pois, ao subir, no primeiro degrau

o temor nos faz abandonar o mal; no segundo, a piedade nos excita a querer fazer o bem; no terceiro, a ciência nos faz conhecer o bem que se deve praticar e o mal de que se deve fugir; no quarto, pela fortaleza tomamos coragem contra todas as dificuldades que há em nosso empreendimento; no quinto, pelo conselho escolhemos os meios próprios para isso; no sexto, unimos nosso entendimento a Deus para ver e penetrar os traços de sua infinita beleza; e no sétimo juntamos nossa vontade a Deus para saborear e experimentar as doçuras de sua incompreensível bondade. Pois, no cimo dessa escada, estando Deus inclinado para nós, ele nos dá o beijo de amor e nos faz sugar os sagrados seios de sua suavidade, *melhores do que o vinho* (Ct 1, 1).

Mas, se, tendo gozado deliciosamente desses amorosos favores, quisermos voltar à terra para atrair o próximo a essa mesma felicidade, do primeiro e mais alto degrau — onde enchemos nossa vontade de um zelo ardentíssimo e perfumamos nossa alma com os perfumes da caridade soberana de Deus — descemos ao segundo, onde nosso entendimento recebe uma claridade sem igual e faz provisão das concepções e máximas mais excelentes para a glória da beleza e bondade divinas; daí vamos ao terceiro, onde, pelo dom do conselho, examinamos por que meios inspiraremos no espírito dos próximos o gosto e a estima da divina suavidade; no quarto, nos encorajamos, recebendo uma santa fortaleza para superar as dificuldades que possam surgir nesse desígnio; no quinto, começamos a pregar pelo dom da ciência, exortando as almas a seguir as virtudes e a fugir dos vícios; no sexto, procuramos imprimir-lhes a santa piedade, a fim de que, reconhecendo Deus como Pai amabilíssimo, lhe obedeçam com um temor filial; e no último degrau nós as instamos a temer os juízos de Deus, a fim de

que, misturando esse temor de serem condenadas com a reverência filial, deixem mais ardentemente a terra para subir conosco ao Céu.

A caridade, entretanto, compreende os sete dons e assemelha-se a um belo lírio, que tem seis pétalas mais brancas que a neve e, no meio, os belos martelinhos de ouro da sabedoria, que fazem brotar em nossos corações os gostos e saborosos deleites amorosos da bondade do Pai, nosso Criador, da misericórdia do Filho, nosso Redentor, e da suavidade do Espírito Santo, nosso Santificador. E ponho assim este duplo temor nos dois últimos degraus para harmonizar todas as traduções com a santa e sagrada edição ordinária (Is 11, 2); pois, se no hebraico a palavra "temor" se repete duas vezes, isso não é sem mistério, mas para mostrar que há um dom de temor filial, que não é outra coisa senão o dom da piedade, e um dom de temor servil, que é *o começo de todo o nosso caminho para a suprema sabedoria* (Sl 110, 10).

CAPÍTULO XVI

Do temor amoroso das esposas: continuação do discurso começado

Ah, Jônatas, meu irmão, tu eras amável acima do amor das mulheres!, dizia Davi (2Sm 1, 26). É como se dissesse: tu merecias um amor maior do que o das mulheres para com seus maridos. Todas as coisas excelentes são raras. Imaginai, Teótimo, uma esposa de coração de pomba, que possua a perfeição do amor nupcial: seu amor é incomparável, não somente em excelência, mas também na grande variedade de belas afeições e qualidades

que o acompanham. Ele não é apenas casto, mas pudico; é forte, mas gracioso; é violento, mas terno; é ardente, mas respeitoso; generoso, mas temeroso; ousado, mas obediente; e o seu temor está todo misturado com uma deliciosa confiança. Tal é, certamente, o temor da alma que possui a dileção excelente: pois ela se assegura de tal modo da soberana bondade de seu Esposo, que não teme perdê-lo; teme, todavia, não gozar bastante de sua divina presença, e que alguma ocasião o faça ausentar-se por um só instante. Tem plena confiança de jamais lhe desagradar, mas teme não lhe agradar tanto quanto o amor o exige. Seu amor é corajoso demais para admitir sequer a suspeita de cair um dia em desgraça diante dele, mas é também tão atento que ela teme não lhe estar suficientemente unida. E até acontece que a alma chega a tanta perfeição que já não teme deixar de estar unida a ele — pois o seu amor lhe assegura que sempre o estará —, mas teme que essa união não seja tão pura, simples e atenta quanto o seu amor pretende. É essa a admirável amante que gostaria de não amar os gostos, as delícias, as virtudes e as consolações espirituais, com receio de ser desviada, por pouco que fosse, do único amor que dedica ao seu Bem-Amado, protestando que é a ele mesmo, e não aos seus bens, que ela busca, e clamando com essa intenção: *Ah, mostrai-me, meu Bem-Amado, onde apascentais e repousais ao meio-dia*, para que eu não me desvie atrás dos prazeres que estão fora de vós (Ct 1, 6).

Desse sagrado temor das divinas esposas foram tocadas aquelas grandes almas de São Paulo, São Francisco, Santa Catarina de Gênova e outras, que não queriam mistura alguma em seus amores, mas procuravam torná-lo tão puro, tão simples, tão perfeito, que nem as consolações nem as próprias virtudes

ocupassem lugar algum entre o seu coração e Deus; de sorte que podiam dizer: *Vivo, mas já não eu; é Cristo que vive em mim* (Gl 2, 20); "Meu Deus é tudo para mim" (cf. livro X, cap. 4); "O que não é Deus nada é para mim: Jesus Cristo é a minha vida" (Fl 1, 21; Cl 3, 4); "Meu amor está crucificado" (cf. livro I, cap. 14); e outras palavras semelhantes, nascidas de um sentimento extático.

Ora, o temor inicial, ou dos aprendizes, procede do verdadeiro amor, mas de um amor ainda tenro, frágil e principiante; o temor filial procede do amor firme, sólido e já tendente à perfeição; mas o temor das esposas provém da excelência e perfeição amorosa já inteiramente adquirida. Quanto aos temores servil e mercenário, na verdade não procedem do amor, mas o precedem ordinariamente, para lhe servir de precursor, como dissemos em outro lugar (livro II, cap. 18), e muitas vezes são bastante úteis ao seu serviço. Vereis todavia, Teótimo, uma dama honrada que, não querendo comer o seu pão na ociosidade, tal como aquela que Salomão tanto louvou (Pr 31, 27), assentará a seda numa bela variedade de cores sobre um cetim bem branco, para fazer um bordado de muitas belas flores, que depois realçará riquissimamente com ouro e prata, segundo as combinações convenientes. Essa obra se faz com a agulha, que ela passa por toda parte onde quer assentar a seda, o ouro e a prata; mas, no entanto, a agulha não é posta no cetim para ali ficar, e sim apenas para nele introduzir a seda, o ouro e a prata, e abrir-lhes passagem: de modo que, à medida que essas coisas entram no fundo do tecido, a agulha é retirada e sai. Assim a divina Bondade, querendo assentar na alma humana uma grande diversidade de virtudes e realçá-las enfim com seu amor sagrado, serve-se da agulha do temor servil e mercenário, com a qual, de ordinário, nossos corações são

primeiramente picados; mas ela não é deixada ali: à medida que as virtudes vão sendo puxadas e assentadas na alma, o temor servil e mercenário sai, conforme a palavra do amado Discípulo (1Jo 4, 18), que *a caridade perfeita lança fora o temor*. Sim, na verdade, Teótimo; pois os temores de ser condenado e de perder o Paraíso são assustadores e angustiantes: e como poderiam permanecer com a sagrada dileção, que é toda doce, toda suave?

CAPÍTULO XVII

Como o temor servil permanece com o amor divino

Todavia, ainda que a dama de quem falamos não queira deixar a agulha na obra depois que esta estiver acabada, o certo é que, enquanto ainda lhe resta algo por fazer, se for obrigada a afastar-se por causa de alguma outra ocorrência, deixará a agulha espetada no cravo, na rosa ou no amor-perfeito que borda, para encontrá-la mais à mão quando voltar ao trabalho. Do mesmo modo, Teótimo, enquanto a divina Providência faz o bordado das virtudes e a obra de seu santo amor em nossas almas, ela deixa sempre ali o temor servil ou mercenário, até que, tornando-se perfeita a caridade, retire essa agulha pungente e a recoloque, por assim dizer, em seu novelo. Nesta vida, pois, na qual nossa caridade jamais será tão perfeita que esteja isenta de perigo, temos sempre necessidade do temor; e, quando estremecemos de alegria por amor, devemos tremer de apreensão pelo temor:

> *Aprendei o que vos cumpre fazer;*
> *em temor e sem soberba servi ao Todo-Poderoso;*
> *alegrai-vos nele, mas, ao alegrar-vos,*
> *que vosso coração submisso, tremendo, o reverencie (Sl 2, 10-11).*

O grande patriarca Abraão enviou seu servo Eliézer para tomar uma esposa a seu filho único, Isaac. Eliézer parte e, por inspiração celeste, fez escolha da bela e casta Rebeca, que trouxe consigo; mas essa sábia donzela deixou Eliézer assim que encontrou Isaac e, sendo introduzida na tenda de Sara, permaneceu sua esposa para sempre (Gn 24). Deus envia muitas vezes à alma o temor servil, como um outro Eliézer (Eliézer também quer dizer "auxílio de Deus"), para tratar o casamento entre ela e o amor sagrado; e, se a alma vem sob a condução do temor, não é porque queira desposá-lo, pois, de fato, assim que a alma encontra o amor, une-se a ele e deixa o temor.

Mas, assim como Eliézer, ao regressar, permaneceu na casa a serviço de Isaac e Rebeca, do mesmo modo o temor, tendo-nos conduzido ao santo amor, fica conosco para servir, nas ocasiões, tanto ao amor como à alma amorosa. Pois a alma, ainda que justa, vê-se muitas vezes atacada por tentações extremas, e o amor, por mais corajoso que seja, tem muito que fazer para bem manter-se, em razão da condição do lugar em que se encontra, que é o coração humano, mutável e sujeito ao motim das paixões. Então, pois, Teótimo, o amor emprega o temor no combate e dele se serve para repelir o inimigo. O valente príncipe Jônatas, indo atacar os filisteus em meio às trevas da noite, quis ter consigo o seu escudeiro, e aqueles que ele não matava, o escudeiro os matava (1Sm 14, 13). Assim o amor, ao querer empreender alguma ação

ousada, não se serve apenas dos seus próprios motivos, mas também dos motivos do temor servil e mercenário; e as tentações que o amor não derrota, o temor de ser condenado as derruba. Se a tentação de orgulho, de avareza ou de algum prazer voluptuoso me ataca, direi: Ah, será mesmo possível que, por coisas tão vãs, meu coração quisesse abandonar a graça de seu Bem-Amado! Mas, se isso não bastar, o amor despertará o temor: Ah, não vês, miserável coração, que, cedendo a essa tentação, as assustadoras chamas do inferno te esperam, e que perdes a herança eterna do Paraíso? Nas necessidades extremas, serve-se de tudo — como fez o mesmo Jônatas quando, atravessando aqueles ásperos rochedos que estavam entre ele e os filisteus, não se servia apenas dos pés, mas trepava e escalava com as próprias mãos, como podia.

Assim, pois, como os marinheiros que partem sob vento favorável, em estação propícia, nunca esquecem, contudo, as cordas, âncoras e demais coisas necessárias em tempo de infortúnio e em meio à tempestade, do mesmo modo, ainda que o servo de Deus goze do repouso e da doçura do santo amor, ele nunca deve ficar desprovido do temor dos juízos divinos, para servir-se dele entre os vendavais e assaltos das tentações. Além disso, assim como a casca de uma maçã, que em si mesma é de pouca estima, serve todavia grandemente para conservar a maçã que recobre, do mesmo modo o temor servil, que é de pouco preço em sua própria condição se comparado ao amor, é-lhe contudo grandemente útil para a sua conservação em meio aos perigos desta vida mortal. E, assim como quem dá uma romã a dá na verdade pelos grãos e pelo suco que ela tem dentro, mas nem por isso deixa de dar também a casca, como coisa que dela depende, do mesmo modo, embora o Espírito Santo, entre os seus dons

sagrados, confira o do temor amoroso às almas dos seus, a fim de que temam a Deus com piedade (cf. livro XI, cap. 15), como a seu Pai e seu Esposo, nem por isso deixa de lhes dar ainda o temor servil e mercenário, como um acessório daquele outro, mais excelente. Assim também José, enviando a seu pai várias cargas de todas as riquezas do Egito, não lhe deu somente os tesouros, como presentes principais, mas também os jumentos que os carregavam (Gn 45, 23).

Ora, ainda que o temor servil e mercenário seja grandemente útil para esta vida mortal, ele é indigno de ter lugar na vida eterna, na qual haverá uma segurança sem temor, uma paz sem desconfiança, um repouso sem cuidados. Os serviços, contudo, que esses temores servis e mercenários houverem prestado ao amor, aí serão recompensados: de sorte que, se tais temores, como outros Moisés e Aarão, não entram na Terra da promissão, entrarão nela, todavia, sua posteridade e suas obras. E quanto aos temores dos filhos e das esposas, esses terão ali o seu posto e o seu grau, não para causar à alma qualquer desconfiança ou perplexidade, mas para lhe fazer admirar e reverenciar com submissão a incompreensível majestade desse Pai todo-poderoso e desse Esposo de glória:

> *O respeito tributado ao Senhor*
> *é santo, cheio de pureza;*
> *seu temor permanece por todos os séculos,*
> *assim como a sua Majestade*
> *é para sempre adorabilíssima (Sl 18, 10).*

CAPÍTULO XVIII

Como o amor se serve do temor natural, servil e mercenário

Os relâmpagos, os trovões, os raios, as tempestades, as inundações, os terremotos e outros acidentes imprevistos semelhantes levam até os mais indevotos a temer a Deus; e a natureza, antecipando-se ao raciocínio em tais ocasiões, impele o coração, os olhos e até as mãos para o céu, a fim de implorar o socorro da santíssima Divindade, conforme o sentimento comum do gênero humano, que é, como diz Tito Lívio (História, III, 56), que aqueles que servem à Divindade prosperam, e os que a desprezam são afligidos. Na tempestade que pôs Jonas em perigo, os marinheiros temeram com grande temor, e cada um clamou de repente ao seu Deus (Jn 1, 5). "Ignoravam a verdade", diz São Jerônimo, "mas reconheciam a Providência"; e creram que era por juízo do céu que se achavam naquele perigo, assim como os malteses, quando viram São Paulo, escapado do naufrágio, ser atacado pela víbora, creram que era por vingança divina (At 28, 4). Também os trovões, as tempestades e os raios são chamados voz do Senhor pelo Salmista (Sl 28, 3; 76, 18), o qual ainda diz que executam a sua palavra (Sl 148, 8), porque anunciam o seu temor e são como ministros da sua justiça; e, em outro lugar, desejando que a divina Majestade se faça temer de seus inimigos, diz: Lançai relâmpagos, e os dispersareis; disparai vossas flechas, e os perturbareis (Sl 143, 6) — onde chama aos raios setas e dardos do Senhor. E, antes do Salmista, a boa mãe de Samuel já cantara que os próprios inimigos de Deus o temeriam, porque ele trovejaria sobre eles desde o céu (1Sm 2, 10). Platão, com efeito, em seu Górgias e em outras

passagens, testemunha que entre os pagãos havia certo sentimento de temor, não somente pelos castigos que a soberana justiça de Deus aplica neste mundo, mas também pelas punições que exerce na outra vida sobre as almas daqueles que têm pecados incuráveis. A tal ponto está profundamente gravado na natureza humana o instinto de temer a Divindade.

Esse temor, todavia, praticado à maneira de impulso ou de sentimento natural, não é em nós nem louvável nem repreensível, pois não procede de nossa escolha. É, contudo, efeito de uma causa muito boa e causa de um efeito muito bom, pois provém do conhecimento natural que Deus nos deu de sua providência, e nos faz reconhecer o quanto dependemos da onipotência soberana, incitando-nos a implorá-la; e, quando se encontra numa alma fiel, faz-lhe muitos bens. Os cristãos, em meio ao susto que os trovões, as tempestades e outros perigos naturais lhes causam, invocam o nome sagrado de Jesus e de Maria, fazem o sinal da Cruz, prostram-se diante de Deus e praticam muitos bons atos de fé, de esperança e de religião. O glorioso São Tomás de Aquino, sendo por natureza propenso a assustar-se quando trovejava, costumava dizer, à maneira de oração jaculatória, as divinas palavras que a Igreja tanto estima: O Verbo se fez carne (Jo 1, 14). Sobre esse temor, pois, o divino amor pratica muitas vezes atos de complacência e de benevolência: Eu vos bendirei, Senhor, porque sois terrivelmente magnificado (Sl 138, 14); Que todos vos temam, ó Senhor (Sl 32, 8)! Ó grandes da terra, entendei: servi a Deus com temor e exultai diante dele com tremor (Sl 2, 10-11).

Mas há um outro temor, que nasce da fé, a qual nos ensina que depois desta vida mortal existem suplícios espantosamente eternos, ou eternamente espantosos, para os que neste mundo

tiverem ofendido a divina Majestade e morrerem sem se haver reconciliado com ela; que na hora da morte as almas serão julgadas pelo juízo particular, e no fim do mundo todos comparecerão ressuscitados para serem novamente julgados pelo juízo universal. Pois essas verdades cristãs, Teótimo, ferem com espanto extremo o coração que as considera. E como se poderiam representar esses horrores eternos sem estremecer e tremer de apreensão? Ora, quando tais sentimentos de temor de tal modo se instalam em nossos corações que deles "banem e expulsam a afeição e a vontade do pecado", como fala o Sagrado Concílio de Trento (sessão XIV, cap. 4, sobre a Penitência), são certamente muito salutares. Concebemos do vosso temor, ó Deus, e demos à luz o espírito de salvação, diz-se em Isaías (Is 26, 18); isto é: Vossa face irada nos espantou e nos fez conceber e dar à luz o espírito de penitência, que é o espírito de salvação; assim como dissera o Salmista: Meus ossos não têm paz, antes tremem diante da face da vossa ira (Sl 37, 4). Nosso Senhor, que viera trazer-nos a lei do amor, não deixa de nos inculcar esse temor: Temei, diz ele, Aquele que pode lançar o corpo e a alma na geena (Mt 10, 28). Os ninivitas, pelas ameaças de sua ruína e condenação, fizeram penitência, e sua penitência foi agradável a Deus (Jn 3, 9); e, em suma, esse temor está compreendido entre os dons do Espírito Santo, como muitos antigos Padres observaram.

Que, se o temor não exclui a vontade de pecar nem a afeição ao pecado, então ele é mau e semelhante ao dos demônios, que muitas vezes cessam de fazer mal por medo de serem atormentados pelo exorcismo, sem, contudo, deixarem de desejar e querer o mal, que meditam para sempre; semelhante ao do miserável forçado, que de bom grado devoraria o coração do capataz, ainda que não

ouse largar o remo por medo de ser espancado; semelhante ao temor daquele grande heresiarca do século passado, que confessa ter odiado a Deus justamente porque ele punia os maus. Certamente, aquele que ama o pecado e de boa vontade o cometeria contra a vontade de Deus, ainda que não o queira cometer apenas por medo de ser condenado, tem um temor horrível e detestável; pois, embora não tenha a vontade de chegar à execução do pecado, tem contudo a execução em sua vontade, já que a realizaria se o temor não o retivesse — e é como que à força que não passa aos atos. A esse temor pode-se acrescentar outro, sem dúvida menos malicioso, mas igualmente inútil, como foi o do juiz Félix, que, ouvindo falar do juízo divino, ficou todo espantado e, apesar disso, não deixou de continuar em sua avareza (At 24, 25); e o de Baltasar, que, vendo aquela mão prodigiosa que escrevia sua condenação na parede, ficou de tal modo aterrado que mudou de semblante, as juntas de seus rins se afrouxaram e seus joelhos trêmulos batiam um contra o outro (Dn 5, 5-6) — e nem por isso fez penitência. Ora, de que serve temer o mal, se pelo temor não nos resolvemos a evitá-lo?

O temor, pois, daqueles que, como escravos, observam a lei de Deus para evitar o inferno é muito bom; mas bem mais nobre e desejável é o temor dos cristãos mercenários, que, como servos assalariados, trabalham fielmente, não, decerto, principalmente por algum amor que ainda tenham a seus senhores, mas para receberem o salário da recompensa que lhes é prometida. Oh, se o olho pudesse ver, se o ouvido pudesse ouvir, ou se pudesse subir ao coração do homem aquilo que Deus preparou para os que o servem (1Cor 2, 9) — ah, que receio haveria de violar os mandamentos divinos, com medo de perder essas recompensas

imortais! Que lágrimas, que gemidos se derramariam quando, pelo pecado, as tivéssemos perdido! Esse temor, contudo, seria censurável se encerrasse em si a exclusão do santo amor; pois quem dissesse: "não quero servir a Deus por nenhum amor que lhe queira ter, mas somente para obter as recompensas que promete", proferiria uma blasfêmia, preferindo a recompensa ao Senhor, o benefício ao Benfeitor, a herança ao Pai e o próprio proveito a Deus todo-poderoso; conforme mostramos mais amplamente no Livro segundo (cap. 17).

Mas, enfim, quando tememos ofender a Deus não para evitar a pena do inferno ou a perda do Paraíso, mas unicamente porque, sendo Deus nosso Pai bondosíssimo, lhe devemos honra, respeito e obediência, então o nosso temor é filial; porquanto um filho bem-nascido não obedece ao pai em consideração ao poder que este tem de punir sua desobediência, nem tampouco porque pode deserdá-lo, mas simplesmente porque é seu pai; de sorte que, ainda que o pai fosse velho, impotente e pobre, não deixaria de servi-lo com igual diligência; antes, como a piedosa cegonha, o assistiria com maior cuidado e afeto. Assim fez José: vendo o bom velho Jacó, seu pai, idoso, necessitado e reduzido a viver sob seu cetro, não deixou de honrá-lo, servi-lo e venerá-lo com uma ternura mais que filial — e tal, que seus irmãos, tendo-a reconhecido, julgaram que ela ainda haveria de operar depois da morte do pai, e dela se valeram para obter perdão, dizendo: Vosso pai nos ordenou que vos disséssemos de sua parte: Peço-te que esqueças o crime de teus irmãos, e o pecado e a malícia que exerceram contra ti. Ao ouvir isso, ele se pôs a chorar (Gn 50, 16-17), de tal modo se enterneceu seu coração filial ao lhe serem representados os desejos e as vontades do pai falecido. Temem, pois, a Deus com afeição filial

aqueles que receiam desagradar-lhe pura e simplesmente porque ele é seu pai dulcíssimo, bondosíssimo e amabilíssimo.

Todavia, quando acontece que esse temor filial se acha unido, misturado e temperado com o temor servil da condenação eterna, ou com o temor mercenário de perder o Paraíso, nem por isso deixa de ser muito agradável a Deus, e chama-se temor inicial, isto é, temor dos aprendizes que entram nos exercícios do amor divino. Pois, assim como os jovens que começam a montar a cavalo, quando sentem a montaria erguer-se um pouco mais, não apenas apertam os joelhos, mas agarram-se com ambas as mãos à sela, ao passo que, um pouco mais exercitados, sustentam-se apenas com a pressão das pernas — do mesmo modo os noviços e aprendizes no serviço de Deus, achando-se desnorteados em meio aos assaltos que os inimigos lhes dão no princípio, não se servem somente do temor filial, mas também do mercenário e do servil, e agarram-se como podem para não decair de sua pretensão.

CAPÍTULO XIX

Como o amor sagrado abrange os doze frutos do Espírito Santo com as oito bem-aventuranças do Evangelho

O glorioso São Paulo diz assim: Ora, o fruto do Espírito é a caridade, a alegria, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a longanimidade, a mansidão, a fé, a modéstia, a continência, a castidade (Gl 5, 22-23). Mas notai, Teótimo, que esse divino Apóstolo, ao enumerar esses doze frutos do Espírito Santo, os apresenta como um só fruto; pois não diz: "os frutos do Espírito são a caridade, a alegria", mas somente: "o fruto do Espírito é a

caridade, a alegria". Ora, eis o mistério desse modo de falar. A caridade de Deus foi derramada em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5, 5). Sem dúvida, a caridade é o único fruto do Espírito Santo; mas, porque esse fruto possui uma infinidade de excelentes propriedades, o Apóstolo, querendo apresentar algumas delas como numa amostra, fala desse único fruto como de muitos, por causa da multidão de propriedades que ele contém em sua unidade, e reciprocamente fala de todos esses frutos como de um só, por causa da unidade em que se compreende essa variedade. Assim, quem dissesse: "o fruto da videira é a uva, o mosto, o vinho, a aguardente, o licor que alegra o coração do homem (Jz 9, 13; Sl 103, 15), a bebida que conforta o estômago", não pretenderia dizer que fossem frutos de espécies diferentes, mas apenas que, ainda que seja um só fruto, tem contudo uma quantidade de propriedades diversas, segundo os diversos usos que dele se faz.

O Apóstolo, pois, não quer dizer outra coisa senão que o fruto do Espírito Santo é a caridade, a qual é alegre, pacífica, paciente, benigna, bondosa, longânime, doce, fiel, modesta, continente e casta; isto é, que o divino amor nos dá uma alegria e uma consolação interior, com uma grande paz de coração que se conserva entre as adversidades pela paciência, e que nos torna gentis e benignos em socorrer o próximo por uma bondade cordial para com ele; bondade que não é variável, mas constante e perseverante, porquanto nos dá uma coragem de longo alcance, mediante a qual nos tornamos doces, afáveis e condescendentes para com todos, suportando seus humores e imperfeições e guardando-lhes uma lealdade perfeita, testemunhando uma simplicidade acompanhada de confiança, tanto em nossas

palavras como em nossas ações, vivendo com modéstia e humildade, cortando todas as superfluidades e todas as desordens no beber, no comer, no vestir, no dormir, nos jogos, nos passatempos e em outras cobiças voluptuosas semelhantes, por uma santa continência, e reprimindo sobretudo as inclinações e sedições da carne por uma cuidadosa castidade — a fim de que toda a nossa pessoa esteja ocupada na divina dileção, tanto interiormente, pela alegria, paz, paciência, longanimidade, bondade e lealdade, como também exteriormente, pela benignidade, mansidão, modéstia, continência e castidade.

Ora, a dileção é chamada fruto enquanto nos deleita e gozamos de sua deliciosa suavidade, como um verdadeiro pomo do Paraíso colhido da árvore da vida (Ap 22, 2), que é o Espírito Santo, enxertado em nossos espíritos humanos e habitando em nós por sua misericórdia infinita. Mas, quando não somente nos alegramos nessa divina dileção e gozamos de sua deliciosa doçura, mas ainda colocamos nela toda a nossa glória, como na coroa de nossa honra (Sl 8, 6), então ela não é apenas um fruto doce ao nosso paladar (Ct 2, 3), mas uma bem-aventurança e uma felicidade sumamente desejável; não somente porque nos assegura a felicidade da outra vida, mas porque nesta nos dá um contentamento de valor inestimável. Contentamento tão forte, que as águas das tribulações e os rios das perseguições não o podem extinguir; antes, não só não perece, como se enriquece nas pobrezas, cresce nas abjeções e humilhações, alegra-se entre lágrimas, fortalece-se ao ser abandonado da justiça e privado de seu amparo quando, reclamando-a, ninguém lha concede; recreia-se na compaixão e na comiseração quando se vê cercado de miseráveis e necessitados; deleita-se em renunciar a toda espécie de

delícias sensuais e mundanas para obter a pureza e a limpidez do coração; tem a valentia de apaziguar guerras, contendas e dissensões, e de desprezar as grandezas e reputações temporais; revigora-se em suportar todo gênero de sofrimentos, e sustenta que sua verdadeira vida consiste em morrer pelo Bem-Amado (Mt 5, 3-12; Lc 6, 20-23). De sorte, Teótimo, que em suma a santíssima dileção é uma virtude, um dom, um fruto e uma bem-aventurança. Como virtude, torna-nos obedientes às inspirações exteriores que Deus nos dá por seus mandamentos e conselhos, em cuja execução se praticam todas as virtudes; e por isso a dileção é a virtude de todas as virtudes. Como dom, a dileção torna-nos dóceis e maleáveis às inspirações interiores, que são como os mandamentos e conselhos secretos de Deus, para cuja execução se empregam os sete dons do Espírito Santo; de modo que a dileção é o dom dos dons. Como fruto, dá-nos um gosto e um prazer extremos na prática da vida devota, que se sente nos doze frutos do Espírito Santo; e por isso ela é o fruto dos frutos. Como bem-aventurança, faz-nos receber como favor extremo e honra singular as afrontas, calúnias, vitupérios e opróbrios que o mundo nos inflige, e faz-nos deixar, renunciar e rejeitar toda outra glória senão a que procede do Bem-Amado Crucificado (Gl 6, 14), pela qual nos gloriamos na abjeção, na abnegação e no aniquilamento de nós mesmos; não querendo outras insígnias de majestade senão a coroa de espinhos do Crucificado, o cetro de sua cana, o manto de desprezo que lhe impuseram e o trono de sua Cruz, sobre o qual os sagrados enamorados têm mais contentamento, alegria, glória e felicidade do que jamais teve Salomão sobre seu trono de marfim.

Assim, a dileção é muitas vezes representada pela romã (cf. Livro VI, cap. 13), a qual, tirando suas propriedades da romãzeira,

pode ser chamada a virtude desta; como também parece ser o seu dom, que a romãzeira oferece ao homem por amor; e o seu fruto, pois é comida para recrear o paladar do homem; e enfim é, por assim dizer, a sua glória e bem-aventurança, pois traz consigo a coroa e o diadema.

CAPÍTULO XX

Como o divino amor emprega todas as paixões e afeições da alma e as reduz à sua obediência

O amor é a vida do nosso coração; e, assim como o contrapeso dá movimento a todas as peças móveis de um relógio, também o amor dá à alma todos os movimentos que ela tem. Todas as nossas afeições seguem o nosso amor, e segundo ele desejamos, deleitamo-nos, esperamos e desesperamos, tememos, animamo-nos, odiamos, fugimos, entristecemo-nos, encolerizamo-nos e triunfamos. Não vemos como os homens que entregaram o coração por presa ao amor vil e abjeto das mulheres nada desejam senão conforme esse amor, não têm prazer senão nesse amor, nada esperam nem desesperam senão por essa causa, nada temem nem empreendem senão por isso, nada lhes repugna nem de nada fogem senão do que os desvia disso, de nada se entristecem senão do que os priva disso, de nada se encolerizam senão por ciúme, de nada triunfam senão por essa infâmia? O mesmo se dá com os amantes das riquezas e com os ambiciosos de honras; pois se tornam escravos daquilo que amam, e já não têm coração no peito, nem alma no coração, nem afeições na alma senão para isso.

Quando, pois, o divino amor reina em nossos corações, sujeita realmente todos os outros amores da vontade e, por consequência, todas as afeições dela, porque naturalmente estas seguem os amores; depois doma o amor sensual e, reduzindo-o à sua obediência, arrasta consigo também todas as paixões sensuais. Pois, em suma, essa sagrada dileção é a água salutar da qual dizia Nosso Senhor: Aquele que beber da água que eu lhe darei jamais terá sede (Jo 4, 13-14). Não, verdadeiramente, Teótimo: quem tiver o amor de Deus um pouco abundantemente não terá mais desejo, nem temor, nem esperança, nem ânimo, nem alegria senão por Deus, e todos os seus movimentos ficarão serenados nesse único amor celeste.

O amor divino e o amor-próprio estão dentro do nosso coração como Jacó e Esaú no ventre de Rebeca (Gn 25, 22): têm entre si grandíssima antipatia e repugnância, e chocam-se continuamente dentro do coração; por isso a pobre alma exclama: Ai de mim, miserável! Quem me livrará do corpo desta morte (Rm 7, 24), para que só o amor do meu Deus reine pacificamente em mim? Mas é preciso, contudo, que tenhamos ânimo, esperando na palavra de Nosso Senhor, que promete ordenando e ordena prometendo a vitória ao seu amor; e parece dizer à alma o que fez dizer a Rebeca: Duas nações estão em teu ventre, e dois povos se separarão em tuas entranhas; e um dos povos vencerá o outro, e o mais velho servirá ao mais novo. Pois, assim como Rebeca tinha apenas dois filhos no ventre, mas, porque deles deviam nascer dois povos, se diz que trazia duas nações no ventre, também a alma, tendo dentro do coração dois amores, tem por consequência dois grandes povoados de movimentos, afeições e paixões; e, assim como os dois filhos de Rebeca, pela contrariedade de seus

movimentos, lhe causavam grandes convulsões e dores no ventre, também os dois amores de nossa alma dão grandes trabalhos ao nosso coração; e, como foi dito que entre os dois filhos daquela senhora o mais velho serviria ao mais novo, assim também foi ordenado que, dos dois amores do nosso coração, o sensual servirá ao espiritual, isto é, que o amor-próprio servirá ao amor de Deus.

Mas quando foi que o mais velho dos povos que estavam no ventre de Rebeca serviu ao mais novo? Certamente, isso só aconteceu quando Davi subjugou os idumeus na guerra e Salomão os dominou na paz. Ah, quando será, pois, que o amor sensual servirá ao amor divino? Será, Teótimo, quando o amor armado, chegado até o zelo, subjugar nossas paixões pela mortificação; e muito mais, quando lá no alto, no Céu, o amor bem-aventurado possuir em paz toda a nossa alma (Lc 11, 21; 21, 19).

Ora, o modo pelo qual o amor divino deve subjugar o apetite sensual é semelhante ao que usou Jacó quando, como bom presságio e princípio do que depois havia de acontecer, ao sair Esaú do ventre materno, Jacó o agarrou pelo pé, como para passar-lhe adiante, suplantá-lo e mantê-lo sujeito — ou, como se diz, prendê-lo pelo pé, à maneira de uma ave de rapina, tal como Esaú foi, na qualidade de caçador e homem terrível. Pois assim o amor divino, vendo nascer em nós alguma paixão ou afeição natural, deve prontamente tomá-la pelo pé e pô-la a seu serviço. Mas que quer dizer tomá-la pelo pé? É atá-la e sujeitá-la ao desígnio do serviço de Deus. Não vedes como Moisés transformava a serpente em vara, tomando-a apenas pela cauda (Ex 4, 4)? Do mesmo modo, dando um bom fim às nossas paixões, elas assumem a qualidade de virtudes.

Mas então, que método se deve seguir para pôr as afeições e as paixões a serviço do divino amor? Os médicos metódicos trazem sempre na boca esta máxima: "os contrários curam-se pelos seus contrários"; e os espagíricos celebram uma sentença oposta a essa, dizendo que "os semelhantes curam-se pelos seus semelhantes". Ora, seja como for, sabemos que duas coisas fazem desaparecer a luz das estrelas: a escuridão das névoas da noite e a luz maior do sol; e do mesmo modo combatemos as paixões, ou opondo-lhes paixões contrárias, ou opondo-lhes afeições maiores do mesmo gênero. Se me sobrevém alguma esperança vã, posso resistir-lhe opondo-lhe este justo desalento: Ó homem insensato, sobre que fundamentos constróis essa esperança? Não vês que esse poderoso em quem esperas está tão perto da morte quanto tu mesmo? Não conheces a instabilidade, a fraqueza e a inconstância dos espíritos humanos? Hoje esse coração a que aspiras é teu; amanhã, outro o levará para si. Em que, pois, fundas essa esperança? Posso também resistir a essa esperança opondo-lhe outra mais sólida: Espera em Deus, ó minha alma, pois é ele quem livrará teus pés do laço (Sl 24, 15; 41, 6); Jamais alguém esperou nele e ficou confundido (Eclo 2, 11); Lança tuas pretensões nas coisas eternas e perduráveis. Assim posso combater o desejo das riquezas e dos prazeres mortais, ou pelo desprezo que merecem, ou pelo desejo dos imortais; e por esse meio o amor sensual e terreno será arruinado pelo amor celeste, seja como o fogo é apagado pela água por causa de suas qualidades contrárias, seja como é apagado pelo fogo do céu por causa de suas qualidades mais fortes e predominantes.

Nosso Senhor usa de um e de outro método em suas curas espirituais. Cura seus discípulos do temor mundano, imprimindo-lhes no coração um temor superior: Não temais, diz

ele, aqueles que matam o corpo, mas temei Aquele que pode condenar a alma e o corpo à geena (Mt 10, 28). Querendo, noutra ocasião, curá-los de uma alegria baixa, atribui-lhes outra mais elevada: Não vos alegreis, diz ele, porque os espíritos malignos vos estão sujeitos, mas porque vossos nomes estão escritos no Céu (Lc 10, 20). E ele mesmo também repele a alegria pela tristeza: Ai de vós que rides, porque chorareis (Lc 6, 25).

Assim, pois, o divino amor suplanta e sujeita as afeições e as paixões, desviando-as do fim a que o amor-próprio as quer levar e voltando-as para sua pretensão espiritual. E, como o arco-íris, ao tocar o aspálato, lhe tira o odor próprio e lhe dá outro mais excelente (cf. Livro XI, cap. 3), também o amor sagrado, ao tocar nossas paixões, lhes tira o fim terreno e lhes dá um fim celeste. O apetite de comer torna-se grandemente espiritual se, antes de satisfazê-lo, lhe damos o motivo do amor: Ah, não, Senhor, não é para contentar este pobre ventre, nem para saciar este apetite, que me sento à mesa, mas para, segundo vossa providência, sustentar este corpo que me destes sujeito a tal miséria; sim, Senhor, porque assim vos aprouve (Mt 11, 26). Se espero a ajuda de um amigo, não posso dizer: Dispusestes nossa vida, Senhor, de tal modo que devamos receber socorro, alívio e consolação uns dos outros; e, porque assim vos apraz, valer-me-ei deste homem, cuja amizade me destes para tal fim. Há algum justo motivo de temor? Quereis, ó Senhor, que eu tema, para que tome os meios convenientes a fim de evitar esse inconveniente; assim farei, Senhor, pois tal é o vosso beneplácito. Se o temor é excessivo: Ah, Deus, Pai eterno, que podem temer vossos filhos e os pintinhos que vivem sob vossas asas (Sl 90, 4; Mt 23, 37)? Pois bem, farei o que convém para evitar o mal que temo; mas, feito isso: Senhor, sou vosso, salvai-me (Sl

118, 94), se vos apraz; e o que me acontecer eu aceitarei, porque tal será a vossa boa vontade. Ó santa e sagrada alquimia! Ó divino pó de projeção, pelo qual todos os metais de nossas paixões, afeições e ações são convertidos no ouro puríssimo da celeste dileção!

CAPÍTULO XXI

Que a tristeza é quase sempre inútil, e até contrária ao serviço do santo amor

Não se pode enxertar um garfo de carvalho numa pereira, de tão contrário que é o humor dessas duas árvores uma para a outra; do mesmo modo, certamente, não se poderia enxertar a ira, nem a cólera, nem o desespero na caridade — ou, ao menos, seria dificílimo. Quanto à ira, já a vimos no discurso sobre o zelo (Livro X, caps. 15 e 16); quanto ao desespero, a não ser que se reduza à justa desconfiança de nós mesmos, ou ao sentimento que devemos ter da vaidade, fraqueza e inconstância dos favores, auxílios e promessas do mundo, não vejo que serviço o divino amor possa tirar dele.

E quanto à tristeza, como pode ela ser útil à santa caridade, já que entre os frutos do Espírito Santo a alegria é colocada logo ao lado da caridade (Gl 5, 22)? Não obstante, o grande Apóstolo diz assim: A tristeza que é segundo Deus produz uma penitência estável para a salvação; mas a tristeza do mundo produz a morte (2Cor 7, 10). Há, pois, uma tristeza segundo Deus, que se exerce ou pelos pecadores na penitência, ou pelos bons na compaixão pelas misérias temporais do próximo, ou pelos perfeitos na

deploração, na queixa e na condolência pelas calamidades espirituais das almas. Pois Davi, São Pedro e Madalena choraram por seus pecados; Agar chorou ao ver o filho quase morto de sede; Jeremias, sobre a ruína de Jerusalém; Nosso Senhor, sobre os judeus; e seu grande Apóstolo, gemendo, disse estas palavras: Muitos andam — dos quais muitas vezes vos falei, e de novo vos falo chorando — que são inimigos da Cruz de Jesus Cristo (Fl 3, 18).

Há, pois, uma tristeza deste mundo, que provém igualmente de três causas. Primeiro, ela provém algumas vezes do inimigo infernal, que, por mil sugestões tristes, melancólicas e enfadonhas, obscurece o entendimento, enfraquece a vontade e perturba toda a alma; e, assim como um nevoeiro espesso enche a cabeça e o peito de umidade e, por esse meio, torna difícil a respiração e deixa o viajante perplexo, do mesmo modo o maligno, enchendo o espírito humano de pensamentos tristes, tira-lhe a facilidade de aspirar a Deus e lhe causa um tédio e um desânimo extremos, a fim de o levar ao desespero e à perdição. Diz-se (Plínio, História Natural, IX, 42) que há um peixe chamado pescador, também alcunhado de diabo-do-mar, o qual, revolvendo e empurrando o limo de um lado para outro, turva a água ao seu redor para se manter nela como numa emboscada; e dali, assim que percebe os pobres peixinhos, lança-se sobre eles, saqueia-os e devora-os. Daí talvez tenha vindo a expressão "pescar em águas turvas", de que comumente se usa. Ora, o mesmo se dá com o diabo do inferno e com o diabo-do-mar; pois ele arma suas emboscadas na tristeza: depois de haver perturbado a alma com uma multidão de pensamentos enfadonhos lançados aqui e ali no entendimento, precipita-se em seguida sobre as afeições, esmagando-as com

desconfianças, ciúmes, aversões, invejas, apreensões supérfluas dos pecados passados, e fornecendo uma quantidade de sutilezas vãs, amargas e melancólicas, para que se rejeite toda espécie de razões e consolações.

Segundo, a tristeza procede também, outras vezes, da condição natural, quando o humor melancólico domina em nós; e esta não é, na verdade, viciosa em si mesma, mas nosso inimigo dela se serve grandemente para urdir e tramar mil tentações em nossas almas. Pois, assim como as aranhas quase nunca tecem suas teias senão quando o tempo está pálido e o céu nublado, do mesmo modo esse espírito maligno nunca tem tanta facilidade para armar as redes de suas sugestões nos espíritos doces, benignos e alegres como nos espíritos sombrios, tristes e melancólicos; pois neles facilmente suscita desgostos, suspeitas, ódios, murmurações, censuras, invejas, preguiça e torpor espiritual.

Terceiro, e por fim, há uma tristeza que a variedade dos acidentes humanos nos traz. Que alegria posso ter, dizia Tobias, não podendo ver a luz do céu (Tb 5, 12)? Assim se entristeceu Jacó com a notícia da morte de seu José (Gn 37, 34), e Davi com a de seu Absalão (2Sm 18, 33). Ora, essa tristeza é comum aos bons e aos maus; mas nos bons é moderada pelo aquiescimento e pela resignação à vontade de Deus, como se viu em Tobias, que, por todas as adversidades que o atingiram, rendeu graças à divina Majestade; e em Jó, que por elas bendisse o nome do Senhor (Jó 1, 21); e em Daniel, que converteu suas dores em cânticos (Dn 9). Ao contrário, quanto aos mundanos, essa tristeza lhes é habitual e se converte em pesares, desesperos e atordoamentos de espírito; pois são semelhantes aos macacos e bugios, que estão sempre sombrios, tristes e mal-humorados no minguar da lua, ao passo que, na

renovação dela, saltam, dançam e fazem suas macaquices. O mundano é rabugento, ranzinza, amargo e melancólico na falta das prosperidades terrenas; e, na abundância, é quase sempre fanfarrão, exultante e insolente.

Na verdade, a tristeza da verdadeira penitência não deve tanto chamar-se tristeza quanto desgosto, ou sentimento e detestação do mal: tristeza que nunca é enfadonha nem sombria; tristeza que não entorpece o espírito, antes o torna ativo, pronto e diligente; tristeza que não abate o coração, antes o levanta pela oração e pela esperança, e o faz lançar-se aos ímpetos do fervor da devoção; tristeza que, no auge de suas amarguras, produz sempre a doçura de uma consolação incomparável, segundo o preceito do grande Santo Agostinho (Comentário ao Salmo 1): Que o penitente sempre se entristeça, mas que sempre se alegre de sua tristeza. "A tristeza", diz Cassiano, "que produz a sólida penitência e o agradável arrependimento de que nunca nos arrependemos, é obediente, afável, humilde, benévola, suave e paciente, por ser nascida e descendida da caridade; de modo que, estendendo-se a toda dor do corpo e contrição do espírito, é, de certa maneira, alegre, animada e revigorada pela esperança de seu proveito; conserva toda a suavidade da afabilidade e da longanimidade, tendo em si mesma os frutos do Espírito Santo que o santo Apóstolo enumera: Ora, os frutos do Espírito Santo são a caridade, a alegria, a paz, a longanimidade, a bondade, a benignidade, a fé, a mansidão e a continência (Gl 5, 22-23)." Tal é a verdadeira penitência, e tal a boa tristeza, que decerto não é propriamente triste nem melancólica, mas apenas atenta e empenhada em detestar, rejeitar e impedir o mal do pecado, quanto ao passado e quanto ao porvir. Vemos também muitas

vezes penitências apressadas, perturbadas, impacientes, chorosas, amargas, suspirosas, inquietas, extremamente ásperas e melancólicas, que ao cabo se revelam infrutuosas e sem nenhuma verdadeira emenda em seguida, porque não procedem dos verdadeiros motivos da virtude da penitência, mas do amor-próprio e natural.

A tristeza do mundo produz a morte, diz o Apóstolo (2Cor 7, 10): é preciso, pois, Teótimo, evitá-la e rejeitá-la o quanto pudermos. Se ela é natural, devemos repeli-la, contrariando seus movimentos, distraindo-a com exercícios próprios para isso e usando os remédios e o modo de vida que os próprios médicos julgarem convenientes. Se provém de tentação, é preciso abrir bem o coração ao pai espiritual, que nos prescreverá os meios de vencê-la, conforme dissemos na quarta Parte da Introdução à Vida Devota (cap. 14). Se é acidental, recorreremos ao que está indicado no oitavo Livro (caps. 4 e 5), a fim de ver quão amáveis são as tribulações para os filhos de Deus, e como a grandeza de nossas esperanças na vida eterna deve tornar quase insignificantes todos os acontecimentos passageiros da vida temporal.

Quanto ao mais, em meio a todas as melancolias que nos possam sobrevir, devemos empregar a autoridade da vontade superior para fazer tudo o que for possível em favor do divino amor. É certo que há ações que dependem de tal modo da disposição e da compleição corporal, que não está em nosso poder realizá-las a nosso gosto: pois um melancólico não conseguiria manter os olhos, a palavra ou o rosto na mesma graça e suavidade que teria se estivesse livre desse mau humor; mas pode muito bem, ainda que sem graça, dizer palavras amáveis, bondosas e corteses e, apesar de sua inclinação, fazer pela razão as coisas convenientes,

em palavras e obras de caridade, doçura e condescendência. É desculpável não estar sempre alegre, pois não somos senhores da alegria para tê-la quando queremos; mas não é desculpável não ser sempre bondoso, tratável e condescendente, pois isso está sempre ao alcance de nossa vontade, e basta resolver-se a superar o humor e a inclinação contrária.

LIVRO

XII

Contendo alguns conselhos para o progresso da alma no santo amor

Capítulos I a XIII

CAPÍTULO I

Que o progresso no santo amor não depende do temperamento natural

Um grande religioso de nossa época escreveu que a disposição natural muito serve ao amor contemplativo, e que as pessoas de temperamento afetuoso e amoroso são mais aptas para ele. Ora, não penso que ele queira dizer que o amor sagrado seja distribuído aos homens nem aos Anjos em consequência, e menos ainda em virtude, das condições naturais; nem que queira dizer que a distribuição do amor divino se faça aos homens segundo as suas qualidades e habilidades naturais, pois isso seria desmentir a Escritura e violar a regra eclesiástica pela qual os pelagianos foram declarados hereges.

Quanto a mim, falo neste Tratado do amor sobrenatural que Deus derrama em nossos corações por sua bondade, e cuja morada está na suprema ponta do espírito — ponta que está acima de todo o resto de nossa alma e que é independente de qualquer temperamento natural. E, além disso, ainda que as almas inclinadas à dileção tenham, de um lado, alguma disposição que as torna mais aptas a querer amar a Deus, de outro lado, contudo, estão tão sujeitas a apegar-se por afeição às criaturas amáveis, que a sua inclinação as põe em tanto perigo de desviar-se da pureza do amor sagrado pela mistura de outros amores quanto lhes dá facilidade para querer amar a Deus; pois o perigo de amar mal está ligado à facilidade de amar.

É verdade, no entanto, que essas almas assim constituídas, uma vez bem purificadas do amor das criaturas, fazem maravilhas na santa dileção, encontrando o amor grande facilidade para dilatar-se por todas as faculdades do coração; e daí procede uma suavidade agradabilíssima, que não aparece naqueles que têm a alma azeda, áspera, melancólica e arisca.

Todavia, se duas pessoas — sendo uma amorosa e doce, e a outra sombria e amarga por condição natural — tiverem caridade igual, amarão sem dúvida igualmente a Deus, mas não de modo semelhante. O coração de natural doce amará mais facilmente, mais amavelmente, mais docemente, mas não mais solidamente nem mais perfeitamente; antes, o amor que nascer entre os espinhos e as repugnâncias de um natural áspero e seco será mais bravo e mais glorioso, assim como o outro será também mais delicioso e gracioso.

Pouco importa, portanto, que se esteja naturalmente disposto ao amor, quando se trata de um amor sobrenatural e pelo qual só se age sobrenaturalmente. Somente, Teótimo, eu diria de bom grado a todos os homens: Ó mortais, se tendes o coração inclinado ao amor, ah, por que não aspirais ao celeste e divino? Mas, se sois rudes e amargos de coração, ai de vós, pobre gente: já que estais privados do amor natural, por que não aspirais ao amor sobrenatural, que vos será amorosamente dado por Aquele que tão santamente vos chama a amá-lo?

CAPÍTULO II

Que é preciso ter um desejo contínuo de amar

Entesourai tesouros no Céu (Mt 6, 20). Um só tesouro não basta ao gosto desse divino Amante; antes, ele quer que tenhamos tantos tesouros que o nosso tesouro seja composto de muitos tesouros; isto é, Teótimo, que é preciso ter um desejo insaciável de amar a Deus, para juntar sempre dileção a dileção. Que é que impele tão fortemente as abelhas a aumentar o seu mel, senão o amor que lhe têm? Ó coração de minha alma, que foste criado para amar o bem infinito, que amor podes desejar senão aquele que é o mais desejável de todos os amores? Ai, ó alma de meu coração, que desejo podes amar senão o mais amável de todos os desejos? Ó amor dos desejos sagrados, ó desejos do santo amor! Oh, como cobicei desejar as vossas perfeições (Sl 118, 20)!

O doente sem apetite não tem vontade de comer, mas anseia por ter vontade; não deseja o alimento, mas deseja desejá-lo. Teótimo, saber se amamos a Deus sobre todas as coisas não está em nosso poder, se o próprio Deus não no-lo revela; mas bem podemos saber se desejamos amá-lo; e, quando sentimos em nós o desejo do amor sagrado, sabemos que começamos a amar. É a nossa parte sensual e animal que anseia por comer, mas é a nossa parte racional que deseja esse apetite; e, como a parte sensual nem sempre obedece à parte racional, acontece muitas vezes que desejamos o apetite e não o podemos ter. Mas o desejo de amar e o amor dependem da mesma vontade: por isso, assim que formamos o verdadeiro desejo de amar, começamos a ter amor; e, à medida que esse desejo vai crescendo, o amor também vai aumentando.

Quem deseja ardentemente o amor amará bem cedo com ardor. Ó Deus, quem nos fará a graça, Teótimo, de que ardamos desse desejo, que é o desejo dos Pobres e a preparação de seu coração, que Deus de bom grado atende (Sl 9, 38)! Quem não está seguro de amar a Deus é pobre; e, se deseja amar, é mendigo, mas mendigo daquela feliz mendicidade da qual disse o Salvador (Mt 5, 3): *Bem-aventurados os mendigos de espírito, porque deles é o Reino dos céus.*

Tal foi Santo Agostinho quando exclamou: "Ó amar! Ó caminhar! Ó morrer para si mesmo! Ó chegar a Deus!" Tal São Francisco, dizendo: "Que eu morra de teu amor, ó Amigo de meu coração, que te dignaste morrer por meu amor!" Tais foram Santa Catarina de Gênova e a bem-aventurada Madre Teresa, quando, como cervas espirituais, ofegantes e morrendo de sede do amor divino (Sl 12, 1), lançavam esta voz: Ah, Senhor, dai-me dessa água (Jo 4, 15)!

A avareza temporal, pela qual se desejam avidamente os tesouros terrenos, é a raiz de todos os males (1Tm 6, 10); mas a avareza espiritual, pela qual se anseia incessantemente pelo ouro puro do amor sagrado, é a raiz de todos os bens. Quem bem deseja a dileção, bem a procura; quem bem a procura, bem a encontra (Mt 7, 8); quem bem a encontra, encontrou a fonte da vida, da qual haurirá a salvação do Senhor (Pr 8, 35). Clamemos noite e dia, Teótimo: "Vinde, ó Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo de vosso amor." Ó amor celeste, quando enchereis a minha alma até a borda?

CAPÍTULO III

Que, para ter o desejo do amor sagrado, é preciso cortar os outros desejos

Por que pensais, Teótimo, que os cães, na estação da primavera, perdem mais frequentemente do que em outro tempo o rastro e a pista da caça? É porque, dizem os caçadores e os filósofos, as ervas e as flores estão então em pleno vigor, de modo que a variedade dos odores que espalham sufoca de tal maneira o faro dos cães, que já não sabem escolher nem seguir o cheiro da presa entre tantos cheiros diversos que a terra exala. Certamente, aquelas almas que abundam continuamente em desejos, planos e projetos jamais desejam como convém o santo amor celeste, nem podem sentir bem o rastro amoroso e a pista do divino Bem-Amado, que é comparado ao cabrito montês e ao filhote da corça (Ct 2, 9).

O lírio não tem estação própria: floresce cedo ou tarde conforme o plantem mais ou menos fundo na terra; pois, se o enterram apenas três dedos, florescerá imediatamente; mas, se o enterram seis ou nove dedos, florescerá também sempre mais tarde, na mesma proporção. Se o coração que aspira ao amor divino está muito afundado nos negócios terrenos e temporais, florescerá tarde e com dificuldade; mas, se está no mundo apenas tanto quanto a sua condição o exige, vê-lo-eis bem cedo florescer em dileção e espalhar o seu odor agradável (Ct 2, 13).

Por isso os Santos se retiraram para as solidões, a fim de que, desprendidos das solicitudes mundanas, se entregassem mais ardentemente ao amor celeste. Por isso a Esposa sagrada (Ct 4, 9) fechava um de seus olhos, a fim de unir mais fortemente a sua vista

no outro apenas e visar mais certeiramente, por esse meio, ao meio do coração de seu Bem-Amado, que ela quer ferir de amor. Por isso ela mesma mantém a cabeleira tão dobrada e recolhida na trança, que parece ter um só cabelo, do qual se serve como de uma cadeia para prender e arrebatar o coração de seu Esposo, que ela torna escravo de sua dileção. As almas que desejam de todo o coração amar a Deus fecham o entendimento aos discursos das coisas mundanas, para empregá-lo mais ardentemente nas meditações das coisas divinas, e recolhem todas as suas pretensões sob a única intenção que têm de amar unicamente a Deus. Quem quer que deseje alguma coisa que não deseja por Deus, deseja menos a Deus.

Um religioso perguntou ao bem-aventurado Gil o que poderia fazer de mais agradável a Deus; e ele lhe respondeu cantando: "Uma a um, uma a um"; isto é: "uma só alma a um só Deus". Tantos desejos e amores num só coração são como muitas crianças num só peito, que, não podendo mamar todas juntas, ora uma, ora outra o apertam à porfia, e afinal o fazem estancar e secar. Quem aspira ao amor divino deve reservar cuidadosamente para isso o seu tempo, o seu espírito e os seus afetos.

CAPÍTULO IV

Que as ocupações legítimas não nos impedem de praticar o amor divino

A curiosidade, a ambição, a inquietação, juntamente com o descuido e a falta de consideração do fim para o qual estamos neste mundo, são causa de que tenhamos mil vezes mais embaraços do

que negócios, mais azáfama do que obra, mais ocupação do que trabalho; e são esses embaraços, Teótimo — isto é, as ocupações tolas, vãs e supérfluas de que nos carregamos —, que nos desviam do amor de Deus, e não os verdadeiros e legítimos exercícios de nossas vocações. Davi, e depois dele São Luís, em meio a tantos perigos, fadigas e negócios que tiveram, tanto na paz como na guerra, não deixavam de cantar com verdade:

> *Que quer meu coração senão a Deus,*
> *de tudo quanto no Céu se admira?*
> *E que há neste baixo mundo,*
> *senão Deus, por quem meu coração respira? (Sl 72, 25)*

São Bernardo nada perdia do progresso que desejava fazer neste santo amor, ainda que estivesse nas cortes e nos exércitos dos grandes príncipes, onde se empregava em reduzir os negócios de Estado ao serviço da glória de Deus: mudava de lugar, mas não mudava de coração, nem o seu coração de amor, nem o seu amor de objeto; e, para falar em sua própria linguagem, essas mudanças se faziam nele, mas não dele, pois, ainda que as suas ocupações fossem muito diferentes, ele era indiferente a todas as ocupações e diferente de todas as ocupações; não recebendo a cor dos negócios e das conversações, como o camaleão recebe a dos lugares em que se encontra, mas permanecendo sempre todo unido a Deus, sempre branco de pureza, sempre vermelho de caridade e sempre cheio de humildade.

Bem conheço, Teótimo, o parecer dos sábios:

> *Fuja da corte e deixe o palácio*
> *quem quiser viver devoto; raramente nos exércitos*
> *se veem almas animadas de piedade:*
> *a fé e a santidade são filhas da paz.*

E os israelitas tinham razão de escusar-se diante dos babilônios que os instavam a cantar os sagrados cânticos de Sião:

> *Ai! Mas com que música,*
> *neste triste desterro,*
> *poderíamos nós cantar santamente*
> *do Senhor o sagrado cântico? (Sl 136, 4)*

Mas não vedes também que essa pobre gente não estava somente entre os babilônios, mas ainda cativa dos babilônios? Quem quer que seja escravo dos favores da corte, dos êxitos do foro, das honras da guerra — ó Deus, está tudo perdido: não saberá cantar o cântico do amor divino. Mas aquele que só está na corte, na guerra, no foro por dever, Deus o assiste, e a doçura celeste lhe serve de bálsamo sobre o coração, para preservá-lo da peste que reina naqueles lugares.

Quando a peste afligiu o Milanês, São Carlos jamais teve dificuldade em frequentar as casas e tocar as pessoas empestadas; mas, Teótimo, ele as frequentava e tocava somente e exatamente quanto a necessidade do serviço de Deus o exigia; e por nada iria ao perigo sem verdadeira necessidade, com medo de cometer o pecado de tentar a Deus. Assim, não foi atingido por mal algum, conservando a divina Providência aquele que nela tinha uma confiança tão pura que não estava misturada nem de timidez nem de temeridade. Do mesmo modo Deus cuida daqueles que só vão à corte, ao foro, à guerra pela necessidade de seu dever; e não se

deve, nisso, ser tão medroso que se abandonem os bons e justos negócios por não ir a eles, nem tão atrevido e presunçoso que se vá ou se permaneça neles sem a expressa necessidade do dever e dos negócios.

CAPÍTULO V

Um exemplo muito amável a respeito deste assunto

Deus é inocente com o inocente (Sl 17, 26), bom com o bom, cordial com o cordial, terno com os ternos; e o seu amor o leva por vezes a ter rasgos de uma sagrada e santa ternura para com as almas que, por uma amorosa pureza e simplicidade, se fazem como criancinhas junto dele.

Certo dia, Santa Francisca rezava o Ofício de Nossa Senhora; e, como ordinariamente acontece que, se há um único negócio em todo o dia, é no tempo da oração que a urgência dele chega, essa santa senhora foi chamada da parte do marido para um serviço doméstico, e por quatro vezes diferentes, quando pensava retomar o fio de seu Ofício, foi de novo chamada e obrigada a interromper o mesmo versículo; até que, estando enfim terminado aquele bendito negócio, por causa do qual tão apressadamente se desviara a sua oração, ao voltar ao seu Ofício encontrou aquele versículo, tantas vezes deixado por obediência e tantas vezes recomeçado por devoção, todo escrito em belos caracteres de ouro, que a sua devota companheira, dona Vanozza, jurou ter visto escrever pelo querido Anjo da Guarda da Santa, à qual depois São Paulo também o revelou.

Que suavidade, Teótimo, desse Esposo celeste para com essa doce e fiel amante! Mas vede, entretanto, que as ocupações necessárias a cada um segundo a sua vocação não diminuem o amor divino, antes o aumentam e douram, por assim dizer, a obra da devoção. O rouxinol não ama menos a sua melodia quando faz as suas pausas do que quando canta; o coração devoto não ama menos o amor quando se desvia para as necessidades exteriores do que quando ora: o silêncio e a voz deles, a ação e a contemplação, a ocupação e o repouso cantam igualmente neles o cântico de sua dileção.

CAPÍTULO VI

Que devemos empregar todas as ocasiões presentes na prática do amor divino

Há almas que fazem grandes projetos de prestar excelentes serviços a Nosso Senhor por meio de ações eminentes e de sofrimentos extraordinários — mas ações e sofrimentos cuja ocasião não está presente nem talvez jamais se apresentará; e com isso pensam ter praticado um ato de grande amor. Nisso se enganam muitas vezes, como aparece no fato de que, abraçando com o desejo, ao que lhes parece, grandes cruzes futuras, fogem ardentemente do peso das presentes, que são menores. Não é uma extrema tentação ser tão valente na imaginação e tão covarde na execução?

Ah, Deus nos guarde desses ardores imaginários, que bem amiúde alimentam no fundo de nossos corações a vã e secreta estima de nós mesmos! As grandes obras nem sempre estão em nosso caminho; mas a toda hora podemos fazer excelentemente as

pequenas, isto é, com um grande amor. Vede aquele Santo, peço-vos, que dá um copo de água por Deus ao pobre viajante sedento: faz pouca coisa, ao que parece; mas a intenção, a doçura, a dileção com que anima a sua obra é tão excelente, que converte essa simples água em água de vida, e de vida eterna (Mt 10, 42).

As abelhas colhem nos lírios, nas írises e nas rosas, mas não fazem menor colheita nas miúdas florzinhas do alecrim e do tomilho; antes, nelas recolhem não somente mais mel, mas ainda melhor mel, porque, dentro desses pequenos vasos, encontrando-se o mel mais apertado, também aí se conserva muito melhor. Certamente, nos humildes e miúdos exercícios de devoção a caridade se pratica não somente com mais frequência, mas também, ordinariamente, com mais humildade e, por consequência, com mais utilidade e santidade.

Essas condescendências com os humores alheios, esse suportar das ações e maneiras rudes e enfadonhas do próximo, essas vitórias sobre os nossos próprios humores e paixões, essa renúncia às nossas pequenas inclinações, esse esforço contra as nossas aversões e repugnâncias, essa cordial e doce confissão de nossas imperfeições, essa pena contínua que tomamos de manter as nossas almas em equilíbrio, esse amor à nossa abjeção, esse benigno e gracioso acolhimento que damos ao desprezo e à censura de nossa condição, de nossa vida, de nosso trato, de nossas ações: Teótimo, tudo isso é mais frutuoso para as nossas almas do que saberíamos pensar, contanto que a dileção celeste o administre. Mas já o dissemos a Filoteia.

CAPÍTULO VII

Que devemos cuidar de fazer nossas ações com grande perfeição

Nosso Senhor, segundo o relato dos Antigos, costumava dizer aos seus: "Sede bons cambistas." Se a moeda não é de bom ouro, se não tem o seu peso, se não foi cunhada com o cunho legítimo, rejeita-se como inaceitável; se uma obra não é de boa espécie, se não é ornada de caridade, se a intenção não é piedosa, não será recebida entre as boas obras. Se jejuo, mas para poupar dinheiro, o meu jejum não é de boa espécie; se é por temperança, mas tenho algum pecado mortal na alma, falta o peso a essa obra, pois é a caridade que dá peso a tudo quanto fazemos; se é somente por sociabilidade e para acomodar-me aos meus companheiros, essa obra não está marcada com o cunho de uma intenção aprovada. Mas, se jejuo por temperança, e estou na graça de Deus, e tenho intenção de agradar à sua divina Majestade por essa temperança, a obra será uma boa moeda, própria para aumentar em mim o tesouro da caridade.

É fazer excelentemente as ações pequenas fazê-las com muita pureza de intenção e uma forte vontade de agradar a Deus; e então elas nos santificam grandemente. Há pessoas que comem muito e estão sempre magras, extenuadas e lânguidas, porque não têm boa força digestiva; há outras que comem pouco e estão sempre em bom estado e vigorosas, porque têm bom estômago. Assim há almas que fazem muitas boas obras e crescem muito pouco em caridade, porque as fazem ou friamente e frouxamente, ou por instinto e inclinação da natureza mais do que por inspiração de

Deus ou fervor celeste; e, ao contrário, há outras que fazem pouco trabalho, mas com uma vontade e intenção tão santa, que fazem um progresso extremo na dileção: têm pouco talento, mas o administram tão fielmente, que o Senhor as recompensa largamente (Mt 25, 21).

CAPÍTULO VIII

Meio geral para aplicar nossas obras ao serviço de Deus

Tudo o que fizerdes, e qualquer coisa que façais em palavras e em obras, fazei-o tudo em nome de Jesus Cristo. Quer comais, quer bebais, quer façais alguma outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus. São estas as próprias palavras do divino Apóstolo (Cl 3, 17; 1Cor 10, 31), as quais, como diz o grande São Tomás ao explicá-las, são suficientemente praticadas quando temos o hábito da santíssima caridade, pela qual, ainda que não tenhamos uma expressa e atenta intenção de fazer cada obra por Deus, essa intenção está contudo contida de modo velado na união e comunhão que temos com Deus, pela qual tudo o que podemos fazer de bom é dedicado conosco à sua divina Bondade. Não é necessário que um filho que mora na casa e sob o poder de seu pai declare que aquilo que adquire é adquirido para o pai, pois, sendo a sua pessoa do pai, tudo o que dela depende também lhe pertence. Basta, do mesmo modo, que sejamos filhos de Deus por dileção, para tornar tudo o que fazemos inteiramente destinado à sua glória.

É pois verdade, Teótimo, que, como dissemos noutro lugar, assim como a oliveira plantada perto da vinha lhe dá o seu sabor,

do mesmo modo a caridade, achando-se junto das outras virtudes, comunica-lhes a sua perfeição. Mas é verdade também que, assim como, se enxertarmos a vinha na oliveira, esta não somente lhe comunica mais perfeitamente o seu gosto, mas ainda a torna participante de sua seiva, também não vos contenteis de ter a caridade e, com ela, a prática das virtudes, mas fazei que seja por ela e para ela que as pratiqueis, a fim de que possam ser-lhe justamente atribuídas.

Quando um pintor segura e conduz a mão do aprendiz, o traço que daí procede é principalmente atribuído ao pintor; porque, ainda que o aprendiz tenha contribuído com o movimento de sua mão e com a aplicação do pincel, o mestre, de sua parte, de tal modo misturou o seu movimento com o do aprendiz, imprimindo-o nele, que a honra do que há de bom no traço lhe é especialmente deferida, ainda que não se deixe de louvar o aprendiz por causa da flexibilidade com que acomodou o seu movimento à condução do mestre. Oh, quão excelentes são as ações das virtudes quando o amor divino lhes imprime o seu sagrado movimento, isto é, quando são feitas pelo motivo da dileção! Mas isso se faz de modos diferentes.

O motivo da divina caridade derrama uma influência de perfeição particular sobre as ações virtuosas daqueles que se dedicaram especialmente a Deus para servi-lo para sempre. Tais são os Bispos e os sacerdotes, que, por uma consagração sacramental e por um caráter espiritual que não pode ser apagado, se consagram, como servos estigmatizados e marcados, ao perpétuo serviço de Deus; tais os religiosos, que, por seus votos solenes ou simples, são imolados a Deus na qualidade de hóstias vivas e racionais (Rm 12, 1); tais todos os que se reúnem em

congregações piedosas, dedicados para sempre à glória divina. Tais ainda todos aqueles que, de propósito, procuram tomar profundas e poderosas resoluções de seguir a vontade de Deus, fazendo para isso retiros de alguns dias, a fim de excitar as suas almas, por diversos exercícios espirituais, à inteira reforma de sua vida: método santo, familiar aos antigos cristãos, mas depois quase de todo abandonado, até que o grande servo de Deus, Inácio de Loyola, o restaurou no tempo de nossos pais.

Sei que alguns não julgam que essa oblação tão geral de nós mesmos estenda a sua virtude e leve a sua influência sobre as ações que praticamos em seguida, senão à medida que, no exercício delas, aplicamos em particular o motivo da dileção, dedicando-as especialmente à glória de Deus. Mas todos confessam, contudo, com São Boaventura, louvado por todos neste assunto, que, se resolvi em meu coração dar cem escudos por Deus, ainda que depois faça sem pressa a distribuição dessa soma, com o espírito distraído e sem atenção, toda a distribuição não deixará, todavia, de ser feita por amor, porquanto procede do primeiro projeto que o amor divino me fez formar de dar tudo aquilo.

Mas, por favor, Teótimo, que diferença há entre aquele que oferece cem escudos a Deus e aquele que lhe oferece todas as suas ações? Certamente não há nenhuma, senão que um oferece uma soma de dinheiro, e o outro, uma soma de ações. E por que, então, peço-vos, não hão de ser um e outro tidos por igualmente fazendo a distribuição das parcelas de suas somas em virtude de seus primeiros propósitos e resoluções fundamentais? E, se um, distribuindo os seus escudos sem atenção, não deixa de gozar da influência de seu primeiro desígnio, por que o outro, distribuindo as suas ações, não gozará do fruto de sua primeira intenção?

Aquele que deliberadamente se fez escravo amável da divina Bondade dedicou-lhe, por consequência, todas as suas ações.

Sobre esta verdade, cada um deveria uma vez na vida fazer um bom retiro, para nele purgar bem a sua alma de todo pecado e, em seguida, tomar uma íntima e sólida resolução de viver todo para Deus, segundo o que ensinamos na primeira Parte da *Introdução à Vida Devota*; depois, ao menos uma vez por ano, fazer a revisão de sua consciência e a renovação da primeira resolução, que assinalamos na quinta Parte daquele livro, ao qual, quanto a isso, vos remeto.

Certamente, São Boaventura reconhece que um homem que adquiriu uma inclinação e um costume tão grandes de fazer o bem, que amiúde o faz sem atenção especial, não deixa de merecer muito por tais ações, as quais são enobrecidas pela dileção, da qual provêm como da raiz e fonte originária desse feliz hábito, facilidade e prontidão.

CAPÍTULO IX

De alguns outros meios para aplicar mais particularmente nossas obras ao amor de Deus

Quando as pavoas chocam em lugares bem brancos, os filhotes saem também todos brancos; e, quando as nossas intenções estão no amor de Deus ao projetarmos alguma boa obra ou ao lançarmo-nos em alguma ocupação, todas as ações que daí se seguem tomam o seu valor e tiram a sua nobreza da dileção da qual têm origem: pois quem não vê que as ações próprias de minha

vocação ou requeridas pelo meu desígnio dependem daquela primeira eleição e resolução que fiz?

Mas, Teótimo, não nos devemos deter aí; antes, para fazer um excelente progresso na devoção, é preciso não somente, no começo de nossa conversão e depois todos os anos, destinar a nossa vida e todas as nossas ações a Deus, mas é preciso também oferecer-lhas todos os dias, segundo o exercício da manhã que ensinamos a Filoteia; pois, nessa renovação diária de nossa oblação, derramamos sobre as nossas ações o vigor e a virtude da dileção, por uma nova aplicação de nosso coração à glória divina, mediante o que ele é sempre mais santificado.

Além disso, apliquemos cem e cem vezes por dia a nossa vida ao amor divino, pela prática das orações jaculatórias, das elevações do coração e dos retiros espirituais: pois esses santos exercícios, lançando e arremessando continuamente os nossos espíritos em Deus, levam para lá em seguida todas as nossas ações. E como poderia ser, peço-vos, que uma alma que a todo momento se lança na divina Bondade e suspira incessantemente palavras de dileção, para manter sempre o seu coração no seio desse Pai celeste, não fosse tida por fazer todas as suas boas ações em Deus e por Deus? Aquela que diz: Ah, Senhor, eu sou vossa (Sl 118, 94); *Meu Bem-Amado é todo meu, e eu sou toda sua* (Ct 2, 16); "Meu Deus, vós sois o meu tudo; ó Jesus, vós sois a minha vida; ah, quem me fará a graça de que eu morra para mim mesma, a fim de que só viva para vós! Ó amar! Ó pôr-se a caminho! Ó morrer para si mesmo! Ó viver para Deus! Ó estar em Deus! Ó Deus, o que não sois vós mesmo nada é para mim" — essa alma, digo eu, não dedica continuamente as suas ações ao Esposo celeste? Oh, como é bem-aventurada a alma que uma vez fez bem o despojamento e a

perfeita resignação de si mesma nas mãos de Deus, de que falamos acima; pois depois disso não tem senão de dar um pequeno suspiro e um olhar para Deus, para renovar e confirmar o seu despojamento, a sua resignação e a sua oblação, com o protesto de que nada quer senão a Deus e por Deus, e de que não se ama a si nem a coisa alguma do mundo senão em Deus e por amor de Deus.

Ora, esse exercício das contínuas aspirações é, pois, muito próprio para aplicar todas as nossas obras à dileção; mas principalmente basta e sobra para as ações miúdas e ordinárias de nossa vida; pois, quanto às obras elevadas e de consequência, convém, para tirar delas um proveito de importância, usar do método seguinte, como já toquei noutro lugar. Elevemos nessas ocasiões os nossos corações e os nossos espíritos a Deus, aprofundemos a nossa consideração e estendamos o nosso pensamento na santíssima e gloriosa eternidade; vejamos que nela a divina Bondade nos acariciava ternamente, destinando para a nossa salvação todos os meios convenientes ao nosso progresso na sua dileção, e particularmente a oportunidade de fazer o bem que então se apresenta a nós, ou de sofrer o mal que nos sobrevém. Feito isso, desdobrando, por assim dizer, e erguendo os braços de nosso consentimento, abracemos com carinho, ardentemente e amorosissimamente, ou o bem que se apresenta para ser feito, ou o mal que nos cumpre sofrer, em consideração de que Deus o quis eternamente, para lhe agradar e obedecer à sua providência.

Vede o grande São Carlos quando a peste atacou a sua diocese: ergueu a sua coragem em Deus e considerou atentamente que, na eternidade da Providência divina, aquele flagelo estava preparado e destinado ao seu povo, e que, em meio a esse flagelo, essa mesma Providência ordenara que ele tivesse um cuidado amorosíssimo de

servir, aliviar e assistir cordialmente os aflitos, já que naquela ocasião se achava pai espiritual, pastor e Bispo daquela província. Por isso, representando-se a grandeza das penas, fadigas e perigos que lhe seria forçoso sofrer por esse motivo, imolou-se em espírito ao beneplácito de Deus e, beijando ternamente aquela cruz, exclamou do fundo do coração, à imitação de Santo André: "Salve, ó cruz preciosa! Salve, ó tribulação bem-aventurada! Ó santa aflição, quão amável tu és, pois saíste do seio amável desse Pai de eterna misericórdia, que te quis desde toda a eternidade e te destinou a este caro povo e a mim! Ó cruz, o meu coração te quer, pois o de meu Deus te quis; ó cruz, a minha alma te acaricia e te abraça com toda a sua dileção!"

Desse modo devemos empreender os maiores negócios e as mais ásperas tribulações que nos possam sobrevir. Mas, quando forem de longo fôlego, será preciso repetir de tempos em tempos, e bem amiúde, esse exercício, para continuar mais utilmente a nossa união com a vontade e o beneplácito de Deus, pronunciando aquele breve mas todo divino protesto de seu Filho: *Sim, ó Pai eterno, eu o quero de todo o meu coração, porque assim foi do vosso agrado* (Mt 11, 26). Ó Deus, Teótimo, quantos tesouros nesta prática!

CAPÍTULO X

Exortação ao sacrifício que devemos fazer a Deus do nosso livre-arbítrio

Ao sacrifício de São Carlos acrescento o do grande patriarca Abraão, como viva imagem do mais forte e leal amor que se possa

imaginar em criatura alguma. Sacrificou ele, certamente, todos os mais fortes afetos naturais que podia ter, quando, ouvindo a voz de Deus que lhe dizia: *Sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa de teu pai, e vem à terra que eu te mostrarei* (Gn 12, 1), saiu imediatamente e prontamente se pôs a caminho, sem saber para onde ia (Hb 11, 8). O doce amor da pátria, a suavidade do convívio dos parentes, as delícias da casa paterna não o abalaram; parte destemido e ardente, e vai para onde aprouver a Deus conduzi-lo. Que abnegação, Teótimo! Que renúncia! Não se pode amar a Deus perfeitamente se não se deixam os afetos às coisas perecíveis.

Mas isso não é nada em comparação com o que fez depois (Gn 22), quando Deus, chamando-o por duas vezes e tendo visto a sua prontidão em responder, lhe disse: *Toma Isaac, teu filho único, a quem amas, e vai à terra da visão, onde o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te mostrarei.* Pois eis que esse grande homem parte imediatamente com aquele filho tão amado e tão amável, faz três dias de caminho, chega ao pé da montanha, deixa ali os seus servos e o jumento, carrega o seu filho Isaac com a lenha necessária ao holocausto, reservando para si levar a espada e o fogo. E, enquanto vai subindo, aquele caro menino lhe diz: *Meu pai!* E ele lhe responde: *Que queres, meu filho? — Eis aqui*, diz o menino, *eis aqui a lenha e o fogo, mas onde está a vítima do holocausto?* Ao que o pai responde: *Deus proverá a vítima do holocausto, meu filho.* E, nisso, chegam ao monte destinado, onde logo Abraão constrói um altar, dispõe a lenha sobre ele, amarra o seu Isaac e o coloca sobre a fogueira; estende a mão direita, empunha e puxa para si a espada, ergue o braço e, no momento em que está prestes a descarregar o golpe para imolar aquele menino,

o Anjo clama do alto: *Abraão, Abraão!* Ao que ele responde: *Eis-me aqui.* E o Anjo lhe diz: *Não mates o menino, basta; agora conheço que temes a Deus e não poupaste o teu filho por amor de mim.* Com isso Isaac é desamarrado, e Abraão toma um carneiro que vê preso pelos chifres nos espinhos de um arbusto, e o imola.

Teótimo, quem olha a mulher do próximo para a cobiçar já adulterou em seu coração (Mt 5, 28); e quem amarra o seu filho para o imolar já o sacrificou em seu coração. Ah, vede pois, por favor, que holocausto fez esse santo homem em seu coração! Sacrifício incomparável, sacrifício que não se pode avaliar bastante, sacrifício que não se pode louvar bastante! Ó Deus, quem saberia discernir qual das duas dileções foi a maior: se a de Abraão, que para agradar a Deus imola aquele filho tão amável, ou a daquele filho que, para agradar a Deus, aceita de bom grado ser imolado e para isso se deixa amarrar e estender sobre a lenha, e, como um doce cordeirinho, espera pacificamente o golpe de morte da querida mão de seu bom pai?

Quanto a mim, prefiro o pai na longanimidade, mas dou também sem hesitar o prêmio da magnanimidade ao filho. Pois, de um lado, é na verdade uma maravilha — mas não tão grande — ver que Abraão, já velho e consumado na ciência de amar a Deus, e fortalecido pela recente visão e palavra divina, faça esse último esforço de lealdade e dileção para com um Senhor de quem tantas vezes sentira e saboreara a suavidade e a providência; mas ver Isaac, na primavera de sua idade, ainda todo noviço e aprendiz na arte de amar o seu Deus, oferecer-se, à simples palavra de seu pai, à espada e ao fogo para ser um holocausto de obediência à vontade divina — eis coisa que ultrapassa toda admiração.

Por outro lado, todavia, não vedes, Teótimo, que Abraão remói e revolve por mais de três dias em sua alma o amargo pensamento e a resolução desse áspero sacrifício? Não tendes pena de seu coração paterno quando, subindo sozinho com o filho, aquele menino mais simples do que uma pomba lhe dizia: *Meu pai, onde está a vítima?* — e ele lhe respondia: *Deus proverá, meu filho.* Não pensais que a doçura daquele menino, carregando a sua lenha sobre os ombros e depois empilhando-a sobre o altar, fez derreter de ternura as entranhas daquele pai? Ó coração que os Anjos admiram e que Deus engrandece! Ah, Senhor Jesus, quando será, pois, que, tendo-vos sacrificado tudo o que temos, vos imolaremos tudo o que somos? Quando vos ofereceremos em holocausto o nosso livre-arbítrio, filho único de nosso espírito? Quando será que o amarraremos e estenderemos sobre a fogueira de vossa Cruz, de vossos espinhos, de vossa lança, a fim de que, como uma ovelhinha, seja vítima agradável a vosso beneplácito, para morrer e arder do fogo e da espada de vosso santo amor? Ó livre-arbítrio de meu coração, que boa coisa vos será estar amarrado e estendido sobre a Cruz do divino Salvador! Que coisa desejável vos é morrer para vós mesmo, para arder para sempre em holocausto ao Senhor!

Teótimo, o nosso livre-arbítrio nunca é tão livre como quando é escravo da vontade de Deus, assim como nunca é tão servo como quando serve à nossa própria vontade; jamais tem tanta vida como quando morre para si mesmo, e jamais tem tanta morte como quando vive para si. Temos a liberdade de fazer o bem e o mal; mas escolher o mal não é usar, e sim abusar dessa liberdade. Renunciemos a essa infeliz liberdade e sujeitemos para sempre o nosso livre-arbítrio ao partido do amor celeste; façamo-nos

escravos da dileção, cujos servos são mais felizes do que os reis. E, se alguma vez a nossa alma quisesse empregar a sua liberdade contra as nossas resoluções de servir a Deus eternamente e sem reserva, ah, então, por amor de Deus, sacrifiquemos esse livre-arbítrio e façamo-lo morrer para si, a fim de que viva para Deus. Quem o quiser guardar para o amor próprio neste mundo, perdê-lo-á para o amor eterno no outro; e quem o perder por amor de Deus neste mundo, conservá-lo-á para o mesmo amor no outro (Mt 10, 39; Jo 12, 25). Quem lhe der a liberdade neste mundo, tê-lo-á servo e escravo no outro; e quem o escravizar à Cruz neste mundo, tê-lo-á livre no outro, onde, abismado no gozo da divina Bondade, a sua liberdade se achará convertida em amor e o amor em liberdade — mas liberdade de infinita doçura: sem esforço, sem pena e sem repugnância alguma, amaremos invariavelmente para sempre o Criador e Salvador de nossas almas.

CAPÍTULO XI

Dos motivos que temos para o santo amor

São Boaventura, o Padre Luís de Granada, o Padre Luís de Ponte e o Frei Diego de Estella discorreram suficientemente sobre este assunto; contentar-me-ei em assinalar apenas os pontos que a respeito dele toquei neste Tratado.

A Bondade divina, considerada em si mesma, não é somente o primeiro motivo de todos, mas o maior, o mais nobre e o mais poderoso, pois é aquele que arrebata os Bem-aventurados e completa a sua felicidade. Como se pode ter um coração e não amar uma Bondade tão infinita? Ora, este assunto é de algum

modo proposto nos capítulos I e II do Livro II, e desde o capítulo VIII do Livro III até o fim, e no capítulo IX do Livro X.

O segundo motivo é o da providência natural de Deus para conosco, da criação e da conservação, conforme dizemos no capítulo III do Livro II.

O terceiro motivo é o da providência sobrenatural de Deus para conosco e da redenção que ele nos preparou, tal como se explica nos capítulos IV, V, VI e VII do Livro II.

O quarto motivo é considerar como Deus pratica essa providência e essa redenção, fornecendo a cada um todas as graças e assistências requeridas para a nossa salvação, do que tratamos no Livro II, desde o capítulo VIII, e no Livro III, desde o começo até o capítulo VI.

O quinto motivo é a glória eterna que a divina Bondade nos destinou, a qual é o cúmulo dos benefícios de Deus para conosco; do que se discorre de algum modo desde o capítulo IX até o fim do Livro III.

CAPÍTULO XII

Método muito útil para empregar estes motivos

Ora, para receber destes motivos um calor profundo e poderoso de dileção, é preciso:

1. Que, depois de havermos considerado um deles em geral, o apliquemos em particular a nós mesmos. Por exemplo: Oh, quão amável é este grande Deus, que, por sua infinita bondade, deu o seu Filho em redenção por todo o mundo! Ai, sim, por todos em geral, mas ainda, em particular, por mim,

que sou o primeiro dos pecadores (1Tm 1, 15)! Ah! Ele me amou; digo, amou a *mim*; mas digo a mim mesmo, tal como sou, e entregou-se à Paixão por mim (Gl 2, 20)!

2. É preciso considerar os benefícios divinos em sua origem primeira e eterna. Ó Deus, meu Teótimo, que dileção suficientemente digna poderíamos ter pela infinita bondade do nosso Criador, que desde toda a eternidade projetou criar-nos, conservar-nos, governar-nos, resgatar-nos, salvar-nos e glorificar-nos, a todos em geral e a cada um em particular? Ah! Quem era eu, quando ainda não era? Eu, digo, que, sendo agora alguma coisa, não sou senão um simples e mísero vermezinho da terra. E, entretanto, Deus, desde o abismo da sua eternidade, pensava a meu respeito pensamentos de bênção (Jr 29, 11); meditava e traçava, ou antes, determinava a hora do meu nascimento, do meu Batismo, de todas as inspirações que me daria e, em suma, de todos os benefícios que me faria e me ofereceria. Ai, haverá doçura igual a esta doçura!

3. É preciso considerar os benefícios divinos em sua segunda fonte, a meritória; pois não sabeis, Teótimo, que o sumo sacerdote da lei trazia sobre os ombros e sobre o peito os nomes dos filhos de Israel, isto é, as pedras preciosas nas quais estavam gravados os nomes dos chefes de Israel (Ex 39, 14)? Pois bem, vede Jesus, o nosso grande Pontífice (Hb 4, 14), e contemplai-o desde o instante da sua concepção; considerai que ele nos levava sobre os ombros, aceitando o encargo de nos resgatar por sua morte, e morte de cruz (Fl 2, 8). Ó Teótimo, Teótimo, aquela alma do Salvador conhecia a todos nós por nome e por sobrenome; mas sobretudo no dia da sua Paixão, quando

> oferecia as suas lágrimas, as suas orações, o seu sangue e a sua vida por todos, lançava em particular por vós estes pensamentos de dileção: Ai, ó meu Pai eterno, tomo sobre mim e me encarrego de todos os pecados do pobre Teótimo, para sofrer os tormentos e a morte, a fim de que ele fique livre deles e não pereça, mas viva. Que eu morra, contanto que ele viva; que eu seja crucificado, contanto que ele seja glorificado! Ó amor soberano do coração de Jesus, que coração jamais te bendirá com bastante devoção!

Assim, dentro do seu peito materno, o seu coração divino previa, dispunha, merecia e impetrava todos os benefícios que temos, não somente em geral para todos, mas em particular para cada um; e os seus seios de doçura nos preparavam o leite de seus movimentos, de seus atrativos, de suas inspirações e das suavidades pelas quais ele atrai, conduz e nutre os nossos corações para a vida eterna. Os benefícios não nos aquecem, se não olharmos para a vontade eterna que no-los destina e para o coração do Salvador que no-los mereceu por tantas penas, e sobretudo em sua Morte e Paixão.

CAPÍTULO XIII

Que o monte Calvário é a verdadeira academia da dileção

Ora, enfim, para concluir: a Morte e Paixão de Nosso Senhor é o motivo mais doce e mais veemente que pode animar os nossos corações nesta vida mortal; e é verdade que as abelhas místicas fazem o seu mais excelente mel nas chagas daquele Leão da tribo de Judá (Ap 5, 5), degolado, despedaçado e dilacerado sobre o

monte Calvário; e os filhos da Cruz gloriam-se no seu admirável enigma, que o mundo não entende: da morte, que tudo devora, saiu o alimento da nossa consolação; e da morte, mais forte que tudo, brotou a doçura do mel do nosso amor (Jz 14, 8. 14). Ó Jesus, meu Salvador, quão amável é a vossa morte, pois que é o efeito soberano do vosso amor!

Assim também, lá no alto, na glória celeste, depois do motivo da Bondade divina conhecida e considerada em si mesma, o da morte do Salvador será o mais poderoso para arrebatar os espíritos bem-aventurados na dileção de Deus; em sinal do que, na Transfiguração, que foi uma amostra da glória, Moisés e Elias falavam com Nosso Senhor do excesso que ele havia de cumprir em Jerusalém (Lc 9, 31). Mas de que excesso, senão daquele excesso de amor pelo qual a vida foi arrebatada ao Amante para ser dada à bem-amada? De sorte que, no cântico eterno, imagino que se repetirá a todo momento esta alegre aclamação:

> *Viva Jesus, cuja morte*
> *mostrou quanto o amor é forte!*

Teótimo, o monte Calvário é o monte dos amantes. Todo amor que não tira a sua origem da Paixão do Salvador é frívolo e perigoso. Infeliz é a morte sem o amor do Salvador; infeliz é o amor sem a morte do Salvador. O amor e a morte estão de tal modo entrelaçados na Paixão do Salvador, que não se pode ter no coração um sem o outro. No Calvário não se pode ter a vida sem o amor, nem o amor sem a morte do Redentor; mas fora dali, tudo é ou morte eterna, ou amor eterno, e toda a sabedoria cristã consiste em bem escolher; e foi para vos ajudar nisso que compus este escrito, meu Teótimo.

É preciso escolher, ó mortal,
nesta vida mortal,
ou então o amor eterno,
ou então a morte eterna;
a ordenação do grande Deus
não deixa meio-termo algum.

Ó amor eterno, a minha alma vos requer e vos escolhe eternamente! Ah, "vinde, Espírito Santo, e inflamai os nossos corações com a vossa dileção". Ou amar, ou morrer! Morrer e amar! Morrer para todo outro amor, a fim de viver para o de Jesus, para que não morramos eternamente; mas para que, vivendo no vosso amor eterno, ó Salvador das nossas almas, cantemos eternamente: VIVA JESUS! Amo a Jesus! Viva Jesus, a quem amo! Amo a Jesus, que vive e reina pelos séculos dos séculos. Amém.

Estas coisas, Teótimo, que pela graça e pelo favor da caridade foram escritas à vossa caridade, possam de tal modo fixar-se no vosso coração, que essa caridade encontre em vós o fruto das santas obras, e não as folhas dos louvores. Amém, Deus seja bendito! Encerro, pois, todo este Tratado com estas palavras, com as quais Santo Agostinho terminou um admirável sermão sobre a caridade que pregou diante de uma ilustre assembleia.

Fim do "Tratado do Amor de Deus",
de São Francisco de Sales.

ANALÍTICO

Índice geral

LIVRO I **Que contém uma preparação para todo o Tratado** 17

I *Que, para a beleza da natureza humana, Deus entregou à vontade o governo de todas as faculdades da alma* 18

II *Como a vontade governa diversamente as potências da alma* 20

III *Como a vontade governa o apetite sensual* 23

IV *Que o amor domina sobre todas as afeições e paixões, e que governa até mesmo a vontade, ainda que a vontade também tenha domínio sobre ele* 27

V *Das afeições da vontade* 30

VI *Como o amor de Deus domina sobre os outros amores* 33

VII *Descrição do amor em geral* 35

VIII *Qual é a conveniência que desperta o amor* 41

IX *De como o amor tende à união* 43

X *De como a união a que o amor aspira é espiritual* 47

XI *De como há duas porções na alma, e de que maneira* 54

XII *De como nessas duas porções da alma há quatro graus diferentes de razão* 59

XIII *Da diferença dos amores* 62

XIV *De como a caridade deve ser chamada amor* 64

XV *Da conveniência que existe entre Deus e o homem* 66

XVI *Que temos uma inclinação natural de amar a Deus sobre todas as coisas* 69

XVII *Que não temos naturalmente o poder de amar a Deus sobre todas as coisas* 72

XVIII *Que a inclinação natural que temos de amar a Deus não é inútil* 75

LIVRO II **História da geração e do nascimento celeste do divino amor** 78

I *Que as perfeições divinas não são senão uma única, mas infinita perfeição* 79

II *Que em Deus não há senão um único ato, que é a sua própria divindade* 82

III *Da Providência divina em geral* 86

IV *Da providência sobrenatural que Deus exerce para com as criaturas racionais* 92

V *Que a providência celeste proveu aos homens uma redenção abundantíssima* 95

VI *De alguns favores especiais exercidos pela divina Providência na redenção dos homens* 98

VII *Quão admirável é a sagrada Providência na diversidade das graças que distribui aos homens* ... 101
VIII *Quanto Deus deseja que o amemos* ... 105
IX *Como o amor eterno de Deus para conosco previne os nossos corações com sua inspiração, a fim de que o amemos* ... 108
X *Que muitas vezes repelimos a inspiração e nos recusamos a amar a Deus* ... 112
XI *Que não é por culpa da divina Bondade que não temos um amor excelentíssimo* 115
XII *Que os atrativos divinos nos deixam em plena liberdade de segui-los ou de repeli-los* ... 118
XIII *Dos primeiros sentimentos que os atrativos divinos produzem na alma, antes que ela tenha a fé* ... 123
XIV *Do sentimento do amor divino que se recebe pela fé* ... 127
XV *Do grande sentimento de amor que recebemos pela santa esperança* ... 130
XVI *Como o amor se pratica na esperança* ... 133
XVII *Que o amor de esperança é muito bom, embora imperfeito* ... 136
XVIII *Que o amor se pratica na penitência e, primeiramente, que há diversas espécies de penitência* ... 140
XIX *Que a penitência sem o amor é imperfeita* ... 144
XX *Como se faz na contrição a mistura de amor e de dor* ... 146
XXI *Como os atrativos amorosos de Nosso Senhor nos ajudam e acompanham até a fé e a caridade* ... 152
XXII *Breve descrição da caridade* ... 156

LIVRO III ... **Do progresso e da perfeição do amor** ... 159

I *Que o amor sagrado pode crescer cada vez mais em cada um de nós* ... 160
II *Quão fácil Nosso Senhor tornou o crescimento do amor* ... 163
III *Como a alma que está em caridade progride nela* ... 166
IV *Da santa perseverança no amor sagrado* ... 174
V *Que a felicidade de morrer na divina caridade é um dom especial de Deus* ... 178
VI *Que não podemos chegar à perfeita união de amor com Deus nesta vida mortal* 181
VII *Que a caridade dos santos nesta vida mortal iguala, e às vezes até supera, a dos bem-aventurados* ... 183
VIII *Do incomparável amor da Mãe de Deus, Nossa Senhora* ... 186
IX *Preparação para o discurso sobre a união dos bem-aventurados com Deus* ... 190
X *Que o desejo precedente aumentará grandemente a união dos bem-aventurados com Deus* ... 193
XI *Da união dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão da Divindade* ... 195
XII *Da união eterna dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão do nascimento eterno do Filho de Deus* ... 198

XIII *Da união dos espíritos bem-aventurados com Deus na visão da produção do Espírito Santo* 201
XIV *Que a santa luz da glória servirá à união dos espíritos bem-aventurados com Deus* 204
XV *Que a união dos bem-aventurados com Deus terá diferentes graus* 206

LIVRO IV ..... **Da decadência e ruína da caridade** 209

I *Que podemos perder o amor de Deus enquanto estamos nesta vida mortal* 210
II *Do esfriamento da alma no amor sagrado* 213
III *Como se abandona o divino amor pelo amor das criaturas* 217
IV *Que o amor sagrado se perde num instante* 221
V *Que a única causa da falta e do esfriamento da caridade está na vontade das criaturas* 223
VI *Que devemos reconhecer como vindo de Deus todo o amor que lhe consagramos* 227
VII *Que se deve evitar toda curiosidade e submeter-se humildemente à sapientíssima Providência de Deus* 231
VIII *Exortação à amorosa submissão que devemos aos decretos da divina Providência* 236
IX *De certo resto de amor que muitas vezes permanece na alma que perdeu a santa caridade* 241
X *Quão perigoso é esse amor imperfeito* 244
XI *Meio para reconhecer esse amor imperfeito* 247

LIVRO V **Dos dois principais exercícios do amor sagrado, que se fazem pela complacência e pela benevolência** 250

I *Da sagrada complacência do amor e, primeiramente, em que ela consiste* 251
II *Que pela santa complacência somos tornados como criancinhas junto aos seios de Nosso Senhor* 254
III *Que a sagrada complacência dá o nosso coração a Deus e nos faz sentir um perpétuo desejo dentro da própria fruição* 259
IV *Da amorosa condolência, pela qual a complacência do amor é ainda melhor esclarecida* 264
V *Da condolência e da complacência do amor na paixão de Nosso Senhor* 268
VI *Do amor de benevolência que exercemos para com Nosso Senhor por modo de desejo* 271
VII *Como o desejo de exaltar e engrandecer a Deus nos aparta dos prazeres inferiores e nos torna atentos às perfeições divinas* 274
VIII *Como a santa benevolência produz o louvor do divino Bem-Amado* 277
IX *Como a benevolência nos faz convocar todas as criaturas ao louvor de Deus* 282
X *Como o desejo de louvar a Deus nos faz aspirar ao céu* 284

XI *Como praticamos o amor de benevolência nos louvores que nosso Redentor e sua Mãe dão a Deus* ... 288
XII *Do soberano louvor que Deus dá a si mesmo, e do exercício de benevolência que nele praticamos* ... 292

LIVRO VI ... **Dos exercícios do santo amor na oração** ... 296

I *Descrição da teologia mística, que não é outra coisa senão a oração* ... 297
II *Da meditação, primeiro grau da oração ou teologia mística* ... 302
III *Descrição da contemplação e da primeira diferença que há entre ela e a meditação* 307
IV *Que neste mundo o amor toma o seu nascimento, mas não a sua excelência, do conhecimento de Deus* ... 310
V *Segunda diferença entre a meditação e a contemplação* ... 314
VI *Que a contemplação se faz sem esforço, o que constitui a terceira diferença entre ela e a meditação* ... 318
VII *Do recolhimento amoroso da alma na contemplação* ... 322
VIII *Do repouso da alma recolhida em seu Bem-Amado* ... 326
IX *Como se pratica este sagrado repouso* ... 330
X *Dos diversos graus desta quietude, e de como se deve conservá-la* ... 332
XI *Continuação do discurso sobre os diversos graus da santa quietude, e de uma excelente abnegação de si mesmo que nela às vezes se pratica* ... 335
XII *Do escoamento ou liquefação da alma em Deus* ... 340
XIII *Da ferida do amor* ... 344
XIV *De alguns outros modos pelos quais o santo amor fere os corações* ... 349
XV *Da languidez amorosa do coração ferido de dileção* ... 352

LIVRO VII ... **Da união da alma com seu Deus, que se aperfeiçoa na oração** ... 360

I *Como o amor realiza a união da alma com Deus na oração* ... 361
II *Dos diversos graus da santa união que se faz na oração* ... 366
III *Do supremo grau de união, pela suspensão e pelo arrebatamento* ... 371
IV *Do arrebatamento e da primeira espécie dele* ... 376
V *Da segunda espécie de arrebatamento* ... 378
VI *Dos sinais do bom arrebatamento e da terceira espécie dele* ... 382
VII *Como o amor é a vida da alma, e continuação do discurso sobre a vida extática* 385
VIII *Admirável exortação de São Paulo à vida extática e sobre-humana* ... 389
IX *Do supremo efeito do amor, que é a morte dos amantes; e, em primeiro lugar, daqueles que morreram em amor* ... 392
X *Daqueles que morreram por meio do amor e por amor divino* ... 396
XI *De alguns, entre os divinos amantes, que morreram ainda de amor* ... 398

XII *História maravilhosa da morte de um fidalgo que morreu de amor no monte das Oliveiras* 401
XIII *Que a Santíssima Virgem, Mãe de Deus, morreu de amor por seu Filho* 406
XIV *Que a gloriosa Virgem morreu de um amor extremamente doce e tranquilo* 410

LIVRO VIII **...Do amor de conformidade, pelo qual unimos a nossa vontade à de Deus, que nos é significada por seus mandamentos, conselhos e inspirações** 416

I *Do amor de conformidade que provém da sagrada complacência* 417
II *Da conformidade de submissão que procede do amor de benevolência* 420
III *Como devemos conformar-nos à divina vontade que se chama significada* 422
IV *Da conformidade de nossa vontade com a que Deus tem de nos salvar* 425
V *Da conformidade de nossa vontade com a de Deus, que nos é significada por seus mandamentos* 429
VI *Da conformidade de nossa vontade com a que Deus nos significou por seus conselhos* 432
VII *Que o amor da vontade de Deus significada nos mandamentos nos leva ao amor dos conselhos* 436
VIII *Que o desprezo dos conselhos evangélicos é um grande pecado* 440
IX *Continuação do discurso começado: como cada um deve amar, ainda que não praticar, todos os conselhos evangélicos; e como, apesar disso, cada um deve praticar o que puder* 443
X *Como é preciso conformar-se à vontade divina que nos é significada pelas inspirações; e, primeiramente, da variedade dos meios pelos quais Deus nos inspira* 447
XI *Da união da nossa vontade com a de Deus nas inspirações que são dadas para a prática extraordinária das virtudes; e da perseverança na vocação, primeiro sinal da inspiração* 451
XII *Da união da vontade humana com a de Deus nas inspirações que são contrárias às leis ordinárias; e da paz e doçura do coração, segundo sinal da inspiração* 456
XIII *Terceiro sinal da inspiração, que é a santa obediência à Igreja e aos superiores* 459
XIV *Método breve para conhecer a vontade de Deus* 463

LIVRO IX **Do amor de submissão, pelo qual nossa vontade se une ao beneplácito de Deus** 466

I *Da união de nossa vontade com a vontade divina que se chama vontade de beneplácito* 467
II *Que a união de nossa vontade com o beneplácito de Deus se faz principalmente nas tribulações* 470
III *Da união de nossa vontade com o divino beneplácito nas aflições espirituais, pela resignação* 474
IV *Da união de nossa vontade com o beneplácito de Deus pela indiferença* 477

V *Que a santa indiferença se estende a todas as coisas* ... 481
VI *Da prática da indiferença amorosa nas coisas do serviço de Deus* ... 483
VII *Da indiferença que devemos praticar quanto ao nosso progresso nas virtudes* ... 488
VIII *Como devemos unir a nossa vontade à de Deus na permissão dos pecados* ... 493
IX *Como a pureza da indiferença deve praticar-se nos atos do amor sagrado* ... 496
X *Meio de reconhecer a mudança de motivo nesse santo amor* ... 499
XI *Da perplexidade do coração que ama a Deus sem saber se agrada ao Bem-Amado* 502
XII *Como, em meio a essas provações interiores, a alma não conhece o amor que dedica a seu Deus; e da amabilíssima morte da vontade* ... 505
XIII *Como a vontade, estando morta para si mesma, vive puramente na vontade de Deus* ... 509
XIV *Esclarecimento do que se disse a respeito da morte de nossa vontade* ... 512
XV *Do mais excelente exercício que podemos praticar em meio às penas interiores e exteriores desta vida, na sequência da indiferença e da morte da vontade* ... 516
XVI *Do perfeito despojamento da alma unida à vontade de Deus* ... 520

LIVRO X **Do mandamento de amar a Deus sobre todas as coisas** ... 524
I *Da doçura do mandamento que Deus nos deu de amá-lo sobre todas as coisas* ... 525
II *Que este divino mandamento do amor tende ao Céu, mas é dado, contudo, aos fiéis deste mundo* ... 528
III *Como, estando todo o coração empregado no amor sagrado, se pode todavia amar a Deus de modos diferentes e amar ainda muitas outras coisas juntamente com Deus* ... 530
IV *De dois graus de perfeição com que este mandamento pode ser observado nesta vida mortal* ... 534
V *De outros dois graus de maior perfeição com que podemos amar a Deus sobre todas as coisas* ... 538
VI *Que o amor de Deus sobre todas as coisas é comum a todos os que amam* ... 544
VII *Esclarecimento do capítulo precedente* ... 546
VIII *História memorável para bem se compreender em que consiste a força e a excelência do amor sagrado* ... 550
IX *Confirmação do que se disse, por uma comparação notável* ... 555
X *Como devemos amar a divina Bondade soberanamente, mais do que a nós mesmos* ... 559
XI *Como a santíssima caridade produz o amor do próximo* ... 562
XII *Como o amor produz o zelo* ... 565
XIII *Como Deus tem ciúme de nós* ... 568
XIV *Do zelo, ou ciúme, que temos por Nosso Senhor* ... 572
XV *Conselhos para a boa condução do santo zelo* ... 576
XVI *Que o exemplo de vários santos que parecem ter exercido o seu zelo com cólera em nada contraria o conselho do capítulo precedente* ... 582

XVII *Como Nosso Senhor praticou todos os mais excelentes atos do amor* 588

LIVRO XI .....**Da soberana autoridade que o amor sagrado exerce sobre todas as virtudes, ações e perfeições da alma** 593

I *Quanto todas as virtudes são agradáveis a Deus* 594
II *Que o amor sagrado torna as virtudes muito mais agradáveis a Deus do que elas o são por sua própria natureza* 598
III *Como há virtudes que a presença do divino amor eleva a uma excelência mais alta que as outras* 601
IV *Como o divino amor santifica ainda mais excelentemente as virtudes quando elas são praticadas por sua ordem e mandamento* 604
V *Como o amor sagrado mistura a sua dignidade entre as outras virtudes, aperfeiçoando a que lhes é própria* 608
VI *Da excelência do valor que o amor sagrado dá às ações saídas dele mesmo e às que procedem das outras virtudes* 612
VII *Que as virtudes perfeitas nunca existem umas sem as outras* 616
VIII *Como a caridade contém todas as virtudes* 621
IX *Que as virtudes tiram sua perfeição do amor sagrado* 626
X *Digressão sobre a imperfeição das virtudes dos pagãos* 629
XI *Como as ações humanas não têm valor algum quando são feitas sem o amor divino* 636
XII *Como o santo amor, ao voltar à alma, faz reviver todas as obras que o pecado fizera perecer* 640
XIII *Como devemos reduzir ao santo amor toda a prática das virtudes e de nossas ações* 645
XIV *Prática do que foi dito no capítulo precedente* 648
XV *Como a caridade compreende em si os dons do Espírito Santo* 651
XVI *Do temor amoroso das esposas: continuação do discurso começado* 655
XVII *Como o temor servil permanece com o amor divino* 658
XVIII *Como o amor se serve do temor natural, servil e mercenário* 661
XIX *Como o amor sagrado abrange os doze frutos do Espírito Santo com as oito bem-aventuranças do Evangelho* 667
XX *Como o divino amor emprega todas as paixões e afeições da alma e as reduz à sua obediência* 670
XXI *Que a tristeza é quase sempre inútil, e até contrária ao serviço do santo amor* 675

LIVRO XII .**Contendo alguns conselhos para o progresso da alma no santo amor** 681

I *Que o progresso no santo amor não depende do temperamento natural* 682
II *Que é preciso ter um desejo contínuo de amar* 684
III *Que, para ter o desejo do amor sagrado, é preciso cortar os outros desejos* 686

IV *Que as ocupações legítimas não nos impedem de praticar o amor divino* 687
V *Um exemplo muito amável a respeito deste assunto* 690
VI *Que devemos empregar todas as ocasiões presentes na prática do amor divino* 691
VII *Que devemos cuidar de fazer nossas ações com grande perfeição* 693
VIII *Meio geral para aplicar nossas obras ao serviço de Deus* 694
IX *De alguns outros meios para aplicar mais particularmente nossas obras ao amor de Deus* 697
X *Exortação ao sacrifício que devemos fazer a Deus do nosso livre-arbítrio* 700
XI *Dos motivos que temos para o santo amor* 704
XII *Método muito útil para empregar estes motivos* 705
XIII *Que o monte Calvário é a verdadeira academia da dileção* 707

TRATADO DO AMOR DE DEUS

São Francisco de Sales

Tradução integral em português brasileiro atual,
revista segundo a tradição espiritual e doutrinal católica,
a partir da edição de Annecy

Composto em EB Garamond, corpo 12,5, em formato A5,
para leitura gratuita em telas.

REGISTRO

APD-2026-00016-2

archivepublicdomain.com/registry

Aponte a câmera do celular para conferir esta ficha.

BAIXE LIVROS · 2026

baixelivros.com.br

"Deus caritas est" — Deus é amor (1Jo 4, 8). Nesta breve sentença de São João encerra-se um dos mais profundos mistérios que a inteligência humana pode contemplar. Em nosso tempo, porém, ela corre o risco de ser repetida como simples lugar-comum. A palavra *amor* é muitas vezes reduzida a sentimento passageiro, emoção sem firmeza ou tolerância que nada exige e a nada renuncia. Quem deseja compreender o que verdadeiramente significa amar a Deus — e ser amado por Ele — precisa deixar-se instruir. A Santa Igreja, mestra e mãe, oferece-nos para isso um doutor: São Francisco de Sales, o Doutor do Amor.

O *Tratado do Amor de Deus*, publicado em Lyon em 1616, é obra da maturidade do Santo Bispo de Genebra. Se a *Introdução à Vida Devota* foi escrita para Filoteia — isto é, para toda alma que ama a Deus e deseja servi-lo no meio do mundo —, o *Tratado* dirige-se a Teótimo, figura da alma chamada a penetrar mais profundamente na origem, na natureza e nas operações do amor divino.

> Lá, a aurora; aqui, o meio-dia. Lá, os primeiros passos da devoção; aqui, a doutrina da caridade, desde as inclinações inscritas na natureza humana até sua consumação na visão beatífica.



BAIXE LIVROS
Sua Biblioteca Virtual Gratuita